UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RAPHAEL NUNES NICOLETTI SEBRIAN

Uma revista da ditadura à democracia:
cultura e política em *Punto de Vista* (1978-2008)

[versão corrigida]

São Paulo
2016

RAPHAEL NUNES NICOLETTI SEBRIAN

Uma revista da ditadura à democracia:
cultura e política em *Punto de Vista* (1978-2008)

[versão corrigida]

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Área de concentração: História Social

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Rolim Capelato

De acordo: ____/____/____

Assinatura da orientadora: _____

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo

S443r Sebrian, Raphael Nunes Nicoletti
 Uma revista da ditadura à democracia: cultura e
 política em Punto de Vista (1978-2008) / Raphael
 Nunes Nicoletti Sebrian ; orientador Maria Helena
 Rolim Capelato. - São Paulo, 2016.
 393 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
 e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
 Departamento de História. Área de concentração:
 História Social.

 1. Argentina. 2. Punto de Vista, 1978-2008. 3.
 Revistas culturais. 4. História Intelectual. I.
 Capelato, Maria Helena Rolim, orient. II. Título.

SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Uma revista da ditadura à democracia:** cultura e política em *Punto de Vista* (1978-2008). Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para e por Vanessa, pois sem ela não há sentido.

Agradecimentos

A elaboração desta tese foi bastante conturbada, marcada por começos e por recomeços. O percurso se iniciou em 2006, ganhou força entre 2008 e 2009, foi interrompido em 2010, retomado em 2011 e graças ao apoio e à colaboração de uma série de pessoas chega agora ao final. Os agradecimentos a seguir serão direcionados a essas pessoas, sem as quais não haveria o encerramento.

Nessa trajetória, minha orientadora, Maria Helena Rolim Capelato, foi a responsável por criar todas as condições para o desenvolvimento da pesquisa. Foi decisiva nas sugestões de mudança de tema e de objeto, ainda em 2006, novamente fundamental nas constantes orientações e manifestações de apoio à investigação entre 2007 e 2008, quando da definição do projeto, e acompanhou-me até 2010, quando aconteceu o meu desligamento. Demonstrou a sua generosidade ao me permitir reiniciar o percurso sob a sua orientação em 2011 e desde então, mesmo nos vários momentos de dificuldade e diante das minhas constantes ausências, continuou a me apoiar e a me orientar para que eu chegasse ao término da pesquisa. Se a tese hoje pode ser defendida, isso só aconteceu graças a ela, a quem sou e serei eternamente grato por tudo o que fez por mim e por tudo o que me ensinou e continua a me ensinar.

A professora Maria Ligia Coelho Prado e o professor José Luis Bendicho Beired participaram da minha tumultuada trajetória de idas e vindas, de alguns acertos e de diversos equívocos. Ambos estiveram nas minhas duas bancas de qualificação e apresentaram observações e críticas sem as quais a tese não teria sido concluída. Ademais, fazem parte, junto à professora Capelato, de toda a minha formação como pesquisador de História da América, desde a graduação. Agradeço aos dois, enfim, pela paciência, pelas leituras atentas, pelas sugestões valiosas e pelas críticas decisivas, ditas nos momentos em que eu precisava ouvi-las para prosseguir.

Distante da Argentina de muitas maneiras, esforcei-me durante todo o doutorado para me aproximar do país e de sua historiografia plural, pujante e em constante ampliação, de modo a compreender mais adequadamente a história, a cultura e a política em relação às quais eu precisava interpretar as minhas fontes. Para tanto, foram decisivas as orientações e as indicações dos professores Daniel Lvovich e Adrián Celentano, que se dispuseram a ler e a criticar o meu trabalho, a ouvir/ler as minhas dúvidas e a me indicar diversas vezes

referências mais do que indispensáveis para a conclusão da investigação. Ao Daniel e ao Adrián expresse minha mais profunda gratidão.

A generosidade dos argentinos se manifestou, outrossim, por meio dos membros do Conselho de Direção de **Punto de Vista** com os quais mantive contato. Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Ricardo Piglia, Adrián Gorelik e Hugo Vezzetti foram admiravelmente solícitos, atendendo-me em entrevistas ou respondendo às minhas mensagens eletrônicas. Cada um deles respondeu pacientemente às perguntas que eu fiz, mesmo quando eram óbvias e eles já as haviam respondido muitas vezes antes, como eu descobri depois. As conversas com Beatriz, Carlos e Adrián em Buenos Aires, em 2009, marcaram a pesquisa indelevelmente. O diálogo bem-humorado e agradável com Piglia em São Paulo, em 2011, renderá recordações especiais. Cada um deles soube ser um pouco objeto de pesquisa e um pouco provocador, de modo que pude aprender e repensar os caminhos da tese. Muito obrigado a vocês, pela revista e por esses diálogos/encontros.

Desenvolvi a maior parte da investigação em uma espécie de auto-isolamento, ora em terras paranaenses, ora nas Minas Gerais, mas durante alguns períodos pude conviver na USP com colegas em disciplinas da pós-graduação e no Projeto Temático “Cultura e Política nas Américas: circulação de idéias e configuração de identidades (séculos XIX e XX)”. Agradeço a todos e a todas que ofereceram, nas disciplinas, nas reuniões do temático ou em outros âmbitos/espacos, algum tipo de sugestão ou de contribuição para a minha pesquisa. Sou grato especialmente à professora Gabriela Pellegrino Soares, por ter acreditado na pesquisa a ponto de me convidar para apresentá-la, ainda incipiente e com diversas inconsistências, em uma de suas aulas na USP.

Agradeço, também, à banca de arguição da tese, composta pelos professores José Luis Bendicho Beired, Maria Antonia Dias Martins, Mariana Martins Villaça e Stella Maris Scatena Franco Vilardaga. As leituras atentas e generosas do estudo e as críticas muito estimulantes foram consideradas, na medida do possível, durante a revisão final do texto e certamente permitiram a reavaliação de proposições e de conclusões expostas.

Nesses anos de USP e ao mesmo tempo de muito trabalho, a convivência com os amigos pesquisadores se restringiu, infelizmente, aos momentos específicos, como as disciplinas, os congressos, os encontros do Projeto Temático. Em várias dessas ocasiões e em outras muito importantes para mim pude contar com a amizade e com a ajuda de pessoas e de profissionais que admiro intelectualmente, com as quais pude desfrutar bons momentos. São elas: Tereza Spyer Dulci, Wagner Pinheiro Pereira, Maria Antonia Dias

Martins, Angélica Müller, Carine Dalmás, Gabriel Passetti, Silvia Miskulin, Mariana Martins Villaça. Agradeço, ademais, ao meu irmão/amigo da vida inteira Rodrigo Modesto Nascimento, pela parceria que já tem quase duas décadas.

Devo agradecer também aos colegas docentes das universidades em que lecionei durante esses anos (UNICENTRO e UNIFAL-MG), pelo apoio costumeiro e pelo profissionalismo. Agradeço especialmente a dois desses colegas que se tornaram meus amigos e depois meus irmãos: Ricardo Alexandre Ferreira e Karina Anhezini, muito obrigado pela convivência intelectualmente estimulante, pelas parcerias profissionais e pessoais e pela generosa amizade.

Agradeço aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-graduação em História Social e do Serviço de Pós-graduação da FFLCH-USP, por todas as orientações precisas que me forneceram pessoalmente ou à distância e pela competência habitual.

Esses anos do doutoramento foram marcados pelo distanciamento em relação aos familiares. Por isso, agradeço à minha mãe Arlete, à minha sogra Neusa e aos meus tios Solange e José Augusto, que estiveram mais próximos, por tudo o que fizeram por mim em diversos âmbitos e ocasiões. Sem vocês, sem a compreensão e o apoio de cada um de vocês, certamente teria sido ainda mais difícil.

Qualquer agradecimento à Vanessa, meu amor de hoje e de sempre, não será suficiente. A ela devo agradecer pelo amor diário, pelo incentivo irrestrito, pela confiança generosa, pelo aprendizado constante, pelas parcerias profissionais e pessoais, pela ajuda decisiva na pesquisa, pelas leituras, releituras e correções incansáveis do trabalho, pelo desenvolvimento intelectual, pelo privilégio do nosso encontro e da nossa vida juntos. Sem você, não há sentido.

Deixo, por fim, um agradecimento saudosos ao meu amado avô, José Sebrian Perez, que um dia sonhou que eu seria doutor. Pelo amor incondicional que me deu a vida toda, a tese também é dedicada a você, querido Zequinha.

“Una revista tiene que reunir cualidades paradójales; ser, al mismo tiempo, un instrumento preciso y nervioso. Por eso es tan difícil y tan absorbente hacerla, porque una revista no puede encarar el presente con intermitencias ni confiar en un capital acumulado. Cuando se dirige una revista el alerta es constante frente al acostumbramiento (que es mortal) o la incapacidad para conocer su actualidad (una revista vive en tiempo presente). Sólo cuando una revista es un instrumento imprescindible para quienes la hacen, sólo cuando no pueden imaginar que podrían reemplazarla por otra cosa, una revista sale bien, es decir no sale tranquila y ordenada, sino inquieta, irritante. Una revista independiente nunca puede descansar ni sobre su pasado ni sobre lo que cree saber de su presente. Únicamente en estos términos vale la pena dedicarse a ella. En estos términos podrá eventualmente marcar una diferencia.”

(Beatriz Sarlo, “Final”, **Punto de Vista**, n. 90, abr. 2008, p. 2)

SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Uma revista da ditadura à democracia: cultura e política em *Punto de Vista* (1978-2008)**. 393 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Recorrentemente apresentada como uma das mais importantes revistas culturais da Argentina no século XX e como uma das mais significativas publicações latino-americanas desse tipo na segunda metade do século passado, **Punto de Vista**, publicada entre 1978 e 2008, ainda não teve, não obstante a sua relevância, a devida atenção dos historiadores (e mesmo de especialistas de outras áreas). Nos estudos produzidos a seu respeito, os intérpretes se dedicaram predominantemente a analisar a revista durante a ditadura militar de 1976 a 1983, o chamado *Proceso de Reorganización Nacional*, e/ou se ocuparam, no máximo, de sua inserção na sociedade argentina nos primeiros momentos da redemocratização, após o término da ditadura. Caracterizada por desenvolver, durante os seus trinta anos de circulação, um projeto de crítica política da cultura atento à crítica cultural e literária, à produção ensaística e em periódicos, aos saberes e aos debates específicos como os da Psicologia/Psicanálise e da Arquitetura e aos outros objetos da cultura como as artes plásticas, o cinema, a fotografia, a música, os meios de comunicação (sobretudo a televisão) e a indústria cultural, a revista também problematizou a atuação dos intelectuais enquanto intérpretes da cultura e da política diante dos desafios e das transformações locais e internacionais dos anos 1970 em diante, ofereceu uma crítica da esquerda e do peronismo e se posicionou nos debates a respeito da democracia configurados na Argentina a partir da década de 1980. **Punto de Vista** foi tomada, neste estudo, como fonte e objeto e foi interpretada entre 1978 e 2008 a partir dos pressupostos da História Intelectual de inspiração francesa. Procurou-se evidenciar algumas das linhas de força da publicação, explicitando como a revista propôs certas políticas da cultura, constituiu uma perspectiva de análise da cultura intelectual e organizou uma avaliação das culturas políticas, além de estruturar um lugar social, político e cultural específico na Argentina, ao mesmo tempo próximo e distante das tradições e dos grupos da esquerda a partir dos quais o periódico se originou.

Palavras-chave: Argentina; Punto de Vista, 1978-2008; Revistas culturais; História Intelectual.

SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **A magazine from dictatorship to democracy: culture and politics in *Punto de Vista* (1978-2008).** 393 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Recurrently presented as one of the most important cultural magazines of Argentina in the twentieth century and one of the most significant Latin American publications from the second half of the last century, **Punto de Vista** (“Point of View”), published since 1978 until 2008, despite its relevance hasn’t had due attention of historians yet (nor even of the experts from other areas). In studies produced about the magazine interpreters are dedicated predominantly to examine the magazine during the military dictatorship from 1976 to 1983, called *Proceso de Reorganización Nacional* (“National Reorganization Process”), or occupied at most of its insertion in Argentinean society in the early stages of democratization, after the end of the dictatorship. Characterized by developing, during its thirty years of circulation, a project of political criticism of culture, watchful to cultural and literary criticism, to essayistic production and periodicals, to knowledge and the specific debates such as Psychology/Psychoanalysis and Architecture and other objects of culture such as visual art, film, photography, music, means of communication (especially television) and the cultural industry, the magazine also problematized the work of intellectuals as interpreters of culture and politics facing the challenges of local and international transformations of the 1970s onwards, offered a critique of the left and of Peronism and took position in the debates about the configured democracy in Argentina from the 1980s. **Punto de Vista** has been taken in this study as a source and object and was interpreted since 1978 until 2008 from the assumptions about the Intellectual History of French inspiration. Sought to highlight some of the strong lines of the publication, explaining how the magazine proposed a number of politics of culture, provided an analytical perspective of intellectual culture and organized an assessment of political cultures as well to structure a social place, political and cultural specific in Argentina, both near and far from the traditions and leftist groups from which the journal originated.

Keywords: Argentina; Punto de Vista, 1978-2008; Cultural magazines; Intellectual History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa e sumário, Los Libros , n. 44, janeiro-fevereiro de 1976.	67
Figura 2	Páginas 3 e 4, fragmento do artigo “Saer – Tizón – Conti. Tres novelas argentinas”, de Beatriz Sarlo, Los Libros , n. 44, janeiro-fevereiro de 1976.	67
Figura 3	Capa e sumário, Punto de Vista , ano I, número 01, março de 1978.	68
Figura 4	Páginas 3 e 4, fragmento do artigo “La parodia, lo grotesco y lo carnavalesco. Conceptos del personaje en la novela latinoamericana”, de Jean Franco, Punto de Vista , ano I, número 01, março de 1978.	68
Figura 5	Capa e sumário, Los Libros , n. 01, julho de 1969.	71
Figura 6	Capa e sumário, Punto de Vista , n. 08, março-junho de 1980.	97
Figura 7	Capa e expediente, Punto de Vista , ano VII, número 25, dezembro de 1985.	228
Figura 8	Capa e manifesto publicado em seguida, no início do número, Punto de Vista , ano IX, número 28, novembro de 1986.	232
Figura 9	Página inicial de artigo de Carlos Altamirano (p. 1), Punto de Vista , ano IX, número 28, novembro de 1986.	233
Figura 10	Página inicial de artigo de Hilda Sabato (p. 27), Punto de Vista , ano IX, número 28, novembro de 1986.	233
Figura 11	Capa e expediente, Punto de Vista , ano XV, número 42, abril de 1992.	247
Figura 12	Páginas 1 e 2, Punto de Vista , ano XV, número 42, abril de 1992.	247
Figura 13	Capa e expediente, Punto de Vista , ano VII, número 20, maio de 1984.	279

Sumário

Introdução.....	12
Capítulo 1. Antecedentes de uma revista de cultura.....	32
1.1. Histórias de cultura e de política na Argentina dos “sessenta” e dos “setenta”.....	34
1.2. Notas sobre a formação de <i>Punto de Vista</i>	49
1.3. De <i>Los Libros</i> a <i>Punto de Vista</i> , entre continuidades e rupturas.....	66
Capítulo 2. Políticas da cultura em <i>Punto de Vista</i>.....	79
2.1. Tradições críticas em questão.....	84
2.2. Relendo <i>Sur</i> e <i>Contorno</i> , entre revistas e ensaístas.....	124
2.3. Outros objetos da cultura em pauta.....	146
Capítulo 3. Intelectuais e culturas políticas em <i>Punto de Vista</i>.....	200
3.1. Intelectuais em tempos de ditadura e de democracia.....	208
3.2. A esquerda como objeto.....	277
3.3. Uma leitura do peronismo.....	302
Considerações finais.....	323
Fontes e Referências bibliográficas.....	331
Apêndices.....	344
Apêndice A – Conformações do Conselho de Direção.....	345
Apêndice B – Informações sobre cada edição de <i>Punto de Vista</i> seguidas pela quantificação dos resultados.....	348
Apêndice C – Resultados quantitativos da pesquisa por temas.....	377
Apêndice D – Quantidade de textos publicados por autor/autora.....	384

INTRODUÇÃO

Recorrentemente apresentada como uma das mais importantes revistas culturais da Argentina no século XX e como uma das mais significativas publicações latino-americanas desse tipo na segunda metade do século passado¹, **Punto de Vista** ainda não teve, não obstante a sua relevância, a devida atenção dos historiadores (e mesmo de especialistas de outras áreas). Nos trabalhos produzidos a seu respeito, os intérpretes se dedicaram predominantemente a analisar a revista durante a ditadura militar de 1976 a 1983, o chamado *Proceso de Reorganización Nacional*, e/ou se ocuparam de sua inserção na sociedade argentina nos primeiros momentos da redemocratização, após o término da ditadura.² Há, outrossim, trabalhos em que **Punto de Vista** aparece comentada entre outros periódicos e veículos de comunicação e de divulgação dos intelectuais na Argentina. No contato com essa produção, nota-se que a revista é compreendida a partir de sua capacidade de pautar temas e debates na Argentina e fora dela, mas os estudos não demonstraram quais as linhas temáticas e interpretativas erigidas do início ao fim da revista, um dos propósitos fundamentais deste estudo.³

Durante as três décadas em que circulou – de 1978 a 2008 –, **Punto de Vista** assumiu posição de destaque e os intelectuais que estiveram vinculados à revista se tornaram – ou, em alguns casos, se consolidaram em – intérpretes relevantes de diversas áreas do conhecimento, como a Literatura, as Ciências Sociais e a História. Nesse sentido, a revista, construída pelos intelectuais que a dirigiram e que nela publicaram seus textos, também ajudou a construir esses intelectuais. Ao adquirir e transferir prestígio para os pensadores e seus estudos, a revista recebeu desses indivíduos respaldo proveniente do rigor das investigações, da relevância de suas trajetórias e da diversidade de sua participação cultural e política, na Argentina e em outros países.⁴ Portanto, a interpretação da revista **Punto de Vista** entre 1978

¹ Destacaram a importância de **Punto de Vista**, entre outros: Olmos (2000 e, também, 2003, 2004 e 2006); Patiño (1997a, 1997b, 1998a, 1998b, 2003, 2006); Ploktin e González Leandri (2000); Terán (2008), além dos textos publicados pelos membros do Conselho de Direção da revista – especialmente Beatriz Sarlo (1992, 2004, por exemplo) –, nos quais estes reafirmaram a relevância do periódico.

² São exemplos dos estudos até o momento desenvolvidos a respeito de **Punto de Vista**, em que a revista é tomada como fonte e/ou como objeto: Olmos (2000); Plotkin e González Leandri (2000); Rodrigues (2012, 2014); Sarlo (1992, 2004). São exemplos de estudos em que **Punto de Vista** aparece entre as demais fontes: Dalmaroni (2004a, 2004b); De Diego (2000, 2001, 2006, 2010); Garategaray (2013); Gilman (2003); Patiño (1997a, 1997b, 1998a, 1998b, 2003, 2006); Terán (2008).

³ Uma das principais limitações da maior parte das análises de **Punto de Vista** existentes é que tais estudos foram produzidos enquanto a revista ainda estava em circulação, quando ainda era um projeto inconcluso e, por isso, as tentativas de periodização ou de identificação de tendências ou de linhas de força dificilmente se sustentam após a análise de toda a publicação. Além disso, a maior parte dos estudos sobre **Punto de Vista** foi elaborada por estudiosos das áreas de Letras e de Ciências Sociais.

⁴ Há um desafio adicional no estudo de **Punto de Vista**: dialogar com a produção a respeito da história intelectual argentina implica, necessariamente, tomar contato com os trabalhos elaborados pelos intelectuais da revista. Por isso, é preciso estar atento aos discursos produzidos, sem aceitá-los acriticamente.

e 2008 e, mais especificamente, de algumas de suas linhas de força, intento geral desta tese, constitui-se como esforço de compreensão não apenas de uma publicação, mas também da sociedade argentina do período mencionado, na medida em que eram fluidas as fronteiras entre as questões problematizadas nas páginas da revista e as preocupações culturais, políticas, econômicas e sociais dos argentinos (ou, ao menos, de uma parcela deles que se poderia considerar uma “elite cultural e intelectual”).

Tal orientação permite entender as posturas interpretativas, os debates e as tendências teóricas que **Punto de Vista** discutiu ou difundiu e, ao mesmo tempo, permite perceber elementos da sociedade em que a revista circulou. Mesmo não sendo possível identificar e explicar todos os diálogos, apropriações, debates e outras modalidades de convergência de questões da sociedade na revista, compreende-se, além disso, de que modo o periódico respondeu ou não a essas questões. Nesse sentido, a leitura da revista que se tem em vista nesta tese revelará não apenas aspectos concernentes à organização interna do periódico, aos temas analisados, aos autores divulgados, como também aos diálogos estabelecidos e às sociabilidades intelectuais configuradas.⁵

O que se propõe nesta tese é, pois, o estudo de um capítulo relevante da história intelectual latino-americana e argentina. Afinal, se as revistas evidenciam sempre microclimas intelectuais, **Punto de Vista** foi um *locus* intelectual permeável às tensões próprias à sociedade argentina entre 1978 e 2008, em que se articularam, em um movimento dialético, de um lado, os problemas, as preocupações e as proposições especialmente argentinas e, de outro, os dilemas e as ideias internacionais. Dessa maneira, para melhor compreender qual o lugar de **Punto de Vista** na história intelectual latino-americana e argentina, é preciso conhecer, mesmo esquematicamente, essa história caracterizada por rupturas e continuidades.

A história dos intelectuais – não o seu estudo, mas as experiências, os movimentos, as ações e ideias de indivíduos e de grupos – na América Latina tem sido desenvolvida, como disseram certos intérpretes, à margem ou em condições periféricas. Como indicou Carlos Altamirano (2010, p. 9) – importante intelectual argentino da segunda metade do século XX e do início do XXI, fundador de **Punto de Vista**, do Club de Cultura Socialista e da revista **Prismas** (periódico dedicado exclusivamente ao estudo da História Intelectual) e destacado intérprete da história intelectual latino-americana, sobretudo da Argentina –, ao mesmo tempo

⁵ Nesta tese, a ênfase foi conferida à interpretação da revista e à atribuição de sentido aos materiais que nela foram publicados. O esforço de compreender debates externos ao periódico fez parte da investigação e do texto apenas na medida em que colaborou para a melhor compreensão dos materiais veiculados na publicação. Não há na tese a construção, desde a bibliografia/historiografia, de contextos sociais meramente generalizantes, assim como não há referências excessivas a processos históricos ou a acontecimentos, a não ser quando esses efetivamente se relacionam à produção de **Punto de Vista**.

em que há inegáveis elementos comuns aos intelectuais latino-americanos, trata-se também de uma história muito complexa para que seja fácil e apressadamente dividida em fases ou etapas, buscando homogeneizar processos e experiências de regiões diversas. É uma história plural, disse o mesmo Altamirano (2010, p. 15) na introdução ao segundo volume da *Historia de los intelectuales en América Latina*; uma história não enunciável no singular. E o esforço por captar as semelhanças não pode conduzir o intérprete a ignorar “a diversidade ou a particularidade das experiências nacionais.” (ALTAMIRANO, 2010, p. 16, tradução nossa)

Importa, enfim, não desconsiderar que, produtoras dessa pluralidade de projetos, ideias e ações, “as elites culturais foram atores importantes da história da América Latina”, tanto pela atuação, como mediadoras, na articulação entre as ideias do continente e de outras regiões do mundo – especialmente, nos séculos XIX e XX, da Europa e depois dos EUA –, quanto pela atuação política, como asseverou Altamirano na introdução ao primeiro volume da coleção por ele organizada. (ALTAMIRANO, 2008, p. 9) Principalmente na América Latina, e com especial destaque para o século XX, a política esteve constantemente entre as preocupações e as ocupações do intelectual latino-americano (ALTAMIRANO, 2010, p. 21), sujeito responsável por articular, em circunstâncias particulares, saberes e ideias próprias ao seu entorno e outras provenientes de países e regiões diversas, das quais se apropriava, crítica e seletivamente, para elaborar a sua interpretação.

A partir das questões postas, pretende-se analisar a revista argentina, entre os anos de 1978 e 2008, em uma perspectiva histórica, como fonte e objeto, e compreendê-la como espaço de intercâmbio de ideias e de produção cultural e política. O objetivo principal desta pesquisa é elaborar um estudo detalhado sobre a revista, procurando interpretar algumas de suas linhas de força e os contextos de produção, de difusão e de recepção das ideias nela veiculadas, bem como, eventualmente, alguns percursos intelectuais individuais mais significativos. Isso ainda não foi realizado por nenhum dos intérpretes de **Punto de Vista**, os quais, em suas investigações, apresentaram leituras ou enunciaram questionamentos relevantes que se pretende incorporar e/ou problematizar nesta tese.⁶

Desde o início da investigação, em virtude das características da revista – seus vários eixos de atuação articularam-se em torno de uma proposta específica de crítica política da cultura –, pareceu que a decisão mais acertada era tomar todos os 90 números como materiais

⁶ Por motivos acadêmicos e profissionais diversos, ideias e argumentos preliminares acerca desta tese foram ensaiados/experimentados em textos publicados anteriormente pelo autor deste estudo (SEBRIAN, 2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2012). A tese aproveita acertos desses textos mas necessariamente os corrige e os substitui em muitos aspectos e equívocos próprios de investigações em processo, incompletas ou em busca de melhor delimitação. Portanto, a tese deve ser sempre preferida/priorizada em relação aos argumentos utilizados nesses outros estudos.

a serem investigados, sem fragmentá-los ou selecioná-los somente a partir de temas e/ou períodos mais relevantes. Por isso, a tese é necessariamente “uma” história da revista, não “a” história, afinal, foram feitas escolhas em prol do desenvolvimento de uma tese de doutorado em História, respeitando especificidades e exigências. Essas escolhas⁷ implicaram dialogar com uma bibliografia (advinda de várias áreas do conhecimento⁸) que havia indicado questões ou problemas a serem explorados ou que já havia proposto interpretações parciais diante das quais era preciso se posicionar. A tese encontra sua singularidade, em relação aos demais trabalhos sobre **Punto de Vista** com os quais dialoga, principalmente por propor uma leitura mais detida do periódico e por acompanhar a revista ao longo dos seus trinta anos.

Além disso, a escolha das linhas de força da revista a serem enfatizadas – as políticas da cultura e os debates sobre intelectuais e culturas políticas – foi delimitada levando-se em consideração alguns aspectos: em primeiro lugar, a quantidade de textos publicados dedicados a esses temas/objetos; em segundo lugar, a importância dos debates sobre políticas da cultura, intelectuais e culturas políticas para a delimitação de um lugar social e crítico para a revista na ditadura e na democracia. Ou seja, foram considerados tanto critérios quantitativos quanto critérios de relevância do material para compreender alguns dos fundamentos da atuação da revista sobre cultura e política.

⁷ Na escolha dos textos a serem analisados ao longo da tese – sempre que possível – foram selecionados aqueles escritos pelos membros do Conselho de Direção por se entender que esses intelectuais conseguem evidenciar em seus textos posições advindas dos debates coletivos no Conselho e no coletivo intelectual e sua sociabilidade, de forma mais ampla. Quando isso não foi possível foram priorizados os textos de alguns dos colaboradores mais próximos e mais constantes da revista. Em um periódico no qual, em comparação a outros semelhantes, houve pouca expressão de posições coletivas por meio de editoriais, que não foi estritamente programático e que, conforme se constatou por meio da análise e da realização de entrevistas com os membros do Conselho, não elaborou ou manteve um arquivo editorial com atas, pautas e correspondência, priorizar os textos dos membros do Conselho e/ou dos colaboradores mais frequentes ou mais próximos é, conforme se compreende, uma maneira de se aproximar, mesmo que indiretamente e de forma lacunar, das escolhas feitas por meio dos debates entre os diretores na definição de cada número e de cada texto a ser ou não divulgado na revista. Também foram priorizados os textos dos intelectuais que, do Conselho ou não, publicaram em geral um número maior de textos e portanto devem ser considerados mais representativos para o projeto de **Punto de Vista**. Por esses motivos, enfim, apenas para os autores mais significativos serão recuperados detalhes sobre as suas trajetórias intelectuais (formação, matrizes de pensamento, entre outros aspectos) e isso será realizado ao longo do texto dos capítulos e não de forma isolada, por se entender as trajetórias como elemento importante para a compreensão da produção dos autores da revista. Por conta do volume de textos, obviamente, nem todos poderiam ser comentados, muito menos analisados. Por fim, cabe dizer que a escolha por interpretar a revista temático-cronologicamente provocará na narrativa certos trânsitos temporais, os quais serão devidamente destacados para evitar confusões.

⁸ Propor-se a escrever uma história de **Punto de Vista** implica necessariamente, para o historiador, se confrontar com a necessidade de significar debates realizados na revista sobre temas, objetos e áreas do conhecimento com os quais os historiadores não possuem costumeiramente muita familiaridade. De qualquer maneira, esquivar-se a discutir a revista em toda a sua complexidade não é uma possibilidade para aquele que deseja compreendê-la de forma ampla e ao mesmo tempo específica e isso será feito, nesta tese, com a consciência e a devida atenção às limitações mas também às vantagens que o olhar do historiador pode oferecer para a compreensão de uma revista múltipla como **Punto de Vista**.

Entende-se, enfim, que refletir a respeito das imbricações entre cultura e política de um ponto de vista histórico – tendo como *locus* de investigação uma revista e o grupo de intelectuais a ela vinculado – possibilita, entre outros aspectos, entender como o periódico, no caso **Punto de Vista**, interpretou a sociedade em que se desenvolveu. O privilégio concedido, nesta investigação, aos “fatos do discurso” – ou seja, à revista e à produção nela publicada, dialogando sempre que possível com outras fontes –, deve-se tão somente à compreensão de que essa escolha garante o “acesso a uma decifração da história que não pode ser obtida por outros meios e porque [os fatos do discurso] proporcionam pontos de observação únicos sobre o passado.” (ALTAMIRANO, 2007, p. 11)

Na medida em que o objetivo fundamental, nesta tese, é interpretar **Punto de Vista**, buscou-se elaborar o estudo a partir da perspectiva da História Intelectual de inspiração francesa. Diante da multiplicidade de propostas da História Intelectual nas últimas décadas, parece indispensável explicitar a compreensão que se construiu da História Intelectual e de como ela pode ajudar, como uma prática e uma perspectiva analítica, a desenvolver uma interpretação a respeito da revista argentina. Essa filiação historiográfica não se destaca, propriamente, pelo ineditismo, mas certamente implica considerações a respeito das áreas ou campos de estudo envolvidos em tal proposta, principalmente acerca da História Intelectual e das possibilidades de interpretação de uma revista cultural. Afinal, se o campo intelectual é heterogêneo e nele os intelectuais se agrupam e se afastam dinamicamente, criando, recriando e abandonando sociabilidades (DOSSE, 2004, p. 304), é fundamental delimitar uma perspectiva de leitura que garanta a compreensão das adesões, das recusas, dos movimentos, dos confrontos e das trocas, nem sempre perceptíveis, mesmo para os sujeitos investigados.

Carlos Altamirano assinalou, em seu ensaio “Idéias para um programa de História intelectual”, a pluralidade dessa área de investigação. Conforme afirma o autor:

A História intelectual, como se sabe, é praticada de muitas maneiras e não possui em seu âmbito uma linguagem teórica ou modos de proceder que funcionem como modelos obrigatórios nem para analisar, nem para interpretar seus objetos – nem tampouco para definir, sem referência a uma problemática, a quais objetos conceder primazia. (ALTAMIRANO, 2007, p. 9)

Em face dessas “muitas maneiras” de praticá-la, os intérpretes costumeiramente explicitam o que se entende por História Intelectual em estudos desenvolvidos a partir de parâmetros da área. Trata-se de um procedimento importante, pois não se deve encarar a História Intelectual como um modelo ou como uma teoria desenvolvida em prol do fechamento de sentido (DOSSE, 2006, p. 287). Não é possível, da mesma forma, “combinar”

as referências e as proposições de algumas das tendências da área sem incorrer em equívocos teóricos. As dificuldades começam quando se percebe a relutância de diversos autores em conceituar a História Intelectual: é um objeto, um campo, uma prática?

A História Intelectual pode ser entendida, em suma, como uma área ou um campo de estudos e como uma prática historiográfica, em que os pesquisadores se dedicam, essencialmente, ao estudo das representações e dos discursos produzidos pelas elites culturais. (SIRINELLI, 1998; 2003) Para tanto, os pesquisadores da área tomam como objeto as ideias e as obras de diversos tipos nas quais essas ideias foram publicadas e circularam e a partir das quais foram apropriadas, debatidas, recusadas. O esforço para compreender esses “fatos do discurso”, como os categorizou Carlos Altamirano (2007), enquanto parte da sociedade que os produziu, sem apagar as tensões das ideias, dos intelectuais e dos demais grupos, deve conduzir a uma proposta de interpretação em que a análise intrínseca das obras – tanto no que diz respeito às ideias veiculadas quanto ao modo como foram veiculadas, inclusive em termos de materialidade das obras – seja realizada como instância de uma leitura dessas obras na trama social.

A partir de esforços de pesquisadores de diversas tendências teóricas e áreas do conhecimento, a História Intelectual adquiriu um espaço significativo nos estudos históricos. Pode-se dizer que, em virtude da pluralidade de áreas desde as quais os estudos são desenvolvidos (História, Sociologia, Filosofia, Ciência Política, Literatura, entre outras), se apresentam algumas “correntes interpretativas” ou vertentes (BEIRED, 2009) nem sempre facilmente identificáveis e que, naturalmente, possibilitam resultados diferenciados àquele que pretende desenvolver uma pesquisa direta ou tangencialmente vinculada a esse campo.

Síntese precisa pode ser encontrada em *La marcha de las ideas*, de François Dosse (2006), livro em que o historiador francês expõe o que se poderia chamar de uma “história da História dos intelectuais”, passando pela célebre definição do intelectual na França, em fins do século XIX, para esmiuçar, mais tarde, as peculiaridades das diferentes abordagens praticadas em alguns países da Europa. Outra síntese bem elaborada, em que se pretendeu demonstrar as particularidades da prática da História Intelectual em países europeus, em relação a objetos diversos e também em uma perspectiva comparada, é a obra organizada, na França, por Michel Leymarie e Jean-François Sirinelli, *L’histoire des intellectuels aujourd’hui* (2003). Na América Latina, pode-se destacar, como obras de escopo semelhante, o livro de Carlos Altamirano, *Intelectuales: notas de investigación* (2006; atualizado, ampliado e reeditado em 2013), e os dois volumes da *História de los intelectuales en América Latina*, publicados em 2008 e 2010 e organizados por Altamirano.

Nesse sentido, mesmo sem buscar modelos, é preciso optar. Apesar da hesitação de alguns em definir a História Intelectual como um procedimento de análise, um campo de estudos ou uma prática historiográfica, há autores que propuseram parâmetros importantes para a sua elaboração. Jean-François Sirinelli (2003), por exemplo, em seu estudo publicado na conhecida antologia organizada por René Rémond, debruçou-se sobre a constituição da História Intelectual como campo autônomo de estudo nas últimas décadas, como uma história do passado próximo ou do “tempo presente”, de forte teor ideológico, na qual o pesquisador – ele também intelectual – está imerso. Sirinelli considera, enfim, a História Intelectual como um “campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural.” (SIRINELLI, 2003, p. 232)

Para o autor de “Os intelectuais”, o reconhecimento e o interesse por esse campo de estudos teriam tardado a chegar por conta do “entusiasmo pelas massas” vivenciado pela historiografia recente. Sirinelli aborda, ademais, algumas categorias explicativas comumente utilizadas para o estudo dos intelectuais: itinerário, geração e sociabilidade. Demonstrando as potencialidades e as fragilidades de cada uma delas, revela que são importantes para o estudo de um grupo de intelectuais como aquele que se constitui a partir de uma revista, porção do “pequeno mundo estreito”, o meio intelectual, no qual são atados os laços humanos – não necessariamente em função de uma geração, mas sempre graças a adesões – e em que se constituem as sociabilidades intelectuais. Em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora, segundo ele, desenvolvem-se estruturas por vezes difíceis de perceber:

Entre as estruturas mais elementares, duas, de natureza diferente, parecem essenciais. As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtemem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observador de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão. (SIRINELLI, 2003, p. 249)

Os aspectos comentados por Sirinelli em relação às revistas, definidoras (em constante tensão) do campo intelectual, lugares de “fermentação intelectual”, conduziram, nesta tese, à problematização, em **Punto de Vista**, de um projeto voltado a interpretar a sociedade argentina em seus aspectos culturais, políticos e históricos. Nesses termos, outro ensaio de Jean-François Sirinelli, “As elites culturais”, publicado na clássica antologia *Para uma*

história cultural, tornou possível analisar a estruturação gradativa do grupo diretor de **Punto de Vista**, ao longo de trinta anos, como uma elite cultural e intelectual dedicada à produção de uma revista que foi, fundamentalmente, uma revista de intelectuais, feita para ser lida por “pares”, tal como disse Beatriz Sarlo, em entrevista concedida a Silvina Frieria, em 2004.

Mas, em qual sentido as afirmações de Sarlo, na entrevista concedida a Frieria, e de Sirinelli, em “Os intelectuais”, se vinculam ao que disse o mesmo Sirinelli em “As elites culturais”? A leitura do ensaio alusivo às elites culturais conduziu, no estudo de **Punto de Vista**, ao entendimento de que houve um esforço, expresso inclusive em entrevistas de Beatriz Sarlo – que atuou, notadamente, como líder e porta-voz do grupo de 1978 e 2008 –, em definir o projeto de **Punto de Vista** como o projeto de uma elite cultural e intelectual. Trata-se de pensar acerca de “[...] certa capacidade de ressonância e de amplificação, [...] de um poder de influência” (SIRINELLI, 1998, p. 261) das elites culturais, afinal, “[...] as elites também se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínsecas, como também pela própria imagem, que o espelho social reflecte.” (SIRINELLI, 1998, p. 262)

É preciso interpretar as imagens e as representações que o grupo de intelectuais que dirigiu **Punto de Vista** produziu sobre si – no periódico e em entrevistas – e, sobretudo, a imagem e as representações que o periódico veiculou por meio de sua materialização e conteúdo, pois, nesse caso, tais expressões extrapolam as intenções dos intelectuais e podem levar a apreensões diversificadas do projeto da revista, por mais que haja controle de quem publica e o que se publica na revista. Reforça, em outro momento, Sirinelli (1998, p. 275): “[...] as elites culturais se definem, como noutros meios, pela sua própria imagem, que reflecte a sociedade que as rodeia.”

Sirinelli ainda reafirma a importância de estar atento às imbricações entre cultura e política nos projetos e ações das elites culturais:

Por um lado, as elites culturais, mesmo quando seja legítimo isolá-las para efeitos de análise, não existem como entidades autónomas, em posição de extraterritorialidade. Estão, pelo contrário, ligadas à sociedade que as rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos, que lhes conferem uma identidade. (SIRINELLI, 1998, p. 264)

As interpenetrações entre as dimensões cultural e política, problemáticas e inevitáveis, lembrou Regina Aída Crespo (2011, p. 105), podem, portanto, ser estudadas a partir das revistas e das sociabilidades intelectuais estabelecidas em torno dos projetos que elas representam e que materializam em suas páginas. Ainda que, como assevera Sirinelli (1998, p. 265), os intelectuais falem, prioritariamente, com os outros intelectuais, de mesma opinião ou

de opinião contrária – e aqui cabe recuperar novamente a afirmação de Sarlo na entrevista a Frieria, “Es una revista de intelectuales para intelectuales” –, não se pode aceitar completamente as interpretações dos produtores e mentores do periódico, pois, conforme indica precisa e acertadamente Sirinelli:

[...] muitas vezes, entre a esfera intelectual e o mundo que a rodeia existe uma forte osmose, nos dois sentidos: as elites culturais tomam a cor dos debates cívicos, mas também contribuem para lhes dar os seus tons. O meio intelectual não é um simples camaleão que toma espontaneamente as cores ideológicas do seu tempo. Concorre, pelo contrário, para colorir o seu ambiente. Os letrados raciocinam de maneira endógena, mas o ruído dos seus pensamentos ressoa no exterior. É afinal o que dá a sua especificidade à «alta *intelligentsia*»: dela participam os que possuem, a um ou outro título [mediadores ou criadores, para Sirinelli], poder de ressonância. (SIRINELLI, 1998, p. 265)

Estar atento ao “ruído” provocado por **Punto de Vista** na sociedade argentina – e, quando possível, fora dela –, bem como à transformação de microclimas intelectuais em “zonas de alta pressão intelectual”, assim Sirinelli formula com precisão a questão da autogestão e do auto-estabelecimento das elites culturais e intelectuais, muito importante no caso de **Punto de Vista**. Para ele: “[...] as elites culturais, pelo menos em parte, autodefinem-se e autoproclamam-se precisamente porque o seu estatuto induz um poder de ressonância e de amplificação.” (SIRINELLI, 1998, p. 276)

Rastrear o uso plenamente consciente de tal “poder de ressonância e de amplificação”, visando a constituição de uma “zona de alta pressão intelectual” em torno de **Punto de Vista**, deve passar não apenas pela investigação das sociabilidades intelectuais, mas, sobretudo, pelo estudo minucioso e detalhado das interpretações sobre a cultura, a política e a história da Argentina publicadas nas páginas da revista. Interpretações que possuem, elas mesmas, o poder de ressonância e de amplificação mencionados, assim como um não totalmente mensurável poder de transformação social, cultural e política. Não é possível, contudo, alerta Sirinelli, atuar como “caixa de ressonância de uma memória”: interpretar os intelectuais e suas ideias sem apenas “ressoá-las” não é tarefa simples, pois torna indispensável a crítica às organizações de memória efetuadas, no presente, pelos membros da revista, quer seja sobre suas trajetórias individuais, quer seja sobre sua participação na revista e sobre a própria memória do periódico.

Compreende-se, então, que a História Intelectual, uma área/campo de estudos e uma prática historiográfica, permite estudar objetos diversos, entre eles aqueles produzidos por certas elites culturais, como as revistas, materiais intelectuais complexos e multifacetados

(SIRINELLI, 2003). Nesta tese, em que se toma como objeto a revista cultural **Punto de Vista**, a perspectiva interpretativa construída se filia à acepção francesa da História Intelectual, na medida em que, como destaca Helenice Rodrigues da Silva, essa proposta de abordagem permite considerar a pluralidade de discursos constituinte do objeto. Afinal, a História Intelectual, tal como praticada na França, se situa:

[...] na interseção de diferentes disciplinas (História, Sociologia, Filosofia etc.), [...] [e] parece visar dois pólos de análise: de um lado, o conjunto de funcionamento de uma sociedade intelectual (o ‘campo’, na versão de Pierre Bourdieu), isto é, suas práticas, seu modo de ser, suas regras de legitimação, suas estratégias, seus *habitus*; e de outro lado, as características de um momento histórico e conjuntural que impõe formas de percepção e de apreciação, ou seja, modalidades específicas de pensar e agir de uma comunidade intelectual. [Assim] [...] a História Intelectual [...] teria por principal pressuposto restituir, do ponto de vista sociológico, filosófico e histórico, o contexto de produção de uma obra. No entanto, ela difere da tradicional história das idéias (na acepção francesa), que se restringe quase sempre a uma crônica das idéias e a uma justaposição cronológica de resumos de textos políticos e/ou filosóficos. (SILVA, 2003, p. 16-17)

Para restituir o contexto de produção de uma obra, deve-se, pois, superar a dicotomia entre explicações internas e explicações externas. (SILVA, 2003, p. 19) Para tanto, é relevante enfatizar que, nesta tese, não se perseguirá nem a elaboração de uma sociologia dos intelectuais (nos termos de Pierre Bourdieu ou de Raymond Williams) – quer buscando suas posições no campo ou entre as instituições –, nem a elaboração de uma história dos intelectuais, o que demandaria um estudo detalhado da formação de cada um deles, de seus itinerários e de suas trajetórias (muito amplas, não se resumindo ao trabalho na revista, ainda que ela tenha sido fundamental para projetá-los) ou de sua suposta identidade em termos geracionais. Esses elementos comparecem nesta tese apenas na medida em que ajudam a explicar a revista **Punto de Vista** e certas linhas de força do projeto de interpretação da cultura e da política que o periódico elaborou entre 1978 e 2008.⁹

Diante desse quadro de proposições interpretativas, a História Intelectual na América Latina, como área e prática historiográfica em permanente e dinâmica constituição, guarda especificidades que não podem ser desconsideradas, afinal, as experiências dos intelectuais latino-americanos são peculiares em relação àquelas que serviram de parâmetro para as reflexões de Sirinelli e de outros autores. Por isso, não se deve esquecer a importância da elaboração de uma História Intelectual que dialogue com as questões e propostas próprias da

⁹ Obviamente, por conta da proposta de abordagem ampla, focada na identificação e na interpretação de algumas das linhas de força da revista, certas especificidades podem ser perdidas de vista.

América Latina e de seus países, experiências que, se não são redutíveis a uma abordagem generalista, homogeneizante e etapista, certamente possuem, em conjunto, diferenças expressivas quando comparadas àquelas dos intelectuais europeus, por exemplo. É uma história – a dos intelectuais latino-americanos – que não se pode enunciar no singular. (ALTAMIRANO, 2010, p. 9; 15)

Nunca é demais lembrar, como asseverou Carlos Altamirano (2008, p. 9), que as “elites culturais foram atores importantes da história da América Latina”, articulando de maneira consciente, pelo menos desde o século XIX, as tradições locais em formação às proposições dos centros culturais e políticos. Foram, portanto, grupos de atuação cultural e política que estiveram – e continuam estando – prioritariamente localizados nas cidades, elemento relevante para a constituição de sua identidade. Nas cidades, usufruíram dos meios para a sua expressão e entre esses se destaca a criação de revistas. Nesses termos, se a história dos intelectuais na América Latina se constituiu em um movimento dialético de afirmação do local e do nacional e de apropriação do estrangeiro, resultando em sínteses inovadoras e desafiadoras para quem se dedica à sua interpretação, é cabível considerar que as revistas culturais latino-americanas também possuam peculiaridades quando comparadas às suas congêneres europeias.

No século XIX, em um cenário de precariedade editorial, os jornais e revistas foram, na América Latina, importantes difusores e mediadores culturais e políticos. O quadro de precariedade progressivamente se alterou a partir de fins do século XIX, como mostra a historiadora Regina Aída Crespo (2011, p. 101), quando as revistas, principalmente, deixaram de se concentrar prioritariamente na literatura, graças à especialização dos escritores/homens de letras e do mercado editorial. Surgiram e/ou se desenvolveram mais expressivamente, no início do século XX, periódicos segmentados para públicos específicos, assim como foram desenvolvidos suplementos como parte dos grandes jornais.

Voltadas a públicos e a temas específicos, as revistas, desde então, tornaram-se veículos fundamentais de expressão dos intelectuais. Em sua particularização constante no século XX – século em que proliferaram, em terras latino-americanas, jornais, suplementos e revistas –, as revistas converteram-se, cada vez mais, em lugares específicos de enunciação político-cultural, lugares desde os quais “se podia criar, opinar, criticar e questionar.” (CRESPO, 2011, p. 101-102) Prossegue Crespo:

[...] Resultado de um projeto coletivo, as revistas representariam, portanto, o ponto de vista de um grupo, sua intervenção político-ideológica, seu lugar e suas ferramentas na arena cultural. Em vários casos, se transformaram em

polos de resistência e instrumentos de batalha. Ao funcionarem como ponto de confluência de propostas políticas e culturais, as revistas estimularam a construção de redes intelectuais além das fronteiras geográficas e políticas. [...]. (CRESPO, 2011, p. 102)

O caráter de intervenção político-cultural das revistas nas conjunturas garantiu aos periódicos sua relevância nos países de origem e, em alguns casos, fora deles, mesmo após o seu encerramento. Esse é, certamente, o caso de **Punto de Vista**, que pode ser entendida como paradigma “na construção e circulação de cânones e tradições e da difusão de correntes artísticas, literárias, estéticas e políticas.” (CRESPO, 2011, p. 103) Pode-se afirmar, partindo das considerações gerais do ensaio de Regina Crespo, que a revista criada por Sarlo, Altamirano, Vezzetti, Gramuglio e Piglia, entre outros, surgiu e se desenvolveu “como polo emissor e campo de intersecção de propostas culturais, artísticas, literárias e políticas.” (CRESPO, 2011, p. 107) Tal multiplicidade de interesses e, principalmente, o entrecruzamento deles – as revistas são, como disseram Jorge Schwartz e Roxana Patiño, “zona de discursos polifônicos” (SCHWARTZ; PATIÑO, 2004, p. 648) – garantiram a **Punto de Vista** o delineamento de uma sintaxe própria do periódico.

Essa sintaxe, como se procurará mostrar ao longo desta tese, explicitou-se na elaboração, pela e na revista, de um projeto de interpretação da cultura e da política no qual se articulam explicações sobre a história e a sociedade da Argentina. Diante disso, o grupo responsável por **Punto de Vista** se tornou, ao longo de três décadas, uma elite cultural e intelectual que pode ser considerada, também, uma força politicamente relevante, como ocorreu com outros periódicos. (CAPELATO, 2005)

Para assegurar, minimamente, a percepção acerca das “relações de sociabilidade intra e inter-revistas”, o que, por sua vez, permite “detectar o estabelecimento ou não de redes intelectuais [...] e verificar o poder de ação das publicações e dos grupos que representam, em termos regionais, nacionais ou internacionais” (CRESPO, 2011, p. 108), percebeu-se que o conjunto de fontes desta tese deveria extrapolar os noventa números de **Punto de Vista** para incorporar não apenas outras revistas com as quais essa dialogou diretamente – mais especificamente a revista **Los Libros**, como antecedente direto –, mas também entrevistas concedidas e diálogos produzidos pelos intelectuais do Conselho de Direção do periódico.¹⁰

No que se refere à utilização das entrevistas como fonte, vale ressaltar sucintamente alguns argumentos. Mesmo que as entrevistas incorporadas à interpretação de **Punto de Vista**

¹⁰ A coleção completa de **Punto de Vista** em formato PDF por ser acessada em: <http://bazaramericano.com/punto.php?msg=pronto>
Por sua vez, a coleção completa de **Los Libros** em formato PDF pode ser acessada em: <http://izquierda.library.cornell.edu/i/izquierda/>

e das trajetórias dos intelectuais tenham sido majoritariamente publicadas em livros e não resultem de processos de obtenção de fontes por meio de um diálogo com a História Oral, as observações da historiadora Verena Alberti, relativas aos cuidados no trato com essa documentação, são pertinentes. Para a autora, é necessário tomar “a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas”, pois tal postura garante “a atenção para a possibilidade de ela [a entrevista] documentar as ações de constituição de memórias – as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem desencadear ao construir o passado de uma forma e não de outra.” (ALBERTI, 2005, p. 169)

As entrevistas são, adverte Alberti, documentos de cunho biográfico, “do mesmo gênero de memórias, autobiografias, diários e outros documentos pessoais.” (ALBERTI, 2005, p. 169) A concentração desse tipo de material em uma singularidade, em uma identidade e em uma trajetória que se pretende *a posteriori* coerente e organizada, demanda que o historiador problematize qualquer ilusão biográfica – para recuperar a formulação de Pierre Bourdieu (2005) – e evite que a história se torne cativa da memória, conforme problematizou em ensaio clássico o historiador Ulpiano Meneses (1992). Ainda assim, o uso das entrevistas e dos diálogos é fundamental para recompor itinerários e trajetórias individuais e coletivas e também para explicar questões específicas da sociabilidade do coletivo de intelectuais que criou e dirigiu **Punto de Vista**. Foi necessário valorizar, com os devidos cuidados teórico-metodológicos, as entrevistas e os diálogos realizados com os membros do Conselho de Direção do periódico, especialmente dos seus fundadores, por conta da ausência de outros tipos de fontes para reconstituir as suas trajetórias intelectuais individuais e para explicar de que maneira essas trajetórias se entrecruzaram e colaboraram para a criação e o desenvolvimento de **Punto de Vista** e de seus projetos interpretativos.

Em um estudo sobre **Punto de Vista**, enfim, não há outras fontes disponíveis além da própria revista, das revistas com as quais ela dialogou e/ou às quais se filiou e das entrevistas/diálogos. Pelas características da história da revista – o periódico foi criado e circulou inicialmente durante a ditadura e adotou perfil não institucionalizado –, outros tipos de documentos comumente empregados em trabalhos de História Intelectual, tais como cartas, diários, documentos editoriais diversos, não existem porque não foram preservados pelo Conselho de Direção.¹¹ Muitos aspectos da sociabilidade intelectual configurada, portanto, podem ser parcialmente recompostos apenas por meio do entrecruzamento crítico do material publicado no periódico e das várias entrevistas/diálogos. Por isso, é preciso estar atento às

¹¹ Conforme informou Beatriz Sarlo em entrevista concedida ao autor deste estudo em Buenos Aires, em 2009.

características memorialísticas/autobiográficas das entrevistas, como se indicou, e às vicissitudes de um estudo vinculado ao que se costumou definir como história recente ou história do tempo presente, em que história e memória permanecem em constante tensão.

No que concerne às peculiaridades de uma investigação atinente a uma revista cuja temporalidade se insere em uma história recente, em uma história do tempo presente, vale ressaltar brevemente potencialidades e dificuldades. Como destacou o historiador Peter Winn, a História Recente¹², enquanto um campo de estudos, “parece ter encontrado uma metodologia própria e vinculada aos estudos sobre a memória.” (WINN, 2010, p. 328, tradução nossa) De acordo com os organizadores da coletânea argentina *Problemas de historia reciente del Cono Sur*, os historiadores Ernesto Bohoslavsky, Marina Franco, Mariana Iglesias e Daniel Lvovich, a História Recente possui, invariável e conscientemente, uma dimensão política e se reveste de um espírito militante, ao se ocupar de “um passado que, como é habitual assinalar, resiste a passar, a ser passado.” (BOHOSLAVSKY; FRANCO; IGLESIAS; LVOVICH, 2010, p. 13, tradução nossa)

Em um campo de investigação interdisciplinar e em construção como esse, caracterizado também por se configurar como um espaço de disputas memorialísticas e políticas para além do debate acadêmico, é preciso ter consciência dos problemas postos ao pesquisador. Nesta tese, por exemplo, poder-se-ia destacar alguns: a utilização de fontes de cunho memorialístico; a interpretação do pensamento de intelectuais ainda vivos e relevantes na Argentina que continuam produzindo leituras, inclusive sobre a revista; o diálogo com uma bibliografia/historiografia múltipla e em constante atualização, entre outros. É importante destacar que a bibliografia acerca da história cultural e política da Argentina está em produção e discussão neste momento; em efusivo desenvolvimento, aliás, o que torna ainda mais difícil mapeá-la e impossível abarcá-la na totalidade.

De qualquer forma, enfrentar uma fonte/um objeto como **Punto de Vista** colabora, também, para esclarecer melhor, além da história do periódico, aspectos da história cultural e política da Argentina desde a década de 1960, não raramente abordada de forma esquemática quando se pretende discuti-la desde um olhar advindo da História Intelectual. Houve um esforço, nesta tese, para que as conclusões não fossem moldadas *a priori* pelas avaliações dos próprios criadores e diretores do periódico. Às vezes haverá certas coincidências entre as

¹² Na Argentina, prefere-se, costumeiramente, definir o campo de estudos como História Recente, enquanto no Brasil frequentemente se opta pela nomenclatura História do Tempo Presente. Não se trata, apenas, de simples variação terminológica: o uso brasileiro revela, ademais, a vinculação historiográfica a certa tradição francesa de investigações a respeito. De qualquer maneira, em termos gerais, os questionamentos e as advertências postas em termos de método e de problemas investigativos se aproximam, a despeito da tradição interpretativa.

análises e as interpretações dos membros do coletivo intelectual e as que aparecem na tese, mas a investigação foi elaborada sem qualquer apriorismo e sem se deixar guiar pelas leituras que eles consideram mais corretas.

Escrever uma história de **Punto de Vista** vinculada a uma temporalidade recente implicou, enfim, mesmo com recortes e seleções no material do periódico a ser analisado, deparar-se com uma história experienciada por intelectuais em um passado próximo, continuamente recuperado por meio de memórias em suportes diversos (sobretudo em entrevistas). Além disso, esse conjunto de experiências tão próximas em termos temporais costuma ser interpretado pelos sujeitos que vivenciaram tal história e que, além de recuperá-la em olhares memorialísticos, costumam significá-la ensaística ou academicamente.

Dar conta de compreender os debates a respeito dos anos 1960 e 1970, sobre a história de intelectuais, de produções culturais e políticas, entre todos os outros objetos, temáticas e discussões envolvidos neste estudo e indispensáveis para a compreensão adequada da história de **Punto de Vista**, é como tentar aprisionar um volume que tende ao crescimento. As memórias divulgadas crescem, as interpretações se multiplicam e continuam a ser publicadas, os debates se estabelecem em grupos nem sempre perceptíveis. Se alcançar uma compreensão precisa desses debates a partir de fora do campo historiográfico argentino oferece a vantagem das dúvidas motivadas pelo olhar do estrangeiro, do estranhamento, daquele para quem nada parece óbvio, também significa que muitas vezes foi preciso, ao longo da pesquisa e da escrita da tese, abdicar da pretensão de conhecer todas as referências existentes e recorrer às sínteses produzidas e publicadas a respeito de certos debates e polêmicas culturais, políticas, intelectuais, historiográficas, de modo a garantir a mais adequada compreensão das questões sem se perder em labirintos bibliográficos nos quais certamente havia risco de imobilização.

A necessidade da compreensão das redes intelectuais estabelecidas conduz, necessariamente, ao entendimento de que, no âmbito interno, “as revistas atuaram como geradoras e mantenedoras das diversas posições que intelectuais e artistas assumiram ao longo do século a respeito de problemáticas específicas”, enquanto externamente “abriram vasos comunicantes com uma sociedade que em mais de um momento alimentou-se na cultura para encontrar bases identitárias, conteúdos integracionistas e novos fundamentos de valor.” (SCHWARTZ; PATIÑO, 2004, p. 648, tradução nossa) Ademais, tais periódicos, entre eles **Punto de Vista**, em muitos casos, por meio dessas redes, dinamizaram as instâncias de modernização e democratização das sociedades em que circulavam.

Conforme a tradição de estudos (em constante ampliação) sobre revistas e suplementos culturais da América Latina, inclusive no Brasil¹³ – são exemplos relevantes, por suas propostas de utilização e análise das fontes, os estudos de Capelato (2005), De Diego (2000, 2010), De Luca (1999, 2005, 2011), Gilman (2003), Miskulin (2003, 2009), Patiño (1997a, 1997b, 1998a, 1998b, 2003), entre outros –, nota-se que uma das melhores estratégias de aproximação das revistas culturais foi formulada por Beatriz Sarlo, em seu clássico ensaio “*Intelectuales y revistas: razones de una práctica*”, de 1992, ao considerar as publicações como “bancos de prova”. Sarlo disse a respeito:

Se isto acontece com as revistas é porque são *bancos de prova*. A consciência de seu estar no presente se sobrepõe à sua qualidade instrumental: as revistas são meios. Diferentemente dos poemas ou dos textos de ficção, a sintaxe da revista (que obviamente os inclui) se desenha para intervir na conjuntura, alinhar-se em relação a posições e, na medida do possível, alterá-las, *mostrar* os textos ao invés de somente publicá-los. Por essa razão, é quase óbvio acrescentar que o discurso cultural nas revistas não é apenas um discurso de matriz teórico-crítica e de gênero ensaístico. Pelo contrário, o discurso cultural é *a política* das revistas, que não aparece somente nos editoriais [...]. [...] os editoriais são zonas pouco confiáveis se o que se quer é reconstruir, em perspectiva histórica, a problemática de uma revista. Os editoriais são tão ostensivamente um discurso programático que se pode prescindir deles ou, pelo menos, submetê-los ao contraste com o discurso que resulta da disposição dos materiais. [...]. (SARLO, 1992, p. 11-12, tradução nossa, destaques no original)¹⁴

A relevância do ensaio de Sarlo se torna ainda maior quando o texto é lido a partir do conhecimento da história de **Punto de Vista**: o periódico foi o “banco de provas” dos intelectuais que o dirigiram. Em suas páginas, Sarlo, Altamirano, Vezzetti, Gramuglio, Piglia, Sabato, Aricó, Portantiero, Gorelik, entre outros, estabeleceram debates, “testaram” suas ideias e proposições e desenvolveram argumentos e perspectivas interpretativas nas áreas de Literatura, Sociologia, História, Psicologia, Filosofia, Arquitetura, para citar algumas. Muitas dessas leituras foram, posteriormente, reunidas em livros ou deram origem a obras originais, várias delas, hoje, paradigmáticas, na Argentina e na América Latina.

¹³ Nesses estudos se propõe levar em consideração o maior número de elementos possíveis dos periódicos, desde o conteúdo (temáticas discutidas e mesmo a organização interna do conteúdo no periódico) até os aspectos de ordem material (periodicidade, impressão, papel, uso/ausência de iconografia e publicidade, caracterização estética e funcional do material estético). Não obstante, permanecem preocupações mais comuns, como o estudo da configuração do grupo responsável pela publicação, dos principais colaboradores, do público a que se destinava, bem como das fontes de receita, entre outros aspectos. (DE LUCA, 2005, 2011)

¹⁴ Todas as citações de textos originalmente redigidos em línguas estrangeiras – inclusive dos textos dos periódicos – foram traduzidas ao longo da tese, em respeito ao estipulado nas normas acadêmicas brasileiras definidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Optou-se apenas por não traduzir os títulos dos artigos.

Esses construtos de intervenção cultural e política no presente e em âmbito público, conflituosos, interessam ao historiador exatamente porque neles se pode vislumbrar a vontade de intervir, em um presente, para modificar a conjuntura e se possível alterar o futuro. (SARLO, 1992, p. 9-10) O intento de transformação se expressa nos textos escolhidos, não apenas nos editoriais, como advertiu Sarlo. **Punto de Vista**, a propósito, se caracterizou por não publicar editoriais em todos os números, mantendo-se às vezes por várias edições sem editoriais. As considerações de Sarlo no ensaio de 1992 são, nesse sentido, pistas para interpretar essa particularidade de **Punto de Vista** como ação minimamente meditada, que transferiu aos leitores – prioritariamente intelectuais, como concebia o Conselho de Direção – a possibilidade de articulação dos argumentos, ao mesmo tempo em que desafiou os historiadores a atribuírem sentido a essas configurações materiais de cada edição e do conjunto da publicação.

* * *

A hipótese fundamental que norteou o desenvolvimento deste estudo é a de que **Punto de Vista**, herdeira intelectual em diversos âmbitos do projeto de **Los Libros**, continuou a desenvolver, com continuidades e rupturas, os esforços iniciados em 1969 de modernização cultural e teórica, não mais para encontrar um caminho teórico estável e sim para constituir uma perspectiva não dogmática de apropriação de matrizes teóricas, de interpretação da cultura e da política e de definição de um lugar social, político e cultural específico na Argentina, ao mesmo tempo próximo e distante das tradições e dos grupos da esquerda a partir dos quais o periódico se originou.

Essa perspectiva, compreende-se, adveio de um processo iniciado pelos intelectuais na revista na segunda metade dos anos 1970, de autocrítica aos vários dogmatismos teóricos e políticos que eles próprios e outros haviam desenvolvido nos anos 1960 e 1970 e resultou em um tipo de crítica política da cultura diversa daquela que haviam feito em **Los Libros**: se na revista encerrada em 1976 tratava-se de encontrar, de valorizar e de interpretar as obras que ofereciam problematizações políticas das sociedades, em **Punto de Vista** o objetivo seria desenvolver uma crítica na qual a cultura não deveria estar a serviço da política, mas uma crítica que desvelasse as imbricações entre cultura e política em todos os objetos de cultura.

Tal postura crítica implicou, como se procurará mostrar, na defesa de uma postura pluralista no que tange aos objetos escolhidos e no que se refere às matrizes teórico-críticas com as quais se deveria dialogar, o que está expresso tanto na apropriação de autores latino-

americanos junto aos europeus quanto no diálogo com uma tradição diversificada de autores na Argentina que incorporava, inclusive, os liberais, **Sur** e **Contorno**, combinados conforme a fórmula expressa no editorial publicado em **Punto de Vista** em 1981.

O pluralismo teórico-crítico teve, também, a sua dimensão política, sobretudo a partir de 1983-1984, quando o periódico ampliou o seu Conselho de Direção e recebeu intelectuais que retornavam do exílio com ideias e projetos políticos variados. O coletivo de intelectuais do periódico, na revista e no Club de Cultura Socialista, desenvolveu, conforme se explicitará, uma releitura e uma autocrítica da atuação dos intelectuais desde a década de 1970 e problematizou a história da esquerda argentina e do peronismo enquanto culturas políticas complexas, resultando em uma postura política que se entendia como alternativa tanto em relação à esquerda ortodoxa quanto ao peronismo não afeito à renovação.

Portanto, resumidamente, a hipótese é que os movimentos de renovação teórico-crítica e política desenvolvidos por **Punto de Vista** principalmente entre os anos 1970 e 1990, levaram a revista a participar ativamente de um outro momento da modernização cultural e política na Argentina, com elementos comuns e ao mesmo tempo com diferenças em relação àquele do qual participou **Los Libros** nas décadas de 1960 e de 1970.

Os capítulos foram concebidos a partir da hipótese e dos objetivos para a tese, visando permitir a interpretação de dois eixos fundamentais da atuação de **Punto de Vista**, um relativo às políticas da cultura e outro concernente aos debates acerca dos intelectuais e das culturas políticas. Portanto, a tese foi estruturada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, intitulado “**Antecedentes de uma revista de cultura**”, o objetivo é recontar aspectos da história argentina dos anos 1960 e 1970 como parte da história de **Punto de Vista**, oferecendo, em diálogo com a historiografia, uma leitura dos múltiplos debates e das experiências dos intelectuais argentinos naquele momento. Além disso, intenta-se apresentar alguns dos antecedentes históricos específicos da formação de **Punto de Vista**, os quais, necessariamente, são atravessados pelos itinerários e pelas trajetórias dos intelectuais que criaram a revista em 1978, assim como pelas trocas e intercâmbios entre indivíduos e grupos, configurando sociabilidades e evidenciando a relação do periódico com o presente, com o momento de sua idealização e efetivação.

No segundo capítulo, intitulado “**Políticas da cultura em *Punto de Vista***”, o objetivo é, sem a pretensão de realizar a crítica da história literária e/ou da crítica e da teoria literária veiculadas na revista, mostrar como a publicação e a análise de textos críticos e literários, de revistas culturais, de ensaios e de outros objetos da cultura na revista evidenciam certas escolhas interpretativas dos seus idealizadores/realizadores, oferecendo uma série de leituras

de aspectos importantes da história da Argentina e da América Latina nos séculos XIX e XX. Trata-se, pois, de avaliar as políticas da cultura de **Punto de Vista**, de realizar uma análise da crítica política da cultura efetuada pelo periódico, de problematizar esse esforço interpretativo que se vincula e ao mesmo tempo se diferencia daquele realizado em **Los Libros** e em outras revistas às quais **Punto de Vista** procurou se filiar. Por isso essa produção acerca das tradições críticas em suportes diversos precisa ser discutida. Em seguida, demonstrar-se-á como a revista paulatinamente diminuiu a atenção dedicada à crítica cultural e à crítica literária para se ocupar, junto aos debates mais especificamente políticos – sobre a democracia, a esquerda, entre outros –, de outros objetos da cultura.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado “**Intelectuais e culturas políticas em *Punto de Vista***”, analisa-se a preocupação do periódico em avaliar e problematizar a atuação em sociedade de indivíduos e de grupos voltados à produção de interpretações em diversas áreas do conhecimento. Ademais, discute-se a atenção conferida aos sujeitos envolvidos com a crítica ao *status quo* e com a participação política em sentido mais estrito, aquela efetivada nas ações públicas de intervenção em debates e em causas relevantes. Nesse sentido, os intelectuais e as culturas políticas, especialmente os da Argentina e em alguma medida os da América Latina e de outras regiões, não escaparam à revista como objetos. Pretende-se explicitar como houve nesses textos tanto um esforço para a compreensão desses problemas quanto um posicionamento gradativo da revista em relação ao conjunto de argumentos disponíveis e em discussão em sociedade, constituindo-se paulatinamente uma leitura dos agrupamentos e dos intelectuais de esquerda¹⁵ no que tange às suas relações com uma cultura política plural na Argentina. **Punto de Vista** organizou uma avaliação das culturas políticas, além de estruturar um lugar social, político e cultural específico na Argentina, ao mesmo tempo próximo e distante das tradições e dos grupos da esquerda a partir dos quais o periódico se originou.

A estrutura proposta para a tese, na qual se segmentou tematicamente a análise de dimensões ou conjuntos de problemas e se interpretou cronologicamente esses conjuntos é, obviamente, arbitrária e foi estabelecida para fins explicativos, baseada no predomínio ou na ênfase temática e teórica dos artigos e demais materiais, conforme será exposto ao longo da tese e se pode verificar, ademais, nos resultados da pesquisa quantitativa disponibilizados nos Apêndices.

¹⁵ Os termos “esquerda” e “esquerdas” serão utilizados, ao longo da tese, para designar culturas políticas complexas e múltiplas. Portanto, no singular ou no plural, o termo “esquerda” deve ser assim compreendido.

CAPÍTULO 1

Antecedentes de uma revista de cultura

- 1.1. Histórias de cultura e de política na Argentina dos “sessenta” e dos “setenta”
- 1.2. Notas sobre a formação de *Punto de Vista*
- 1.3. De *Los Libros* a *Punto de Vista*, entre continuidades e rupturas

As revistas são espaços fundamentais de produção e de divulgação de ideias, como demonstram proficuamente os estudos de História Intelectual. A Argentina é, por sua vez, um país em que, durante todo o século XX, se verificou expressiva produção de revistas culturais e políticas vinculadas a grupos de intelectuais e/ou a instituições. Esse grau de importância das revistas culturais e políticas também pode ser percebido em vários países da América Latina, como evidenciaram estudos específicos ou coletâneas de investigações a respeito, tais como: os três números duplos (4-5, de 1990, 9-10, de 1992, e 15-16, de 1996) da revista francesa **América – Cahiers du CRICCAL**, dedicados ao estudo do discurso cultural das revistas latino-americanas entre 1919 e 1990; o livro *La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas*, organizado por Saúl Sosnowski, publicado em 1999; o número duplo (v. LXX, n. 208-209), de julho-dezembro de 2004, da **Revista Iberoamericana**, coordenado por Jorge Schwartz e Roxana Patiño, intitulado “Revistas literárias/culturales latinoamericanas del siglo XX”; e o livro *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*, coordenado por Regina Crespo e publicado no México em 2010.

Entre as diversas produções dos intelectuais argentinos e latino-americanos no século XX, as revistas culturais, como indicam os especialistas (PATIÑO, 2009; SCHWARTZ; PATIÑO, 2004), em que pese a sua relevância, apenas muito recentemente e não tão amplamente ou de maneira articulada (como um campo de investigação) começaram a ser estudadas, sobretudo pela área de Letras¹ e, depois, pela História e pelas Ciências Sociais. Nesse quadro, os estudos sobre publicações específicas, consideradas “importantes instrumentos de intervenção na conjuntura político-cultural latino-americana”, que “marcaram o panorama ideológico, estético e artístico de seus países de origem, durante o período em que foram publicadas” (CRESPO, 2011, p. 102), têm se ampliado e oferecido contribuições para a compreensão da atuação de intelectuais e do debate de ideias e de projetos políticos locais, regionais e internacionais.

A adequada significação de uma revista, de seu projeto e de suas realizações depende não somente do conhecimento desse campo de estudos em formação e desenvolvimento, mas também de um empreendimento de significação acerca do modo como “um coletivo intelectual pensa sua intervenção na esfera pública como proposta de reorganização da tradição cultural.” (SARLO, 1992, p. 13, tradução nossa) Para tanto, em busca da apreensão dos sentidos amplos e específicos de um “discurso cultural [que] é *a política* das revistas” (SARLO, 1992, p. 12, tradução nossa, destaques no original), é fundamental situar a revista

¹ Área na qual os estudos de revistas são mais abundantes e as publicações importam principalmente como “arquivos da literatura e da crítica” (PATIÑO, 2009).

frente aos debates da sociedade em que ela surgiu e circulou. Esse é o objetivo deste capítulo: recontar aspectos da história argentina dos anos 1960 e 1970 como parte da história de **Punto de Vista**, oferecendo, em diálogo com a historiografia, uma leitura dos múltiplos debates e das experiências dos intelectuais argentinos naquele momento. Além disso, intenta-se apresentar alguns dos antecedentes históricos específicos da formação de **Punto de Vista**, os quais, necessariamente, são atravessados pelos itinerários e pelas trajetórias dos intelectuais que criaram a revista em 1978, assim como pelas trocas e intercâmbios entre indivíduos e grupos, configurando sociabilidades e evidenciando a relação do periódico com o presente, com o momento de sua idealização e efetivação.²

1.1. Histórias de cultura e de política na Argentina dos “sessenta” e dos “setenta”

Aproximar-se de uma revista argentina de fins do século XX implica considerar que se a história dos intelectuais latino-americanos é plural, a história dos intelectuais na Argentina não consegue se desvencilhar dessa multiplicidade e de muitas preocupações comuns, sem, contudo, se reduzir a elas. Em um país no qual as elites culturais e intelectuais tiveram (e continuam tendo) tanta relevância, a atuação dessas elites foi sistematicamente abordada pela historiografia produzida no país, conforme assinalou Diana Quattrocchi-Woisson (2003, p. 91), no ensaio “L’histoire des intellectuels en Argentine? Les difficultés d’une société périphérique”. Aliás, diante das inegáveis imbricações da história dos intelectuais, da história cultural e da história política no país de Alberdi, Sarmiento e outros, a historiadora argentina radicada na França reafirma a dificuldade “de estabelecer uma cronologia intelectual independente da história política.” (QUATTROCCHI-WOISSON, 2003, p. 91, tradução nossa)

Não interessa aqui, todavia, abordar cronológica e exaustivamente a história das experiências dos intelectuais na Argentina ou, por outro lado, reduzir tal história a

² Vale ressaltar, ademais, que não se pretende nesta tese apresentar “contextos históricos” estruturados genericamente a partir da historiografia/bibliografia consultada. De acordo com a perspectiva teórico-metodológica que se assume neste estudo, inspirada pela História Intelectual francesa, os “contextos históricos” importam somente quando sua recuperação/recomposição colabora para a compreensão das ideias e dos suportes em que elas circularam, no caso, uma revista. De qualquer maneira, em termos gerais, os aspectos “contextuais” do período compreendido entre as décadas de 1960 e 2000 foram apreciados e apreendidos no fundamental livro de Novaro e de Palermo (2007) sobre o *Proceso*, nas obras de Novaro sobre a história da Argentina na segunda metade do século XX (2009; 2011), na importante obra sobre as memórias da ditadura de Lvovich e de Bisquert (2008), que serão (essas e outras) devidamente referenciadas quando necessário. No que diz respeito ao *Proceso*, por exemplo, as sínteses de Novaro e de Palermo (2007) serão fundamentais e não cabe tentar resumi-las; também não se pode simplesmente submeter as sínteses oferecidas no próprio periódico àquelas elaboradas pelos especialistas *a posteriori*. Enfim, serão prioritariamente recuperados, em diálogo com alguns dos seus intérpretes, os processos e os eventos relacionados à produção de **Punto de Vista** ao longo dos seus trinta anos.

coadjuvante da história da dimensão política. Não cabe também construir uma espécie de “quadro contextual” e, depois, “enquadrar” **Punto de Vista** nele. Pretende-se, enfim, mobilizar as referências à história argentina como parte da história da revista e não como elementos externos a ela. Trata-se fundamentalmente, neste capítulo inicial, de se acercar da história argentina, principalmente a partir dos anos 1960, para interpretá-la e para compreender o desenvolvimento de debates e de experiências dos intelectuais argentinos naquela conjuntura, especialmente dos fundadores de **Punto de Vista**, os quais se encontravam então em formação. Aliás, partir desse momento é importante pois se deu “en los sesenta”³, observou José Luis de Diego em “Los intelectuales y la izquierda en la Argentina (1955-1975)”, um influxo de “modernização teórica e científica – lida às vezes como um correlato do desenvolvimentismo em economia – e radicalização política.” (DE DIEGO, 2010, p. 395-396, tradução nossa) Algumas considerações sobre os “sessenta” e sobre os “setenta”⁴ são, pois, indispensáveis para situar mais adequadamente o processo do qual resulta, sem reducionismos ou causalidades óbvias, a revista **Punto de Vista**.

As transformações dos “sessenta”, de “modernização teórica e científica”, argumenta De Diego, estimularam o início do desenvolvimento de perspectivas analíticas e de projetos intelectuais; esses projetos, como mostram as investigações acerca do período, não foram interrompidos completamente pelo golpe de 1966, evento que instaurou um “regime repressivo, confessional e anticomunista” e abortou, ao menos parcialmente, o processo de modernização⁵, mas não logrou desestimular “a crescente radicalização de setores da classe

³ Entre eles, destacam-se, nos estudos a respeito “de los sesenta”, de um ponto de vista da História Intelectual, Oscar Terán (1991), Silvia Sigal (1991), com seus livros fundadores de uma perspectiva interpretativa, e, também, o estudo de Claudia Gilman (2003). Como se pode perceber, “os sessenta”, “os anos sessenta” ou formulações semelhantes como “os setenta” e “os anos setenta” são, nesses estudos, categorias explicativas da História Intelectual – e da História Cultural, mais amplamente – na Argentina que podem causar confusões, na medida em que “os sessenta” abarcam, para tais autores, o período desde meados da década de 1950 até meados da década de 1960, enquanto “os setenta” estariam compreendidos entre meados da década de 1960 e meados da década de 1970. São os conhecidos obstáculos para a periodização da História Intelectual, periodização que luta para não se reduzir, na medida do possível, aos marcos políticos instituídos (no caso da Argentina, 1955, 1962, 1966, 1976, principalmente), conforme advertem Terán (1991) e Quattrocchi-Woisson (2003), e/ou ao “arbitrio das décadas.” (DE DIEGO, 2010, p. 406) Os resultados, nesses casos, são periodizações – como lembrou o mesmo De Diego (2000, p. 2) ao se referir às reflexões sobre a questão produzidas por Terán (1991) – que podem ser entendidas como dividas (“a caballo”) entre duas décadas. Ou seja, é costumeiro pensar que há prolongamentos dos “cinquenta” nos “sessenta”, bem como prolongamentos dos “sessenta” nos “setenta”, ainda que nem sempre se consiga definir/delimitar com precisão quais são os prolongamentos ou as continuidades, resultando via de regra “mais simples” indicar as rupturas.

⁴ Até que o uso dos termos “sessenta” e “setenta” seja consolidado, nesta tese, como recurso de indicação de recorte temporal, utilizar-se-á os termos, prioritariamente, entre aspas. A partir dos próximos capítulos as aspas serão removidas.

⁵ José Luis de Diego (2010, p. 396), analisando a transição dos anos 1950 para os anos 1960, é categórico ao afirmar que o golpe de 1966 abortou o processo de modernização teórica e científica característico dos “sessenta”, provocando uma “fuga de cérebros”, ainda que a radicalização de setores médios da população – mencionada por De Diego e não interrompida pelo golpe em 1966 – tenha prosseguido. Claudia Gilman

média, operários e estudantis”. Essa radicalização configurou, até fins da década de 1960 – após eventos como a morte de Guevara na Bolívia, em 1967, o “Cordobazo”, em 1969, e o assassinato de Aramburu, em 1970 –, a ampla reorientação da esquerda, com a crise da chamada esquerda “tradicional” e a emergência e definição daquela que, posteriormente, seria chamada “nova esquerda” argentina.⁶ (DE DIEGO, 2010, p. 395-396) Em uma perspectiva ampla, disse Oscar Terán (2008, p. 74), as elites modernizadoras adquirem visibilidade na Argentina e seus projetos culturais, como editoras, revistas, associações de intelectuais e demais grupos, passam a produzir representações a respeito da política e da história do país. Destaca-se a criação, nos “sessenta”, de diferentes instituições culturais estatais e privadas, como, por exemplo, o CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas), a EUDEBA (Editorial Universitaria de Buenos Aires) e o Fondo Nacional de las Artes.

A fragilização, nos “sessenta”, da chamada esquerda “tradicional” ou “velha”, a partir das críticas ao Partido Comunista (PC) e ao Partido Socialista (PS), suscitou sem dúvida, na esquerda argentina, um movimento de afastamento das ortodoxias, um debate sobre o peronismo e os movimentos católicos, além de certa perda de representatividade e crises e divisões internas das agremiações (PC e PS) que, conforme De Diego (2010, p. 397), eram hegemônicas até 1955 no campo das esquerdas.

Como observaram Cecilia Blanco e María Cristina Tortti, nos “sessenta”, PC e PS tinham “escassa relevância no jogo político institucional e eleitoral”, mas “gozavam de considerável prestígio entre os setores médios da sociedade e em seus estratos intelectuais e

apresenta leitura parcialmente dissonante. Ao contrário de De Diego, Gilman, em relação aos anos 1960 e aos anos 1970, considera que os “sessenta” seriam “anos de rápida modernização e grandes expectativas revolucionárias, cuja cultura estava marcada pela modernização cultural, a consolidação de um público para os produtos artísticos e o surgimento de novas condições de mercado e consumo.” (GILMAN, 2003, p. 14, tradução nossa) Em virtude das conhecidas e bastante debatidas dificuldades de periodização da História Intelectual dos anos 1960 e 1970 na Argentina, parece cabível considerar, a partir dos mencionados trabalhos de De Diego, Gilman, Terán e Sigal, que principalmente a radicalização dos operários e estudantes teria se dado concomitantemente ao prosseguimento da modernização intelectual e cultural, iniciada em fins da década de 1950, mas, certamente, estimulada na segunda metade da década de 1960. Ver-se-á a seguir como o próprio De Diego, em outra passagem de seu estudo de 2010, indica concordância com essa proposição. O quadro de amplas transformações dos “sessenta” interessa, nesta tese, pois ocorreu nesses anos a formação política e universitária daqueles indivíduos que conformarão, pelo menos até a redemocratização (quando houve alterações e ampliações), o núcleo intelectual de **Punto de Vista**: Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Hugo Vezzetti, María Teresa Gramuglio, Hilda Sabato e Ricardo Piglia.

⁶ É importante destacar aqui que os intérpretes da “nova esquerda” começaram a se avolumar em fins dos anos 1980 e início dos 1990 e algumas das obras mais significativas, como os livros de Terán (1991) e de Sigal (1991), publicados no começo dos anos noventa, foram inclusive debatidos em **Punto de Vista**. Portanto, a revista colaborou para a interpretação da “nova esquerda” e para a divulgação das interpretações a respeito, o que se pretende mostrar a seguir nesta tese. Além disso, obviamente, o grupo de intelectuais que criou **Punto de Vista** pode ser, em termos geracionais e por suas afinidades e ações políticas e culturais, considerado parte da “nova esquerda”.

profissionais, ainda que arrastassem a carga de não ter podido superar o hiato que os separava dos setores populares.” Consequentemente, a radicalização política e ideológica ocorrida nos partidos repercutiu nesses setores e âmbitos da sociedade, especialmente nas universidades, e “contribuiu de maneira decisiva para a gestação dessa verdadeira corrente contracultural que imprimiria sua marca à vida social dos sessenta”, a formação da “nova esquerda”. (BLANCO; TORTTI, 2007, p. 127, tradução nossa) Por outro lado, dizem as autoras, os clamores por um partido “verdadeiramente revolucionário”, motivados, entre outros fatores, pelo advento da Revolução Cubana, demandaram um partido que eventualmente fosse capaz de combinar peronismo e socialismo e originaram um cenário em que parecia impossível ao PC e ao PS buscar a renovação e “capitalizar a seu favor a esquerdização que começava a se produzir na sociedade.” (BLANCO; TORTTI, 2007, p. 128, tradução nossa)

A crise de representação dos partidos políticos tradicionais (PC e PS), o advento da Revolução Cubana e a incorporação de novas matrizes de pensamento que permitiram o debate e a revisão profunda do marxismo (mais ou menos ortodoxo) criaram condições para a configuração de grupos políticos e intelectuais nesse período “entre décadas”, de meados dos 1950 a meados dos 1960, formando, pois, aquilo que se costuma denominar “nova esquerda”. (DE DIEGO, 2010, p. 399) Blanco e Tortti indicam que “até fins dos sessenta o novo mapa político da esquerda – assim como o do peronismo – já estava traçado em suas linhas políticas e estratégicas fundamentais”, assim como “tinha sido criada uma boa parte das organizações que alcançariam um alto grau de desenvolvimento durante os setenta a partir do momento em que seu próprio crescimento se cruzou com a inusitada expansão do protesto social que sucedeu ao Cordobazo.” (BLANCO; TORTTI, 2007, p. 130, tradução nossa) Vale, outrossim, incorporar a síntese de José Luis de Diego:

[...] a perda de “organicidade” [dos partidos e, também, dos intelectuais] tem como correlato a multiplicação dos debates sobre a própria *identidade*, sobre o problema da *representação* e sobre os dilemas de *consciência*, como se essa maior autonomia [no campo cultural e político] tivesse um custo que não era fácil assumir: intelectuais livres da tutela do partido que se incorporam gradativamente aos desafios da modernização teórica e estética⁷ e da profissionalização. (DE DIEGO, 2010, p. 400, tradução nossa, destaques no original)

Ainda no que concerne à formação da “nova esquerda” na Argentina, María Cristina Tortti (2007) assinalou as disparidades existentes nas interpretações elaboradas a respeito.

⁷ Neste trecho se pode perceber como De Diego relativiza sua afirmação categórica anterior (apresentada neste mesmo estudo, publicado por ele em 2010), acerca da suposta interrupção, pelo golpe de 1966, do processo de modernização cultural e intelectual.

Para ela, as dinâmicas das trocas entre a “nova esquerda” formada principalmente nos “sessenta” – período que começaria, de fato, em meados dos anos 1950 – e as “políticas revolucionárias” dos “setenta” carecem de investigação, afinal,

[...] os movimentos de revisão, debate e ruptura produzidos no campo da esquerda em fins dos anos cinquenta e princípios dos sessenta foram o ponto de partida de um processo mais geral de renovação dos quadros dirigentes e da cultura política da esquerda, cujos efeitos se prolongariam até o início da década seguinte. (TORTTI, 2007, p. 3, tradução nossa)

O movimento amplo de protesto e de radicalização política, bem como de modernização cultural ocorrido na Argentina desde a queda de Perón, em 1955, até o golpe de 1976, ainda não foi, de acordo com especialistas como María Cristina Tortti, suficientemente estudado e debatido. Para a historiadora argentina, a ditadura vigente entre 1976 e 1983 e “sua política de perseguição e repressão sistemática de toda forma de oposição produziu entre outros efeitos o de dificultar a análise do período precedente que tende a ficar preso entre uma espécie de ‘lenda heroica’ e a pura detração.” (TORTTI, 2007, p. 10, tradução nossa)⁸ Isso tem implicações, inclusive, sobre a explicação do golpe de Estado, pois não se pode compreender eficaz e efetivamente o processo que levou à instauração de mais uma ditadura sem analisar a “sensação de ‘ameaça’ previamente vivida pelos setores dominantes e as Forças Armadas, originada da crescente oposição social e política que [...] vinha se desenvolvendo há duas décadas”, cujo alcance resultou no “questionamento dos próprios fundamentos da organização social e da dominação estatal.” (TORTTI, 2007, p. 10, tradução nossa) Os vínculos entre acontecimentos e processos são, enfim, pouco problematizados e a formação dos grupos políticos e a proposição de encaminhamentos sociais e culturais que, em seu desenvolvimento, “conectam” os “sessenta” aos “setenta”, carecem de investigações capazes de evidenciar o “mal estar que os setores intelectuais e de esquerda vinham processando pelo menos desde os anos do ‘frondizismo’.” (TORTTI, 2007, p. 10, tradução nossa)

De qualquer maneira, em que pese a necessidade de maior compreensão acerca desses anos decisivos da história argentina, sabe-se que foram marcados pelo crescimento dos conflitos sociais e, simultaneamente, pelos indissociáveis processos de modernização cultural e de radicalização política. Um estado de contestação generalizada era a tônica da sociedade

⁸ Tortti indica nesse momento de seu estudo (2007, p. 31) que uma das exceções à escassa produção acerca dos anos anteriores à ditadura iniciada em 1976 foram os textos publicados em **Punto de Vista**, pois especialmente nos 20 anos do golpe (1996) a revista debateu em suas páginas essas temáticas, assim como o fizeram outros periódicos (**Confines**, **La intemperie** e **Conjectural**) e a bibliografia memorialística-testemunhal.

em fins do governo da “Revolução Argentina” (1966-1973) e as diversas demandas de grupos específicos se “articulavam de maneira crescente aos discursos que falavam de ‘libertação nacional’, ‘socialismo’ e ‘revolução’.” (TORTTI, 2007, p. 12, tradução nossa) Naquela conjuntura, observa Tortti, inúmeros “laços conectavam o movimento puramente político às variadas formas de protesto e de inovação nos mais diversos âmbitos institucionais”:

Educação com conteúdos e métodos “libertadores”, comunidades terapêuticas e “antipsiquiatria”, advogados trabalhistas ou defensores de presos corporativos e políticos, experimentação no campo das vanguardas plásticas e debates sobre o cinema e o teatro político se converteram em propagadores de uma nova cultura que privilegiava a horizontalidade, desprezava o obscurantismo e inscrevia a esses movimentos sociais em projetos de caráter coletivo. [...] as demandas setoriais tenderam a se politizar rapidamente e muitos militantes sociais se converteram em dirigentes políticos. As universidades, por sua parte, foram um âmbito privilegiado nesse processo, e o movimento estudantil um verdadeiro canteiro do qual emergiu boa parte dos contingentes mais jovens e radicais da “nova esquerda”. (TORTTI, 2007, p. 12-13, tradução nossa)

Ou seja, pode-se afirmar que a “nova esquerda”, conforme mostrou Tortti (2007, p. 13), foi um “conjunto de forças sociais e políticas que contribuiu decisivamente para produzir o intenso processo de protesto social e radicalização política que incluiu desde o estalido espontâneo e a revolta cultural até a ação guerrilheira”. Certamente, trata-se de uma categoria analítica – “nova esquerda” – destinada a dar conta de grupos heterogêneos da história da Argentina, os quais, apesar disso, compartilhavam uma linguagem e um “estilo político” capazes de aproximar forças “provenientes do peronismo, da esquerda, do nacionalismo e dos setores católicos ligados à teologia da libertação” e que desenvolviam “discursos e ações [...] convergentes na maneira de se opor à ditadura e nas suas críticas ao ‘sistema’ [...]”. Eram indivíduos e grupos ligados por múltiplos laços, que foram percebidos e que se perceberam “como partes de uma mesma trama: a do campo do ‘povo’ e da ‘revolução’.” (TORTTI, 2007, p. 13, tradução nossa)

Muitas das dificuldades de interpretação desse “conjunto de forças sociais e políticas” nomeado “nova esquerda”, na Argentina, são provenientes da diversidade empírica de suas ações e manifestações, convertida em vestígios bastante variados do ponto de vista da documentação acessível (livros, jornais, revistas, cartas, diários, manifestos, entrevistas, diálogos, entre outros) e também da documentação inacessível, pois, adverte Tortti (2007, p. 20), uma parte das memórias ainda circula “sob a forma de relatos transmitidos oralmente, como múltiplos fragmentos de uma história e de um mundo que, apenas muito recentemente,

a literatura testemunhal começou a recolher.” Os pequenos mundos, as cenas e os personagens dessa “nova esquerda” estabeleceram, nesse sentido, “cadeias de relações e significados” muito relevantes, nem todas elas passíveis de recomposição. (TORTTI, 2007, p. 20, tradução nossa)

Os indivíduos que formaram e desenvolveram a “nova esquerda” participaram “de uma época durante a qual o tempo pareceu se acelerar e os limites entre o social e o político se tornaram especialmente difusos”; envolveram-se em processos ao mesmo tempo próximos e distantes, “cujo fortíssimo impacto político está longe de se extinguir e de *ser passado*, enquanto se trata de episódios cujos efeitos perduram na vida social e política e nos debates relativos à construção da memória.” Por isso, “a busca de explicações está sempre diante do risco de um excesso de empatia com os protagonistas – suas ideias, ideais e projetos – ou diante de um déficit de compreensão a respeito das condições históricas em que atuaram.” (TORTTI, 2014, p. 18-19, tradução nossa, destaques no original) Mesmo assim, o estudo das atividades comuns àqueles indivíduos que participaram desse “fenômeno a uma só vez político, geracional e cultural” garante a detecção de conjuntos de “interesses, expectativas e valores”, os quais convergiam na definição da política como ferramenta de transformação da sociedade. (TORTTI, 2007, p. 21, tradução nossa) Diante dessas questões e dificuldades, uma possibilidade de recomposição e de interpretação das sociabilidades e das ideias produzidas e difundidas pela “nova esquerda” reside no estudo das revistas culturais.

No que diz respeito às atividades culturais e intelectuais, uma das maiores contribuições da “nova esquerda” foi a introdução “de um novo modo de conceber – e de produzir – a atividade crítica” (DE DIEGO, 2010, p. 401), ruptura que nos interessa particularmente nesta tese enquanto um elemento importante dos itinerários intelectuais que levaram à formação de **Punto de Vista**. Tal postura crítica renovada pode ser percebida no início da formação da “nova esquerda”, destacadamente na revista **Contorno**, publicada entre 1953 e 1959 e dirigida pelos irmãos David e Ismael Viñas. Nessa revista desenvolveu-se uma proposta interpretativa na qual era perceptível:

[...] uma relação *tensionada* entre literatura e política, na qual a literatura não pode ser lida sem ser incluída em uma série da qual nunca está ausente a política, mas que não pode – e não deve – ser *reduzida* a uma espécie de subproduto estrutural de fenômenos políticos que a englobam ou a determinam: a literatura pode ser lida *na* política, e a política *na* literatura, mas não existem relações de inclusão ou implicação entre uma e outra; por outro lado, uma “moral da crítica”, a crítica como uma tomada de posição que abarca decisões de ordem ética e política, o crítico como “intelectual”, no sentido de alguém que exerce a crítica como um modo de intervenção pública. Ou seja, uma concepção sartreana da cultura que lhes permite se

libertar da obscuridade lukácsiana. (DE DIEGO, 2010, p. 401, tradução nossa, destaques no original)

As “coordenadas”, como as nomeia José Luis de Diego, originaram, em **Contorno**, uma crítica: “de revisão da tradição literária argentina”, incidindo, desde a revista, no que se deveria ler; “de atitude polêmica e ‘parricida’ em relação aos seus mestres, em especial Ezequiel Martínez Estrada e Héctor A. Murena”, buscando abandonar certa tradição essencialista e irracionalista de estudos sobre o “ser nacional”; e “de discussão sobre o presente político argentino, que se acentua nos dois últimos números da revista”, detendo-se a um exame minucioso do peronismo. (DE DIEGO, 2010, p. 401-402, tradução nossa) Aliás, começou nessa circunstância uma alteração da compreensão acerca do peronismo entre as esquerdas na Argentina. Se antes o peronismo havia sido “condenado em bloco” – como “uma versão criolla dos fascismos europeus”, sem a devida atenção às suas nuances –, nos “sessenta”, após o advento da Revolução Cubana, passava a ser interpretado como “um movimento que podia ser somado ao multifacetado e heterogêneo campo do antiimperialismo.” (DE DIEGO, 2010, p. 402, tradução nossa)

Se **Contorno** explicita, em seu itinerário crítico, projetos e ações fundamentais para a conformação de linhas interpretativas marcantes nos “sessenta” e nos “setenta” que serão retomadas, revisadas como parte da construção da nova cultura da esquerda argentina e trabalhadas por **Punto de Vista** – cujas operações críticas, em termos gerais, guardam semelhanças com a tradição de **Contorno**⁹ –, foi fundamental também para a renovação da crítica nos “sessenta” argentinos (além de revistas de menor duração, como **El Grillo de Papel**, que se prolongou **El Escarabajo de Oro**, da qual participou Ricardo Piglia, a partir de 1963¹⁰) a revista **Pasado y Presente. Revista trimestral de ideología y cultura**.

Essa revista era dirigida por Oscar del Barco e Aníbal Arcondo e contava, em seu núcleo de elaboração, com José Aricó, Héctor Schmucler e Juan Carlos Portantiero – intelectuais que se encontravam, na ocasião de aparecimento de **Pasado y Presente** (junho de 1963), em processo de afastamento do Partido Comunista (e de suas lideranças, como Héctor P. Agosti) e de aproximação com a “nova esquerda”. Portantiero, por exemplo, havia criticado a nova esquerda anos antes, nos **Cuadernos de Cultura**, órgão de difusão da Comissão de Cultura do partido. (DE DIEGO, 2010, p. 404)¹¹

⁹ Esses argumentos acerca da filiação, das continuidades e rupturas de **Punto de Vista** em relação à tradição de **Contorno** e de **Pasado y Presente** serão melhor desenvolvidos ao longo desta tese.

¹⁰ Conforme entrevista concedida por Ricardo Piglia ao autor desta tese em 26/09/2011, em São Paulo.

¹¹ Piglia, na mesma entrevista de 26/09/2011, ressaltou como a relação desses grupos que começavam a formar o que se chama “nova esquerda” com o Partido Comunista era tensa e ambígua, na primeira metade da década de

O grupo de **Pasado y Presente**, chamado de os “gramscianos argentinos” e interpretado por Raúl Burgos em seu estudo de 2004¹², agrega outros elementos ao processo de renovação crítica da esquerda nos “sessenta”. Aliás, como observa José Luis de Diego (2010, p. 405), a ênfase no novo e no emergente, em **Pasado y Presente**, é explícita desde a apresentação publicada no primeiro número do periódico e elaborada por José Aricó. No programa, exposto no número inaugural, o grupo indicava que a revista pretendia “aplicar ‘o materialismo dialético’, construir ‘um sentido socialista para o país’”, bem como demandar “a validade intrínseca do novo ‘tom’ nacional”. (DE DIEGO, 2010, p. 405) Para tal empreitada, o grupo estava disposto a dialogar com uma nova e amadurecida geração de intelectuais – afinal, Aricó e Portantiero, por exemplo, vivenciaram sua formação nos anos 1950 – e construía suas propostas a partir do diálogo com a obra de Gramsci.

Assumindo, em termos gramscianos, a missão de dirigir intelectual e politicamente o proletariado argentino, e destacando tanto a função social e política dos intelectuais quanto a sua importância na resolução da separação entre intelectuais e povo, **Pasado y Presente** reconhece como um de seus antecedentes a revista **Contorno**. Seguindo por caminhos particulares e enunciando suas propostas desde um lugar social bastante específico, o projeto da revista advinha da cidade de Córdoba, com as suas questões sociais e trabalhistas, bem como com certas tensões políticas e culturais particulares. Apesar de sua existência editorial efêmera – publicou nove números entre 1963 e 1965 e apenas mais alguns após 1973, sob a tutela de Aricó –, **Pasado y Presente** estabeleceu-se duradouramente no campo intelectual argentino,

[...] pela solidez ideológica de seus conteúdos e pela centralidade posterior de seus promotores, tanto no exílio mexicano durante a última ditadura militar, onde editam a revista *Controversia*, como a partir do regresso ao país, uma vez restabelecida a democracia, quando se somam à redação de *Punto de Vista* e fundam, em 1984, o Club de Cultura Socialista. (DE DIEGO, 2010, p. 406, tradução nossa)

1960, por conta da força política e cultural do PC e pelo fato de que vários indivíduos haviam pertencido ao PC e se afastavam dele naquela conjuntura ou alguns anos depois, como será o caso de Carlos Altamirano e de Beatriz Sarlo. Essas crises internas no Partido Comunista e no Partido Socialista foram estudadas por María Cristina Tortti (2002). Piglia relata que uma crítica a Agosti publicada em **El Escarabajo de Oro**, que ele (Piglia) ajudou a elaborar, foi revista e atenuada por outros membros da mesma revista em seguida, o que, inclusive, provocou, segundo ele, sua saída do periódico.

¹² Burgos enfatiza, na introdução de seu estudo (2004, p. 13-14), a difusão ampla do pensamento de Antonio Gramsci na Argentina e, portanto, mostra como o grupo de **Pasado y Presente** não tem nenhuma espécie de monopólio no que diz respeito à apropriação e difusão das ideias do autor na Argentina, apesar de ser, certamente, um dos principais responsáveis por este processo, como destaca o mesmo Burgos ao longo da argumentação e reafirma nas considerações finais de seu livro. (BURGOS, 2004, p. 393)

Aliás, no que diz respeito à centralidade de intelectuais como Aricó e Portantiero que ulteriormente se integraram ao Conselho de Direção de **Punto de Vista** e que, junto a Sarlo, a Altamirano e outros, fundaram o Club de Cultura Socialista (como se explicará adiante), é importante ressaltar como **Punto de Vista** mantém uma dupla relação, ao menos, com os “sessenta” e os “setenta”. Nesses anos se formaram e apareceram publicamente quase todos os intelectuais que criaram e conduziram a revista ao longo de sua existência – com a exceção dos pensadores formados anteriormente, como Aricó e Portantiero, que se incorporaram nos anos 1980, e de outros poucos intelectuais que se agregaram ao projeto também nos 1980 e 1990. Ademais, a revista **Punto de Vista** se debruçou analítica e interpretativamente sobre os “sessenta” e os “setenta” não apenas para entender o presente argentino e intervir política e culturalmente, mas também para eventualmente se filiar às tradições intelectuais daqueles anos, além de revisitar, reorganizar, abandonar e instaurar novas explicações (algumas delas convertidas em referências costumeiramente vistas como paradigmáticas) sobre as décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000, assim como sobre períodos anteriores da história, da cultura e da política na Argentina.

Ou seja, a maior parte dos intelectuais que se vinculou a **Punto de Vista** experienciou a sua formação e o início da sua atuação nos “sessenta”, com algumas exceções entre aqueles que se integraram tardiamente ao Conselho de Direção. Esses intelectuais pertencem, como diz Claudia Gilman, em seu *Entre la pluma y el fusil* (2003, p. 15) – recuperando afirmação de Oscar Terán (1991) e, obviamente, em diálogo com Raymond Williams e seus estudos sobre as “fractions” na Inglaterra –, à “fração crítica” majoritária entre os intelectuais dos “sessenta”. Pesquisadores que se tornaram referenciais, sobretudo a partir das décadas de 1980 e 1990, assumindo, desde então, o lugar de uma tradição e de uma elite cultural e intelectual na Argentina.

Com efeito, por que foram destacadas até aqui, nas iniciativas intelectuais, políticas e culturais dos “sessenta”, as revistas **Contorno** e **Pasado y Presente**? Porque tais periódicos foram fundamentais para a redefinição, na Argentina, de linhas interpretativas e de projetos críticos, culturais e políticos, que perduraram e foram criticados, ampliados e ressignificados nos “setenta” por diversos grupos de intelectuais, entre eles o grupo que participou da revista **Los Libros** e, depois, criou **Punto de Vista**. Mesmo alguns dos chamados “gramscianos argentinos” (Aricó e Portantiero, entre outros), ligados a **Pasado y Presente** e criadores, no exílio mexicano, da revista **Controversia** – com a qual **Punto de Vista** dialogou, como se mostrará –, participaram de **Los Libros** e depois do retorno à Argentina, na década de 1980, integraram-se ao projeto de **Punto de Vista**.

Portanto, os “sessenta” e neles **Contorno** e **Pasado y Presente** conformam uma tradição à qual **Punto de Vista** procurará se vincular de formas variadas, sem imitar, na medida em que seu horizonte de questões e enfrentamentos é diverso e impõe, para citar apenas alguns dos exemplos mais significativos, a necessidade (que não se configurava como premente nos “sessenta”) de refletir a respeito da democracia (em face da redemocratização), da memória (após o *Proceso*), de certos campos disciplinares (como a Psicologia) e das reconfigurações, crises e análises pós-1970 do socialismo, do comunismo e do peronismo. Nesses termos, a filiação de **Punto de Vista** a essa tradição de revistas culturais é parte de um esforço perceptível, que a própria revista buscará legitimar a partir de certas características de seu projeto e, também, a partir das interpretações de **Sur** e **Contorno**, entre outras, publicadas por Sarlo, Altamirano e Gramuglio, principalmente.

É relevante destacar, a respeito dos “sessenta”, que a universidade, entre as instituições culturais de destaque nos primeiros anos da década de 1960, foi um dos espaços privilegiados de problematização e de produção de ideias, principalmente entre a classe média argentina, como asseverou Oscar Terán (2008, p. 74). Na universidade se renovaram, mesmo que de maneira desigual, as disciplinas e áreas das Humanidades e das Ciências Sociais, permitindo o estímulo à transformação intelectual. Tomando-se como exemplo a Universidade de Buenos Aires, na primeira metade da década de 1960, nota-se a relevância das carreiras de Sociologia e de Psicologia, cujo dinamismo era visível para os intelectuais de **Punto de Vista** ligados à UBA naquela conjuntura.

Beatriz Sarlo observou, em entrevista a Alejandro Blanco e a Luiz Carlos Jackson, a diferença entre a atualização desses cursos e o curso ao qual ela estava vinculada na mesma universidade, Letras. Ressaltou nessa entrevista o significado do entorno da UBA, rodeada de livrarias, cafés, instituições, para a sua formação: para Sarlo, a formação na universidade, naquela circunstância, a entusiasmava menos do que os grupos com os quais dialogava fora da UBA e que seriam decisivos para a sua formação e atuação política e cultural na segunda metade da década de 1960, quando se vinculou à EUDEBA e ao Centro Editor de América Latina (CEAL). (SARLO, 2009, p. 135-136)

A renovação da esquerda nos “sessenta” argentinos contou, do mesmo modo, com outras inspirações e motivações além dos influxos modernizadores, dos debates partidários, da importância da universidade (na primeira metade da década) e da reconfiguração crítica expressa em revistas como **Contorno** e **Pasado y Presente**. Como se disse, um desses estímulos foi, certamente, o advento da Revolução Cubana. Desde fins da década de 1950, quando o grupo que liderou a revolução tomou o poder na ilha, até fins da década seguinte,

com o assassinato de Ernesto “Che” Guevara na Bolívia, Cuba e sua experiência revolucionária se converteram em temas de debates e em motores de transformação de grupos da esquerda na Argentina, como aliás ocorreu em diversos países da América Latina. Mesmo sem se aproximar das intenções, propostas e ações do grupo que formará **Punto de Vista**, a possibilidade da esquerda revolucionária armada, da guerrilha, instaurou-se como questão incontornável para os intelectuais.

Com o golpe de 1966, que provocou, conforme indicou Marcos Novaro (2011, p. 94), o fechamento da universidade autônoma e o início da mencionada “fuga de cérebros”, com os protestos de maio de 1968 na França e com o chamado “Cordobazo”, em 1969 (BRENNAN, 1996), entre outras crises, enfrentamentos e manifestações, o cenário de modernização crítica, de transformações e de renovação intelectual se altera profundamente e entra em colapso, desaparecendo qualquer ideia de perpetuar a chamada “Revolução Argentina”, iniciada em 1966. (DE DIEGO, 2010, p. 406)

Os espaços de elaboração e de divulgação de ideias, sem a universidade autônoma, precisaram ser discutidos e as revistas culturais se tornaram não apenas veículos para esse debate como também assumiram, mesmo parcialmente e em termos diversos, os *loci* de produção, de apropriação e de estímulo à divulgação da reflexão crítica. Nesse momento, de fins dos “sessenta” e de transição para os “setenta”, os intelectuais que depois formariam **Punto de Vista** integravam iniciativas culturais relevantes, como a revista **Los Libros**, e desenvolviam atividades em instituições como o Centro Editor de América Latina. Em uma conjuntura marcada pela problematização da noção sartreana de “compromisso” dos intelectuais (TORTTI, 2002; DE DIEGO, 2010), a própria atuação dos intelectuais foi questionada, assim como as suas relações com a população foram problematizadas. Desse processo, em que incide uma nova fase de renovação das referências políticas e intelectuais, emergiram novas práticas culturais.

A transição para os “setenta”¹³ caracterizou-se indelevelmente pelo movimento de radicalização de parcela da sociedade argentina, tanto entre os setores de esquerda quanto no

¹³ Vale enfatizar que, nesta tese, compreende-se as periodizações convencionalmente utilizadas pelos autores que interpretaram a história dos intelectuais na Argentina, ou seja, as categorias “sessenta” (que abarcaria o período entre meados da década de 1950 e meados da década seguinte) e “setenta” (que abarcaria o período entre meados da década de 1960 e o golpe militar em 1976), como recortes analíticos elaborados no presente pelos pesquisadores para atribuir sentido a um processo marcado por continuidades e rupturas. Essas periodizações não serão tratadas neste e nos outros capítulos desta tese como “fases” ou “etapas” isoladas, que simplesmente se sucedem ou superam umas às outras. Mantém-se o uso de “sessenta” e de “setenta”, enfim, por se compreender que cada período é, sim, caracterizado de maneira peculiar em relação ao outro, mesmo que haja vínculos entre eles. Nesse sentido, a simples abolição desses termos não soluciona as dificuldades de abordar esses anos compreendidos, em sua totalidade, entre fins da década de 1950 e meados da década de 1970. Para evitar a

seio do peronismo; grupos que, tendo em vista os acontecimentos de fins da década de 1960, optaram “pela luta armada como estratégia para a tomada do poder.” (DE DIEGO, 2010, p. 406, tradução nossa) Há, nesse sentido, uma ruptura entre os “sessenta” e os “setenta”, entretanto, para além das abordagens que optam por enfatizar apenas as continuidades ou somente as rupturas (DE DIEGO, 2000, p. 2-5), parece mais adequado refletir acerca da transição como processo em que importam tanto as continuidades quanto as rupturas.

Uma das continuidades entre os “sessenta” e os “setenta”, disse José Luis de Diego (2010, p. 406), foi “‘a primazia da política’ ou, nos termos precisos de Terán (1991: 15), [...] a convicção de que ‘a política se transformava na região atribuidora de sentido das diversas práticas, incluída certamente a teórica’.” (DE DIEGO, 2010, p. 406, tradução nossa) A política garantiu a continuidade de sua primazia, porém seu lugar social e suas características se alteraram:

[...] os modos de conceber a política e os métodos de ação política sofrem uma transformação, se não de natureza, pelo menos de grau. Poder-se-ia dizer que até fins dos sessenta o projeto de transformar o mundo e produzir um homem novo girou cento e oitenta graus em seu olhar sobre a sociedade e o Estado visando a sua transformação. Se esse corpo geracional, heterogêneo e multiforme, não concebia a mudança necessária e possível a não ser através da ação revolucionária das massas, nos *primeiros* setenta – essa “década curta” que se encerra com o golpe de Estado – se produz evidentemente um desvio do interesse político para as estratégias de tomada do poder: *olhava-se para a sociedade, agora se olha para o Estado*. (DE DIEGO, 2010, p. 406-407, tradução nossa, destaques no original)

Nesses termos, os primeiros anos da década de 1970 – momento de ebulição política com o retorno do peronismo e depois do próprio Perón ao poder, após a impotência do governo da “Revolução Argentina” que se converteu em um cenário de revolta e de crise (NOVARO, 2011, p. 102-117) – configuraram uma conjuntura em que a violência foi relevante, mas não era resultante do “desvio de interesse político” mencionado por De Diego. Ocorreu, mais propriamente, a “naturalização” da violência como estratégia de tomada do poder, vinculando umbilicalmente política e revolução e se relacionando com os novos interesses políticos. Estabeleceu-se, pois, uma nova questão: a revolução deveria ser feita, mas de que maneira? Constituindo um partido revolucionário, ou lançando mão das guerrilhas urbanas ou rurais, ou transformando o peronismo a partir de dentro, ou se filiando, até o

leitura dos “sessenta” e dos “setenta” como “uma figura homogênea da autoconsciência”, indicou Hugo Vezzetti, deve-se tratar essa(s) época(s) como “um tempo que segue existindo nas heranças e nas apropriações, [...] um passado que se faz presente de um modo conflitivo e fraturado na experiência e em seus efeitos.” (VEZZETTI, 2011, p. 15, tradução nossa) Conservemos, assim, os conflitos e as fraturas.

advento do golpe contra Allende em 1973, à via pacífica chilena. As propostas eram diversas e guardavam um elemento comum: a discussão a respeito de “qual *devia ser* o papel dos intelectuais nesse processo.” (DE DIEGO, 2010, p. 407, tradução nossa, destaques no original)

Não havia necessariamente, no início dos anos 1970, um debate sobre o intelectual “comprometido”; conclamava-se à ação o intelectual “revolucionário”, que se afastaria de seus vínculos com a burguesia e assumiria – não sem conflitos e questionamentos em relação à sua posição de vanguarda e/ou de porta-voz do proletariado – seu lugar no processo. Tomada de posição que confrontava os intelectuais com o dilema: deixar de ser um intelectual – abandonando seus vínculos de classe – para viver a revolução sem adotar posição paternalista e autocomplacente em relação ao proletariado, ou vivenciar “a condição de intelectual como uma consciência ‘desgarrada’ ou ‘culpada’.” (DE DIEGO, 2010, p. 407, tradução nossa)

Como afirmam José Luis de Diego (2010) e Oscar Terán (2008), ambos dialogando com o estudo de Claudia Gilman (2003), a opção pela revolução em detrimento da autonomia intelectual se impôs para muitos grupos então em cena, desenvolvendo-se um anti-intelectualismo e mesmo certa vigilância dos intelectuais, enfraquecendo-se ao extremo as mediações, por exemplo, entre o campo literário e o campo político nos “setenta”. (DE DIEGO, 2010, p. 407-408) Certamente, o grupo de intelectuais que criou, em 1978, **Punto de Vista** e que trabalhava desde os “sessenta” no Centro Editor de América Latina, na revista **Los Libros** e/ou em seus primeiros estudos de maior relevância e visibilidade foi responsável por algumas das principais transformações da nova esquerda intelectual e cultural naquela circunstância em que a política sobrepujava a autonomia intelectual.

O desenvolvimento das revistas culturais nos “setenta”, nesse sentido, foi fundamental enquanto alternativa a uma perspectiva de compreensão da política que resultava em posturas anti-intelectualistas, comprometendo a autonomia da atividade intelectual e artística. (DE DIEGO, 2010, p. 408) No início da década de 1970, lembrou Oscar Terán (2008, p. 81), houve debates no tocante às relações entre literatura e política, bem como a respeito dos vínculos dos intelectuais com a política e a revolução. Em revistas como **Nuevos Aires**, alternaram-se as posições que defendiam uma revolução estética e outras que propugnavam a total subordinação da estética à política. Existia, enfim, estímulo e esforço de reflexão, apesar da crescente radicalização política e da violência que desembocaria, depois de 1973, na censura à cultura. (TERÁN, 2008, p. 82)

Estudar **Punto de Vista**, diante dessas questões apresentadas, é intentar compreender ao menos parte desse processo no qual se entrecruzam continuidades e rupturas em relação aos “sessenta”, porque a revista – e, antes dela, outras publicações de fins dos “sessenta”, como **Los Libros** –, ao garantir certa autonomia intelectual, permitiu enunciar discursos críticos, desde o seu lugar, a respeito das interpretações sobre a cultura, a política e a sociedade argentina advindas do Partido Socialista, do Partido Comunista, do peronismo e de outros grupos da nova esquerda. Pode-se dizer previamente que **Punto de Vista** expressa, outrossim, uma resposta crítica e de enfrentamento ao *Proceso*, iniciado com o golpe de 1976 e recebido por muitos setores da sociedade argentina, como afirma Terán (2008, p. 85), “com uma mistura de alívio, temores e expectativas [...]” (tradução nossa)

A recomposição esquemática do processo histórico argentino – sobretudo em sua dimensão intelectual – dos “sessenta” e dos “setenta” teve até aqui como motivação a necessidade de evidenciar que se dedicar à interpretação da revista **Punto de Vista** – nascida das imbricações entre os projetos e os grupos dos “sessenta” e dos “setenta” – e de seu significado na sociedade argentina implica aproximar-se criticamente da produção a respeito da história dos intelectuais daquele país, na medida em que esses estudos foram elaborados – e continuam a ser – e são marcados por algum tipo de autoria, vínculo ou relação com os criadores e principais responsáveis pela revista ao longo dos seus trinta anos de existência. Atribuir sentido à história de uma revista – e de **Punto de Vista**, mais especificamente – significa, invariavelmente, compreender as relações que ela mantém com questões sociais, políticas e culturais – como as anteriormente abordadas em relação à Argentina –, sem que a abordagem se limite, como afirmou Carlos Altamirano (2007, p. 10-11) a respeito desse tipo de estudo, à discussão apenas intrínseca ou ao “enquadramento” estático do periódico na sociedade, na cultura e na política.

Além do mais, qualquer atribuição de conexões entre **Punto de Vista** e uma tradição da qual participem as revistas **Contorno** e **Pasado y Presente** e, depois – como lugares de sociabilidade intelectual aos quais se vincularam diretamente os membros fundadores de **Punto de Vista** –, o Centro Editor de América Latina, a revista **Los Libros**, a Vanguardia Comunista (VC), entre outros espaços e instituições em que se encontraram e trabalharam juntos os fundadores da revista, será sempre arbitrária e, portanto, fruto da perspectiva interpretativa proposta nesta tese e das escolhas da investigação.

Desse modo, tal perspectiva interpretativa, obviamente elaborada a partir da leitura das fontes e da bibliografia e da análise das trajetórias, dos itinerários e das sociabilidades, mostrou que **Punto de Vista** se dedicou à elaboração de um projeto de interpretação da

cultura e da política que pretendia se tornar uma alternativa em uma sociedade degradada. Ao fazê-lo, o núcleo de direção do periódico retomou **Contorno e Pasado y Presente** – inclusive estabelecendo alguns dos parâmetros para as atuais leituras da revista dos irmãos Viñas –, associou-se a essa tradição e dialogou com os grupos de intelectuais, principalmente com os “gramscianos argentinos” que depois criaram a revista **Controversia** (BURGOS, 2004; CASCO, 2008, 2013; DE DIEGO, 2000; GAGO, 2012; SOLER, 2008).

Os “gramscianos”, aliás, mantiveram intercâmbios e trocas com Sarlo, Altamirano e companhia durante a ditadura e após o seu término. Afinal, Aricó e Portantiero, advindos de **Pasado y Presente**, com textos publicados em **Los Libros** e com a experiência de **Controversia**, e Oscar Terán, que participou da revista fundada no México, integraram-se a **Punto de Vista** em seu retorno à Argentina e fundaram o Club de Cultura Socialista, além de colaborarem conjuntamente em outras publicações como **La Ciudad Futura**, **Unidos** e **Prismas** (GARATEGARAY, 2013; REANO, 2012). As trocas, os diálogos, os debates, as aproximações e os afastamentos entre os intelectuais, perceptíveis no estudo desses lugares de sociabilidade – as revistas –, ampliam as possibilidades de significação do material publicado em **Punto de Vista**. Ademais, é preciso perceber como, em torno da revista, ao longo de suas três décadas, configurou-se uma elite cultural e intelectual que pode ser considerada, também, uma força politicamente relevante.

1.2. Notas sobre a formação de *Punto de Vista*

Tanto quanto resulta trabalhoso problematizar, em linhas gerais, os anos 1960 e 1970, em suas transformações, em suas continuidades e em seus processos mais significativos, é empreitada árdua periodizar e interpretar a conformação do grupo de intelectuais que criou a revista **Punto de Vista** e a dirigiu durante a maior parte de sua história. Os especialistas franceses na História Intelectual debateram sistematicamente, por exemplo, os problemas, as vantagens e as desvantagens do emprego do conceito de geração para tentar aproximar trajetórias pessoais e intelectuais que se cruzam e se aproximam em algum momento ou em algum lugar, como uma revista.

Neste estudo, inspirado pelas propostas da História Intelectual francesa, não se pretende utilizar a noção de geração para interpretar o grupo de **Punto de Vista**, pois se compreende – a despeito das inegáveis “solidariedades de idade” (SIRINELLI, 2003, p. 254) e das experiências políticas e culturais partilhadas nos anos de formação e nos primeiros tempos de sua atuação como intelectuais – que Sarlo, Altamirano, Vezzetti, Piglia, Gramuglio,

Sabato e outros interessam especificamente pelas escolhas que os conduziram à formação de um coletivo intelectual e, depois, de uma revista. Seus itinerários individuais, os quais expressam formações peculiares, de várias áreas do conhecimento, obtidas em diferentes regiões e instituições da Argentina – que mereceriam, obviamente, estudos detalhados –, ganham significado e importância ao convergirem em **Punto de Vista** e em certas experiências culturais e políticas imediatamente anteriores e posteriores à criação do periódico.

Prefere-se, nesse sentido, lançar mão da noção de sociabilidade intelectual para se afastar das “generalizações apressadas” e das “aproximações duvidosas” e para permitir que sejam aferidas também as contingências, as imprevisibilidades, os desvios, mesmo em meio às tendências, no processo de delimitação das regularidades dos comportamentos, de análise das ideias e de recomposição da estrutura dos grupos. (SIRINELLI, 2003, p. 247-248) O termo sociabilidade reveste-se “de uma dupla acepção, ao mesmo tempo ‘redes’ que estruturam e ‘microclima’ que caracteriza um microcosmo intelectual particular.” (SIRINELLI, 2003, p. 253) Em vista disso, as estruturas de sociabilidade se configuram tanto em pequenos grupos quanto em redes mais amplas, e uma das estruturas elementares de sociabilidade intelectual, como se disse anteriormente, é uma revista, simultaneamente estruturante do campo intelectual e permeável a ele.

Se **Punto de Vista** pertence, como se disse antes, a uma tradição cultural e intelectual que se conformou principalmente nos “sessenta” e nos “setenta” – à qual a revista trabalhou para se filiar –, sua história começa, para definir certa cronologia intelectual, a partir desse “substrato” em que foram configuradas e debatidas diferentes culturas políticas. Destacar-se-á, a seguir, alguns elementos da trama social, alguns grupos e mesmo instituições que foram significativos, especificamente, para o arranjo intelectual que resultou na revista: o Centro Editor de América Latina, a revista **Los Libros** e a Vanguardia Comunista. Como se procurará explicar, nem todos os membros fundadores se relacionam da mesma forma com esses lugares de sociabilidade.¹⁴

¹⁴ É importante ressaltar: em 1977, quando **Punto de Vista** começou a se formar oficialmente por meio das reuniões que seriam nomeadas “Salón Literario”, o que estava se estruturando era uma nova revista mas não necessariamente a sociabilidade do grupo de intelectuais que a criou. A revista surgia a partir de um coletivo de trocas políticas e culturais que já existia pelo menos parcialmente desde a época de **Los Libros** (com os vínculos de Altamirano, de Sarlo e de Piglia). Tratava-se de um grupo que se encontrou e se organizou a partir do início dos anos 1970 na revista fundada por Schmucler. Esse é um destaque relevante porque alguns intérpretes de **Punto de Vista** costumam afirmar que a rede de sociabilidade dos intelectuais da revista teria começado a se configurar por conta do surgimento do periódico, quando parece mais correto indicar que isso se deu em **Los Libros** e no CEAL e depois continuou em **Punto de Vista** e no Club de Cultura Socialista, ocasiões e locais em que outros se agregaram a essa sociabilidade. Afinal, **Los Libros** foi uma publicação na qual, além de Piglia, de

Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano, por exemplo, filhos das camadas médias da sociedade argentina¹⁵, concluíram suas graduações em Letras, respectivamente pela Universidad de Buenos Aires (UBA), na capital, e pela Universidad Nacional del Nordeste (UNNE), em Corrientes, nos primeiros anos da segunda metade da década de 1960. Recém-ocorrido o golpe de 1966, lugares como o Centro Editor de América Latina (CEAL) se converteram, para esses jovens de Buenos Aires ou recém-chegados à capital vindos do interior, numa referência, “uma espécie de pós-graduação”, nos termos de Graciela Montes recordados por Beatriz Sarlo. Afinal, continuar na universidade para estudos de doutoramento, por exemplo, tornou-se inviável após 1966, graças ao desmonte das instituições promovido pela ditadura de Onganía. No caso de Altamirano e Sarlo, os dois passaram a atuar, em fins da década de 1960 e principalmente nos primeiros anos dos 1970, como assessores do CEAL, organizando coleções. Disse Sarlo, em entrevista a Blanco e a Jackson: “Aprendemos muita literatura, porque tínhamos que preparar os livros, e arte, porque os escritórios de diagramação do CEAL eram excelentes.” (SARLO, 2009, p. 136-137)

Mas o que foi o Centro Editor de América Latina? De acordo com Hernán Invernizzi e Judith Gociol, em *Un golpe a los libros* (2007b), importante estudo sobre a repressão à cultura durante a ditadura militar vigente entre 1976 e 1983 na Argentina, o CEAL surgiu em setembro de 1966, após a “noite dos bastões largos”, momento de ataques do governo de Onganía às universidades. O Centro é um prolongamento do projeto editorial que se vinha desenvolvendo na EUDEBA e os principais responsáveis por esse projeto, como Boris Spivacow, gerente, e José Babini, diretor, renunciaram às suas funções na editora estatal logo após as repressivas iniciativas governamentais, como explica Susana Zanetti, em diálogo publicado em outro livro sobre o CEAL. (ZANETTI apud SOMOZA; VINELLI, 2006, p. 279) Zanetti, que participava de EUDEBA desde 1958, quando a editora foi criada, acompanhou junto com outros funcionários, entre eles Beatriz Sarlo, a renúncia de Spivacow. Com ele, esses indivíduos fundaram o CEAL. Zanetti explicou esse momento de transição:

EUDEBA havia pretendido ser uma editora universitária moderna, não ligada aos manuais ou à bibliografia indicada pelos professores, mas sem desconhecê-la. Isto supunha também buscar um público leitor muito amplo e intervir de maneira forte na conformação de leitores.

Altamirano e de Sarlo, interagiram direta ou indiretamente Nicolás Rosa, María Teresa Gramuglio, Hugo Vezzetti, José Aricó, entre outros que colaboraram depois mais rápida ou mais duradouramente em **Punto de Vista**.

¹⁵ Para mais detalhes a respeito das origens familiares de ambos, recomenda-se principalmente, no caso de Sarlo, as entrevistas concedidas a Blanco e a Jackson (2009) e a Pires (2011), e, para Altamirano, as entrevistas concedidas a Trímboli (1998) e a Mejia-Rivera (2012).

O Centro Editor apostou muitíssimo mais que EUDEBA em intervir na constituição de um público de leitores amplo, muito amplo, tratando de obter o interesse de diferentes setores.

[...] A ideia de trabalho em equipe [em EUDEBA] foi muito importante, uma equipe formada por pessoas como Beatriz Sarlo, Aníbal Ford, Pepe Bianco, entre outros, que não direcionava o olhar para o acadêmico. Logicamente isso não significava que não se queria estar na Universidade, apenas que isso não era o fundamental. [...] **Os que trabalharam ali pensavam que a literatura, a arte, os discursos sociais, políticos, estéticos, tinham um enorme poder de intervenção; pode ser que isso se relacionasse com a mentalidade dos anos sessenta.**

Quando Boris e outros renunciantes de EUDEBA fundam o CEAL, torna-se necessário conseguir capital privado, que é aportado por docentes, graduados, estudantes e achegados ao âmbito universitário. (ZANETTI apud SOMOZA; VINELLI, 2006, p. 280, tradução e destaques nossos)

O CEAL, sem certas limitações que havia em EUDEBA por conta dos vínculos desta com a estrutura universitária, manteve iniciativas da antiga editora, mas também inovou diversas vezes, como ao criar “Capítulo”, a primeira coleção literária vendida em bancas, disse Sarlo. (SARLO apud SOMOZA; VINELLI, 2006, p. 281) Entregando semanalmente um fascículo e um livro, a coleção “Capítulo” integrava o projeto fundamental e mais amplo do Centro, utópico, de “mais livros para mais”, no qual se pretendia “que os livros chegassem a todos os setores sociais e a todos os rincões do país, divulgar o saber e a cultura em edições baratas e cuidadas, introduzir um discurso modernizador [...]” (SOMOZA; VINELLI, 2006, p. 287, tradução nossa) O projeto, inovador em muitos aspectos (como na introdução de discos, mapas e fotografias que acompanhavam os livros), foi bem sucedido, afinal, como apontou Beatriz Sarlo: “Nos anos setenta, em qualquer lugar do país onde houvesse uma casa com uma pequena biblioteca, esta [...] estava cheia de livros do Centro Editor.” (SARLO apud SOMOZA; VINELLI, 2006, p. 289, tradução nossa)

Um projeto de alcance nacional centrado nos livros certamente deveria ser diversificado e, no caso do CEAL, suas iniciativas abarcavam “distintas dimensões relacionadas com o país: a dimensão literária, a histórica, a econômica, a geográfica, a de história popular...” (SARLO apud SOMOZA; VINELLI, 2006, p. 291-292, tradução nossa) A diversidade do CEAL não se resumia à pluralidade de suas iniciativas editoriais, mas existia, também, na heterogeneidade de seus colaboradores, basicamente empenhados em ações que consideravam vanguardistas, cultural e politicamente. Portanto, nem sempre o reformismo de Spivacow agradava àqueles que preferiam medidas de vanguarda estética e artística, as quais, obviamente, não eram prioritariamente democráticas, ao menos não nos moldes das políticas culturais de democratização do conhecimento tal como as concebidas pelo diretor do CEAL. (SARLO apud SOMOZA; VINELLI, 2006, p. 292, tradução nossa)

Essas tensões internas se conservaram e foram, em alguma medida, a origem da multiplicidade característica das publicações do CEAL, textos que intervieram nas tradições culturais argentinas naquele momento, transformando-as. Ao mesmo tempo, todos os colaboradores do CEAL modificaram-se profundamente e encontraram no Centro um espaço de treinamento e formação – conduzida por Spivacow, mas resultante da interação e das trocas –, um lugar de aprendizagem de um ofício, que seria determinante para a trajetória posterior de muitos intelectuais, como disse Sarlo: “[...] eu posso fazer *Punto de Vista* de memória e não há nenhum impressor que possa me superar em nenhum aspecto, porque tenho um ofício que se inicia na concepção do livro e se encerra quando o entrego a uma distribuidora.” (SARLO apud SOMOZA; VINELLI, 2006, p. 299, tradução nossa)

Uma das instituições culturais mais perseguidas e afetadas pela censura, convivendo constantemente com as dificuldades financeiras desde a sua criação e principalmente a partir de 1976, como mostraram o já citado estudo de Invernizzi e Gociol (2007b) e o imprescindível livro/catálogo *Más libros para más*, organizado pela mesma Judith Gociol (2007a), o CEAL garantiu aos seus colaboradores a experiência de desenvolver um projeto de cultura amplo e constantemente vigiado e censurado. Por conseguinte, aqueles que trabalharam no Centro nos “setenta” elaboraram gradualmente estratégias para ir além dos limites impostos pelos governos e o CEAL, como instituição, permitiu tal elaboração. Criado, afinal, como resposta a uma ditadura, tornou-se cada vez mais combatente a partir de 1976, resistindo à repressão e à censura. Susana Zanetti disse que, diante da ditadura, as relações coletivas foram fundamentais, ou seja, as sociabilidades intelectuais no CEAL se adensaram como resposta à circunstância de autoritarismo; progressivamente, o Centro passou a ser um alvo do *Proceso*.

O enfraquecimento definitivo do CEAL enquanto instituição não ocorreu, todavia, durante a última ditadura militar, mas se deu, sobretudo, diante da fragilização de uma “cultura do livro” e das transformações do mundo editorial na Argentina a partir da redemocratização, nos anos 1980. (SOMOZA; VINELLI, 2006, p. 322) As demandas intelectuais, culturais e políticas se alteraram com o fim da ditadura e as condições de elaboração e de estímulo à circulação de bens culturais e de políticas culturais eram diversas, pois não havia mais censura e repressão. Nesse cenário, o CEAL e sua postura reformadora perderam espaço, sem, contudo, apagar o seu legado: modernização cultural, releitura das tradições, debate intelectual e intervenção política por meio da cultura foram fundamentos do projeto do CEAL que podem ser percebidos nas ações dos seus colaboradores em âmbitos diversos, como é perceptível, ainda na segunda metade dos anos 1970, em **Punto de Vista**.

Como era próprio daquela conjuntura de fins da década de 1960 e início da década seguinte, em que conviviam a violência e as ações em prol da transformação da sociedade, os intelectuais que trabalhavam no CEAL desenvolviam outros projetos culturais e políticos simultaneamente, em geral menos institucionalizados. Altamirano e Sarlo, por exemplo, desde fins da década encerrada simbolicamente pelo “Cordobazo”, estavam envolvidos, enquanto empregavam-se no Centro, em outra iniciativa intelectual fundamental para a compreensão do processo que levará à criação de **Punto de Vista**: a revista **Los Libros**. Tal periódico começou a circular em 1969, fundado e dirigido por Héctor Schmucler, recém-chegado da França, onde tinha estudado com Roland Barthes. Em **Los Libros**, Sarlo e Altamirano se aproximaram ainda mais de alguém que conheciam: Ricardo Piglia, nascido em Adrogué e vindo de La Plata, cidade em que havia se graduado em História na Universidad de La Plata. Naquele momento, na segunda metade da década de 1960, ele já havia começado a publicar seus textos literários, sobretudo contos, e contribuía em periódicos diversos, atuando em editoras e tendo participado, junto com Schmucler, da criação e do desenvolvimento da revista **Los Libros**. (PIGLIA, 2001)

Los Libros tornou-se, entre 1969 e 1976 (enquanto circulou), um espaço de estabelecimento, conforme síntese precisa de José Luis de Diego, de uma série de novidades que terão impacto nos anos posteriores entre os intelectuais argentinos, a saber:

[...] a) a origem e o desenvolvimento de uma nova crítica, alguns dos seus representantes ocuparão um lugar central nos oitentas e nos noventas; b) a presença privilegiada – enquanto *objeto* dessa nova crítica – de textos literários de recente aparição, o que produz uma crescente contaminação entre um discurso crítico cada vez mais preocupado com a elaboração *formal* de sua escritura e uma produção literária cada vez mais inclinada a incorporar em suas ficções o que aparece como uma demanda da nova crítica: a crise de um modo de conceber a literatura como representação do mundo social – muitas vezes considerada “ingenuamente realista” – pode ser lida como o resultado dessa contaminação; c) a atualização teórica – aberta a saberes diversos: marxismo, psicanálise, estruturalismo, semiologia, etc. – e a sofisticação discursiva geram a ilusão de *cientificidade* da prática crítica sustentada na *segurança* no manejo de seus instrumentos; a partir daí, é possível revisitar aos clássicos da geração que os antecede e assim marcar as diferenças: Sábato, Marechal, Viñas, Cortázar, Bioy Casares, etc.; d) a quarta novidade é a presença na revista de uma espécie de *crítica de controle* para manter os instrumentos de análise devidamente aceitos; é frequente ler uma prática de “crítica da crítica” na qual os livros de crítica publicados pelos colaboradores de *Los Libros* são criticados por seus colegas, de modo que os colaboradores são alternativamente *sujeito* e *objeto* do discurso crítico. [...]. (DE DIEGO, 2000, p. 73, tradução nossa, itálicos no original)

Para a consecução do projeto de **Los Libros**, principalmente em seus anos finais, Altamirano, Piglia e Sarlo foram fundamentais. Além deles, outros intelectuais que depois se vincularão a **Punto de Vista** mais estritamente, como José Aricó e Juan Carlos Portantiero, também colaboraram em **Los Libros**, sem contar outros que escreverão em **Punto de Vista** ou estarão envolvidos em debates com a revista nos anos 1970, 1980 e 1990, entre os quais se destaca, certamente, Héctor Schmucler, importante figura outrossim em **Controversia**. Altamirano, Piglia e Sarlo, ao lado de Schmucler e outros, esforçaram-se para a definição dos princípios dessa “nova crítica”, praticada por indivíduos que participavam daquilo que seria chamado, anos depois, de “nova esquerda intelectual”. Reivindicaram, como aponta De Diego (2000, p. 74-75), a revista como criadora de um “novo espaço”, como se disse na publicação em tom marcadamente estruturalista. Essa autorreivindicação apareceu no número 01, em um texto-editorial:

Os comentários que cercavam o aparecimento da primeira edição de **Los Libros** coincidiram em afirmar um lugar comum: “a revista preencherá um vazio”. A aventura de construí-la – embora repleta de incertezas – tinha sido imaginada, de fato, em virtude do estímulo de ausências perturbadoras; mas o sentido real que a justificava apenas se tornou visível na prática da sua elaboração. As hesitações iniciais foram de ordem semântica: como definir aquilo que enuncia sua inexistência? O vazio, se requer, apesar de tudo, uma formulação lógica, aparece como a área onde se estabeleceu um limite. Começa onde termina algo determinado, no momento em que esse algo indica seu silêncio; o vazio como tal não indica nenhuma diferença. Na prática modeladora da revista se conheceram os dados da realidade que comporta um vazio e que, simultaneamente, formula requerimentos para o cobrir.

Trata-se, pois, de criar um espaço que, no caso de **Los Libros**, tem um terreno preciso: a crítica. Dar-lhe um objeto – defini-la – e estabelecer os instrumentos de sua realização permitiram desenhar a materialidade com a qual se pretende preencher o “vazio” da recordada expressão de circunstância.

Los Libros não é uma revista literária. Entre outras coisas porque condena a literatura no papel de ilusionista que tantas vezes lhe foi atribuído. A revista fala do livro, e a crítica que se propõe está destinada a dessacralizá-lo, a destruir sua imagem de verdade revelada, de perfeição a-histórica. Na medida em que toda linguagem está carregada de ideologia, a crítica aos livros sublinha uma interrogação sobre as ideias que eles contêm. O campo de tal crítica abarca a totalidade do pensamento. Porque os livros, concebidos mais além do simples volume que agrupa um número determinado de páginas, constituem o texto onde o mundo se escreve a si mesmo. (“La creación de un espacio”, **Los Libros**, año 1, n. 1, jul. 1969, p. 3, tradução nossa)

A repetição da missão de **Los Libros** ao longo do texto – “preencher o vazio”, com a palavra “vazio” como algo que reverbera – explicita como o grupo que a criou, liderado por Schmucler – Piglia não aparecia efetivamente, apesar de colaborar desde o início, enquanto

Sarlo e Altamirano só viriam depois –, acreditava em uma missão para a revista e se propunha um desafio marcante para a crítica a realizar, afinal, essa abarcaria, como objeto, “a totalidade do pensamento”. Tal posicionamento pode ser melhor compreendido se aproximado dos esforços críticos em voga naquela conjuntura, especialmente do estruturalismo. De qualquer maneira, nem tudo cabia na totalidade a ser analisada na revista, como indicou Schmucler em entrevista a Jorge Wolff:

Havia uma opção coletiva, digamos, pensada, que era a oposição às modas, às modas no sentido de uma coisa fabricada. Mas também havia muitas opções determinadas pelos colaboradores da revista, e as opções eram mais especificamente de quem era convidado a colaborar e não tanto um pensamento coletivo sobre literatura. Mas havia sim um grupo mais próximo da revista... uma valorização de uma literatura que fosse coerente com esta ideia da cultura em geral que tínhamos como valorização daquela cultura que era revulsiva, que era crítica, crítica em um sentido amplo [...]. (SCHMUCLER, ROSA, 2001, p. 16)

Nos anos iniciais da publicação, aqueles que se convencionou chamar de fase inicial ou de primeira fase (aproximadamente até 1971-72), **Los Libros** desenvolveu de maneira significativa esse projeto crítico, com alcance mesmo entre aqueles que preferiam discursos mais voltados à discussão das possibilidades da revolução. Tratando desses anos iniciais, disse Beatriz Sarlo, em entrevista a Jorge Wolff:

– Você disse em uma entrevista que considera mais significativa a primeira etapa de *Los Libros* do que o que veio depois. Como você leria esta primeira etapa?

– Essa é minha opinião, creio hoje que é mais significativa porque acredito que tinha um projeto mais amplo e mais firmemente estabelecido no campo intelectual. Creio que foi uma revista da modernização, uma das ondas, possivelmente a última onda antes da ditadura militar, da modernização teórica na Argentina. [...]

Quando sai em 1969 ainda nos parecia relativamente aceitável uma revista de atualização bibliográfica, que claramente girou sobre alguns polos teóricos: o marxismo, a psicanálise, a linguística, o estruturalismo antropológico, a antropologia estrutural, as teorias da comunicação. Diria que a revista pensou em intervir muito fortemente nesses polos teóricos. A universidade estava fechada para quase todas as pessoas que estavam na revista e portanto a revista de alguma maneira se ocupava de um material que em momentos mais normais de uma sociedade está nas instituições acadêmicas.

[...] [as notas e artigos eram] novidades para um público um pouco mais amplo, não novidades para o público mais restrito, para os atores mais restritos: batalhas ideológico-teóricas para um público mais amplo. Parece-me que esses primeiros dez números [...] cumprem efetivamente essa tarefa de modernização teórica e de desafio teórico. (SARLO, 2001, p. 34, tradução nossa)

De Diego (2000, p. 76-83), a esse respeito, assevera que princípios marcantes do discurso crítico dos anos 1970 encontraram lugar para seu desenvolvimento particular em **Los Libros**: “a relação crítica-política”, que se resolve apenas no discurso crítico, quando se estabelece “como ler o *político* onde não está presente a *política*”, e que será fundamental para delimitar uma forma de ler o político na cultura depois será recuperada – conforme se entende nesta tese – no projeto de crítica de **Punto de Vista**; um esforço de “latino-americanização” da revista, que aproxima substancialmente a Argentina e os demais países da América Latina e que também será perceptível em **Punto de Vista**; uma discussão sobre cultura popular e suas relações com os projetos nacionalistas, retomada e aprofundada na revista criada em 1978; um debate sobre o “pensamento nacional”, recuperado e desenvolvido em **Punto de Vista**; uma crítica dos meios de comunicação, desenvolvida apenas parcialmente por Sarlo e outros em **Los Libros** e levada a uma dimensão de maior complexidade em **Punto de Vista**; e por fim uma postura de reflexão crítica a respeito da dependência cultural provocada pela realização de uma “crítica política da cultura” a partir de modelos importados, estimulando-se o debate sobre a libertação ou os problemas advindos dessas operações interpretativas e conclamando a necessidade de adaptação e filtragem dos modelos e instrumentos à realidade de países subdesenvolvidos e dependentes¹⁶ – essa preocupação se manterá em **Punto de Vista**, que dialogará efetivamente com modelos latino-americanos de crítica, como os de Ángel Rama, Antonio Candido, entre outros, sem perder o interesse pelos autores europeus e afins.

O trabalho em **Los Libros** teve, ademais, importante dimensão de intervenção política a partir de 1973-1974, graças à aproximação de Altamirano, Sarlo e Piglia dos grupos maoístas – a importância dessa aproximação na definição de temas e questões a serem debatidas é inegável, além de ela ter sido decisiva para a própria história interna dos intelectuais no periódico. Debateu-se na revista, por exemplo, como alcançar o objetivo de realização da revolução, bem como se discutiu a relação entre os intelectuais e os trabalhadores e a emergência de uma classe operária. Houve um esforço de “articular as práticas específicas dos intelectuais com as diversas organizações revolucionárias”, mesmo que **Los Libros** “estabeleça uma autonomia relativa do trabalho intelectual.” (CELENTANO, 2014a, p. 3; p. 16, tradução nossa) Trata-se de uma revista fundamental para a formação da

¹⁶ Na nota editorial intitulada “Etapa”, publicada no número 8, de maio de 1970, após um longo trecho de autocritica e reflexão sobre os então dez meses de existência do periódico, se dizia: “É sabido que com a crítica de livros não se superará o subdesenvolvimento de que padecem os países latino-americanos. Mas é enganosa toda postulação transformadora que continue falando a velha linguagem. Na busca do novo, **Los Libros** justifica sua existência.” (“Etapa”, **Los Libros**, año 1, n. 8, mai. 1970, p. 3, tradução nossa)

“nova esquerda” e mais especificamente da “nova esquerda intelectual” – voltar-se-á a essa questão a seguir.

Se até 1976, mesmo com o crescimento da repressão no governo de Maria Estela Perón, ainda havia condições mínimas para a reflexão e se percebia a pluralidade de temáticas em um quadro geral de modernização cultural, após o golpe de março se estabeleceram na sociedade argentina, entre 1976 e 1978, os debates sobre o autoritarismo motivados pelo golpe militar, acirraram-se as posições políticas e a discussão a respeito de como resistir ao *Proceso* resultou incontornável. Alguns grupos e indivíduos preferiram a luta armada, outros buscaram o exílio – como será o caso de Aricó, Portantiero, Schmucler, Terán, entre outros – e houve, ademais, aqueles que consideraram possível resistir a partir da atuação intelectual. Essa postura foi a de **Punto de Vista**.

Diante desse quadro de fechamento da sociedade, de censura, de repressão e da diminuição dos espaços de atuação dos intelectuais, Sarlo, Altamirano e Piglia, que haviam experimentado a atuação em prol da transformação intelectual, cultural e política, inclusive diante do autoritarismo, quer seja no Centro Editor de América Latina, na revista **Los Libros** (e nas várias outras revistas efêmeras em que colaboraram e que não serão aqui destacadas) ou nos contatos com agremiações políticas como o Partido Comunista Revolucionário (PCR) ou como a Vanguardia Comunista (VC), juntaram-se a Hugo Vezzetti¹⁷, María Teresa Gramuglio e a alguns membros da VC, para criar o periódico que se toma como fonte e objeto nesta tese.

O processo de gestação de **Punto de Vista** foi recontado sumariamente por Beatriz Sarlo, em um ensaio interpretativo/memorialístico publicado em 1999. Disse que, em 1977, ela, Altamirano e Piglia se encontraram em um café de Buenos Aires, visando restabelecer minimamente alguns vínculos intelectuais e fomentar a resistência antiditatorial, num cenário de isolamento dos indivíduos, de temores e de fragmentação das sociabilidades intelectuais. Vale a leitura do trecho inicial do texto de Sarlo, veiculado na coletânea sobre revistas latino-americanas organizada por Sosnowski:

Em meados de 1977, Carlos Altamirano, Ricardo Piglia e eu nos encontramos em um café de Buenos Aires. Era, sem dúvida, um momento obscuro da ditadura militar; o terrorismo de Estado estava em seu zênite e todas as saídas pareciam hermeticamente fechadas. Nós três havíamos compartilhado a direção da revista *Los Libros*, fundada em 1967¹⁸ por Héctor Schmucler, que os militares fecharam em maio de 1976. Quando nos

¹⁷ Vezzetti colaborou diretamente em **Los Libros** desde 1973, publicando artigos sobre saúde mental. Ou seja, pelo menos desde essa época se aproximou de Sarlo, de Altamirano e de Piglia.

¹⁸ Em que pese a declaração, **Los Libros** foi fundada em 1969, como se disse antes.

encontramos no ano seguinte, a ideia de reconstruir alguns vínculos entre intelectuais, fosse como fosse e ainda que apenas alcançassem uma extensão mínima, voltou a nos reunir em uma tarefa que tinha algo de resistência antiditatorial e muito de refúgio contra os fantasmas do isolamento e do medo que a ditadura havia instalado em todas as partes. A fragmentação do campo cultural parecia um dado irreversível no curto prazo e tudo o que podíamos imaginar era frágil, provisório e perigoso.

Do passado imediato, Piglia conservava alguns amigos e conhecidos em um pequeno partido de esquerda revolucionária¹⁹, Vanguardia Comunista. Tratava-se de dirigentes que, como nós mesmos, tinham salvado suas vidas (logo se veria que por pouco tempo) mas estavam isolados do que se chamava o “movimento de massas”, que a ditadura tinha desarticulado completamente. Um deles, Elias Semán, se encarregou de estabelecer um diálogo conosco, cheio de boa vontade, intensidade e conflito. Em certo sentido, tínhamos todo o tempo do mundo, já que não havia muito o que fazer em uma sociedade capturada pelo medo. (SARLO, 1999, p. 525-526, tradução nossa)

Nota-se, evidentemente, o peso da intérprete na declaração, quando Sarlo se utiliza de conceitos como “terrorismo de Estado” e “campo cultural”, amplamente utilizados somente depois de anos e não em 1977, mas, sobretudo, quando faz referência a uma percepção no mínimo improvável para aquele momento, de que havia uma fragmentação irreversível no campo cultural. De qualquer maneira, ainda no que diz respeito ao contato com a Vanguardia Comunista e ao apoio oferecido por esse grupo para a criação, inicialmente, de espaços de discussão, disse a mesma autora em entrevista recente, de 2012:

[...] quando começamos a fazer *Punto de Vista* – creio que disse isso em muitas reportagens – foi como os exercícios físicos realizados pelos presos. Isso que dizem as pessoas que estiveram muito tempo presas, que todos os dias tens que se levantar e pensar como se estivesse em uma academia, é parte de sua rotina. PdV [**Punto de Vista**] era isso para nós, o exercício do preso. O preso que procura onde entram os raios de sol e ali permanece, os 40 minutos que o sol entra porque tem que fazer exercícios de braços, pernas, abdominais, alongar-se. Tem que se manter perfeito, porque as condições de privação da liberdade são tão extremas. Isso foi para nós PdV. Era mais do que uma salvação desse núcleo de pessoas, e de quem o rodeava, uma aposta para que esse núcleo pudesse seguir subsistindo na Argentina.

[...] Nós desde o começo da ditadura tivemos duas hipóteses. Uma hipótese era que havia que se fazer todo o possível para reagrupar o campo intelectual. Esta iniciativa foi precedida pelo que chamamos emblematicamente o Salão Literário, que iniciamos praticamente depois do golpe de estado. Tratava-se de agrupar pessoas para que se sentassem e discutissem. Em 1976 ter pessoas agrupadas em um lugar como este para discutir temas de cultura argentina já era uma espécie de ato subversivo, porque além disso as pessoas se sentiam muito em perigo.

¹⁹ Como enfatizou Adrián Celentano (2012a), a Vanguardia Comunista, fundada em abril de 1965, “não utilizava a palavra ‘partido’ em seu nome pois se considerava simplesmente um ‘destacamento’ que assumia a tarefa de construir um novo partido.” (tradução nossa)

O Centro Editor de América Latina nos emprestou um escritório e ali funcionávamos. Nesse grupo estavam quase todas as pessoas de PdV e algumas outras. Isso aconteceu em fins de 76 e durante todo o ano de 77 até que começou a preparação de PdV.

Em meados de 77 nos colocamos em contato com a Vanguardia Comunista. Disseram-nos: “com esta iniciativa que vocês tem, nós oferecemos a verba se quiserem publicar uma revista.” Tinha que ser uma revista – na fórmula leninista – em linguagem esópica²⁰. Isso é, dado que não podíamos assinar [os artigos] e que não se podia falar dos temas principais abertamente, falar-se-ia de forma subliminar. Por exemplo, fazer uma nota sobre *La tradición republicana*, o livro de Botana, para falar, subliminarmente, de algum tema da atualidade. Eu não podia assinar de jeito nenhum porque tinha sido diretora da revista *Los Libros*, com Altamirano e Piglia, que em 76 havia sido fechada pelos militares, ou seja, nós não podíamos assinar. (SARLO, 2012, tradução nossa)

Sarlo, Altamirano e Piglia debateram então com Elias Semán, Rubén Kristkauský e Abraham Hochman, da Vanguardia Comunista, temas da política e da cultura e se evidenciou, portanto, a relevância política de configurar um grupo de intelectuais em torno de uma revista. Mas não eram apenas os temas culturais que ocupavam os debates então travados:

[...] A discussão doutrinária sobre as táticas da esquerda se mesclava às informações concretas da desarticulação pelas forças repressivas. Neste marco, a ideia de nos vincularmos novamente a um grupo de intelectuais pareceu a Elias Semán uma tarefa definidamente política. (SARLO, 1999, p. 526, tradução nossa)

No caso de um periódico cuja história e desenvolvimento vinculam-se tão estreitamente à figura de Sarlo – a ponto de a diretora ter tomado decisões, ao longo da história da revista, que afastaram os demais fundadores –, importa conhecer a percepção memorialística de outro protagonista sobre aqueles acontecimentos. Mais reservado do que Sarlo no que diz respeito às entrevistas, Carlos Altamirano explicitou para Javier Trímboli a sua leitura daqueles tempos:

[...] Ao abandonar o PCR, permaneci pairando junto com outras pessoas e, já em 1976, formamos um círculo que reunia os que tinham uma comum afinidade ideológica e política, que seguia circulando entre o marxismo e o maoísmo. Nesse círculo estavam também Ricardo Piglia e Beatriz Sarlo; desde ele tomamos contato com a Vanguardia Comunista, que era o outro núcleo maoísta importante. Mantivemos com eles várias conversações políticas até chegarmos ao acordo de editar uma revista. Uma revista que queríamos que fosse de dissidência intelectual, que tivesse um papel ativo no que se definia como luta democrática contra a ditadura militar que estava governando a Argentina. Ao mesmo tempo, formamos um grupo de estudo sobre literatura argentina; eu havia terminado a graduação em Letras em 1967 e, absorvido por completo pela militância, havia praticamente

²⁰ Alusiva, dissimulada.

abandonado meus estudos de literatura. Assim, na nova conjuntura que se iniciou com o golpe militar de 1976, retomei esses estudos e comecei a trabalhar junto com Beatriz Sarlo em uma linha de investigação que definimos como sociologia da literatura. Paralelamente, com outros amigos com os quais iríamos nos unir finalmente na revista *Punto de Vista* – refiro-me a María Teresa Gramuglio e Hugo Vezzetti, entre outros –, constituíamos grupos de discussão intelectual. Portanto como fruto do acordo com a Vanguardia Comunista apareceu em 1978 *Punto de Vista*. [...]. (ALTAMIRANO, 1998, p. 14, tradução nossa)

Cabe destacar, outrossim, as variações a respeito dessas memórias dos tempos do “Salón Literario”²¹ – como se disse, fontes para o acesso a experiências que não se pode recuperar de outras maneiras –, não apenas no que diz respeito aos aspectos acontecimentais, mas também às percepções e avaliações retrospectivas acerca daqueles tempos: Sarlo, por exemplo, em conferência citada por De Diego (2000, p. 128), disse que ela e Altamirano – na época um casal – não simpatizavam com a VC, mas aceitaram o apoio convencidos por Piglia. De qualquer forma, recorrente nas entrevistas, uma convicção era compartilhada entre os que formavam tal grupo:

[...] A ideia que esteve muito presente quando organizamos essa espécie de conversas sobre a história e a literatura argentinas era: muitos de nós vínhamos da política, e dedicar-se à política era impossível; vejamos o que podemos fazer para ver algumas chaves políticas no passado argentino. [...]. (SARLO, 1996 apud DE DIEGO, 2000, p. 128, tradução nossa)

A preocupação e o interesse sobre os temas da cultura e sobretudo da literatura argentina atraíram diversos interessados para o grupo, entre eles María Teresa Gramuglio, que chegava à capital vinda do interior (de Rosario, onde havia sido figura expressiva de diversos movimentos entre fins da década de 1960 e início da década seguinte, principalmente do manifesto “Tucumán Arde”). Em entrevista publicada no livro-homenagem *María Teresa Gramuglio: la exigencia crítica* e concedida a Judith Podlubne e a Martín Prieto, a estudiosa da literatura recuperou memórias de sua aproximação e vinculação ao “Salón Literario”, como parte de sua ambientação em Buenos Aires. Leia-se um trecho do seu depoimento, válido, entre outros aspectos, por mencionar personagens não recordados por Sarlo e Altamirano e pela quantidade de detalhes:

[...] Nilda me conseguiu muitos trabalhos em Buenos Aires, como tradutora, como editora. E foi quem me pôs em contato com um grupo que havia começado a se reunir em Buenos Aires, no qual estava Beatriz Sarlo, quem

²¹ Nome atribuído às reuniões realizadas a partir de 1977, inspirado, como observaram González Leandri e Plotkin (2000, p. 222), no grupo formado na chamada “Geração de 1837”.

eu nunca havia visto em minha vida e conhecia apenas através da revista *Los libros*.

– **Mas você tinha publicado em *Los libros* em 1969, 1970.**

– Sim, mas através de um cordobês que me apresentou a Nicolás [Rosa], Santiago Funes, que foi quem me pediu a nota sobre *Cicatrices*. Mas não conhecia Beatriz.

– **Dizia-nos que quem as apresentou foi Nilda Finetti.**

– Sim. Deu-me o contato. Recordo-me que Nilda estava cozinhando nesse momento em sua casa, estava preparando uma carne ao forno, punha o sal, a pimenta, e eu lhe digo que me sentia muito sozinha em Buenos Aires, muito perdida, que não tinha com quem falar, e ela me disse “eu vou te conectar com um grupo que tem as melhores pessoas de Buenos Aires”. “Bom”, eu disse. E me deu o endereço de uma academia onde eram preparados alunos da escola secundária. Estava ali um amigo de Beatriz Sarlo, Fernando Mateo, que ensinava e preparava alunos, e lhes dava uma aulinha onde ele dizia que ensinava não sei o que a um grupo no qual estavam nesse momento Ricardo Piglia, Beatriz Sarlo, o Negro [Carlos] Altamirano, Pico [José Gabriel] Vazeilles, Jorge Dotti, Hugo Vezzetti, toda uma série de pessoas que eu nunca havia visto em minha vida, com exceção de Piglia, que conheci em Rosario.

– **Foi.**

– Sim. Fui e me sentei em um hallzinho para esperar que aparecesse alguém.

– **Quem apareceu?**

– Beatriz Sarlo, uma anã com um montgomery [casaco de lã] xadrez.

– **E o que você disse? Lembra-se?**

– Eu nada, porque não sabia quem era. E ela me disse: “você é María Teresa Gramuglio?” Vê-se que Nilda a havia avisado que eu iria. “Eu sou Beatriz Sarlo”. Eu a imaginava altíssima.

– **Já a havia lido?**

– Claro, desde que assinava Sarlo Sabajanes. O livrinho sobre Gutiérrez. Mas sobretudo me surpreenderam seus artigos em *Los libros*, a revista em que ela havia escrito sobre o rádio, a televisão, e eu dizia “alguém senta-se para ver televisão!” Não podia compreender isso... Além disso era muito afiada em suas críticas e eu gostava disso.

– **Depois se somou a esse grupo em formação Nicolás [Rosa].**

– Sim, não sei quem o trouxe... Não acredito que tenha ido sozinho, devia ter outros contatos. E se formou um grupos de estudos, mas ao invés de estudarmos algo junto, cada um ia expondo sobre o que estava lendo. Creio que eu fiz uma exposição sobre Galvano della Volpe, porque estava ainda com a sociologia misturada à semiótica. Daí passamos ao Centro Editor, onde Boris Spivacow nos emprestou um salãozinho, que chamávamos de Salão Literário. E dessas exposições saíram os artigos de Sarlo e Altamirano sobre literatura argentina, os *Ensayos argentinos* [a primeira edição, pelo CEAL], que discutimos nesse grupo em primeiro lugar.

– **Algo bastante assistemático.**

– Claro. Não havia um plano. Vinha alguém e falava de uma coisa. Outro estava trabalhando ou lendo outra coisa e falava disso. Outro ia à biblioteca e trazia outra coisa. E foi aí que comecei a me incomodar com *El diario de Gabriel Quiroga*, de Manuel Gálvez, porque Adolfo [Prieto] sempre tinha me dito que era um livro muito importante. Em Buenos Aires não se conseguia o livro em lugar nenhum e vim fotocopiá-lo em Rosario, na Biblioteca Argentina. Fazia pouco que tinha começado a vir. A primeira vez vim de avião, em segredo. Quando meu pai me viu entrar em casa começou a chorar. [...]. (GRAMUGLIO, 2014, p. 268-270, tradução nossa, destaques no original)

No que concerne especificamente à criação de **Punto de Vista**, após a sua “gestação” em reuniões tão profícuas, responsáveis certamente pela criação de sociabilidades intelectuais, disse Gramuglio:

[...] Eram todos personagens muito interessantes. Depois começamos a organizar jantares de amizade, outras reuniões com as do Salão, e aí se começou a estruturar a ideia de *Punto de vista*. No coração dessa estrutura estavam Sarlo, Altamirano e Piglia, todos vinham do PCR²². Creio que quem figurou como primeiro diretor era um contato de Hugo Vezzetti. E eu fui a primeira pessoa estrangeira que convidaram para o grupo. Também se somou a ele Nicolás [Rosa], mas com Nicolás a coisa não foi fácil. Imagine-se, Beatriz e Nicolás, isso era impossível. Recordo-me de uma reunião no [Café] Tortoni, na qual Nicolás discute não sei se com Piglia ou com Sarlo. E um desentendimento horrível que teve comigo, já existindo a revista, a respeito de um artigo de Sarlo e Altamirano, não me recordo se era sobre Viñas, ou algum outro publicado nesses primeiros números, ainda assinado com o pseudônimo Washington Victorini. Vou visitar Nicolás, éramos amigos, ele já estava bem instalado em Buenos Aires, tinha seus grupos de estudo, e estava me esperando com a revista nas mãos. Disse: “me dá vergonha ensinar isso a meus alunos”. Assim a coisa não podia durar, e não durou.

– **Você se sentiu imediatamente próxima do grupo?**

– Com Nicolás, já vimos, sempre tínhamos asperezas, com Piglia tive uma relação bastante amistosa em muitos momentos, mas não muito próxima e sempre com altos e baixos, mas sem dúvidas para mim as figuras mais relevantes nesse momento foram Beatriz e Carlos. Quando estavam juntos eram deslumbrantes. Eram capazes de se atirarem sacos de cimento, discutiam até a morte, mas tinham tanta lucidez, analisavam tão bem as coisas, eu sentia que coincidia tanto com o que eles diziam... [...] Para mim essa foi uma relação muito especial. Senti que me encontrava com pessoas que não eram iguais a mim, no sentido de que acredito que eles sabiam muito mais do que eu, que tinham mentes privilegiadas, mas eu podia coincidir muito com as perspectivas que eles tinham sobre um monte de coisas. [...] E essa foi uma relação muito importante²³, deu-me a oportunidade de ver se podia ter uma relação intelectual afim, com diferenças mas sem tensões.

– **Como era o funcionamento da revista [Punto de Vista], a dinâmica, as reuniões?**

– A revista teve muitas etapas diferentes. Pelo menos três. A mais importante para mim é a primeira, porque é o momento em que se estrutura tudo, além disso, era uma formação nova também minha, própria, encontrar-me em uma cidade nova, com gente nova, fazendo uma coisa nova, em uma revista com essa regularidade que era insólita para mim. No princípio o grupo era muito, como dizer, muito ligado, a ditadura nos juntava muito, nos reuníamos todas as semanas, todas as segundas-feiras pela manhã e também algum dia à tarde, todos tínhamos mais tempo, também saíamos para jantar. [...] Discutíamos os artigos que chegavam e falávamos muito das coisas que estavam acontecendo, a política, isto, o outro, a atualidade. Os artigos às

²² Piglia, como se disse, pertencia à Vanguardia Comunista, não ao Partido Comunista Revolucionário (PCR).

²³ Gramuglio explica em detalhes na mesma entrevista que Sarlo e Altamirano a convidaram para organizar coleções no CEAL e pediram a ela que revisasse a primeira versão do livro *Literatura/Sociedad*.

vezes eram solicitados, e outras vezes alguém mandava algo, e nessa primeira época havia tempo, eram lidos, discutidos e os que nós escrevíamos, líamos em voz alta entre o grupo, recordo-me, já em 82, 83, quando li “Sur: constitución del grupo y proyecto cultural”, estava tão tensa que secou a minha garganta e me afoguei. [...]. (GRAMUGLIO, 2014, p. 270-272, tradução nossa)

A exposição de Gramuglio em sua longa e detalhada entrevista de 2014 – por isso se justifica a opção pela reprodução de trechos também longos – permite recompor vínculos e, ao mesmo tempo, confirmar a importância, como se disse anteriormente neste capítulo, tanto do Centro Editor de América Latina quanto de **Los Libros** para a configuração do grupo que criou e efetivou **Punto de Vista** durante boa parte de sua existência. Ademais, nota-se, nos trechos, como se dava a formação do grupo e das estratégias de elaboração coletiva da revista, as quais, obviamente, não se mantiveram após a maior institucionalização do periódico durante e após a redemocratização. Daí a lembrança de Gramuglio, com carinho, dos tempos iniciais, quando as trocas eram mais intensas.

Enfim, quando se decidiram, após as reuniões com a VC em 1977, pela publicação da revista, convidaram Jorge Sevilla, ex-presidente da Associação Argentina de Psicólogos e próximo de Vezzetti, para que assumisse oficialmente a direção. Recrutaram Carlos Boccardo, conhecido diagramador e artista plástico de esquerda que já havia trabalhado em outros periódicos, entre eles **Los Libros**, para a criação do logotipo e do *layout*. Incorporaram-se então definitivamente ao projeto Hugo Vezzetti (que vinha participando das reuniões do “Salón”) e Gramuglio. Agremiaram autores e colaboradores para o primeiro número, entre os quais se destaca Jean Franco, autora do artigo de abertura. (SARLO, 1999, p. 527)

Punto de Vista publicou seu número inaugural em março de 1978, graças aos esforços de Sarlo, Altamirano, Piglia, Vezzetti e Gramuglio e outros, bem como do apoio da VC e de Jorge Sevilla. Como explicou Sarlo, pensando-se em **Los Libros** – que vendia cerca de 5000 exemplares –, foram impressos 3000 exemplares do número inicial, os quais praticamente não foram vendidos e/ou não circularam nos quiosques, por vários motivos, entre eles o medo.²⁴ O temor, aliás, provocou outras consequências. A situação de semiclandestinidade em que a publicação foi concebida e discutida se impôs por conta dos vínculos com a Vanguardia Comunista e, mais especificamente, com Semán, Kristkauský e

²⁴ Apesar de não haver dados oficiais a respeito da tiragem da revista ao longo de sua história, há indícios, em diversas entrevistas dos membros do Conselho (especialmente de Sarlo, como, por exemplo, a entrevista concedida a Silvina Frieria em 2004), de que a publicação circulou, mesmo nos anos 1990 e 2000, em tiragens de cerca de 2000 exemplares.

Hochman, que desapareceram em agosto de 1978.²⁵ Aliás, esse foi o primeiro abalo sério para o periódico. Afinal, apesar de não ter sido interrompida, a revista foi ameaçada tanto material quanto intelectualmente com a eliminação dos principais líderes da VC. Disse Sarlo em entrevista:

[...] Em agosto de 78 quando PdV estava publicando seu terceiro número desaparece toda a Vanguardia Comunista. Matam a todos, a todo o comitê central e à condução política, a aquelas pessoas com as quais tratávamos. Nós – Altamirano, Piglia e eu – não havíamos dito às pessoas que estavam em PdV²⁶ que a verba vinha da Vanguardia Comunista. Porque era complicar tudo mais do que o necessário. Isto é, era uma ação secreta no sentido leninista do termo, não uma ação clandestina para a polícia, mas secreta também para o resto dos militantes.

Quando desapareceu a Vanguardia eu me lembro que fizemos uma reunião no [Café] Tortoni, e dissemos que nos parecia que a revista não seguia, que nos parecia muito difícil, que talvez não poderíamos publicá-la. Nós estávamos em casas clandestinas, não sabíamos o que aconteceria conosco. Então Nicolás Rosa disse “Não, como não publicaremos, temos que publicá-la”. E então olho para ele e me dou conta de que ele tem razão. Estamos com o dinheiro dos mortos e é preciso publicar por mais perigoso que seja e por mais que as pessoas não soubessem que era mais perigoso inclusive do que parecia. (SARLO, 2012, tradução nossa)

Idealizada e materializada enquanto instrumento de resistência ao *Proceso*, **Punto de Vista** era o resultado de uma posição que, diferente daquela assumida por outros grupos de esquerda, não julgava que a ditadura seria necessariamente passageira nem considerava que seria possível estabelecer qualquer tipo de acordo com os militares. Por isso, decidiu-se continuar a publicá-la, mesmo diante dos riscos de que, eventualmente, os militares soubessem dos vínculos entre o grupo do periódico e a VC, o que poderia ter sido fatal naquela circunstância.

Como sintetizou adequadamente José Luis de Diego (2000, p. 127), referindo-se a uma intervenção de Carlos Altamirano, **Punto de Vista** integrava um conjunto de revistas feitas não por jovens: o periódico criado em 1978 era um projeto que envolvia “críticos e escritores que haviam se destacado nos 60 e nos 70 [...]”. *Punto de Vista* se relaciona, desde os promotores da publicação até o formato da mesma, com *Los Libros*.²⁷ E em se tratando de continuidades e de rupturas entre as duas publicações, pode-se dizer, conforme De Diego, que

²⁵ Os registros acerca dos primeiros anos da revista, bem como outros concernentes a tais encontros e reuniões de concepção e de preparação do projeto podem ser documentados apenas a partir das entrevistas e das declarações. Criada durante um regime autoritário, **Punto de Vista** não pôde/não quis conservar sua documentação e depois a sistemática de trabalho na revista não produziu um acervo administrativo e de outros tipos de documentação, conforme se averiguou junto a Beatriz Sarlo, em entrevista realizada em julho de 2009.

²⁶ Por isso se compreende a ausência de qualquer menção, no longo depoimento de Gramuglio, à Vanguardia Comunista.

“*Punto de Vista* operará uma profunda revisão de alguns dos fundamentos que se sustentavam no projeto de *Los Libros* e protagonizará um segundo momento da modernização crítica que terá uma vasta influência.” Resumidamente: “ainda que seu formato inicial parece associar-se à *segunda etapa* de *Los Libros*, *Punto de Vista* vincula suas operações críticas às iniciadas na *primeira etapa* da publicação dos 70.”²⁷ (DE DIEGO, 2000, p. 127, tradução nossa, destaques no original) Com vínculos tão complexos e pouco explorados entre as duas publicações, apenas assinalados por poucos intérpretes – principalmente por De Diego, ainda que este, da área de Letras, preocupe-se mais com os projetos de interpretação da literatura e da crítica nas duas revistas –, cabe, certamente, uma discussão mais detalhada a seguir.

1.3. De *Los Libros* a *Punto de Vista*, entre continuidades e rupturas²⁸

Surgida em circunstâncias sociais, econômicas e políticas de aprofundamento do terrorismo de Estado, a revista **Punto de Vista**, definida por seus criadores como uma “revista de cultura”, preocupou-se em continuar a desenvolver uma maneira de ler a sociedade (o seu “ponto de vista”), pormenorizando um olhar elaborado desde fins dos anos 1960 em espaços variados – **Los Libros**, Centro Editor de América Latina, por exemplo – pelos intelectuais que publicaram o novo periódico em 1978. Esse modo de ler a sociedade e as suas elaborações culturais, assim como a sua atuação política, tinha, portanto, a sua história: centrado, nos anos 1960, principalmente nas referências do estruturalismo, gradativamente se politizou sob a égide dos debates acerca do comunismo até que, desde o início dos anos 1970, afastou-se do cânone estruturalista francês e incorporou matrizes críticas a um pensamento desatento à possibilidade da revolução política, econômica, social e cultural.

Revista que começou a ser publicada sem uma declaração de princípios, sem um manifesto ou um editorial que explicasse seus objetivos, **Punto de Vista** circulou, em março de 1978, em uma edição muito parecida, em termos gerais, com as últimas publicações de **Los Libros**, inclusive no que se refere aos aspectos gráficos/visuais. Veja-se, por exemplo, a capa

²⁷ Preocupado principalmente com a atuação de **Punto de Vista** na interpretação da cultura, De Diego não observa que a revista iniciada em 1978 se vinculará também, sobretudo a partir de sua produção a respeito da política efetuada durante e a partir da redemocratização, à segunda fase de **Los Libros**, iniciada em 1971-72 e voltada, como se disse antes, basicamente (mas não exclusivamente) à discussão da política. Esse é somente um exemplo de como os vínculos entre os periódicos carecem de devida interpretação, o que não se deu em outros trabalhos dedicados a **Punto de Vista**.

²⁸ É importante enfatizar: não se efetuará uma análise comparada das duas revistas, porque esse não é o objetivo desta tese. Além disso, entende-se que para destacar rupturas e continuidades entre as duas publicações é possível partir das sínteses oferecidas pelos estudos referenciais sobre **Los Libros**, estabelecendo comparações pontuais com textos ou materiais específicos de **Los Libros** apenas quando for extremamente necessário para a mais adequada compreensão de **Punto de Vista**.

e as páginas iniciais do número 44 de **Los Libros**, de janeiro-fevereiro de 1976 (o último dessa revista), e a capa e as páginas iniciais do número 01 de **Punto de Vista**, de março de 1978.

Figura 1: capa e sumário, **Los Libros**, n. 44, janeiro-fevereiro de 1976.

Figura 2: páginas 3 e 4, fragmento do artigo “Saer – Tizón – Conti. Tres novelas argentinas”, de Beatriz Sarlo, **Los Libros**, n. 44, janeiro-fevereiro de 1976.

Figura 3: capa e sumário, **Punto de Vista**, ano I, número 01, março de 1978.

Figura 4: páginas 3 e 4, fragmento do artigo "La parodia, lo grotesco y lo carnavalesco. Conceptos del personaje en la novela latinoamericana", de Jean Franco, **Punto de Vista**, ano I, número 01, março de 1978.

Para além das semelhanças na identidade visual dos dois periódicos²⁹, decidiu-se mostrar as capas e as páginas iniciais para destacar inicialmente como as revistas imbricam-se em outros aspectos. Ambas tinham em seus subtítulos a indicação de seu vínculo com a interpretação da cultura: em **Los Libros**, “Una política en la cultura” (subtítulo que se alterou ao longo de sua circulação); em **Punto de Vista**, “Revista de cultura”. De mais a mais, discutiram romances latino-americanos, no caso de **Los Libros**, um dos autores analisados no artigo de Sarlo é Juan José Saer, do qual a mesma intérprete se ocupou inúmeras vezes em **Punto de Vista**. Pode-se dizer que a revista iniciada em 1978 se esforçava, em sua materialidade e em seu conteúdo, para indicar aos seus novos leitores a sua percepção do presente (na capa do número 01 há as expressões “o fim do mundo” e “o lugar da loucura”, que anunciavam textos publicados mas, obviamente, permitiam leituras conjunturais naquele momento) e a sua vinculação àquela publicação encerrada pela ditadura em 1976. Afinal, se em **Los Libros**, antes do fechamento, temas políticos eram discutidos com um pouco mais de

²⁹ A diagramação de **Los Libros**, que começou deliberadamente estruturalista e de inspiração francesa, de acordo com Schmucler na entrevista a Wolff (SCHMUCLER; ROSA, 2001, p. 3), levou em consideração outras referências nos anos de maior politização da revista, com Sarlo, Altamirano e Piglia assumindo protagonismo, principalmente entre o número 23 (novembro de 1971) e o número derradeiro, 44, de janeiro-fevereiro de 1976. Desde o número 23, a revista deixou de ter capas coloridas e passou a ser publicada apenas em preto e branco e praticamente sem editoriais, o que seria, de acordo com Nicolás Rosa, indicativo de um acirramento das tensões políticas internas ao periódico e das tensões externas, na sociedade argentina. Como explicou Sarlo em entrevista a Jorge Wolff (SARLO, 2001, p. 49), ela e Piglia se interessavam bastante pelos artistas gráficos soviéticos dos anos 1920 e começaram a pensar a estética do periódico como uma estética revolucionária, em um projeto que, como na URSS da década de 1920, fosse elaborado com poucos recursos materiais. **Los Libros**, explicam seus elaboradores nas entrevistas, em seu processo de politização e de afastamento de seu propósito de divulgação bibliográfica, perdeu gradativamente seus patrocinadores – especialmente as editoras, as quais não financiariam uma revista que não falava mais dos livros publicados – e seu vínculo com o Editorial Galerna, mas continuou até o final a vender milhares de exemplares e a se pagar. Mesmo assim, imprimir a revista em preto e branco tornava menores os custos de impressão da publicação e isso não era desconsiderado. **Punto de Vista** começou dessa mesma maneira – com subsídios escassos, advindos da Vanguardia Comunista – e somente começou a se alterar, com a impressão, inicialmente, em cores das capas, no número 20, de maio de 1984. De qualquer forma, só começou a haver alguma alteração de design internamente a partir do número 26, de abril de 1986. Se o interior, até o fim da publicação em 2008, nunca se tornou colorido, as capas e as ilustrações utilizaram as cores amplamente e mesmo certos detalhes na diagramação das páginas junto aos textos foram muito usados entre o mencionado número 26, de 1986, e o número 42, de 1992, denotando certamente a busca pela renovação visual enquanto elemento do “vanguardismo intelectual” almejado explicitamente, ao menos, por Sarlo. A partir do número 42, **Punto de Vista** manteve-se trabalhando suas capas em cores diversas, mas seu interior adquiriu uma identidade (com o mesmo tipo de papel usado para a impressão e com a impressão dos textos em três colunas, por exemplo) que se manteve inalterada até o número final, 90, de abril de 2008. É importante destacar que, a despeito de todas as variações gráficas de **Punto de Vista** em seus 30 anos de existência, a revista foi impressa basicamente pela mesma gráfica durante toda a sua história. Nunca é demais indicar, outrossim, que o artista gráfico que diagramou **Punto de Vista**, Carlos Boccardo, militante de esquerda, constou como o diagramador de **Los Libros**, oficialmente (no expediente), nos números 07, de janeiro de 1970, e 08, de maio de 1970. Mesmo não tendo sido mais citado no expediente nos números seguintes, a participação de Boccardo certamente contribuiu para a proximidade gráfica entre as duas publicações, inclusive no que se refere às fontes utilizadas no título das revistas.

Los Libros e **Punto de Vista** tinham semelhanças e também se pareciam em termos visuais e no que diz respeito à sua estruturação (seções, conteúdos publicados, temáticas etc.) com outras revistas que circularam nos anos 1960 e 1970, a exemplo de **Crisis**, que divulgava textos literários, resenhas, artigos e contava com uma diagramação com elementos comuns a diversos periódicos da época.

liberdade – mesmo que os tempos derradeiros do governo de Isabel Perón tenham sido de crescente repressão, com o uso da força escapando ao controle estatal e/ou à regulação legal (NOVARO, 2011, p. 133) – e os autores assinavam os artigos sem maiores problemas, o cenário havia mudado em 1978.

Parece cabível considerar, enfim, uma série de continuidades entre **Los Libros** e **Punto de Vista**, a despeito das diferenças e das rupturas, como indicou José Luis de Diego (2000, p. 127). Protagonizando “um segundo momento da modernização crítica”, os intelectuais se viam em **Punto de Vista**, conforme disse Sarlo a Wolff, livres de “um tipo de teoria muito sólida que os mantinha aprisionados [em **Los Libros**].” Libertos, de acordo com Sarlo, desde o início dessa forma específica de relação com a teoria (o Estruturalismo e suas variações), os criadores de **Punto de Vista** deixaram de manter na nova revista, com qualquer teoria, “uma relação religiosa.” (SARLO, 2001, p. 44, tradução nossa) Inclusive por isso avaliar as continuidades e as rupturas entre as duas publicações garante uma percepção acerca das vinculações entre os “sessenta” e os “setenta” e desses com as décadas seguintes sem uma leitura causal simplificadora.³⁰

Apenas para mais um exemplo das continuidades entre as preocupações nas duas publicações, vale a pena ver a capa do número 01 de **Los Libros**, que circulou em julho de 1969, com destaque para a chamada acerca da “Nueva novela latinoamericana”, praticamente idêntica à do primeiro número de **Punto de Vista** em 1978:

³⁰ Há certa reticência dos intérpretes e mesmo dos intelectuais que produziram as duas revistas – os quais, é claro, não são os mais corretos atribuidores de sentido apenas por terem participado da elaboração dos periódicos – em considerar **Punto de Vista** como um projeto intelectual que continua o de **Los Libros**. Obviamente, as revistas são diferentes, foram produzidas em circunstâncias sociais, políticas e culturais bastante diversas, mas é inegável que em muitos aspectos a revista criada em 1978 levou adiante o legado daquela fechada em 1976. Tais vínculos – também perceptíveis, para dar outro exemplo, entre **Pasado y Presente**, **Controversia** e **La Ciudad Futura**, revistas produzidas pelos chamados “gramscianos argentinos” e alguns outros intelectuais, respectivamente, nos anos 1960, 1970-80 e 1990 – serão explorados nesta tese como parte da interpretação de **Punto de Vista** que parece mais adequada para a compreensão das origens e do desenvolvimento de certas preocupações dos intelectuais da revista.

Figura 5: capa e sumário, **Los Libros**, n. 01, julho de 1969.

Como se disse antes, a revista **Los Libros** começou a circular na Argentina em 1969 e foi fundada e dirigida até o início dos anos 1970 por Héctor Schmucler, que depois participará, no exílio mexicano, da criação da revista **Controversia**. Retornando à Argentina, após um período na França desenvolvendo seu doutorado, Schmucler intentou criar uma revista que, de acordo com seu primeiro editorial, produziria “crítica da ideologia”. A publicação foi inspirada por revistas francesas, especialmente por aquelas produzidas pelo grupo próximo a Barthes, como **Tel Quel** e a revista bibliográfica **La Quinzaine Littéraire**. Em entrevista conferida em conjunto com Nicolás Rosa a Jorge Wolff, em agosto de 1998 (incluída na tese de doutorado do entrevistador, de 2001), Schmucler explica suas relações com a expressiva produção estruturalista francesa desde meados dos anos 1960 e diz que, ao retornar à Argentina um pouco antes do Cordobazo – segundo ele, o primeiro número de **Los Libros** estava em preparação quando ocorreu o Cordobazo, em maio de 1969 –, juntou-se ao editor Guillermo Schavelzon, do Editorial Galerna, para começar a publicação.

Para Schmucler, o momento em que **Los Libros** começou na Argentina conferiu à revista sua “cidadania argentina” e o processo acelerado de politização da sociedade argentina após maio de 1969 marcou indelevelmente a publicação. Ou seja, apesar de inicialmente concentrada na divulgação bibliográfica, o que garantia à revista sua sobrevivência material – as editoras não apenas enviavam os livros para avaliação, mas também anunciavam no

periódico –, **Los Libros** logo assumiu um projeto de crítica política da cultura e de produção de política cultural o qual, por fim, tornou-se estritamente político, implicando, inclusive, a saída de seu fundador. (SCHMUCLER; ROSA, 2001, p. 3)

Se era no começo um periódico representante dos “telquelismos latino-americanos”, interpretados por Wolff (2001; 2009), **Los Libros**, além de ser um âmbito de renovação da crítica literária argentina e de combate à crítica impressionista e comercial de então – assim disse Piglia em entrevista Jorge Wolff (PIGLIA, 2001, p. 20) –, aos poucos pormenorizou seu “telquelismo” e se converteu em um espaço de incorporação e de debates sobre questões políticas e culturais propriamente argentinas e latino-americanas, inclusive no que diz respeito à sua vinculação estreita à militância maoísta, por conta da presença oficial, desde 1971-1972, de Carlos Altamirano, Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia no conselho editorial. (CELENTANO, 2011; 2012a; 2012b; 2014a; 2014b)

Tendo em vista a participação de Altamirano, de Sarlo e de Piglia em **Los Libros** e a evidente semelhança, em termos gerais, dos projetos dos dois periódicos, acredita-se ser possível e produtivo, para a interpretação de **Punto de Vista**, identificar as continuidades entre essa revista e **Los Libros**, sobretudo no que concerne aos debates, nos dois periódicos, sobre a literatura, sobre a tradição crítica argentina e latino-americana e sobre o pensamento acerca da Argentina e da América Latina, de forma mais ampla. Entretanto, para que seja possível explicitar tais continuidades e também as rupturas, é preciso apresentar melhor quais foram as principais características e realizações de **Los Libros**. Como indicaram Patricia Somoza e Elena Vinelli:

Em julho de 1969 começa a ser editada a revista *Los Libros*. [...] O primeiro subtítulo de *Los Libros*, “Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo”, dá conta do propósito da publicação e da relação com seu modelo: como *La Quinzaine...*, pretendia intervir no mercado resenhando livros de literatura, antropologia, linguística, comunicação, psicanálise, teoria marxista, filosofia, e sustentava um critério rigoroso no momento da escolha de seus colaboradores, escritores, críticos, investigadores, que posteriormente seriam reconhecidos como destacadas figuras do campo intelectual argentino. A publicação tinha o propósito de fundar um espaço inexistente e “preencher um vazio”, especialmente no âmbito da crítica, que se propunha a modernizar a partir da incorporação de um conjunto de novos saberes que articularam os desenvolvimentos teóricos do pensamento europeu com a teoria da dependência. (SOMOZA; VINELLI, 2011, p. 9, tradução nossa)

Pode-se notar na síntese acima o protagonismo que a revista pretendia alcançar desde os primeiros números, nos quais enfatizava seu caráter de ruptura e de novidade (“preencher um vazio”). De qualquer maneira, trata-se de um exagero: sabe-se que havia outras instâncias

de modernização crítica na Argentina naquele momento, inclusive outras revistas culturais. Publicada precariamente e irregularmente em termos de periodicidade nos primeiros tempos, **Los Libros** alterou-se bastante ao longo dos seus 44 números e sete anos de vida no que diz respeito ao formato, à diagramação, à proposta, à direção, aos colaboradores e aos financiadores. (SOMOZA; VINELLI, 2011, p. 9) Sobre esses aspectos, dizem Somoza e Vinelli, é perceptível como:

A revisão das propostas iniciais, as mudanças e sucessivas reacomodações se vinculam a dois fundamentos que estiveram em constante tensão: um, vinculado à nova crítica, a difusão de novas correntes teóricas e sua relação com a política; e o outro, relacionado ao rol de intelectuais em uma situação política que se desenvolvia em uma velocidade inusitada. (SOMOZA; VINELLI, 2011, p. 9, tradução nossa)

A ênfase na renovação teórica e crítica por meio do diálogo com novos autores e da atualização dos parâmetros analíticos foi, desde o início, parte importante do projeto de **Los Libros** – e também foi em **Punto de Vista** – e a revista conseguiu estabelecer redes intelectuais para além da Argentina, atingindo, por exemplo, Estados Unidos e Canadá. Apesar do seu desenvolvimento e crescente importância, nacional e internacional, as tensões internas do periódico se agravaram e, em 1971, culminaram no afastamento de Guillermo Schavelzon da função de editor responsável. Diante de novas circunstâncias, inclusive de precariedade material (com o afastamento de Schavelzon rompe-se o vínculo entre ele e sua editora e a revista), o propósito inicial de publicar uma revista que fosse marcadamente um boletim de atualização e de renovação bibliográfica – de crítica de livros em formato de tabloide (DE DIEGO, 2010, p. 410) – começa a se converter em um novo projeto, explicitado na reformulação do subtítulo a partir do número 22: de “Un mes de publicaciones en América Latina” para “Para una crítica política da cultura”. (SOMOZA; VINELLI, 2011, p. 9) Tal reorientação resultou aos poucos em diminuição do interesse da revista no projeto inicial de divulgação bibliográfica e, em contrapartida, diminuiu o interesse das editoras em anunciar no periódico, provocando queda de receita.

Desde o número 23, de novembro de 1971, gradativamente oficializou-se a nova direção, com Schmucler ainda no centro, mas com um Conselho do qual participavam, além dele, Ricardo Piglia e Carlos Altamirano e depois, desde o número 25 (de março de 1972), Beatriz Sarlo, Germán García e Miriam Chorne. Piglia colaborou com a revista desde o início sem aparecer efetivamente (ver a entrevista dele a Jorge Wolff, mencionada em nota de rodapé a seguir), publicando artigos sob pseudônimo, e Altamirano e Sarlo conviviam proximamente com o núcleo de intelectuais, chegando a frequentar reuniões do periódico.

(SOMOZA; VINELLI, 2011, p. 10-11) O momento foi, então, de redução da concentração inicial na renovação da crítica literária e das ciências sociais e de radicalização e politização dos intelectuais frente à fragmentação da esquerda e à ascensão da violência e da repressão. De modo geral: “A tensão entre literatura e política, e literatura e sociedade, produtiva no início, vai se resolvendo em uma nova e tensa relação entre política e sociedade, na qual a literatura e a crítica parecem perder lugar.” (SOMOZA; VINELLI, 2011, p. 14, tradução nossa)

Nessa circunstância de transição na revista, desde o início dos anos 1970, entre um momento de maior concentração na divulgação bibliográfica para outro em que crescia a atenção aos movimentos de operários e de estudantes e às questões concernentes aos problemas estruturais da sociedade argentina, avolumou-se, como indicou o historiador argentino Adrián Celentano (2014a, p. 2), a publicação de informes, de documentos e de artigos e diminuíram as notas estritamente bibliográficas. As relações de Altamirano e de Sarlo com o Partido Comunista Revolucionário (PCR) e de Piglia com a Vanguardia Comunista (VC), agremiações maoístas da nova esquerda resultantes de cisões com o Partido Comunista e o Partido Socialista na Argentina, estreitaram os laços da publicação com as preocupações maoístas sem que isso significasse a perda de autonomia do periódico, que manteve “um espaço de reflexão relativamente autônomo em relação à linha difundida pelos grupos maoístas.” (CELENTANO, 2014a, p. 2, tradução nossa)

Ou seja, a “nova esquerda”, especialmente a “nova esquerda intelectual”, buscava, desde o início dos “sessenta”, consolidar as revistas político-culturais como novos canais de discussão do maoísmo junto aos primeiros partidos e agrupamentos maoístas e às editoras. **Los Libros e Pasado y Presente** se integraram a esse esforço, do qual participaram, entre outras revistas, inclusive algumas publicações não maoístas, como **Crisis** (de grande tiragem e ressonância social, mais próxima do peronismo), **Cristianismo y Revolución** (mais próxima da discussão católica sobre a revolução) e **Nuevos Aires**, revista fundamental para o debate sobre o dilema “intelectuais e revolução” (DE DIEGO, 2000). Como indicou Celentano (2012b, p. 71), até 1976, as revistas maoístas e as edições promovidas por selos editoriais como “Cuadernos de Pasado y Presente” e “La Rosa Blindada” renovaram a discussão acerca do marxismo e da experiência comunista.

Sarlo, Altamirano e Piglia, portanto, protagonizaram essa transformação da revista **Los Libros**, principalmente a partir de 1973, quando dialogavam com o Partido Comunista Revolucionário, no caso dos dois primeiros, e com a Vanguardia Comunista, no caso de Piglia. Esses diálogos políticos ressoaram na revista a tal ponto que Schmucler, em 1974,

deixou o grupo junto com Garcia e Chorne. A mudança não foi de forma alguma pacífica – Piglia se referiu à saída do fundador do periódico como “um golpe de estado” dele, de Sarlo e de Altamirano, e a própria Sarlo, em entrevista a Jorge Wolff, destacou sua leitura da situação de tensão que levou à saída de Schmucler.³¹ Se as posturas e ideias dos novos três diretores

³¹ Piglia, em entrevista a Jorge Wolff, explicou, de um ponto de vista memorialístico e pessoal, o processo que culminou no alheamento e na saída de Schmucler de **Los Libros**, ao mesmo tempo em que narrou os primeiros passos da formação da revista: “[...] Eu estava trabalhando na revista desde o primeiro número. [...] quando começamos a pensar com quem poderíamos fazer, pensamos também em Nicolás Rosa. [...] O certo é que a fazíamos inicialmente Schmucler e eu, porque eu estava contratado pelas pessoas que faziam a revista mas não quis aparecer porque a revista me parecia muito eclética. Então disse a Schmucler: eu trabalho com você mas não vou aparecer, porque a revista nesse momento era uma revista, digamos, que não tinha uma linha definida, era uma revista voltada a criar um clima de discussão. Basicamente o objetivo era discutir com a cultura de massas, certamente era fazer uma revista alternativa aos suplementos dos diários, aos suplementos culturais dos diários, atacar o modo como os diários se ocupavam da literatura [...]. Isso foi o que a revista fez em todos os seus primeiros anos, três ou quatro primeiros anos, ajudada pelo aparecimento do estruturalismo e portanto pela renovação da crítica literária, que nos permitiu criticar o tipo de crítica impressionista e comercial que se fazia. E ... isso provocou uma revolução aqui [na Argentina] porque as pessoas dos diários começaram a ficar nervosas com o que estávamos fazendo. Paralelamente a isso se produziu um processo de politização geral na Argentina. Eu estava ligado a um grupo maoísta e Schmucler em momento determinado em Córdoba também se aproxima de um grupo maoísta. Então, quando estávamos os dois mais ou menos na mesma perspectiva política, Schmucler me disse: por que não fazemos uma revista que tenha mais a ver com esses debates atuais? E eu digo: por que não convidamos a Carlos Altamirano?, que também fazia parte de um grupo maoísta naquele momento. Então formamos uma direção, que é a primeira que apareceu: estávamos Schmucler, Altamirano e eu, em um comitê de direção. Mas Schmucler vai mudando sua posição política nesse processo e se torna peronista montonero. Então fica em minoria porque estamos Altamirano e eu de um lado e ele de outro lado. Então ele amplia o comitê de redação, com todo direito, para não ficar em minoria conosco continuamente, e convida a Beatriz Sarlo, que nesse momento é católica e peronista, a Germán García, que é alguém independente, e a Mirian Chorne, que é alguém próximo a Schmucler nesse momento. Mas o que acontece? Beatriz Sarlo também se torna maoísta nesse processo. Então se arma uma aliança onde estamos Beatriz Sarlo, Altamirano e eu, e Schmucler fica em minoria, porque Germán García permanece indefinido e restam Schmucler e Chorne, enfim... Então há uma série de debates, Schmucler se vai e nós ficamos com a revista.” (PIGLIA, 2001, p. 21-22, tradução nossa)

Por sua vez, Beatriz Sarlo, destacando a capacidade de Schmucler de conviver com diferentes pontos de vista teóricos na revista, considera que a opção pelo maoísmo não pode ser vista como a causa da saída de Schmucler de **Los Libros**; para ela, decisivo para a saída de Schmucler teria sido um episódio específico, quando, após uma viagem de Piglia à China em 1973 e de uma inflexão maoísta no periódico, foi publicado um número sobre a China. Destacando que Schmucler e Aricó (o qual também colaborava em **Los Libros**, além de **Pasado y Presente**) eram mais tolerantes e provavelmente mais inteligentes que ela, Altamirano e Piglia à época, Sarlo explicou, em entrevista a Jorge Wolff: “Eu creio que foi o que se disse na revista: o que aconteceu é o que a revista destacou. Isto é, Altamirano escreve um artigo decididamente invalidando todas as posições nas quais se podia reconhecer alguém que estava se tornando peronista nesse momento, como Schmucler, que estava transitando para a JP [Juventude Peronista]. Schmucler verifica a possibilidade de que este artigo vá acompanhado de outros artigos, e nós dizemos que não, que é *a verdade* política – dizemos isso a ele Piglia, Altamirano e eu, dizemos a ele essa é *a verdade* política, e não será posta em contraste com outras coisas. E de fato o afastamos da revista. Ou seja, foi uma razão de política conjuntural argentina que motivou o seu afastamento da revista... É uma dessas operações típicas de intelectuais marxistas-leninistas, isto é, onde a ética não figura. Porque o estávamos afastando da revista que era dele, que ele havia fundado, que ele havia mantido... E em um determinado momento, dissemos a ele: como você não é um verdadeiro revolucionário, vá embora! Era uma típica operação que seria impossível de se pensar hoje. Eu não imagino hoje que poderia dizer a Schmucler: ‘vá’. E ele se foi. Foram-se ele, Miriam Chorne, Germán García, e ficamos com a revista. E esse foi festejado como um triunfo da revolução sobre o reformismo pequeno-burguês. Mas não teve a ver com a revolução cultural chinesa. A Schmucler poderia parecer que se exagerava um pouco com a revolução cultural chinesa, o que não se exagerava, mas não foi isso. Ele teria tolerado perfeitamente uma revista que seguisse tratando de todas as revoluções do mundo e as discutindo. Não teve a ver com isso.” (SARLO, 2001, p. 40-41, tradução nossa, *itálicos no original*)

conquistaram simpatias e motivaram adesões, também resultaram em afastamentos e recusas, na dinâmica própria às redes e aos coletivos intelectuais. Em certos aspectos, a defesa de posições beirava o sectarismo. (SOMOZA; VINELLI, 2011, p. 14)

De qualquer maneira, “a ‘crítica política da cultura’ argentina e latino-americana que combina as teses de Mao com o legado gramsciano e a tendência estruturalista francesa” (CELENTANO, 2012b, p. 72, tradução nossa) empreendida por **Los Libros** se tornou relevante e o periódico chegou a publicar, em 1974, um texto inédito de Mao, além de veicular o mencionado número especial dedicado à China e traduzir artigos de revistas maoístas da nova esquerda da Itália e da França. Como observou Celentano (2012b, p. 72), em **Los Libros**, as referências ao maoísmo “alcançam os números dedicados à análise da escola argentina e dos movimentos sindicais docentes da época.” (tradução nossa)

Ainda no que diz respeito à aproximação de Sarlo, de Altamirano e de Piglia com o maoísmo e com os grupos de orientação maoísta, principalmente com a Vanguardia Comunista – cuja formação foi estudada por Celentano (2012a; 2014b) –, é preciso lembrar que foi a VC a viabilizadora material de **Punto de Vista** em seus primeiros números e, nesse sentido, percebe-se que a proximidade se manteve após o fim de **Los Libros**, em 1976. Em sua investigação sobre a formação da Vanguardia Comunista na Argentina, Adrián Celentano (2012a) asseverou que a VC, fundada em 1965 a partir da ruptura com o Partido Socialista de Vanguardia, havia assumido em sua criação a tarefa de construção de um partido marxista-leninista. Liderada por Elias Semán, Roberto Cristina e Rubén Kristkauský, fundamentais no início de **Punto de Vista**, a nova organização acatava a postura geral maoísta naquela conjuntura de se apresentar como alternativa à “velha esquerda”, ao Partido Socialista e ao Partido Comunista, e debatia na Argentina as propostas de inspiração soviética e cubana e o peronismo de esquerda, que desembocavam nas táticas e ações de guerrilha. Para os maoístas – e isso foi fundamental tanto em **Los Libros** quanto em **Punto de Vista** –, as proposições advindas da Revolução Cultural Chinesa permitiam aos intelectuais unir as preocupações e experiências políticas às preocupações e experiências estéticas, artísticas e culturais e ao

As divergências memorialísticas são muito comuns quando se solicita aos intelectuais a reconstituição de episódios e processos específicos ou a explicação de filiações e de vinculações: nas entrevistas a Wolff, por exemplo, Schmucler e Rosa admitem certa relação entre **Los Libros** e a tradição de **Contorno**, enquanto Sarlo nega tal aproximação, mesmo que não tenha participado da revista criada por Schmucler desde o início. Sarlo, por outro lado, na mesma entrevista, aceita a filiação de **Punto de Vista** a **Contorno**, justificando que **Contorno** seria muito próxima em termos temporais de **Los Libros**, mas seria já revista histórica quando da circulação de **Punto de Vista**. Tal declaração, obviamente, recupera as leituras elaboradas por Sarlo e outros em **Punto de Vista** acerca da tradição crítica à qual se quer vincular **Punto de Vista** e é assim que deve ser lida, como uma memória elaborada e reconstruída, não ingenuamente como uma memória dos anos 1960-1970. Por isso é preciso ter cuidado com os depoimentos, entrevistas e diálogos e, sempre que possível, vale o confronto entre diferentes leituras.

mesmo tempo se distanciar do nacionalismo peronista e do “guerrilheirismo”. (CELENTANO, 2012a; 2014b)

Ocorreu em **Los Libros**, assim, depois de seu início mais próximo das referências do estruturalismo francês, inflexão expressivamente maoísta, e os textos veiculados entre 1974 e 1976, ano do fechamento do periódico, voltaram-se à discussão prioritária das diferenças entre os projetos da URSS e da China, ao debate da Revolução Cultural Chinesa, com a diminuição das discussões acerca da América Latina, a não ser por meio das publicações e referências ao PCR e à VC. A prova de que as tensões não haviam arrefecido foi a saída de Piglia, em 1975, motivada pelo apoio de Sarlo e de Altamirano à defesa de Isabel Perón pelo PCR contra o golpe, enquanto a VC não aceitava qualquer defesa do governo repressivo e autoritário da última esposa de Perón. Piglia partiu então para os EUA e no ano seguinte a revista publicou, em fevereiro de 1976, o seu último número. Com o golpe militar, em março do mesmo ano, a redação foi fechada e se perdeu o que seria o número 45. (SOMOZA; VINELLI, 2011, p. 18)

Em síntese, em **Los Libros**, como evidenciaram os estudos de José Luis de Diego a respeito (2000, 2010): desenvolveu-se, em um momento de poucas perspectivas na universidade argentina, uma nova crítica capaz de projetar intelectuais que se tornaram, nas décadas de 1980 e 1990, referências centrais do campo intelectual argentino; elaborou-se uma crítica literária de forte conteúdo político, vinculada ao presente e às obras recentes e atenta, conforme as matrizes francesas e europeias com as quais dialogou, à forma da escritura; atualizou-se teoricamente a prática crítica, a ponto – como foi costumeiro, na época, em leitores de Althusser e de Barthes – de se fomentar certa ilusão de cientificidade que seria garantida pelo correto emprego das técnicas e dos instrumentos. Esse projeto, que se foi configurando na revista e que não esteve, em momento nenhum, antecipado ou projetado, aprioristicamente, foi, nesse sentido, histórico e caracterizou-se pelo dinamismo, pelas tensões e pela ênfase na transformação e em uma “crítica política da cultura” estruturada desde a adaptação e a apropriação de referenciais estrangeiros para refletir a respeito de problemas internacionais e propriamente argentinos. (DE DIEGO, 2010, p. 410-412)³²

Intenta-se demonstrar, pois, que **Punto de Vista** continuou o projeto de **Los Libros** em alguns sentidos, expressivamente nos debates culturais e no fomento a certas políticas da

³² Como destacou Piglia, a revista **Los Libros** foi responsável por divulgar, na Argentina, autores muitas vezes inéditos ou pouco conhecidos no país, como Lacan, Althusser, Barthes – Jorge Wolff (2009) disse que a revista fez parte dos “telquelismos latino-americanos” –, e por ela passaram intelectuais como Beatriz Sarlo, Germán García, Josefina Ludmer, Oscar Terán, Ernesto Laclau, Jorge Rivera, Jorge Lafforgue, Eduardo Menéndez, “toda a geração posterior a *Contorno*”. (PIGLIA apud SOMOZA; VINELLI, 2011, p. 19) Essa filiação em termos de tradição não pode ser desconsiderada.

cultura, mais especificamente no que diz respeito à necessidade de construção de uma perspectiva crítica atualizada que permitisse a releitura da tradição literária e teórico-crítica na Argentina. Contudo, a tradição que se quis ler criticamente a partir de 1978 incorporava o próprio trabalho de **Los Libros** e, nesse sentido, trata-se de verificar em **Punto de Vista** esse esforço de “filiação crítica” – de filiação e de desfiliação, caso se prefira – à trajetória daquela revista publicada entre 1969 e 1976 e a outras revistas argentinas.

* * *

Não se tratou, nessa explicação sobre a formação de **Punto de Vista**, da revista no período a partir de 1978: sua história será interpretada na tese, a partir de linhas de força da publicação. Nem se pretendeu, também, tornar exaustiva a exegese das circunstâncias que levaram à criação da revista, afinal, como se disse antes, as trajetórias, os itinerários, as escolhas e a formação dos intelectuais não importam somente como parte do processo que resulta no surgimento do periódico. Esses elementos, constituintes das coletividades intelectuais, serão (e precisam ser) recuperados ao longo da interpretação da história da revista, na medida em que ajudam a compreender e a atribuir sentido às escolhas dos intelectuais em cada número do periódico e no conjunto da publicação. Este projeto de interpretação da cultura e, sobretudo, este impulso geral de modernização cultural (praticado outrossim, com propósitos variados, em revistas como **Contorno** e **Pasado y Presente**), conforme se compreende nesta tese e se intentou mostrar até aqui a partir de um diálogo com a historiografia e com as fontes disponíveis – especialmente com as entrevistas –, foi gestado e praticado por Sarlo e Altamirano, entre outros intelectuais que dirigiram e/ou colaboraram em **Punto de Vista**, desde o CEAL, passando por **Los Libros** e se desdobrando, a seguir, no Club de Cultura Socialista e em outras iniciativas e produções. É hora de começar, no próximo capítulo, a identificar e a interpretar no periódico suas linhas de força, mais especificamente as suas políticas da cultura, ou seja, os esforços para delimitar temáticas, questões, problemas e objetos mais relevantes em termos culturais e analisá-los, revisando leituras consagradas ou apresentando novas leituras.

CAPÍTULO 2

Políticas da cultura em *Punto de Vista*

- 2.1. Tradições críticas em questão
- 2.2. Relendo *Sur* e *Contorno*, entre revistas e ensaístas
- 2.3. Outros objetos da cultura em pauta

Na Argentina, como se disse anteriormente, houve durante todo o século XX expressiva publicação de revistas culturais e políticas, vinculadas a núcleos de intelectuais autônomos ou mesmo a instituições. As revistas, institucionalizadas ou não, comumente se converteram em *loci* de produção e de divulgação do pensamento de grupos. No caso argentino, a tradição de interpretação da cultura – de sua história, de suas conformações e de suas elaborações – em revistas se tornou bastante sólida e houve inúmeras publicações que se destacaram por produzirem significativas leituras da cultura, da política, da economia e da sociedade. Bastaria lembrar os exemplos de **Martín Fierro**, de **Sur**, de **Contorno**, de **Pasado y Presente**, de **Crisis** para confirmar a pujança dessa produção que, como asseverou Horacio Tarcus (2007b), é uma dimensão da vida intelectual argentina e não apenas um capítulo dela.

Punto de Vista certamente integra essa dimensão, não somente por ter circulado durante 30 anos nos quais se deram transformações importantes de variado espectro na Argentina, mas, principalmente, porque planejou e executou, durante a sua circulação, um projeto de interpretação da cultura argentina, com atenção à América Latina e a outros países. Nesse sentido, desde o início do periódico, quando as limitações advindas da censura e da repressão da ditadura instaurada em 1976 ainda impediam seus idealizadores de discutir abertamente temas e questões políticas, **Punto de Vista** lançou-se a um esforço de compreensão e de revisão da cultura argentina, projeto crítico que deliberadamente continua e ao mesmo tempo transforma a tradição de revistas como **Sur**, **Contorno**, **Pasado y Presente** e **Los Libros**. Tal projeto, como se procura mostrar ao longo desta tese, consistia em desenvolver, desde **Punto de Vista**, estratégias de compreender e de problematizar a cultura em uma leitura política e de interpretar a política a partir da cultura, quando o debate político se encontrava interdito ou depois de sua retomada, desde os anos 1980.

Originado e contundentemente estabelecido contra a estagnação do pensamento frente à censura e à repressão, o projeto crítico de **Punto de Vista** abarcou diversos objetos e ofereceu leituras sobre a literatura, sobre a crítica da cultura, sobre a crítica literária, sobre ideias e autores (ensaístas, historiadores, cientistas sociais, psicólogos, filósofos, entre outros), sobre as artes (as artes plásticas, a fotografia, o cinema, a música, o teatro), sobre os meios de comunicação, bem como enfrentou, na medida em que se tornavam relevantes na sociedade argentina e em outros países, debates a respeito da memória, dos intelectuais, das cidades e da urbanização, da indústria cultural, posicionando-se sempre de maneira incisiva.

A cultura foi compreendida, desde o início da revista, como a dimensão da sociedade argentina a partir da qual se poderia construir uma crítica ao *status quo* e à paradoxal situação de possibilidade criativa e de frustração das expectativas configurada desde meados dos anos

1960. Menos visada do que a política e a economia, a cultura parecia ser uma dimensão em disputa e com possibilidades mais amplas de modernização e de transformação, mesmo frente ao autoritarismo. Nesse sentido, publicar uma revista de cultura seria um esforço não somente para interpretar a cultura, como também para ocupar um lugar específico entre os elaboradores de leituras sobre a Argentina.

Como observou Francine Masiello (1987, p. 12-13), o Estado argentino, durante o *Proceso*, esforçou-se para tornar a realidade unidimensional, unívoca, sem ambiguidades. Os poderes dedicaram-se a um projeto de “criação de um discurso unificado e à eliminação de toda oposição; criou-se um programa institucional para destruir todo sentido de alteridade.” (tradução nossa) Ao se empenhar para invalidar a produção intelectual, para diminuir o valor da cultura e para transformar os pensadores em potenciais subversivos, o governo ditatorial alcançou sobretudo as classes médias, as quais, nos primeiros anos do *Proceso*, calaram-se diante do discurso oficial e, pressionadas pelo estado de instabilidade e de insegurança criado nos anos anteriores a 1976, aceitaram em grande medida a “guerra contra a subversão” e suas “consequências indesejadas”. Entretanto, o *Proceso* não foi capaz de silenciar as múltiplas vozes de oposição, várias delas gestadas nos sessenta e nos primeiros anos dos setenta, como se notou, épocas de impulsos diversos de criação e de transformação cultural, artística e intelectual.

No que diz respeito à oposição à ditadura desenvolvida pelos escritores e pelos críticos – a oposição no campo da expressão escrita –, havia consciência, observou Masiello (1987, p. 19-20), da posição minoritária e periférica. Ao invés de se lamentarem, esses indivíduos exploraram a sua localização *en las orillas* e a heterogeneidade entre os grupos e entre os interesses, bem como a sua condição marginal e a compreensão acerca da condição de dependência cultural latino-americana para investigar objetos da cultura variados e tentar alcançar alianças com os setores mais oprimidos da sociedade argentina. Depois do golpe de 1976, frente ao crescimento do autoritarismo, da violência e dos silenciamentos, “a tarefa da crítica [...] era ensinar aos leitores a decifrar mensagens sociais e a identificar os discursos opostos que estavam em circulação na Argentina”, tentando garantir certa identidade aos intelectuais. (MASIELLO, 1987, p. 21-22, tradução nossa)

Especificamente em **Punto de Vista**, “a revista cultural mais indicativa de um desafio direto ao Proceso” (MASIELLO, 1987, p. 23, tradução nossa), entre os diversos objetos da cultura aos quais se dedicou, não é exagerado afirmar que a literatura, tanto no que se refere à publicação e à divulgação dos textos literários quanto à crítica a respeito da literatura, à crítica da crítica literária e à crítica da teoria e da história da literatura, foi um dos principais. Afinal,

a revista foi criada e conduzida por intelectuais cuja trajetória até fins da década de 1970 se vinculava, estreita e principalmente, à atividade editorial e à crítica ensaística da produção literária da Argentina e de outros países. A revista apresentou – entre os quase 2000 artigos, ensaios, resenhas, entrevistas, debates, diálogos, fragmentos de textos literários, entre outros materiais publicados nos seus 90 números – mais de 200 textos dedicados à interpretação de textos literários e à análise de obras da crítica, da história e da teoria da literatura, muitas vezes combinando, nos artigos, a atenção a obras e a autores da crítica cultural, mais amplamente, e da crítica literária, especificamente.¹ Além disso, pelo menos em 55 ocasiões publicou e divulgou fragmentos de textos literários (poemas, contos, capítulos de romances, entre outros), sobretudo de autores pouco conhecidos à época. Caso sejam considerados os textos em que **Punto de Vista** especificamente divulgou novos autores, em busca da renovação dos debates e das referências de áreas como a Literatura, a Crítica literária, a Sociologia, a História, a Psicologia, a Arquitetura, verifica-se um montante de quase 350 textos (vários deles, ao mesmo tempo, artigos de divulgação e de crítica de uma obra específica), ou seja, cerca de 600 textos do periódico se voltaram à discussão, de alguma maneira, das tradições críticas e dos objetos da cultura.

Por conta das limitações impostas pela censura e pela repressão durante os anos do *Proceso*, sobretudo entre 1978 e 1981, a revista, conforme observou Oscar Terán (2008, p. 90) em diálogo com José Luis de Diego (2001), centrou sua atividade, nos anos iniciais de circulação, na abordagem da literatura e da crítica, da história e da teoria da literatura, começando a discutir abertamente temas da história política argentina apenas a partir do início dos anos 1980 e da crise motivada pela Guerra das Malvinas. De qualquer maneira, tal atenção primordial nos primeiros anos destacada por Terán precisa ser melhor definida: a investigação que resultou nesta tese mostrou que a revista concentrou-se, até pelo menos 1983, não efetivamente na interpretação maciça de obras literárias e de autores afins, por meio de ensaios e/ou artigos de maior densidade, mas em comentários e em resenhas de menor extensão, muitas vezes dedicados somente à apresentação das obras, aos moldes do que se fizera em **Los Libros**², e não a uma análise dos textos. O trabalho ensaístico de Beatriz Sarlo,

¹ Como se perceberá, muitos dos autores escolhidos por **Punto de Vista** para o debate – e que por isso foram comentados, publicados e/ou traduzidos – desenvolveram atividade crítica múltipla, escrevendo textos que poderiam ser definidos como pertencentes a mais de uma área do conhecimento. E os textos publicados pelos membros do Conselho de Direção da revista ou por outros autores no periódico foram, também, diversificados em termos disciplinares, situando-se, de modo geral, no âmbito da crítica cultural, com ênfases na crítica literária, na história da literatura, na teoria da literatura, na história das ideias, na história intelectual, entre outros campos/áreas.

² Para subsidiar esta afirmação, basta que se indique o seguinte: do número 01 (março de 1978) ao 25 (dezembro de 1985), foram publicadas 191 resenhas, notas, notícias, entre outros textos curtos, em seções de **Punto de**

de Carlos Altamirano e de María Teresa Gramuglio, principalmente, destinado à apreciação de escritores, de críticos e de obras literárias conhecidas ou desconhecidas naquela conjuntura, foi aprofundado desde a redemocratização e se tornou parte fundamental da atividade intelectual desses e de outros autores, como se pode notar na revista e nos inúmeros livros que cada um deles publicou a respeito.

Sem o objetivo ou a pretensão de realizar a crítica da história literária e/ou da crítica e da teoria literária veiculadas em **Punto de Vista** – ainda que o diálogo interdisciplinar seja incontornável –, intentar-se-á mostrar, a seguir, como a publicação e a análise de textos críticos e literários, de revistas culturais, de ensaios e de outros objetos da cultura na revista evidenciam certas escolhas interpretativas dos seus idealizadores/realizadores, oferecendo uma série de leituras de aspectos importantes da história da Argentina e da América Latina nos séculos XIX e XX. Trata-se, pois, de avaliar as políticas da cultura³ de **Punto de Vista**, de realizar uma análise da crítica política da cultura efetuada pelo periódico, de problematizar esse esforço interpretativo que se vincula e ao mesmo tempo se diferencia daquele realizado em **Los Libros** e em outras revistas às quais **Punto de Vista** procurou se filiar. Por isso essa produção acerca das tradições críticas em suportes diversos precisa ser discutida. Em seguida, demonstrar-se-á como a revista paulatinamente diminuiu a atenção dedicada à crítica cultural e à crítica literária para se ocupar, junto aos debates mais especificamente políticos – sobre a democracia, a esquerda, entre outros –, de outros objetos da cultura.

Vista intituladas “Los Libros”, “Minima”, “Materiales para el debate” (entre outras). Evidentemente, nem todos os livros comentados eram obras de literatura ou de crítica/teoria da literatura, mas uma quantidade significativa se vinculava a essas áreas (principalmente na seção “Los Libros”, não casualmente nomeada como a revista fechada em 1976). Do número 26 (abril de 1986) ao 44 (novembro de 1992), a quantidade desses textos caiu para apenas 33 e as seções anteriormente mencionadas foram desaparecendo da revista. Entre o número 45 (abril de 1993) e o 90 (abril de 2008), foram apenas 2 textos desse tipo. Evidentemente, como se disse, tais comentários servem principalmente para matizar a afirmação de Terán, na medida em que, enquanto se reduzia expressivamente a quantidade de textos breves a respeito de obras das mais variadas áreas, as análises a respeito dessas obras (principalmente a partir do início dos anos 1990) passaram a ocupar os autores em artigos e/ou ensaios mais detalhados e mais longos, demonstrando que não simplesmente diminuiu o interesse por obras e autores – o que aconteceu, em alguma medida –, mas se alterou a estratégia de abordagem e de discussão.

³ Cabe esclarecer aqui, sem nenhuma pretensão teórica ampla, que a expressão “política da cultura”, no singular ou no plural, não será usada, nesta tese, como sinônimo de “política cultural”. Enquanto esta última costuma identificar ações ou projetos do Estado ou de instituições na área de cultura, nesta tese as “políticas da cultura” de **Punto de Vista** são as pautas a respeito da cultura escolhidas e desenvolvidas pelo periódico, definidas pela compreensão do Conselho acerca das demandas e das necessidades da revista e da sociedade na qual ela pretende intervir. As políticas da cultura de **Punto de Vista**, como se intentará explicitar, delimitaram-se não programaticamente, mas por meio dos objetos da cultura escolhidos para interpretação.

2.1. Tradições críticas em questão

No que concerne aos debates relativos à tradição literária e à tradição da crítica, na Argentina e na América Latina, é possível afirmar que alguns “eixos de trabalho” foram construídos em **Punto de Vista** durante os seus trinta anos. A revista se esforçou – como havia acontecido outrora em publicações culturais várias – para renovar os autores com os quais dialogava, rompendo, como disse Sarlo a Wolff, qualquer “relação religiosa” com as teorias. Foram priorizados os diálogos com os autores latino-americanos e europeus capazes de oferecer parâmetros para a definição de uma perspectiva a respeito da literatura e da crítica – literária, mas cultural de forma mais ampla – mais próxima do social e do histórico. Ademais, como se disse desde o primeiro capítulo, **Punto de Vista** desenvolveu reflexões que deliberadamente pretendiam inseri-la em uma tradição de revistas culturais argentinas.

Ao se entender como parte dessa tradição, a revista criada em 1978 lançou-se, como aquelas publicações das quais se aproximou, à interpretação ou à reinterpretação de autores da literatura argentina, exercendo, outrossim, o papel de procurar estabelecer novas referências para o cânone. Como revista diversa, no entanto, dedicou-se não apenas à literatura, à crítica e às revistas, outros objetos da cultura foram debatidos, entre saberes, temas e questões, configurando-se, por vezes, certas políticas da cultura na publicação. E não poderia escapar ao interesse da revista a autorreflexão sobre a atuação dos intelectuais como intérpretes da cultura e da política. É preciso avaliar mais detalhadamente cada um desses “eixos de trabalho”.⁴

O diálogo com autores em prol da renovação das perspectivas de leitura acerca da literatura, da crítica, da história e da teoria literária e da crítica da cultura mais amplamente começou no primeiro artigo publicado em **Punto de Vista** e se encerrou apenas no número 90, três décadas depois. Considerados os textos nos quais se enfatiza a análise de obras literárias e/ou de autores específicos, aqueles em que as obras de crítica, de história e de teoria literária são tomadas como objeto e outros em que se buscou divulgar, em traduções diretas, em entrevistas, em diálogos ou em análises, novos autores ou renovar as referências para a

⁴ Retomando parcialmente um esclarecimento exposto na introdução: nesta tese foram selecionados alguns artigos ou outros tipos de textos publicados em **Punto de Vista** para análise e interpretação. Por conta do volume de textos, obviamente, nem todos poderiam ser comentados, muito menos analisados. Ademais, foram priorizados, em todos os capítulos, textos elaborados pelos membros do Conselho de Direção e/ou pelos intelectuais mais próximos ao Conselho, por conta da relação explícita que estes mantiveram com o projeto da revista, além dos textos que tematizaram a história, a cultura e a política da Argentina e da América Latina, pois se compreende que **Punto de Vista** desenvolveu seu projeto de interpretação enfatizando o país e o universo latino-americano como objetos. Por fim, cabe dizer que a escolha por interpretar a revista temático-cronologicamente provocará na narrativa certos trânsitos temporais, os quais serão devidamente destacados para evitar confusões.

crítica⁵, **Punto de Vista** publicou cerca de 560 textos dedicados a essas questões e/ou temáticas.

Em todos os números da revista houve pelo menos um artigo – sem contar as resenhas, notas e comentários breves, abundantes até meados dos anos 1980 – elaborado em prol desse esforço de modernização crítica. Também foram publicadas entrevistas e diálogos com intelectuais então lidos pelos membros do Conselho de Direção de **Punto de Vista** e gradativamente incorporados ao rol de autores utilizados para, simultaneamente, criticar uma tradição crítica argentina ou uma tradição estrangeira de análise estruturalista ou as leituras estilísticas dos anos 1950 e 1960.

Criada durante uma ditadura por intelectuais politicamente comprometidos com agrupamentos de esquerda e conhecidos por sua atuação desde os anos 1960, a revista lançou mão diversas vezes, especialmente entre 1978 e 1981, do recurso à crítica “cifrada”; ademais, a utilização de pseudônimos foi indispensável. Nesse sentido, a elaboração, pela própria publicação, de um banco de dados com a indicação de informações básicas de cada texto, com a explicação sobre a autoria dos textos e com a identificação dos pseudônimos foi fundamental para esta investigação.⁶

⁵ Ressalte-se que inúmeras vezes em um mesmo texto há análise de um autor e discussão da crítica, ou análise de uma obra a partir de referências teóricas renovadas, entre outras combinações possíveis. Pela complexidade dos textos publicados em **Punto de Vista**, muitos deles com características mais próximas aos ensaios do que aos artigos acadêmicos, esses dados precisam ser analisados e considerados com cuidado e com as devidas advertências, com a consciência, sobretudo, de que os números indicam sobreposições e/ou duplicações.

⁶ O Banco de Dados de autores e de textos (“Base de Datos”) foi incluído nas edições em CD-Rom de **Punto de Vista** lançadas por ocasião dos 25 anos da revista (editadas/reeditadas entre 2004 e 2008, com os números 01 a 75) e em 2009 (completa, com os 90 números). Há nessas edições digitais, outrossim, dados adicionais sobre a revista, como breve história, indicação dos membros do Conselho de Direção e Assessor, entre outras informações. Constatou-se, ao longo da pesquisa, que as informações dos CD’s apresentam inconsistências, principalmente no Banco de Dados – textos faltando, autores faltando, entre outras –, e que as versões dos números digitalizadas e disponibilizadas em formato PDF também têm problemas, sobretudo páginas faltando (nem mesmo a versão de 2009 corrigiu esses equívocos). Nesse sentido, nesta tese foram utilizadas como fonte as versões digitais da revista e, quando necessário, foram consultadas as versões em papel disponíveis na Biblioteca da FFLCH-USP. Seguem alguns exemplos de inconsistências encontradas:

a) As entrevistas são ou deveriam ser listadas tanto no nome do entrevistador quanto no do entrevistado. As entrevistas concedidas a Beatriz Sarlo por Raymond Williams e por Richard Hoggart (**Punto de Vista**, n. 6) constam somente na lista de Beatriz Sarlo, Williams e Hoggart nem aparecem como autores no Banco de Dados. O mesmo acontece com Juan Rulfo, que concedeu uma entrevista a A. M. P. (**Punto de Vista**, n. 6) e não consta na lista de autores do banco de dados, e com a entrevista concedida por Jürgen Habermas a Terry Eagleton e P. D. (na separata do número 27). Nas menções à participação de Eagleton em **Punto de Vista**, referimo-nos ao Banco de Dados, a entrevista não aparece, e no que diz respeito a P. D. não há nenhuma informação. Há outros casos; b) o artigo “Identidad, linaje y mérito de Sarmiento”, escrito por Carlos Altamirano e Beatriz Sarlo, publicado no número 10, é listado apenas nos textos atribuídos a Carlos Altamirano; c) entre os autores que não constam no Banco de Dados são exemplos: Tilman Evers (publicou “Identidad: la faz oculta de los nuevos movimientos sociales”, no número 15) e Penelope Corfield (entrevistou E. P. Thompson, no número 51).

A coleção completa de **Punto de Vista** em formato PDF por ser acessada em: <http://bazaramericano.com/punto.php?msg=pronto>

Por esses motivos, o número 01, de março de 1978, tem a aparência não de uma edição inaugural, mas de continuação de uma publicação que já existia. Sem qualquer editorial, texto coletivo ou declaração de intenções do novo periódico, o volume de 32 páginas e conformação material simples – papel rudimentar, ausência de cores, ilustrações pouco sofisticadas – trouxe, como artigo inaugural, uma investigação da crítica literária britânica Jean Franco, precursora dos estudos sobre literatura da América Latina no Reino Unido e nos EUA.

O trabalho de Franco, intitulado “La parodia, lo grotesco y lo carnavalesco. Conceptos del personaje en la novela latinoamericana”, dialoga com os primeiros tempos de **Los Libros** e oferece uma discussão acerca dos romances e principalmente dos autores utilizados como parâmetros para a crítica da produção de romances na Europa, como Ian Watt, F. R. Leavis e Georg Lukács. Esses, conforme avaliação dos formalistas russos apropriada por Franco, mostrar-se-iam inadequados como referenciais críticos e levariam a uma desvalorização do romance latino-americano. Em diálogo com Tinianov, um dos expoentes do movimento russo, a autora destaca a capacidade dos romances produzidos na América Latina de se valer da paródia como procedimento crítico. Lê-se no artigo:

[...] Se, junto com Tinianov, consideramos a paródia como um dos instrumentos mais importantes de ruptura com o passado, e por esta via de abertura para o novo, o romance latino-americano contemporâneo deixa de ser uma aberração ou um monstro nascido do europeu, e cumpre a função de todo romance, a da autocrítica. (Jean Franco, “La parodia, lo grotesco y lo carnavalesco. Conceptos del personaje en la novela latinoamericana”, **Punto de Vista**, n. 01, mar. 1978, p. 4, tradução nossa)

Diversos comentadores – entre eles Olmos (2000) – destacaram o potencial de “crítica cifrada” de um artigo como esse, o qual, ao tratar da paródia como procedimento de ruptura com o passado, faria referência a um esforço da revista de romper com limitações de uma sociedade em plena ditadura. É possível, certamente, concordar com essa leitura. Parece, contudo, que o artigo de Franco pode ser lido complementarmente em outra perspectiva: o texto é uma indicação precisa de que a publicação, no âmbito da crítica da literatura, queria oferecer mais do que apenas uma leitura assemelhada às europeias ou fundamentada em conceitos não meditados para a América Latina. Franco disse no mesmo texto:

É necessário [...] ampliar o conceito de paródia para incluir nele um procedimento [...] que consiste em transpor elementos da literatura tradicional a outro contexto. Este deslocamento abre um espaço crítico pelo

qual, através das “diferenças”, podemos apreciar tudo o que a literatura europeia não disse e *não pode dizer*. [...] a experiência sobre os produtos e a sociedade europeia é fundamentalmente diferente no caso de um marginal e no de um escritor metropolitano. [...]. (Jean Franco, “La parodia, lo grotesco y lo carnavalesco. Conceptos del personaje en la novela latinoamericana”, **Punto de Vista**, n. 01, mar. 1978, p. 5, tradução nossa, *itálico no original*)

A autora prossegue exemplificando de que maneira romances como *Cem anos de Solidão*, de García Márquez, ou *A casa verde*, de Vargas Llosa, entre outros, permitem leituras nas quais a paródia revelaria as particularidades da América Latina e não seria apenas um recurso formal vazio. E complementa a sua argumentação da seguinte maneira:

No romance latino-americano se trata não apenas das transformações dos temas e dos motivos, mas também da inversão às vezes conscientemente burlesca de situações e hierarquias literárias. [...] na América Latina, a paródia, a zombaria, a inversão conduzem a uma transformação radical de temas, motivos e símbolos que nos remetem a rupturas no desenvolvimento dessas sociedades. [...]. (Jean Franco, “La parodia, lo grotesco y lo carnavalesco. Conceptos del personaje en la novela latinoamericana”, **Punto de Vista**, n. 01, mar. 1978, p. 6-7, tradução nossa)

Como se percebe, Jean Franco não está somente discutindo os romances latino-americanos em contraponto à tradição europeia. Obviamente problematiza uma postura cultural e artística específica de simples imitação dos procedimentos, das formas e dos motivos europeus em arte – e mais especificamente na literatura – e valoriza a utilização da paródia e o seu estudo como mecanismos de diálogo não submisso com as matrizes europeias e, ao mesmo tempo, de desvelamento das peculiaridades estéticas e sociais das sociedades na América Latina. Para tanto, segundo Franco, seria necessário, do ponto de vista teórico, dialogar mais de perto com os formalistas russos e seus estudos sobre o estranhamento e a carnavalização, de modo a enxergar o que as matrizes estruturalistas não garantiam ao defenderem a concentração no estudo imanente do texto.

Esse debate sobre “como ler literatura” continuou no número 02 de **Punto de Vista**, de maio de 1978, volume com as mesmas características materiais do anterior, iniciado por um artigo de Beatriz Sarlo (sob o pseudônimo de Silvia Niccolini), “¿Como leer literatura? Algunas consideraciones sobre el formalismo norteamericano”. A autora, que em entrevista a Blanco e a Jackson (SARLO, 2009) disse estar, naquela circunstância, se tornando cada vez mais formalista e menos estruturalista, começa o texto lembrando que os formalistas russos, os adeptos do *new criticism* anglo-saxão e da sociologia da literatura, bem como os estruturalistas haviam assinalado a artificialidade do texto literário, seu caráter de elaboração. Contudo, para Sarlo, seria necessário naquele momento um diálogo mais próximo com o

formalismo para problematizar as características da construção dos textos literários e para explicitar as possibilidades de leitura não ingênua.

Em artigo menor do que o de Franco, mais voltado ao debate com o livro *The Rhetoric of Fiction*, de Wayne Booth, representante de um formalismo dos EUA avaliado como apolítico, Sarlo reforça a posição de que seria preciso aprender a ler a literatura de maneira a compreender a sua construção, a sua forma e a sua vinculação ao mundo social. Por conta dessa preocupação com os usos da língua na literatura e em sociedade, **Punto de Vista** não abandonou completamente suas relações com saberes marcadamente estruturalistas naquele momento, principalmente com a Linguística. Em resenha elaborada por Nicolás Rosa sobre livro de Luis Prieto no n. 03, de julho de 1978, o autor – um dos mais importantes críticos em **Los Libros** – destacou como a Semiologia e a Linguística eram campos de batalha que ainda buscavam oferecer reflexões sobre o texto literário e como Prieto debatia com Barthes.

Se Rosa ainda não havia se afastado do estruturalismo tanto quanto Sarlo – ela vinha trazendo para **Punto de Vista** críticos das leituras estruturalistas, como se verá a seguir –, ele não era o único, outros colaboradores da publicação não estavam dispostos a ignorar sem meditar, repentinamente, o que haviam aprendido com os mestres europeus dos anos 1940, 1950 e 1960. Exemplos disso são o número 05, de março de 1979, em que se divulgou um congresso de semiótica realizado no Brasil, e o número 09, de julho-novembro de 1980, no qual Juan José Saer, em sua atuação como crítico – que será constante em **Punto de Vista** –, escreveu texto sobre a morte de Jean-Paul Sartre (ocorrida em abril de 1980) visando desfazer equívocos sobre as ideias do filósofo francês a respeito da literatura e do compromisso político dos intelectuais e artistas. Os argumentos de Saer são reforçados por texto da jornalista comunista italiana Rossana Rossanda, de tom memorialístico e de valorização de Sartre, autor que sofria críticas no início dos setenta.

A esses materiais se segue outro texto, desta vez de Susan Sontag, crítica estadunidense, sobre a morte de Roland Barthes em março daquele mesmo ano. A valorização das múltiplas contribuições de Barthes para o estudo da língua e da literatura, bem como para a definição, junto com Sartre, de um perfil de atuação intelectual nos sessenta – perfil muito marcante em **Los Libros**, como se disse antes –, está evidenciada nesse número. O número prossegue com artigos de Nicolás Rosa (“La operación llamada ‘lengua’”) e dos linguistas Carlos Vogt, Peter Fry e Maurizio Gnerre (“Las lenguas secretas de Cafundó”, sobre línguas no Brasil), estudos que evidenciam como a Linguística, se perdia espaço na revista como fundamento para a análise dos textos literários, socialmente gozava de prestígio e vigor na Argentina e na América Latina. Trata-se de um momento de transição na crítica literária

latino-americana com efeitos sobre as disciplinas/áreas de Literatura, de História, de Crítica e de Teoria Literária no Brasil, por exemplo, e de um momento de consolidação da área de Linguística. Era uma época de transição, enfim.

Uma das evidências dessa época de transição foi o número 10, de novembro de 1980, no qual foram publicados textos contundentes de crítica ao estruturalismo, a começar por um estudo de José Sazbón, filósofo, estudioso e um dos principais difusores e tradutores de autores do estruturalismo e da semiologia na Argentina, não casualmente intitulado “La modificación”. Valendo-se da metáfora da cidade em transformação para se referir às mudanças nos estudos estruturalistas e de semiologia, Sazbón sintetiza alguns dos principais debates então recentes sobre língua e linguística e conclui o texto se posicionando como um dos esperançosos em relação à melhor compreensão da cidade mudada. O texto que se segue ao dele, uma resenha de Fernando Mateo para o livro de Claude Lévi-Strauss, *Antropología estructural. Mito, sociedad, humanidades*, lançado em 1979 no México pela Siglo XXI, tem um título menos cauteloso: “Antropología estructural: después de la moda”. Mateo se recorda de resenhas que escreveu para livros sobre o estruturalismo e a semiologia – entre eles, os de Sazbón –, desconstrói o que chama de críticas de má fé ao pensamento de Lévi-Strauss, mas não deixa de se posicionar em relação às limitações do modelo defendido nesse segundo tomo de *Antropología estructural*, tardiamente traduzido para a língua espanhola.

Os posicionamentos de **Punto de Vista** no que se refere à herança estruturalista de **Los Libros** ainda ocuparam outros números da publicação, já fora do período da ditadura, momento no qual a abordagem acerca de problemas teóricos da crítica ocorria também por conta das limitações da censura. No número 21, de agosto de 1984, marcadamente político por conta das discussões a respeito da esquerda na Argentina e de outros debates concernentes à abertura democrática, foi publicada uma entrevista do linguista Marcelo Sztrum sobre enunciação e discurso com Oswald Ducrot, especialista francês que havia passado por Buenos Aires para cursos na UBA e tinha divulgado seus diálogos teóricos com a obra de Mikhail Bakhtin, especialmente com o conceito de polifonia, que importava a Altamirano, a Sarlo e a Gramuglio por permitir uma melhor compreensão da multiplicidade de vozes narrativas presentes em livros lançados naquele momento na Argentina.

Tematizaram o Estruturalismo, a Linguística, a Semiótica e as teorias da comunicação, outrossim: a entrevista com o filósofo e semiólogo argentino Eliseo Verón, publicada no número 24 (de agosto-outubro de 1985), centrada um pouco mais na contribuição desses debates para a análise das mídias e dos meios de comunicação e para a análise dos discursos sociais – que interessavam a **Punto de Vista**, como se discutirá – e sem discutir a literatura; a

entrevista com o linguista francês Pierre Encrevé, no mesmo número 24, que sintetizava os trabalhos desenvolvidos nas áreas de Sociolinguística e de Linguística Cognitiva, bem como os diálogos com a obra de Noam Chomsky e a pesquisa em Fonologia, demonstrando a vitalidade e a diversidade da área de Linguística naquele momento, em interface com os estudos sobre comunicação, mídias e discursos; e um texto de Adolfo Prieto, no número 34 (de julho-setembro de 1989), quando, em contexto social e político completamente diferente – a eleição de Carlos Menem e, portanto, o retorno do peronismo ao poder –, o professor e crítico literário argentino ofereceu uma leitura retrospectiva e panorâmica do Estruturalismo e do Pós-Estruturalismo na Argentina.

O artigo de Prieto, “Estructuralismo y después”, iniciado por uma sumária indicação cronológica do Estruturalismo e do Pós-Estruturalismo na Europa até aquele momento, dedicou-se depois a situar autores e obras entendidos como forças intelectuais importantes na cultura argentina contemporânea que tinham dialogado com essas matrizes e se tornado em certa medida críticos a elas. Ao fazê-lo, Prieto, que colaborou em **Contorno**, recuperou obras de Nicolás Rosa, de Noé Jitrik, de Jorge Lafforgue e de Josefina Ludmer, de fins da década de 1960 e início dos anos 1970, assim como se referiu a estudos publicados em revistas, como **Primera Plana** e **Los Libros**, e em livros, por autores como Beatriz Sarlo e Susana Zanetti.

Esse panorama bibliográfico bastante bem elaborado por Prieto conseguiu, portanto, indicar a assimilação das ideias estruturalistas na produção crítica argentina fora da universidade, em revistas especializadas e/ou autônomas, e foi capaz de indicar como, apesar dos esforços de **Punto de Vista** para uma renovação dos parâmetros da crítica da cultura e da literatura que se afastaram principalmente do estruturalismo francês, a sua difusão a partir das obras de críticos respeitados como Rosa, Jitrik e Ludmer garantiu a manutenção das interpretações de tom estruturalista nos setenta e mesmo nos oitenta, como sugere Prieto ao filiar, fragilmente, o pós-estruturalismo na Argentina a uma produção que categoriza como pós-modernista, sem maior rigor interpretativo.

As últimas menções ao estruturalismo em **Punto de Vista**, pode-se afirmar, estiveram na entrevista inédita com Roland Barthes, publicada no número 50 (de novembro de 1994), que transcreveu gravação realizada por Raúl Beceyro em 1975 de uma transmissão radiofônica francesa na qual Barthes comentou a publicação do livro *Roland Barthes por Roland Barthes* e, por extensão, tratou de sua trajetória intelectual até aquele momento. Além disso, a revista publicou, em seu número 86 (de dezembro de 2006), entrevista do antropólogo e estudioso argentino da comunicação Pablo Francescutti com o semiólogo italiano Paolo Fabbri, que tratou de seus estudos sobre semiótica e linguística em circunstâncias nas quais,

efetivamente, a revista não se preocupava mais com essas áreas como forças de empuxo e/ou de renovação de perspectivas.

O importante a dizer, a título de síntese provisória, é que a ênfase estruturalista e semiológica diminuiu nos anos 1980 enquanto se ampliavam em **Punto de Vista** os diálogos com autores até então pouco conhecidos na Argentina e mesmo na América Latina. Essa construção de um conjunto de referências levou, principalmente em Sarlo e Altamirano, à definição de uma perspectiva de trabalho crítico focado na análise das complexas relações entre literatura e sociedade e entre literatura e política e, para tanto, esses autores e María Teresa Gramuglio se aproximaram de certos críticos latino-americanos importantes, como Ángel Rama, Antonio Candido e Antonio Cornejo Polar, e de duas referências britânicas que serão marcantes para **Punto de Vista**, Raymond Williams e Richard Hoggart.

A primeira ocorrência de um texto próximo de uma perspectiva de leitura estético-histórica da cultura e mais propriamente da literatura se deu no número 02 da revista, de maio de 1978, em que se publicou estudo do crítico uruguaio Ángel Rama, então muito conhecido por seus trabalhos na revista **Marcha**⁷, interrompida pela ditadura uruguaia em 1974. Rama vivia em fins dos anos 1970 exilado, condição que se manteve até sua morte, em novembro de 1983, em um acidente de avião. Em seu texto “Encuesta sobre sociología de la lectura”, apresentou reflexão a respeito dos resultados de uma pesquisa realizada na Escola de Letras da Universidade Central de Venezuela por uma equipe de docentes e alunos, visando, como explica a introdução dos editores da revista, estabelecer os “níveis de leitura, compreensão e apreciação estética segundo estratos socioculturais urbanos da cidade de Caracas.” Trata-se de informe anteriormente publicado na revista **Escritura**, com resultados parciais da pesquisa, para a qual colaboraram, conforme o texto, especialistas do Instituto de Altos Estudos de Paris, especificamente da seção “Sociologie de la Littérature”, entre eles Jacques Leenhardt, destacado naquele momento por ser discípulo de Lucien Goldmann, filósofo e sociólogo francês.

O texto evidencia um interesse que nos anos seguintes crescerá entre os estudos literários e em **Punto de Vista** pela compreensão mais adequada das práticas e dos perfis de leitura e de leitores. Se essa “encuesta” de Rama se aproximava mais de uma leitura sociológica, objetivando compreender as relações entre posições sociais e percepções culturais e estéticas, outras virão inspiradas pela chamada Estética da Recepção e pelos

⁷ Para acesso a uma análise e interpretação detalhada de **Marcha**, recomenda-se a leitura da tese de doutorado de Mateus Fávaro Reis, *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla (Uruguai e Chile, 1932-1974)*, defendida em 2012 na UFMG.

estudos de Jauss. De qualquer maneira, quer-se reforçar como o texto sinaliza para a convivência, nos primeiros tempos de **Punto de Vista**, entre pontos de vista diferentes e em certa medida antagônicos a respeito da crítica literária e dos modos de praticá-la, algo característico de um empreendimento intelectual múltiplo e em formação. As diversas resenhas de livros também explicitam, nos primeiros números da revista, os interesses variados e por vezes conflitantes em termos teóricos.

A preocupação com as características do público de arte e com sociedades potencialmente desinteressadas pela produção artística na Argentina e na América Latina se manteve e motivou a publicação de outra “encuesta” no número 05, de março de 1979. Coordenada pela historiadora da arte e professora da UNAM, no México, Rita Eder, na pesquisa, levando em consideração as características de disponibilização pública e privada da produção artística no México, intentou-se compreender melhor, por meio de entrevistas individuais, o perfil socioeconômico e educacional dos frequentadores de exposições, mas também seus interesses em termos artísticos, isto é, de quais estilos gostavam mais ou menos, como se informavam sobre as exposições e os artistas, entre outros aspectos. Utilizando como sujeitos pessoas que visitaram exposições específicas de grande circulação ou outras menos celebradas, a equipe de Eder encontrou um público predominantemente jovem, estimulado pela propaganda das exposições nos meios de comunicação, atento especialmente à arte moderna e menos disposto a se aproximar da arte de vanguarda.

Tais pesquisas, realizadas respectivamente na Venezuela e no México, serviam para que **Punto de Vista** pudesse silenciosamente indicar, em contraste, a pequena atenção a essas investigações na Argentina e, ao mesmo tempo, a falta de referências no país para refletir a respeito, o que a revista acreditava poder corrigir com as suas publicações. Isso se confirma ao observar que: o número 01 da revista, de março de 1978, trouxe uma análise a respeito de uma polêmica ocorrida na Bienal Internacional de São Paulo em 1977; no número 05, María Teresa Gramuglio (assinando M.T.R.) resenha criticamente as “Jornadas Internacionales de la crítica”, realizadas em novembro de 1978 em Buenos Aires pela Associação Argentina de Críticos de Arte, as quais, conforme a autora, “provocaram uma verdadeira sacudida no meio plástico de Buenos Aires, depois de um ano que se poderia qualificar como chato, com exceção das notas salientes que marcaram algumas mostras individuais, o Prêmio Benson⁸ e o discutido Salão Nacional.” [María Teresa Gramuglio (M.T.R.), “Jornadas Internacionales de la crítica 1978 (Reseña crítica)”, **Punto de Vista**, n. 05, mar. 1979, p. 32, tradução nossa]

⁸ Comentado no número 03 de **Punto de Vista**, de julho de 1978.

Naquele momento (fins dos anos 1970), motivados pelos esforços de renovação do pensamento e da atuação da esquerda e pela convicção de que era preciso ampliar, na Argentina, as referências da sociologia da arte, da sociologia da cultura, da sociologia da leitura, Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano viajaram à Europa. Disse Sarlo a respeito, em entrevista a Blanco e a Jackson:

Quais foram as leituras mais importantes que realizaram nesse momento?

A primeira foi Raymond Williams. Juntamente com Carlos Altamirano, li muita coisa com a intenção de revisar o marxismo. [...] Essas leituras políticas foram essenciais para ajustar contas com nossa consciência filosófica anterior. Pensávamos que somente podíamos deixar o partido e começar um processo de revisão do marxismo se realizássemos um trabalho reflexivo sobre os textos que haviam formado nossa cabeça. [...] A formação marxista nunca foi abandonada. Depois do golpe, creio que Williams nos ajudou a pensar de outra forma a trama de cultura e sociedade.

[...] Em 1979, viajamos para a Europa e compramos de tudo: os formalistas russos – que é minha área – e tudo o que necessitávamos de Williams, Hoggart etc. Trouxemos, também, Robert Jauss. Conseguimos montar uma biblioteca mais completa. Conhecíamos Bourdieu porque aparecera um artigo em *Problemas del estructuralismo*, da editora Siglo Veintiuno. A partir de então, começamos a rastreá-lo. Mas eu creio que, mesmo antes de 1979, já tínhamos uma biblioteca relativamente respeitável. Eu tinha as revistas francesas *Tel Quel* e *Communications*. Foi importante, além disso, começarmos a fazer pesquisa, coisa que não havíamos feito antes. Nosso ponto de partida foram os ensaios sobre o Centenário. Depois eu passei para as vanguardas.⁹ (SARLO, 2009, p. 137-138)

Acrescentando elementos sobre os vínculos entre renovação cultural e reflexão política, Altamirano, comentou, na longa entrevista a Trímboli, essa ocasião da seguinte forma:

Para mim foi muito importante uma viagem que fiz à Europa no ano de 1979. Tinha um apartamento e o vendi, e se discutiu então o que podíamos fazer com esse dinheiro. Concluímos que nada melhor do que gastá-la em uma viagem à Europa, continente que ainda não conhecíamos. Então eu fui com Beatriz. Essa viagem foi decisiva para mim porque implicou a aparição da questão democrática, questão que fez mudarem as minhas expectativas políticas. Em que sentido? É certo que o acordo com a Vanguardia Comunista estava centrado na ideia de uma tática de luta democrática. Mas a luta democrática era considerada tão somente como uma tática, como um instrumento dentro de uma luta que estrategicamente ia muito mais além. Quando viajei à Europa o que percebi foi a crise geral do marxismo; ainda

⁹ Nessa mesma entrevista a Blanco e a Jackson, de 2009, Sarlo explica que ela e Altamirano se aproximaram da obra de Raymond Williams ainda em Buenos Aires, por conta de uma notícia recebida por ele a respeito do interesse da editora Nueva Visión em traduzir obras do crítico britânico. De acordo com Sarlo, quem deu a informação a Altamirano foi, provavelmente, Diana Guerrero, morta pelo governo militar. A editora desistiu de traduzir um dos livros de Williams após o golpe de 1976 e eles conseguiram ficar com a obra. Nota-se, portanto, que a obra de Williams já havia chegado à Argentina antes da divulgação do autor e de suas ideias por **Punto de Vista**, ou seja, a revista continuou um processo em curso.

que não fosse tão vasta como aparece desde alguns anos, já estavam presentes muitos dos signos que expunham que o marxismo estava gravemente afetado como teoria geral da mudança revolucionária. Encontrei-me também com um questionamento geral dos experimentos socialistas, não apenas dos do bloco do Leste que vinham sendo objetados desde tempos através das críticas que eu conhecia, mas também de experimentos como o da China maoísta. Recordo-me que uma das últimas coisas que fiz, como resíduo do que havia sido minha adesão ao maoísmo, foi comprar o tomo quinto das obras escolhidas de Mao Tse Tung; essa foi uma despedida mas nem sequer a li. (ALTAMIRANO, 1998, p. 18, tradução nossa)

Nas entrevistas de Sarlo e de Altamirano são precisas as referências ao esforço de renovação intelectual que os dois empreendiam. Como duas das principais figuras de **Punto de Vista**, ambos desenvolveram iniciativas para incorporar aos seus repertórios individuais e, por extensão, à revista leituras pouco ou nada conhecidas na Argentina e mesmo na América Latina daquela conjuntura e bastante importantes para a construção de uma crítica que, como disse Sarlo, explicasse melhor “a trama de cultura e sociedade”. Nesse sentido, da viagem à Europa em 1979 eles trouxeram não somente livros, mas diálogos e contatos, bem como entrevistas com Raymond Williams e Richard Hoggart publicadas no número 06, de julho de 1979, nas quais foram discutidos temas e questões fundamentais, como as “relações sempre problemáticas: literatura e história, intelectual e público de massas, sociologia cultural e formalismo, tradição e ruptura.” Essa chamada das entrevistas – as quais foram destacadas na capa do número 06 como “Cultura y sociedad: informe especial” – poderia, sem exagero, ser considerada um programa dos objetos da cultura aos quais **Punto de Vista** se dedicou por, pelo menos, 10 anos a partir de então, sistematicamente.

Alguns especialistas, entre eles Ana Cecilia Arias Olmos (2002), comentaram o processo de apropriação de Williams e de Hoggart em **Punto de Vista** e destacaram como o periódico se posicionou em busca de uma definição e de uma forma de interpretar a cultura liberta dos determinismos marxistas e estruturalistas e também dos usos políticos peronistas. Sarlo e Altamirano utilizaram as entrevistas publicadas em 1979 para introduzir uma discussão sobre materialismo cultural em um contexto de extrema repressão e censura, logrando, assim, superar barreiras significativas. Com uma apresentação dos autores que se parecia com um resumo do currículo e da atuação acadêmica dos dois críticos britânicos, a revista conseguiu se referir ao caráter material da produção da cultura e aos seus vínculos “com as formas materiais e sociais da economia, da política, das ideias.”

Certamente, até aquele número 06, a publicação e o conteúdo das entrevistas eram um dos momentos mais políticos da crítica da cultura em **Punto de Vista**. Em perguntas que se

referiam a “ideologia”, “material”, “produção”, Beatriz Sarlo – que aparece como entrevistadora – faz circular respostas estrangeiras, “de fora”, a questões bastante politizadas e potencialmente vistas como subversivas. Em um contexto marcado pela guerra antissubversiva, tanto quanto pelas celebrações após a vitória argentina na Copa do Mundo de 1978 e pelas pressões internacionais em prol dos direitos humanos, pode-se dizer que **Punto de Vista** conseguiu tratar, por meio de um debate teórico-crítico sobre literatura, de conceitos e de um vocabulário no mínimo polêmico para aquele momento.

A crítica ao Estruturalismo e ao seu empreendimento de eliminar a atenção conferida aos sujeitos, à experiência e à história, centrando-se na linguagem, apareceu, como destacou Olmos (2002), em uma das respostas da entrevista do crítico britânico. Vale a leitura de uma das últimas perguntas que Sarlo fez a ele e um trecho da resposta:

B.S.: você manteve uma atitude polêmica frente ao formalismo contemporâneo e a noção de “estrutura de sentimento” é apenas um aspecto desta polêmica. Li suas críticas a Saussure e me pareceu que essas observações podiam ser aplicadas também ao formalismo francês (quero dizer: Barthes, Tel quel, etc.) que são, em minha opinião, realmente muito mais abstratos e formalistas que o próprio Saussure. Seria interessante que você expusesse aqui a extensão de suas críticas.

R.W.: [...] Em certas situações privilegiadas de educação e de separação da sociedade, possuir uma teoria que afirma que a análise intelectual de um sistema autossuficiente é tudo o que importa, e que o que é verdadeiramente significativo é este sistema autossuficiente, deve sem dúvida parecer tranquilizador, porque o que na realidade configura uma situação distanciada e privilegiada se reveste de normalidade e parece estar além de todo risco. E creio que esta é uma das razões de sua popularidade acadêmica. (Raymond Williams, entrevistado por Beatriz Sarlo, **Punto de Vista**, n. 06, jul. 1979, p. 15, tradução nossa, destaques no original)

A crítica às limitações da perspectiva estruturalista para a compreensão da dimensão histórica e social das obras é explícita. Conforme asseverou Olmos:

[...] a aproximação de *Punto de Vista* à vertente culturalista inglesa pode ser lida como uma tentativa de reverter esse desalojo da história provocado pelas premissas estruturais (em suas duas versões) e, também, como uma consequência da insatisfação que os intelectuais da revista sentiam ante os limites disciplinares do pensamento francês. Dessa forma, a revista buscava responder a uma pergunta que, insistente, trazia para a discussão os alcances e limites dos estudos literários, bem como os de seu objeto. Perguntar-se acerca de como ler a literatura, em um momento em que “as linguagens de temporada da ideologia francesa” impunham sua presença, significava, em princípio, questionar a autossuficiência do texto e, fundamentalmente, pensar a literatura como uma prática discursiva inserida no marco mais geral das práticas significantes da sociedade. É possível visualizar nos artigos da revista a tensão que se estabelecia entre modalidades críticas que, desde parâmetros linguísticos, enfatizavam os aspectos formais ou estruturais do

discurso literário e aquelas outras que, ao pensar a literatura desde aspectos menos particulares ou específicos, a colocavam em relação com o sistema global da cultura. [...]. (OLMOS, 2002, tradução nossa)

Em meio a essas tensões, no mesmo número 06, além de um artigo e de uma resenha dedicados à análise do nacionalismo argentino – temática mais do que atual naquela circunstância de ufanismos –, foi publicado um texto de Néstor García Canclini, “¿Uso artístico de los mitos o uso mítico del arte? A propósito de la Bienal de San Pablo”. O antropólogo e crítico da cultura argentino destacou a decepcionante Primeira Bienal Latino-americana de Arte, realizada em São Paulo em novembro e em dezembro de 1978, e como o evento havia se convertido em oportunidade para a reflexão a respeito dos empecilhos para “o desenvolvimento, o conhecimento e a difusão de uma genuína arte latino-americana.” Pode-se afirmar que nessas reflexões de Canclini sobre arte e política na América Latina se encontra não apenas a indicação de um dos eixos de trabalho de **Punto de Vista** nos anos seguintes – o estudo das relações entre arte e política e entre literatura e política, como se discutirá a seguir –, mas outrossim a retomada do projeto de latino-americanização dos debates sobre cultura e sociedade, tal como havia sido iniciado em **Los Libros**, dessa vez pautado em outras referências teórico-críticas e em outras visões sobre a política.

Contudentemente, essa perspectiva “latino-americanista” da revista, somente esboçada nos textos de Rama, no número 02, e de Canclini, no número 06, será explicitada no número 08, de março-junho de 1980, cuja capa é tão eloquente que vale a reprodução para perceber o destaque que **Punto de Vista** conferiu ao conteúdo do volume, ainda materialmente simples e praticamente com as mesmas características do número inaugural, lançado dois anos antes.

Figura 6: capa e sumário, **Punto de Vista**, n. 08, março-junho de 1980.

Como se pode notar pela chamada de capa, são trazidos para o debate, nesse número, críticos que desenvolviam na América Latina estudos sobre cultura, arte, literatura e sociedade, os quais, mesmo fundamentados em trajetórias diversas daquelas de Williams e Hoggart, ofereciam caminhos interpretativos passíveis de aproximação e se guiavam por preocupações semelhantes. São eles Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar. Rama vinha participando da revista desde o número 02 e o número 08 trouxe entrevistas com ele, Candido e Cornejo Polar realizadas durante a participação de Sarlo nas Jornadas de Literaturas Latino-americanas, evento ocorrido em fins de janeiro e início de fevereiro de 1980, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP, em Campinas, para o qual, conforme entrevista/artigo da revista **Piauí**, Sarlo viajou de ônibus e sem dinheiro representando **Punto de Vista** (SARLO, 2011). Altamirano também reconheceu, em entrevista concedida ao autor desta tese em 05 de novembro de 2008, por e-mail, o interesse deles dois naqueles tempos pelos críticos latino-americanos e argentinos:

[...] Creio que *Punto de vista* aclimatou e fez um uso produtivo da sociologia cultural de Pierre Bourdieu e das propostas de Raymond Williams. Além desses autores, foram importantes Michel Foucault, nos trabalhos de Vezzetti, e os argentinos Tulio Halperin Donghi e David Viñas, os uruguaios Carlos Real de Azúa e Ángel Rama. Pelo menos Beatriz Sarlo e eu

admirávamos também o livro de Antonio Candido, *Literatura e sociedade*. [...]. (ALTAMIRANO, 2008, tradução nossa)

Por meio desse entrecruzamento de referências europeias e latino-americanas formava-se um ponto de vista interpretativo específico, sobretudo em Sarlo e em Altamirano e em menor medida em Gramuglio e em Piglia, para o estudo da literatura produzida na Argentina e na América Latina. Isso foi fundamental em um dos principais projetos críticos desenvolvidos em **Punto de Vista**, iniciado no número 04, de novembro de 1978, por ocasião do centenário de publicação de *La vuelta de Martín Fierro*, comemorado em 1979.

No que tange às entrevistas do número 08, foram precedidas por um breve texto de Sarlo (assinando com seu nome e não com pseudônimo) intitulado “La literatura de América Latina. Unidad y conflicto”, em que apresenta o evento realizado em Campinas, os presentes (entre eles os três entrevistados, os convidados principais) e os temas/eixos debatidos – integração ou marginalidade da literatura brasileira em relação às literaturas latino-americanas; diversidade ou unidade literária na América Latina; a crítica e seus métodos frente à produção literária latino-americana. As entrevistas tentavam oferecer respostas e propor caminhos diante do que Sarlo chamou de “saldo” do evento, “a consciência do problema proposto”:

[...] a assimetria (segundo a expressão de Davi Arrigucci) com que nós hispano-americanos observamos a literatura do Brasil, esse descentramento produzido pelo idioma e por uma tradição de insularidade que tem suas origens na relação, também assimétrica, entre Portugal e Espanha; as dificuldades expostas pelo corpus da literatura latino-americana a uma crítica que se esforce por pensar tanto a heterogeneidade como a unidade de textos, funções e tradições culturais.

A crítica atual herdou do passado uma série de problemas e também algumas perspectivas que [...] assinalam a necessidade de construir um discurso teórico, histórico e crítico de conjunto. Muitas das perguntas que se fez durante as exposições e se repetiu no debate posterior a elas diziam respeito aos instrumentos conceituais para construir esse discurso: se o cosmopolitismo afetou contemporaneamente a toda América Latina, impondo modelos e modas culturais, a noção de sistema poderia ser uma das chaves explicativas. [...]. (Beatriz Sarlo, “La literatura de América Latina. Unidad y conflicto”, **Punto de Vista**, n. 08, mar.-jun, 1980, p. 3-4, tradução nossa)

A possibilidade da tomada de consciência conjunta a partir do evento em Campinas foi para **Punto de Vista** muito importante, na medida em que, para o grupo da revista, como disse Sarlo em várias entrevistas, não parecia haver muito esforço naquele momento entre os intelectuais argentinos para pensar o país como parte da América Latina. Os debates também evidenciaram que a crítica literária latino-americana não precisava depender exclusivamente

das categorias, dos conceitos, das propostas e dos métodos europeus ou estadunidenses – os quais, conforme uma intervenção de Candido no evento citada por Sarlo, deveriam ser submetidos a um processo de “antropofagia crítica”, algo semelhante ao que havia dito Jean Franco no artigo de abertura do número 01 – e que os críticos como os três entrevistados tinham algo a oferecer, principalmente uma visão sobre a dependência cultural (não somente) e sobre as especificidades da produção cultural, artística, literária na América Latina. Candido, Rama e Cornejo Polar interessavam, ademais, por serem intelectuais de formação e atuação interdisciplinar, perspectiva que os elaboradores de **Punto de Vista**, em um país sem estrutura universitária e de formação de especialistas desde meados dos anos 1960, adotaram e potencializaram nos anos seguintes.

Tal olhar latino-americanista de **Punto de Vista** em prol de uma melhor compreensão da sociedade argentina e de suas relações com os demais países foi reforçado, por exemplo, no número 09 (de julho-novembro de 1980), iniciado pelo contundente artigo de Ángel Rama, “Argentina: crisis de una cultura sistemática” – texto republicado no número 08 da revista **Controversia**, no México, de setembro de 1980 –, e no número 10 (novembro de 1980), inaugurado pelo diálogo/entrevista “Cinco respuestas sobre historia argentina”, com o historiador Tulio Halperin Donghi (a ser comentado adiante). O mesmo número 10 trouxe artigo de Raúl Beceyro (diretor e crítico de cinema argentino e um dos colaboradores mais assíduos da revista até o seu fim), “El proyecto de Benjamin”, agregando elementos à assimilação crítica de autores europeus para a mais adequada compreensão da cultura, da arte e da sociedade. Walter Benjamin retornou às páginas de **Punto de Vista** nos anos seguintes, em diálogos e em momentos diversos.

Estava em curso a definição de “una mirada crítica” sobre a literatura argentina e latino-americana, inclusive com a releitura do cânone argentino – como se disse, o *Martín Fierro* e um conjunto de autores específicos eram debatidos no periódico desde o número 04, em 1978 –, e o número 11, cujo artigo de abertura comenta a participação de Borges na revista **Martín Fierro**, trouxe mais um estudo de síntese de problemas coletivos da crítica, tratava-se de “Los efectos del boom: mercado literario y narrativa latinoamericana”, de Rama. Em longo e detalhado texto, o crítico uruguaio apresentou considerações acerca da formação de um mercado consumidor de literatura na América Latina e tratou da profissionalização dos escritores e dos dilemas da criação literária frente ao chamado *boom* da literatura latino-americana, especificamente nos anos 1960 e 1970. Com escritores exilados em diferentes partes do mundo e com o sucesso de autores como Cortázar, Vargas Llosa, García Márquez, entre outros comentados por Rama, o quadro de percepção internacional da literatura criada

por latino-americanos havia se alterado. Por isso, Rama deteve-se demoradamente nos eventuais efeitos negativos de certa pressão produtiva e editorial sobre os escritores, ensejando discussões (inclusive entre eles) sobre a autonomia do artista e da arte e sobre as possibilidades de representação, via literatura, de temas candentes daquele momento, tais como as ditaduras causadoras de vários exílios.

No mesmo número 11, do início de 1981, **Punto de Vista**, que deliberadamente e simultaneamente buscava promover ideias, autores e leituras e reler os antigos referenciais críticos de seus elaboradores – como reforçou Sarlo em 1997, na entrevista a Bocchino e a Bueno –, apresentou um texto sobre a morte trágica da esposa de Louis Althusser, na qual o filósofo francês havia se envolvido, e um estudo-síntese de Carlos Altamirano a respeito da teoria de Raymond Williams. Ou seja, entre as questões latino-americanas expostas por Rama e o falecimento simbólico de um dos autores fundamentais dos sessenta (Althusser então apresentava problemas mentais gravíssimos), a revista voltou a destacar Williams, desta vez por meio de artigo que reforçou a possibilidade de, a partir da sua obra, construir uma teoria social da cultura, “um novo sistema de relações entre literatura, ideologia, língua e experiência.” (Carlos Altamirano, “Raymond Williams: proposiciones para una teoría social de la cultura”, **Punto de Vista**, n. 11, mar.-jun. 1981, p. 20, tradução nossa)

Se na entrevista divulgada no número 06, de julho de 1979, o periódico apresentou Williams e suas preocupações a um público intelectualizado mas que pouco o conhecia, posicionando-o em relação ao Estruturalismo, nesse artigo de 1981, Altamirano dedicou-se a comentar as suas principais obras e a introduzir argumentos que culminaram nas práticas e nas políticas da revista sobre a cultura, principalmente em uma definição de cultura construída paulatinamente até o início dos anos 1990. A síntese parcial dessas apropriações e leituras pode ser encontrada no primeiro e importante editorial de **Punto de Vista**, publicado no número 12, de julho-outubro de 1981. O texto é paradigmático, entre outros motivos, porque indica: a abertura da revista (possível, obviamente, em uma circunstância política de gradativo enfraquecimento do governo militar); a publicização dos membros de seu Conselho de Direção; a definição de algumas das propostas e dos projetos; a releitura das realizações entre 1978 e 1981. Lê-se no texto, intitulado “Punto de vista” (título que, ambigualmente, apresenta a revista e o propósito do que se escreve e se faz na revista):

Em março de 1978, apareceu o primeiro número de *Punto de Vista*. Sua publicação vinha, de algum modo, exercer um direito: abrir um âmbito de debate de ideias e elaboração cultural. O direito a dissentir nos parecia, então e agora, uma condição básica da cultura, ameaçada material e politicamente.

Refletir sobre a história cultural argentina ou latino-americana, sobre os métodos críticos ou as teorias sociais supõe um ponto de partida: a defesa da livre discussão e a criação de um lugar – a revista – que permitisse generalizá-la. Comprovamos que não existem condições aceitáveis de produção intelectual onde não podem circular as ideias, que a censura exercida sobre a produção cultural, a repressão da diversidade, a intimidação do antagonista, são instrumentos do conformismo correlativo a um estado autoritário.

Intentamos então reconstruir alguns vínculos do campo intelectual, e os doze números da revista se propuseram a defender, na prática, o espírito crítico e nosso direito à divergência. Isto é, reivindicar a liberdade de pensar, escrever, difundir ideias diferentes: o direito ao ponto de vista.

Esta revista é parte de um espaço cultural que se constrói apesar da censura e do castigo às ideias, mas que se constrói também positivamente. Porque o melhor da cultura nacional se originou na polêmica, inclusive no exílio, às vezes na marginalidade ou no descentramento em relação aos aparatos homogeneizadores. Existe uma tradição argentina que nós que fazemos *Punto de Vista* reconhecemos: uma linha crítica, de reflexão social, cultural e política que passa pela geração de 37, por José Hernández, por Martínez Estrada, por FORJA, pelo grupo Contorno. Descobrimos ali não uma problemática identidade de conteúdos, mas mais propriamente uma qualidade intelectual e moral. Trata-se de nossa responsabilidade na defesa da liberdade de expressão e de pensamento: que não haja na Argentina culturas reprimidas ou negadas. E sua consequência prática, a criação de um âmbito onde algo disso seja possível.

Encerrada nos limites da ameaçada produção material, da cega torpeza do censor, do obscurantismo ultramontano da universidade estatal, a cultura argentina, para construir-se, deve fazê-lo na superação desses obstáculos: contra a censura, pela diferença de opiniões e a controvérsia. Frente à crise econômica que afeta as instituições culturais e as editoras, e frente à clausura política, nós intelectuais imaginamos, nesses anos, formas e espaços novos para a discussão e circulação de ideias, posições, perspectivas. *Punto de Vista* entende que sua atividade até agora, e no período a seguir, pertence a esse horizonte. Constituiu um Conselho de Direção para que a força de uma prática diversa e coletiva lhe permita responder melhor aos requisitos dessa etapa. De seus leitores, de seus colaboradores e amigos dependerá também que sua publicação seja econômica, isto é, materialmente possível. [Conselho de Direção, “Punto de vista” (Editorial), **Punto de Vista**, n. 12, jul.-out. de 1981, p. 2, tradução nossa]

Nota-se no texto um conjunto de problemas importantes e que merecem ser destacados. Em primeiro lugar, cabe ressaltar a semelhança entre um argumento desse editorial e outro empregado no editorial de abertura da revista **Los Libros**: naquele texto de 1969 – citado no primeiro capítulo –, a revista fundada por Schmucler queria “criar um espaço” no terreno da crítica; nesse texto de **Punto de Vista**, em 1981, reivindicava-se a criação de um “âmbito”, de um “lugar” que se quer parte do “espaço cultural”. Ainda que as situações sejam distintas em termos sociais, culturais e políticos e que o “espaço” almejado em 1969 fosse mais especificamente voltado à ocupação de uma atividade intelectual do que social, **Punto de Vista** recupera, doze anos depois e diante dos “limites da ameaçada

produção material, da cega torpeza do censor, do obscurantismo ultramontano da universidade estatal”, o propósito de assumir um “lugar”, convertendo-se em ponto de referência apesar dos perigos que isso poderia representar durante uma ditadura ainda vigente e que teria uma sobrevida no ano seguinte, com o conflito nas Malvinas.

O mesmo número 12 trouxe: uma entrevista de Susana Zanetti (colaboradora junto com Sarlo de projetos no CEAL) com Jean Franco, tratando de crítica e literatura na América Latina e explicando mais detalhadamente quem era a autora do texto inaugural da revista; um artigo do filólogo germânico Hans Robert Jauss intitulado “Estética de la recepción y comunicación literaria”, apresentando aos argentinos suas reflexões e propostas – tardiamente, dizem os editores, por conta de decisões editoriais discutíveis – para a crítica da leitura e para o desenvolvimento de uma teoria da comunicação literária; um texto do sociólogo Heriberto Muraro em que esse comenta um livro europeu e mais uma vez expõe as fragilidades da análise estrutural, agora para a compreensão dos discursos políticos. Mas o destaque é, inquestionavelmente, o editorial, no qual se argumenta em prol da abertura do debate de ideias e da elaboração cultural a partir do direito à dissensão, interdito pela ditadura.

Em seguida, de modo decisivo, indica-se que a cultura estava ameaçada não apenas simbolicamente mas também “material e politicamente”. Essa visão mostra como **Punto de Vista** havia desenvolvido, em curto período de existência, uma compreensão que continuaria a se pormenorizar nos anos seguintes – como se disse antes e se procurará mostrar a seguir – a respeito de uma cultura composta, em termos materiais e políticos, com elementos comuns aos países latino-americanos. Para compreender adequadamente essa cultura, era preciso discutir livremente os métodos críticos e as teorias sociais mais apropriadas para explicar sua formação e sua complexidade. Era preciso construir um ponto de vista, o que a revista julgava ter começado a realizar em seus três anos de existência.

Outro aspecto muito importante do editorial é a filiação explícita estabelecida entre **Punto de Vista** e certa tradição intelectual, crítica e mesmo política da Argentina. A filiação implícita já vinha acontecendo nas páginas do periódico, que analisou a produção desses indivíduos ou agrupamentos. De qualquer maneira, sem dúvida, a vinculação à “geração de 37” – de Sarmiento, Alberdi, entre outros –, a José Hernández, a Martínez Estrada, a FORJA – “Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina”, grupo da União Cívica Radical (UCR) das décadas de 1930 e 1940 – e ao grupo da revista **Contorno**, a essa altura, pode ser lida como um distanciamento dos intelectuais de esquerda da revista de suas tradições políticas e de uma aproximação com referências liberais, por exemplo. Por isso, reivindica-se

dessas matrizes “não uma problemática identidade de conteúdos, mas mais propriamente uma qualidade intelectual e moral”, que garantiria a defesa da liberdade de expressão e de pensamento e a não negação a qualquer cultura na Argentina. Ou seja, o que **Punto de Vista** recuperou nesses grupos e autores, durante a ditadura, foi uma tradição de respeito ao debate intelectual amplo, à reflexão erudita e fundamentada, e não as suas propostas políticas específicas, certamente anacrônicas e discutíveis aos olhos dos membros do Conselho de Direção do periódico. Esse posicionamento da revista era indicativo da constituição de uma postura política particular do coletivo intelectual do periódico, criticada por outros grupos da esquerda argentina por se apropriar de elementos do pensamento liberal e do pensamento peronista.

Consciente das limitações que enfrentava até aquele momento e das dificuldades que teria para se manter, inclusive financeiramente, nos anos que viriam – afinal, não se sabia quando a ditadura acabaria e se terminaria –, a revista advertiu que seria necessária a colaboração de diversas pessoas para continuar, daí a relevância em divulgar seu Conselho de Direção, apresentado como recém-criado para evitar problemas. O fomento à “discussão e circulação de ideias, posições, perspectivas”, em diálogo com uma tradição que se aglutinava na revista de forma peculiar em prol de um discurso de renovação e de problematização de leituras reducionistas à direita ou à esquerda, não era, portanto, naquele ano de 1981, tarefa simples e requeria apoios que nem sempre o periódico conseguiu angariar.

Para continuar seu percurso visando a criação e a ocupação de um espaço e a sua defesa de um posicionamento ao mesmo tempo atento às matrizes europeias e às contribuições dos autores latino-americanos, **Punto de Vista** publicou, no seu número 15 (de agosto-outubro de 1982) – o mesmo em que se veiculou críticas duras à Guerra das Malvinas e ao autoritarismo –, a “lição inaugural” (texto de introdução ao Collège de France) de Pierre Bourdieu, intitulada “Lección. El oficio de sociólogo”, apresentada como parte do processo de incorporação do especialista francês à referida instituição em abril daquele ano. Introduzido pela revista como “Sociólogo dos intelectuais e do campo intelectual e artístico, sociólogo da sociologia e de suas condições”, Bourdieu é trazido ao rol de autores que já tinha em destaque, pelo menos, Raymond Williams, Ángel Rama e Antonio Candido, de modo a oferecer sua contribuição para uma sociologia da arte e da cultura no periódico e, como se almejava, para os intelectuais na Argentina.

O mesmo número 15 e os números 16 (de novembro de 1982), 17 (de abril-julho de 1983), 18 (de agosto de 1983) e 19 (de dezembro de 1983) prosseguem a discussão sobre teoria e prática de interpretação da sociedade, em diálogo com a Sociologia e a Filosofia – no

número 17, Foucault é publicado, e no número 19 há um texto de Alain Touraine sobre a intervenção sociológica –, enquanto se ocupam, cada vez mais, dos debates políticos, principalmente sobre a redemocratização frente ao fim do *Proceso*. Os números dessa época se dividem, sem compartimentação ou isolamento, entre a discussão relativa às tradições críticas (culturais e literárias) e a discussão sobre a esquerda e a democracia.¹⁰ E isso se pode notar na entrevista/diálogo com Adolfo Prieto no número 16 (de mesmo formato de outro diálogo com Halperin Donghi, no número 10), sobre literatura, crítica literária e ensino de literatura e também sobre cultura e democracia, como se diz na apresentação do texto:

[...] Com o presente questionário, ao qual responde Adolfo Prieto, *Punto de vista* se propõe a dar lugar a uma série de intervenções sobre a temática da crítica literária, da história, das ciências sociais, consideradas na perspectiva de seu desenvolvimento na Argentina, de sua inserção no meio universitário e das experiências de investigação, experiências coletivas que é necessário repensar em função de relações intelectuais futuras que consigam se governar pelo pluralismo e pela democracia, pela coexistência, que não exclui de modo algum o conflito e a polêmica, dos discursos e das tomadas de posição. [...]. (“Literatura/crítica/enseñanza de la literatura. Reportaje a Adolfo Prieto”, **Punto de Vista**, n. 16, nov. 1982, p. 7, tradução nossa)

Aqui, quer-se ocupar o espaço gradativamente em expansão, o mesmo que no editorial de 1981 ainda se pretendia construir. O enfraquecimento da ditadura, mais visível um ano depois, principalmente por conta das consequências do fracasso nas Malvinas, permitia vislumbrar outras condições nas quais teriam que conviver indivíduos e posicionamentos divergentes. Esse era o caso, por exemplo, de intelectuais que tinham chegado às carreiras universitárias durante o período pós-1966 e durante o *Proceso* e de outros que, excluídos da universidade pelas ditaduras, se tornariam professores universitários durante a redemocratização, como Sarlo e Altamirano. A particularização das preocupações intelectuais continuou no editorial publicado no número 17, em que, além das referências aos compromissos dos intelectuais naquela conjuntura de retomada da democracia – aspecto a ser comentado depois –, houve outros elementos destacados:

[...] **Punto de vista** buscou ser, com os meios ao seu alcance e desde sua aparição em março de 1978, um veículo da dissidência intelectual contra o regime instalado após a derrubada do governo peronista. Nossa revista não esteve sozinha nessa atividade. Outras publicações, outras iniciativas, alguma editora, foram exemplares para resistir à pior ofensiva contra tudo o que houvesse de valioso na cultura argentina. Nada resultou tão estimulante como comprovar, nesses anos sombrios, a formação de um campo de

¹⁰ No momento em que a revista começou a conferir maior atenção à política e a temas ou objetos como a democratização, desde os anos 1980, também se dedicou mais à arte e à literatura e às vinculações dessas com a política.

solidariedade e interlocução com quem, em muitos casos, unicamente tomaríamos contato através do que a resistência produzia aqui e ali, dispersa mas obstinada. [...].

As reconstruções da cultura argentina, de suas instituições e de suas redes, de tudo aquilo que foi degradado material e ideologicamente, constituirá (sic) um desafio para os intelectuais. Porque essa reconstrução exigirá debate e espírito crítico, mas também novas ideias. E os intelectuais não devem participar nela com mentalidade de preceptores ou de profetas, mas como cidadãos. Essas são as apostas de **Punto de Vista**. (Conselho de Direção, “Editorial”, **Punto de Vista**, n. 17, abr.-jul. 1983, p. 3, tradução e itálicos nossos)

A aceleração das transformações e das mudanças promoveu saltos discursivos perceptíveis nos editoriais que não foram produzidos em intervalos temporais tão significativos: em 1981, escreve-se em prol da criação de um espaço; em 1982, em prol da ocupação desse espaço; em 1983, trata-se de sistematizar a trajetória e indicar suas possíveis continuidades na democracia, demarcado o lugar de **Punto de Vista** nesse processo. Ademais, a compreensão do terrorismo de Estado como uma força autoritária de destruição de “tudo o que houvesse de valioso na cultura argentina” e não apenas como um motor de retrocesso social, político e econômico se mostra como uma interpretação daquele movimento coletivo que teria evitado o desaparecimento da cultura argentina a qual importava proteger do autoritarismo. Dessa cultura faziam parte a literatura e a crítica literária, o pensamento social, a cultura popular, entre outros objetos analisados por **Punto de Vista** durante o período 1978-1983 ou logo a partir da redemocratização.

Uma das marcas mais expressivas desses esforços da revista para definir o seu lugar está no uso recorrente de editoriais, recurso que praticamente se extinguiu a partir de meados dos anos 1990. A esse respeito, Beatriz Sarlo, em entrevista conferida a Adriana Bocchino e a Mónica Bueno em 1994 e publicada em 1997, disse que em meados dos noventa não parecia mais necessário desenvolver no periódico, como nos setenta e nos oitenta, as mesmas linhas de investigação, as mesmas estratégias de circulação de autores e de escritores. (SARLO, 1997, p. 183-184) Ou seja, para ela, no momento em que concedia a entrevista, o lugar da revista estava mais definido, suas perspectivas e seus objetos melhor delimitados, e os textos programáticos, como os editoriais, perderam espaço; enfraqueciam, conforme se entende nesta tese, os vínculos coletivos entre os membros do Conselho de Direção, os quais passaram a colaborar, em fins dos 1990 e durante os anos da década de 2000, cada vez mais individualmente.

Voltando aos anos 1980 e mais propriamente ao momento da transição para democracia na Argentina, **Punto de Vista**, em sua “antropofagia crítica” e assumindo uma

posição crítica interessada na presença do social na arte, pôde veicular, no seu número 18, de agosto de 1983 – número que se parece muito, das temáticas escolhidas às seções publicadas (com breves notícias sobre livros publicados, por exemplo), com a revista **Los Libros** –, diversos textos em que se discutia a caracterização da cultura nacional e da cultura popular na Argentina. Novamente marcando a filiação do periódico a uma leitura política e histórica da cultura argentina sustentada pela apropriação seletiva de certas matrizes europeias e latino-americanas, no editorial, intitulado “Materiales de discusión: cultura nacional y cultura popular”, os membros do Conselho de Direção¹¹ argumentaram da seguinte forma:

A formação cultural da Argentina esteve marcada invariavelmente pela presença de fortes vontades políticas. Assim, a questão cultural não parece ter sido apenas o tema de um debate acadêmico, ainda que se realizasse no marco de instituições universitárias, mas mais propriamente oportunidade para o desenvolvimento de posições que, junto com a cultura, estavam refletindo sobre a Argentina como nação, sobre os nexos entre estado e sociedade, sobre as relações de poder das quais a cultura não era senão uma de suas manifestações. Em 1835, já se perguntavam Gutiérrez e Alberdi sobre quais bases linguísticas, filosóficas, estéticas fundar uma cultura argentina. A pergunta, quase um século depois, seguiu conservando sua vigência e desde o *Martín Fierro* anarquista ao *Martín Fierro* da vanguarda a questão permaneceu aberta. Mas não apenas no espaço da ‘alta’ cultura: as organizações políticas, sindicais, dos bairros, populares dos primeiros quarenta anos deste século incidiram com suas práticas e novas modalidades institucionais na conformação de zonas – subordinadas, é certo – da cultura argentina. Pode-se dizer que o peronismo galvanizou novamente posições: de modo que durante toda a década de sessenta e no começo da seguinte intelectuais de diferentes procedências ideológica e política disputaram o direito a definir as características que seriam essenciais a uma cultura ‘nacional’ ou ‘nacional-popular’ ou ‘popular’, segundo os casos. Os nomes de Jauretche e Hernández Arregui se agregam desde essa perspectiva aos de Rojas, Martínez Estrada ou Agosti. Os materiais publicados a seguir intentam tomar como objeto alguns temas do debate, desde perspectivas vinculadas a reflexões e investigações em curso. A esses nos pareceu útil agregar um ensaio do uruguaio Carlos Real de Azúa onde se pode ler seguramente um profundo esforço de desmitologização da problemática. (“Materiales de discusión: cultura nacional y cultura popular”, **Punto de Vista**, n. 18, ago. 1983, p. 2, tradução nossa)

¹¹ Destaque-se que o Conselho de Direção se alterou nessa época: o número 15 (de agosto-outubro de 1982) foi o último em que Ricardo Piglia participou efetivamente da revista, tendo deixado o periódico entre a publicação desse número e a do número 17 (de abril-julho de 1983) por conta de divergências motivadas pela aproximação do grupo com o projeto de Alfonsín – no número 16 (novembro de 1982) seu nome não aparece mais e no número 17, a historiadora Hilda Sabato foi incorporada ao Conselho de Direção. Disse Piglia a respeito, em entrevista publicada na revista **El río sin orillas**, em 2010: “[...] Então em 1983 quando o conselho de redação foi ampliado e a revista se propôs a participar no projeto do alfonsinismo, me retirei. Pareceu-me que não tinha sentido que uma revista de cultura que havia conseguido construir um espaço crítico durante a ditadura participasse em um projeto político estatal em lugar de manter uma posição independente. [...]” (PIGLIA, 2010, p. 114, tradução nossa) A disposição de **Punto de Vista** para dialogar com uma tradição de pensadores e de obras que inclui os liberais e a UCR talvez seja indício, também, de uma ampliação nos diálogos políticos potencialmente incômoda para Piglia e para grupos da esquerda argentina ainda próximos das tradições dos sessenta e dos setenta, alguns deles inclusive reunidos em revistas que criticaram **Punto de Vista**.

O texto/editorial retoma alguns dos debates dos sessenta e dos setenta, principalmente aquele referente às possibilidades ou impossibilidades de relacionamento entre os intelectuais e o povo ou entre os intelectuais e a cultura popular. Deixa claro que a questão da cultura fez parte tanto dos debates que tomaram especificamente os objetos da cultura para análise – nas universidades, por exemplo – quanto daquelas discussões sobre a nação, sobre o Estado, sobre a sociedade, sobre o poder. Enfatiza-se que a cultura é e foi, na Argentina desde o século XIX, questão política, não somente entre as elites letradas ou entre os pensadores: adverte-se para a dimensão política da cultura no cotidiano, entre os setores populares, nas zonas subordinadas. Nesses argumentos pode-se perceber os efeitos das leituras realizadas dos intelectuais britânicos como Williams e também das diferentes apropriações da sociologia europeia e latino-americana, configurando-se uma atenção às práticas culturais assim como às criações de bens simbólicos.

O alvo principal do editorial e do número, certamente, é o peronismo e o que foi feito com a cultura popular pelos diferentes movimentos intelectuais e políticos vinculados ao Partido Justicialista durante o século XX. Para **Punto de Vista**, como se percebeu nos editoriais anteriormente comentados, qualquer subordinação da dimensão cultural à política era inadequada e mais impróprios ainda eram os usos da cultura popular com fins políticos, como os que os peronistas haviam desenvolvido. Portanto, inaugura-se um debate alusivo à possibilidade de definir o “nacional” e o “popular” distanciando-se tanto das interpretações conferidas a esses termos pelo peronismo quanto pelo *Proceso*.

Fiel à proposta de interpretação da cultura que defendia, a revista começou o número 18, após o editorial, com um texto, “La perseverancia de un debate”, no qual Sarlo recuperou um histórico das discussões e das análises, na Argentina, sobre a categoria “popular” desde o século XIX. Ao esforço de Sarlo se seguiu o de Altamirano que, em “Algunas notas sobre nuestra cultura”, dialogando com Williams, com Rama, com Theodor Adorno e com os irmãos David e Ismael Viñas de **Contorno**, buscou definir com maior propriedade o conceito de cultura na Argentina e suas relações com a formação da sociedade, aos moldes dos trabalhos desenvolvidos entre os britânicos. Um texto da equipe do PEHESA¹², “La cultura de

¹² Programa de Estudios de Historia Económica y Social Americana (PEHESA), fundado em 1978 e vinculado até 1992 ao Centro de Investigaciones Sociales sobre el Estado y la Administración (CISEA) – depois passou a representar o resultado de um acordo entre a Faculdade de Filosofia e Letras e a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires (UBA). A equipe era composta, naquela ocasião (1983), entre outros, por Ricardo González, por Leandro Gutiérrez, por Juan Carlos Korol, por Luis Alberto Romero e por Hilda Sabato, sendo Sabato uma das responsáveis pela aproximação do grupo com **Punto de Vista** e pela divulgação de suas investigações sobre História Social e História Econômica na revista. Sobre o PEHESA e a produção sobre História Social e História Econômica na Argentina, ver, entre outros, os estudos compilados por Devoto (2010).

los sectores populares: manipulación, inmanencia o creación histórica” – em diálogo com E. P. Thompson –, um texto de Jorge Dotti, “Filosofía nacional: profesionalización y compromiso”, e o citado texto de Carlos Real de Azúa, “Los males latinoamericanos y su clave. Etapas de una reflexión” – recuperado de obra publicada pelo autor em 1975 e bastante afeito aos ensaios de estudo da formação e dos motivos dos atrasos e da dependência da América Latina – encerraram essa espécie de dossiê nesse número de **Punto de Vista**, iniciando um debate que mais tarde será recuperado pelo periódico em diferentes ocasiões.

Em que pesem o salto cronológico e a conjuntura diferente – não mais a transição para a democracia, mas a vivência dela e de suas contradições e limites –, um dos momentos em que esse debate sobre o “nacional” e o “popular” foi recuperado, com vistas a refletir também a respeito das relações entre “nacional” e “cosmopolita”, sobre identidade e alteridade, sobre apropriações, entre outros aspectos, aconteceu no número 28 (de novembro de 1986), quando o periódico, em franco diálogo com a revista brasileira **Novos Estudos**, do CEBRAP¹³, traduziu o conhecido artigo “Nacional por substracción” (“Nacional por subtração”), de Roberto Schwarz. Nele, como se sabe, o ensaísta brasileiro – também um exemplo de intelectual que transitou da Sociologia para a Crítica literária –, reflete acerca do suposto “caráter postiço”, da “inautenticidade” ou da indelével marca de “imitação” da vida cultural dos países latino-americanos. Esse problema interpretativo e identitário, não somente intelectual, já havia aparecido sob outras bases e com outros propósitos em obras de Antonio Candido e Ángel Rama e se vinculava, naquela conjuntura, às reflexões acerca da redefinição das identidades nacionais em sociedades recém-saídas de ditaduras. O que Schwarz e outros intérpretes conseguem estabelecer é uma leitura dialética da qual emergem culturas que não são simplesmente imitações, mas sínteses específicas entre nações particulares e em posições diferenciadas, algumas centrais e outras periféricas.

Por conta desse conjunto de problemas e de questões a serem resolvidos, os quais, como destaca o editorial do número 18, não são “simplesmente” culturais, mas também políticos, **Punto de Vista** se esforçou, principalmente entre meados da década de 1980 (mais especificamente a partir de 1984) – no número 21 (agosto de 1984) foi publicado o ensaio de Jürgen Habermas, “Modernidad: un proyecto incompleto” – e a primeira metade dos anos 1990 (quando foram publicados textos de Peter Bürger, entre outros), para definir com mais propriedade as características da modernidade argentina e latino-americana.

¹³ Olmos (2000), em sua tese de doutoramento, analisou alguns dos diálogos entre **Punto de Vista** e **Novos Estudos**, evidenciando semelhanças e diferenças entre as duas revistas face aos contextos diversos de produção e de circulação dos periódicos.

Tal interesse, que resultou, para além da revista, no conhecido livro de Beatriz Sarlo, *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930*, lançado em 1988, e nos estudos de Adrián Gorelik sobre a cidade e a arquitetura de Buenos Aires, objetivava, em diálogo com Jürgen Habermas, Peter Burger, Perry Anderson, Andreas Huyssen (publicado em **Punto de Vista**) e com estudos clássicos da América Latina como os de Ángel Rama e de José Luis Romero, compreender as especificidades do moderno, da modernidade, do modernismo e de um eventual pós-modernismo em terras argentinas e latino-americanas, de modo a especificar mais adequadamente, outrossim, as características da cultura e da arte desses países e responder com mais propriedade aos questionamentos sobre as relações entre arte e sociedade.

Como se pretendeu mostrar pelo recorte e pela seleção até aqui propostos, **Punto de Vista** desenvolveu, entre 1978 e fins da década de 1980, pelo menos, um processo que se poderia chamar de “aclimatação de referências” ou, caso se prefira, de apropriação de ideias, de obras e de autores, em prol da construção de um projeto de crítica da cultura que guardava semelhanças com a tradição crítica à qual voluntariamente a revista se filiou e também procurou responder aos desafios próprios da sociedade argentina e latino-americana desde os anos setenta.

Buscando uma definição de cultura atenta aos condicionamentos sociais, econômicos e políticos na elaboração dos bens simbólicos, a revista interpretou, sobretudo nos anos 1980, como observou Olmos (2002), “produtos da alta cultura que ativavam as categorias teóricas e metodológicas que, como as de Bourdieu, reconhecem a especificidade das práticas sem perder de vista o conjunto que elas constituem.” (tradução nossa) Mas o fez sem perder a atenção, como se comentou antes, à cultura popular, buscando inclusive definir a cultura popular para além das leituras do peronismo e de certas tendências da esquerda dos sessenta e dos setenta. Algo que fez também no número 20 (de maio de 1984), quando publicou os estudos de Sarlo, “La izquierda ante la cultura: del dogmatismo al populismo”, e de Canclini, ¿De que estamos hablando cuando hablamos de lo popular?, além de resenhas a respeito. Ao se voltar, em diálogo com os autores frankfurtianos, a partir dos anos 1990, mais detidamente ao estudo dos meios de comunicação de massa e da indústria cultural, **Punto de Vista** retomou alguns desses debates sobre o popular.

No que diz respeito ao nacional e à nação e mais detidamente às expressões e às representações da sociedade na arte, a revista, desde os estudos sobre o *boom* da literatura latino-americana de Rama publicados e/ou comentados nos números 11 (de março-junho de

1981), 15 (de agosto-outubro de 1982) e 17 (de abril-julho de 1983)¹⁴, desenvolveu uma sociologia da cultura, da arte e da literatura também interessada na análise da dimensão formal das obras e quis compreender a participação das obras de arte, especialmente das literárias, na elaboração e problematização das diversas identidades nacionais.

Para tanto, no número 19 (de dezembro de 1983), Beatriz Sarlo publicou o artigo “Literatura y política”. Em meio às comoções e às expectativas causadas pela transição do poder autoritário para o poder democraticamente estabelecido após eleições, a diretora de **Punto de Vista** iniciou o seu texto da seguinte maneira:

A história destes anos – exílio, repressão, crise – afeta a literatura e pode ser lida no corpus narrativo tanto como no corpo da sociedade argentina. Seguramente não em todos os textos, mas inclusive sua ausência parece um deslocamento, uma escrita no vazio. Há textos eloquentes em seu silêncio. [...].

O campo intelectual argentino se define por sua modernidade. As teorias que se importa, os livros que se lê, as “autoridades” que impõem suas hegemonias constantemente assediadas pelo avanço de outras, são as mesmas que protagonizam o debate intelectual europeu. Essas características colaboraram na liquidação do mito do “romancista ingênuo” e é preciso reconhecer que nunca estiveram mais distantes dessa figura os narradores argentinos da última década. Rastros do trabalho com as teorias literárias, citações evidentes e ocultas, assinalam o caminho que seguiu a escrita: escrever leituras, paródias, ficções que têm outras ficções em sua origem. Escritores conscientes da literatura assinalam assim formas diferentes da reflexão literária. [...].

Ninguém é inocente. Mas se pode não o ser de diferentes maneiras. Nos anos setenta se produz um giro na narrativa argentina: do sistema da década de sessenta, presidido por Cortázar e uma leitura de Borges (leitura conteudista, se se permite a expressão), passa-se ao sistema dominado por Borges, e um Borges processado na teoria literária que tem como centro o Intertexto. [...].

Uma sociedade fala, entre outros discursos, com o da literatura. Ler, então, a narrativa desses anos pode ser, para os argentinos, uma das formas possíveis de encontrar alguns sentidos nessa massa dolorosa e desordenada do vivido na última década. À diferença dos meios de comunicação de massa, onde a censura impõe mais rigorosamente sua lei de ferro, a literatura defendeu com tenacidade seu trabalho sobre a matéria social, fato que não deixa de ser surpreendente se se pensa que foi o campo cultural um dos objetivos da repressão política e do terror de estado. Creio que o campo cultural argentino, desde a década de sessenta, tem uma zona forte e renovadora colocada à esquerda e que o mais ativo desse campo pode ser posicionado no duplo cruzamento de um processo de politização, que evita a alternativa de direita, e de renovação formal. A iniciativa cultural não pertence, na

¹⁴ A obra de Rama foi discutida ainda no número 16 (de novembro de 1982), a partir de acusações feitas a ele nos EUA, e no número 20 (de maio de 1984), quando, por ocasião de seu falecimento em um acidente aéreo, textos de Susana Zanetti e de Saúl Sosnowski ofereceram sínteses das contribuições do crítico uruguaio.

Argentina, à reação política, desde as promoções que ingressaram à vida intelectual no início dos anos sessenta.¹⁵

E Sarlo prosseguiu em texto que, como se nota, é uma mescla de crítica, de constatação, de percepção do vivido e de conclamação aos compromissos no porvir:

[...] A narrativa não podia aspirar restaurar a totalidade perdida, que havia sido, por outro lado, uma forma da imaginação coletiva; tampouco fechar uma explicação que não estava em condições de proporcionar, nem se esperava razoavelmente dela.

Trabalho, em contrapartida, sobre os fragmentos da experiência, de maneira tal que se poderia dizer que o melhor da literatura argentina desses anos carrega as marcas da história. Nesse sentido, a narrativa é parte de um movimento coletivo que está no início: o processamento social da experiência, a busca de seus sentidos possíveis. Trata-se de operações de construção de sentido, a partir de diferentes estratégias e modulações, que nos propõem respostas diferenciadas nos discursos (políticas e sociopolíticas, estéticas, etc.). Houve então imposição da história e, ao mesmo tempo, recurso a ela.

[...] Impõe-se, mais uma vez, a Argentina como problema, que, em suas diversas variantes, tem a força de um tópico (e a recorrência de uma obsessão) desde 1930. Entretanto, a “questão argentina” nos últimos anos está suscitada por experiências sociais e perspectivas completamente diferentes às daquele ensaio. Martínez Estada ou Scalabrini Ortiz se haviam proposto a estabelecer a peculiaridade do “ser argentino”, tanto em sua flexão pessimista, vinculada ao processo de sua construção material e intelectual, como na que, menos otimista do que política, se abria ao horizonte da mudança possível. Mas hoje, a questão argentina não gira apenas em torno de como fomos construídos, mas também de por que fracassamos. [...]. (Beatriz Sarlo, “Literatura y política”, **Punto de Vista**, n. 19, dez. 1983, p. 08-10, tradução nossa)

A extensa citação se justifica em muitos sentidos, a começar pelas diversas sínteses a respeito do campo intelectual argentino e da produção literária elaborada durante a ditadura, no país ou no exílio. Se o campo intelectual e o campo literário na Argentina não estavam atrasados ou defasados em relação à Europa, como disse Sarlo, as experiências sobre as quais os escritores haviam trabalhado eram, de fato, bastante diferentes daquelas de outras regiões. Ademais, reivindica-se a leitura da literatura, diante dos resultados da censura e da repressão entre 1976 e 1983 (e mesmo antes, no governo de Isabel Perón), como um dos modos para atribuir sentido às experiências do autoritarismo, afinal, a inovação e a inventividade estariam, naquele país e desde os sessenta, à esquerda e não à direita.

A “questão argentina” poderia ser mais adequadamente lida naquela conjuntura de redemocratização e de fragmentação das experiências (e de ausência das grandes

¹⁵ Nesse momento há no texto uma nota em que Sarlo diz ter sido o grupo da revista **Contorno** o primeiro a se colocar, pouco antes da queda de Perón em 1955, na “disputa radical pela hegemonia no campo da cultura” contra o “polo” constituído em torno da revista **Sur**.

interpretações-sínteses), asseverou a diretora de **Punto de Vista**, a partir do diálogo com as obras literárias, principalmente nos textos que dizem ou silenciam sobre “exílio, repressão, crise”. A revista se lançou, a partir de então, a esse desafio, sem abandonar a problematização da produção a respeito do “ser argentino” em outros suportes, em outras matrizes e em outros saberes, como se pretende demonstrar mais adiante.

Com o intuito de subsidiar a discussão fundamentada acerca dessa produção literária na qual a história se impôs, a revista publicou, no número 22 (de dezembro de 1984), “*Recuerdo del invierno*”, artigo do filósofo palestino Edward Said (à época, professor de literatura comparada na Columbia University) traduzido por Sarlo em que o autor reflete sobre o exílio nas sociedades modernas e contemporâneas e sobre a produção literária no exílio. Said problematiza, por exemplo, a tendência em considerar o exílio “impulso benéfico do humanismo e da criatividade”, diminuindo ou menosprezando as mutilações que causa, além disso destaca o lugar específico da “literatura do exílio” como um *topos* da experiência humana com especificidades e potencialidades para o entendimento mais amplo do humano. Mostra o exílio, portanto, como condição humana que merece ser estudada sem a conversão da condição de exilado e dos sofrimentos vivenciados em algo benéfico e problematiza a aceitação do exílio como experiência que precisava ser apagada das memórias e da história. Essa discussão importava, afinal, pois a pressão pelo esquecimento crescia na Argentina naquele momento e várias instituições colaboravam para essa pressão, entre elas a Igreja Católica, criticada por Carlos Altamirano no artigo “Laicismo”, que abre o número 22.

Ainda em busca do encontro com as várias matrizes da literatura argentina e latino-americana naqueles anos, **Punto de Vista** publicou no número 25 (de dezembro de 1985) artigo do crítico argentino Saúl Sosnowski a respeito da literatura produzida por imigrantes judeus na América Latina. Tratava-se, após o início da reflexão a respeito da literatura produzida por latino-americanos no exílio, de um esforço para compreender a experiência da criação literária e cultural de outra etnia em terras latino-americanas e entender como isso permitia a problematização de questões como integração do outro, construção de identidades alternativas e usos de tradições culturais e artísticas judaicas no encontro com as matrizes latino-americanas.

Nota-se, nessa época, tanto no artigo de Said quanto no de Sosnowski – e em notas e menções menores –, uma preocupação do periódico em compreender e em delimitar a dimensão do político, do social e do histórico nas obras literárias. Além disso, é perceptível a intenção de selecionar um determinado conjunto de obras nas quais, como disse Sarlo no artigo “Literatura y política”, os sofrimentos sejam mais perceptíveis. A atitude da revista

pode ser lida, nesse sentido, como uma política da cultura ou, caso se prefira, uma política de elaboração de um cânone específico de obras muito diferentes que se aproximavam por problemas comuns.

Essa preocupação requeria, como se disse antes, um debate teórico-crítico referente às relações da arte com a cultura e a política. Iniciado, certamente, muitos anos antes, nos artigos que discutiram as estratégias de escrita paródica, problematizaram autores e obras canônicas, analisaram o *boom* latino-americano, entre outros, o debate aprofundado pelo texto de Sarlo (no número 19) e por um conjunto de artigos publicados no número 26 (de abril de 1986) estabeleceu bases mais sólidas e, pode-se dizer, definiu o posicionamento da revista tanto em relação a certas tradições da esquerda quanto face às novas discussões postas naquela conjuntura (o exílio, por exemplo).

O número 26 se iniciou com um texto de Carlos Altamirano intitulado “Estética y política”, espécie de editorial e de apresentação do volume. Nele se lê:

Os textos a seguir são a versão, mais ou menos reescrita, de algumas das intervenções desenvolvidas em uma mesa-redonda sobre estética e política, que aconteceu no Club de Cultura Socialista. A partir desse tema, como se pode ver, cada um fala desde um posicionamento. Ao decidir publicá-los para reabrir a questão em um contexto mais amplo, pareceu-nos que o melhor era que mantivessem seu caráter de discursos paralelos, à maneira de entradas alternativas ao mesmo tema.

Não é difícil reconhecer, por outro lado, os fios que têm em comum: o eco do passado político recente; a inquietude por manter viva a preocupação – corrente na cultura de esquerda de quinze ou vinte anos atrás – que buscava associar a crítica social e política ao espírito inovador, inconformado, das vanguardas artísticas contemporâneas; e, se se quiser inscrever esses discursos em uma perspectiva mais geral, os problemas do modernismo estético. Os três compartilham, também, a convicção de que a política e essas significações que chamamos estéticas – sinônimo, aqui, de artísticas – pertencem a instâncias diferentes da cultura, regidas por categorias e valores próprios; ainda que nos três também essas instâncias se conectem, embora isso aconteça às vezes através do deslizamento do termo política para as noções, sempre complicadas, de realidade ou real. Digamos que no jogo, no vaivém, entre a diferença e a conexão (variada, variável) desses campos, María Teresa Gramuglio, Rafael Filippelli e Beatriz Sarlo entrelaçaram suas exposições. Digamos que cada um deles recolocou através dessas exposições problemas encarados uma e outra vez na cultura de esquerda, e cuja atualidade não é hoje óbvia, mas apenas parte da questão. Digamos, ainda mais, que voltar a eles suscita antes de mais nada o questionamento de sua atualidade. [C.A. (Carlos Altamirano), “Estética y política”, **Punto de Vista**, n. 26, abr. 1986, p. 1, tradução nossa]

Em primeiro lugar, é preciso enfatizar que o texto e o material por ele apresentado se referem a um então novo espaço de criação e de debate intelectual público, o Club de Cultura

Socialista, fundado em 1984¹⁶. Vê-se que essa conjuntura de debate no Club havia motivado a discussão sobre problemas teóricos enfrentados pelas esquerdas nos sessenta e nos setenta, principalmente aquele concernente às relações entre arte e política, que ocupou os intelectuais e os artistas e implicou inclusive posicionamentos de oposição entre pensadores e criadores. Conscientes dessas polêmicas, porque delas haviam participado naquelas décadas, os membros do Conselho de Direção¹⁷ advertiam, por meio do texto de Altamirano, que se tratava de promover o questionamento sobre a atualidade das temáticas e das questões concentradas no eixo “estética e política”.

O pequeno dossiê veiculado nesse número 26 contou, como prenuncia o texto de Altamirano, com três textos: “Estética y política”, de María Teresa Gramuglio; “Contra la Realpolitik en el arte”, do cineasta e crítico de cinema argentino Rafael Filippelli; e “El saber del texto”, de Beatriz Sarlo. São intervenções de pequena extensão, preparadas especificamente para estimular o debate, mas, apesar de breves (duas páginas cada uma), contêm formulações contundentes. O artigo de Gramuglio, o mais breve, mescla sua reflexão como crítica de literatura às suas memórias sobre a sua atuação político-crítica nos anos sessenta e setenta, recuperando trajetórias que, se são individuais, poderiam muito bem ser extrapoladas para grupos. Ela se recorda das discussões sobre o realismo, sobre a arte burguesa, sobre o compromisso dos artistas e dos intelectuais e de sua atuação junto a outros

¹⁶ O Club foi fundado em julho de 1984. Em sua “Declaración de principios”, publicada no número 22 (de dezembro de 1984) em **Punto de Vista**, dizia-se que o objetivo era criar “um centro de análise dos problemas políticos, sociais e culturais da sociedade argentina e do mundo”, para “contribuir com a renovação do pensamento atual atraindo o esforço de todos aqueles que se questionem sobre o significado do socialismo como identidade ideológica, cultural e política.” O Club reuniu intelectuais preocupados em refletir, no processo de redemocratização, sobre as esquerdas e sua atuação nas décadas de 1960 e 1970. Parte desses intelectuais estava vinculada a **Punto de Vista** e outra parte era composta por exilados no México que mantiveram diálogos com o grupo da revista durante a ditadura – diálogos, inclusive, entre a revista e a publicação que eles produziram no México, **Controversia**, como se comentará em outro momento desta tese. São considerados os/as fundadores/as (ainda que nem todos tenham assinado a “Declaração de principios”): José Aricó, Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Juan Carlos Portantiero, María Teresa Gramuglio, Sergio Bufano, Marcelo Cavarozzi, Alberto Díaz, Rafael Filippelli, Ricardo Graziano, Arnaldo Jáuregui, Domingo Maio, Ricardo Nudelman, José Nun, Osvaldo Pedroso, Sergio Rodríguez, Hilda Sabato, Jorge Sarquís, Jorge Tula, Oscar Terán, Hugo Vezzetti, Emilio de Ipola. O grupo permaneceu dialogando e atraindo outros colaboradores, mesmo com tensões internas, até o início dos anos 1990 e divulgava vários textos em **Punto de Vista** e em outra revista criada por Aricó e por Portantiero em 1986, **La Ciudad Futura**. Quando em 1991 faleceu Aricó, desencadeou-se um processo de desagregação que se converteu em crise e motivou a saída, em 1993, de Beatriz Sarlo, Hugo Vezzetti, Rafael Filippelli, Adrián Gorelik, entre outros. Ou seja, a partir daí configurou-se uma cisão entre o grupo do Club e de **La Ciudad Futura** e o de **Punto de Vista**. Esses e demais aspectos dessa história serão comentados nesta tese.

¹⁷ Desde o número 20 (de maio de 1984), o Conselho de Direção passou a ser composto por Beatriz Sarlo (diretora), Carlos Altamirano, María Teresa Gramuglio, Hugo Vezzetti, Hilda Sabato, José Aricó e Juan Carlos Portantiero, os dois últimos recém-chegados do exílio. O Conselho assim permaneceu até o número 40 (de julho de 1991), com a morte de Aricó, e no número 42 (de abril de 1992) alterou-se novamente a sua composição, com a entrada do então colaborador habitual Adrián Gorelik. O número 42 também assinalou o aparecimento da identidade visual/gráfica de **Punto de Vista** (diagramação, padrão de capa etc.) que foi utilizada até o seu último número, em 2008. Houve outras mudanças no Conselho de Direção, a serem comentadas oportunamente.

na elaboração do manifesto *Tucumán arde*, no qual, diz, a prática estética foi absorvida pela função política. Termina o texto se referindo ao caráter complexo, irônico e fragmentário da criação artística então recente na Argentina, especialmente da narrativa, e admoesta para que o cenário não se convertesse em paralização e em estagnação, perdendo a exigência crítica e a afirmação dos vínculos entre vanguarda e revolução, tão caros às décadas de 1960 e 1970.

A participação de Filippelli é dedicada a problematizar exatamente um dos aspectos mencionados por Gramuglio, a captura ou a absorção da estética pela política, principalmente ao desenvolvimento de um realismo político na arte que sacrificaria, em um caminho, a sua dimensão estética em prol da comunicação da mensagem revolucionária – como se havia feito em vários regimes autoritários e totalitários ao longo do século XX, de esquerda e de direita –, ou em outro esvaziaria o potencial transformador da arte pelo simples recurso ao realismo opaco e esvaziado. Há trechos contundentes em seu artigo:

Em certo sentido, a Argentina parece ter ficado fora do mundo. [...]
Os longos anos de ditaduras militares deixaram marcas, por ora, irreparáveis em nosso país. Mas não me refiro meramente à nossa cultura de massas, que compartilha características com as de outros países. Refiro-me à de nossos intelectuais, para quem o advento da democracia não parece lhes ter recordado o papel que jogam as vanguardas no processo cultural e artístico. Hoje parecemos viver o conto da casinha ordenada: isto é daqui, isto vai ali e isto não entra. O realismo, no sentido mais literal, concebido como *Realpolitik*, como o único possível, impera na Argentina. Mas o realismo, ao menos em questões estéticas, não é garantia de nada.
Assiste-se à enunciação de juízos sumários e ao mesmo tempo simplificadores sobre nosso passado. Não que me oponha a criticar esses erros; simplesmente suspeito que se corre o risco de cair em posições conformistas. [...] Parece-me que o conformismo se instalou em muitos de nós. Uma nova obsessão parece habitar nossas ideias: toda radicalização do pensamento conduz à guerrilha e, portanto, à morte. Ou dito de outra maneira: já sofremos bastante, chegou a hora de gozar. E para isso é necessário não questionar demais, tampouco na dimensão estética. [...].

E após uma série de exemplos retirados da história do cinema recente, conclui:

[...]. Distantes estamos hoje das épocas em que as vanguardas, nacionais e estrangeiras, repercutiam e eram o centro de discussões estético-ideológicas em nosso país. [...] Os novos *Realpolitiker* da arte se empoleiraram no pódio dos vencedores e desde lá pretendem nos indicar o que é que se deve fazer. Os novos conformistas, por sua vez, aceitam disciplinadamente que esta seja a única perspectiva possível. Somente o trabalho conjunto de criadores, críticos e intelectuais que ergam suas vozes mostrando seu desacordo poderá dizer se está dita a última palavra. (Rafael Filippelli, “Contra la Realpolitik en el arte”, **Punto de Vista**, n. 26, abr. 1986, p. 4-5, tradução nossa)

Nos trechos destacados está a constatação de Filippelli da ausência de uma vanguarda intelectual e artística (como aquela dos anos 1960) na Argentina em meados dos anos 1980, o

que, ao mesmo tempo, reforça o lugar de vanguarda que **Punto de Vista** pretendia assumir frente a um cenário de estagnação cultural não alterado de maneira pujante com a retomada da democracia. Ademais, o autor recupera proposta muito cara aos sessenta e aos setenta quando reivindica “o trabalho conjunto de criadores, críticos e intelectuais”. O aproveitamento dos espaços disponíveis na democracia também foi ressaltado por Sarlo no seu texto do dossiê, de modo que se a presença da política nas obras de arte não devia ser simplória para não sacrificar a sua dimensão estética – como se havia defendido outrora –, as obras em relação às quais se deveria prestar mais atenção e que deveriam ser mais valorizadas seriam aquelas capazes de alegoricamente incorporar o novo mundo que havia emergido do autoritarismo, um mundo fraturado e ainda em recomposição.

Essa discussão continuou no número 27 (de agosto de 1986), quando Sarlo – certamente a intelectual mais atuante em **Punto de Vista**, responsável pela publicação, individualmente ou em parcerias, de pelo menos 107 textos (entre todos os tipos e extensões) na revista entre 1978 e 2008, sem contar textos não assinados e editoriais – publicou o artigo “Una mirada política. Defensa del partidatismo en el arte”. Obviamente, a autora, dialogando com Adorno e Habermas, aproximou-se da crítica feita por Filippelli e defendeu uma arte capaz de expressar a resistência e não uma arte a serviço acrítico da política. Outro aspecto importante do artigo está na reivindicação, em diálogo com Walter Benjamin e Raymond Williams, de uma crítica capaz de valorizar e de interpretar adequadamente as dimensões política e social inscritas nas obras, bem como o social e o político externos às obras nos quais elas se inscrevem.¹⁸ O tipo de crítica, enfim, que a revista vinha tentando desenvolver.

Tal crítica, principalmente a crítica literária que vinha sendo delineada desde o início da revista, teve nos números dessa época sua conformação definitiva: não poderia ser uma crítica que valorizasse excessiva e equivocadamente o leitor em detrimento das obras ou dos aspectos sociais, como mostram o texto do crítico marxista britânico Terry Eagleton, “La rebelión del lector”, e o texto de Sarlo “Crítica de la lectura: ¿un nuevo canon?”, ambos publicados no número 24 (de agosto-outubro de 1985). Precisaria considerar as recomendações para uma crítica secular apresentadas por Edward Said, em seu ensaio “Crítica secular”, publicado em separata de 26 páginas no número 31 (de novembro-dezembro de 1987), e deveria tornar possível reestabelecer os vínculos entre transformação

¹⁸ Houve reverberações diretas dessas reflexões sobre literatura e política, ademais, nos números 51 (de abril de 1995), 52 (de agosto de 1995) e 53 (de novembro de 1995). No número 52, Gramuglio as recuperou e as ampliou tendo em vista algumas obras argentinas (como as de Rodolfo Walsh e de Julio Cortázar). Além disso, ocorreu um debate, nos três números mencionados, motivado por um poema dedicado no Brasil por Haroldo de Campos à campanha presidencial de Lula – o poema foi criticado por Iumna Simon e houve respostas de Nelson Ascher e do próprio Campos, tendo **Punto de Vista** reproduzido os três textos.

social e criação cultural discutidos no ensaio do filósofo Cornelius Castoriadis – publicado em separata de 16 páginas no número 32 (de abril-junho de 1988) –, vínculos interrompidos na década de 1960, como se comentou antes.¹⁹

Em tal quadro não estão ausentes os autores antes importantes: no número 33 (de setembro de 1988), Carlos Altamirano publicou texto de homenagem a Raymond Williams, recém-falecido, destacando a relevância do autor para a revista que havia completado uma década e recuperando os percursos de leitura e de incorporação do crítico britânico ao periódico e aos repertórios individuais, principalmente o seu.²⁰ Adorno e Benjamin são lembrados no número 38 (de outubro de 1990), quando Sarlo traduz parte da correspondência entre os dois na qual dialogam sobre Charles Baudelaire. E no número 49 (de agosto de 1994), Sarlo publicou um texto de homenagem e agradecimento a Boris Spivacow, recém-falecido, destacando seu trabalho na EUDEBA, no CEAL e a sua atuação como criador e inovador editorial que teve impacto nos intelectuais da revista, destacadamente na própria diretora e em Altamirano.²¹

¹⁹ Evidencia-se, por meio da publicação dos textos de Eagleton, Said, Habermas, entre outros – procedimento que continuou na segunda metade da década de 1980 –, o esforço de divulgação de autores e de referências através das traduções, mesmo que os números de fins desses anos oitenta sejam extremamente políticos, com discussões específicas sobre a dimensão política da Argentina e da América Latina. Para dar conta dessa divulgação, **Punto de Vista** começou a usar o recurso de “Separatas”, encartando as traduções de ensaios e/ou de artigos de autores que se queria divulgar e dando a eles o devido destaque. Por conta disso, os números passaram das 40 ou 50 páginas em média, até a primeira metade dos oitenta, para quase 100 páginas na segunda metade daquela década, voltando a diminuir nos anos noventa, quando desaparecem todas as seções “extras” da revista (notas, textos literários, resenhas, separatas etc.) e restam somente os artigos/ensaios. Na segunda metade dos anos 1980, a revista também experimentou criar em termos de seu projeto gráfico: as capas se tornaram mais e mais coloridas e complexas e a diagramação interna das páginas, apesar de se manter sem cores, passou a utilizar ilustrações não mais separadas dos textos, mas em diálogo com eles, inclusive dificultando a sua leitura, em certas ocasiões, em prol da experimentação gráfica.

²⁰ Sarlo também publicou texto de recuperação de Williams no número 45 (de abril de 1993), mais longo do que o de Altamirano e em uma circunstância na qual o autor de *Marxismo e literatura* já era mais conhecido na Argentina por conta da ascensão dos chamados estudos culturais.

²¹ Até o último número, em 2008, ainda foram veiculados mais alguns textos desse tipo, com sínteses das obras e das trajetórias de determinados intelectuais e com destaque para a sua importância na formação e no desenvolvimento de **Punto de Vista** e das perspectivas críticas individuais dos colaboradores da revista. São exemplos: o texto de Altamirano, no número 72 (de abril de 2002), sobre a morte de Pierre Bourdieu; a entrevista de Sarlo com discípulos de Bourdieu, publicada no número 76 (de agosto de 2003); o texto do romancista Sergio Chejfec sobre a morte de Maurice Blanchot, no mesmo número 76; o texto coletivo do Conselho sobre a morte de Susan Sontag, que abre o número 81 (de abril de 2005); o texto de Miguel Vitagliano, no número 87 (de abril de 2007), sobre a obra de Nicolás Rosa, colaborador e criador de **Los Libros** e também fundamental em **Punto de Vista**, recém-falecido; e o texto de Pablo Gerchunoff, no número 88 (de agosto de 1987), sobre Juan Carlos Portantiero, intelectual então recém-falecido fundamental em diversos projetos e grupos desde a década de 1960, entre eles o de **Punto de Vista**. Outros textos foram publicados sobre obras e autores importantes ainda não falecidos, como: os três textos de Noé Jitrik, Carlos Altamirano e Adrián Gorelik, no número 71 (de dezembro de 2001), sobre o livro de José Luis Romero, *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*, relançado em 2001; os textos de Jorge Myers e de Adrián Gorelik, no número 73 (de agosto de 2002), sobre Richard Morse e a importância de sua obra e especialmente de *O espelho de Próspero*, então completando 20 anos; o texto de George Steiner, no número 77 (de dezembro de 2003), sobre a importância do livro *Mimesis*, de Erich Auerbach.

Todos esses debates da segunda metade dos anos 1980 reconduziram **Punto de Vista** para uma discussão que ela tangenciou desde o seu início e foi abordada apenas a partir do estudo de autores ou de obras específicos, tanto de crítica quanto de literatura, qual seja: a da escrita da história da literatura e da crítica literária na Argentina e na América Latina. E como disse Sarlo no seu contundente artigo do número 19 e em outros textos, a crítica e a história da literatura na Argentina e na América Latina são, para o coletivo intelectual de **Punto de Vista**, parte fundamental do pensamento sobre a sociedade, a política e, principalmente, a cultura, por terem oferecido sínteses sobre a nação e a história, entre outros temas e problemas.

Desde pelo menos o número 16 (de novembro de 1982), quando se discutia na entrevista com Adolfo Prieto a importância do trabalho de crítica e de sua relação com o ensino de literatura, isso estava em pauta, passando pelos textos sobre o leitor no número 24.²² Também se nota tal preocupação nos estudos específicos sobre as revistas culturais, que serão comentados a seguir. Certamente se pode afirmar que o número 34 (de julho-setembro de 1989) é emblemático nessa trajetória por trazer um artigo/resenha de Graciela Speranza, crítica argentina, intitulado “Crítica Argentina 1988: esos raros objetos nuevos”, em que, ecoando o diagnóstico pessimista de Filippelli (no artigo de 1986 comentado anteriormente) acerca dos intelectuais argentinos e seu conformismo, a autora destaca como algumas das raras exceções à estagnação da crítica, no país, os livros *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, de Beatriz Sarlo, *El discurso criollista en la formación de la Argentina moderna*, de Adolfo Prieto, e *El género gauchesco. Un tratado sobre la patria*, de Josefina Ludmer.

Para além do fato de que os três autores resenhados se vinculavam à trajetória de **Punto de Vista** – Ludmer e Prieto também dialogaram com **Los Libros**, enquanto o último havia participado de **Contorno**, como se disse antes, tendo sido, ademais, professor e mentor de Gramuglio –, a apresentação das obras como representantes de um então supostamente exíguo campo intelectual e crítico evidencia como a revista se compreendia em fins da década de 1980: um polo irradiador de tendências e aglutinador de inovações, capaz de avaliar a produção do presente e do passado. Isso se confirma no número 36 (de dezembro de 1989), quando Gramuglio publicou “Historias de la literatura argentina: pasión y deseos”. No texto, a

²² Considerando-se apenas os textos de síntese, como se disse antes. Caso sejam considerados também os estudos crítico-históricos sobre autores e obras, tal preocupação com a crítica e a história da literatura é encontrada desde o primeiro número (não apenas nos artigos/ensaaios, mas outrossim nas resenhas e notas menores), com ênfase especial para os autores e as obras do século XIX (principalmente o *Martín Fierro*) e alguns do século XX (como Borges e Saer).

autora discutiu o lançamento de um novo volume da coleção *Historia social de la literatura argentina*, cuja direção geral era de David Viñas.

Recuperando argumentos do próprio Viñas, de Adolfo Prieto, de Hans Robert Jauss, de Paul de Man, de Hayden White, entre outros, acerca da pertinência e das dificuldades na elaboração de projetos como esse, de escrita da história de uma literatura nacional, Gramuglio procurou inserir a iniciativa então em curso (lançava-se o tomo VII naquela circunstância) em uma tradição da qual participariam obras como as de Prieto e de Jorge Alvarez. A autora ainda dedicou atenção à coleção *Capítulo*, do Centro Editor de América Latina, cuja primeira versão, dirigida por Roger Pla, começou a ser publicada em 1967 e contou com a colaboração de vários autores para os fascículos que a compuseram, entre eles Sarlo. A coleção teve uma segunda versão mais extensa, a partir de 1979, dirigida por Susana Zanetti (GOCIO, 2007a, p. 27-33), e, como destacou Gramuglio, além da inovação do formato em fascículos, “criou [...] um espaço onde se pôde seguir escutando vozes que tinham sido silenciadas no âmbito universitário, ou fazer ingressar aos ‘novos’ que não haviam tido sequer a oportunidade de se incorporar a nenhuma instituição.” (María Teresa Gramuglio, “Historias de la literatura argentina: pasión y deseos”, **Punto de Vista**, n. 36, dez. 1989, p. 29, tradução nossa) Tratava-se, para a autora, de refletir a partir dessas experiências anteriores sobre as “necessidades” éticas e políticas de reescrita da história e nesse número se promoveu tal discussão sob variadas perspectivas.

Ampliando esses debates, o número 51 (de abril de 1995) veiculou textos advindos de um evento promovido pelo editorial Alfaguara, em 1994, do qual participaram escritores que pensaram e escreveram a respeito das relações entre experiência e linguagem, além de tratarem de suas incursões como críticos. **Punto de Vista** abria espaços pontuais para escritores publicarem seus textos críticos, a começar por Ricardo Piglia e depois por Juan José Saer. Essas reflexões, que combinavam o olhar do criador ao do intérprete, em uma operação muito cara à ficção produzida desde aqueles anos (conforme destacou Sarlo em seu artigo do número 19), voltam nesse debate promovido no número 51, em que colaboraram, na síntese do evento mencionado, figuras emergentes da narrativa argentina como Alan Pauls. Houve, ademais, um artigo independente de Saer.

Pensar sobre a crítica e a história da literatura era, para o grupo de **Punto de Vista**, poder se deter um pouco mais sobre objetos da cultura nos quais havia discursos permeados pela história, pela sociedade e pela política. Por isso, no número 56 (de dezembro de 1996),

Gramuglio – figura cada vez mais relevante da área de Letras na Argentina²³ – voltou a debater temas como *criollismo* e literatura nacional a partir de uma crítica da crítica.²⁴ Ou seja, tomando como objetos os livros mais recentes de Adolfo Prieto, entre eles aquele destacado como inovador em um artigo publicado na revista em 1989, a autora problematizou a formação da identidade nacional e a participação de escritores, ensaístas e viajantes nesses processos que se deram na Argentina do século XIX.

As conversas textuais de Gramuglio com Prieto, seu ex-professor, amigo e incentivador na juventude, prosseguiram no importante número 60 (de abril de 1998), quando **Punto de Vista**, completando vinte anos, decidiu reproduzir textos baseados nas intervenções críticas ocorridas na Terceira Reunião de Arte Contemporânea, realizada em outubro de 1997 na Universidad Nacional del Litoral, em Santa Fé. Aproveitando os vinte anos de revista, os 60 números alcançados e os 40 anos transcorridos desde a Primeira Reunião de Arte Contemporânea, realizada em 1957 no mesmo local, a revista trouxe para as suas páginas algumas das reflexões do evento de 1997, as quais recuperaram elementos do que foi discutido no evento de fins dos anos cinquenta.

Como se enfatiza no editorial/texto inaugural do número, “Veinte años/Cuarenta años”, a Argentina de fins dos noventa não era “nem remotamente a mesma de 1957 nem [a] de 1978.” Se havia no país continuidades e rupturas que se precisava destacar, **Punto de Vista** ainda encontrava sentido em discutir, em fins dos noventa, como aconteceu no evento de 1997, “literatura, poesia, teatro, música, cinema e arquitetura, em uma época em que a questão estética perdeu seu caráter frente ao relativismo valorativo e ao protagonismo midiático.” Portanto, os tempos não eram mais, adverte-se, aqueles de fins dos anos 1980, quando ainda se acreditava possível expandir os espaços de problematização das relações entre estética e sociedade: a constatação é de crise e de hegemonia midiática; não sem razão, os meios de comunicação serão objetos privilegiados na revista desde meados dos anos 1990 até o seu encerramento.

²³ Vale lembrar que desde meados da década de 1980 os intelectuais do Conselho de Direção de **Punto de Vista** se integraram, progressivamente, às universidades argentinas em reconstrução e/ou em constituição. Nos 1990, esses intelectuais já eram destacados professores universitários naquele país, coordenando projetos e desenvolvendo estudos, nem todos eles vinculados à revista.

²⁴ Esse procedimento de crítica da crítica, de elaboração e publicação, por membros do Conselho de Direção, de comentários ou de análises a respeito de interpretações produzidas por outros colaboradores da revista foi bastante comum ao longo da história da revista. Como destacou Gramuglio na entrevista a Judith Podlubne e a Martín Prieto (2014), esse expediente começou mesmo antes da publicação de **Punto de Vista**, ainda nas reuniões do “Salón Literario”, e a discussão coletiva de alguns artigos no interior do Conselho, antecedendo a sua publicação, foi costumeira, pelo menos, até os anos 1980.

O mesmo texto inaugural assinala que sobretudo nas intervenções sobre literatura no evento de 1997 tinham surgido referências aos posicionamentos de 40 anos antes, afinal, entre outras vinculações, Adolfo Prieto participou dos dois eventos. Nesses termos, o artigo de Gramuglio, “La crítica de la literatura. Un desplazamiento”, oferece uma leitura histórica da crítica na Argentina desde 1957, tomando como ponto de referência as intervenções sobre literatura naquele outro evento – do citado Adolfo Prieto e de Juan Carlos Portantiero –, as quais, por sua vez, apresentavam sínteses históricas. A autora explicita como aqueles estudos de várias décadas antes, assentados sobre outras premissas e matrizes teóricas, preocupados com o “ser nacional”, o “homem argentino”, a “nação”, conferiram à literatura um lugar de privilégio em relação à cultura e à sociedade que ela vinha perdendo em fins dos noventa, principalmente diante da expansão dos estudos culturais e da tendência e da ameaça dessa nova área/perspectiva substituir a crítica literária. Disse, em tom alarmante: “[...] Não apenas não se demanda nada à literatura, mas, pelo contrário, a literatura culta e a crítica literária moderna costumam ser demandadas, em um sentido quase judicial do termo. [...]” (María Teresa Gramuglio, “La crítica de la literatura. Un desplazamiento”, **Punto de Vista**, n. 60, abr. 1998, p. 5, tradução nossa)

Prieto obviamente recuperou em “‘La literatura argentina y su público’. De antiguas presunciones”, seu texto de 1997, a sua intervenção proposta décadas antes, intitulada simplesmente “La literatura argentina y su público”, e ofereceu-lhe uma leitura crítica. Mostrou como em quarenta anos a área de literatura na Argentina e a produção de obras literárias se ampliaram e mudaram muito, de modo que o “público” ao qual se referia não existia mais em fins dos noventa. Concordou com diversos argumentos desenvolvidos por Gramuglio e ressaltou como desde os anos sessenta a noção de literatura havia se alterado substancialmente por conta dos diferentes caminhos teóricos e interpretações produzidas, configurando um quadro em que o interesse passou a ser maior, segundo ele, pelas discussões teóricas do que pelas obras.

Esse aspecto foi retomado por Gramuglio na discussão que se seguiu às exposições e que também foi publicada. Dizendo-se menos otimista do que Prieto, pois não enxergava, a partir de seu lugar fundamentado na crítica cultural e não nos estudos culturais, aspectos positivos nos deslocamentos que ambos constatarem, reiterou a necessidade de desenvolver estudos atentos à incorporação da história e do social nas obras – inclusive discutindo questões como a nação –, bem como criticou certas limitações dos estudos de literatura comparada, eurocêntricos e hierarquizantes. Também participaram desse debate, problematizando principalmente a noção de “público” – Quem compõe o público? Como se

investiga isso? Apenas pelas tiragens? O público de poesia é o mesmo do de narrativas? –, Adrián Gorelik e Juan José Saer.

Não por acaso, no número 66 (de abril de 2000), retornaram à pauta da revista algumas das questões discutidas no evento de 1997, principalmente no que diz respeito às relações entre literatura, mercado e crítica. Questiona-se: as obras só falam de si mesmas? As obras literárias estão perdendo sua força política? Quais são as vantagens e as desvantagens da ascensão e da quase hegemonização da figura do escritor-crítico? Os autores clássicos não devem ser recuperados? Tratava-se de um momento em que **Punto de Vista** efetivamente se voltou ao debate a respeito de temas como o cânone literário e as políticas de traduções de autores. Basta observar o artigo de Gramuglio no número 55 (de agosto de 1996) sobre o livro *O cânone ocidental*, de Harold Bloom, em que a autora problematiza a delimitação de um cânone que se pretenda ocidental, e o artigo de Nora Catelli, no número 64 (de agosto de 1999), sobre aspectos teóricos e políticos das traduções de obras literárias na Argentina daquele momento.²⁵ Caso se pense de um ponto de vista mais filosófico/sociológico, no mesmo número 55 havia sido publicado o ensaio “La ambigüedad de lo público”, trazendo para a pauta uma interpretação das noções de público e privado.

O debate anunciado antes, realizado nas dependências da redação da revista e veiculado no número 66, do qual participaram María Teresa Gramuglio, Beatriz Sarlo e os jovens escritores e críticos Martín Prieto – filho de Adolfo – e Matilde Sánchez, trouxe posicionamentos, no início do novo milênio, não somente no que se refere à crítica literária. Examinou-se, principalmente, as tradições fundadas na literatura argentina por escritores como Julio Cortázar e Jorge Luis Borges e as novas tradições em configuração a partir de autores como Manuel Puig, Juan José Saer, Ricardo Piglia e outros ainda mais jovens (naquele momento) como Sergio Chejfec e Alan Pauls, por exemplo. Frente a um mercado de obras literárias cada vez mais midiaticizado, os participantes discutiram a legibilidade e a visibilidade dos escritores contemporâneos, muitas vezes convertidos em marcas. Bastante interessantes são as comparações efetuadas entre autores de épocas diversas, na Argentina, na América Latina e na Europa, assim como os comentários acerca da crítica universitária e de seu papel em um país no qual, como se disse antes, a universidade esteve durante boa parte do século XX interdita para os debates mais aprofundados.

²⁵ Houve, outrossim, discussão no número 80 (de dezembro de 2004), por meio de uma entrevista, com Roberto Raschella, a respeito do trabalho do tradutor argentino com textos clássicos como os de Dante Alighieri. O número 87 (de abril de 2007), um dos artigos da série “El juicio del siglo” – série que se comentará mais detalhadamente –, de Patricia Willson, abordou também o trabalho dos tradutores argentinos ao longo do século XX.

O ano 2000 e o início de um novo século e de um novo milênio foram uma circunstância na qual **Punto de Vista** passou a se preocupar bastante com as questões do mercado e a retomar discussões sobre a atividade editorial. Essa questão, afinal de contas, havia integrado a trajetória de vários diretores e colaboradores da revista. Isso foi realizado sem deixar de lado a atenção a autores ou a temas largamente comentados até então – no mesmo número 66, por exemplo, o sociólogo Alejandro Blanco comentou a tradução e publicação de *La miseria del mundo*, de Pierre Bourdieu, na Argentina, e no número 68 (de dezembro de 2000) se destacou o retorno ao país da editora Siglo XXI, fechada durante a ditadura, explicitando a relevância de seu trabalho editorial nas décadas de 1960 e 1970.

Nesses artigos, os autores incorporaram polêmicas candentes naquele momento ou buscaram examinar questões teóricas em voga conjunturalmente: como o fez Nora Catelli em estudo sobre teoria feminista e experiência literária, no número 71 (de dezembro de 2001), em sintonia com a produção afeita aos estudos culturais que certamente deveria interessar ao público leitor da revista, composto por intelectuais e pesquisadores de áreas variadas; ou como propôs Elias Palti ao comentar, no número 74 (de dezembro de 2002), o livro *Los orígenes de la posmodernidad*, de Perry Anderson, tendo em vista a renovação do pensamento marxista e principalmente os acalorados debates sobre o pós-modernismo e a pós-modernidade, provocando, nesse número da revista, a recuperação de leituras relativas ao moderno e à modernidade.

Todavia, em um momento de crise social, política e econômica na Argentina, o dinamismo do periódico parecia se perder aos poucos e isso resultou em uma crise interna séria que motivou a saída, em 2004, de Carlos Altamirano, de Hilda Sabato – que vinham, desde os anos 1990, participando cada vez menos da revista com publicações individuais – e de María Teresa Gramuglio. Voltar-se-á a esse episódio mais adiante, pois se compreende que representa um momento ao mesmo tempo indicativo de uma trajetória e prenunciador do esgotamento do projeto da publicação, de estímulo à modernização cultural.

De qualquer maneira, cabe explicitar que Sarlo disse em entrevistas (entre elas a que conferiu a *Artepolitica.com*, em 2012) como ela deliberadamente havia direcionado a revista para um caminho “vanguardista”, produzindo deslocamentos que os três membros do Conselho (Altamirano, Gramuglio e Sabato) não aceitavam. A essa altura (de meados dos anos 1990 em diante), entretanto, a revista já havia elaborado um projeto capaz de reler a tradição crítica e literária argentina, inclusive a de **Los Libros**, desenvolvendo um ponto de vista assentado sobre a valorização da interpretação sócio-histórica e estética das obras. Por isso, a ênfase até este ponto foi conferida à produção veiculada em **Punto de Vista** referente à

crítica da cultura, à crítica literária e à história literária, parte de seu empreendimento de modernização cultural por meio do qual se vinculou a iniciativas anteriores. Para compreender mais adequadamente esses esforços de filiação, é preciso comentar, outrossim, as leituras elaboradas acerca de certas revistas culturais argentinas e de alguns ensaístas, porque sem esse material não é possível compreender aspectos estruturais do projeto crítico da revista.²⁶

2.2. Relendo *Sur* e *Contorno*, entre revistas e ensaístas

Conforme se discutiu, desde os primeiros números da publicação, ainda durante os anos da ditadura militar, **Punto de Vista** buscou se vincular a uma tradição intelectual e crítica que ela selecionou e organizou de forma particular, em um processo de definição de afinidades e de distanciamentos. Parte significativa dessa tradição era composta por revistas culturais e políticas publicadas na Argentina ao longo do século XX e outra parte relevante era composta por escritores e/ou ensaístas argentinos dos séculos XIX e XX; eram representantes, como a própria **Punto de Vista**, de uma crítica complexa e múltipla, dedicada a vários objetos e atenta à sociedade e ao lugar nela ocupado pela cultura e pela política. Como havia ocorrido em **Los Libros** – que chegou a dedicar uma seção aos textos publicados sobre revistas –, **Punto de Vista** publicou inúmeros textos nos quais analisou revistas culturais e políticas com o intuito de evidenciar os motivos de seu esforço de filiação a essas publicações.

No que diz respeito à filiação almejada com outras revistas, como se demonstrou, os textos publicados, as temáticas discutidas e mesmo o projeto gráfico (incluindo as seções internas do periódico) em **Punto de Vista** a filiaram a **Los Libros** desde as primeiras páginas do número 01, em março de 1978, e, no que se refere à materialidade e à estrutura do periódico, não houve alterações significativas até o número 19, publicado em dezembro de 1983. Contudo, houve vínculos com revistas culturais buscados e explicitados também desde os números iniciais, como, por exemplo, aquele que se começou a construir, nas páginas da

²⁶ Por uma opção interpretativa e uma escolha narrativa para esta tese, decidiu-se analisar a partir deste ponto do capítulo os textos publicados mais especificamente vinculados a esse esforço de criação e de filiação de **Punto de Vista** a uma tradição de revistas culturais e de certos ensaístas. Acredita-se que essa escolha tornará a exposição mais sintética e precisa, bem como mais compreensiva, ao partir de um quadro de autores, de referências e de questões já constituído para, então, situar os debates. Ademais, optou-se por essa estratégia porque as revistas culturais não são apenas apresentadas em **Punto de Vista** visando a identificação de certa tradição: elas são tomadas como objetos, são interpretadas de acordo com a perspectiva do periódico criado em 1978. Nesse sentido, **Punto de Vista** mantém relações múltiplas com esses periódicos e é isso o que se quer evidenciar.

revista, com **Contorno**, no número 04 (de novembro de 1978), quando foram republicados os textos “La mentira de Arlt” e “Manuel Gálvez: el realismo impenitente”, respectivamente de David Viñas (sob o pseudônimo de Gabriel Conte Reyes) e de Ismael Viñas (sob o pseudônimo de Marta C. Molinari). Os dois breves artigos foram precedidos por um estudo de abertura do número, “Martínez Estrada: de la critica a ‘Martín Fierro’ al ensayo sobre el ser nacional”, de Sarlo e de Altamirano (assinando conjuntamente sob o pseudônimo de Washington Victorini), e por uma apresentação sem autoria intitulada “Contorno en la cultura argentina”, na qual se lê:

Há 25 anos, precisamente em novembro de 1953, apareceu em Buenos Aires o número 1 de uma revista que se constituiria como centro de um conjunto de intelectuais – escritores, críticos, filósofos, políticos – cuja obra, por sua originalidade e seu anticonformismo, contribuiria para a definição de duas décadas da cultura argentina. Dirigida por Ismael e David Viñas durante os quatro primeiros números, formou-se em setembro de 1955 um comitê de direção ao qual foram se incorporando, sucessivamente, Noé Jitrik, Adelaida Gigli, Ramón Alcalde, León Rozichner e, finalmente, na última entrega, o número 9-10 de abril de 1959, Adolfo Prieto. O programa de **Contorno** se articulava em duas direções principais: a da revisão, desde uma ótica nacional-democrática, da literatura e da cultura argentinas; e a da análise das duas formações políticas que haviam definido (e seguiriam definindo) o campo sociopolítico antes e depois de 1955: o peronismo, ao qual se consagra o número 7-8 de julho de 1956, e o frondizismo, tema do último número de **Contorno**.

São clássicos hoje da crítica da literatura nacional os trabalhos dedicados a Roberto Arlt (número 2), Martínez Estrada (número 4) e o romance argentino (número 5-6). A polêmica com a cultura oligárquica, expressa em **Sur** e Victoria Ocampo, ou a recolocação da figura de Martínez Estrada no pensamento argentino (recolocação que conservava, ao mesmo tempo, um campo problemático que os homens de **Contorno** compartilharam com o autor de *Radiografía de la Pampa*) foram, naqueles anos cinquenta, sem preconceitos, perspicazes e inovadores. Hoje mantêm não apenas um caráter documental ou arqueológico: pelo contrário, a validade do programa de **Contorno** em relação à revisão crítica do pensamento, da literatura e da política nacionais, se teve, no campo da cultura, continuadores escassos, segue vigente. **Punto de vista** recompilou para este quarto de século que nos separa e nos enlaça com **Contorno** dois de seus ensaios que, aparecidos com as assinaturas de Gabriel Conte Reyes e Marta C. Molinari, provavelmente foram escritos por David e Ismael Viñas, respectivamente. “La mentira de Roberto Arlt” foi publicado no número 2, de maio de 1954; “Manuel Gálvez: el realismo impenitente”, no 3, de setembro do mesmo ano. (“Contorno en la cultura argentina”, **Punto de Vista**, n. 04, nov. 1978, p. 7, tradução nossa)

A revista que não havia apresentado um programa próprio se voltou, em seu quarto número, a explicar o programa de outra revista cuja estrutura se assemelha bastante ao que **Punto de Vista** pretendia desenvolver. Portanto, a apresentação de **Contorno** pode ser lida como uma carta de intenções da revista que encerrava, naquele número, o seu primeiro ano de

circulação, em um procedimento textual bastante perspicaz em uma circunstância de censura e de repressão. Perspicácia também se nota na advertência aos usos de pseudônimos em **Contorno**, em um claro alerta para os leitores de **Punto de Vista** de que esse procedimento também era ali utilizado.

Para evitar que a apropriação de **Punto de Vista** nesse artigo seja tomada como interpretação única, veja-se como José Luis de Diego, em seu ensaio sobre os intelectuais de esquerda citado anteriormente, sintetizou o projeto de **Contorno**:

Muito se escreveu sobre *Contorno* (1953-1959), a revista dirigida por David e Ismael Viñas (e integrada, ademais, por Noé Jitrik, Adelaida Gigli, Ramón Alcalde, León Rozitchner, Adolfo Prieto, Juan José Sebreli, entre outros). Ali se encontra a gênese desse novo modo de conceber a crítica. Por um lado, uma relação *tensionada* entre literatura e política, na qual a literatura não pode ser lida sem ser incluída em uma série da qual nunca está ausente a política, mas que não pode – e não deve – ser *reduzida* a uma espécie de subproduto superestrutural de fenômenos políticos que a englobam ou a determinam: a literatura pode ser lida *na* política, e a política *na* literatura, mas não existem relações de inclusão ou implicação entre uma e outra; por outro lado, uma “moral da crítica”, a crítica como uma tomada de posição que envolve decisões de ordem ética e política, o crítico como “intelectual”, no sentido de alguém que exerce a crítica como um modo de intervenção pública. Portanto, uma concepção sartreana da cultura que lhes permite o afastamento do impasse lukacsiano. É desde essas coordenadas que se inicia uma tripla operação crítica: 1) De revisão da tradição literária argentina, e não me refiro apenas a *desde onde se lê* mas sobretudo ao *o que é que se lê*, às decisões explícitas da revista de se ocupar de certos autores que merecem ser lidos porque ali pode se notar a *tensão* de que falamos, e porque essa leitura implicará um modo de intervir na configuração de novas tradições a partir de mecanismos de recanonização. Assim, se revaloriza o legado do realismo na Argentina (Payró, Quiroga, Gálvez) até sua “culminação” na obra de Roberto Arlt (*Contorno*, N° 2, de maio de 1954), o que significava um modo de se posicionar na vereda oposta à linha que havia nascido na vanguarda martinfierrista e desembocado no grupo da revista *Sur* (Victoria Ocampo, Borges, Bioy Casares, mas sobretudo Eduardo Mallea). 2) De atitude polêmica e “parricida” em relação aos seus mestres, em especial Ezequiel Martínez Estrada e Héctor A. Murena. Os críticos de *Contorno* se questionam como abandonar uma tradição de estudos sobre o “ser nacional” essencialistas e irracionaisistas, que buscavam a raiz dos males argentinos na condição trágica de nossa formação como país ou em um suposto “pecado original”. Se a ferramenta mais adequada para essa operação era o materialismo histórico e dialético, é possível advertir que na prosa desses críticos ainda sobrevivem marcas dos mestres: na atitude polêmica de seus escritos, na perspectiva agônica de seus enfoques, na multiplicação de culpas, pecados, traições e quedas (Sarlo, 1983). Mas o objetivo desses ataques não apontava somente para o passado mas também para o presente. Entre 1954 e 1957 foram publicados *Crisis y resurrección de la literatura argentina* e *Revolución y contrarrevolución en la Argentina*, de Jorge A. Ramos, *El plan Prebisch* e *Los profetas del odio*, de Arturo Jauretche, *Imperialismo y cultura*, de Juan J. Hernández Arregui, e *Historia crítica de los partidos políticos argentinos*, de Rodolfo Puiggrós.

E prosseguiu De Diego em sua caracterização das “operações” de **Contorno**, mostrando como a revista empreendeu esforços deliberados para se situar em um lugar entre tradições e trabalhou para criar a sua perspectiva, depois retomada e apropriada nos sessenta pela “nova esquerda”:

Esses livros, entre outros, estreitavam os limites do lugar que *Contorno* procurava ocupar: ao enfrentamento da tradição liberal e à diferenciação em relação aos comunistas, tinha que somar agora a irrupção da “esquerda nacional” e este fato deu lugar a uma terceira operação. 3) De discussão sobre o presente político argentino, que se acentua nos dois últimos números da revista. *Contorno* inicia uma revisão do peronismo, em especial no N° 7-8, de julho de 1956; essa revisão assume, frequentemente, o tom da autocrítica: a esquerda havia sido cega ao condenar em bloco a um movimento nacional com uma extensa base popular, e não havia sabido diferenciar a injuriada figura do líder dos aspectos positivos de um regime que havia incorporado as massas trabalhadoras à política nacional. Inicia-se ali uma mutação das esquerdas na avaliação do peronismo que se agudizará depois da Revolução Cubana: o que constituía uma versão criolla dos fascismos europeus era visto agora como um movimento que podia ser somado ao multifacetado e heterogêneo campo do anti-imperialismo. No número citado, Osiris Troiani, em seu “Exame de consciência”, refere-se à Revolução Libertadora [...]. Autodefine-se como a “geração ausente” [...] e reafirma a perspectiva de futuro [...]. É precisamente esse programa de futuro que retomarão, durante os sessenta, as publicações identificadas com a “nova esquerda”. Contudo, o trabalho dos críticos de *Contorno* não se esgota em seus aportes à revista; as figuras de David Viñas (1927-), Noé Jitrik (1928-) e Adolfo Prieto (1928-) ocuparão um lugar central no campo literário argentino desde então até hoje. As publicações de *Borges y la nueva generación* (1954) de Prieto, de *Literatura argentina y realidad política* (1964) de Viñas e de *Ensayos y estudios de literatura argentina* (1970; reúne ensaios publicados ao longo dos sessenta) de Jitrik, estabeleceram as bases de um novo modo de inscrever a literatura na história argentina a partir de categorias tomadas da sociologia, da economia e da política, e sua influência ainda não desapareceu. (DE DIEGO, 2010, p. 401-403, tradução nossa)

A síntese de De Diego a respeito das realizações de **Contorno** e dos principais intelectuais vinculados à revista, elaborada a partir de uma leitura da revista, mas também do diálogo com a crítica à publicação (da qual, segundo ele, Sarlo participa), mostra que o periódico dos irmãos Viñas pretendia se opor a **Sur**, reavaliar o peronismo e a esquerda e fundar uma perspectiva crítica. Cabe destacar que, em outro contexto, **Punto de Vista** também se ocupou de **Sur**, do peronismo e da esquerda – de outra esquerda, obviamente, reestruturada face às ditaduras dos sessenta e dos setenta/oitenta. A revista de Sarlo e de Altamirano, no entanto, desenvolveu uma operação de síntese crítica que combinou elementos tomados do projeto de **Sur** a aspectos apropriados das “operações” de **Contorno**, valorizando, como se disse no “Editorial” do número 12, de julho-outubro de 1981, o que os intelectuais de **Punto de Vista** consideravam ser a qualidade intelectual e moral desses e de outros grupos e

objetivando impedir que culturas fossem reprimidas ou negadas na Argentina.²⁷ Como se afirmou, tal posicionamento do coletivo intelectual não foi aceito, na época e mesmo depois, por outros grupos de esquerda que entendiam, adequadamente, essas escolhas críticas como atos políticos.

Aliás, esse editorial de 1981 (anteriormente transcrito), o primeiro publicado em **Punto de Vista**, demonstrou explicitamente a quem o periódico queria ou não se filiar: “Existe uma tradição argentina que nós que fazemos *Punto de Vista* reconhecemos: uma linha crítica, de reflexão social, cultural e política que passa pela geração de 37, por José Hernández, por Martínez Estrada, por FORJA, pelo grupo Contorno.” [“Punto de vista” (Editorial), **Punto de Vista**, n. 12, jul.-out. de 1981, p. 2, tradução nossa]

Por conta dessa operação crítico-intelectual específica, no número anterior ao do editorial, ou seja, o número 11 (de março-junho de 1981), foi publicado o artigo “Sobre la vanguardia, Borges y el criollismo”, de Sarlo, sobre a revista **Martín Fierro** e a vinculação desse periódico da década de 1920 aos debates relativos à vanguarda e ao *criollismo*, demonstrando a importância de escritores e de intelectuais como Jorge Luis Borges para a formulação de um “criollismo urbano de vanguarda”. Nesse estudo, **Punto de Vista** convocou ao diálogo, através dos autores e dos temas escolhidos, a tradição de **Contorno**. Nesse número 11, lembre-se, foram publicados os artigos anteriormente comentados de Rama sobre o *boom* e de Altamirano sobre Raymond Williams, configurando, no volume, um movimento simultâneo para se vincular a uma tradição intelectual e crítica na Argentina e para se renovar e se atualizar através da aproximação com outra tradição crítica britânica.

Foi o número 13 (de novembro de 1981) que trouxe um texto e uma entrevista responsáveis por complementar os argumentos desenvolvidos no número 04 e ao mesmo tempo por apresentar formulações repetidas vezes recuperadas pela crítica de **Contorno**.²⁸ Ademais, o artigo de Sarlo, intitulado “Los dos ojos de Contorno”, uma pequena história do periódico dos anos 1950, posiciona a revista dos irmãos Viñas como uma publicação plenamente histórica e destaca o seu esforço para se posicionar contra as vanguardas argentinas das décadas anteriores, como aquela reunida em torno da revista **Martín Fierro**.

²⁷ É possível inferir, a partir de uma observação de Analía Gerbaudo (2010, p. 53), que a tradição de abordagem fundada na sociologia da literatura e representada por Viñas, Prieto e **Contorno** havia sido “eclipsada” na Argentina e que **Punto de Vista** colaborou para recuperá-la. A autora destaca nesse processo a publicação, em 1980, pelo CEAL, do livro de Sarlo e de Altamirano, *Conceptos de sociología literaria*, no qual a tradição de **Contorno** também apareceu.

²⁸ O texto de Beatriz Sarlo citado por De Diego (2010), no trecho anteriormente transcrito, é uma variação publicada na **Revista Iberoamericana** em 1983 de um artigo publicado por ela nesse número 13 de **Punto de Vista**. Diversas proposições recuperadas por De Diego estão no texto de Sarlo.

Ainda que tenha construído avaliações equivocadas sobre a vanguarda e sua relação com a tradição cultural e literária, diz Sarlo, **Contorno** logrou intervir na sua atualidade contra gerações de “mestres” pensadores da nação, bem como se posicionou contundentemente – em uma espécie de “acerto de contas” – contra “peronistas e antiperonistas, nacionalistas e liberais, oportunistas e profetas.” (Beatriz Sarlo, “Los dos ojos de Contorno”, **Punto de Vista**, n. 13, nov. 1981, p. 3, tradução nossa)

Especialmente relevante é a proposta de abordagem construída por Sarlo sobre **Contorno**, afinal, como se disse antes, desde o número 04 (de novembro de 1978), **Punto de Vista** estruturava seu lugar em um movimento de apropriação seletiva da tradição de diversos grupos de intelectuais, entre eles o da revista dos irmãos Viñas.²⁹ No artigo do número 13, não casualmente intitulado de forma a destacar a metáfora visual (“os dois olhos”), Sarlo se volta, em um primeiro momento, para a interpretação do lugar da política no periódico fundado por David e Ismael Viñas, concluindo que o grupo de **Contorno** era composto, em negação, nem por comunistas, nem por peronistas, nem por profetas intelectuais: a nova figura representada pela revista no campo intelectual era estruturada a partir do diálogo com o pensamento de Sartre, assim como por uma tradição política argentina própria dos nacionais-democratas do radicalismo.

Quando decide tratar dos “dois olhos” de **Contorno** – imagem proposta, como destaca Sarlo, por David Viñas em um artigo –, a diretora de **Punto de Vista** mostra como o grupo dirigia um olhar para a América e outro para a Europa e ao mesmo tempo tinha dois olhares diferenciados sobre a América, valorizando as variações na tradição romântica e estruturando um posicionamento sobre os discursos a respeito da nação no século XIX na Argentina. Em **Contorno**, diz Sarlo, há uma combinação de olhares/perspectivas que, sem necessariamente resultar em um estrabismo, ofereceu, no que diz respeito à política, tanto uma leitura particular acerca do nacionalismo e do anti-imperialismo quanto uma compreensão específica da assimilação das tradições estrangeiras a partir de um “estilo de mistura”.

²⁹ Em 2009 – portanto, muitos anos depois dos debates dos anos 1980 –, Sarlo, em entrevista a Blanco e a Jackson, sintetizou da seguinte maneira a sua relação e a vinculação de **Punto de Vista** com **Contorno**:

“O caso de *Contorno* foi contrário ao de *Sur*. Como eu era muito jovem, não li a revista enquanto circulava e, além disso, sua existência foi muito breve. Mas eu a respeitava antes de ler, era um mito para mim. *Contorno* foi muito mais influente e teve muito mais leitores depois de terminada. Por meio dela, os irmãos David e Ismael Viñas, e também Oscar Masotta, ensaiavam seus discursos. Digo os irmãos Viñas porque Ismael, sob diversos pseudônimos, escreveu muito sobre literatura, antes de dedicar-se à política e fundar o seu partido. *Contorno* publicou leituras decisivas sobre a literatura argentina: a de Noé Jitrik sobre *Adán Buenosaires* (romance de Leopoldo Marechal), a de Rozitchner sobre Eduardo Mallea, a de um dos Viñas sobre Roberto Arlt, anterior ao livro de Masotta também sobre Arlt. Quando, em *Punto de Vista*, começamos a nos ocupar de *Contorno*, o fizemos para nos inserirmos numa tradição.” (SARLO, 2009, p. 146-147, grifo nosso)

Conforme destacou Sarlo, foi essa compreensão específica da mistura que colaborou para que **Contorno** percebesse elementos fundamentais da literatura argentina e empreendesse um movimento de dessacralização da crítica e do pensamento universitário a respeito de autores e de obras da Argentina até aquele momento. Sarlo, então, mostra, fugindo a uma avaliação anacrônica de **Contorno**, o que a revista podia e o que ela não podia ler acerca da tradição literária e crítica na sua conjuntura: pôde reavaliar adequadamente autores como Gálvez e Arlt, mas não pôde ler corretamente Borges por associá-lo – estrabicamente, na avaliação de Sarlo, porque marcada pelo presente do qual ela escrevia e do esforço de **Punto de Vista** para reler o autor de *Ficções* sem as amarras da crítica dos anos 1950-1970 – ao liberalismo e a uma postura de subserviência às tradições europeias e às vanguardas que se queria recusar.

A proposta de abordagem de **Contorno** por **Punto de Vista** é interessante e foi complementada pela entrevista de Sarlo e de Altamirano com David Viñas, realizada em abril de 1981 na Espanha. Mostra uma revista que, nos anos 1950, realizou crítica política da cultura, em uma operação que, para Sarlo, entrecruzava quatro atitudes: de revisão, de condenação, de reconhecimento e de competição, tanto dos liberais quanto dos peronistas. **Punto de Vista**, em seu próprio “estilo de mescla”, revisou **Contorno**, reconheceu seu caráter precursor na definição de uma nova forma de conceber a crítica, mas, sem necessidade de competir com a extinta revista dos cinquenta, indicou suas limitações na avaliação parcial dos autores liberais e sobretudo de Borges, ainda que compreenda a leitura das vanguardas e de **Sur** realizada por **Contorno** nos anos 1950 como própria daquela historicidade. Se **Contorno** se insurgiu contra os intérpretes do “ser nacional”, **Punto de Vista** quis reler também essa tradição a partir de operações que a revista dos irmãos Viñas não podia desenvolver.

A valorização, enfim, de uma “moral da crítica” em **Contorno**, apesar das discordâncias no que diz respeito às avaliações de certos objetos, obras e autores, estava explicitada nesse número 13 de **Punto de Vista** e foi reforçada no número 15 (de agosto-outubro de 1982) por uma resenha de Sarlo intitulada “La moral de la crítica” ao livro *Literatura argentina y realidad política*, de David Viñas, lançado em 1964. Obviamente, não é uma crítica de uma novidade, de uma obra recém-publicada, mas uma leitura de um livro que se pretendia destacar em relação a outros. E Sarlo concluiu a resenha/análise dizendo:

Porque, definitivamente, para Viñas, como para os homens de *Contorno*, a crítica *tem uma função*. Esta fórmula, desprestigiada nos últimos anos tanto no espaço do cientificismo ou do formalismo mais estrito (o que é compreensível) como nos círculos de esquerda, deveria ser revisada: em seus erros mas também em seus acertos. O livro de David Viñas não é,

seguramente, o menor deles. (Beatriz Sarlo, “La moral de la crítica”, **Punto de Vista**, n. 15, ago.-out. 1982, p. 22, tradução nossa)

Sarlo sinalizou, com sua opção de resenhar um livro editado há quase vinte anos (naquele momento) pelo Centro Editor de América Latina e com sua interpretação da obra, para a concordância de **Punto de Vista** com a atribuição de uma função social à crítica e indicou que o periódico estava disposto a participar da revisão dessa fórmula sem abrir mão do diálogo com autores relevantes, entre eles Viñas. Aliás, no que se refere aos autores eleitos para o diálogo, uma resenha de María Teresa Gramuglio no mesmo número 15 comentou um livro sobre o *boom* da literatura latino-americana (livro que seria de novo citado em números posteriores, nas discussões sobre literatura e mercado) em que participaram inúmeros autores comentados pela revista até aquele momento (Ángel Rama, o próprio David Viñas, Antonio Candido, Jean Franco, Tulio Halperin Donghi, entre outros).

Reafirmava **Punto de Vista** mais uma vez a partir de quais referências pretendia desenvolver a sua crítica com função social, o que se fez também no importante artigo “Literatura y política”, de Sarlo, publicado no número 19 (de dezembro de 1983) – anteriormente comentado –, texto no qual a tradição reivindicada incluiu **Contorno** e **Sur**, entre outros. Nesses textos, no diálogo com a tradição de revistas, Sarlo, Altamirano e outros autores de **Punto de Vista** expressavam uma escolha interpretativa: privilegiar a abordagem, em seus artigos, de textos literários a partir dos quais se poderia realizar uma leitura política e/ou social e de autores que permitiriam a desconstrução de certa crítica ideologizada (liberal, peronista ou de esquerda) dos anos 1960 e 1970, como é o caso de Borges.

Essas culturas políticas, matrizes de pensamento e de ação cultural (liberalismo, peronismo, as diversas esquerdas), foram também objeto de **Punto de Vista** no que diz respeito à atuação política, social e econômica, como se mostrará nesta tese. Em uma apropriação crítica dessas tradições, o grupo da revista buscou estabelecer filiações a partir do que chamou, no editorial do número 12, de 1981, de “uma qualidade intelectual e moral” e não de “uma problemática identidade de conteúdos”, permitindo-se, por exemplo, aproximar-se do governo de Raúl Alfonsín, da União Cívica Radical, o que motivou, por exemplo, a saída de Ricardo Piglia do periódico e suscitou críticas de grupos de esquerda. Uma síntese parcial dessas e de outras preocupações pode ser encontrada no artigo “Intelectuales y política en la Argentina, 1956-1966”, de Oscar Terán, veiculado no número 37 (de julho de 1990), antecipando argumentos do seu livro clássico que seria publicado em 1991 e explicitando, entre outras questões, a atenção da revista à análise dos intelectuais na Argentina e na América Latina.

Se **Contorno** teve a atenção de **Punto de Vista** oficialmente a partir do número 04 (de novembro de 1978) e continuou a ser comentada nos anos e números seguintes, **Sur**, provavelmente por conta da expressividade que a crítica de esquerda sobre o grupo de Victoria Ocampo ainda possuía nos anos setenta, apareceu aos poucos, por meio dos trabalhos sobre Borges e, depois, nos estudos de Sarlo e Gramuglio dedicados especificamente à revista. Os primeiros estudos mais contundentes a respeito foram veiculados somente no número 17 (de abril-julho de 1983), a despeito de artigos nos números anteriores terem feito menções a temas, a questões ou a objetos discutidos em **Sur** e até à própria revista, como no caso do citado artigo de Sarlo que abre o número 11 (de março-junho de 1981). Esse texto, junto ao artigo “Ideologia y ficción en Borges”, de Ricardo Piglia, publicado no número 05 (de março de 1979), integraram um projeto de recuperação da obra literária de Borges e foram fundamentais para a sua ressignificação, como apontaram diversos especialistas. Um outro texto de Sarlo, “Borges en Sur: un episodio del formalismo criollo”, veiculado na abertura do número 16 (de novembro de 1982), também foi parte desse projeto, ao se voltar à análise dos ensaios publicados pelo escritor nos cinco anos iniciais da revista, nos quais se evidenciam importantes elementos de seu projeto literário.

De qualquer forma, o dossiê publicado no número 17, composto por artigos de María Teresa Gramuglio, Beatriz Sarlo e Jorge Warley, foi significativo tanto por lançar mais especificamente o olhar de **Punto de Vista** para uma revista profundamente criticada pelas esquerdas e pelos peronistas quanto por fazer isso exatamente em uma circunstância política de fins da ditadura e de ascensão dos grupos radicais e liberais em torno da figura de Alfonsín, de quem alguns dos intelectuais de **Punto de Vista** decidiram se aproximar.³⁰ Cabe

³⁰ Vale aqui recuperar mais um trecho da entrevista de Sarlo a Blanco e a Jackson, publicada em 2009 – portanto, uma formulação memorialística muito posterior aos debates dos anos 1980 –, em que ela trata de **Sur**: “*Voltando às revistas culturais, gostaríamos que você comentasse a importância e o impacto, na formação da cultura argentina, de revistas literárias como Nosotros, Sur e Contorno.*”

Sur foi um objeto que tive que resgatar da minha ignorância. Eu não li nenhum número dessa revista enquanto ela estava sendo editada. Naquele tempo, os enfrentamentos político-ideológicos encobriam, para mentes primitivas como as nossas, os enfrentamentos culturais. Um exemplo confirma essa impressão. Quando José Bianco, um escritor realmente muito interessante, que era secretário de *Sur*, decidiu aceitar uma viagem para Cuba, Victoria Ocampo o despediu imediatamente. A oposição que *Sur* despertava no peronismo revolucionário de esquerda ou na esquerda intelectual de jovens, como eu era nesse momento, somente pode ser encontrada atualmente nos blogs. Era uma Argentina extremamente cindida, com o peronismo proscrito, com golpes de Estado cada vez que o peronismo candidatava-se às eleições. Nesse momento, circulava também a ideia – que discuti com María Teresa Gramuglio – de que *Sur* nunca vislumbrara qual era a literatura realmente contemporânea. A revista havia feito uma série de escolhas dentro de um campo estético amplo, que incluía Borges, mas não as vanguardas europeias. [...] o mais experimental não era celebrado pela revista. [...] Eram os gostos de Victoria Ocampo, mas também de Borges e de Bioy Casares, que não podiam conceber um romance que destruísse o princípio narrativo e de trama como fazia Joyce em *Ulisses*. Eles se sentiam, sobretudo Ocampo, tão argentinos quando cosmopolitas. Era o caso do argentino que fala francês na fazenda e que é *criollo* em Paris.

lembrar que **Contorno** havia se dedicado muito especialmente a criticar **Sur**, portanto, a abordagem em **Punto de Vista** da revista dirigida por Victoria Ocampo era, entre outras coisas, uma operação de crítica à leitura de uma revista sobre outra revista.³¹

As controvérsias em torno de **Sur** foram destacadas desde o texto de introdução ao dossiê, publicado em um número com um Editorial bastante relevante no qual se discutia as possibilidades da democracia e se relembra o posicionamento de **Punto de Vista** na defesa de um projeto de cultura e de um caminho democrático, visando, como se diz, a reconstrução da cultura e das instituições argentinas a partir da atuação dos intelectuais não como profetas, mas como cidadãos. Ecoando tal postura democrática no âmbito da cultura, lê-se no mencionado texto de abertura do dossiê:

A revista *Sur*, fundada em 1931, foi objeto de inflamados debates ideológico-culturais, que fundaram um mito pelo qual a publicação e seu grupo aparecem alternativamente demonizados, como porta-vozes diretos da oligarquia, ou defendidos, como produtores da cultura moderna na Argentina. Os artigos a seguir, que são parte de uma investigação em curso, intentam definir alguns dos traços que caracterizaram a sua primeira década. (“Dossier: la revista ‘Sur’”, **Punto de Vista**, n. 17, abr.-jul. 1983, p. 7, tradução nossa)

Tratava-se, pois, de um projeto coletivo de interpretação gestado no periódico, cuja publicização³² ocorreu naquele número de 1983. O primeiro artigo, de Gramuglio, funcionava exatamente como uma introdução geral. “‘Sur’: constitución del grupo y proyecto cultural” recuperou, em suas primeiras linhas, o clássico ensaio de Raymond Williams, “The Bloomsbury Fraction”, do livro *Problems in Materialism and Culture*, em que o crítico britânico oferece argumentos muito utilizados para o estudo de grupos culturais, as *fractions*, que não eram institucionalizados formalmente nem representavam movimentos sociais

Outro aspecto relevante relaciona-se com o significado de *Sur*, não apenas a revista, mas também a editora, como instrumento de tradução, modernização e conversão cosmopolita de uma cultura, algo muito estudado por Patricia Willson. [...] o que vemos em *Sur* é a realização mais ponderada do esquema de mescla que funciona de maneira sempre tensa e conflituosa em Borges. De tal maneira, *Sur* é a revista da modernização, o que as revistas de vanguarda como *Martín Fierro* ou *Contra* não podiam ser, pois não buscavam modernizar, mas fechar um ciclo para implantar outro. E foi o que ocorreu, porque Borges, sem suspiros, passou das revistas de vanguarda a *Sur*, na qual publicou todos os seus textos clássicos.” (SARLO, 2009, p. 145-146)

³¹ Lembre-se que Nicolás Rosa publicou no número especial duplo 15-16 de **Los Libros**, de janeiro-fevereiro de 1971, artigo sobre **Sur** em que a análise realizada acerca da revista de Ocampo dialogava com as tendências críticas que **Punto de Vista** e especialmente Gramuglio criticou posteriormente. Esse é apenas mais um exemplo de como a revista criada em 1978 se filiou criticamente a **Los Libros** e a outras revistas.

³² Na entrevista outrora citada de Gramuglio a Podlubne e a Prieto (2014, p. 272), a fundadora de **Punto de Vista** mencionou que este texto sobre **Sur** veiculado no número 17 foi lido por ela em uma das reuniões do Conselho e debatido coletivamente, expediente adotado, como se disse anteriormente, desde a época da gestação da revista.

amplos, distintos por apresentarem práticas comuns, um *ethos*. Como diz Gramuglio, o ensaio de Williams permite:

[...] pensar *Sur* desde uma perspectiva que, pelo menos, matize a demasiado generalizante filiação a uma concepção burguesa da literatura, ou as acusações quase tautológicas de porta-voz da oligarquia e minoria de minorias. Não se trata de fazer de *Sur*, para irritação de alguns e regozijo de outros, um Bloomsbury portenho. Trata-se, ao contrário, de recuperar matizes e mediações, de interrogar-se sobre a formação do grupo que lhe deu vida no interior de um conjunto de condições sociais e culturais precisas, de confrontar sua autoimagem e seus propósitos manifestos com suas realizações efetivas e sua incidência real. Em suma, de manter unidos dois aspectos que a análise costuma separar: a formação interna do grupo e seu significado geral. (María Teresa Gramuglio, “‘Sur’: constitución del grupo y proyecto cultural”, **Punto de Vista**, n. 17, abr.-jul. 1983, p. 7, tradução nossa)

Em busca de uma melhor compreensão do grupo de **Sur** em seu nascedouro, Gramuglio expõe alguns dos elementos significativos da revista em seus primeiros anos, seus principais colaboradores, o primeiro Conselho de Redação, os laços de parentesco e de amizade que conectavam os membros do grupo e demonstra a importância dos princípios dessa sociabilidade para a definição do projeto da revista, de atenção a um americanismo em que se defende a necessidade de vinculação à Europa. Há na revista, indica a autora, debates acerca da dupla relação dos argentinos com o nacional e com a Europa, lida como cosmopolita. Ademais, formulou-se no periódico uma proposta de união do continente americano a partir da atuação de uma elite de escritores capazes de fazer circular na América aquilo que se considerava o mais relevante da cultura europeia ao mesmo tempo em que seriam divulgados alguns dos escritores argentinos nos países estrangeiros. Gramuglio especula, nitidamente em termos ainda iniciais, que o elitismo de **Sur** seria proveniente mais do projeto de cultura do grupo do que da sua condição de classe, tentando desconstruir o estereótipo mais comum, naquele momento, sobre os intelectuais reunidos na revista que circulou entre 1931 e 1991 e publicou 371 números, 305 dos quais no seu auge, até 1966.

E é exatamente esse estereótipo o ponto de partida do artigo de Sarlo, “La perspectiva americana en los primeros años de ‘Sur’”. A diretora de **Punto de Vista** asseverou algo importante para uma compreensão não puramente classista da revista de Victoria Ocampo ao afirmar que o periódico “introduz uma variação elitista em uma zona de problemas que preocupam também a outros setores do campo intelectual”, bem como disse “que em *Sur* se cruzam discursos de marca ideológica diferente”, entre eles a “preocupação americana”, tomada como objeto em seu artigo. Ou seja, há na revista, para Sarlo, fundamentos

intelectuais que extrapolam a posição de classe. (Beatriz Sarlo, “La perspectiva americana en los primeros años de ‘Sur’”, **Punto de Vista**, n. 17, abr.-jul. 1983, p. 10, tradução nossa)

Sem negar o papel de **Sur** na europeização da cultura da elite argentina, Sarlo, aproximando-se de autores como Roberto Schwarz, voltou-se para o entendimento das relações dialógicas e mediadas entre o nacional e o cosmopolita no projeto da publicação e no interior do grupo que a conduzia. Advertiu, inclusive, que a atuação dos intelectuais não se esgotava na revista – os projetos de cada um expressavam-se apenas parcialmente em **Sur** – e lembrou a necessária compreensão da condição periférica da revista na definição tanto de seus objetos quanto de suas possíveis leituras. Assim, o que poderia ou não ser traduzido por **Sur**, destacou Sarlo, precisa ser analisado em relação a essas possibilidades delimitadas pelo lugar da publicação em um país periférico, no qual uma elite cultural continuava sendo europeizada e também, indelevelmente, argentina.

Esse projeto de interpretação de **Sur**, apenas esboçado nos artigos de Gramuglio, de Sarlo e de Warley³³ no número 17, apresentou outro momento de destaque no número 28 (de novembro de 1986). Em mais um artigo, dessa vez intitulado “Sur en la década del treinta: una revista política”, Gramuglio – que se tornou uma das principais especialistas na revista – se voltou para o estudo da dimensão política do projeto de **Sur**, analisando mais detidamente um conjunto de textos publicados no periódico nos anos 1930 nos quais se discute política e, especificamente, intelectuais, poder e sociedade. Os artigos que Gramuglio dedicou a **Sur**, como observaram recentemente Adrián Gorelik e Judith Podlubne, respectivamente em “La década del treinta de María Teresa Gramuglio” e “El archivo *Sur*. Algo más sobre la ‘operación Williams’ en *Punto de Vista*”³⁴, são parte tanto do projeto de **Punto de Vista** de releitura do periódico quanto do itinerário crítico da autora, que continuou a publicar, nos anos 1990 e 2000 (não mais em **Punto de Vista**), estudos sobre **Sur**. A opção de Gramuglio por não publicar seus ensaios a partir dos noventa em **Punto de Vista** parece ser um indicativo dos distanciamentos e das tensões nos projetos individuais, nos interesses dos membros do Conselho de Direção e nos direcionamentos conferidos por Sarlo e por Gorelik à revista desde meados da década de 1990. Esse movimento, como se disse antes e se comentará em outro momento mais detalhadamente, culminou na saída de Altamirano, de Gramuglio e de Sabato de **Punto de Vista** em 2004.

³³ O texto de Jorge Warley, intitulado “Un acuerdo de orden ético”, é dedicado à análise de ideias e de conceitos difundidos em **Sur** por autores como Eduardo Mallea e Jorge Luis Borges, entre outros, responsáveis por um debate ético e por posicionamentos divergentes no grupo e nas páginas da revista acerca da atuação da inteligência na Argentina e das ações dos intelectuais frente às questões culturais e às polêmicas políticas.

³⁴ Textos que integram o livro em homenagem a Gramuglio publicado em 2014, organizado por Podlubne e Martín Prieto.

No mencionado artigo do número 28, bem mais extenso do que o anterior e com trechos dedicados à análise de fragmentos da publicação³⁵, Gramuglio evidentemente recupera suas considerações e as de Sarlo expressas no número 17, mas volta, como ela disse logo no primeiro parágrafo do artigo, sua “atenção sobre um dado ao qual não se reparou suficientemente durante a década de trinta”, os textos sobre política. Era necessário, uma vez mais, ultrapassar as leituras simplistas e cristalizadas acerca da revista para conseguir enxergar os posicionamentos e as reflexões políticas de **Sur** para além de uma leitura classista e reducionista dos argumentos do periódico. Afinal, como indicou Podlubne (lembrando um estudo de Andrea Pagni), a releitura de **Sur** efetuada por **Punto de Vista** se vinculava a um conjunto de problemas e questões enfrentados desde 1978 pela revista recém-criada e participava “da crítica à concepção substancialista da *cultura de elite* como uma totalidade homogênea, oposta à *cultura popular*, que havia dominado o discurso intelectual até meados dos anos setenta e cujos efeitos não tinham sido ainda interrogados.” (PODLUBNE, 2014, p. 49, tradução nossa, destaques no original)

Pode-se observar, ademais, que os ensaios de Gramuglio sobre **Sur** em **Punto de Vista** participam daquilo que autores como Miguel Dalmaroni convencionaram chamar de “operação Williams” em **Punto de Vista**, ou seja, as diversas estratégias de leitura, de apropriação e de emprego das obras de Raymond Williams para a elaboração de uma crítica com características específicas em **Punto de Vista**. As consequências do trabalho empírico de Gramuglio com **Sur**, de acordo com Judith Podlubne, foram muitas e relevantes:

[...] as conclusões de Gramuglio fizeram de *Sur* um objeto novo, transformaram para sempre o enfoque do grupo e da revista, em um momento em que essa transformação parecia impensada.

Na perspectiva de Gramuglio, o arquivo *Sur* não somente reverte uma das principais condenações que pesavam sobre o grupo, a de sua postura apolítica, mas, além disso – e nisso reside o corolário fundamental –, conquista para sempre a dimensão problemática que lhe negaram as interpretações anteriores. Se *Sur* resulta ainda hoje em um objeto heterogêneo e controvertido [...] é em grande medida consequência dos esforços teórico-metodológicos que Gramuglio se impôs nesse momento. (PODLUBNE, 2014, p. 55, tradução nossa)

³⁵ Isso tem a ver com o que Judith Podlubne (2014, p. 52-53) definiu como “a construção do arquivo”: o texto do número 28 circulou no momento em que, conforme os argumentos de Sarlo no mesmo livro (SARLO, 2014), se podiam sentir os efeitos de uma ação específica. Virginia Erhardt doou a Sarlo, no início dos anos 1980, a coleção da revista **Sur** que pertencera ao professor da UBA, Jaime Rest, “integrante de *Sur* desde os anos cinquenta e leitor de Williams nos setenta.” (PODLUBNE, 2014, p. 53, tradução nossa) Essa oportunidade permitiu que Gramuglio, desde então trabalhando com os exemplares (primeiro no escritório de **Punto de Vista** e depois em sua própria casa, quando transportou os exemplares de **Sur** para lá), fosse além dos comentários baseados somente nos números especiais e pudesse começar a se dedicar à análise sistemática das centenas de edições da revista, como o fazia na época (nos anos 1980) apenas o crítico britânico John King, em virtude, principalmente, da inacessibilidade do material.

Tal “mudança de perspectiva” protagonizada por Gramuglio foi, enfim, fundamental, pois ao se esforçar para libertar **Sur** das consequências negativas das leituras deterministas produzidas tanto pela esquerda nacional quanto pela tradição de **Contorno**, garantiu que **Punto de Vista** pudesse colocar a revista dirigida por Victoria Ocampo “no centro de sua tradição seletiva.” (PODLUBNE, 2014, p. 52, tradução nossa) Mas essa apropriação de uma revista que parecia dissonante em relação às demais matrizes críticas eleitas implicou seguidos esclarecimentos em estudos precisos de Gramuglio, a exemplo do número 31 (de novembro-dezembro de 1987). No artigo “Desconcierto en dos tiempos”, a autora discutiu a opção peculiar de **Sur** de publicar, em apenas dois números de 1938, uma seção “Libros recibidos” repleta de referências a obras desconhecidas, “que não são lidas”, obrigando a crítica a avaliar se de fato tais textos haviam existido ou se seriam apenas algo como exercícios borgianos de ficção. Há espaço no texto, outrossim, para um exame de seções de livros recebidos nas revistas, a dinâmica interna desse tipo de seção – nem sempre muito organizada – e, claro, sobre o sentido específico dos comentários, em **Sur**, a respeito de diversas obras pouco ou nada conhecidas 50 anos depois. Demonstra-se, na leitura de Gramuglio, que mesmo uma instância de consagração como a prestigiosa revista não garantia a perenidade ou o sucesso das obras.

A partir dessas indagações, em um “segundo movimento” no texto, Gramuglio se dedicou a pensar em uma lista dos mais vendidos divulgada no ano de 1987 pela revista **Humor**, conhecida por suas críticas em tom humorístico à censura. A escolha dos dez romances argentinos mais importantes, realizada por cinquenta escritores contemporâneos, mostrou afinidades entre escritores díspares no que concerne às suas matrizes – pelo menos em relação àquelas referências indicadas publicamente – e garantiu à autora o acesso a elementos importantes para refletir sobre as instituições, o mercado, a crítica e o público nas trajetórias de reconhecimento ou incompreensão das obras e dos autores.

Identificou-se, nas listas individuais divulgadas por **Humor**, a opção comum por não eleger as obras “fracassadas”, preferindo reiterar o cânone e as hierarquias estabelecidas. Ou seja, não há também nas escolhas dos escritores contemporâneos, como ela se questiona na primeira parte do texto, uma problematização dos mecanismos de aceitação e de recusa dos textos a serem comentados nessa espécie de seção de livros recebidos que são as entrevistas e as listas dos melhores. Disse Gramuglio em uma Coda ao texto: “Livros que não são lidos, livros dos quais não se fala: [...]. Porque o que essas duas listas revelam é algo que vou nomear roubando algumas palavras a Rilke: o lado mais letal do longo trabalho silencioso e

sem meta.” (María Teresa Gramuglio, “Desconcierto en dos tiempos”, **Punto de Vista**, n. 31, nov.-dez. 1987, p. 14, tradução nossa)

Tal crítica dos pormenores de **Sur**, comparando seus procedimentos de escolha e de consagração de autores e de obras literárias a outros praticados décadas depois por uma revista tão diversa como **Humor**, evidentemente confirma que Gramuglio não lia a revista de Ocampo para (re)consagrá-la, mas para entendê-la em suas características, suas lições positivas e suas limitações no que diz respeito ao estabelecimento de certas tradições.³⁶ Por isso, no último artigo que publicou em **Punto de Vista** diretamente dedicado a **Sur**, a autora analisou dois dos autores fortemente responsáveis por inserir e manter a revista de Ocampo nos cânones da crítica: Borges e Bioy Casares. Em “Bioy, Borges y Sur. Diálogos y duelos”, publicado no número 34 (de julho-setembro de 1989), a então especialista com experiência de uma década em estudos sobre o periódico apresentou não apenas uma análise importante para a elucidação de aspectos da publicação de Ocampo, mas também uma intervenção relevante para o delineamento de outro projeto desenvolvido por **Punto de Vista**, a ressignificação da

³⁶ No que tange ao estabelecimento de tradições de escritores a partir de leituras críticas de obras e de divulgação de trechos de textos literários, cabe destacar brevemente o que tem sido explorado em estudos da área de Letras, mais especificamente de teoria, de história e de crítica literária, que tomam **Punto de Vista** como objeto ou como fonte: a revista foi responsável, além da crítica a autores amplamente considerados relevantes – mesmo que mal compreendidos, às vezes –, pela divulgação de livros e escritores “esquecidos” e/ou pouco interessantes para o mercado em momentos específicos da Argentina. Como também aconteceu com a produção veiculada no periódico sobre diversas áreas e/ou temáticas, a revista serviu como um “banco de provas” para a produção de reflexões dos intelectuais do Conselho ou de colaboradores, muitas delas posteriormente reunidas e/ou publicadas em livros ou que serviram para a preparação de livros, principalmente de Sarlo e de Altamirano – entre eles os realizados conjuntamente, como *Conceptos de sociología literaria*, *Literatura/sociedad* e *Ensayos argentinos*, publicados pelo CEAL, ou individualmente, como o livro de Sarlo sobre Borges) –, mas também de outros autores como María Teresa Gramuglio, Hugo Vezzetti e Adrián Gorelik.

Como se disse anteriormente, por conta dos objetivos desta tese e por se tratar de uma tese de doutorado em História, não se pretende discutir aqui a produção veiculada em **Punto de Vista** destinada especificamente à análise de obras literárias e de autores estritamente elencados na revista por serem criadores de literatura (prosa, poesia ou teatro). Ainda assim, esses textos (quase 100 durante os 30 anos da revista) ajudaram a divulgar interpretações muito relevantes sobre autores mal compreendidos como Jorge Luis Borges, como Rodolfo Walsh, como Roberto Arlt ou sobre autores ainda pouco conhecidos como Juan José Saer, cuja obra foi minuciosamente discutida por Sarlo e Gramuglio nas páginas de **Punto de Vista** e que teve sua atuação como crítico na revista, como Sergio Chejfec, como Alan Pauls – que também produziram crítica na revista. Merecem destaque os textos, muitos deles de Sarlo e de Gramuglio, sobre a renovação do romance argentino nos anos 1980 e 1990, discutindo, por exemplo, as características da literatura produzida no exílio ou após a redemocratização e analisando de que maneira essa produção representava a violência das diversas ditaduras na Argentina. É muito evidente um movimento em **Punto de Vista**: quanto mais a revista passou a discutir diretamente temas vinculados à história política recente da Argentina – democracia, esquerdas, eleições, tradições partidárias –, mais circularam os artigos em que foram problematizadas obras literárias (e artísticas, de forma mais ampla, como o cinema, a fotografia) nas quais se permitia uma reflexão sobre as relações entre arte e política, entre arte e história, entre arte e memória, sobre uma “crítica do presente”, entre outros temas ou problemas. Conforme se indicou nos comentários ao importante artigo “Literatura y política”, publicado por Sarlo no número 19 (de dezembro de 1983), ou sobre os também fundamentais artigos de Gramuglio, Sarlo e Filippelli veiculados no número 26, de abril de 1986, **Punto de Vista** desenvolveu uma perspectiva crítica atenta ao potencial de sedimentação sócio-histórica nas obras de arte, ao mesmo tempo em que criticou duramente a arte meramente a serviço da política.

obra de Jorge Luis Borges e sua “libertação” das leituras reducionistas da crítica dos 1960 e 1970.

Em um número iniciado por um editorial em que o Conselho avaliou o fim trágico da gestão de Alfonsín – da qual, lembre-se, alguns dos membros da revista haviam participado – e as mudanças provocadas pela ascensão de Menem (chamado de “aventureiro”), seguido por um artigo relativo à escassa tradição de debate a respeito de uma sociedade pluralista na história da Argentina, no qual Hilda Sabato desvela os vínculos entre autoritarismo e restrições à heterogeneidade de pensamento, Gramuglio aproximou-se do esforço de Sarlo (que publicou no mesmo número “Borges y la Literatura Argentina”) e se voltou ao que chamou de diálogos e de duelos travados por dois dos maiores escritores argentinos do século XX, Adolfo Bioy Casares e Jorge Luis Borges, os quais inclusive escreveram conjuntamente muitas obras.

De acordo com Gramuglio, **Sur** ocupa um lugar privilegiado como espaço de veiculação de alguns dos principais diálogos e duelos entre Bioy Casares e Borges, bem como de alguns de seus trabalhos conjuntos e outros de seus textos individuais mais célebres. Comentando em seu artigo diversos textos dos dois autores que circularam em **Sur**, a fundadora de **Punto de Vista** demonstrou como os escritores – autores e também críticos – debateram nas páginas da revista a criação literária, as características dos textos policiais e da literatura fantástica e como os seus textos ficcionais produzidos em conjunto a partir dos anos 1940 levam em consideração as discussões realizadas. Além de analisar diversos textos que Bioy Casares e Borges escreveram juntos, Gramuglio ainda indicou que, a despeito da amizade entre eles e das repetidas referências amistosas e elogiosas que faziam um ao outro, ambos não ocupam um lugar equivalente no cânone da literatura argentina, o que se podia notar, entre outros fatores, pela inclusão até aquele momento dos textos escritos pelos dois somente nas obras completas de Borges.

Percebe-se a preocupação de Gramuglio com a condição de **Sur** enquanto um espaço de enunciação de debates e ao mesmo tempo como uma instância de consagração e/ou de esquecimento de autores e de obras. No trabalho crítico da autora em fins dos anos 1980 ecoavam cada vez mais as reflexões a partir de Raymond Williams, autor mais e mais ajustado às suas necessidades críticas, como indicou Podlubne (2014, p. 58-61). Com esses textos e os outros que publicou sobre **Sur** dos anos 1990 em diante – não mais em **Punto de Vista** –, Gramuglio mostrou como a década de 1930 na Argentina havia sido mais do que um momento de produção de ensaios sobre o “ser nacional” e demonstrou como a revista de Ocampo, Borges, Bioy Casares, Mallea e outros foi fundamental para a renovação do

pensamento literário e crítico no país e para uma modernização cultural. O trabalho de **Punto de Vista** sobre **Sur** – principalmente de Gramuglio, mas não apenas – foi capaz de situar a revista para além dos preconceitos estruturados desde proposições críticas limitadas.

Quando, sobretudo desde meados da década de 1990, **Punto de Vista** já ocupava um lugar de destaque no campo intelectual argentino, com os membros do Conselho em cargos nas universidades e publicando alguns de seus principais livros, os esforços pontuais e explícitos de divulgação de autores na revista começaram a diminuir, como destacou Sarlo na entrevista a Bocchino e a Bueno (1997). As operações de interpretação e de eventual filiação às tradições críticas iniciadas e desenvolvidas a partir de matrizes tão diferentes como **Sur**, **Contorno** e **Los Libros** – e por outras revistas e grupos, entre eles os grupos das revistas **Primera Plana**³⁷, **Imago Mundi**³⁸ e **Pasado y Presente** – diminuíram também, como se percebe pelo desaparecimento de artigos específicos sobre revistas desde o número 33, restando somente textos com menções a **Contorno** ou a **Los Libros** na primeira metade dos anos 1990. Naquele momento, não era mais o principal objetivo se esforçar para definir o lugar de **Punto de Vista** face a tais tradições, afinal, a revista havia começado a criar a sua própria tradição de leituras da cultura, com destaque para o estabelecimento de reflexões pioneiras e marcantes sobre escritores como Borges e Juan José Saer ou sobre uma tradição novecentista em que foram valorizados a geração de 1837, José Hernández e Domingo Faustino Sarmiento, para citar apenas alguns.

Assim, para além dos textos anteriormente comentados acerca da crítica cultural e literária e daqueles dedicados às revistas culturais, **Punto de Vista** também publicou estudos específicos, desde o número 04, sobre o cânone de autores, obras e ideias eleito pela revista e mencionado no editorial de 1981. Tratava-se, como indicaram Sarlo e Altamirano em diversas entrevistas, entre elas a de Sarlo a Blanco e a Jackson, em 2009 – trecho anteriormente transcrito –, de um projeto de interpretação do centenário de *La vuelta de Martín Fierro*, em 1979. O artigo publicado em conjunto por Sarlo e Altamirano sob o pseudônimo de Washington Victorini, no número 04 (de novembro de 1978), pode ser considerado o primeiro dessa série dedicada a Hernández, Martínez Estrada, Sarmiento, entre outros, e estendida até o número 10 (de novembro de 1980).

“Martínez Estrada: de la crítica a ‘Martín Fierro’ al ensayo sobre el ser nacional”, foi o texto de abertura do número 04. Trata-se de um artigo que ocupa quase quatro páginas

³⁷ No número 22 (de dezembro de 1984), foi publicado o artigo “‘Primera Plana’: el nuevo discurso periodístico de la década del ’60”, de Maite Alvarado e Renata Rocco-Cuzzi.

³⁸ No número 33 (de setembro-dezembro de 1988), foi publicado o artigo “‘Imago Mundi’: de la universidad de las sombras a la universidad de relevo”, de Oscar Terán.

completas da edição, no qual se pretendia, desde uma preocupação específica – a questão do centenário do *Martín Fierro* –, rediscutir e valorizar a obra de Martínez Estrada, especialmente o livro *Muerte y transfiguración de Martín Fierro*, que completava então trinta anos de publicação e foi apresentado no primeiro parágrafo como “um dos poucos livros importantes que produziu a crítica literária na Argentina.” Ademais, dizem Sarlo e Altamirano, o artigo pretendia:

[...] colocar em discussão [...] uma certeza: a de que no interior dessa obra excessiva [*Muerte y transfiguración de Martín Fierro*], frequentemente incoerente e arbitrária, encontram-se espalhadas as melhores análises escritas até agora sobre o poema de Hernández. O livro de Martínez Estrada não é um trabalho de “mera” crítica literária. Seu próprio subtítulo – *Ensayo de interpretación de la vida argentina* – assinala a pretensão de fornecer, através de uma leitura do *Martín Fierro*, as chaves da sociedade nacional ou, para ajustá-lo mais à ideologia que sustenta o projeto, do “ser nacional”. [Beatriz Sarlo/Carlos Altamirano (Washington Victorini), “Martínez Estrada: de la crítica a ‘Martín Fierro’ al ensayo sobre el ser nacional”, **Punto de Vista**, n. 04, nov. 1978, p. 3, tradução nossa]

Divulgado no primeiro ano da revista, em uma conjuntura ditatorial de elaboração de visões unívocas sobre a identidade nacional, bem como de repressão e de ampliação do terrorismo de Estado, o artigo mostra como se construíram diversas interpretações da obra de Hernández desde a sua publicação e como ao longo do século XX foram variados os motivos – sociais, políticos, econômicos e culturais – para as discussões atinentes ao “ser nacional” na Argentina nas quais o *Martín Fierro* foi constantemente apropriado.

Obviamente, os “males” morais da Argentina aos quais se referia Martínez Estrada em seu livro não eram os mesmos enfrentados em 1978, mas valia a pena recordar e recuperar, seletivamente – isso é enfatizado, a obra não seria recuperável em sua totalidade –, alguns dos seus acertos relativos tanto ao *Martín Fierro* quanto aos fundamentos da sociedade argentina. O artigo de Sarlo e de Altamirano identificou alguns desses argumentos dispersos no livro, entre eles aqueles que posicionariam mais adequadamente a obra de Hernández em relação ao *Facundo*, de Sarmiento, e outros dedicados à crítica da crítica do poema épico. A postura de Martínez Estrada em considerar a “história da crítica hernandiana [...] um capítulo central da cultura argentina que era necessário impugnar” parecia se aproximar das posturas críticas em desenvolvimento em **Punto de Vista**. Tanto quanto o autor de *Muerte y transfiguración de Martín Fierro* pretendia combater a canonização do *gaucho* a partir da obra de Hernández e o esvaziamento do conteúdo crítico do poema, Sarlo e Altamirano se esforçavam para revisar o cânone crítico, identificando nele potencialidades mesmo em obras e autores que, como

Martínez Estrada, haviam sido descartados ou duramente combatidos – no caso desse, por exemplo, foi sistematicamente criticado por Juan José Sebreli na revista **Contorno**, em 1954.³⁹

Pela importância do *Martín Fierro* na definição de leituras sobre o “ser nacional”, Gramuglio e Sarlo retornaram à crítica da obra no número 07 (de novembro de 1979), respectivamente em “Continuidad entre la Ida y la Vuelta de ‘Martín Fierro’” e em “Razones de la aflicción y el desorden en ‘Martín Fierro’”. São textos nos quais se investiga formalmente a obra e que se vinculam à interpretação de Martínez Estrada, a essa altura devidamente recuperada para os leitores de **Punto de Vista**. Do mesmo modo são textos em que as autoras discutem de que maneira Hernández foi capaz de representar a sociedade argentina em formação no seu poema, revelando tanto a aproximação interpretativa com as referências sociais e históricas de crítica literária quanto a preocupação com a posição do *Martín Fierro* na história da cultura e da literatura na Argentina. Aliás, Carlos Altamirano publicou, nesse mesmo número, “La fundación de la literatura argentina”, artigo no qual discute certas apreciações do texto de Hernández produzidas pelo grupo da revista **Nosotros**, no início do século XX, e a posição de autores como Ricardo Rojas na definição de linhas-mestras da história da literatura no país.

Pode-se dizer que o projeto de interpretação do centenário da obra de Hernández, acompanhado por uma reflexão a respeito dos autores do século XIX argentino, encerrou-se em **Punto de Vista** nos números 08 (de março-junho de 1980, em que foram veiculadas as já comentadas entrevistas de Candido, Rama e Cornejo Polar) e 10 (de novembro de 1980).⁴⁰

³⁹ Era de se esperar, portanto, que tal recuperação de Martínez Estrada ou mesmo a leitura elaborada sobre sua obra não fosse consensual entre os criadores de **Punto de Vista** e os seus colaboradores mais próximos, como também ocorria, na época, com outros objetos eleitos para análise. Especificamente sobre esse artigo veiculado no número 04, María Teresa Gramuglio, na entrevista a Podlubne e a Prieto, recordou que Nicolás Rosa – quem se desentendia, disse ela, frequentemente com Sarlo, Altamirano e Piglia desde os tempos de gestação de **Punto de Vista** e até antes, caso se considere a convivência entre eles em **Los Libros** – se sentiu contrariado com o texto assinado por Washington Victorini e rispidamente teria dito a Gramuglio, sobre a publicação: “Tenho vergonha de ensinar isso aos meus alunos.” (GRAMUGLIO, 2014, p. 271, tradução nossa) Não casualmente, Rosa não permaneceu próximo ao núcleo diretor da revista nos anos seguintes, mesmo tendo colaborado para a fundação do periódico e elaborado textos importantes nos primeiros números, como “Sarmiento: entre crítica y empirismo”, divulgado sob o pseudônimo de Gustavo Ferraris no número 02 (de maio de 1978). Foi homenageado pela revista (mas não por um de seus conselheiros) no número 87 (de abril de 2007) quando faleceu.

⁴⁰ Vale lembrar que a versão mais completa desse projeto realizado por Sarlo e Altamirano de interpretação da tradição ensaística e literária argentina do século XIX e das primeiras décadas do XX foi publicada no livro *Ensayos argentinos*, cuja edição, em 1983, foi realizada pelo Centro Editor de América Latina. Nessa obra há estudos reunidos e anteriormente publicados em periódicos diversos: um sobre Martínez Estrada e outro sobre Sarmiento (que retomam argumentos dos textos que haviam sido publicados em **Punto de Vista**), um sobre o campo intelectual argentino em fins do XIX e início do XX, um sobre a fundação da literatura argentina (o artigo de Altamirano publicado no número 07 de **Punto de Vista**, de novembro de 1979) e um sobre vanguarda e *criollismo* na revista **Martín Fierro** (muito parecido com o artigo de Sarlo publicado no número 11 de **Punto de**

Nesses números foram publicados, respectivamente, “Notas sobre Facundo”, de Ricardo Piglia, e “Identidad, linaje y mérito de Sarmiento”, de Beatriz Sarlo e de Carlos Altamirano. São mais dois exemplos de textos que avaliam criticamente uma obra não necessariamente aceita pelo pensamento da nova esquerda, analisando tanto a posição do livro de Sarmiento no cânone da literatura argentina – apesar de, evidentemente, ser possível extrapolar tal posição – quanto outras obras do autor, entre elas *Recuerdos de provincia*, objeto do estudo de Sarlo e de Altamirano. Este último estudo, aliás, foi precedido, no número 10, por uma entrevista com Tulio Halperin Donghi sobre a história argentina em que se discutia o século XIX, o centenário da “conquista do deserto”, o liberalismo, o nacionalismo e a importância, para um historiador, de textos literários e críticos como os de Sarmiento, de Martínez Estrada e outros; e por um artigo de Eduardo Romano, “Colisión y convergencia entre los escritores del 80”, em que se problematiza a noção de “geração de 80”, utilizada para se referir a um conjunto de autores (conforme a crítica que Romano discute) que de maneira supostamente consciente continuariam e seriam herdeiros da “geração de 37”, da qual participou Sarmiento.

Nota-se, pois, que mesmo crítica às pretensões totalizantes e teleológicas das seguidas gerações de ensaístas do “ser nacional” desde o século XIX na Argentina, **Punto de Vista**, em fins dos anos 1970 e início dos 1980, valorizou nessas obras, especialmente nas destacadas (Martínez Estrada e Sarmiento), certas qualidades e conseguiu criticá-las de modo a se apropriar daquilo que nelas permitia explicar tanto a história da cultura no país quanto os aspectos da formação da sociedade e das instituições que importavam para tentar reconhecer as causas da ascensão e da manutenção de mais uma ditadura e a perenidade das tradições autoritárias na Argentina, entre outros elementos. Para que a qualidade intelectual e moral desses autores aparecesse na crítica realizada em **Punto de Vista**, era preciso conhecer as obras profundamente⁴¹, para além de leituras simplificadoras, e permitir que certas forças de

Vista, em março-junho de 1981). Na reedição da obra pela editora Ariel, em 1997, foi suprimido o texto sobre Martínez Estrada e foram acrescentados um estudo de Sarlo e de Altamirano sobre Esteban Echeverría (o prólogo às obras escolhidas do autor), um estudo sobre aspectos específicos no *Facundo*, o artigo de Sarlo sobre a perspectiva americana em **Sur** (antes veiculado em **Punto de Vista**) e um estudo de Sarlo sobre as relações entre oralidade e línguas estrangeiras nos debates sobre a literatura argentina. Como na primeira edição, todos os textos incluídos haviam sido publicados anteriormente em periódicos ou em livros.

⁴¹ No número 17 (de abril-julho de 1983, o mesmo em que se publicou o dossiê sobre **Sur**) ainda foram veiculados dois textos sobre os autores e as questões do século XIX até então debatidas: um de Lucas Rubinich, “El público del ‘Martín Fierro’”, em que o autor discutia a formação de um público leitor específico para a obra de Hernández na Argentina de fins do XIX, mostrando, inclusive, quais livrarias fizeram circular as diversas edições do *Martín Fierro* e o que mais elas divulgavam (outros textos literários europeus, outros autores argentinos como Sarmiento); e outro de Carlos Altamirano, uma resenha ao livro *Filosofía y nación*, de José Pablo Feinmann, no qual o autor se debruçava sobre o pensamento argentino do século XIX e sua vinculação com a configuração de ideias e projetos de nação em autores como Alberdi, Sarmiento, Moreno e Hernández, entre outros. Para Feinmann, era preciso analisar os vínculos estreitos entre as ideias desses homens e os projetos europeus de dominação. Contudo, ao contrário de Feinmann, Altamirano não aceita a redução de tradições de

projetos de nação fossem desveladas e simultaneamente criticadas, garantindo que não houvesse na Argentina culturas reprimidas ou negadas, como se enfatizou no editorial de 1981. Se não eram mais ensaios sobre o “ser nacional”, os artigos de **Punto de Vista** não deixaram de problematizar o que significavam certas matrizes do pensamento sobre a Argentina e a América Latina.

Tendo em vista o que se disse até aqui, é cabível considerar, em sentido um pouco diverso do que afirmaram alguns intérpretes de **Punto de Vista** que não analisaram a revista durante os seus 30 anos e elaboraram trabalhos apenas sobre períodos parciais da publicação e com interesses específicos – entre eles/elas Patiño (1997b), Plotkin e González Leandri (2000), De Diego (2000) –, que houve basicamente duas fases ou períodos mais amplos na história da revista (dentro dos quais pode-se considerar, eventualmente em concordância com os autores mencionados, algumas etapas em intervalos ou períodos menores): uma primeira fase ou período de 1978 a meados da década de 1990, marcada pela criação e configuração do periódico e pela definição e consolidação dos objetos culturais e políticos estudados na revista, bem como pela gradativa ampliação do reconhecimento da revista no campo intelectual argentino e pela ascensão dos intelectuais do Conselho a postos-chave (universidades, governo etc.)⁴²; e uma segunda fase ou período, de meados da década de 1990 a 2008, quando, depois da consolidação de seu lugar no campo intelectual argentino, a revista enfatizou menos a divulgação de obras e de autores e dedicou maior espaço à experimentação temática e ao “vanguardismo” (como disse Sarlo nas entrevistas à revista brasileira **Piauí**, em 2011, e ao blog *Artepolitica.com*, em 2012⁴³), diminuindo a abordagem de temas até então

pensamento da Argentina do século XIX a mero reflexo das matrizes europeias, como propõe o autor do livro resenhado e por isso criticado pelo resenhista.

⁴² Destaque-se, ademais, que o ano de 1994 pode ser lido como uma época de releitura e de reinterpretação, no interior do periódico, do material produzido até aquele momento e/ou como de fechamento de um ciclo, na medida em que o último número daquele ano, o número 50 (nov. 1994), reproduziu integralmente o primeiro e emblemático editorial publicado em 1981 e tal reprodução foi complementada por dois textos relevantes de Sarlo e de Altamirano em que ambos situaram a revista em relação às questões do passado e do presente.

⁴³ Sarlo disse na entrevista de 2012 a Mercader e a García: “[...] Já havia passado [em fins dos anos 1980 e início dos 1990] nosso momento de luta antiditatorial, linguagem esópica etc. Eu pensava que PdV tinha que acentuar, junto com suas notas de caráter ideológico político, uma colocação no campo estético. Isto para mim era importante, e foi se acentuando, de fato o último conflito de PdV teve a ver com isso. [...] As revistas são conservadoras em relação ao seu conselho de direção. E eu, contudo, imprimia uma dinâmica meio fãustica, que quando observo hoje, creio que não foi de todo cuidadosa. A obrigação de um diretor não é somente estabelecer uma dinâmica fãustica, mas também cuidar um pouco mais do conselho de direção. Porque eu incorporava pessoas, como Adrián Gorelik e Ana Porrúa, que não eram conhecidas pelo conselho e que tinham vinte ou trinta anos menos que quem havia estado desde o começo no conselho.” (SARLO, 2012, tradução nossa) E no artigo/entrevista de 2011 da revista **Piauí**, Sarlo explicou que em fins da década de 1990 e início do novo século, frente à criação de suplementos culturais em grandes jornais, decidiu “dar uma guinada para marcar espaço” e optou por “ir pelo lado vanguardista da música contemporânea, cinema [...]” (SARLO, 2011)

predominantes e estimulando, anos depois (em 2004), a saída de três membros do Conselho, Altamirano, Gramuglio e Sabato.

O projeto crítico desenvolvido em **Punto de Vista** implicou desde 1978 na revisão de diferentes tradições críticas na Argentina, na América Latina e mesmo em outros países e no desenvolvimento de uma perspectiva interpretativa plural, graças à diversidade de colaboradores, mas também à manutenção de uma relação não dogmática com as matrizes teóricas. Tal projeto começou a demonstrar fraturas nos anos 1990, quando o periódico, contra a vontade de alguns de seus diretores, empreendeu o que Beatriz Sarlo chamou de “guinada vanguardista”. Por conta disso, as coletividades começaram a parecer frágeis desde o começo dos noventa, o que se nota, por exemplo, pelo desaparecimento dos editoriais e pela presença de debates publicados quase que unicamente quando resultantes de eventos externos à revista.

Provavelmente esse distanciamento dos membros do Conselho de Direção se deu igualmente, nos anos noventa, por conta dos vários âmbitos, das diversas instituições e dos múltiplos projetos – inclusive de outras revistas – nos quais cada um deles se envolveu a partir daquela década, atuação que direcionou interesses mais específicos e condensou as atenções de figuras antes fundamentais para o arejamento dos debates em **Punto de Vista**. Muitos dos debates, nesse sentido, migraram, tendo sido publicados em livros ou em outros periódicos.

De qualquer maneira, a discussão realizada até aqui acerca do delineamento de políticas da cultura em **Punto de Vista** durante os seus trinta anos de circulação voltadas especificamente à crítica da cultura, bem como à crítica, à história, à teoria e à escrita da literatura, mesmo que possa parecer eventualmente extensa, não abarca todo o esforço crítico da revista em termos culturais: o periódico não tratou somente da crítica da cultura e dos estudos sobre literatura e esses foram somente em parte discutidos nesse capítulo. A revista tomou como objetos, desde os seus primeiros números, outras elaborações simbólicas e/ou materiais da cultura e aos poucos os estudos a respeito passaram a ocupar espaço significativo, chegando, desde meados dos anos 1990, a superar em relevância aqueles dedicados à literatura e à crítica da cultura em termos mais amplos. É preciso, pois, observar as características desses estudos sobre outros objetos da cultura.

2.3. Outros objetos da cultura em pauta

Além da produção dedicada, em conjunto, às diferentes tradições de crítica à cultura e à literatura veiculada em livros e em revistas e/ou elaborada por ensaístas na Argentina, na América Latina e em outros países, houve em **Punto de Vista** significativa intervenção acerca de outros objetos da cultura como as artes plásticas, o cinema, a fotografia, a música, os meios de comunicação (sobretudo a televisão) e a indústria cultural, assim como pelo menos duas áreas do conhecimento foram privilegiadas no que se refere ao espaço conferido pela revista às reflexões: a Psicologia (incluindo-se as discussões sobre Psicanálise e Psiquiatria) e a Arquitetura (considerando-se, também, os debates concernentes à urbanização, às cidades e ao patrimônio).

Foram publicados, durante os 90 números do periódico, cerca de 30 textos sobre artes plásticas⁴⁴ e mais de 80 textos sobre cinema. Sarlo e Altamirano se somaram a outros intelectuais e retomaram seus projetos interrompidos em **Los Libros**, refletindo sobre a televisão, a música e a indústria cultural, principalmente a partir dos anos 1990.⁴⁵ Hugo Vezzetti utilizou a revista, junto a outros autores, para a divulgação expressiva de reflexões sobre Psicologia e Psicanálise, objetos/áreas que ocuparam as páginas de **Punto de Vista**, diretamente (sem contar os estudos sobre memória, por exemplo), em aproximadamente 30 textos⁴⁶. Adrián Gorelik, por sua vez, destacado colaborador desde fins dos anos 1980, depois integrado ao Conselho de Direção em 1992 e nomeado subdiretor em 2004, foi fundamental para a delimitação de um espaço na revista a partir de meados dos anos noventa que se estabeleceu em pelo menos 74 textos publicados, direcionados à problematização da Arquitetura, da urbanização, das cidades, do patrimônio e de temas afins.

A investigação de cada edição e do conjunto mostrou que não parecia haver um plano sistemático de debate sobre os outros objetos da cultura até meados dos anos 1990, isto é, durante o período em que **Punto de Vista** se ocupou prioritariamente dos debates sobre a

⁴⁴ É importante destacar que em todos os números de **Punto de Vista** houve preocupação com a utilização de ilustrações (gravuras, caricaturas, esboços, reproduções de pinturas, entre outras), elaboradas, em geral, por artistas plásticos de esquerda já conhecidos ou ainda em formação. Nos números publicados durante a ditadura muitas das ilustrações eram parte do que a revista pretendia dizer aos seus leitores, integrando-se de forma instigante aos textos.

⁴⁵ Para explicitar alguns dos redirecionamentos da revista a partir dos anos 1990, bastaria indicar, por exemplo, que até o número 50 (de novembro de 1994) haviam sido publicados 23 textos (de tipos diversos, incluindo pequenas notas e resenhas) sobre cinema em **Punto de Vista**. Entre os números 51 (de abril de 1995) e 90 (de abril de 2008), foram publicados 60 textos (predominantemente artigos) sobre a mesma temática/objeto.

⁴⁶ Hugo Vezzetti, tal como Sarlo, Altamirano e Gramuglio, efetivamente utilizou a revista como “banco de provas” (para usar a expressão de Sarlo): boa parte dos textos que divulgou em **Punto de Vista** foi marcante em sua trajetória e originou, conforme ele destacou em entrevistas (por exemplo, na que conferiu a Alonso e a Germain, publicada em 2010), alguns de seus livros mais importantes.

crítica e a literatura e das intervenções sobre política e democracia. Os outros objetos da cultura aparentam ser o cerne do que Sarlo chamou de “guinada vanguardista” dos noventa, deslocamento que incomodou progressivamente alguns dos diretores, mais voltados aos temas e aos objetos tratados até então, e se evidenciou na menor presença de publicações de Altamirano, de Gramuglio e de Sabato desde meados dos noventa.

De qualquer maneira, é possível inferir que os temas e os objetos privilegiados a partir dos anos 1980 e consolidados nos anos 1990 se relacionam não somente a preferências de seus diretores, mas outrossim a processos e a acontecimentos externos à revista. Nota-se na atuação decisiva de Hugo Vezzetti acerca da divulgação e da problematização dos saberes psicológicos as marcas da profissionalização e do mais adequado posicionamento na universidade da área de Psicologia na Argentina, principalmente a partir da redemocratização do país desde fins de 1983. Vezzetti ocupou na Universidade de Buenos Aires (UBA) as funções de Delegado Interventor/Normalizador da carreira de Psicologia e depois, entre 1984 e 1986, de Decano Normalizador da então recém-criada Faculdade de Psicologia, conforme a entrevista concedida a Alonso e a Germain. (VEZZETTI, 2010, p. 42)⁴⁷ A participação dos membros do Conselho de Direção nas universidades argentinas desde a retomada dos governos democráticos foi destacada, aliás, por vários pesquisadores, entre eles Analía Gerbaudo, que dedicou um artigo à análise da atuação de Beatriz Sarlo na universidade argentina pós-ditadura (GERBAUDO, 2010)⁴⁸ e mostrou em diferentes trabalhos a

⁴⁷ A explicação de Vezzetti para o processo que levou à sua indicação para a UBA está na entrevista a Alonso e a Germain. (VEZZETTI, 2010, p. 46-48) Em seus argumentos, destaca que foi convidado pelo então Reitor em exercício – vinculado à União Cívica Radical e com um projeto de controle político da universidade – mesmo sem qualquer relação com UCR basicamente graças ao reconhecimento que lhe havia proporcionado **Punto de Vista** e com o respaldo e o apoio da Associação de Psicólogos de Buenos Aires, instituição que, mesmo com o desaparecimento de sua presidente Beatriz Perosio em 1978, conferiu suporte à circulação da revista por meio de seu então diretor, Jorge Sevilla, que constou como diretor da publicação, nos créditos oficiais, entre os números 01 e 11 (de março de 1978 a março de 1981).

⁴⁸ Gerbaudo, nesse e em diversos estudos, mostrou como Sarlo e outros intelectuais desenvolveram intercâmbios e trocas entre as suas preocupações pessoais – expressas, no caso de Sarlo, no trabalho no CEAL, na atuação em revistas e nos grupos clandestinos de estudos em que colaborava antes do fim da ditadura – e as demandas e necessidades advindas de sua atuação nas universidades, provenientes dos cursos que precisavam ministrar e das demais atividades de pesquisa e de orientação. Como diz Gerbaudo (2010, p. 52), a cátedra que Sarlo ocupou na UBA a permitiu multiplicar, na esfera oficial, o trabalho de introdução e recriação realizado em **Punto de Vista** que visava, na Argentina, o estabelecimento de perspectivas da teoria e da crítica, a divulgação de novos autores (sobretudo de literatura argentina, como Saer) e a constituição de tradições artísticas. Os cursos de Sarlo e de Gramuglio na UBA, como se diz nesse artigo de Gerbaudo e em entrevistas, tornaram-se espaços de ensaio e de divulgação de ideias e de leituras postas à prova e as aulas chegaram a ser transcritas e amplamente copiadas e distribuídas na Argentina. (GERBAUDO, 2010, p. 59) Certamente, essa é uma indicação de que as interpretações veiculadas em **Punto de Vista** foram bastante discutidas e difundidas no país a partir de 1984 entre um grupo provavelmente mais amplo do que aquele constituído somente pelos leitores da revista. Além disso, os dados apresentados por Gerbaudo evidenciam a escassez de referências e de materiais publicados para o estudo da literatura produzida na Argentina nos séculos XIX e XX em diálogo com referências teóricas mais diversificadas do que aquelas difundidas na universidade argentina nas décadas de 1960 e 1970, a ponto de aulas terem sido transcritas para que fossem tomadas como bibliografia. Tal presença decisiva de Gramuglio, de

participação da diretora de **Punto de Vista** e de outros autores como María Teresa Gramuglio e Josefina Ludmer para a estruturação da área de Letras na Argentina.

Outro exemplo de inter-relação entre as pautas da revista e certas demandas e/ou problemas sociais está na abordagem, em **Punto de Vista**, dos meios de comunicação (principalmente a televisão) e da indústria cultural, assim como das artes plásticas, do cinema, da fotografia e da música. Essa é uma preocupação que interessava a Sarlo desde os tempos de **Los Libros** – conforme se disse anteriormente em diálogo com José Luis de Diego (2000) –, mas só foi desenvolvida parcialmente por ela e outros na revista fechada em 1976. Em uma sociedade que deixava um período iniciado em meados dos anos 1960 no qual, como se disse no primeiro capítulo, houve expressivos esforços de modernização cultural e também crescentes autoritarismo, censura e repressão, o desenvolvimento dos meios de comunicação e os debates acerca das diferentes linguagens artísticas se deram abertamente apenas concomitantemente à retomada democrática. Basta recordar a observação de Rafael Filippelli no citado artigo “Contra la Realpolitik en el arte”, publicado no número 26 (de abril de 1986). Vale recuperar um trecho antes transcrito, com acréscimo de algumas passagens e supressão de outras:

Em certo sentido, a Argentina parece ter ficado fora do mundo. Um crítico de cinema me dizia há uns meses: “Como você ainda gosta de Godard?” [...]. Apenas na Argentina parece se ignorar que, junto a Beckett, Brecht, Kafka, Picasso, Schönberg, Godard já é um clássico do século vinte e não o menino terrível dos anos sessenta, ainda que não tenha perdido ao mesmo tempo seu potencial transformador.

Os longos anos de ditaduras militares deixaram marcas, por ora, irreparáveis em nosso país. Mas não me refiro meramente à nossa cultura de massas, que compartilha características com as de outros países. Refiro-me à de nossos intelectuais, para quem o advento da democracia não parece lhes ter recordado o papel que jogam as vanguardas no processo cultural e artístico. (Rafael Filippelli, “Contra la Realpolitik en el arte”, **Punto de Vista**, n. 26, abr. 1986, p. 4-5, tradução nossa)

Os comentários sobre cineastas dos anos 1950, 1960 e 1970 podiam soar tardios a um europeu, mas representavam, entre outras questões, a efetiva possibilidade de debate acerca do cinema, da televisão, da música e de outras produções em um país que desde meados dos anos 1960 viveu enclausurado. E mesmo durante o governo Alfonsín, como destacou Gustavo Aprea em seu livro *Cine y políticas en Argentina: continuidades y discontinuidades en 25 años de democracia*, os avanços não foram tão significativos, permanecendo o cinema, a

Susana Zanetti e principalmente de Sarlo originou, como enfatiza Gerbaudo desde um comentário exposto em um congresso de 2009, um “cânone Sarlo”, do qual muitos críticos formados a partir dos anos oitenta não conseguiriam se desvincular; integrar esse cânone teórico e literário seria algo almejado por diversos escritores argentinos desde então. (GERBAUDO, 2010, p. 59-60)

televisão e o rádio sob a égide de legislação vinculada aos anos 1950 e/ou ao *Proceso*. A renovação e a recuperação do crescimento do cinema argentino, diante desse quadro, viria definitivamente apenas na segunda metade dos anos 1990. (APREA, 2008, p. 14-18) **Punto de Vista**, graças a críticos e cineastas como Rafael Filippelli, Raúl Beceyro, entre outros, colaborou para a configuração de um campo de estudos sobre o cinema na Argentina, obviamente junto a outros grupos e indivíduos distantes do periódico.

Por fim, um último exemplo das vinculações entre sociedade argentina e preocupações da/na revista está nos debates a respeito das cidades e da urbanização a partir, principalmente, dos diálogos com as áreas de Arquitetura e de História. Conforme asseverou Raúl Fernández Wagner, em seu livro *Democracia y ciudad. Procesos y políticas urbanas en las ciudades argentinas (1983-2008)*, o país recém-saído do governo autoritário que vigeu entre 1976 e 1983 assistiu, ao longo do *Proceso*, ao desenvolvimento de uma concepção autoritária e tecnocrática de cidade, com práticas duradouramente excludentes, e tinha a possibilidade de repensar suas políticas urbanas com a recuperação democrática. Nesses termos, a redemocratização significou ademais a possibilidade de desenvolvimento de debates sobre políticas urbanas e **Punto de Vista**, primeiro com Sarlo e depois com Adrián Gorelik, Graciela Silvestri e outros autores, ocupou-se desses problemas.

Na entrevista/diálogo dos membros do Conselho de Direção com Daniel Link, publicada em *RadarLibros / Página12* em 2003, Sarlo e outros destacaram como certos núcleos de interesse ou de preocupação vinculados estreitamente à trajetória de alguns dos membros do Conselho acabaram se impondo na história da revista, além de reforçarem como a cultura urbana, enquanto eixo de articulação das questões alusivas às cidades, à urbanização, ao espaço e à arquitetura, foi um dos campos nos quais a revista contribuiu desde os anos noventa e principalmente a partir da entrada de Gorelik como colaborador e depois como membro do conselho e subdiretor.

Os três exemplos escolhidos acima não foram apresentados aleatoriamente. Conforme se asseverou, esses representaram produção quantitativamente relevante em **Punto de Vista**. Decidiu-se, por conta disso, comentar mais detalhadamente tal produção, visando demonstrar que, ao contrário da ênfase excessiva conferida por parte da crítica da revista (principalmente em virtude de trabalhos baseados somente em recortes limitados dos 30 anos de circulação), o periódico examinou outros objetos da cultura além da crítica cultural e da crítica literária. Primeiramente, tratar-se-á das discussões sobre a Psicologia, depois dos debates atinentes aos meios de comunicação, à indústria cultural e às artes (com ênfase para o cinema) e, por fim, discutir-se-á como a revista foi *locus* de produção destacada a respeito da Arquitetura, cidades

e urbanização. Não se pretende, ressalte-se outra vez, realizar a crítica específica dessas áreas do conhecimento, mas tão somente demonstrar como a abordagem delas em **Punto de Vista** é parte fundamental de seu projeto de interpretação e de definição da cultura. Integra, pois, as suas políticas da cultura.

Diversas foram as áreas do conhecimento e/ou disciplinas problematizadas em **Punto de Vista**, como se mostrou na discussão da crítica cultural e literária. Literatura (especialmente a Teoria literária, a Crítica literária e a História da literatura), Linguística, Filosofia, Sociologia, Antropologia e História foram trazidas para as páginas do periódico com o intuito de retomar discussões ou de inaugurar debates não realizados na Argentina em virtude da estagnação das universidades do país nos anos 1960 e 1970. Outros saberes pouco estabelecidos em terras argentinas foram apropriados e desenvolvidos na revista, com destaque para a Psicologia, área com escassa tradição acadêmica no país, melhor delimitada com o auxílio das publicações a respeito no periódico e que, em contrapartida, subsidiou teoricamente vários estudos de **Punto de Vista** sobre memória, traumas e direitos humanos que circularam nas edições publicadas desde a segunda metade dos anos 1980.⁴⁹

Os primeiros textos sobre Psicologia – articulados constantemente às discussões sobre Psicanálise e Psiquiatria – apareceram na revista logo no número 03 (de julho de 1978), um deles de Hugo Vezzetti, fundador de **Punto de Vista**. Como disse em entrevista a Luciano Alonso e a Marisa Germain publicada em 2010, Vezzetti, nascido em 1944 e educado em colégios católicos de Buenos Aires, decidiu-se quase acidentalmente por cursar Psicologia na católica – e jesuítica – Universidad del Salvador, a instituição de ensino superior privada mais antiga da Argentina (criada como faculdade em 1955). Sua formação, “mais fenomenológica que psicanalítica”, não ofereceu extensa preparação para o trabalho com o psicodiagnóstico,

⁴⁹ Vale destacar algo pouco ressaltado pelos intérpretes de **Los Libros**: foram publicados na revista, desde o número 01 (de julho de 1969), inúmeros artigos sobre Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria, incluindo traduções de Freud e de Lacan. Ou seja, é possível dizer que o trabalho de Vezzetti (e depois de outros autores) em **Punto de Vista** continuou esforço iniciado na revista criada por Schmucler de fundamentação dessas áreas do conhecimento diante da escassez de referências e de debates nas universidades argentinas. Tal esforço em **Los Libros** continuou até sobretudo 1971, quando, como se explicou, a politização profunda da revista praticamente extinguiu artigos a respeito de temáticas da cultura intelectual. De qualquer maneira, em 1972, o número 25 (de março) combinou Psicanálise e política de forma instigante ao discutir questões concernentes à atuação psicanalítica na Argentina e ao utilizar argumentos que não casualmente serão retomados por Hugo Vezzetti no artigo que publicou em **Punto de Vista** no número 88 (em 2007) e que serão comentados a seguir. E até o final da revista em 1976 apareceram outros textos diversos. Vezzetti (assinando Hugo Mario Vezzetti) publicou ainda no número 32 (de outubro-novembro de 1973) de **Los Libros** um artigo sobre saúde mental, temática contundentemente analisada no número 34 (de março-abril de 1974) da revista, em volume todo dedicado a análises a respeito, e em outro artigo dele e de Guillermo Pecheny (apresentados como membros da tendência “Prática Revolucionária” de trabalhadores da saúde) sobre questões de repressão e de saúde mental em ambientes de trabalho na empresa Standard Electric, veiculado no número 37, de setembro-outubro de 1974, em tom de denúncia.

estimulando-o a se tornar, no final de seu curso, auxiliar docente em duas cátedras, uma voltada ao método Rorschach e outra à dinâmica de grupos. Em fins da década de 1960, inclinou-se ao psicodiagnóstico e com a ajuda da professora de Rorschach, María Cristina Melgar, conseguiu um cargo na cátedra de Psiquiatria, posto em que permaneceu de 1968-69 até 1976. (VEZZETTI, 2010, p. 44)

Vezzetti destacou na mencionada entrevista que não houve na graduação atenção à História da Psicologia, a disciplina nem existia no currículo da universidade em que estudou. Sua formação em História até aquele momento (a segunda metade dos sessenta) era, no geral, assistemática, mas seu interesse pelo conhecimento histórico de forma ampla era significativo. Como ele asseverou:

[...] não cheguei à história da psicologia por um interesse interno à psicologia, à história das doutrinas ou das escolas ou dos conceitos, mas meu interesse pela história sempre teve esse matiz, digamos malformado de origem, que tocava a correlação com a dimensão política, cultural etc. É algo que me lembro de estar interessado no Borda [Hospital em que estava sediada a cátedra de Psiquiatria], quando encontrei na sala da cátedra as velhas histórias clínicas e lá comecei a buscar e percebi que lá havia já um tema: a loucura e a sociedade. Claro, eu já havia me orientado para a esquerda e portanto havia também a ideia de que podia encontrar nas práticas manicomiais um modo de denunciar como havia funcionado o poder na Argentina; eram também uma ideia política da história. Foi o primeiro tema que comecei a investigar e que depois se plasmou em *La locura en Argentina*, que pude publicar em 1983. (VEZZETTI, 2010, p. 45-46, tradução nossa)

Nota-se, na recuperação memorialística de sua trajetória, o relevo conferido à História da Psicologia e ao estudo das relações da loucura, da sociedade e do poder. Esse direcionamento de atuação configurado na década de 1970, que culminou no livro de 1983, estampou a (outrora reproduzida) capa do número 01 (de março de 1978) de **Punto de Vista**, em que a chamada “El lugar de la locura” em letras maiúsculas sugeria diversas leituras, mas remetia especificamente a uma longa e detalhada resenha elaborada por Vezzetti do livro de Maud Mannoni, *El psiquiatra, su “loco” y el psicoanálisis*, publicado em Buenos Aires em 1976. Em seguida, reaparece no artigo publicado no número 03, intitulado “La locura en la Argentina 1860-1890”, no qual se lê, nos parágrafos iniciais:

A delimitação e tipificação do que deve ser considerado como conduta mentalmente anômala atravessou em todas as sociedades um processo histórico que incluiu tanto a concepção vulgar como o corpo de conhecimentos especializados e de práticas de intervenção. Nesse sentido, percorrer o espaço da loucura através das épocas equivale a se aproximar de um mundo de usos e crenças, de temores e esperanças, que ilustram com nitidez o campo social – imaginário e ao mesmo tempo institucional –

próprio de uma sociedade. Envolvido nessa complexidade de sentidos, o tema da loucura aparece em distintas produções culturais, desde o folclore e os mitos populares⁵⁰ até a literatura e as artes plásticas. Ao mesmo tempo, com diversa participação de concepções religiosas, filosóficas e científico-naturais, a indagação sobre o tema da loucura constitui um capítulo relevante da história da ciência, na luta do homem por alcançar o conhecimento de si mesmo e da sociedade.

A partir, sobretudo, da consolidação dos estados modernos, a qualificação da conduta dos cidadãos passa a constituir um recurso do poder civil, um instrumento de controle social ligado ao desenvolvimento do aparato jurídico e penal. Desde então, a loucura já não ficará restrita ao âmbito mais ou menos espontâneo do privado, da família ou da comunidade e o desenvolvimento de um aparato psiquiátrico, tanto científico como prático-institucional, seguirá de perto as necessidades e os valores da ordem pública encarnados no Estado.

Na Argentina – particularmente em Buenos Aires – este processo se desenvolve fundamentalmente durante os anos entre 1860 e 1900. [...]. (Hugo Vezzetti, “La locura en la Argentina 1860-1890”, **Punto de Vista**, n. 03, jul. 1978, p. 3, tradução nossa)

Os trechos acima são suficientes para perceber como Vezzetti estabeleceu o lugar da loucura como problema da cultura e da história argentina, tema que demandava, nesse sentido, uma leitura histórica, sociológica e antropológica. Por isso um artigo a respeito da loucura inaugurou o terceiro número de uma revista de cultura e por isso o seu autor, em detalhado estudo histórico e empírico sobre os internos e as instituições psiquiátricas existentes na Argentina do século XIX, conseguiu evidenciar as relações entre Estado e poder na delimitação das práticas utilizadas em indivíduos e em grupos, tanto quanto ofereceu resultados de uma análise importante para a compreensão da história da Psiquiatria na Argentina. O tema, em princípio pouco alarmante para o Estado ditatorial, garantiu que Vezzetti assinasse o artigo sem pseudônimo. Contudo, os resultados expunham práticas estatais de opressão socialmente aceitas e acatadas de longa data no país, como voltava a acontecer naqueles anos do *Proceso*.

O contundente artigo de Vezzetti foi complementado, no mesmo número 03, por outro estudo, “Sociologia, política y psicopatología de las multitudes”, em que Fernando Mateo voltou-se à compreensão das ideias e das práticas de José Maria Ramos Mejía, psiquiatra fundador do Instituto Frenopático em 1880. Mateo mostrou como a atuação de Ramos Mejía e principalmente o seu livro *Las multitudes argentinas*, publicado em 1899, estabeleceram leituras sociológicas e psicológicas sobre os imigrantes e a população *criolla*. Avaliando as apropriações, por Ramos Mejía, das ideias do positivismo e de diferentes teorias europeias,

⁵⁰ No número 01 de **Punto de Vista** foi publicado, não casualmente, um artigo de Miguel Angel Palermo sobre um movimento milenarista de fins do século XIX em Tandil (cidade da província de Buenos Aires) que estimulou, na época, a discussão sobre a loucura de seus integrantes.

Mateo logrou discutir outrossim a associação elaborada no livro de fins do século XIX entre multidões e certos comportamentos políticos em tempos e espaços específicos, o que certamente parece muito sintomático enquanto objeto em um momento no qual se pretendia avaliar, na medida do possível, os fundamentos do apoio de parcela da sociedade argentina à ditadura instaurada em março de 1978.

A temática da loucura voltou a aparecer, novamente em abordagem histórica proposta por Vezzetti, no artigo “Penalidad y moralización. Para una historia de la locura y la psicología en la Argentina”, do número 07 (de novembro de 1979). Desde o título se explicita um projeto historiográfico no artigo, tratava-se de um fragmento de uma versão mais ampla a ser publicada na **Revista Argentina de Psicología**, conforme indica a nota de encerramento. Assim, uma discussão que poderia alcançar um público mais restrito por circular em uma revista vinculada mais estritamente a uma atividade profissional ou a uma área adquirida, em **Punto de Vista**, outro lugar social e cultural. Entre as referências e fontes citadas nesse artigo está Ramos Mejía, que pertenceu a uma geração de homens de letras para os quais a questão do caráter individual e das multidões de alguma forma se relacionava ao problema do caráter ou da identidade nacional. Portanto, Vezzetti mapeou debates intelectuais, questões institucionais e a formação de uma área de conhecimento no país desde fins do XIX, quando, como mostrou, a Psicanálise ainda não estava em pauta. Nesse sentido, para o autor, conhecer o processo iniciado nos oitocentos garantiria a mais adequada compreensão dos posicionamentos no campo da Psicologia e da Psicanálise em fins do século XX em relação a essa tradição, campo que foi contemplado no mesmo número também em uma resenha de Nicolás Rosa acerca de um livro a respeito de Freud⁵¹.

Paralelamente ao projeto de investigação e de interpretação histórica da loucura na Argentina e visando sem dúvida a atualização das referências teóricas da área de Psicologia e dos estudos específicos de temas correlatos, no número 13 (de novembro de 1981) – com os textos sobre **Contorno**, o mesmo que trouxe mudanças visuais na capa (mais conteúdo textual) e nas seções da revista – foi publicado um artigo de Vezzetti discutindo o pensamento

⁵¹ **Punto de Vista** publicou com muita frequência, sobretudo nesses primeiros anos, anúncios e/ou pequenas notas sobre a Associação de Psicólogos de Buenos Aires, sobre a Federação de Psicólogos da República Argentina, sobre a **Revista Argentina de Psicología** e sobre livros da área. Colaborava, dessa maneira, para a divulgação da área, de seus órgãos de representação (cujos gestores sofreram a ação da repressão, como se assinalou no caso de Beatriz Perosio) e de sua publicação principal, retribuía os apoios diversos recebidos de Jorge Sevilla e do próprio Vezzetti para a sua efetivação e ainda indicava ao seu público leitor outros espaços em que se poderia encontrar textos de autores pouco conhecidos na Argentina. A presença da Psicologia, da Psiquiatria e da Psicanálise enquanto áreas e/ou objetos da cultura analisados em **Punto de Vista** costuma ser pouco enfatizada pelos intérpretes do periódico; isso é um problema porque tal produção foi, como se pretende mostrar brevemente aqui, relevante em vários sentidos para a melhor compreensão do projeto de interpretação da cultura e da sociedade argentina em uma perspectiva histórica desenvolvido pela revista.

de Jacques Lacan e as aceitações e as recusas de suas ideias, importantes, entre outros aspectos, para a melhor compreensão dos sujeitos.

Também em esforço de divulgação e de apropriação de autores e de ideias, no número 17 (de abril-julho de 1983) – com os textos sobre **Sur**, um dos últimos publicados durante a ditadura e que marcou a entrada da historiadora Hilda Sabato no Conselho de Direção – foi publicado um debate entre Michel Foucault e Jacques Léonard a respeito de *Vigiar e punir* e as questões postas pela obra para historiadores e para filósofos. As ideias e as obras foucaultianas, que obviamente interessavam a um intérprete da história da loucura como Vezzetti, foram repetidas vezes comentadas, apropriadas e analisadas em **Punto de Vista**, direta ou indiretamente, por vários autores desde então. Diretamente apareceram: no número 04 (de novembro de 1978), em resenha de Cristina Mayer comentando a publicação de *História da sexualidade* em 1977 pela Siglo XXI no México; no número 21 (de agosto de 1984), em artigo de Oscar Terán⁵² acerca da leitura da modernidade por Foucault – no mesmo número se publicou o clássico estudo de Jürgen Habermas sobre a incompletude e as crises da modernidade; no número 23 (de abril de 1995), em artigo de Vezzetti sobre amor e sexualidade no Ocidente em perspectiva histórica, em franco diálogo com as obras de Foucault e de outros autores a respeito; no número 45 (de abril de 1993), em novo artigo de Terán, “La estación Foucault”, no qual o autor destacava os motivos pelos quais um certo pensamento foucaultiano havia fascinado, nos anos 1970 e 1980, intelectuais de esquerda (inclusive ele mesmo) às voltas com a crise dos referenciais marxistas; no número 74 (de dezembro de 2002), em entrevista republicada com Foucault e um arquiteto sobre temas da obra do filósofo e questões de arquitetura, urbanismo e geografia; no número 83 (de dezembro de 2005), em artigo de Vezzetti sobre a publicação dos cursos de Foucault ministrados no Collège de France na segunda metade dos 1970 e como esses textos permitiam novas leituras sobre o “último Foucault”.

Vezzetti continuou a desenvolver seu projeto de mapeamento e de interpretação da história da Psicologia e da Psicanálise e de suas práticas na Argentina no número 19 (de dezembro de 1983), no artigo “Situación actual del psicoanálisis”. Contudo, foi no número 30 (de julho-outubro de 1987), no artigo “Problemas y perspectivas de una historia de la Psicología en la Argentina”, que a reflexão se adensou. Menos preocupado com a questão da loucura (objeto dos primeiros textos na revista e do livro que publicou em 1983) e cada vez

⁵² Terán, junto a Vezzetti, interessou-se pelo pensamento de Foucault e colaborou para a sua difusão em **Punto de Vista**.

mais atento aos direitos humanos⁵³, o autor – que havia elaborado seus textos anteriores em uma perspectiva histórica/historiográfica – analisou como se deveria escrever a história da Psicologia na Argentina, em consonância com o que discutiam, em relação à história da literatura e da crítica, outros autores (como Sarlo, Altamirano e Gramuglio) na mesma época nas páginas de **Punto de Vista**. A concordância com as preocupações dos outros membros do Conselho se verificou, do mesmo modo, no que diz respeito ao período preferencialmente tomado para investigação, a transição entre os séculos XIX e XX, momento de expressivos debates intelectuais e de elaboração de interpretações diversas sobre a sociedade argentina.

Vezzetti se propôs, no artigo, a dialogar com historiadores como Lucien Febvre, Michel de Certeau e Paul Veyne, além de Foucault, em busca da delimitação de uma proposta teórica e metodologicamente correta de escrita da história da Psicologia em terras argentinas, principalmente em Buenos Aires em fins do século XIX e início do XX. Visivelmente a preocupação é como escrever a história de um campo do saber e de um ofício na Argentina sem equívocos historiográficos, sem projeções do presente, sem sedução memorialísticas e sem reproduções irrefletidas de modelos interpretativos europeus, aproximando em linhas gerais os seus esforços de outros empreendimentos de leitura histórica desenvolvidos em **Punto de Vista**.⁵⁴

Ainda em busca da mais precisa e adequada escrita da história da Psicologia e da Psicanálise em seu país, Vezzetti comentou, no número 34 (de julho-setembro de 1989), a publicação, em 1986, do livro da especialista francesa Elisabeth Roudinesco, *La bataille de cents ans. La histoire de la psychanalyse en France*, em dois tomos, cuja tradução parcial para o espanhol apareceu em Madri em 1988. Nesse texto, intitulado “Roudinesco, el psicoanálisis y la historia”, a discussão se encaminhou na direção da delimitação da obra francesa, afastada por sua proposta generalista, para Vezzetti, tanto de alguns livros da história da psicanálise freudiana quanto da História Intelectual tal como ela era praticada pelos franceses e pelos anglo-saxões naqueles tempos. Para fundamentar a apreciação crítica, foram comentados autores como Roger Chartier e Dominick LaCapra e se explicou a constituição, especialmente na França, de uma historiografia da psicanálise com

⁵³ No número 28 (de novembro de 1986), Vezzetti publicou “Derechos humanos y psicoanálisis”, vinculado não somente ao manifesto “Intelectuales y artistas argentinos por la democracia en Chile y Paraguay”, que abriu o número e que conclamava aos argentinos que lutassem pelo fim das ditaduras naqueles países em nome de sua memória recente, mas principalmente a uma discussão que crescia e que ocuparia, por força do trabalho do próprio Vezzetti, expressivo espaço nas páginas de **Punto de Vista** até pelo menos fim da década de 1990, sem desaparecer até o encerramento da revista: o debate sobre memórias, traumas, juízos e direitos humanos pós-ditadura.

⁵⁴ Hilda Sabato foi, como se disse, figura fundamental para as discussões, em **Punto de Vista**, a respeito da escrita da História da/na Argentina em termos teóricos e de método.

especificidades, subsidiada por uma Associação Internacional de História da Psicanálise (criada em 1986) e pela **Revue Internationale d'Histoire de la Psychanalyse**. A conclusão de Vezzetti sobre a obra é a seguinte:

Se Roudinesco não evita, como se viu, a tarefa de constituir uma distância adequada em relação aos seus objetos, sob a forma de um recurso copioso à documentação, ao mesmo tempo o tom do relato é o de uma história contada por alguém que não esconde sua posição subjetiva, ainda que a esclareça e a desloque ao longo da obra. Simultaneamente, certa dimensão da análise parece destinada a interpelar principalmente aqueles que já são parte dessa história, como se um público próximo à herança lacaniana estivesse prefigurado nesse relato obsessivo e documentado até os seus mínimos detalhes; nesse sentido, para quem lê desde Buenos Aires, esse desdobramento de pequenas misérias, intrigas e desencontros resulta uma crônica por momentos excessiva e prescindível.

Em todo caso, um texto vale pelos problemas que suscita; por conseguinte a riqueza dessa obra extraordinária reside menos no volume de suas páginas do que na polivalência e interseção de suas abordagens e na amplitude de olhares, que supera notavelmente a módica visão com a qual se encararam outros exercícios historiográficos desde a psicanálise. Roudinesco sustenta convenientemente sua posição, alternativamente dentro e fora do campo que investiga; frente ao risco, então, de uma leitura fechada e alimentada pelos mitos do “movimento”, vale a pena acentuar uma perspectiva capaz de reconhecer a novidade desse formidável trabalho de análise e conceituação históricas, que não tem antecedentes e cujo valor historiográfico não deveria se perder nas vicissitudes de uma repercussão endogrupal e limitada, entre as representações e as miragens que povoam o campo da psicanálise. (Hugo Vezzetti, “Roudinesco, el psicoanalysis y la historia”, **Punto de Vista**, n. 34, jul.-set. 1989, p. 35, tradução nossa)

Como se percebe, se os textos de Vezzetti nos primeiros números de **Punto de Vista** anunciaram a história da Psicologia, da Psiquiatria e da Psicanálise na Argentina como um problema de cultura que demandava uma abordagem histórica a qual garantiria, por exemplo, o aprofundamento da compreensão sobre a loucura, a família, o matrimônio, a sexualidade no país, o autor em fins dos anos 1980 desvelou maior compreensão de uma crítica psicológica da historiografia, aproximando-se (deliberadamente ou não) dos debates travados em outros países por historiadores (não citados por Vezzetti no artigo) como Michel de Certeau – seu *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* é de 1987 – e Peter Gay – que até 1989 havia publicado pelo menos três livros importantes sobre Freud e história, entre eles *Freud for Historians*, de 1985 – e tomou posição em relação às propostas de escrita da história da Psicologia e da Psicanálise em desenvolvimento, como a de Roudinesco. Ou seja, Vezzetti, que buscou a História da Psicologia como área de atuação desde, pelo menos, fins dos anos 1970, havia se tornado, uma década depois, referência na área na Argentina, estava posicionado no que diz respeito aos debates internacionais e, conforme explicou na entrevista

de 2010, encontrou em definitivo seu lugar na UBA como catedrático em 1990, via concurso – integrou-se ao corpo de pesquisadores do CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) em 1987. (VEZZETTI, 2010, p. 48)

A partir de então (fins dos anos oitenta e início dos noventa), com uma perspectiva de abordagem melhor estabelecida sobre a História da Psicologia na Argentina – tal qual se dava com Sarlo, Altamirano e Gramuglio no âmbito da crítica cultural e literária –, pode-se dizer que Vezzetti desenvolveu seus esforços em **Punto de Vista** em pelo menos dois âmbitos: em um deles, o principal, produziu debates sobre memória e questões afins, os quais o notabilizaram nacional e internacionalmente nos anos 1990 e 2000 e se converteram em livros importantes; no outro, continuou a investigar temas, problemas, autores e obras mais específicos da Psicologia e da Psicanálise, aprofundando a compreensão sobre o lugar desses elementos na cultura argentina.

Nesse último âmbito se situa o texto “Discriminación sexual y integrismo moral”, do número 38 (de outubro de 1990), em que Vezzetti problematiza questões específicas de um país cuja democracia se reconstruía: a exclusão social e política dos homossexuais na Argentina, assim como a divulgação ampla e irrefletida, mesmo por instituições com caráter científico, de avaliações equivocadas sobre a homossexualidade. Nesse texto, bastante vinculado a dilemas do presente, o autor não abdicou de um olhar histórico e ao fazê-lo explicitou como muitos dos preconceitos e das condutas inadequadas em relação aos homossexuais na democracia restaurada se vinculavam a práticas e a ideias desenvolvidas durante a ditadura, com o apoio de grupos e instituições socialmente relevantes como os católicos. Tratava-se, portanto, de identificar permanências do autoritarismo na sociedade democrática que afetavam, inclusive, o pensamento psicológico e psicanalítico e de refletir sobre elas, o que não parecia interessar aos argentinos amplamente. Em contrapartida, no mesmo número, em texto cuja publicação parece ter sido demandada por Vezzetti, Roudinesco expunha e discutia a situação da psicologia lacaniana francesa em 1989.

Ademais, em texto do número 39 (de dezembro de 1990), Vezzetti avaliou as edições de Freud na Argentina, mostrando como a crítica das traduções no país das fontes do pensamento psicanalítico ainda não tinha sido efetivamente realizada. Recuperando argumentos de Roudinesco comentados nos números anteriores, o autor indicou que faltava escrever sobre os processos de tradução dos textos freudianos na Argentina, tanto quanto seria necessário perscrutar a recepção do pensamento de Freud no país. No texto se realizou parcialmente esse projeto ao expor as potencialidades e as desvantagens das versões em língua espanhola disponíveis na Argentina naquele momento. Esse projeto de Vezzetti

resultou, lembre-se, em dois livros: *Freud en Buenos Aires* (1989) e *Aventuras de Freud en el país de los argentinos* (1996). Por isso, as recepções do pensamento freudiano e também do pensamento lacaniano continuaram em pauta no número 41 (de dezembro de 1991), em texto do próprio Vezzetti a respeito da biografia de Oscar Masotta escrita por Carlos Correas e em texto de Roudinesco a respeito das leituras de Freud realizadas por Sartre. Nesses artigos, Freud, Sartre e Lacan surgem como tema e como objeto e se pensa como houve apropriações de suas ideias em diferentes contextos, especialmente por dois autores (Masotta e Correas) que colaboraram em **Contorno**.⁵⁵

Seguramente, uma síntese provisória dos esforços de delimitação histórica da Psicologia e da Psicanálise como saberes relevantes da cultura argentina e simultaneamente como instrumentos de melhor compreensão dessa cultura apareceu no artigo de Vezzetti publicado no número 44 (de novembro de 1992). Intitulado “El psicoanálisis y la cultura intelectual”, no texto se mostra como após os antecedentes dos saberes psiquiátricos do século XIX e do início do XX se configurou, a partir dos anos 1940 (em uma primeira fundação) e principalmente desde os anos 1960 (em uma segunda fundação), “uma história *intelectual* do discurso psicanalítico sobre as vicissitudes internas do ‘movimento’ [...]” (destaque no original) Além disso, Vezzetti discutiu como se tornou possível o desenvolvimento de uma psicanálise “de especialistas” e de outra não institucionalizada, vinculada à cultura intelectual mais amplamente, que “se cruza com outros discursos em função de um marco de constituição de problemas que não é – pelo menos diretamente – evidente para a lógica da organização profissional.” (Hugo Vezzetti, “El psicoanálisis y la cultura intelectual”, **Punto de Vista**, n. 44, nov. 1992, p. 33, tradução nossa)

Há, nos trechos transcritos, uma ênfase na noção de cultura intelectual que permite recuperar um argumento discutido e esclarecido na entrevista/diálogo dos membros do Conselho a Daniel Link, no suplemento *RadarLibros*, de *Página12*, em 2003. Quando questionados por Link sobre como teria se dado na revista a relação entre cultura e política, frente às supostas obsessões do periódico com os problemas da autonomia da cultura e da política de forma ampla, os membros do Conselho, a começar por Altamirano, assinalaram que em **Punto de Vista**, quando se tratava de cultura, a referência era à “cultura intelectual, à cultura do mundo intelectual, do mundo dos intelectuais.” (tradução nossa) Enfatiza-se no diálogo que os objetos da revista, entre eles os que se está a destacar neste capítulo, foram

⁵⁵ Vezzetti ainda publicou, no número 48 (de abril de 1994), artigo analisando a publicação na França, em 1993, de biografia de Jacques Lacan elaborada por Elisabeth Roudinesco. Destacou as polêmicas envolvidas na publicação, rejeitada por motivos polêmicos pela editora que havia publicado os dois tomos lançados por Roudinesco anos antes.

incorporados como problemas da cultura intelectual, como fatos da cultura intelectual, ainda que as práticas culturais e a presença das ideias na sociedade também tenham sido avaliadas constantemente. (LINK, 2003) Nesse sentido, é compreensível a apreciação de Vezzetti, no artigo do número 44, de que a Psicanálise havia alcançado “extensa visibilidade na cultura dos argentinos [...] [e tinha] se convertido em um traço tão típico de nossa cidade [...]” (tradução nossa)

O que se percebe a partir do artigo, enfim, é que tanto quanto os anos sessenta foram compreendidos como essenciais para os movimentos políticos e intelectuais que conduziram os debates alusivos à cultura e à crítica cultural e literária e levaram à formulação do projeto de **Punto de Vista**, também foram um momento crucial para a definição das relações da Psicanálise com a cultura intelectual e de massas na Argentina. Dessa forma, concluiu Vezzetti, para entender mais adequadamente a história da Psicanálise no país seria fundamental interpretá-la em relação ao movimento mais amplo de transformações culturais e políticas em curso a partir dos anos 1960, o que ele esboça no artigo do número 44 mas não chega a desenvolver de forma mais aprofundada.

Aliás, é notável como nesse momento da revista (exatamente na metade de sua história editorial, praticamente em meados da década de 1990), Vezzetti – responsável por cerca de 49 textos individuais ao longo da história do periódico nos quais tratou, além da predominante atenção à Psicanálise e à memória, de outros objetos – começou a se preocupar, junto às reflexões sobre memória cada vez mais presentes, com questões mais específicas do momento de deslocamentos temáticos da revista, sem deixar de lado seu olhar psicanalítico e histórico⁵⁶. Daí surgem textos como: “El sujeto psicológico en el universo massmediático”, do número 47 (de dezembro de 1993), claramente orientado para debates que interessavam a Sarlo sobre o sujeito diante da expansão da televisão, da indústria cultural e da sociedade do espetáculo; ou “El psicoanálisis y la esfera pública”, do número 50 (de novembro de 1994), no qual retomou argumentos do artigo do número 44 para problematizar as características da Psicanálise na esfera pública argentina desde os anos 1960 frente à expansão dos meios de comunicação.

⁵⁶ Vieram ainda outros artigos de abordagem histórico-crítica, como: “Isabel I, Lady Macbeth, Eva Perón”, do número 52 (de agosto de 1995), em que Vezzetti discutiu textos de Marie Langer (da “primeira psicanálise argentina”) produzidos nos anos 1950, responsáveis, segundo ele, pela introdução da discussão da maternidade no campo psicanalítico na Argentina; e “Las ciencias sociales y el campo de la salud mental en la década del sesenta”, do número 54 (de abril de 1996), em que analisou a delimitação durante alguns anos na Argentina (especialmente nos anos sessenta) de um campo comum de interesse entre os cientistas sociais e os psicólogos e psicanalistas, o campo da saúde mental, o que motivou a produção de reflexões estimulantes a respeito.

Não casualmente, um dos autores citados nas referências do artigo do número 50, Jorge Belinsky, médico e psicólogo argentino que havia vivido no exílio durante a ditadura, juntou-se a Vezzetti em **Punto de Vista** nesse momento e se encarregou de discutir psicologicamente e psicanaliticamente alguns outros temas candentes inclusive para a compreensão dos governos peronistas de então e das estratégias de propaganda política e de exercício do poder, como no artigo “Los dos cuerpos del padre: sobre la posible existencia de un mito moderno”, do número 56 (de dezembro de 1996), dedicado a Gramuglio e destinado ao debate a partir de Freud e de vários outros autores (historiadores, cientistas políticos etc.) do mito do assassinato do pai na política moderna e contemporânea. Esse é um exemplo claro de como os estudos sobre Psicologia e Psicanálise em **Punto de Vista**, ao oferecerem uma crítica da dimensão psicológica das sociedades (especialmente da Argentina), explicitaram o funcionamento de poderes que nela atuaram historicamente, assim como analisaram as vinculações desses debates a outros problemas socialmente relevantes. Esse artigo de Belinsky, a propósito, suscitou um debate com o filósofo Jorge Dotti, que publicou, no número 57 (de abril de 1997), “Sobre el origen”, no qual retomou argumentos para pensar o problema da origem enquanto momento constitutivo do político.

Naquela época (fins dos anos 1990), Vezzetti começava a se dedicar aos estudos atinentes à memória social (que o absorveriam nos anos 2000, inclusive no periódico) e só voltou a publicar um texto específico sobre a Psicanálise em um olhar histórico e cultural em **Punto de Vista** no número 88 (de agosto de 2007), como parte da série “El juicio del siglo”, elaborada pela revista como uma espécie de síntese retrospectiva das leituras da publicação acerca da cultura argentina do século XX. “El psicoanálisis en el siglo”, quinto artigo da mencionada série, encerrou inclusive a colaboração do autor na revista que ajudou a fundar (foi o último texto dele publicado antes do número derradeiro). O início do texto é preciso ao esclarecer os vínculos da Psicanálise com a cultura e a sociedade na Argentina durante o século XX e ao demonstrar a importância que os debates sobre essas temáticas tiveram na revista durante os seus trinta anos⁵⁷:

⁵⁷ Como se mencionou antes, o número 25 (de março de 1972) de **Los Libros**, com capa em preto e branco na qual havia imagens de Freud e de Marx e o título “Psicoanálisis y política en la Argentina”, trouxe um dossiê com importantes textos nos quais se analisou as práticas psicanalíticas na Argentina (principalmente em Buenos Aires) e inclusive se discutiu a atuação da Associação Psicanalítica Argentina. O intuito era problematizar uma atuação profissional apolítica (não apenas dos psicanalistas, aliás), como se pode ler no texto/editorial “En este número” (que acompanhou, como era costume na revista à época o sumário), e alguns argumentos merecem ser destacados para que se pense nas continuidades e nas rupturas em relação ao que Vezzetti escreveu no seu artigo/diagnóstico de 2007:

“Em poucos países do mundo a prática psicanalítica adquiriu a importância que manifestou na Argentina. Para não exagerar e sermos mais precisos, teríamos que recortar geográfica e socialmente essa presença: sua

A presença generalizada de sinais e emblemas da psicanálise na geografia material e simbólica da cidade fez pensar que Buenos Aires (e, por extensão, o país) esteve desde sempre destinado a abrigá-la. Algo na sociedade e na cultura teriam demandado o complemento de uma psicanálise entendida principalmente como uma hermenêutica focada nas tramas familiares e nas filiações. Nesse pensamento, o apelo argentino à psicanálise dependeria sobretudo do caráter de imigração da sociedade urbana, da fratura dos vínculos primários e do vazio na origem. A Associação Psicanalítica Argentina o expõe abertamente:

Na Argentina, o descobrimento de Freud vinha oferecer uma saída a uma sociedade marcada pela imigração, com o passado perdido na Europa, em muitos casos ameaçadora, mas por sua vez com necessidade de se reencontrar com suas origens, com sua história infantil esquecida e com a possibilidade de expor seus desejos inconscientes.

(Hugo Vezzetti, “El psicoanálisis en el siglo”, **Punto de Vista**, n. 88, ago. 2007, p. 01, tradução nossa)

Tendo alcançado, de acordo com Vezzetti, dois públicos (o médico, atento à saúde mental, e o literário e intelectual), a Psicanálise na Argentina transbordou seus problemas e seus questionamentos para a sociedade, a cultura, a moral, a religião, os grupos e a política, desde a complexa e múltipla obra freudiana, que extrapola o “dispositivo clínico e o saber recortado sobre os mal-estares da intimidade [...]” (tradução nossa) Portanto, compreende-se o procedimento adotado por **Punto de Vista** na interpretação da Psicanálise, da Psicologia, assim como de objetos ou de áreas correlatas: buscou-se uma leitura histórica, sociológica e antropológica do pensamento psicanalítico e psicológico argentino com ênfase em certos autores e em diálogo com referências europeias, de modo a compreender como em momentos nos quais o campo psicanalítico argentino estava em constituição havia autores interessados no “ser nacional”, cujas obras ofereceram reflexões válidas para a definição não apenas das fontes, mas de pontos de partida para as pesquisas elaboradas a partir da década de 1980.

Obviamente, em um artigo de perfil histórico, Vezzetti reconstituiu a trajetória da configuração da Psicanálise como campo na Argentina e os mecanismos de produção e de

manifestação real apenas ultrapassa os limites de Buenos Aires e sua vigência deixa sem cuidado à imensa maioria da população. Contudo, a preocupação que **Los Libros** destaca neste número adquire sentido pois o conflito que agita à instituição psicanalítica argentina há alguns meses aparece como signo de uma situação geral que inclui a todos na medida em que os problemas que revela dizem respeito ao porvir da cultura, ou seja, ao porvir político do país inteiro.

Até não faz muito tempo boa parte dos grupos profissionais alcançava suas expectativas dicotomizando sua existência: por um lado o exercício acrítico (apolítico) de sua profissão e por outro – no melhor dos casos – um compromisso político traduzido quase sempre em incluir suas assinaturas em periódicas declarações públicas. A atual ‘tomada de consciência’ indica a insuficiência dessas maneiras. Resulta evidente que toda atividade humana se inscreve na história. Dito de outra forma: toda atividade é política, instala-se necessariamente em um sistema de ideias, mesmo quando essa inscrição não seja sempre consciente e com frequência falte dirimir as formas que adquire em cada caso. [...]” (“En este número”, **Los Libros**, n. 25, mar. 1972, p. 02, tradução nossa)

Houve polêmica e no número 27 (de julho de 1972) foram publicadas réplicas e trélicas ao material.

difusão dos saberes psicológicos e psicanalíticos nos anos 1940, 1950 e 1960 no país (instituições, publicações, revistas). Tratou outrossim das temáticas e/ou dos objetos eleitos – a vida cotidiana, a família, o matrimônio, a sexualidade, a loucura, entre outros –, dos vínculos com a política (sobretudo com o peronismo), dos autores decisivos para uma refundação do campo a partir dos anos 1960 (como Oscar Masotta e León Rozitchner) e das apropriações de autores estrangeiros para além de Freud e Lacan (Marx, Althusser, Foucault, Roudinesco). Concluiu sua leitura retrospectiva da seguinte maneira:

Não houve, então, um destino prefixado nem uma fisionomia uniforme para a psicanálise em seus diversos vínculos com a cultura argentina. A pergunta pela presença estendida de Freud e Lacan nesse rincão do planeta não tem uma resposta simples e, sobretudo, não pode ser resolvida como um fundamento do ser nacional. O legado freudiano, ao longo do século XX, se mostrou capaz de impactar tradições e disciplinas muito diversas, da medicina e da psicologia à filosofia, às ciências sociais e aos estudos literários. A matriz lacaniana, desde a metade dos sessenta, impregnou uma zona da escrita narrativa e poética, com efeitos igualmente diversos. Se é possível dizer algo, como um juízo mais geral, sobre essa extensa penetração da psicanálise, é que aconteceu menos como dispositivo de saber do que como um ingrediente produtivo em uma trama discursiva descentrada, uma espécie de ensaio multiforme e aberto, que pode ser percorrido como um corpus que apaga as funções de autor e os delineamentos disciplinares ou de escola e no qual ressaltam as formas complexas de uma apropriação em ato. (Hugo Vezzetti, “El psicoanálisis en el siglo”, **Punto de Vista**, n. 88, ago. 2007, p. 07, tradução nossa)

Percebe-se o esforço de Vezzetti para oferecer um juízo acerca da Psicanálise no século XX argentino que desse conta da complexidade da presença dos saberes e das ações psicanaliticamente orientadas nessa sociedade. Novamente, a filiação a tradições críticas nacionais e internacionais ocorre sem subserviência religiosa ou dogmática, de modo a explicitar a multiplicidade de enfoques e o caráter interdisciplinar das reflexões. Com a produção de Vezzetti acerca da Psicanálise, **Punto de Vista** conseguiu aprofundar sua leitura sobre a cultura argentina nos séculos XIX e XX e ao mesmo tempo desenvolveu certas políticas da cultura expressas em temas e/ou objetos analisados psicanaliticamente por Vezzetti e outros autores (moral, sexualidade, loucura, família, por exemplo). Como se disse, o autor ainda contribuiu decisivamente para as reflexões sobre a memória, nas quais sua trajetória como docente e investigador da área de História de Psicologia e da Psicanálise, experienciada na universidade e em diferentes periódicos, foi fundamental.

Para o aprofundamento da compreensão de uma cultura argentina que se transformou expressivamente ao longo do século XX e que continuava a mudar em fins de século, **Punto de Vista** se voltou também, ao mesmo tempo em que tratava de seus outros objetos

comentados até aqui, ao estudo das artes, das mídias, dos meios de comunicação e da indústria cultural. Nesses âmbitos, a trajetória de Sarlo no periódico e fora dele tornou a ser bastante relevante, na medida em que ela começou a publicar, ainda na década de 1980 (e continuou a fazê-lo nos anos 1990), estudos que resultaram em alguns dos seus livros mais conhecidos, dedicados a problemas desse eixo de temáticas, a saber: *El imperio de los sentimientos: narraciones de circulación periódica en la Argentina, 1917-1927* (1985), *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930* (1988), *La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina* (1992), *Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura en la Argentina* (1994), *Instantáneas: medios, ciudad y costumbres en el fin de siglo* (1996) e *La máquina cultural: maestras, traductores y vanguardistas* (1998).

Sarlo, apesar de destacada produção, evidentemente não desenvolveu sozinha os debates em **Punto de Vista** a respeito dessas questões, assim como muitos dos textos publicados por autores diversos compartilhavam pressupostos e/ou inquietações com outros elaborados e veiculados na revista na mesma época. Para exemplificar, bastaria recordar que nos primeiros números da revista, enquanto foram publicados estudos sobre as Bienais de Arte e outros eventos e circularam pesquisas sobre o público de arte na América Latina – a exemplo de resenhas e pequenas notas relativas a exposições nos números 01 e 02, de um artigo abordando um prêmio de arte no número 03, de uma entrevista com Joan Miró no número 04 e da já comentada “encuesta” de Rita Eder sobre o público de exposições reproduzida no número 05 –, a revista se voltou outrossim para a discussão concernente ao público de leitores em um local específico (como no artigo de Rama, “Encuesta sobre sociología de la lectura”, no número 02) ou para a veiculação de textos e entrevistas nos quais se divulgava uma perspectiva sociohistórica de interpretação das obras. Como evidenciou o mencionado artigo de Canclini publicado no número 06, tratava-se de analisar, sempre que possível, as relações entre arte e mercado e entre arte e política.

O cinema, sem dúvida, foi privilegiado por **Punto de Vista** nessa construção de uma leitura que permitisse perceber as tramas estabelecidas entre as artes e o mercado e que garantisse uma compreensão menos mecânica e superficial da presença da política como elemento constituinte das obras de arte. Isso foi feito antes em estudos referentes à análise e à crítica da literatura e da crítica literária, mas, ao mesmo tempo – desde o seu início, para ser mais preciso –, a revista também se ocupou do cinema. Nos primeiros números, surgiram basicamente resenhas sobre filmes e cineastas e aos poucos começaram a aparecer os artigos mais densos, de interpretação de problemas de estética fílmica e/ou de história do cinema,

textos que distanciaram a revista do tipo de crítica efetuada mais comumente pelos veículos de simples divulgação da produção cinematográfica.

Para essa produção colaborou, desde os números iniciais, Raúl Beceyro, diretor e crítico de cinema argentino que publicou 31 textos de tipos diversos ao longo dos trinta anos da revista, tendo sido, portanto, um de seus mais relevantes colaboradores (esteve pelo menos entre os dez mais importantes autores em termos quantitativos). Durante alguns anos, Beceyro escrevia quase sozinho os textos sobre cinema, dividindo as intervenções a respeito com os demais membros do Conselho de Direção. Não por acaso, quando foi criado o Conselho Assessor vinculado ao Conselho de Direção, no número 53 (de novembro de 1995), Beceyro foi indicado como um de seus membros, junto a outro cineasta e crítico de cinema fundamental na revista, Rafael Filippelli, ao filósofo Jorge Dotti, ao filósofo e historiador Oscar Terán e ao crítico musical Federico Monjeau.

Essa composição do Conselho Assessor evidencia alguns aspectos da chamada “guinada vanguardista” (em prol dos debates sobre cinema, música, arquitetura, entre outros), assim nomeada e dirigida por Sarlo na revista nos anos 1990 e por ela mencionada em entrevistas (antes citadas). O Conselho Assessor se manteve inalterado até o número 76 (de agosto de 2003) e no número 77 (de dezembro de 2003) foi a ele agregada Ana Porrúa, poeta e crítica de poesia que vinha colaborando na revista. O Conselho Assessor ampliado durou apenas dois números (77 e 78, de abril de 2004), pois no número 79 (de agosto de 2004) deixaram o Conselho de Direção, como dito, Altamirano, Gramuglio e Sabato. Entre os números 79 e 90 (de abril de 2008), o Conselho Assessor foi transformado em Conselho Editor, tendo se agregado a ele o único fundador remanescente (além de Sarlo), Hugo Vezzetti. Nesse período final, Sarlo se manteve como diretora e Adrián Gorelik se tornou subdiretor. Ou seja, a dinâmica da sociabilidade intelectual configurada e reconfigurada nos conselhos da publicação garante a percepção das tensões resultantes das alterações temáticas e editoriais encaminhadas e encabeçadas por Sarlo desde os anos 1990; tensões perceptíveis, ademais, na diminuição sistemática das colaborações de Altamirano e principalmente de Gramuglio e de Sabato na revista no período compreendido entre meados dos anos noventa e a saída dos três em 2004.

No que diz respeito ao cinema, logo no número 01, em 1978, **Punto de Vista** reproduziu um fragmento de um artigo intitulado “Diario de ayer y de hoy”, de Carlos Fuentes, escritor e ensaísta mexicano, analisando o cinema do espanhol Luis Buñuel, texto publicado no número 14 da importante revista **Vuelta**, fundada em 1976 no México por

Octavio Paz.⁵⁸ Tratava-se de outro diálogo com uma revista cultural que a publicação argentina procurava estabelecer; os vínculos com as reflexões realizadas em terras mexicanas por grupos diversos de intelectuais (inclusive exilados argentinos) se aprofundaram nos anos seguintes. No fragmento reproduzido, Fuentes comentava o filme *Cet Obscur Objet du Désir*, de 1977, e asseverava como, junto com outro filme clássico de Buñuel, *L'Âge d'Or* (de 1930), a película oferecia “uma visão comum da superação das contradições e do desejo como motivação suprema assim como da nitidez da descrição dos obstáculos sociais, econômicos e psíquicos que se interpõem entre o desejo e o objeto.” (tradução nossa) É visível como a revista tentava oferecer, desde o primeiro número, uma crítica de cinema que fosse além da avaliação psicológica ou temática e que alcançasse o debate acerca do social e do político. Nisso, aliás, continuava **Los Libros**, que se dedicou também à crítica de cinema desde os seus primeiros números, com a participação, entre outros, de Sarlo.

Os números 02 (de maio de 1978) e 03 (de julho de 1978) mantiveram esse princípio de divulgação, via resenhas, de filmes e de exposições de artes realizadas na Argentina e em países da América. Em seções criadas naquelas edições e com existência mais ou menos duradoura, como “Libros”, “Los Libros”, “Punto de Vista señala”, “Cine”, “Vistazo sobre ediciones en el exterior”, livros, mostras, premiações, festivais e o lançamento de novas películas eram resenhados e comentados com maior ou menor adensamento, evidenciando, em outros termos, os limites e as capacidades da censura e as possibilidades ou as impossibilidades de circulação de bens culturais na Argentina em tempos de forte repressão. Artistas plásticos como Diego Rivera e cineastas como Rainer Werner Fassbinder, por exemplo, cujas obras e trajetórias pessoais se vinculavam a leituras críticas de regimes autoritários e os filiavam a tendências de esquerda, foram analisados em **Punto de Vista** a partir de problemas que polemizavam com questões sensíveis ao *Proceso* (a exploração dos trabalhadores, a homossexualidade, para citar apenas algumas) e tiveram suas obras em circulação pela Argentina a despeito da censura.

No número 06 (de julho de 1979), Beceyro publicou “Cine y narración”, o primeiro dos textos de análise dos fundamentos cinematográficos que veiculou na revista. Em diálogo não explícito com a nota publicada sobre Fassbinder por Sarlo no número 03 (sob o pseudônimo de Silvia Niccolini), o autor introduziu um espaço de debate sobre as diferenças entre um cinema descritivo e um cinema narrativo. Longe de se tratar de questão exclusivamente estético-formal, o problema eleito por Beceyro permitia recuperar um debate

⁵⁸ Sobre a revista **Vuelta**, ver o estudo de Silvia Miskulin (2010).

longamente desenvolvido (principalmente pelas esquerdas) nos anos 1960 e 1970 a respeito do realismo em arte e, mesmo antes disso, sobre as possibilidades de representação no cinema. Criticando duramente os filmes que se pareciam com relatos de noticiário e que por isso se tornavam, em sua avaliação, filmes ruins, Beceyro conclui o artigo dizendo: “[...] O mau cinema, o mau filme só proporciona material para o estudo da ideologia, não para a estética.” (Raúl Beceyro, “Cine y narración”, **Punto de Vista**, n. 06, jul. 1979, p. 34, tradução nossa)

As reflexões sobre a linguagem cinematográfica prosseguiram em novo artigo de Beceyro, “Cine e ironia”, publicado no número 08 (de março-junho de 1980). Novamente os exemplos de filmes utilizados eram do cinema europeu e do estadunidense; o propósito era discutir mais amplamente as possibilidades de utilização da ironia enquanto recurso narrativo e de comunicação de determinadas mensagens. Problematicar as formas de narrar uma história era questão que interessava aos escritores de literatura e aos artistas que pretendiam dizer/realizar algo em um contexto autoritário de forma artística e ao mesmo tempo com impacto crítico e social. Nesse sentido, a revista, assumindo a necessidade desses debates, veiculou o texto de Beceyro no mesmo número em que foi publicado o estudo de Pierre Bourdieu “Los bienes simbólicos, la producción del valor”, debatendo a construção social dos gostos estéticos, de certos costumes e práticas culturais e os mecanismos de reprodução de ideias e de valores. Daí o retorno posterior dessas questões em artigos como “Escritura y narración en el cine”, de Rafael Filippelli, publicado no número 29 (de abril-julho de 1987), dedicado à discussão teórica sobre montagem e escrita do cinema, com referências várias a cineastas relevantes desde meados do século XX.⁵⁹ Evidentemente, o complemento e em certa medida o contraponto a esse interesse pelo cinema e pelos bens simbólicos era a atenção conferida à indústria cultural, mais especificamente aos meios de comunicação e ainda mais notadamente à televisão.

Os elaboradores de **Punto de Vista** não pretendiam, com artigos como os de Beceyro, valorizar produções artísticas nas quais, na economia das obras, o estético fosse privilegiado em detrimento do social – e isso já ficou suficientemente esclarecido a esta altura da tese.

⁵⁹ Houve ainda debates importantes sobre o cinema em **Punto de Vista** em praticamente todos os números até o seu encerramento, com destaque para os textos do número 60 (de abril de 1998), advindos das discussões travadas em Santa Fé em 1997, para os dossiês com vários textos publicados nos números 67 (de agosto de 2000), 73 (de agosto de 2002), 79 (de agosto de 2004), 81 (de abril de 2005), 82 (de agosto de 2005) e 90 (de abril de 2008) sobre o cinema argentino em desenvolvimento e sobre as produções do restante do mundo, inclusive de décadas anteriores, definindo outrossim a tradição cinematográfica com a qual os críticos de cinema de **Punto de Vista** haviam dialogado e que consideravam relevante. Evidentemente, em que pese a relevância do material (no qual há reflexões sobre representação, memória, história, política, entre outros elementos), é impossível comentar todos os artigos nesta tese.

Tampouco a revista intentava valorizar a arte que se furtasse ao diálogo com o político: basta relembra o duas vezes mencionado artigo de Filippelli, publicado no número 26 sobre a Realpolitik em arte ou o artigo de Sarlo publicado no número 27; em ambos, os autores defendem um tipo específico de partidatismo em arte oposto às produções a serviço acrítico da política. Valorizam, ademais, uma crítica que não avalie as obras ou objetos da cultura rasamente, desde pontos de vista políticos considerados limitados – vide o debate sobre peronismo e história social do tango suscitado por um artigo de Emilio de Ipola no número 25 (que parece de inspiração “hobsbawmniana”) e continuado pela réplica de Pablo Villa no número 26⁶⁰. Tencionava-se, na revista, estimular a reflexão sobre uma arte em elaboração principalmente na Argentina alheia às possibilidades já evidenciadas por diversos artistas modernos e contemporâneos, denunciando qualquer produção que se entregasse às pressões e aos interesses de mercado e que não servisse à reconstrução ou ao aprofundamento da democracia.

É razoável afirmar que os interesses da revista se concentravam, uma vez mais, na delimitação de certas políticas da cultura, de cânones para as várias linguagens artísticas. O periódico se esforçava para indicar aos seus leitores quais cineastas e filmes europeus e estadunidenses mereciam ou não ser vistos e por quais motivos, justificando-se, em inspiração bourdieusiana, a partir de uma crítica que desvelava e confrontava a construção social de certas preferências ou gostos artísticos então arraigados na Argentina que deixava a ditadura militar. Ao assim se encaminhar, **Punto de Vista** praticamente ignorava a produção cinematográfica na Argentina da época, a qual, entende-se, não era avaliada como relevante conforme os critérios da publicação. A ausência de referências e/ou o silêncio da revista sobre o cinema argentino daquele momento podem ser lidos, enfim, como uma interpretação de uma produção considerada limitada estética e politicamente naquele momento e como uma crítica, via silenciamento, aos grupos de intelectuais e de artistas vinculados a essa produção.

Um número especialmente significativo para a compreensão dessas iniciativas foi o 32 (de abril-junho de 1988), no qual foi veiculado o artigo “Políticas culturales: democracia e

⁶⁰ O tango voltou à pauta como um dos elementos representativos da cultura argentina e especialmente da cultura de Buenos Aires na série “El juicio del siglo”, em um artigo de Rafael Filippelli e de Federico Monjeau no número 86 (de dezembro de 2006). No texto, os autores retomam aspectos da história do gênero ao longo do século XX e explicam a sua condição naquele presente: simultaneamente bastante vivo e (para eles) múltiplo a ponto de quase se descaracterizar. Para uma revista que chegou a publicar um artigo, no número 02 (de maio de 1978), sobre o desaparecimento (à época) das fábricas de instrumentos usados no tango (principalmente de fábricas de bandoneón) e os riscos para a produção musical, a constatação era de que se o tango não havia sido, na década de 2000, completamente revitalizado, seria, “no melhor dos casos, [...] uma bem intencionada arqueologia.” (Rafael Filippelli e Federico Monjeau, “Fue lindo mientras duró. Contribuciones a una crítica del tango”, **Punto de Vista**, n. 86, dez. 2006, p. 22, tradução nossa)

innovación”, de Beatriz Sarlo, e em separata se publicou o ensaio “Transformación social y creación cultural”, do filósofo grego Cornelius Castoriadis, conhecido defensor da autonomia política.

Em seu artigo, Sarlo partiu dos debates suscitados por textos dedicados à discussão das relações entre políticas culturais e democracia, sobretudo daqueles publicados na época pelo chileno Bernardo Subercaseaux e por um conjunto de autores em livro organizado no México por Néstor García Canclini. A preocupação de Sarlo está posta em relação ao desenvolvimento de políticas estritamente formais que não considerassem as desigualdades culturais historicamente desenvolvidas na Argentina, de modo que os problemas não fossem efetivamente questionados. Ademais, em diálogo com vários autores argentinos e, também, com Raymond Williams, discutiu os efeitos da indústria cultural e das tecnologias na delimitação de um campo de criação e de difusão de produções culturais que, para ela, não poderia ser enfrentado pelas políticas puramente formais.

O perigo residiria, demonstrou Sarlo ao longo do texto, na instauração de iniciativas de política cultural desatentas à ampliação do alcance da indústria cultural ou que atuassem em prol de um reforço da cultura de massas. Tratava-se de discutir um âmbito (a política cultural) em que, por meio da televisão, do rádio e do cinema, seria possível hegemonizar criações alheias à inovação estética e ideológica e submeter os setores populares ao mercado como “opção imposta”. A autora ainda advertiu para a existência dos recursos materiais e culturais das camadas médias e dos intelectuais para resistir aos grandes meios, recursos com pouco alcance e penetração em outros setores sociais. Recuperando a defesa da importância da difusão e da circulação de criações culturais inovadoras para setores amplos da sociedade argentina em um momento no qual inclusive seriam discutidas novas leis de comunicações, afirmou:

[...] O novo não pode ser patrimônio de circuitos somente intelectuais ou de um público de elite, assim como a problemática da identidade cultural não pode ser definida desde um centro que vincule seus valores e seus lugares a elementos de dimensões e de origens diferentes. A integração cultural apresenta também aspectos vinculados não somente à reafirmação da identidade mas à comunicação dos diferentes estratos sociais: os intelectuais e os setores médios e populares podem descobrir, manter e ampliar zonas nas quais as especializações, os gostos, os desejos, os saberes dialoguem. Preocupou-me, nessas notas, imaginar que há alternativas possíveis e políticas sensíveis ao novo em todos os seus sentidos, não apenas em uma perspectiva tecnológica. Essa tarefa não foi encarada pela indústria cultural tal como hoje a conhecemos na Argentina. Trata-se de uma encruzilhada na qual se joga o restabelecimento da comunicação dos estratos diferenciados de uma sociedade em que o Estado não pode se resignar somente a

administrar o existente. O espaço do “público”, nos meios de comunicação, ainda precisa ser explorado. (Beatriz Sarlo, “Políticas culturales: democracia e innovación”, **Punto de Vista**, n. 32, abr.-jun. 1988, p. 13, tradução nossa)

Nota-se como, para a autora, a simples oficialização de políticas culturais em um contexto de redemocratização argentina, sem atenção aos demais processos em curso no âmbito da indústria cultural, não seria suficiente para democratizar a participação dos sujeitos na cultura, suas possibilidades de apropriação de diferentes bens simbólicos. Além disso, há no texto um desafio para que os intelectuais refletissem sobre alternativas visando ampliar o acesso dos setores populares a algo mais do que somente a cultura de massas. O artigo, nesse sentido, sintetizava debates até então desenvolvidos na revista e sinalizava para interrogações e desafios específicos da sociedade em processo de redemocratização. Contudo, diante de governos como o de Alfonsín, que em 1988 se fragilizava cada vez mais e demorava a pautar de forma consistente reformas sociais e culturais significativas, os intelectuais precisavam, conforme as sugestões de Sarlo, de Castoriadis e da revisitação e da ressignificação de debates caros às décadas de 1960 e de 1970, vincular criação cultural e transformação social. O ensaio de Castoriadis publicado no mesmo número 32, aliás, enfatiza logo no início como o problema da cultura (e atrelado a ele o da indústria cultural) era uma dimensão do problema político e como, face ao enfraquecimento de diferentes sociedades, o político precisava ser considerado um componente da cultura.

A preocupação com os meios de comunicação, manifesta desde a época de **Los Libros**⁶¹, retornou sob outras bases e diante de outros problemas nesse momento de **Punto de Vista**. Por isso, no número 33, recuperando argumento mencionado no artigo do número anterior, Sarlo se dedicou ao debate a respeito da necessidade de nova legislação dos meios de comunicação na Argentina e explicou como desde 1983 se havia criado um quadro de enfrentamento entre os grupos controladores dos veículos midiáticos e o Estado argentino no qual a população era a maior prejudicada. Em “Una legislación para los mass-media”, asseverou:

Está claro que os meios de comunicação de massas são apenas um dos territórios e dos produtos em disputa. A guerra é contra o estado precisamente em uma sociedade que não necessita apagá-lo mas transformá-

⁶¹ No número 10 de **Los Libros**, de agosto de 1970, foi publicada uma resenha/análise a respeito do conhecido livro de Umberto Eco sobre comunicação de massas no qual expôs suas considerações acerca dos apocalípticos e dos integrados. Os argumentos de Eco nessa obra, não casualmente (o número 10 foi o primeiro em que se publicou um artigo de Sarlo, ainda assinando Beatriz Sarlo Sabajanes), foram recuperados por Sarlo no texto publicado no número 32 de **Punto de Vista**. A partir do número 10, **Los Libros** publicou sistematicamente estudos sobre comunicação de massas, indústria cultural e debates afins, inclusive sobre os usos políticos dos meios de comunicação.

lo para que deixe de ser um espaço colonizado pelos interesses privados e comece a ser um fator fundamental de reparação de desigualdades sociais, culturais, econômicas e políticas. Nesse enfrentamento também se disputa, então, qual estado construiremos para uma Argentina não apenas democrático-liberal. (Beatriz Sarlo, “Una legislación para los mass-media”, **Punto de Vista**, n. 33, set.-dez. 1988, p. 15, tradução nossa)

Como havia dito no texto anterior, a autora reforçou a proposição de que o Estado não poderia se limitar a regular concessões ou produções já existentes, intervindo apenas pontualmente em disputas por monopólios e acesso à informação. “Isso significaria abandonar às desigualdades do mercado uma dinâmica cultural, ideológica e política que afeta, em primeiro lugar, aos setores populares”, reiterou. E, para ela, um dos mecanismos importantes seria a criação de uma legislação, a qual, “se não é tudo”, poderia representar um esforço maior da esfera pública e do Estado para não abandonar a comunicação de massas nas mãos dos grandes grupos privados. Essa preocupação com o abandono do debate público relativo à cultura não estava restrita aos meios de comunicação: no mesmo número 33 se iniciou, com um texto de Adriana Puiggrós – pesquisadora e professora da área de Educação na UBA que também colaborou em **Los Libros** –, a publicação de uma série de artigos tratando da crise do sistema educativo argentino e da necessidade de reformas amplas e urgentes.

É evidente que naquela circunstância a ampliação das dimensões e do alcance da indústria cultural incomodava os autores de **Punto de Vista**. A combinação entre um campo cultural ainda fragilizado, no qual as diversas instâncias de criação artística careciam de incentivos e de ações, e um espaço público cada vez mais apropriado pelos meios de comunicação de massa controlados por grupos privados estimulou na revista mais discussões a respeito. Nunca, a propósito, é demais lembrar que, em fins dos anos 1980 e início dos 1990, a Argentina vivenciou, com a renúncia de Alfonsín em 1989, a derrocada de um projeto político no qual muitos setores investiram esperanças e pelo qual inclusive certos membros do Conselho da revista haviam trabalhado. A ascensão de Menem trouxe, simultaneamente, material para o debate e preocupações.

Tal incômodo frente ao estado geral das ideias e das ações continuou a estimular a publicação de textos acerca das mais variadas produções culturais: Beceyro e Filippelli escreveram cada vez mais sobre o cinema argentino a partir dos anos 1990, momento em que, como indicou Gustavo Aprea (2008), se deu a efetiva retomada da produção cinematográfica no país; Monjeau escreveu sobre a produção musical nacional e internacional, inclusive a respeito de autores pouco conhecidos da música contemporânea; outros escreveram sobre teatro e artes plásticas. Todos destacavam as potencialidades da criação artística para o

estímulo à imaginação de um novo país e para o desenvolvimento efetivo de uma sociedade democrática, que pudesse discutir os traumas recentes de sua história em diferentes suportes e linguagens (literatura, cinema, entre outras) e fosse capaz de problematizar as vantagens e as desvantagens dessas representações artísticas de experiências históricas e de memórias conflituosas e dolorosas no processo de retomada da democracia. Isso foi intensificado em fins da década de oitenta e no início dos anos noventa por conta dos juízos e das condenações aos envolvidos na repressão durante o *Proceso* e, evidentemente, por conta dos indultos e das leis de revogação de condenações e mecanismos afins.

Esse cenário de atenção e de interesse ao debate de temas variados ligados à indústria cultural se converteu na revista em um conjunto de textos contundentes; por exemplo, aqueles três artigos veiculados no número 35 (de setembro-novembro de 1989), em que Altamirano, Beceyro e Monjeau, a partir de diálogos com a obra de Theodor Adorno, problematizaram a indústria cultural. Sarlo, no mesmo número, escreveu artigo dedicado à discussão da presença e da ausência da noção de popular nos debates sobre a história da cultura, mantendo a atenção a uma questão da qual se ocupava na época, a cultura popular – seus livros, desde *El imperio de los sentimientos*, de 1985, tratavam disso de alguma maneira –, e a um desenvolvimento desta de forma diferente do que havia ocorrido mediante as apropriações históricas do peronismo. Nota-se, pois, que a atenção às mais variadas manifestações culturais e às possíveis maneiras de interpretá-las era constante na revista e a convicção de que a cultura era um âmbito de transformação social e política levava a pensar a hegemonização da indústria cultural e dos meios de comunicação.

É possível verificar sinais dessas preocupações, aliás, em textos desde a primeira metade da década de 1980, como em “Historia y ficción”, de Hilda Sabato e Beatriz Sarlo, publicado no número 22 (de dezembro de 1984), no qual as autoras já apontavam o quanto a televisão argentina vinha tornando triviais as suas estratégias de representação e, portanto, estimulando pouco o seu público. Oferecia-se produções muito preocupadas com um estilo de representação de episódios ou de momentos da história argentina, que priorizavam uma suposta fidelidade ao referente em detrimento da criação estética. Tomando como objeto a série televisiva *Los gringos*, que procurava naquela circunstância representar aspectos da história do país em fins do século XIX e início do XX e que lograva ir além de algumas limitações estéticas e de conteúdo recorrentes em produções semelhantes, as autoras debateram como na série foram veiculadas imagens dos setores populares em concordância com valores das elites argentinas do período que se pretendia representar. O realismo, as relações entre história e ficção e entre arte e política eram, enfim, problemas recorrentes nos

textos, tanto naqueles que tratavam das artes quanto em outros sobre os produtos da indústria cultural.

No tocante à televisão, Sarlo se ocupou dela para discutir as possibilidades de utilização política dos meios de comunicação. Afinal, nos anos 1980 e principalmente nos anos 1990, a esfera da política na Argentina foi objeto da cobertura televisiva por motivos variados. Um artigo especialmente relevante a esse respeito foi “El audiovisual político”, publicado pela autora no número 41 (de dezembro de 1991) de **Punto de Vista**. Nas três páginas ocupadas pelo texto, Sarlo ofereceu uma reflexão com um tom semelhante às intervenções que publicaria em seu livro *Escenas de la vida posmoderna*, em 1994: uma análise sintética, aforismática, atenta à velocidade das transformações e à reorganização da dimensão simbólica das sociedades a partir dos meios audiovisuais. E no que diz respeito à televisão entre esses meios, destacou sua preponderância, naquela conjuntura, em relação a outros meios de comunicação como os jornais impressos e o rádio.

Na medida em que o interesse de Sarlo, nesse texto, era discutir as características dos usos políticos dos meios audiovisuais, há uma concentração específica na capacidade que os meios e mais especificamente a televisão possuem para a definição de uma estética para/da política. Ou seja, aquilo que o cinema havia feito décadas antes (na Europa, principalmente, mas também na Argentina e na América Latina) como instrumento político agora era realizado amplamente pela linguagem televisiva, capaz de potencializar a cultura do espetáculo. O alvo do artigo de Sarlo era claro: a política televisiva do presidente Carlos Menem no início da década de 1990. A discussão mais ampla acerca da formulação de padrões de visualidade e de representação, desenvolvida em textos anteriores concentrados em outros objetos, é fundamento do debate nesse e em outros artigos, como o publicado no número 44 (de novembro de 1992) em que a diretora de **Punto de Vista** analisou e criticou um livro sobre a televisão lançado naquele ano pelo estudioso argentino de política e comunicação Oscar Landi.

Percebe-se, enfim, que a revista, desde meados dos anos 1980 e com mais ênfase na transição para os anos 1990, deteve-se nas políticas culturais e, mais especificamente, nas possibilidades de intervenção do Estado e dos intelectuais na definição dessas ações de desenvolvimento da cultura. As disputas pelas políticas culturais eram consideradas significativas em uma conjuntura marcada por aquilo que os intelectuais com os quais **Punto de Vista** dialogou (e que a revista publicou, como Peter Bürger, Jürgen Habermas, Michel Foucault, entre outros) consideravam ser uma época de crise da modernidade e de eventual ascensão da pós-modernidade, com seus respectivos efeitos (entre eles, perda de importância

das utopias e das vanguardas, ampliação do domínio da tecnologia sobre a sociedade e fragmentação dos saberes). Vê-se então na revista, nos anos 1990, as publicações de traduções e de repetidos textos com resenhas críticas ou com referências a obras ou a autores que analisavam a arte e o mercado na modernidade, como Walter Benjamin, Theodor Adorno, Pierre Bourdieu, além do delineamento de um olhar crítico atento à necessária interpretação da visualidade em formação graças aos meios audiovisuais. Havia nos artigos, como no caso de “El relativismo absoluto o cómo el mercado y la sociología reflexionan sobre estética”, publicado por Sarlo no número 48 (de abril de 1994), avaliações da falta de posturas intelectuais menos afeitas à passividade e à assunção de um discurso de que todas as produções artísticas eram válidas, gerando concordâncias em princípio impensáveis entre mercado e sociologia da cultura.

A revista atingiu seu número 60 (de abril de 1998), como se disse, dispondo-se a publicar um conjunto de textos dedicados à reflexão a respeito das artes e da cultura na Argentina entre 1957 e 1997. Com Monjeau, Corrado e Gandini debatendo a música contemporânea, Filippelli e Beceyro problematizando as diferentes perdas estéticas no cinema industrial, entre outros textos, enxergava-se uma série de sínteses dos discursos proferidos pela revista durante os anos 1990. É notável como desses debates não participaram, ao menos nas publicações, fundadores da revista como Carlos Altamirano e Hugo Vezzetti e uma das suas diretoras, Hilda Sabato. Aliás, como se disse, de meados dos anos 1990 a meados da década seguinte, de modo gradativo, é indiscutível a presença cada vez menor, como autores de artigos, de Sabato e de Gramuglio – Altamirano ainda se manteve mais presente nos debates da política. Entre o número 45 (de abril de 1993) e o número 90 (de abril de 2008) também houve poucos textos coletivos – os debates coletivos foram essencialmente reproduções de reuniões – e quase nenhum editorial aos moldes dos primeiros publicados inicialmente na década de 1980.

O número 60 é, nesse sentido, a síntese de um projeto desenvolvido ao longo da década de noventa e ao mesmo tempo um momento de aprofundamento e de abertura para as reflexões cada vez mais detidas acerca das características artísticas, midiáticas e audiovisuais das sociedades contemporâneas (com destaque para a Argentina, país em que, diz o editorial do número 60, poucos estariam dispostos a meditar sobre esses temas). Em artigos que desde o início da década foram se adensando e se tornando um pouco mais extensos, publicados em uma revista que passou a ter apenas artigos e excluiu outras seções, nota-se da mesma maneira um esforço de se diferenciar dos vários suplementos culturais que apareceram na

Argentina naqueles tempos, como sugerem os argumentos de Sarlo na entrevista a Mercader e a García. (SARLO, 2012)

Constantemente atenta à visualidade e às suas relações com a política, **Punto de Vista** continuou a publicar, no início dos anos 2000, textos concernentes à fotografia, ao cinema e às artes plásticas, tentando problematizar os lugares dessas linguagens em sociedades em processo de redemocratização como Argentina, Chile e Brasil e as vinculações ou desvinculações desses objetos da cultura com a leitura crítica da história recente. Em sociedades como a Argentina, nas quais o acesso a diferentes tecnologias se ampliava consideravelmente e em ritmo acelerado, a publicação procurou acompanhar a aceleração própria a arranjos populacionais, políticos e culturais em crescimento e em reorganização. Daí parece vir o estímulo ao estabelecimento dos estudos sobre cultura urbana como eixo condutor da revista nos anos 2000, garantindo a ela um mínimo de organicidade e de coesão em meio à crescente dispersão de objetos, de temporalidades e de temáticas abordadas. Mas, se tal movimento no periódico renovou o conjunto de colaboradores da revista e atraiu inclusive diversos autores que refletiam sobre questões semelhantes em outros lugares como na Europa, levou também à degradação definitiva das sociabilidades desenvolvidas até então, culminando no afastamento de Altamirano, de Gramuglio e de Sabato em 2004.

Ainda foram abordados alguns dos eixos desses debates dos anos 1980 e 1990 – arte e política, representação e estética, expansão e hegemonização dos meios de comunicação, televisão, vanguardas artísticas –, em olhar retrospectivo, no texto de Adrián Gorelik, “Preguntas sobre la eficacia: vanguardias, arte y política”, do número 82 (de agosto de 2005), e em artigos veiculados no número 85 (de agosto de 2006). Vale a pena transcrever um trecho do artigo de Gorelik, publicado nos anos derradeiros da revista, para apreender a perspectiva que a publicação havia desenvolvido até então a respeito dos debates mencionados acerca dos vínculos entre arte e política, para mostrar de que modo a produção da revista desde os anos 1990 havia se articulado a demandas sociais e culturais mais amplas na Argentina e para ver como seus diretores compreendiam os desafios a serem enfrentados doravante pela sociedade argentina no âmbito da cultura:

[...] Na segunda metade dos noventa se acentuou o interesse do campo acadêmico pelo movimento artístico dos anos sessenta, esse núcleo mítico das vanguardas argentinas com o que qualquer reflexão sobre a arte e a política deve ser medida: galerias e museus empreenderam ambiciosas mostras históricas; a crítica internacional renovou seu interesse pela arte política das regiões periféricas (condenadas a pagar na moeda do compromisso social e política seu direito a existir no mundo da arte globalizada); finalmente, a crise que eclodiu em 2001 ofereceu um terreno

novamente fértil para que a clássica pergunta do artista moderno sobre a projeção política de sua obra se revalidasse socialmente.

A crise deu visibilidade aos artistas que haviam mantido uma obra de denúncia social e política nos anos anteriores [...]; colocou novamente em vigência a obra de artistas que não haviam abandonado desde os anos setenta sua experimentação no conceitualismo político [...]; e, sobretudo, rearticulou o universo temático e as formas de produção dos artistas através da irrupção de uma realidade de miséria, catadores [*cartoneros*], fábricas tomadas e piquetes (alimentada também, independentemente da vontade dos protagonistas, pelo circuito internacional). A crise produziu, ademais, uma confluência com a linha principal de relação entre arte e política trilhada durante a transição democrática: os direitos humanos. A denúncia das violações da ditadura e a memória haviam sido o canteiro privilegiado para a experimentação política da arte argentina. Poder-se-ia dizer que a crise desengatou a relação entre arte e política de sua vinculação com esta temática e lhe deu um caráter problemático que a causa dos direitos humanos parecia ter eludido. Assim, hoje atravessamos um desses momentos em que se torna evidente, parafraseando o célebre início de Adorno, que nada na relação entre arte e política é evidente. (Adrián Gorelik, “Preguntas sobre la eficacia: vanguardias, arte y política”, **Punto de Vista**, n. 82, ago. 2005, p. 6-7, tradução nossa)

Punto de Vista conseguiu apenas parcialmente identificar e analisar essa produção mencionada por Gorelik, estimulada pela crise de 2001, afinal, encerrou suas atividades antes do fim da década. Especialmente nos trabalhos de vários autores dedicados à literatura e ao cinema produzidos na Argentina, nos estudos de Hugo Vezzetti de discussão da memória, da história e da sociedade e nos textos da série “El juicio del siglo”, iniciada por Sarlo no número 84 (de abril de 2006), houve a incorporação de tais objetos da cultura vinculados à história muito recente, efetivamente em curso. Essa incorporação na revista levou em consideração a mencionada (por Gorelik) hegemonização dos direitos humanos enquanto material para a criação artística, mas não se esgotou nessa produção e continuou a tentar discutir as elaborações possíveis, inclusive da indústria cultural. Isso se pode inferir no segundo artigo da série “El juicio del siglo”, intitulado “Medios, públicos, pasados”, da especialista argentina em meios de comunicação Mirta Varela, publicado no número 85 (de agosto de 2006).

O início do artigo de Varela é categórico: “O século vinte é o século dos meios de comunicação.” Contudo, para evitar qualquer tipo de generalização – afinal, diz, a afirmação pode ser interpretada de maneiras diversas –, a autora identificou naquele momento a possibilidade de escrever a história dos meios graças à sua maturidade: “[...] digamos que já é possível avaliar o lugar dos meios na sociedade pelos vestígios que deixaram e não por aquilo que prometem.” Consoante aos propósitos da série “El juicio del siglo” e em busca da compreensão da história dos meios de comunicação na Argentina ao longo do século XX,

intentou particularizar essa história sem perder de vista suas conexões com os processos históricos internacionais.

Varela recuperou, para tanto, as vinculações entre o desenvolvimento específico da modernidade no país e o desenvolvimento dos meios de comunicação, interrogou as características da televisão argentina na cultura daquela sociedade desde meados do século XX e analisou as relações entre o público e o privado e a ausência do Estado nos debates referentes aos meios de comunicação e especialmente à televisão a partir dos anos 1980 e da redemocratização. Tratou dos usos políticos da televisão (debate conduzido em **Punto de Vista** destacadamente por Sarlo, como se mostrou), interpretou as apropriações e representações do passado argentino pelos meios e terminou discutindo como a “paisagem midiática” daqueles anos estava irremediavelmente atravessada pela internet, para constatar o necessário aprofundamento dos estudos sobre as características das representações produzidas e veiculadas pelos múltiplos meios de comunicação de fins de século, elaborações culturais e outrossim políticas em seus propósitos e em sua circulação e destinação.

Nesse sentido, como revelaram os artigos comentados, até o início da década de 2000 em **Punto de Vista** os fundamentos da crítica à indústria cultural e a uma arte regulada pelo mercado se mantinham e constantemente se atualizavam na publicação. Se a televisão e os meios de comunicação já haviam se transformado em objetos melhor compreendidos por diversas áreas do conhecimento (conforme demonstrou Varela em seu artigo), os textos esclareceram que as características da sociedade também haviam mudado muito: a Argentina dos anos 2000, que quase naufragou economicamente em uma crise de grandes proporções no início da década, havia travado outras lutas pela manutenção e aprofundamento da democracia e começava a se distanciar de algumas causas dos anos 1980 e 1990 para assumir outras, artisticamente e midiaticamente. De qualquer maneira, como mostrou o fragmento citado do texto de Gorelik no número 82, certos problemas concernentes aos objetos da cultura foram conservados e ressignificados na década de 2000 e era preciso debatê-los junto a outras questões emergentes, como procurou fazer **Punto de Vista**, mantendo seu projeto de mapeamento e de intervenção na cultura, assim como de colocação no campo estético.

Parte expressiva dessa Argentina reconfigurada espacial, política, cultural, social e economicamente se devia às iniciativas e às reflexões desenvolvidas pelo Estado, por atores sociais e por instituições e intelectuais diversos, desde os anos 1980, no campo da Arquitetura, da urbanização e de áreas afins. Essas ações foram objeto de reflexão em **Punto de Vista** e se converteram, a partir dos anos 1990, em um dos pilares do projeto editorial,

tendo à frente Adrián Gorelik⁶². Para que se encerre adequadamente o percurso proposto nesse capítulo, é indispensável analisar tal produção.

Adrián Gorelik começou a publicar em **Punto de Vista** no número 32 (de abril de 1988), em texto escrito com Graciela Silvestri e Anahí Ballent, também arquitetas. Responsabilizou-se, individual ou coletivamente, pela publicação de 35 artigos e textos diversos (como entrevistas) até 2008, ocupando portanto um lugar de destaque entre os colaboradores mais consistentes e quantitativamente mais expressivos da revista. No período entre os números 26 (de abril de 1986) e 44 (de novembro de 1992), publicou 07 textos, e a sua participação se avolumou, efetivamente, entre o número 45 (de abril de 1993) e o número 90 (de abril de 2008), período em que publicou 28 textos. Ou seja, Gorelik foi um dos autores de quase metade dos 74 textos publicados pelo periódico nos quais, de alguma maneira, os debates sobre a cidade, a arquitetura e urbanização apareceram.

Em entrevista conferida a Ana Castro e a Joana Mello, publicada na revista **Novos Estudos**, do CEBRAP, em 2009, o arquiteto argentino explicou brevemente a sua formação universitária na Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo da Universidad de Buenos Aires (FADE-UBA) entre 1975 e 1982, uma universidade ainda esvaziada academicamente pelas intervenções ditatoriais, o que o estimulou a buscar a militância política em fins da década de setenta e início dos anos oitenta. Também destacou o processo de aproximação com aquele que se tornou seu orientador e mentor, Jorge Francisco “Pancho” Liernur, arquiteto que havia retornado à Argentina em 1977, vindo de um período de estudos em Veneza com o arquiteto italiano Manfredo Tafuri⁶³. Pancho Liernur se integrou a *La Escuelita*, “uma instituição privada formada dois anos antes por alguns dos arquitetos mais destacados dos anos de 1960, criando ali um grupo, sob o nome Programa de Estudios Históricos de la Construcción del Habitar (PEHCH) [...]” (GORELIK, 2009, p. 237) Após o seu contato com Liernur e a sua aproximação, naqueles anos, com Graciela Silvestri, também

⁶² Cabe destacar que no número 36 de **Los Libros**, de agosto de 1974, havia sido publicado um pequeno dossiê sobre o desenvolvimento de projetos de urbanização em Buenos Aires e em Rosario. Em uma crítica muito mais concentrada em referências teóricas de denúncia do capitalismo e do grau de dependência desses projetos, a revista ofereceu uma discussão interessante sobre temáticas que, como se verá, continuaram a interessar em **Punto de Vista**, principalmente em virtude do aprofundamento dos vínculos entre políticas urbanas e mercado. Ao término dos artigos dedicados ao tema naquele número de 1974 disponibilizou-se uma bibliografia fundamental para que os interessados pudessem ler e compreender os debates essenciais a respeito, lista composta por referências específicas das áreas de Arquitetura e urbanismo e por obras gerais de teoria social, econômica e política. Outros textos sobre arquitetura foram veiculados em **Los Libros** ao longo dos seus 44 números, a maioria voltada a uma crítica política dos usos da arquitetura pelo mercado.

⁶³ Respeitando essa herança intelectual, Fernando Aliata, Anahí Ballent, Adrián Gorelik e Graciela Silvestri, todos vinculados a Liernur e autores em **Punto de Vista**, publicaram, no número 49 (de agosto de 1994), um artigo em homenagem a Tafuri, falecido em fevereiro daquele ano. No texto, apresentaram a obra do arquiteto veneziano e ao mesmo tempo indicaram alguns dos motivos pelos quais foi importante para a área no século XX. Ademais, traduziram e publicaram no mesmo número uma aula inédita de Tafuri.

graduada em Arquitetura na FADE-UBA e orientanda de Liernur, Gorelik se juntou (com Silvestri e outros) “ao grupo de Pancho em 1983”. O futuro subdiretor de **Punto de Vista** definiu da seguinte maneira essa experiência intelectual na entrevista de 2009:

[...] Pancho não só construiu o ambiente no qual iria se dar nossa formação como historiadores, como nos colocou em contato com dois grupos político-culturais chaves na transição argentina e determinantes na minha trajetória futura: o grupo da revista *Punto de Vista* e o grupo de exilados que estavam voltando do México que, juntos, criariam o Club de Cultura Socialista. Esses intelectuais nos deram uma base teórica mais sólida, uma rede de relações com as figuras que estavam refundando as ciências sociais e as humanidades no país e, especialmente, um vínculo inestimável com a experiência político-intelectual dos anos de 1960, por meio de cursos privados e semiformais. Entre eles, vale mencionar Beatriz Sarlo (que estava desenvolvendo sua revisão da vanguarda literária argentina, interessada nas pontes com os temas da cultura urbana e arquitetônica), Carlos Altamirano (que nos apresentava a autores como Pierre Bourdieu e Raymond Williams, ou dava cursos sobre Adorno), Hugo Vezzetti (responsável por aulas sobre Freud e Foucault) e Jorge Dotti (professor de filosofia). Entre os que retornavam do México, merecem destaque Pancho Aricó (criador da revista e da mítica editora do marxismo latinoamericano, *Pasado y Presente*, com quem tínhamos lições de Marx, Gramsci e Benjamin) e Oscar Terán (responsável por cursos sobre Nietzsche e Foucault). Essa formação coletiva e em boa medida autodidata teve um conteúdo fundamentalmente político-intelectual. Na velha tradição de cultura da esquerda, esses seminários formavam parte de uma experiência de conhecimento que não tinha nenhuma aspiração acadêmica, já que era inimaginável na Argentina desses anos, 1982-1984, que esses saberes pudessem confluir em uma “carreira”. Nenhum de nossos intelectuais-guia havia feito um doutorado nem mesmo estavam na Universidade (ainda que alguns deles rapidamente se convertessem em pilares da sua reconstrução), nem nos parecia que pudesse ser de outro modo. A formação era vista como uma parte essencial da militância intelectual e política. No entanto, já em fins da década de 1980 começava a ficar evidente que estavam surgindo vias institucionais para consolidar trajetórias de pesquisa. Foi a partir daí que pudemos seguir uma carreira acadêmica, e não tenho dúvida de que ela ficou marcada de modo indelével por essa formação ampla, que nos dava uma idéia aberta sobre nossos objetos de estudo, a cidade e a arquitetura, vistos como um universo de fronteiras extensas, no qual os mundos da história, da crítica cultural e política, da literatura, da sociologia e da filosofia se mesclavam com muita naturalidade. (GORELIK, 2009, p. 238)

Alguns aspectos dessas declarações de Gorelik merecem destaque. Em primeiro lugar, nota-se mais um exemplo da importância, desde os anos 1960, de redes de sociabilidade cultural, política e intelectual, de maneira ampla, para a formação teórica dos indivíduos que passavam pelas universidades argentinas sucateadas material e humanamente pelas seguidas ditaduras. Ainda mais para alguém que ingressou na universidade um pouco antes do golpe de 1976 e nela permaneceu como estudante de graduação até 1982. Isso não impediu a politização do âmbito universitário, tanto quanto a ditadura não foi capaz, no caso desses

intelectuais ligados a **Punto de Vista**, de acabar com sua articulação e com os seus espaços formativos, existentes desde antes e mantidos durante o *Proceso* e após o fim do regime. Exatamente pela ausência da universidade como referência significativa em termos intelectuais, vê-se, ademais, como **Punto de Vista** se converteu, junto a outros grupos e espaços como o do Club de Cultura Socialista, em âmbito de aglutinação de indivíduos e de discussões em curso na Argentina dos anos 1970 e 1980, a ponto de atrair exilados que retornavam e assimilar Liernur e seus orientandos/alunos (Gorelik, Silvestri e Ballent, entre outros), os quais começaram a publicar na revista ainda na década de oitenta.

Merece relevo, além disso, o trecho final do fragmento transcrito, quando o entrevistado valorizou a “formação ampla” e “autodidata” oferecida nas reuniões informais pelo grupo de intelectuais com o qual conviveu, resultando, para ele e outros, na estruturação de um caminho interpretativo em que “a cidade e a arquitetura [...] [eram] vistos como um universo de fronteiras extensas, no qual os mundos da história, da crítica cultural e política, da literatura, da sociologia e da filosofia se mesclavam com muita naturalidade.” Esses objetos de estudo se tornariam, aos poucos, o cerne de uma área de proposições analíticas, a história cultural urbana, amplamente experimentada e praticada em **Punto de Vista**. Isso foi, inclusive, explicitado pelos membros do Conselho de Direção na entrevista concedida em 2003 a Daniel Link:

Sarlo: Creio que se se examinam os últimos 10 anos, eu diria desde a incorporação de Adrián (Gorelik) e um pouco antes, uns anos antes, pode-se ver quais são os campos que a revista contribuiu para fortalecer como campos de pensamento na cultura. Creio que a revista foi muito forte no que diz respeito à reflexão sobre cultura urbana, por exemplo. Creio que nos últimos 5, 6 anos, ao redor da revista há pessoas muitíssimo mais jovens do que nós (ou nem tanto), que estão desenvolvendo uma forma de pensar o cinema que me parece que não se confunde nem com a crítica acadêmica de cinema nem com a reduplicação que realiza a crítica dos meios. Ou seja, poder-se-ia dizer que há duas zonas, como são a cultura urbana por um lado e o cinema por outro, que não foram clássicos da revista no seu começo, e que são, em princípio, a obsessão pessoal de alguns membros, isto é, de Adrián (Gorelik), muito fortemente, de Rafael (Filippelli), que aproxima toda uma quantidade de gente mais jovem e que sensibiliza a revista para duas áreas, digamos, que me parecem importantes. Portanto, a revista arma então uma espécie de sintaxe com alguns temas que me parece que a vão marcando. Isso me parece fundamental; se a revista não estivesse em condições de gerar novas relações intelectuais, a revista envelheceria de maneira lamentável. Daí que, para mim, a incorporação de Adrián é uma incorporação capital, no sentido de que gera novas relações intelectuais, a ampliação do conselho de redação, onde está Federico (Monjeau), onde está Rafael (Filippelli), Ana (Porrúa)... [...].

Gorelik: Na prática que alguns de nós desenvolvemos sobre cultura urbana, efetivamente enfocamos fortemente a cultura urbana como um problema da cultura intelectual. [...]. (LINK, 2003, tradução nossa)

Portanto, é perceptível que a revista se aproximou da cultura urbana, objeto que em sua constituição entrecruza olhares da Arquitetura e de outras áreas do conhecimento, gradativamente, a partir dos anos 1990. Mas os intelectuais que se tornaram referências nessa área e que utilizaram **Punto de Vista** como plataforma para os seus debates – Gorelik, Silvestri, Ballent – haviam se aproximado das redes de sociabilidade da revista ainda em meados dos anos 1980 e esse contato foi decisivo para que pudessem compartilhar das perspectivas de interpretação debatidas pelos intelectuais mencionados por Gorelik em sua entrevista e outros. Assim, esse grupo de pensadores da cultura urbana, capitaneado por Liernur, trouxe a **Punto de Vista** propostas de leitura que já eram, em alguma medida, tributárias do olhar desenvolvido na revista e em torno dela. Se a história cultural urbana, como disse Gorelik na entrevista de 2009 a Castro e a Mello, não é uma disciplina, mas mais propriamente um cruzamento de perspectivas, muitos desses cruzamentos começaram e continuaram em **Punto de Vista**.

Pode-se dizer que o primeiro estudo mais especificamente destinado à discussão da cidade apareceu no número 16 (de novembro de 1982). Em um número do periódico bastante marcado pela possibilidade democrática posta em fins do ano de 1982⁶⁴, o cientista político, especialista em administração pública e futuro membro do governo Alfonsín, Oscar Oszlak, discutiu no artigo “Los sectores populares y el derecho al espacio urbano” a interdição do acesso dos setores populares ao espaço urbano, delimitada gradativamente a partir de planos urbanísticos de Buenos Aires estruturados desde o início do *Proceso*. Para ele, desde uma deliberada segregação geográfica e ecológica, o resultado principal foi a criação de uma “cidade ‘branca’, cujos habitantes deviam merecer o direito a viver nela.” (tradução nossa) Esse artigo de Oszlak, aliás, foi o único a abordar questão própria à cidade até o número 20 (de maio de 1984) de **Punto de Vista**, e entre os números 21 (de agosto de 1984) e 30 (de julho de 1987) foram publicados apenas mais dois textos a respeito (inclusive o primeiro de Liernur, no número 27, de agosto de 1986), com o número crescendo, obviamente, a partir do número 32, em que participou Gorelik.

Foi o número 30 (de julho de 1987) que trouxe, em separata, o primeiro texto mais contundente em prol da construção de uma trajetória de debates no periódico: “La idea de

⁶⁴ A discussão sobre a democracia está explicitada tanto na capa, cuja primeira chamada é “Democracia en la Argentina”, quanto no texto de Oszlak e principalmente na entrevista com Adolfo Pérez Esquivel à qual a capa faz referência.

ciudad en el pensamiento europeo: de Voltaire a Spengler”, do historiador Carl Emil Schorske, então já muito conhecido por seu livro *Fin-de-siècle Vienna: Politics and Culture*, lançado em 1980 e vencedor do prêmio Pulitzer de não ficção em 1981. No ensaio, traduzido de uma coletânea publicada em 1963, Schorske oferece uma precisa história da constituição da ideia de cidade entre autores europeus, ao mesmo tempo em que mostra como a delimitação da cidade como um problema do pensamento se relacionava às transformações sociais e materiais europeias entre os séculos XVIII e XIX, como uma questão da modernidade. Trata-se, evidentemente, de material capaz de subsidiar debates provavelmente em curso na Argentina naquela conjuntura de fins dos anos oitenta, na qual paradoxalmente, mostrou o arquiteto Raúl Fernández Wagner em seu livro, não ocorreram grandes transformações urbanas e não se desenvolveram políticas públicas relevantes a respeito, mesmo com a retomada, graças à redemocratização, dos debates sociais sobre processos e conflitos urbanos. (FERNÁNDEZ WAGNER, 2008, p. 10)

No intuito de localizar as especificidades da modernidade em terras latino-americanas e argentinas, o número 32 (de abril-junho de 1988) trouxe o mencionado artigo de Ballent, Gorelik e Silvestri, “Ante las puertas de la ciudad: Zarathustra o su mono”, por meio do qual os três autores estabeleceram um debate com o filósofo e ensaísta Ricardo Forster, que havia publicado no número 31 (de novembro-dezembro de 1987) o estudo “Perplejidades de la modernidad”. Reivindicando uma abordagem mais atenta aos processos históricos controláveis para fundamentar as conclusões enunciadas (o que, para os três, Forster não conseguiu realizar), os autores problematizaram o tratamento das vanguardas históricas (dos anos 1910-1930) e, entre essas, especialmente dos movimentos vinculados à Arquitetura como movimentos unificados ou unívocos, perdendo uma de suas características mais importantes, a multiplicidade de propostas e de projetos, que demandaria maior cuidado no trato e na interpretação das experiências históricas.

Ou seja, apesar de reconhecerem alguns acertos de Forster e se mostrarem convictos, como também sugere o artigo criticado, de que “boa parte de nossos problemas mais atuais encontram uma ressonância enriquecedora nas reflexões, nos temas, nas preocupações dos protagonistas das vanguardas”, Ballent, Gorelik e Silvestri não concordaram com a leitura realizada, desatenta, para eles, às complexas temporalidades e às diversas imbricações entre os movimentos que compuseram as chamadas vanguardas históricas, definidas por Forster, conforme os seus críticos, de maneira válida, mas homogeneizante e genérica, encobrendo suas profundas e significativas diferenças. Importa, de qualquer maneira, recuperar nessa crítica dos três autores a Forster a proposição de que as vanguardas do início do século XX

teriam algo a oferecer para o esclarecimento de problemas das sociedades atuais, modo de pensar os vínculos históricos com o qual certamente os diretores de **Punto de Vista**, estudiosos dos movimentos de vanguarda na Argentina, concordavam naquele momento.

O debate teve ainda uma réplica de Forster, “Las otras puertas del burdel”, e uma tréplica de Ballent, Gorelik e Silvestri, “Vanguardias: filosofía e historia”, ambos os textos publicados no número 33 (de setembro-dezembro de 1988)⁶⁵. Com justiça, Forster aponta em sua réplica certa restrição crítica do artigo de avaliação do seu estudo, porque os três autores estiveram excessivamente concentrados nas questões arquitetônicas e pouco atentos aos outros debates envolvidos. Por outro lado, na tréplica os três autores assinalaram que Forster não se dedicou a esclarecer melhor, na sua réplica, um dos aspectos fundamentais da crítica a ele feita, que dizia respeito à “incompreensão das mediações e articulações entre produção intelectual e produção da cidade”. Desvelam-se no debate não somente diferentes concepções de história e formas diversas de compreender certos aspectos da modernidade, mas outrossim posições críticas diferentes sobre o papel da arquitetura no período de desenvolvimento das vanguardas históricas. Sem se esgotar, contudo, o debate se encerrou nesse número.

A partir do número 37 (de julho de 1990, ilustrado com desenhos de Le Corbusier), as discussões sobre arquitetura, cidade e urbanização se “argentinizaram”, com o artigo de Silvestri e de Gorelik, “Paseo de compras: un recorrido por la decadencia urbana de Buenos Aires”. Os autores começaram o texto relembrando o protesto ocorrido em fins de 1982 contra a demolição de um mercado e a construção de um shopping em Buenos Aires e afirmaram que nos quase dez anos passados desde então (o shopping “La Plaza” foi construído e outros vieram depois dele, em circunstâncias semelhantes) se notava uma decadência da cidade e das possibilidades de protestos de arquitetos e de intelectuais para a resolução de problemas da cidade. Tratava-se de dizer que os rumos das cidades e mais especificamente de Buenos Aires pareciam, surpreendentemente, interessar a poucos em tempos mais democráticos do que em 1982, quando o protesto foi capitaneado pela Sociedad Central de Arquitectos (à qual Liernur pertencia) e pela Faculdade de Arquitectura da UBA.

Começavam a ser elaborados e efetivados, naqueles anos, projetos como os de reconstrução das áreas portuárias de Buenos Aires, que afetaram profundamente a cidade, a sua história e a maneira de habitá-la e de pensá-la. Essas transformações de edifícios que mereceriam ser preservados em espaços voltados principalmente aos usos comerciais não apenas des-historicizavam e des-patrimonializavam as construções e seus entornos, como

⁶⁵ A partir do número 33, a revista começou a não apresentar mais outras seções além dos editoriais, artigos e réplicas.

colocavam em prática alterações arquitetônicas, afirmaram os autores do texto, de mais fácil aceitação, de menor complexidade, diminuindo consequentemente as possibilidades de acesso da população a experiências de visualidade e de espacialidade mais desafiadoras e historicamente significativas. Gorelik e Silvestri terminaram o texto advertindo:

Parece que estamos ainda um passo mais longe do que gostaríamos: são apenas as condições de possibilidade para um debate sobre Buenos Aires o que devemos construir. Mas não se trata de debates técnicos sobre o que fazer em um ou outro tema urbano; é a própria possibilidade de pensar a cidade desde uma perspectiva socialista o que deve ainda recuperar. (Graciela Silvestri e Adrián Gorelik, “Paseo de compras: un recorrido por la decadencia urbana de Buenos Aires”, **Punto de Vista**, n. 37, jul. 1990, p. 28, tradução nossa)

Demandava-se uma cidade democrática, imaginada e projetada para ser experienciada por todos os sujeitos. Entretanto, a Argentina se transformava em vários aspectos após a retomada da democracia e, como afirmou Fernández Wagner, os anos dos governos de Menem foram marcados por expressivos impactos das políticas sobre o território, convertendo as “cidades e o espaço urbano em plataforma de múltiplos negócios para capitais internacionais.” Asseverou também o autor:

[...] Privatização dos serviços públicos, negócios imobiliários (em grande medida associados à venda de terras públicas), novos equipamentos comerciais e urbanizações privadas serão os emergentes mais visíveis de uma transformação territorial que será histórica. Ações que não se detiveram ainda hoje, também em grande medida por serem parte de um processo global. Em termos de políticas urbanas, o instrumental técnico-administrativo neoliberal instalará a visão do rol competitivo das cidades (no contexto global) baseado em sua produtividade e capacidade de se vender como produto. A planificação estratégica paulatinamente começará a ser utilizada em algumas cidades e regiões em crise e também aqui se começará a falar de “desenvolvimento local”. (FERNÁNDEZ WAGNER, 2008, p. 11, tradução nossa)

Se os anos de Alfonsín não trouxeram transformações significativas para os debates e para a elaboração de novos projetos para as cidades argentinas, os anos de Menem implicaram, enfim, a incorporação dessas cidades em projetos mais amplos de ocupação comercial dos espaços. Por isso, essa tomada de consciência dos intelectuais e dos especialistas era tão urgente, como disseram Gorelik e Silvestri no número 37, e não por acaso os dois autores voltaram a debater essas questões no número 39 (de dezembro de 1990), no artigo “Réquiem para el puerto. El pensamiento urbano y las transformaciones de la ciudad”. Nele, efetuaram uma análise histórica de diferentes propostas de intervenção e de transformação em Puerto Madero, indicando potencialidades e problemas em cada uma delas.

Discutiram, enfim, políticas públicas para o espaço, como também maneiras de concebê-lo e de definir seus usos. Em uma circunstância (início dos anos 1990) na qual se efetivava o Plan Estratégico del Antiguo Puerto Madero, lembrar como a cidade havia sido e como a haviam imaginado ao longo do século XX era importante, como o fez Gorelik em “Miradas sobre Buenos Aires: itinerarios”, artigo do número 41 (de dezembro de 1991) em que se pratica a história cultural urbana capaz de entrecruzar perspectivas e áreas, principalmente a historiografia, a arquitetura e a literatura e autores como Carlos Real de Azúa, Richard Morse e José Luis Romero.

Imaginar novas possibilidades para as cidades era muito relevante em uma sociedade que se reconstruía política e culturalmente, que precisava definir suas políticas da cultura em relação às cidades, por isso o número 42 (de abril de 1992, o primeiro com Gorelik como membro do Conselho de Direção) veiculou textos resultantes da jornada “Utopía y Ciudad”, realizada pelo Club de Cultura Socialista em sua sede em dezembro de 1991. Entre os textos constam, novamente, trabalhos de Ballent, Gorelik e Silvestri, além de um importante ensaio de Sarlo sobre a cidade na obra de Roberto Arlt. Gorelik e Silvestri, a propósito, analisaram em “El pasado como futuro. Una utopía reactiva en Buenos Aires” (artigo do número 42) de que maneira, nos anos 1930, foram produzidas representações capazes de sedimentar leituras utópicas sobre a cidade produzidas no início do seu processo de modernização, nas últimas décadas do século XIX, ainda que as transformações efetivadas não correspondessem ao que as elites haviam pretendido. Emergiu de algumas leituras uma Buenos Aires predestinada, desde a sua fundação no período colonial, 400 anos antes, àquela materialização naquele presente e, conforme os autores, essa imagem da cidade não apenas havia se consolidado como dificultava repensá-la em certas limitações. O texto revela como os anos 1930, destacados pelos esforços dos intelectuais para produzir interpretações do “ser nacional”, haviam abrigado ademais a elaboração de leituras sobre a cidade de Buenos Aires como espaço de formação dessa nação.

Nesse percurso de interpretação da história da cidade na Argentina, era necessário incorporar referências que garantissem uma crítica adequada da modernização e da modernidade em terras latino-americanas. Esse processo começou com a publicação do texto de Schorske no número 30 e certamente foi continuado no número 43 (de agosto de 1992), com a publicação da tradução efetuada por Sarlo de “Moda, espejos y pasajes”, material

composto por duas seleções e por dois pequenos ensaios de Walter Benjamin⁶⁶, vertidos à língua espanhola a partir da edição italiana dos célebres estudos benjaminianos sobre as passagens de Paris. Tratava-se de um autor fundamental para os debates relativos à modernidade e à cidade, divulgado praticamente na mesma época da circulação mais ampla de *Una modernidad periférica* (lançado em 1988). No mesmo número, aliás, Graciela Montaldo publicou “De pronto, el campo”, discutindo modernidade, cidade e campo na Argentina na passagem do século XIX para o XX e com interessante atenção às representações do rural e do campo na literatura argentina.

A revista assumiu, pois, o compromisso de demonstrar a necessidade do debate acerca da cidade enquanto um problema cultural, político e histórico que incidia nas vidas das pessoas, em suas identidades e até mesmo em suas projeções de futuro. Por isso, no número 44 (de novembro de 1992), Adrián Gorelik publicou “Intelectuales en la ciudad: interrogantes sobre la crítica y la reforma”, artigo no qual, de certa forma, demandava aos intelectuais que se posicionassem em relação às discussões referentes aos projetos de urbanismo em disputa, os quais oscilavam basicamente entre a simples regulação do urbano e a postulação de alternativas e de projetos eventualmente reformistas. Eram discussões sobre os usos do espaço público, a cidadania, o patrimônio, que precisavam ser capazes de combinar as melhores ideias das diferentes perspectivas da esquerda sem que essas se anulassem, mostrassem-se anacrônicas ou sobretudo perdessem de vista que o reformismo urbano era parte da questão democrática e não deveria se tornar autoritário, antidemocrático ou impositivo.

Constantemente preocupado com a (re)produção e com os usos do espaço público, Gorelik seguiu publicando artigos e voltou a tratar das políticas urbanas da esquerda no número 48 (de abril de 1994), época em que as transações e especulações imobiliárias envolvendo Buenos Aires continuavam a crescer e a cidade se tornava cada vez mais segregada aos mais pobres. Mas, além disso, o artigo (de explícito título utópico), “Buenos Aires necesita futuro. La izquierda porteña, la política urbana y la reforma constitucional”, era direcionado à discussão de uma eventual alteração constitucional (depois aprovada) que impactaria expressivamente a urbanização de Buenos Aires: uma proposta de um novo status

⁶⁶ O pensamento de Benjamin a respeito das questões da cidade foi analisado em outros números, como o número 45 (de abril de 1993), no qual foi publicado um artigo de Ballent, Gorelik e Silvestri, “Las metrópolis de Benjamin”, acerca das contribuições específicas do autor para as áreas de cultura urbana e de arquitetura; no texto os autores procuraram ir além das polêmicas entre os diversos leitores da obra benjaminiana, comuns também na Argentina. Sarlo, aliás, criticou certa moda benjaminiana nas universidades em artigo no número 53 (de novembro de 1995), posicionamento debatido por Omar Acha em artigo no número 55 (de agosto de 1996). Walter Benjamin, obviamente, teve suas ideias apropriadas em outras circunstâncias em **Punto de Vista**, como se comentou anteriormente.

político de autonomia para a cidade. Fruto de acordos entre Menem, pelos peronistas, e Alfonsín, pelos radicais, a constituinte apresentava essa proposta de autonomia para Buenos Aires com um atraso, segundo Gorelik, de pelo menos sessenta anos. Todavia, o receio maior era, como o autor havia mencionado em textos anteriores, que se pretendesse criar uma “cidade limpa” a partir da outorga da autonomia política e que, por isso, os mais pobres fossem ainda mais excluídos da vida na cidade. Nesse sentido, Gorelik indicava a importância do posicionamento da esquerda em prol do confronto com tendências políticas mais conservadoras que pudessem se aproveitar da proposta, assinalando novamente a necessidade da esquerda superar as suas limitações na gestação de propostas urbanísticas. E concluiu admoestando:

O momento atual é o mais evidente para uma reforma política, pela gravíssima crise urbana que atravessa a cidade [Buenos Aires] e pelo estado de terra arrasada que apresenta o município, entre as máfias e as empresas privadas que ditam as suas políticas; mas por isso mesmo é o momento de tomar decisões capazes de afetar o futuro. Este é, pelo menos, um dos desafios principais que a esquerda de Buenos Aires apresenta à constituinte: impulsionar a reforma política da cidade como a condição para a discussão e elaboração plural de um verdadeiro projeto de metrópole para o próximo século, capaz de abrigar e dar resposta a todos os seus habitantes. (Adrián Gorelik, “Buenos Aires necesita futuro. La izquierda porteña, la política urbana y la reforma constitucional”, **Punto de Vista**, n. 48, abr. 1994, p. 6, tradução nossa)

Para reforçar que era indispensável pensar alternativas à esquerda para as questões da cidade e da urbanização, **Punto de Vista** publicou “¿Hay formas socialistas de resolver la crisis urbana?”, de José Aricó, membro do Conselho de Direção falecido em 1991. No texto, advindo de uma apresentação no “Coloquio Alternativas Socialistas para Buenos Aires”, organizado pelo Club de Cultura Socialista em 1990, o autor indicava a incapacidade do governo em delimitar políticas públicas efetivamente baseadas em demandas e interesses dos cidadãos. Para ele, fundamental seria “mobilizar energias e recursos políticos, econômicos, administrativos e culturais a serviço de uma efetiva ação de renovação e de reforma da cidade.” Uma forma socialista de governar a cidade, para efetivar tais objetivos, deveria levar em consideração “todas aquelas forças, movimentos, associações, grupos, que na cidade constituem um tecido democrático civil conectivo de tipo novo.” Pensa-se na população e em como suas construções culturais e sociais poderiam se converter em instrumentos políticos de pressão por reformas mais democráticas do espaço urbano e que tornassem as cidades menos segregacionistas.

Os artigos veiculados por autores diversos nos números seguintes continuaram a apresentar debates sobre as transformações em curso em Buenos Aires, nas quais estavam necessariamente imbricados, entre outros, problemas de ordem arquitetônica, econômica, ecológica, empresarial. A progressiva e ostensiva conversão da capital em “cidade dos negócios”, como discutiu Gorelik em artigo no número 50 (de novembro de 1994), estimulava a comparação com processos semelhantes, ocorridos em metrópoles estrangeiras. Nesses termos, o número 53 (de novembro de 1995) divulgou um debate realizado pela revista com Marcelo Escolar, Jorge Francisco Liernur e Pedro Pérez a respeito da “condição metropolitana”, seguido por textos de Jean-Paul Sartre e de Georges Perec nos quais se problematizava cidades dos EUA e da França a partir de olhares não afeitos à “moda-cidade” (“moda” que Sarlo mencionou e criticou no mesmo número, com um artigo destacando as – para ela – equivocadas apropriações de Walter Benjamin desde os anos 1980, na Argentina e no mundo).

Já em fins dos anos 1990, Gorelik e Silvestri publicaram, no número 57 (de abril de 1997), textos sobre algumas imagens em arte (na poesia, por exemplo) da cidade de Buenos Aires e no número 59 (de dezembro de 1997), às vésperas do período de crise do governo Menem, Gorelik publicou outro artigo, “Buenos Aires en la encrucijada: modernización y política urbana”, desta vez atento à aceleração e às múltiplas dimensões e ao alcance social, político, cultural e econômico da modernização da cidade nos anos 1990, sobretudo quando o processo era comparado às décadas de estagnação precedentes. Afirma: “Buenos Aires, nos noventa, não apenas entrou novamente em um desses fabulosos e complicados momentos de modernização, mas, por extensão, pode-se dizer que iniciou um verdadeiro giro de época, já que se modificam tendências de longa duração.” (Adrián Gorelik, “Buenos Aires en la encrucijada: modernización y política urbana”, **Punto de Vista**, n. 59, dez. 1997, p. 7, tradução nossa) O artigo, longe de ser uma apologia ou uma celebração às transformações, conectava-se intimamente a outro do mesmo número, “Buenos Aires fin de siglo: el desconcierto de la forma”, de Jorge Liernur, e em ambos os autores é notável a preocupação com a naturalização, aos olhos dos menos atentos, das alterações urbanas, tanto quanto com a despolitização dessas alterações. Em época de eleições legislativas como as que ocorriam naquela circunstância, discutir como intervir legalmente nas questões relativas ao espaço público certamente era relevante.

Naquele fim de década, tratava-se de avaliar o que se havia produzido acerca da história da cultura urbana, em especial sobre Buenos Aires, e de refletir até que ponto esses saberes estavam alcançando a sociedade e particularmente os debates sobre as alterações em

curso ou que viriam a ocorrer na cidade. Por isso, no importante número 60 (de abril de 1998), entre os vários textos de síntese sobre a Argentina entre 1957 e 1997, motivados pelo evento em Santa Fé, havia um de Gorelik, que ofereceu uma história das ideias urbanas ao longo das quatro décadas (e esclareceu a escassez de episódios importantes nessa história, principalmente do ponto de vista da criação efetiva de projetos e de ideias), um de Silvestri, no qual ela problematizou a sensação de esgotamento que se apoderava da cultura arquitetônica (não somente na Argentina) naqueles tempos, com análise específica sobre os anos 1990, e outro de Liernur, com uma apresentação do estado da arte sobre a produção arquitetônica de então. Os artigos expressavam um modo de realizar a crítica política da cultura urbana e arquitetônica, estritamente vinculada a uma visão de país, de política e de democracia também expressa em outros textos do mesmo número e de outros números da revista desde os anos 1980. Ou seja, a produção da cultura não poderia ficar a cargo exclusivo dos interesses do mercado e era urgente trabalhar para reverter essa situação também nos âmbitos da criação arquitetônica, urbanística e da preservação patrimonial.

Em fins dos anos noventa, como indicou Fernández Wagner (2008, p. 81), ampliava-se uma crise habitacional e urbana na Argentina e as tensões se expressavam por meio de invasões de terrenos, de ocupação de edifícios e de casas, do aparecimento de comunidades em lugares de risco ambiental ou da criação de loteamentos “piratas”, entre outras iniciativas da população. Contudo, como o Estado havia alijado em algumas ocasiões os arquitetos e demais especialistas progressistas de pensar em propostas para a cidade e as decisões vinham sendo tomadas essencialmente em virtude dos interesses de mercado, esses problemas não seriam previstos ou solucionados (por isso muitos deles se conservaram até o dias atuais). As alterações legais encaminhadas ao longo da década de 1990 não foram impactantes no sentido de tornar as cidades menos desiguais. E a cidade de Buenos Aires, espaço fundamental da política (como discutiu Gorelik no número 61, recuperando a importância da cidade para o crescimento de iniciativas como a FREPASO e a Alianza e destacando como a própria cidade expressava os limites desses projetos dos anos noventa), era provavelmente o melhor exemplo das estreitas vinculações do maciço investimento de capital privado ao governo, à administração da cidade e às instituições do campo profissional das áreas específicas do âmbito da transformação urbana, sobretudo da Arquitetura. Essas vinculações foram detalhadamente analisadas por Graciela Silvestri em “La ciudad de los arquitectos”, no número 63 (de abril de 1999).

Eram tempos nos quais, para os colaboradores mais importantes de **Punto de Vista**, urgia conceber o espaço urbano como algo mais do que o palco do progresso e do

investimento capitalista e em contrapartida da ampliação das variadas formas de precarização habitacional, sem contar a multiplicação dos indivíduos habitando as ruas. A cidade deveria ser o lugar da democracia, afinal, naquela época se discutia, por exemplo, a criação dos parques e de instituições de memória atrelados a usos políticos do espaço em prol da problematização do autoritarismo e da última ditadura. Graciela Silvestri, a propósito, publicou artigo no número 64 (de agosto de 1999), “Memoria y monumento”, analisando o concurso público que começou a definir a destinação da Escuela de Mecánica de la Armada (a ESMA), um dos mais brutais centros da repressão. Esse texto, junto a diversos publicados por Hugo Vezzetti sobre memória e ditadura, conformou uma discussão continuada no número 68 (de dezembro de 2000) por Andreas Huyssen, no artigo “El Parque de la Memoria. Una glosa desde lejos”, quando o pensador alemão comentou as polêmicas sobre o Parque de la Memoria em um momento no qual vigiam indultos e revogações de condenações e em que se questionava as eventuais consequências e alterações no plano da cidade de Buenos Aires.

A avaliação da administração da cidade de Buenos Aires pela Alianza foi efetuada por Gorelik em artigo publicado no número 70 (de agosto de 2001). Em “Buenos Aires: para una agenda política de reformas urbanas”, o autor questiona o pouco esforço do governo da cidade para a delimitação efetiva de uma agenda de reformas urbanas, mesmo com circunstâncias políticas que não poderiam ser consideradas desfavoráveis (daí as comparações de Buenos Aires com Berlim ou Barcelona, realizadas em entrevista no número 71). Mas o quadro de relativa tranquilidade desapareceu e a crise política, social e econômica se instalou em fins do ano de 2001, ocasionando a renúncia do presidente Fernando De La Rúa em dezembro e desencadeando um processo de instabilidade que se estendeu pelo menos até 2003, com a posse de Néstor Kirchner. Por isso, no número 74 (de dezembro de 2002), iniciado com um conjunto de textos cujo título, também estampado na capa, era um questionamento (¿Hay futuro para la Argentina?), Gorelik publicou “El paisaje de la devastación”. O início de tal texto indica como para o autor a situação havia alterado profundamente as possibilidades de se pensar a cidade:

Desde dezembro sabemos que um ciclo completo da vida política argentina colapsou e, mesmo que seja impossível ser otimista, ainda não é fácil prever que formas concretas assumirá a nova paisagem que sairá de suas ruínas. Mas com a cidade é diferente: a cidade é a paisagem. A cidade é hoje uma das formas mais concretas do colapso do ciclo democrático, sua marca material: não é habitual a sincronia entre os tempos da política e os tempos da cidade, mas desta vez o colapso não oferece a trégua de antigas mediações, representa-se ante nossos olhos minuto a minuto, com cenas há pouco impensáveis de miséria e degradação, dando-nos a certeza física de sua radicalidade. Paradoxalmente, entretanto, essa mesma radicalidade e a

rapidez das mudanças que supôs têm um efeito paralisador, tendem ao puro presente: uma sensação de *impasse* desde a qual se concebe a cidade como um cenário inerte, “invadido” pela crise e no qual só resta esperar que em algum momento “passe” e “se retorne à normalidade”. Também nisso, como se vê, a cidade dá uma boa medida da atitude mais generalizada ante o colapso da política e das instituições. (Adrián Gorelik, “El paisaje de la devastación”, **Punto de Vista**, n. 74, dez. 2002, p. 5, tradução nossa, destaques no original)

Enfim, depois de praticamente duas décadas de reflexões e de proposições acerca das formas de tornar a cultura urbana mais democrática em todas as suas dimensões, a crise de 2001-2002 havia interditado muitos dos caminhos possíveis enunciados nos textos publicados em **Punto de Vista** desde os anos 1980. Gorelik mostra no texto como muitos se recusavam a aceitar que Buenos Aires estava em crise e expressava outrossim uma crise maior: os pobres e os desempregados eram sempre de fora da cidade, eram vistos como “fenômenos” externos a ela. Todavia, o autor afirma, “a cidade é a Argentina da crise.” O temor que encerra o artigo era o de que se desse a consolidação da desigualdade e de que uma cidade devastada naturalizasse tal desigualdade.

Diante desse quadro de desagregação, o ano de 2003 foi, para a Argentina, importante no que se refere à superação dos problemas mais agudos derivados da crise e garantiu o estabelecimento de uma trajetória de reconstrução, com crescimento econômico, do trabalho e dos salários. Como afirmou Fernández Wagner:

[...] se restituía o papel do Estado, cuja gravitação se baseia na obra pública como ativador econômico e gerador de emprego formal. A grande escala de investimento público – e por consequência também privado – se verá refletida no território: as novas obras em edifícios públicos e infraestrutura e a construção de novos bairros de apartamentos sociais, em todo o país, será quantitativamente a maior nestes 25 anos. Reinstala-se a importância da planificação. Ressurge uma nova versão da planificação do desenvolvimento e se revisa a planificação regional, ou são reforçadas as metodologias de planificação estratégica e desenvolvimento local. Mas esta etapa se apresenta complexa e contraditória, porque isso ocorre em uma sociedade muito mais desigual. (FERNÁNDEZ WAGNER, 2008, p. 12, tradução nossa)

Punto de Vista certamente sentiu os variados efeitos dessa crise de amplas proporções e no que se refere à publicação o momento de tensão foi agravado pela saída dos três membros do Conselho de Direção em 2004. Abriu-se pois, no periódico, um ciclo de revisitação de grandes objetos e temas e de reflexões retrospectivas sobre as realizações da revista e diminuíram os textos sobre cultura urbana especificamente voltados aos debates

argentinos, ampliando-se aqueles que tratavam de outros contextos.⁶⁷ Somente no número 81 (de abril de 2005), portanto, em circunstâncias muito mais estáveis em termos socioeconômicos e políticos, Gorelik (a essa altura subdiretor da revista), entrevistando o especialista em políticas públicas Eduardo Passalacqua, retomou os eixos gerais da discussão ao problematizar as limitações e os equívocos das gestões progressistas de Buenos Aires autônoma na década de 2000.

A característica aceleração das mudanças naqueles tempos fez com que, no número 84 (de abril de 2006), o mesmo Gorelik publicasse o artigo “Modelo para armar. Buenos Aires, de la crisis al boom”. Discutindo a imagem do *boom* de Buenos Aires, oposta à então recente imagem da crise ampla, o autor mostra como ainda durante o período mais grave da crise, em 2001-2002, começaram a surgir algumas ideias que configurariam a percepção de uma nova sociedade em desenvolvimento, de uma cidade do *boom*. Do núcleo da cidade colapsada se começou a notar, primeiro, o *boom* da mobilização da sociedade civil, depois o *boom* da criação cultural e, por fim, o *boom* turístico e imobiliário (este último francamente vinculado ao que havia ocorrido nos anos 1990). A cidade de Buenos Aires atravessou o momento de crise e dele emergiu simbolizando, simultaneamente, um lugar de ativismo, de elaboração e de revitalização cultural e de desenvolvimento de projetos político-culturais vinculados à maior visibilidade internacional de uma cidade que voltou a atrair turistas e investimentos imobiliários.

Para Gorelik, nesse artigo do número 84, era necessário repensar a automatização da percepção de que o *boom* urbano era indicativo “de uma reativação explosiva e exitosa, reconhecível ao simples olhar no circuito turístico e no mercado imobiliário, para nomear as dimensões mais evidentes com as quais se alentam os meios.” (tradução nossa) Por outro lado, criticando a tendência a atribuir à globalização as motivações de todas as transformações urbanas vividas em Buenos Aires desde os anos noventa, o autor propõe repensar as relações entre estímulos externos, próprios às conexões várias dos países e dos mercados, e as decisões internas. Mantém-se, ao término do artigo, a crítica do autor à ausência de um projeto

⁶⁷ Vale destacar que nesse momento de releituras em **Punto de Vista**, Gorelik reuniu parte de seus ensaios publicados na revista na coletânea *Miradas sobre Buenos Aires: historia cultural y critica urbana* (lançado em 2004). Por sua vez, nessa mesma época, a cátedra Problemas da Arquitetura Contemporânea, criada por Liernur na UBA nos anos posteriores ao fim da ditadura garantiu institucionalidade e organicidade temática a um conjunto de estudos de diversos colaboradores fundamentais da revista, publicados a partir de fins dos anos 1990 em conjunto com a Universidad Nacional de Quilmes: o doutorado de Gorelik, *La grilla y el parque: espacio publico y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936* (de 1998); o estudo de Graciela Silvestri, *El color del rio: historia cultural del paisaje del Riachuelo* (de 2003); o estudo de Anahí Ballent, *Las huellas de la politica: vivienda, ciudad, peronismo en Buenos Aires, 1943-1955* (de 2005); e o estudo de Fernando Aliata, *La ciudad regular: arquitectura, programas e instituciones en el Buenos Aires posrevolucionario, 1821-1835* (de 2006). (GORELIK, 2009, p. 236)

reformista efetivo em Buenos Aires; e o texto explicita como as mudanças na cidade desde a crise deveriam ser lidas não com entusiasmo, mas como alertas de que a cidade seguia perdendo as oportunidades de se reformar de um ponto de vista social, econômica e culturalmente mais significativo. Nesse sentido, o debate reproduzido no mesmo número 84 sobre os motins nos subúrbios franceses, publicado a partir de material da revista francesa **Esprit**, reforça a sensação de que Gorelik e **Punto de Vista** tinham preocupações sobre Buenos Aires e seus problemas, negligenciados em virtude de certo clima de euforia na cidade e no país.

Pela leitura de **Punto de Vista** desde os anos 1990 e de algumas obras de referência sobre o tema, parece evidente que as cidades argentinas (especialmente Buenos Aires) estavam em crise e essa crise não era suficientemente discutida pelos intelectuais ou enfrentada pelos gestores. E não apenas as cidades argentinas estavam em crise. Foram publicados na revista artigos acerca da crise e dos motins na França em 2005, bem como o número 85 (de agosto de 2006) teve boa parte dedicada ao debate da crise em São Paulo em 2006 (chamada de “Infierno en San Pablo”), em virtude dos ataques do PCC, entre outros textos nos quais foram mencionadas questões pontuais de cidades ao redor do planeta. Sem apagar as incontornáveis diferenças advindas das relações diferenciadas dos países centrais e dos países periféricos com a modernidade e sem desconsiderar a necessidade de interpretar a inserção compulsória e violenta das sociedades latino-americanas nos processos de modernização autoritária, os artigos em **Punto de Vista**, em meados da década de 2000, tentavam conservar a atenção para a manutenção de problemas estruturais da cultura urbana na Argentina e para a vitalidade de uma perspectiva interpretativa que pudesse abordá-los historicamente. Não se tratava, outrossim, de valorizar certo culto às ruínas ou uma tendência de patrimonialização e de monumentalização das cidades, tal como ocorria na Europa e se discutiu em alguns artigos publicados nessa época, mas de denunciar os potenciais inexplorados pela arquitetura e pelo urbanismo e de escrutinar as políticas públicas inexpressivas postas em pauta após a redemocratização iniciada em terras argentinas em 1983.

A síntese desses esforços analíticos sobre a cultura urbana que envolveram arquitetos e outros profissionais e destacaram figuras como Gorelik, Silvestri, Ballent e Aliata em **Punto de Vista**, tal como havia acontecido com outros objetos da cultura, expressou-se em um artigo da série “El juicio del siglo”. Em uma publicação que, a partir de 2004, às vezes soava sem direcionamento, com textos desconexos, a série “El juicio del siglo” e uma série de artigos sobre a modernidade, “Proyecto Documenta 12”, parecem sintomáticas. Os diretores do

periódico, provavelmente refletindo sobre o enfraquecimento da dinâmica interna à publicação ou quem sabe até sobre a possibilidade de encerrar as atividades da revista, ofereceram na série “El juicio del siglo”, desde o primeiro artigo (de Sarlo) no número 84 (de 2006), algumas avaliações retrospectivas que podem ser lidas como indicativos de quais objetos da cultura os condutores da revista consideravam importante recuperar e submeter ao seu juízo antes de encerrar as atividades.

Uma dessas avaliações foi a de Graciela Silvestri em “Arquitectura argentina: las palabras y las cosas”, sétimo e último artigo da série “El juicio...”, publicado no derradeiro número 90 (de abril de 2008) e também o último artigo dedicado aos temas da cultura urbana veiculado na revista. Nele a autora não chegou propriamente a analisar a cultura urbana na Argentina ao longo do século XX; optou, diante das múltiplas perspectivas e áreas envolvidas na delimitação do objeto ao qual ela, Gorelik e outros vinham se dedicando há décadas, pela discussão sobre a história da Arquitetura na Argentina, retomando e problematizando as leituras consagradas pela crítica acerca dos momentos fundacionais do pensamento e da prática dos arquitetos no país. No artigo, enfim, Silvestri reconstruiu o quadro de referências em relação ao qual os autores que publicaram em **Punto de Vista** sobre cultura urbana haviam se posicionado, explícita ou implicitamente, e com o qual dialogavam os arquitetos argentinos encarregados de (re)produzir o espaço urbano em fins da década de 2000. Por fim, Silvestri concluiu o artigo reiterando uma das críticas fundantes da revista às práticas arquitetônicas no país (principalmente a partir da redemocratização) e explicando as diferentes posições na área de Arquitetura:

Não é tão estranho o abismo atual entre profissão e disciplina, já que a reflexão permanece nas mãos de grupos restritos, que não conseguem articular discursos e práticas correntes, enquanto o trabalho profissional também muda de característica, respondendo mais à lógica empresarial do que à arquitetura. (Graciela Silvestri, “Arquitectura argentina: las palabras y las cosas”, **Punto de Vista**, n. 90, abr. 2008, p. 12, tradução nossa)

Como se tentou mostrar, no caso do âmbito da história da cultura urbana, os textos em **Punto de Vista** revelaram e criticaram uma Argentina e especialmente uma cidade de Buenos Aires que fracassaram, no período após a retomada da democracia, no estabelecimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos mais democráticos, menos controlados pelo mercado e mais voltados às camadas mais pobres da população. Particularmente em Buenos Aires, cidade tomada por certa ilusão do progresso desde os 1990 (postura retomada a partir de 2003, pós-crise), isso resultou em aprofundamento da desigualdade e em esvaziamento da criação arquitetônica, em prol de uma racionalização

técnica dos espaços públicos. Se a retomada da democracia não foi capaz de orientar, como disse Raúl Fernández Wagner (2008, p. 101-102), os processos sociais no território, **Punto de Vista** se encarregou de denunciar e de analisar passo a passo, principalmente no que concerne a Buenos Aires, as decisões e as políticas urbanas desenvolvidas desde a década de 1990. Ou seja, a revista mostrou como certos grupos sociais pensaram em práticas e em concepções do urbano que destoavam das políticas urbanas e culturais que a publicação considerava mais adequadas para a Argentina, de inspiração socialista.

* * *

A Argentina em fins da década de 2000 podia ser lida, na avaliação de Beatriz Sarlo em “Conflictos y representaciones culturales”⁶⁸, como um país no qual a modernidade havia girado, no período entre o primeiro e o segundo centenário desde a independência em 1810, duas vezes em torno de algumas linhas. Essa constatação, expressa no primeiro artigo da série “El juicio del siglo” publicado no número 84 (de abril de 2006), evidenciava a compreensão da diretora de **Punto de Vista** de que, desde 1910, haviam se dado transformações decisivas na cultura do país, advindas de um século no qual aconteceram, entre outras mudanças, “a prolongada batalha dos públicos, a imposição e transformação da língua, as modificações do conceito de povo e de sua representação cultural e política.” (Beatriz Sarlo, “Conflictos y representaciones culturales”, **Punto de Vista**, n. 84, abr. 2006, p. 2, tradução nossa) E certamente era possível enunciá-las em 2006 porque desde 1978 a revista dirigida por Sarlo e outros havia revisado alguns dos fundamentos dessa cultura e dessa sociedade, elegendo objetos da cultura para interpretar e significar.

Como se ambicionou mostrar nesse capítulo, a revista começou a se dedicar, logo em seus primeiros números, a um projeto de interpretação de produções culturais que se concentrou precocemente na época do primeiro centenário do país e também de outro centenário, referente à publicação do *Martín Fierro*. Agora optava, às vésperas do bicentenário da independência em 2010, por iniciar uma série de artigos nos quais, conforme se explicou no texto homônimo de apresentação do projeto, publicado na abertura do número 84, pretendia “apresentar diversas perspectivas temáticas sobre os cem anos que terminarão de transcorrer em 2010. Cada um dos sucessivos artigos buscará estabelecer uma perspectiva sobre esse arco de um século, assinalar seus fracassos e suas construções, seus protagonistas e

⁶⁸ Artigo traduzido e publicado no número 75 da revista **Novos Estudos**, do CEBRAP, de julho de 2006.

suas vítimas.” (“El juicio del siglo”, **Punto de Vista**, n. 84, abr. 2006, p. 1, tradução nossa) O objetivo na série era publicar reflexões até 2010, mas a iniciativa obviamente terminou junto com o periódico em 2008. Alguns dos textos da série foram comentados ao longo do capítulo e eles representam sínteses de como **Punto de Vista** interpretou, durante os seus 30 anos de existência, objetos como a crítica cultural e literária, as revistas culturais, a tradição ensaística, os meios de comunicação, a produção artística, a reflexão psicanalítica e, no último artigo, a história da Arquitetura argentina, vinculando-a à cultura urbana.

Esse capítulo foi estruturado para evidenciar em mais detalhes de que maneira **Punto de Vista** se apropriou criticamente de uma tradição múltipla e diversa de referências, composta por romancistas, poetas, dramaturgos, críticos, antropólogos, sociólogos, psicólogos, psicanalistas, arquitetos, urbanistas, filósofos, historiadores, entre outros, bem como por suas produções em revistas, livros e em suportes variados. Conforme se especificou desde o capítulo anterior, a revista, combinando matrizes teórico-críticas e políticas pouco ou nada conhecidas nos círculos intelectuais e até mesmo algumas tidas como irreconciliáveis ou antagônicas, prosseguiu no esforço de modernização cultural que se havia experimentado na revista **Los Libros**, fechada em 1976, na qual alguns dos fundadores e condutores de **Punto de Vista** foram figuras fundamentais. Como um dos resultados de sua trajetória, o periódico criado em 1978 logrou oferecer sínteses sobre a Argentina e, talvez em um traço de seus vínculos com os ensaístas com os quais dialogou e dos quais se apropriou, sobre a cultura, a política e a sociedade. Se o objetivo não era mais estabelecer uma ontologia do “ser nacional”, como no início do século XX, artigos como os da série “El juicio del siglo” (título, inclusive, apropriado da obra publicada em 1910 pelo ensaísta Joaquín V. González), sob outras bases, oferecem sínteses dos esforços críticos de **Punto de Vista** vinculados às suas políticas da cultura.

As políticas da cultura de **Punto de Vista**, como se intentou explicitar, delimitaram-se não programaticamente, mas por meio dos objetos da cultura escolhidos para interpretação. Tais políticas da cultura não eram (e nem podiam ser, dada a especificidade e as limitações de seu lugar de formulação e veiculação) equivalentes a políticas públicas de cultura, as políticas culturais, que visam, costumeiramente, buscar arranjos institucionais para a dimensão da cultura. **Punto de Vista** analisou a dimensão cognitiva de suas propostas e os eventuais efeitos na sociedade. A seleção de políticas da cultura, que obviamente excluiu uma série de outros possíveis interesses no âmbito da cultura, garantiu que as recusas implícitas ou explícitas, assim como as referências mais ou menos evidentes, ajudassem a delimitar quais dimensões ou elaborações da cultura a revista julgava mais relevantes. Quer-se dizer também,

evidentemente, que a análise proposta nesse capítulo não esgota tais políticas da cultura, tendo tão somente selecionado um conjunto de textos que permitem avaliar historicamente o projeto crítico da publicação.

Nesse sentido, **Punto de Vista** construiu um projeto capaz de reler a tradição crítica e literária argentina, inclusive a de **Los Libros**, desenvolvendo um ponto de vista assentado sobre a valorização da interpretação sócio-histórica e estética das obras. A crítica da cultura, a crítica literária e a história literária foram parte significativa do empreendimento de modernização cultural da revista, por meio do qual se vinculou a iniciativas anteriores. Esses esforços de filiação foram ampliados e pormenorizados com as leituras elaboradas acerca de certas revistas culturais argentinas e de alguns ensaístas, nos quais se valorizou qualidades e se criticou limitações e pretensões totalizantes e teleológicas, garantindo uma apropriação daquilo que nelas permitia explicar tanto a história da cultura no país quanto os aspectos da formação da sociedade e das instituições que importavam para tentar reconhecer as causas da ascensão e da manutenção de mais uma ditadura e a perenidade das tradições autoritárias na Argentina, entre outros elementos. Conforme se afirmou, se os textos da revista não eram mais ensaios discutindo o “ser nacional”, não deixaram de problematizar o que significavam certas matrizes do pensamento sobre a Argentina e a América Latina.

A filiação entre **Punto de Vista** e **Los Libros**, obviamente, é de caráter diferente em relação às associações da revista encerrada em 2008 a **Sur**, a **Contorno** ou a outras publicações. Com **Los Libros**, o vínculo representou a continuidade (com rupturas, como se mostrou) de um projeto de intervenção pública nos debates através de uma revista, realizado por alguns intelectuais na revista criada em 1969 e encerrada em 1976 e continuado em **Punto de Vista** oficialmente a partir de 1978. Enquanto isso, **Punto de Vista** se aproximou de outras revistas ou de certas tradições críticas argentinas de forma não dogmática, em busca de uma identidade cultural. De qualquer maneira, o projeto crítico de **Punto de Vista**, sem se esgotar nessas filiações, extrapolou as matrizes a partir das quais se construiu, guardando com elas algumas semelhanças, como o esforço de renovação dos autores (em **Punto de Vista**, europeus e também latino-americanos, levando a um cruzamento das reflexões da América com as de outras regiões na definição de uma perspectiva).

Por seu turno, além da produção dedicada, em conjunto, às diferentes tradições de crítica à cultura e à literatura veiculada em livros e em revistas e/ou elaborada por ensaístas na Argentina, na América Latina e em outros países, houve em **Punto de Vista** significativa intervenção acerca de outros objetos da cultura como as artes plásticas, o cinema, a fotografia, a música, os meios de comunicação (sobretudo a televisão) e a indústria cultural, assim como

pelo menos duas áreas do conhecimento foram privilegiadas no que se refere ao espaço conferido pela revista às reflexões: a Psicologia (incluindo-se as discussões sobre Psicanálise) e a Arquitetura (considerando-se, também, os debates a respeito da urbanização, das cidades e do patrimônio). Nesses âmbitos, o periódico, acompanhando a dinâmica de uma sociedade que se reconstruía, conseguiu aprofundar sua leitura da cultura argentina nos séculos XIX e XX e ao mesmo tempo desenvolveu certas políticas da cultura expressas em temas e/ou objetos analisados psicanaliticamente por Vezzetti e outros autores (moral, sexualidade, loucura, família, por exemplo). A revista foi capaz, outrossim, de ler criticamente a indústria cultural e certa arte regulada pelo mercado, enquanto se ocupava, a partir dos anos 1990, do âmbito da cultura urbana, revelando uma Argentina e especialmente uma cidade de Buenos Aires que fracassaram, no período após a retomada da democracia, no estabelecimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos mais democráticos, menos controlados pelo mercado e mais voltados às camadas mais pobres da população.

Ou seja, as políticas da cultura desenvolvidas por **Punto de Vista**, os temas e os objetos eleitos para discussão e problematização, configuraram um periódico preocupado com a dimensão intelectual da cultura – como afirmaram os diretores na entrevista a Daniel Link, em 2003 –, com os saberes e as produções de ideias e de representações, bem como com as demais produções simbólicas e artísticas. Indicaram, ademais, uma revista atenta às culturas praticadas e materialmente implicadas, principalmente à indústria cultural e à cultura urbana. A revista, portanto, ofereceu uma crítica política da cultura não porque escolheu tratar apenas dos objetos da cultura com um propósito político mais óbvio ou evidente. O caráter político da crítica da **Punto de Vista** reside tanto na opção por estudar objetos da cultura que incorporaram a política à sua configuração de forma complexa quanto na definição de um olhar, de uma abordagem política das obras, das ideias, das representações e das ações, avaliando seu caráter transformador ou não na sociedade argentina.

Ao operar essa seleção de objetos a serem estudados, a revista delimitou gradativamente as suas políticas da cultura, ou seja, explicitou – a partir de critérios e de referências teóricas que também fez questão de publicar e de comentar – quais elaborações culturais deveriam ou não ser valorizadas em uma sociedade que havia deixado para trás uma série de regimes autoritários e que se recuperava, exatamente por isso, de limitações culturais significativas advindas da repressão. Ao mesmo tempo, **Punto de Vista** mostrou como a Argentina era capaz de oferecer criações nem sempre valorizadas diante de um cenário de crescente hegemonização da indústria cultural e que o país não deveria ser desvalorizado desde um olhar nostálgico, como se tivesse passado, ao longo do século XX, por um processo

de decadência. Como destacou o Conselho Editor em “El juicio del siglo”, no número 84, a Argentina do início do século XXI era um país fraturado, cujas ameaças imaginadas e esperanças alimentadas precisavam ser compreendidas e não simplesmente repetidas.

Durante os 30 anos, entretanto, nem todos os momentos do projeto crítico da revista foram equilibrados ou coerentes. Como um periódico marcado pela dinâmica constante e pela pluralidade de temas e objetos abordados (pelo menos até os anos 1990 conviviam em suas páginas textos diversos sobre cultura e outros mais restritamente políticos), **Punto de Vista**, enquanto se estabilizava material e intelectualmente, superando os tempos mais turbulentos dos debates dos anos de redemocratização (sobretudo o período entre 1983 e 1989, de convívio dos textos sobre cultura e outros acaloradamente dedicados à política), não conseguiu esconder que uma maior organização interna do periódico (expressa, por exemplo, na diagramação constante desde o número 45, na ausência de variações nas seções e na publicação apenas de artigos e não mais de textos de tipos variados) foi acompanhada de uma fragilização do projeto crítico geral efetivamente realizado nas páginas do periódico.

Parece ser possível afirmar que quanto mais desorganizada e caótica a revista se mostrava, principalmente nos anos 1970 e 1980, com textos se sobrepondo e/ou cortados ao longo das páginas, com seções que apareciam e desapareciam, com experimentação visual e estética na diagramação e nas ilustrações, com separatas e outros indícios materiais de pluralidade de ideias e de dinamismo da elaboração, mais vivacidade ela demonstrava. A partir dos anos 1990, quando teria acontecido, conforme a expressão de Sarlo antes mencionada, uma “guinada vanguardista”, é notável como **Punto de Vista** perdeu, em sua constituição material e mesmo intelectual, um impulso mais constante e diversificado de renovação e de proposição de pautas e isso se refletiu na menor presença de textos elaborados por diversos intelectuais do Conselho de Direção e culminou na saída de alguns deles em 2004.

Esse processo evidencia como é necessário problematizar o sentido da expressão “guinada vanguardista”, utilizada pela diretora do periódico em entrevistas para caracterizar o projeto desde meados da década de 1990. Trata-se de formulação indicativa de uma suposta autoimposição de um caráter desbravador e/ou inovador para a publicação, o que não aconteceu, necessariamente. Afinal, como se intentou explicitar, alguns dos objetos dessa “guinada vanguardista” já eram conhecidos e razoavelmente abordados à época em muitos âmbitos (até mesmo nos suplementos culturais dos jornais), o que permite questionar o vanguardismo e a ruptura das escolhas editoriais em **Punto de Vista** desde os anos 1990,

além de compreender que a defesa da publicação como uma vanguarda naquela década se deve mais à leitura retrospectiva de sua diretora do que às realizações na revista.

Por fim, vale ressaltar que como outro dos resultados de sua crítica política da cultura **Punto de Vista** acabou delineando uma postura de esquerda específica, em um diálogo com tradições políticas em princípio distantes dos grupos da nova esquerda nos 1960 e 1970, grupos dos quais, afinal, vieram os principais intelectuais da revista. A releitura das tradições culturais e políticas levou à construção de um posicionamento de esquerda particularizado, concernente às questões da redemocratização e da política dos anos 1980 e 1990. E esse posicionamento não foi o mesmo durante toda a história da revista, tendo oscilado de uma posição mais próxima das tradições dos sessenta e dos setenta, ainda durante a ditadura, para outra na qual houve disposição para o diálogo com certas tendências do radicalismo e do peronismo. Portanto, é preciso se ocupar, no capítulo seguinte, mais detalhadamente dessa outra dimensão do projeto crítico de **Punto de Vista**, aquela mais voltada aos debates dos intelectuais e da política na Argentina e na América Latina.

CAPÍTULO 3

Intelectuais e culturas políticas em *Punto de Vista*

- 3.1. Intelectuais em tempos de ditadura e de democracia
- 3.2. A esquerda como objeto
- 3.3. Uma leitura do peronismo

No capítulo anterior, interpretou-se uma das dimensões do projeto desenvolvido por **Punto de Vista** e percebeu-se como a revista empregou esforços de crítica e até mesmo delimitou certas políticas da cultura de maneira bastante relevante, sobretudo se considerados o volume e a expressividade da produção comentada em relação ao total do material divulgado pelo periódico. Contudo, como se afirmou, a crítica desenvolvida pela publicação não se esgotou nas avaliações acerca da crítica cultural e literária, das revistas e dos ensaístas, dos saberes e dos debates específicos (como os da Psicologia/Psicanálise e da Arquitetura) e dos outros objetos da cultura como as artes plásticas, o cinema, a fotografia, a música, os meios de comunicação (em particular a televisão) e a indústria cultural. Em termos mais precisos, houve outros eixos de atuação do periódico criado em 1978 que merecem destaque e adequada avaliação em um empreendimento como o proposto nesta tese, qual seja, a interpretação histórica da revista e mais especificamente de algumas das suas principais linhas de força.

Enquanto resultado de um coletivo de intelectuais reunido nos anos 1970, **Punto de Vista** foi uma publicação marcada, desde o início, pela preocupação em avaliar e problematizar a atuação em sociedade de indivíduos e de grupos voltados à produção de interpretações em diversas áreas do conhecimento e pela atenção aos sujeitos envolvidos com a crítica ao *status quo* e com a participação política em sentido mais estrito, aquela efetivada nas ações públicas de intervenção em debates e em causas relevantes. Nesse sentido, não escaparam à revista, como objetos, os intelectuais e as culturas políticas, especialmente os da Argentina e em alguma medida os da América Latina e de outras regiões.

Por se tratar de uma revista que existiu ao longo de trinta anos, muitas transformações na Argentina e no mundo se efetivaram durante a trajetória de **Punto de Vista**: a publicação começou a circular em uma época na qual ainda havia certezas e/ou utopias que, no encerramento do projeto, em 2008, não mais existiam ou se encontravam demasiado fraturadas. Nos anos 1970, por exemplo, principalmente entre as esquerdas, a convicção a respeito da importância da atuação pública e política dos intelectuais era ampla, ao passo que na década de 2000 o momento foi considerado de crise da representatividade social, cultural e política dos intelectuais. As esquerdas também se desenvolveram nos anos setenta de maneira plural, mesmo diante de governos autoritários, estimulando projetos político-culturais vinculados a culturas políticas que viriam a ser proscritas ou estariam muito enfraquecidas a partir dos anos 1990. Por sua vez, o peronismo, que em 1978 vivenciava uma crise profunda advinda do fracasso do governo de Isabel Perón e da perseguição da ditadura aos seus

diversos grupos, armados ou não, a partir de fins dos anos 1980 se reestruturou – para alguns, se recriou – com a ascensão de Menem e se reinventou nos anos 2000 com Kirchner no poder.

No que se refere aos intelectuais, diversos especialistas têm se dedicado há décadas, não somente na Argentina, ao estudo da história de indivíduos, de grupos, de publicações, procurando compreender relações, tensões, confrontos, sociabilidades, debates, polêmicas, interpretações e outros aspectos, em prol da atribuição de sentidos às ações empreendidas e às ideias formuladas. E em um país no qual, conforme asseverou a antes citada Diana Quattrocchi-Woisson, é problemático “estabelecer uma cronologia intelectual independente da história política” (QUATTROCCHI-WOISSON, 2003, p. 91, tradução nossa), é indispensável perscrutar as particularidades das leituras produzidas por **Punto de Vista** acerca das ideias e de seus produtores e difusores tendo em pauta as relações de aproximação e de tensão política e social.

Aliás, a reflexão dos intelectuais a propósito de sua própria atuação se tornou muito comum a partir da década de 1960, como evidenciaram, entre tantas outras obras, o livro de François Dosse, *La marcha de las ideas* (2006), e a coletânea em dois volumes *Historia de los intelectuales en América Latina*, dirigida por Carlos Altamirano. Nas décadas de 1980 e de 1990, apesar do enfraquecimento da noção sartreana de compromisso, tais esforços analíticos ainda levaram em consideração a *práxis* política e incluíram os debates a respeito da desagregação da União Soviética e da crise das ideias socialistas e comunistas. Naqueles anos, na América Latina, essa reflexão tinha especificidades frente às ditaduras que ainda existiam ou que deixavam de existir. Na Argentina, os debates se especificaram no que concerne à releitura das trajetórias coletivas e individuais da nova esquerda nos anos 1960 e 1970 e também no que tange a uma crítica do peronismo, como observaram diferentes intérpretes, entre eles Roxana Patiño (1998a; 2003).

As ditaduras iniciadas na Argentina nos anos sessenta e setenta, por meio da repressão e da censura, da desmontagem das universidades, da perseguição individual e/ou coletiva, desestabilizaram os âmbitos de produção e de circulação de ideias no país. Significativa parcela dos intelectuais (e também dos artistas) argentinos consolidados ou em formação se exilou, principalmente com o início do *Proceso*, e a redemocratização a partir de 1983 não foi capaz de reestabelecer os espaços de forma pujante em todas as situações ou, em muitos casos, não foi possível criar as estruturas elementares para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino em universidades e/ou em instituições diversas, o que resultou em fraturas nos grupos e nos espaços de produção e de atuação política e cultural.

Diante da desestruturação das atividades intelectuais nos anos 1960 e 1970 e da recuperação somente parcial dos âmbitos e dos grandes temas de reflexão desde a década de 1980, **Punto de Vista** se dedicou a analisar o processo e publicou mais de 80 textos nos quais se pode encontrar considerações relativas à história dos intelectuais e/ou às necessidades de sua atuação no presente de uma Argentina em processo de redemocratização. Observados mais amplamente os textos nos quais foram discutidos os autores, as ideias, as obras e o pensamento sobre a América Latina e a Argentina, ou seja, os textos em que os intelectuais e sua atuação não são objetos diretos, mas indiretos, esse número ultrapassa 300 textos. Há que se pensar as características dessa contribuição do periódico, tendo vista que, conforme indicou José Luis De Diego, apesar das inúmeras críticas (desde pelo menos o início dos anos oitenta) às noções de intelectual revolucionário, de intelectual comprometido e de escritor comprometido, foram necessários alguns anos de democracia na Argentina “para que esta transformação [...] [começasse] a se delinear mais sistematicamente e a se explicitar em debates e polêmicas no interior do campo intelectual.” (DE DIEGO, 2007, p. 63, tradução nossa)

As esquerdas, por seu turno, também se tornaram em várias partes do mundo objeto de interpretação a partir dos anos 1980 e especialmente desde os anos 1990, com a crise do chamado “socialismo real”. Mais do que tentar recuperar lacunar e simplificadamente uma bibliografia bastante extensa a respeito – em que se destaca uma reflexão ampla e em escala mundial, vide o livro organizado por Robin Blackburn (1992) –, importa ressaltar provisoriamente que na Argentina esses debates e releituras em tom de autocrítica começaram a aparecer ainda na década de oitenta, mas no decênio seguinte, mesmo articulados às reflexões internacionais, ainda não eram suficientemente disseminados. Nesse sentido, Carlos Altamirano, na entrevista a Javier Trímboli (1998, p. 25), afirmou que até aquele momento (fins da década de 1990) não teria acontecido na América Latina uma discussão aprofundada sobre a queda dos países do “socialismo real”, ao menos não uma comparável à oferecida por autores como Eric Hobsbawm em livros como *A era dos extremos*.

Para Altamirano, tal discussão deveria acontecer, mas ele se questionava à época se havia condições para que o debate ocorresse entre os latino-americanos e os argentinos, os quais ou se teriam esquivado da problematização de temas como o estalinismo ou procurariam associar a suposta crise a uma nova fase de mobilização das massas. Em que pesem a avaliação de Altamirano e as eventuais limitações no cenário de reflexão e de (auto)crítica, alguns debates de fato aconteceram e um dos vetores dessas discussões na Argentina foi **Punto de Vista**, como se pretende evidenciar. A revista e outros grupos e

espaços de discussão permitiram que De Diego, uma década depois do diagnóstico pessimista de Altamirano, sintetizasse da seguinte maneira as pautas fundamentais dos debates intelectuais desenvolvidos na Argentina a partir da redemocratização:

[...] A revisão das versões dogmáticas e populistas da esquerda – frequentemente caracterizada por um tom autocrítico –, a revalorização da democracia e sua possível conciliação com o socialismo e uma distribuição mais justa dos recursos, a centralidade da defesa do Estado de direito e da vigência dos direitos humanos, a ríspida discussão sobre as responsabilidades “dos que se foram” e “dos que ficaram” foram os eixos centrais desse debate que, em muitas de suas conflitivas facetas, ainda não terminou. (DE DIEGO, 2010, p. 415-416, tradução nossa)

Punto de Vista foi, enfim, um dos *loci* de reflexão sobre esses temas no país, tendo publicado, além dos artigos nos quais havia questionamentos atinentes aos intelectuais e à sua atuação, outros materiais acerca das tradições socialista e comunista, das interpretações dos grupos e das ideias nos anos 1960 e 1970 e dos desafios das esquerdas frente à redemocratização. Obviamente, houve nesses textos tanto um esforço para a compreensão desses problemas quanto um posicionamento gradativo da revista em relação ao conjunto de argumentos disponíveis e em discussão em sociedade, constituindo-se paulatinamente uma leitura específica dos agrupamentos e dos intelectuais de esquerda no que tange às suas relações com uma cultura política específica e plural na Argentina, o peronismo, que também teve setores de esquerda e inclusive de esquerda armada, como Montoneros. Como se disse antes, alguns dos principais intérpretes da nova esquerda argentina, entre eles María Cristina Tortti (2007; 2014), consideram as ideias e os grupos peronistas de esquerda nos sessenta e nos setenta parte da multifacetada nova esquerda e parece mais adequado proceder, sempre que possível, incorporando a sugestão de José Luis de Diego relativa ao período entre as décadas de 1950 e 1970: “[...] não é simples *isolar* o objeto ‘esquerda’, e é necessário considerar esse objeto em permanente interação com aqueles com os quais se associa ou se enfrenta.” (DE DIEGO, 2010, p. 396, tradução nossa, destaque no original) Trata-se, pois, de considerar a esquerda como objeto no periódico não somente porque a revisão do passado dos agrupamentos estava em pauta, mas também porque se intentava discutir o presente e as perspectivas de futuro das culturas políticas.

A produção de **Punto de Vista** a respeito das esquerdas na Argentina, na América Latina e mesmo em outras partes do mundo se verificou de maneira mais específica em cerca de 110 textos, ainda que se possa extrapolar esse número, como em outros casos, para um número próximo a 200 textos, tendo em vista a já assinalada complexidade temática e

analítica de muitos textos publicados na revista, característica da publicação, conforme também discorreram Plotkin e González Leandri (2000). Ademais, como se pretende evidenciar, em virtude dos esforços da revista de Sarlo e de Altamirano para reorganizar argumentos e ideias da esquerda na Argentina a partir da redemocratização, o conjunto de reflexões relativas aos variados grupos de esquerda se integra à construção de um posicionamento específico de esquerda do coletivo intelectual de **Punto de Vista**, ao mesmo tempo vinculado e afastado das tradições às quais os intelectuais da revista haviam pertencido nos anos 1960 e 1970 e indissociável das discussões alusivas aos intelectuais. Tal posição específica de **Punto de Vista** tanto em relação à esquerda de orientação marxista quanto à tradição peronista, assinalada brevemente por Patiño (1998a; 2003) e reforçada *en passant* por Plotkin e González Leandri (2000, p. 223), carece de análise mais detalhada, principalmente avaliando em mais detalhes os anos 1990 e 2000, o que os autores citados não realizaram.

Por fim, um comentário em relação ao peronismo. Muito já se escreveu, na Argentina e em outros lugares, sobre o tema, que, segundo Beatriz Sarlo, entre 1943 e 1973, não deixou em momento algum de ocupar posição central nos debates, “como o enigma a resolver da política argentina; ou o inimigo a liquidar; ou o aliado que se deve conquistar; ou a ideologia da qual se deve libertar as massas; ou a [ideologia] que se deve absorver e transformar para se aproximar delas [massas].” (SARLO, 2007a, p. 16, tradução nossa) Essa centralidade foi transformada nos setenta, oitenta e noventa, mas não desapareceu completamente. Não há a intenção de oferecer, neste capítulo ou nesta tese, uma discussão historiográfica a respeito; simplesmente se tentará analisar de que maneira **Punto de Vista**, uma publicação formada e dirigida por intelectuais críticos ao peronismo, construiu durante os seus trinta anos de circulação uma crítica específica à cultura política peronista. Nesse sentido, as páginas a seguir trarão reflexões circunscritas, mesmo porque houve revistas peronistas que debateram, desde pelo menos os anos sessenta, as suas leituras dos processos históricos e que, como se verá, discutiram diretamente com **Punto de Vista** desde a década de 1980, em certas ocasiões.

De qualquer forma, importa destacar provisoriamente que a publicação se ocupou diretamente do peronismo em pelo menos 30 textos, incluindo editoriais. O periódico parece ter mantido, em relação ao peronismo e mais especificamente frente às suas manifestações políticas e da cultura intelectual, o que Carlos Altamirano chamou, em seu livro *Peronismo y cultura de izquierda* (2011), de “situação revisionista”, ainda que os propósitos da crítica não fossem os mesmos daquela realizada pela nova esquerda nos anos 1960. Afinal, dos anos 1970 em diante o “fato peronista” também não foi mais o mesmo, e a revista acompanhou as

alterações na cultura política e em suas expressões, principalmente a partir da eleição de Menem, em 1989, bem como no kirchnerismo. Cabe aqui ressaltar que **Punto de Vista** tratou dos temas/objetos escolhidos para discussão neste capítulo prioritariamente a partir de preocupações da cultura intelectual e não com atenção à militância ou às memórias individuais e coletivas. Portanto, há um distanciamento específico e um deslocamento de perspectiva em relação a outras revistas argentinas.

Considerando essas questões, este capítulo – que se ocupará da dimensão relativa à crítica dos intelectuais e das culturas políticas – começará com uma reflexão a respeito da problematização proposta por **Punto de Vista** para a atuação dos intelectuais enquanto intérpretes da cultura e da política diante dos desafios e das transformações locais e internacionais dos anos 1970 em diante. Ter-se-á em conta, como parte dessa crítica dirigida aos intelectuais, a produção por meio da qual é possível perceber qual o tratamento conferido, por **Punto de Vista**, a alguns aspectos do pensamento histórico-social sobre a Argentina e a América Latina, em esforço contínuo de renovação das referências a partir de autores locais, regionais e internacionais, movimento também iniciado em **Los Libros**. Como se disse antes, a crítica sobre as identidades políticas e culturais foi realizada tanto em textos de crítica cultural e artística – comentados no capítulo anterior – quanto em alguns especificamente dedicados a pensar a atuação dos intelectuais como sujeitos e/ou como objetos dessas interpretações, textos que serão investigados neste capítulo.

A crítica das culturas políticas foi também desenvolvida em **Punto de Vista** como fundamento da atuação dos intelectuais. Por isso, os últimos itens do capítulo serão dedicados à análise das esquerdas argentinas e à discussão realizada pela revista sobre o peronismo. Ou seja, serão itens voltados à compreensão da configuração das culturas políticas como objetos da publicação. Ademais, as reflexões sobre os intelectuais na revista se articularam às discussões a respeito da esquerda, do peronismo e da democracia, justificando-se a sua abordagem de forma conjunta e articulada neste capítulo. Afinal, como disse Carlos Altamirano na entrevista a Trímboli (1998, p. 26), dividir as culturas políticas e as forças políticas na Argentina entre esquerda e direita não é tarefa simples e na maioria dos casos também não é produtora: “o esquema esquerda-direita não foi nunca um esquema adequado para interpretar a divisão política na Argentina.” (tradução nossa) Isso não significa, para Altamirano, abandonar a possibilidade de refletir sobre a esquerda na Argentina, mas, antes, implica incorporar a discussão da possibilidade da esquerda se autodefinir enquanto tal, percurso empreendido por **Punto de Vista**. Trata-se, enfim, de uma reflexão a respeito de

culturas políticas complexas e que tendem a resistir a generalizações e a simplificações interpretativas.¹

Antes de prosseguir com as análises, vale mais um destaque. Os editoriais e textos coletivos (parcialmente comentados no segundo capítulo e não tão abundantes em **Punto de Vista** quando se compara a revista com outras de perfil parecido ou publicadas com relevância na Argentina e na América Latina) foram, como se verá, destinados de modo expressivo às discussões sobre intelectuais, esquerda e peronismo. Conforme a interpretação que aqui se propõe, tal aspecto assinala uma particularidade do projeto da publicação: nos temas e objetos como esses, “colados” à temporalidade curta, ao presente, aos desdobramentos das polêmicas no cotidiano e nas experiências sociais, políticas, econômicas e culturais (mais distantes do universo da cultura letrada e intelectual), a revista optou diversas vezes por debater seus pontos de vista nos editoriais e nas manifestações coletivas breves, nos textos de síntese e nos manifestos. Em suma, textos sem a possibilidade de concentrar meditações mais detidas, mas, por sua vez, dotados de sintaxe propositalmente contundente e impactante que os artigos e os ensaios mais aprofundados não apresentavam. Isso aconteceu menos vezes em relação aos objetos discutidos no capítulo anterior, apesar de haver alguns editoriais muito relevantes para aquelas discussões, especialmente o publicado no número 12, de julho de 1981.

Foram veiculados em **Punto de Vista** aproximadamente 40 editoriais e outros tipos de textos coletivos elaborados pelo Conselho de Direção ou por alguns de seus membros – os editoriais, especificamente, foram 14, com características e objetivos variados, mas com relevância nas edições e com importante ênfase nas discussões políticas.² Para uma revista que circulou durante trinta anos, o número é pequeno; o uso desse tipo de expediente editorial, contudo, se deu com a finalidade de destacar proposições relevantes para o projeto de crítica do periódico ou de comentar transformações significativas na sociedade argentina.

¹ Cabe esclarecer que se concorda nesta tese com a definição de cultura política oferecida pelo historiador francês Serge Berstein no ensaio “Culturas políticas e historiografia”: “Os historiadores entendem por cultura política um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político. Pode-se concebê-la como uma visão global do mundo e de sua evolução, do lugar que aí ocupa o homem e, também, da própria natureza dos problemas relativos ao poder, visão que é partilhada por um grupo importante da sociedade num dado país e num dado momento de sua história. Jean-François Sirinelli (1992) propôs considerá-la ‘uma espécie de código e (...) um conjunto de referências, formalizados no seio de um partido ou mais largamente difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política’.” (BERSTEIN, 2009, p. 31) Ou seja, nesta tese, quando as esquerdas, o peronismo e a democracia argentinos forem identificados como culturas políticas, o serão em concordância com a definição conceitual aqui reproduzida, mesmo que o próprio Berstein advirta para a eventual necessidade de adequar os fundamentos da definição aos fenômenos analisados, o que, evidentemente, se pretende realizar quando necessário.

² Houve, é claro, a publicação de outros textos de autoria coletiva não elaborados pelo Conselho, como manifestos, além de artigos e de debates.

Portanto, ainda que em quantidade restrita, são textos indispensáveis para a compreensão de algumas avaliações e interpretações. Procurar-se-á, nesse sentido, destacar a importância de cada um deles, bem como os momentos de maior ou de menor recorrência desses textos na publicação.

3.1. Intelectuais em tempos de ditadura e de democracia

Os intelectuais, as suas ideias e a sua atuação pública na Argentina, na América Latina e em outras regiões haviam sido interpretados inúmeras vezes na revista **Los Libros**, em textos menores, como em uma resenha no número 08, e mais destacadamente no número 20 (de junho de 1971, com a discussão do caso Padilla, de Cuba), no número 22 (de setembro de 1971, com os debates sobre a situação política do Peru naquele momento) e no número 28 (de setembro de 1972, dedicado à definição de um projeto crítico específico para a revista). Antes disso, outras revistas argentinas haviam se ocupado dos intelectuais enquanto objeto de investigação desde os anos 1950, como é o caso de **Contorno**, que se esforçou para analisar o cenário do pensamento argentino frente ao peronismo. Em **Los Libros**, no início da década de 1970, o propósito era diferente do de **Contorno**: tratava-se de pensar, primeiro, acerca de políticas para a cultura e, depois, de atuar em prol da primazia da política (DE DIEGO, 2010, p. 412), expressando, por vezes, posicionamentos próximos de posturas do anti-intelectualismo característico de alguns grupos da esquerda argentina nos anos 1970, como explicou De Diego (2000).

Punto de Vista recuperou os intelectuais e as suas práticas tomando-os como objetos, mas havia entre as duas revistas (aquela fechada em 1976 e a outra aberta em 1978), a despeito das continuidades, várias diferenças nos projetos editoriais e inúmeras transformações profundas na sociedade argentina que afetaram a produção, a circulação e a reflexão sobre as ideias e que necessariamente interessaram aos intelectuais, de modo a alterar suas concepções, inclusive aquelas relativas à própria definição de atuação dos intelectuais. Havia se dado uma ditadura de proporções amplas e os efeitos diversos do *Proceso* praticamente impunham a Sarlo, a Altamirano, a Piglia, a Gramuglio, a Vezzetti e a outros a necessidade de avaliar o que os intelectuais tinham realizado ou deixado de realizar antes e durante da ditadura. Nesse sentido, as referências, as convicções e os objetivos em **Punto de Vista** não poderiam ser, historicamente, os mesmos de **Los Libros**.

Pode-se notar uma preocupação específica com os intelectuais argentinos e com as suas interpretações pela primeira vez em **Punto de Vista** no número 06 (de julho de 1979),

em artigo do historiador argentino José Gabriel Vazeilles. No seu texto, o autor discute como na obra de Carlos Octavio Bunge, uma das figuras mais destacadas do pensamento argentino de fins do século XIX e início do XX, as preocupações acerca da identidade nacional são combinadas às reflexões concernentes à apropriação de ideias estrangeiras para o entendimento do país, em um momento comumente associado à ideia de “organização nacional”. Por isso, a Vazeilles interessa compreender como Bunge se apropriou do positivismo para o desenvolvimento de um pensamento relativo à Argentina. De modo geral, essas inquietações analíticas também aparecem no artigo que Ricardo Piglia publicou no número 08 (de março de 1980) – o contundente volume com as entrevistas de Rama, Candido e Cornejo Polar –, intitulado “Notas sobre Facundo”, texto em que, antes do primeiro editorial (publicado em 1981), um dos membros do Conselho já destacava a importância de retornar à obra de Sarmiento e compreendê-la de outras maneiras, destacando sua contribuição para os debates sobre identidade nacional, mas também o seu caráter literário.

O debate a respeito da identidade nacional e da decisiva participação das culturas estrangeiras na formação da América Latina e da Argentina prosseguiu no número 09 (de julho-novembro de 1980), quando a revista publicou “Argentina: crisis de una cultura sistemática”, de Ángel Rama. Esse artigo, também publicado pelos exilados argentinos na revista **Controversia**, no México, em setembro de 1980, oferece uma leitura atenta ao problema da inserção dos países latino-americanos e mais especificamente da Argentina na modernidade e discute a especificidade da apropriação de ideias estrangeiras, defendendo a existência de uma cultura de vanguarda entre os argentinos, marcada supostamente pela audácia e pela capacidade de invenção e de proposição de novas leituras e territórios em face, sobretudo, das matrizes europeias.

Como se percebe, esse artigo de Rama sustenta basicamente os argumentos desenvolvidos pela revista até então, de aproximação com os debates latino-americanos e nacionais e, ao mesmo tempo, de incorporação de novas referências teórico-críticas europeias, e por isso o autor o encerra ponderando a respeito dos posicionamentos históricos dos intelectuais argentinos frente a esses problemas. Identifica e explica a cultura intelectual de elite de matriz liberal, para ele abstrata e afastada do popular, e a sua contrapartida “populista”, que também teria adquirido características sistemáticas e excludentes. Nesse sentido, os intelectuais precisariam colaborar para o reconhecimento e a mais adequada compreensão das culturas não submetidas às duas leituras hegemônicas, desenvolvendo uma efetiva cultura de vanguarda, ciente das tradições, mas voltada à criação de projetos de futuro.

Se resulta evidente que o artigo de Rama funcionava como instrumento para que **Punto de Vista** explicitasse mais um pouco – ainda indiretamente, pois eram tempos de censura e de repressão significativas – as características do seu projeto de intervenção na sociedade argentina e mais propriamente no âmbito da cultura, intervenção que implicaria um diálogo crítico com as tradições liberal e peronista, a revista ainda considerava necessário esclarecer de que maneira os intelectuais do século XIX e das primeiras décadas do XX se integrariam a essa perspectiva ou por qual motivo era necessário lê-lo novamente e avaliar as suas ideias e as interpretações produzidas, por exemplo, pelos peronistas sobre os liberais.

Por isso, Altamirano publicou, no mesmo número 09, uma resenha do livro/antologia organizado por Oscar Terán com textos de José Ingenieros, editado no México em 1979 pela Siglo XXI (que, para o fundador de **Punto de Vista**, infelizmente não havia circulado na Argentina), enfatizando as contribuições do autor (também lido à época por Vezzetti, como o próprio Altamirano destaca, por sua relevância para os estudos sobre a história da loucura no país). Em franco diálogo com a introdução ao volume, produzida por Oscar Terán, evidenciase que incomodaram Altamirano essencialmente os mesmos problemas anteriormente analisados por Vazeilles e Piglia: as relações culturais entre a Argentina e os países europeus e nelas a participação mais ou menos relevante dos homens de letras, dos intelectuais. Ademais, incomoda a impossibilidade de circulação de algumas obras no país naquele momento.

Essa questão geral acerca das relações intelectuais e culturais entre América e Europa ainda motivou a publicação, no número 10 (de novembro de 1980), de “Identidad, linaje y mérito de Sarmiento”, de Sarlo e de Altamirano, da entrevista “Cinco respuestas sobre historia argentina”, com Tulio Halperin Donghi, e de “Colisión y convergencia entre los escritores del 80”, de Eduardo Romano, textos voltados à problematização das questões relativas aos intelectuais/homens de letras³, à formação do Estado e da nação, à modernidade e às relações entre a Argentina e a Europa. Esse debate se prolongou no número seguinte, o 11 (de março-junho de 1981), com uma resenha do historiador Luis Alberto Romero a um volume organizado por Donghi para a coleção Biblioteca Ayacucho, coordenada por Rama, coletânea reunindo textos de fins do XIX importantes para a compreensão dessas temáticas.

³ Como mostraram vários especialistas, o conceito de “intelectual” surgiu e se consolidou a partir das polêmicas e dos debates sobre o *Affaire Dreyfus*, na França de fins do século XIX. Portanto, a segunda metade do século XIX e a transição dos oitocentos para os novecentos marcam o momento, também, do aparecimento da ideia de intelectual, que, aos poucos, se sobrepôs à denominação “homens de letras”. Daí o necessário cuidado com o uso do conceito de intelectual em relação a esse período, especificamente, ou para períodos anteriores. Ver a respeito, entre outros, Dosse (2006).

Como se pode notar, a revista, nesses anos iniciais, desenvolveu de maneira geral um projeto de interpretação de autores que depois, no editorial do número 12, de 1981, foram expostos como parte de uma tradição crítica e intelectual à qual o periódico pretendia se vincular. Especialmente os artigos de Vazeilles e de Piglia, nos números 06 e 08, e o de Sarlo e de Altamirano, no número 10, aproximam-se desse movimento crítico mais amplo do periódico, ao qual se integra indiretamente, outrossim, o mencionado (no capítulo anterior) artigo de Beatriz Sarlo e de Carlos Altamirano (sob o pseudônimo de Washington Victorini) atinente a Martínez Estrada, veiculado no número 04 (de novembro de 1978). Portanto, o editorial do número 12 (de julho-outubro de 1981) pode ser lido como uma síntese provisória dos argumentos e dos projetos desenvolvidos até aquele momento pelo periódico. Mesmo citado, vale recuperá-lo aqui, parcialmente.

[...] Refletir sobre a história cultural argentina ou latino-americana, sobre os métodos críticos ou as teorias sociais supõe um ponto de partida: a defesa da livre discussão e a criação de um lugar – a revista – que permitisse generalizá-la. Comprovamos que não existem condições aceitáveis de produção intelectual onde não podem circular as ideias, que a censura exercida sobre a produção cultural, a repressão da diversidade, a intimidação do antagonista, são instrumentos do conformismo correlativo a um estado autoritário.

Intentamos então reconstruir alguns vínculos do campo intelectual, e os doze números da revista se propuseram a defender, na prática, o espírito crítico e nosso direito à divergência. Isto é, reivindicar a liberdade de pensar, escrever, difundir ideias diferentes: o direito ao ponto de vista.

[...] Existe uma tradição argentina que nós que fazemos *Punto de Vista* reconhecemos: uma linha crítica, de reflexão social, cultural e política que passa pela geração de 37, por José Hernández, por Martínez Estrada, por FORJA, pelo grupo Contorno. Descobrimos ali não uma problemática identidade de conteúdos, mas mais propriamente uma qualidade intelectual e moral. Trata-se de nossa responsabilidade na defesa da liberdade de expressão e de pensamento: que não haja na Argentina culturas reprimidas ou negadas. E sua consequência prática, a criação de um âmbito onde algo disso seja possível.

[...] Frente à crise econômica que afeta as instituições culturais e as editoras, e frente à clausura política, nós intelectuais imaginamos, nesses anos, formas e espaços novos para a discussão e circulação de ideias, posições, perspectivas. *Punto de Vista* entende que sua atividade até agora, e no período a seguir, pertence a esse horizonte. [...]. [“Punto de vista” (Editorial), **Punto de Vista**, n. 12, jul.-out. de 1981, p. 2, tradução nossa]

Evidentemente, o texto foi veiculado para divulgar a publicização do Conselho de Direção, até então nas sombras por conta da ditadura, mas também serviu à explicação sobre o procedimento crítico desenvolvido pela revista nos seus primeiros onze números, de combinação de referências e de matrizes em princípio divergentes e que, por isso mesmo, demandariam uma explicação e uma defesa: a defesa não de “uma problemática identidade de

conteúdos”, mas de “uma qualidade intelectual e moral”.⁴ Diante da necessidade de prosseguir na reconstituição do campo intelectual argentino – tarefa da qual a revista fez parte (obviamente em conjunto com outros grupos) e que ela reivindica no texto –, os intelectuais precisavam continuar a realizar o que, na prática, a publicação (em sua compreensão de si) teria realizado: a imaginação e a criação de “formas e espaços novos para a discussão e circulação de ideias, posições, perspectivas” que se confrontassem à “clausura política”, à “crise econômica” e à crise social. Ou seja, a superação da crise intelectual poderia colaborar, na leitura do periódico, para a superação da crise nos demais âmbitos da sociedade argentina. Ainda não eram tempos de discussão da redemocratização, o país vivia sob a ditadura e enfrentaria no ano seguinte a Guerra das Malvinas – criticada no número 15, de agosto-outubro de 1982. Todavia, alguns argumentos estavam postos e conferiam a **Punto de Vista** um lugar específico entre os coletivos intelectuais argentinos de esquerda do início dos anos 1980.

Já se disse antes e vale repetir que é preciso evitar qualquer exagero a respeito da importância de **Punto de Vista** entre os intelectuais argentinos nos anos 1970, 1980 e nas décadas seguintes. Se os intelectuais que criaram o periódico e a própria publicação adquiriram inquestionável relevância nacional e internacional, eles não foram os únicos a problematizar a Argentina nesses diferentes momentos. Como mostrou a crítica e professora argentina Roxana Patiño em “Intelectuales en transición. Las revistas culturales argentinas (1981-1987)” (1997b), em “Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la Argentina de los ochenta” (1998a) e em “Narrativas políticas e identidades intelectuales en Argentina (1990-2000)” (2003), entre outros estudos, havia mais grupos e propostas em discussão no país durante os trinta anos de existência da revista dirigida por Sarlo. É preciso desconfiar, enfim, dos discursos de autolegitimação ou de apologia a intelectuais relevantes, mas não isolados em suas tarefas de reflexão e de intervenção pública.

Para explicitar melhor a posição da revista no que se refere a outros grupos, vale a pena acompanhar o desenvolvimento e a transformação dos argumentos enunciados no editorial do número 12 em outro editorial, veiculado no número 17 (de abril-julho de 1983),

⁴ Carlos Altamirano, na entrevista a Javier Trímboli, argumentou que o procedimento de delimitação de uma tradição intelectual que **Punto de Vista** vinha desenvolvendo (tradição que é ao mesmo tempo exposta e sintetizada no editorial de 1981) se aproximava da tradição histórica do Partido Comunista argentino de vinculação à tradição liberal democrática, com Sarmiento em destaque. (ALTAMIRANO, 1998, p. 23-24) Esse é um argumento bastante específico sobre a definição de uma perspectiva crítica em **Punto de Vista**, que não foi mencionado por nenhum outro intelectual do Conselho. Por isso, vale recuperá-lo e levá-lo em consideração na interpretação da revista.

porque nesse novo texto a publicação se posicionou abertamente como parte de um movimento maior de oposição à ditadura – entre as publicações implicitamente citadas certamente estava **Controversia**, editada no exílio. Agora, para o Conselho de Direção, a temática principal era a convocação das eleições para outubro de 1983 e a possibilidade de retorno à política democrática, mais especificamente a criação de condições para a efetiva democratização futura do país. Isso deveria ser dito reivindicando melhores condições para compreender a conjuntura, a meta e o caminho necessários para a construção da democracia, em virtude da participação na oposição à ditadura militar. No trecho final do editorial (outrotranscrito) a revista argumentou:

[...] **Punto de vista** buscou ser, com os meios ao seu alcance e desde sua aparição em março de 1978, um veículo da dissidência intelectual contra o regime instalado após a derrubada do governo peronista. Nossa revista não esteve sozinha nessa atividade. Outras publicações, outras iniciativas, alguma editora, foram exemplares para resistir à pior ofensiva contra tudo o que houvesse de valioso na cultura argentina. Nada resultou tão estimulante como comprovar, nesses anos sombrios, a formação de um campo de solidariedade e interlocução com quem, em muitos casos, unicamente tomaríamos contato através do que a resistência produzia aqui e ali, dispersa mas obstinada. [...].

As reconstruções da cultura argentina, de suas instituições e de suas redes, de tudo aquilo que foi degradado material e ideologicamente, constituirá (*sic*) um desafio para os intelectuais. Porque essa reconstrução exigirá debate e espírito crítico, mas também novas ideias. E os intelectuais não devem participar nela com mentalidade de preceptores ou de profetas, mas como cidadãos. Essas são as apostas de **Punto de vista**. (Conselho de Direção, “Editorial”, **Punto de Vista**, n. 17, abr.-jul. 1983, p. 3, tradução nossa)

Os desafios para os intelectuais continuaram a ser praticamente os mesmos daqueles enunciados no editorial anterior – “reconstruções da cultura argentina, de suas instituições e de suas redes, de tudo aquilo que foi degradado material e ideologicamente” –, ou seja, reconstituição de espaços para o debate e fomento às novas ideias. O horizonte político era entretanto diferente. Enquanto em 1981 não havia, a despeito de certas fraquezas do regime, qualquer convicção de que a ditadura terminaria em breve, em 1983 a democracia era o horizonte e na nova sociedade a surgir os intelectuais deveriam ser cidadãos, não preceptores ou profetas, posicionamento bastante difundido na Argentina na época.

Em uma leitura complementar àquela realizada desses materiais no capítulo anterior, importa enfatizar agora como tais editoriais são textos nos quais a revista explicita as problemáticas que os intelectuais deveriam enfrentar naquelas conjunturas, a ditadura (em 1981) e a iminente redemocratização (em 1983). Ademais, segundo bases e parâmetros diversos, o periódico compreendia que certas pautas enfrentadas por intelectuais como

aqueles da geração de 1837 e do início do século XX, os quais a publicação vinha não casualmente analisando desde 1978, precisavam ser retomadas: o debate sobre as características ou fundamentos da cultura argentina e em relação ao Estado e à nação, âmbitos que deveriam ser, para o grupo da revista, praticamente “refundados”, agora sob o signo da cidadania e da democracia. Afirma-se no editorial de 1983: “[...] uma sociedade se democratiza não apenas nas modalidades do exercício político, mas na produção de novas condições econômicas, sociais e culturais que convertam esse exercício em uma possibilidade efetiva.” (tradução nossa) Frente a esses desafios, resultam compreensíveis tanto o artigo de Terán quanto a resenha de Altamirano no mesmo número 17, ambos mencionando a questão do compromisso dos intelectuais. Não se tratava mais do compromisso sartreano, do profeta, mas do compromisso do cidadão, aquele que se preocupará, por exemplo, com a questão da cultura popular frente à massificação da indústria cultural, como se discutiu em **Punto de Vista** nos anos seguintes – no número 18 (de agosto de 1983), entre outros.

Depois dos textos publicados nos anos iniciais da revista (principalmente entre 1978 e 1981), focados nas tradições e nas filiações assim como nas interpretações elaboradas pelos intelectuais dos séculos XIX e XX a respeito de grandes debates da cultura, da política, do Estado e da nação – momento de expressiva presença na revista dos projetos de Sarlo e de Altamirano de releitura de diferentes tradições e de interpretação de objetos canônicos, aos moldes do trabalho que haviam desenvolvido no Centro Editor de América Latina –, os posicionamentos mais contundentes de **Punto de Vista** atinentes aos intelectuais e ao seu lugar na história argentina, principalmente na história da nova democracia, apareceram no número 22⁵ (de dezembro de 1984), em que foi divulgada a Declaração de princípios do Club de Cultura Socialista. Trata-se de um momento relevante, também, para as discussões relativas à esquerda, o que será problematizado mais adiante. Afirmava-se na Declaração:

1. Os abaixo-assinados acordamos fundar o Club de Cultura Socialista como um centro de análise e discussão dos problemas políticos, sociais e culturais da sociedade argentina. Provenientes de diferentes experiências e tradições políticas, encaramos esta iniciativa com a certeza de que as posições socialistas não superarão sua colocação periférica no cenário nacional nem sua reiterada tendência à desagregação e incapacidade política se não abrem espaço a uma nova reflexão teórica e a uma nova cultura política na área da esquerda. O Club de Cultura Socialista, que funcionará como uma instituição civil e pública, aspira a contribuir para esse renovação atraindo o esforço de

⁵ Recorde-se que desde o número 20 (de maio de 1984) haviam se integrado ao Conselho de Direção da revista Juan Carlos Portantiero e José Aricó, recém-chegados do exílio no México. Outros haviam voltado à Argentina e se aproximaram também do grupo de **Punto de Vista** sem assumir funções no Conselho, como o cineasta e crítico de cinema Rafael Filippelli.

todos aqueles que interroguem criticamente sobre o significado atual do socialismo como identidade ideológica, cultural e política.

2. **A democracia e a transformação social estarão no centro das preocupações do Club, que estimulará em torno dessas questões uma busca radical, sem preconceitos e laica, ou seja, alheia por completo às querelas doutrinárias sobre a ortodoxia teórica e política.** O lugar privilegiado que conferimos à *questão democrática* tem para nós um duplo significado. Em primeiro lugar o do reconhecimento de que apenas em um contexto democrático pode se expandir um movimento social de esquerda que impulsione a transformação e adquira uma presença relevante e até determinante na vida da sociedade argentina. Em segundo lugar, o da reafirmação de nossa certeza de que o conjunto de liberdades civis e políticas associadas ao funcionamento da democracia constituem um patrimônio irrenunciável para uma perspectiva socialista, ainda que esse patrimônio exija de forma imperativa a sua inovação e o seu enriquecimento, como por outra parte demonstra a experiência histórica. [...].

3. Desde essa perspectiva, nem a *questão nacional* nem a *questão social* podem ser consideradas como exigências contrapostas ou preliminares à democracia, pois unicamente no espaço que essa abre é possível elaborar e discutir publicamente opções de desenvolvimento independente ou de reorganização social que articulem as aspirações e os movimentos da sociedade. Mas nem a incorporação do tema democrático é por si só suficiente para definir uma nova identidade de esquerda nem o impulso democrático poderá ser levado até a raiz das relações sociais sem a presença de uma corrente que tenha em seu horizonte a utopia de outra sociedade mais justa, mais livre, mais aberta. [...].

7. O Club de Cultura Socialista **propiciará o debate pluralista em torno de todas essas questões que giram ao redor dos grandes temas da democracia e da transformação social. A afirmação pluralista implica a recusa de todo princípio de ortodoxia que proporcione o critério para medir a verdade ou o erro entre posições divergentes.** Quem resolveu dar vida a essa associação pensa que a cultura de uma esquerda disposta a se confrontar com os problemas de uma sociedade complexa como é a argentina, cujos múltiplos conflitos e dilemas não podem ser reconduzidos a uma só matriz – seja econômica ou política –, **unicamente se pode elaborar através de uma forma distinta de organização da busca, na qual a diversidade opiniões e vozes constitui um requisito imprescindível.** (Club de Cultura Socialista, “Declaración de principios”, **Punto de Vista**, n. 22, dez. 1984, p. 40-41, tradução e negritos nossos, itálicos no original)

Não interessa por enquanto debater, nesse ou em outros trechos do documento, o que se assevera acerca das demandas da democracia. É preciso ressaltar no fragmento acima, todavia, certos posicionamentos do grupo do Club em relação às demais tendências da esquerda, chamadas genericamente de “ortodoxas”, e a autoafirmação de uma identidade pluralista e ao mesmo tempo avaliadora do certo e do errado, fundada supostamente no debate das opiniões diversas. Esses argumentos se aproximam daqueles desenvolvidos por **Punto de Vista** nos editoriais anteriormente comentados, nos quais se valoriza a diversidade e a pluralidade de posicionamentos e se critica as ortodoxias teóricas, culturais ou políticas, movimento/princípio geral que permeava a revista, como se mostrou no capítulo anterior, e

que suscitou críticas de outros grupos de esquerda e até de grupos peronistas.⁶ Entretanto o pluralismo anunciado/almejado não foi obtido no interior do Club, como se dirá a seguir.⁷

Antes de continuar a interpretar os debates sobre os intelectuais em **Punto de Vista** e exatamente porque a instituição será decisiva para a delimitação das pautas dos intérpretes reunidos na revista, é preciso realizar uma breve digressão para que se compreenda a importância do Club na história de **Punto de Vista** desde 1983/1984. O Club de Cultura Socialista, como explicou o historiador argentino Pablo Ponza, foi fundado em Buenos Aires em julho de 1984, “como resultado da fusão de dois conhecidos núcleos intelectuais de esquerda.” Prosseguiu Ponza:

O primeiro deles reunido a partir de 1978 em torno da revista *Punto de Vista*, e com Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Hugo Vezzetti, Rafael Filippelli e Adrián Gorelik como seus membros mais visíveis ou destacados.⁸ O segundo grupo, recentemente regressado ao país depois de se exilar no México, tinha entre seus membros mais notáveis José Aricó⁹, Juan Carlos Portantiero, Jorge Tula e Emilio De Ipola.

⁶ Roxana Patiño explicou que **Punto de Vista**, durante a ditadura, manteve-se em tensão “tanto com as revistas da esquerda que ainda sustentam suas posições desde o marxismo-leninismo, quanto com as publicações do peronismo que ainda mantêm as posturas do velho populismo dos 70. Se não existe uma ‘polêmica’ no sentido formal do termo, a tensão é evidente.” (PATIÑO, 1998a, tradução nossa)

⁷ Conforme se explicou brevemente no capítulo anterior, são considerados os/as fundadores/as do Club (ainda que nem todos tenham assinado a “Declaração de princípios”): José Aricó, Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Juan Carlos Portantiero, María Teresa Gramuglio, Sergio Bufano, Marcelo Cavarozzi, Alberto Díaz, Rafael Filippelli, Ricardo Graziano, Arnaldo Jáuregui, Domingo Maio, Ricardo Nudelman, José Nun, Osvaldo Pedroso, Sergio Rodríguez, Hilda Sabato, Jorge Sarquís, Jorge Tula, Oscar Terán, Hugo Vezzetti, Emilio de Ipola.

⁸ Apenas para corrigir um equívoco e tornar o argumento de Ponza mais preciso e/ou recuperar informações já indicadas: Filippelli se aproximava do grupo naquele momento (1984), assim como Gorelik (conforme entrevista citada no capítulo anterior). Portanto, os dois ainda não eram membros da revista, muito menos pertenciam aos mais destacados colaboradores, o que aconteceria somente a partir de fins da década de 1980 e início da seguinte.

⁹ Apesar de não ter sido um dos fundadores de **Punto de Vista**, José María Aricó foi um intelectual fundamental para a esquerda argentina e um dos responsáveis pela revista **Pasado y Presente** e pelos “Cuadernos de Pasado y Presente”, publicações que, nos anos 1960, ajudaram a formar os intelectuais que depois dirigiram **Los Libros** e em seguida **Punto de Vista**. Desde o seu retorno do exílio se integrou ao Conselho de Direção de **Punto de Vista** (no número 20, de maio de 1984) junto com Juan Carlos Portantiero e foi importante para a revista dirigida por Sarlo entre a sua entrada e o seu falecimento, em 1991, não apenas pela colaboração na publicação – publicou apenas 7 textos, individualmente ou coletivamente –, mas sobretudo pelo desenvolvimento conjunto do Club de Cultura Socialista e, durante um período, da revista **La Ciudad Futura**. Continuou a integrar o Conselho de Direção de **Punto de Vista in memoriam** até o número 78 (de abril de 2004).

De acordo com o verbete publicado a seu respeito por Horacio Crespo no *Diccionario biográfico de la izquierda argentina*, Aricó foi:

“Militante político, editor, intelectual marxista de projeção latino-americana, uma das figuras máximas da ‘nova esquerda’. Filho de uma família de modestos trabalhadores da localidade cordobesa de Villa María, afilia-se ao PC [Partido Comunista] argentino em 1947. Integra-se ao movimento estudantil orientado pela Reforma Universitária em suas lutas contra o governo peronista e é encarcerado várias vezes durante esse período. Ingressa na Faculdade de Direito da Universidad Nacional de Córdoba, mas abandona os estudos formais e profissionaliza sua militância, ocupando a secretaria de organização da Federação Juvenil Comunista de Córdoba. Em sua formação autodidata como intelectual marxista são decisivas suas leituras do marxismo italiano, especialmente as de Antonio Gramsci. Em fins da década de 1950 se relaciona com Héctor P. Agosti, então secretário de cultura do PC e diretor de **Cuadernos de Cultura**, iniciando então seus escritos. [...] Na busca de uma renovação teórico-política do PC, em maio de 1963, junto com um grupo de jovens comunistas cordobeses (Oscar del Barco, Héctor Schmucler, Samuel Kieczkowski e outros) lança e edita nove

No que se refere aos *argen-mex* – como se chamava coloquialmente aos recém-chegados – haviam participado no Distrito Federal em organizações como a *Casa Argentina de la Solidariedad*, fundado o *Grupo de Discusión Socialista* e editado *Controversia* (1979-1981)¹⁰, publicação em que se observa um profundo processo de autocritica, expiação e *mea culpa* em relação à experiência política, ideológica e metodológica da esquerda revolucionária que havia atuado na Argentina durante os anos 1960 e 1970. Sem dúvida a derrota da chamada *Nova Esquerda*, o exílio e a crise na qual estava mergulhado o marxismo desataram uma revisão, marcando uma

números da revista **Pasado y Presente**, até meados de 1965. A reação da direção do PC é a expulsão do grupo, acusado de ‘chinoísta’. Paralelamente é expulso um núcleo de jovens militantes em Buenos Aires, dirigido por outro discípulo de Agosti, Juan Carlos Portantiero, os quais formam a Vanguardia Revolucionária, de existência efêmera. Ambos os grupos, e sobretudo Portantiero e Aricó, estabelecem desde então e ao longo de várias décadas uma relação política e intelectual significativa. [...] [Aricó] Orienta seus esforços para o desenvolvimento de um projeto político cultural, claramente desenhado desde a concepção gramsciana de ‘hegemonia’; funda em 1968 – junto com Oscar del Barco, Juan José Varas e Santiago Funes – a Editorial Pasado y Presente, e inicia a publicação da fundamental série de Cuadernos de Pasado y Presente, que alcança 98 títulos e aproximadamente um milhão de exemplares ao longo de quinze anos transcorridos entre Córdoba, Buenos Aires e México. Também organiza a Editorial Universitaria de Córdoba (Eudecor), convertida em 1970 em Editorial Signos, empresa em que participam Héctor Schmucler, Santiago Funes, Juan Carlos Garavaglia e Enrique Tándeter. Em 1971, Signos se funde à sucursal argentina da editora mexicana Siglo XXI, para formar Siglo XXI Argentina, com projetos fundamentais de edição de obras de Marx [...] em cujas versões castelhanas Aricó participa pessoalmente. [...] Em maio de 1976 Aricó se exila no México com sua família. Trabalha até 1984 em Siglo XXI [...]. Aricó renova completamente o Marx conhecido em castelhano. As consequências hermenêuticas e políticas desse trabalho são enormes em todo o espaço latino-americano. [...] Aricó se converte em foco de irradiação de problematizações políticas e circulação de ideias renovadoras, de balanços de experiências e formulação de novos horizontes estratégicos, em particular em torno da ‘crise do marxismo’, da ‘revalorização da democracia’, da emergência de novos atores sociais e políticos e do protagonismo da ‘sociedade civil’. Também tem destacada participação na elaboração política surgida no exílio argentino. Com Portantiero e Jorge Tula funda, em outubro de 1979, a revista **Controversia** e em setembro de 1980 o Grupo de Discussão Socialista. [...] Em 10 de maio de 1982, no contexto da guerra entre a Argentina e a Grã-Bretanha, subscreve, junto com a maioria dos integrantes do Grupo de Discussão Socialista, o manifesto ‘Por la soberanía argentina en las Malvinas’, sobre o qual anos depois faria reflexões críticas. Retorna do exílio em 1983, instalando-se em Buenos Aires [...]” (CRESPO, 2007, p. 22-24, tradução nossa)

As imbricações de Aricó com o coletivo intelectual de **Punto de Vista** serão melhor explicadas adiante.

¹⁰ Roxana Patiño (1998a) explicou de maneira sintética e precisa o que foi a revista **Controversia**:

“A revista *Controversia para el análisis de la realidad argentina* editou 14 números entre 1979 e 1981 na Cidade do México. Seu diretor foi Jorge Tula e seu Conselho de Redação foi constituído por José Aricó, Carlos Abalo, Sergio Bufano, Rubén Caletti, Nicolás Casullo, Ricardo Nudelman, Juan Carlos Portantiero, Héctor Schmucler e Oscar Terán. A convocatória foi feita tanto a intelectuais de esquerda quanto a peronistas que tinham algo em comum: o reconhecimento da derrota como ponto de partida para uma reflexão crítica. [...] Poder-se-ia dizer que se está diante de uma dupla passagem: no momento em que a esquerda sofre uma crise dos modelos de transição ao socialismo, os intelectuais argentinos provenientes dessa matriz ideológica devem pensar os modos de transição de um regime ditatorial a um democrático. Esse duplo jogo simultâneo é o que gera as discussões sobre a crise do marxismo, a análise da esquerda argentina e latino-americana, a problemática do peronismo, a democratização e a redefinição do intelectual frente a ela, o exílio e a literatura, entre as principais. À luz da crise do marxismo e da análise da situação argentina, a maioria dos escritores da esquerda abandona os conceitos nucleares do marxismo-leninismo e indaga novas formas de relação entre socialismo e democracia, buscando uma alternativa que se oponha ao capitalismo mas não obture a instância democrática. Em alguns casos, esta atitude apenas avança para um reformismo de perfil social-democrata. Em outras intervenções, ao contrário, vislumbra-se uma indagação mais complexificada pelo contexto latino-americano e especificamente argentino. Cada vez mais se consolida a ideia de que o socialismo apenas se sustentará no futuro se, através de um giro democratizador, incorporar a complexidade de que está composta a sociedade atual [dos anos 1980]. [...] *Controversia* deixou de ser publicada em 1981. Peronistas e socialistas, começada a transição, alinharam suas problemáticas em seus âmbitos mais específicos e até opostos. [...]” (PATIÑO, 1998a, tradução nossa)

Recomenda-se, para maior detalhamento, o livro de Verónica Gago, *Controversia, una lengua del exilio* (2012).

profunda ruptura dentro de seu próprio campo. Tal ruptura se assentou fundamentalmente em dois grandes temas. Por um lado, o questionamento da luta armada e da visão belicista da política que haviam sido mostradas pelas organizações político-militares. E, por outro, essa crítica deu lugar à revalorização da democracia como sistema válido para a resolução de conflitos.

Como vemos, já no exílio este grupo de homens havia dado um giro em suas concepções políticas, mudando do paradigma revolucionário para o possibilista ou democrático. Mas o giro à democracia foi efeito mais da violência aplicada pelo *Estado Terrorista* e do fracasso da esquerda armada do que da espontânea maturação de seu pensamento político. Sobre a base dessa experiência empírica esses homens se projetaram em direção ao futuro, reelaborando sua cultura política em perspectiva democrática. (PONZA, 2013, tradução nossa, destaques no original)

Em uma circunstância na qual, lembrou Ponza em diálogo com inúmeros autores, a democracia – mesmo ainda sem precisão na conceituação do termo, como evidencia o próprio editorial do número 17 de **Punto de Vista** – passava a ocupar o protagonismo como pauta fundamental dos debates acadêmicos, políticos e ideológicos dos intelectuais da época, “substituindo a hegemonia que a *Revolução* havia alcançado desde fins dos anos 1950” (PONZA, 2013, tradução nossa), o Club era um lugar de articulação desses intelectuais e mais especificamente de propostas diversas de esquerda. Era um espaço que envolvia intelectuais de grupos, de idades e de tradições variadas, que se encontravam para novos propósitos depois de uma ditadura.

O coletivo de intelectuais que criou **Punto de Vista** e que a dirigiu até aquele momento de início da redemocratização havia mantido com alguns dos intelectuais exilados no México pelo menos alguns tipos significativos de relações: nos anos em que estavam na universidade, na década de 1960, Sarlo, Altamirano, Piglia, Gramuglio e outros tinham lido e admiravam, como disseram em entrevistas, a revista **Pasado y Presente**, que circulou entre 1963 e 1965 (e depois em 1973, em números especiais), na qual colaboraram José Aricó, Juan Carlos Portantiero¹¹, Emilio de Ipola, Juan Carlos Torre, Héctor Schmucler, entre outros;

¹¹ Juan Carlos Portantiero, importante intérprete do peronismo e intelectual de destacada atuação ao lado de José Aricó em várias iniciativas, também se vinculou ao Conselho de Direção de **Punto de Vista** em 1984 e nele permaneceu oficialmente até o número 52 (de agosto de 1995), apesar de não ter publicado nenhum artigo ou material na revista entre o número 20 (de maio de 1984) e a sua saída – aliás, publicou apenas três textos individuais em **Punto de Vista**. Depois de sua saída do Conselho ainda colaborou em uma homenagem a Leandro Gutiérrez publicada no número 53 (de novembro de 1995) e em uma homenagem a José Aricó publicada no número 66 (de abril de 2000).

Conforme o verbete publicado a seu respeito por Horacio Tarcus no *Diccionario biográfico de la izquierda argentina*, Portantiero foi:

“Sociólogo e intelectual marxista de projeção latino-americana, uma das figuras máximas da ‘nova esquerda’. Nascido no seio de uma família de classe média portenha de orientação socialista, ingressou na Faculdade de Direito da Universidad de Buenos Aires para abandoná-la em seguida pela carreira de Letras da Faculdade de Filosofia e Letras. Em 1952, enquanto cursava Direito, ingressou na FJC [Federación Juvenil Comunista]. Pouco interessado na militância estudantil, consagrou-se em contrapartida no periodismo político e cultural.

depois, em fins dos sessenta e início dos setenta, aproximaram-se de alguns deles (de Schmucler e de Aricó, por exemplo) em **Los Libros**, revista em que esses intelectuais vindos de **Pasado y Presente** participaram mais estreitamente ou não, e também dialogaram por meio dos agrupamentos de esquerda, principalmente dos grupos maoístas; entre 1979 e 1981, **Punto de Vista** dialogou, implicitamente, com a revista **Controversia**¹², republicando artigos e debates que circularam nas páginas da publicação mexicana e travando debates diretos ou indiretos com o grupo que a elaborava¹³, por conta de posicionamentos divergentes a respeito do exílio, da ditadura e de questões internas e externas da política e da cultura na Argentina.¹⁴

Abandonou também a carreira de Letras para trabalhar como funcionário do partido na área jornalística [...]. Em 1966 se formou na Faculdade de Filosofia e Letras com o título de licenciado em Sociologia. [...]. Em 1971, por iniciativa de Aricó, foram reunidos [os ensaios produzidos sobre o peronismo por Portantiero e pelo também sociólogo Miguel Murmis nos anos anteriores] em um volume editado pela Siglo XXI responsável por contribuir profundamente com a renovação das análises da década de 1930 e princípios da seguinte: **Estudios sobre los orígenes del peronismo**. [...]. Também teve destacada participação na elaboração política surgida no exílio argentino [no México]. Com Aricó e Jorge Tula fundou, em outubro de 1979, a revista **Controversia**, e em setembro de 1980, o Grupo de Discussão Socialista. [...] Retornou do exílio em 1983, e se instalou em Buenos Aires. Em 1985 ingressou como investigador no Conicet ao mesmo tempo em que se concursou na cátedra de Teoria Sociológica na carreira de Sociologia da UBA, disciplina de que foi professor titular durante anos. [...]. Desde uma perspectiva social-democrata, postulou uma revalorização do passado socialista argentino e da obra de Juan B. Justo, e sustentou uma marcada atitude de apoio ao governo de Raúl Alfonsín, em termos da necessidade de consolidar a democracia e de uma vinculação estratégica entre democracia e socialismo. Integrou, junto com Emilio de Ipola, o chamado Grupo Esmeralda, que assessorou o presidente Alfonsín. As ideias de Portantiero e De Ipola se sintetizaram claramente no que foi conhecido como o discurso do Parque Norte de dezembro de 1985 do presidente radical. Opositor durante a década menemista, Portantiero foi depois assessor da Alianza desde a sua criação em 1999 e um dos redatores da declaração de princípios do Instituto Programático de la Alianza (IPA), plataforma virtual da frente que levou à presidência Fernando de la Rúa. [...]. Morreu aos 72 anos depois de sofrer de uma penosa enfermidade renal enquanto trabalhava em uma história do socialismo argentino. Seus restos foram velados na sede do Club Socialista.” (TARCUS, 2007c, p. 520-522, tradução nossa)

As imbricações de Portantiero com o coletivo intelectual de **Punto de Vista** serão melhor explicadas adiante.

¹² Sarlo, na entrevista que concedeu ao autor desta tese em Buenos Aires, em 2009, disse que a única revista com a qual **Punto de Vista** se preocupou efetivamente em dialogar durante a ditadura foi **Controversia**. Por sua vez, Patiño (1998a) observou que diversas revistas da esquerda mais especificamente marxista procuraram criticar **Punto de Vista** a partir de 1983 e nunca houve respostas diretas às tentativas de polemizar a respeito do que se considerava o esvaziamento cultural e político de **Punto de Vista**, inclusive dos intelectuais que haviam retornado do exílio e se integrado à publicação, como Aricó e Portantiero, expoentes nos sessenta dos agrupamentos da esquerda marxista. Disse Patiño: “Quando uma revista escolhe quando, com quem e sobre o que polemizar, está ocupando um lugar central, porque está estabelecendo a agenda e a relação com os interlocutores.” (PATIÑO, 1998a, tradução nossa)

¹³ Carlos Altamirano, na entrevista a Trímboli, respondendo a uma questão acerca dos motivos que o levaram a permanecer na Argentina e não buscar o exílio, mencionou o contato com o grupo de **Controversia**:

“[...] uma das tarefas relevantes que apareciam era a de entrar em contato com o exílio. Buscar estabelecer comunicação com núcleos de exilados e, na medida do possível, alcançar algum tipo de coordenação sob a forma de uma publicação comum. Como parte dessa tarefa, no ano de 1980 viajei ao México, onde mantive contato especialmente com um dos núcleos de exilados, o que ali publicava a revista *Controversia*. Por que entrei em contato com esse grupo e não com outros? Por várias razões, mas, fundamentalmente, por duas que me parecem importantes: a primeira tinha a ver com fato bem prático de que eu conhecia vários dos que publicavam a revista e, portanto, a relação era mais fácil. E, em segundo lugar, por um motivo fundamental: esse era um círculo que tinha expectativas em relação ao que estávamos fazendo os que seguíamos vivendo na Argentina. Desse modo, diferenciavam-se de outros setores do exílio que tinham um olhar cético a respeito do que se podia fazer aqui, quer seja porque consideravam que não se podia fazer nada ou porque preferiam crer que era impossível fazer qualquer coisa, posto que o contrário podia significar que finalmente a ditadura militar se mostrara tolerante. O grupo de *Controversia* se mostrou interessado no que estávamos

Portanto, a fundação do Club em 1984, não como um partido político ou associação acadêmica, mas tentando ser uma instituição apoiada na camaradagem (PONZA, 2013), permitiu a rearticulação de intelectuais que se conheciam previamente sob novas bases e em uma conjuntura histórica diferente dos 1960 e dos 1970. Não obstante a intenção de camaradagem, havia tensões advindas das posições variadas assumidas no que diz respeito ao papel de uma revista cultural, ao exílio¹⁵ e à democracia. Embora o Club e a revista não se confundissem, houve conflitos entre “estaturas intelectuais” variadas. **Punto de Vista**, afinal,

fazendo aqui, que era basicamente publicar a revista *Punto de Vista*. Em 1981 voltei a viajar ao México; dessa ocasião data o acordo que nos levou a publicar, com certa frequência, resenhas e informação sobre o que se estava fazendo fora do país. Recordo que naqueles tempos publicamos uma entrevista com David Viñas, atitude que para nós tinha um significado político importante. Nesse ano havia saído no México o livro de Oscar Terán, *Imperialismo y Nación*, que era uma seleção de textos de José Ingenieros precedida por um estudo extenso. Esse livro não entrou na Argentina porque Siglo XXI não o pediu, por temor que não entrasse ou que houvesse represálias contra a distribuidora. Então eu fiz uma nota longa sobre esse trabalho, referindo-me também a distintas coisas que estavam sendo produzidas fora e que aqui não circulavam. [...]. Tão logo se precipita a crise do regime militar, produz-se essa saída sem pacto, que evidencia que o regime havia sido tão golpeado e desprestigiado pela derrota nas Malvinas que não estava em condições de exigir uma negociação para a entrega do governo. Aí é quando o grosso, a maioria dos que formamos *Punto de Vista*, vemos que a fórmula alfonsinista é a mais adequada para a situação, confiando nessa ideia política que se esboçava como uma espécie de conjunção entre a democracia e a reforma social. A partir de 1983 começam a regressar a maioria das pessoas que estava no México nucleada ao redor da revista *Controversia* [observação: a revista se encerrou em 1981] e, junto com eles, fundamos o Club de Cultura Socialista no ano de 1984. A fundação do Club de Cultura Socialista estava muito ligada ao clima alfonsinista, às expectativas que se haviam gerado em torno do alfonsinismo; tanto foi assim que o Club sofreu os vaivéns, os revezes próprios – manifestos inclusive em suas discussões internas – de um núcleo que havia nascido vinculado ao ânimo que o alfonsinismo havia gerado na sociedade. [...]” (ALTAMIRANO, 1998, p. 15-17, tradução nossa)

¹⁴ Na entrevista realizada com Sarlo em 2009, a diretora de **Punto de Vista** franqueou ao autor desta tese o acesso a uma carta nunca publicada ou divulgada, escrita por ela em nome do Conselho de Direção em 1982 e enviada ao grupo de *Controversia* (mais diretamente a José Aricó) naquele momento. A carta respondia a um texto divulgado pelo grupo nucleado no México em que, por motivos diversos, os intelectuais apoiavam a iniciativa das Malvinas. Sarlo argumentou então detalhada e criticamente, procurando explicar aos exilados por quais motivos a compreensão deles a respeito da situação era insuficiente e gerava um posicionamento inadequado. Na entrevista a Podlubne e a Prieto, María Teresa Gramuglio, enquanto se lembrava e descrevia uma visita que fez ao México na qual teve contato traumático com o grupo de *Controversia* (mais especificamente com o diretor Jorge Tula) e com outros exilados, recordou-se dessa ocasião e disse a respeito: “[...] em 82 eles [o grupo de *Controversia*, a essa altura já extinta] divulgam no México uma nota na qual apoiam a guerra de Malvinas. E Beatriz respondeu com uma carta exemplar que, me lembro, nos leu na oficina de *Punto de vista*.” E complementa a recordação com algo bastante pessoal: “E em pouco tempo eles [os exilados no México] começam a vir. Creio que o primeiro que veio foi Rafael Filippelli, como uma espécie de adiantado. [...] Depois Filippelli contava que ele tinha vindo para cá pensando que queria conhecer Beatriz Sarlo, porque a carta havia lhe impactado muito, e queria produzir intervenções desse tipo. Ao final terminaram juntos, ele e Beatriz.” (GRAMUGLIO, 2014, p. 273-274, tradução nossa)

¹⁵ Como advertiu José Luis de Diego (2007, p. 54), os debates e as polêmicas “entre exilados e ‘os que ficaram’ abriram feridas que demoraram a mitigar.” (tradução nossa) **Punto de Vista**, atenta aos exilados e disposta a dialogar com alguns dos grupos que haviam partido e se estabelecido em outros países (como o caso dos intelectuais de *Controversia*), ocupou-se da questão do exílio de diferentes maneiras: publicou artigos em que se refletiu sobre as representações do exílio mundial e especificamente latino-americano em obras de arte, especialmente na literatura e no cinema, no caso argentino; problematizou a questão das memórias do exílio, divulgadas em livros ou não a partir dos anos 1980; entre outras abordagens, para as quais colaboraram diversos intelectuais. A revista também interpretou algumas manifestações culturais do que se convencionou chamar de “desexílio”, experiência definida por De Diego como “a incerteza que despertou a reintegração social e cultural dos que regressavam.” (DE DIEGO, 2007, p. 54, tradução nossa)

não era uma revista insignificante e a participação dos recém-chegados no Conselho trouxe para o coletivo de intelectuais que compunham o Conselho de Direção questionamentos sobre o papel que eles ocupariam a partir de então, por conta do que já haviam realizado. Sarlo explicou da seguinte maneira aquela conjuntura, na entrevista a Mercader e a García:

[...] Quando eles [os exilados] voltam abrimos a revista a Pancho [José Aricó] e a Porta [Juan Carlos Portantiero], poderíamos ter aberto a revista a todos, mas, bem, um conselho de redação de 200 pessoas tampouco funciona.

E aí começa um momento muito difícil da revista, por várias razões. Em princípio porque a revista havia constituído sua identidade sendo uma revista contra a ditadura, isso nós sabíamos fazer automaticamente. Como escolher as coisas, o que traduzir, o que mostrar, assim produzimos toda a modernização teórica: Raymond Williams, Hoggart, Bourdieu. Mas quando as coisas começam a se ampliar a partir de fins de 81, 82, quando chegam do exílio, era preciso se adaptar a outra coisa. Ou fechar a revista e dizer “esta revista funcionou porque foi uma revista contra a ditadura”, como fechou *Controversia*, ou mantê-la. Sim, somos todos social-democratas, fomos todos marxistas. Mas qual é o projeto dessa revista? Esse foi o momento em que nós dissemos: “Que revista temos que fazer?”.

[...] O problema não era somente o final da ditadura como também que chegavam duas pessoas que dirigiram a revista marxista e socialista mais importante da Argentina que são Aricó e Portantiero. Eles haviam se exilado como os diretores da revista que havia formado a todos nós. Sobre tudo os cadernos de Pasado y Presente, que tinham sido para qualquer marxista de vinte anos nos anos 60 a biblioteca. Então vinham com esse prestígio, tinham feito a revista *Controversia* que havia sido muito importante, poucos exemplares, mas muito importante. Nós, paralelamente, emergimos da ditadura com um peso específico. Então ali havia uma saturação de personalidades intelectuais que é muito forte, que pode ser bárbara para uma revista, mas para um conselho de direção, nem tanto. E, ademais, eu creio que Pancho Aricó chegou a PdV [Punto de Vista] com a ideia de fazer *La ciudad futura*, ou de transformar PdV em *La ciudad futura*, mas não poderia fazer isso, porque eu não tinha essa ideia de revista. (SARLO, 2012, tradução nossa, destaques no original)

Por seu turno, Gramuglio agregou outros argumentos relevantes para o esclarecimento daquele momento:

[...] – Depois entram os “mexicanos”. Juan Carlos Portantiero, Pancho [José] Aricó, que vinham do México, onde haviam feito a revista *Controversia*.

– Claro. Então se rompe algo, creio eu, dentro da revista. E como um fator não desejado, se separam Carlos e Beatriz, coisa que afetou muito emocionalmente ao grupo. Recordo-me de que Jorge Dotti me contou uma vez que ele e sua mulher, da qual se separou também depois, quando souberam que Beatriz e Carlos haviam se separado se puseram a chorar.

[...] – Pancho Aricó e Juan Carlos Portantiero entram para o *staff* da revista.

– Sim, essa foi outra discussão. Beatriz insistiu muito para que entrassem, Carlos não estava tão entusiasmado, tinha uma frase muito divertida com seu

sotaque correntino [de Corrientes] para assentar seus argumentos: “cada gato por sua parede”. Pancho e Portantiero tinham uma relação muito forte entre eles, e traziam seu coro próprio, o que gerava duas lideranças diferentes, eles dois por um lado, e Beatriz e Carlos pelo outro. De fato, foi algo que não funcionou, praticamente não apareceram nunca nas reuniões, ainda que tampouco os tenhamos tirado do *staff*, por uma questão de apreço intelectual e cortesia. E ademais muito rapidamente começam a fazer *La ciudad futura*, que foi a revista de seus amores.¹⁶

– **Também entram na revista Filippelli e os temas que são incorporados por Filippelli.**

– Efetivamente, isso marca outro rumo, outra deriva, outros temas. Com Filippelli também começa a colaborar muito Raúl Beceyro. E se vão armando pequenos bolsões de afinidades, pequenos porque éramos muito poucos. Vão se definindo temas que se vinculam a relações pessoais, proximidades afetivas que armam redes que não são apenas intelectuais.

– **E entra Hilda Sabato.**

– Claro, depois de Malvinas. Com Hilda havíamos tido muita afinidade nessas intervenções durante Malvinas, contra a guerra. Foi uma incorporação muito importante, de muito peso intelectual. (GRAMUGLIO, 2014, p. 272-274, tradução nossa, destaques no original)

As declarações de Sarlo e de Gramuglio, entremeadas de avaliações políticas, intelectuais e pessoais, demonstram um momento de extrema tensão no Conselho de Direção de **Punto de Vista** que os intelectuais do Conselho não mencionaram na maioria de suas entrevistas ou declarações memorialísticas e que os intérpretes da revista não assinalaram ou comentaram. Como se pode notar, houve uma crise no Conselho. Poder-se-ia pensar que a chegada da democracia teria trazido para a revista apenas a concretização de sua demanda principal entre 1978 e 1983 – a derrota da ditadura e o restabelecimento do Estado

¹⁶ **La Ciudad Futura**, de acordo com Reano: “[...] recebe seu nome em homenagem ao periódico *La Città Futura*, feito por Gramsci em 1917. Foi fundada em 1986 por José Aricó, que compartilhou a direção com Juan Carlos Portantiero e Jorge Tula. Entre os integrantes do Comitê Editorial figuraram Jorge Dotti, Javier Frenzé, Carlos Altamirano, Emilio de Ipola, Rafael Filippelli, Julio Godio, José Nun, Beatriz Sarlo, Marcelo Lozada, Hugo Vezzetti, Héctor Leis. Ainda que não apareçam como membros do Comitê Editorial, Óscar Terán e Héctor Schmucler estiveram presentes desde os primeiros números. O início da publicação se vincula à fundação, em julho de 1984, do Club de Cultura Socialista (CCS), uma instituição civil e pública criada para discutir tanto os problemas do socialismo como para definir os traços de um projeto socialista para a sociedade argentina. Produto das modificações internas no interior do CCS, a revista também registrou suas mudanças a partir do número 11, de junho de 1988. O antigo Conselho Editorial, do qual participavam os membros da revista *Punto de Vista*, foi substituído por um Conselho Assessor, composto pelo grupo que até fins dos noventa dirigia o CCS. Em 1998 *LCF* interrompe sua publicação, a qual foi retomada na primavera de 2001.” (REANO, 2012, p. 498, tradução nossa) A revista foi encerrada definitivamente em 2004.

A cientista política argentina Ariana Reano explicitou, nesse artigo de 2012, as semelhanças e as diferenças, as filiações e os afastamentos entre as revistas **Controversia** (que já havia retomado e ressignificado **Pasado y Presente**) e **La Ciudad Futura**. A respeito de alguns debates entre **Punto de Vista** e **La Ciudad Futura**, ver o estudo da historiadora brasileira Isabel Cristina Leite (2014).

Como o objetivo desta tese não é oferecer uma interpretação detalhada sobre o Club de Cultura Socialista ou sobre a revista **La Ciudad Futura**, mas tão somente compreender em que medida o Club e a revista dialogaram com **Punto de Vista** e foram fundamentais para o desenvolvimento da revista dirigida por Sarlo, recomenda-se para a compreensão mais geral sobre o Club a leitura dos estudos de Pablo Ponza (2013) e de Ariana Reano (2012), este último indispensável para o entendimento da revista **La Ciudad Futura**, junto à tese de doutoramento de Reano (2010). Como referência geral sobre os intelectuais nos anos 1980, recomenda-se os estudos de De Diego (2000; 2006; 2007) e de Patiño (1997a; 1997b; 1998a; 1998b; 2003).

democrático – e que garantiria a realização de projetos futuros. As alterações no coletivo intelectual e as novas pautas que se estabeleceram prontamente ou que se colocavam no rol de discussões a serem travadas – revisão da esquerda, reavaliação do peronismo, discussão da “questão democrática” – não eram, todavia, tão simples em um grupo que, a partir de 1983/84, era bastante plural e estava composto por intelectuais de idades e de formações variadas, com convicções e posicionamentos muito bem definidos e que se encontravam em posições sociais, políticas, culturais e econômicas muito particularizadas. Os mais jovens, como Sarlo, Altamirano, Vezzetti e Gramuglio, converteram-se em professores universitários tão logo Alfonsín assumiu o poder e conquistaram aos poucos uma posição de maior impacto na sociedade nos anos 1980 do que Aricó, Portantiero e outros, que haviam ocupado essa posição nos anos 1960 e 1970.

Além disso, os trechos das duas entrevistas revelam uma relação menos harmoniosa do que se costuma pensar entre Sarlo e Altamirano, de um lado, e Aricó e Portantiero, de outro. Isso é importante para demonstrar como apesar de Sarlo dizer, em sua entrevista de 2012 (e com claro peso retrospectivo), “somos todos social-democratas”, e a despeito de o coletivo de **Punto de Vista** ter sido avaliado em conjunto dessa maneira por seus críticos à época, a questão não era tão simples. Ou seja, tanto a posição de Sarlo na entrevista a Mercader e a García quanto as críticas ao grupo advindas de outros coletivos e de outras publicações não dão conta da complexidade dos arranjos políticos e intelectuais no interior de **Punto de Vista** naquela circunstância. Nem os membros do Conselho de Direção do periódico nem os participantes do Club de Cultura Socialista se aceitavam genericamente como social-democratas à época. A apropriação cuidadosa dos argumentos expostos nas entrevistas de Sarlo e de Gramuglio, por outro lado, evidencia como os conflitos de ordem pessoal desencadearam mudanças e rearranjos na revista e no Club e chegaram a motivar a criação de outro periódico, **La Ciudad Futura**, com objetos e perspectivas diferentes da revista dirigida por Sarlo, mesmo com intercâmbios entre as publicações. E, é claro, o Club tinha uma dinâmica interna própria, com características específicas.¹⁷

¹⁷ Sobre a dinâmica interna do Club e sua relação com **Punto de Vista**, vale recuperar um comentário de Gramuglio:

“– **Você participava ativamente no Club?**

– Sim, claro. Inclusive creio que integrei algumas comissões, mas nunca a diretiva. As reuniões eram todas as sextas-feiras à noite, durante anos, e depois íamos jantar todos juntos, e uma vez por mês começamos a fazer uma comida no club, isso durou muito, muito mais do que alguém possa imaginar... Era uma sociabilidade intensa.

– **Mas *Punto de Vista* não era o mesmo que o Club.**

O momento entre 1983 e 1984 foi tão tenso que resultou também na saída de Ricardo Piglia da revista. Vale repetir e ampliar o que se disse no capítulo anterior: o número 15 (de agosto-outubro de 1982) foi o último em que Piglia participou efetivamente, tendo deixado o periódico entre a publicação desse número e a do número 17 (de abril-julho de 1983) por conta de divergências com a aproximação do grupo com o projeto de Alfonsín – no número 16 (novembro de 1982) seu nome não aparece mais e no número 17, a historiadora Hilda Sabato foi incorporada ao Conselho de Direção. A respeito de sua saída do Conselho de **Punto de Vista**, disse em entrevista publicada na revista **El río sin orillas**, em 2010:

[...] Então em 1983 quando o conselho de redação foi ampliado e a revista se propôs a participar no projeto do alfonsinismo, me retirei. Pareceu-me que não tinha sentido que uma revista de cultura que havia conseguido construir um espaço crítico durante a ditadura participasse em um projeto político estatal em lugar de manter uma posição independente. [...]. (PIGLIA, 2010, p. 114, tradução nossa)

Piglia também abordou essa questão na entrevista a Jorge Wolff, em 2001: “Estivemos juntos, fizemos a revista juntos, digamos, durante toda a época da ditadura, como uma alternativa crítica... E quando o comitê dos integrantes da revista pôs a revista a serviço do projeto de Alfonsín, eu saí.” E prosseguiu, respondendo ao entrevistador que o perguntava se aquela ocasião seria semelhante à da sua saída de **Los Libros** em 1975:

[...] Em *Los Libros* era uma uma posição menos concreta, porque se tratava de um apoio microscópico de um grupo. Em contrapartida, eles [o Conselho de **Punto de Vista**] se converteram nos intelectuais do alfonsinismo, escreviam os discursos do Presidente da República. Então o debate foi: uma revista que foi um ponto de partida crítico, que foi um polo negativo em relação à ditadura não pode agora hipotecar todo seu espírito crítico e se colocar a serviço dessa alternativa que eles naquele momento pensaram que era extraordinária mas que em um ano se viu o que era. Então eu saí. (PIGLIA, 2001, p. 28, tradução nossa)

Explicita-se como a postura de **Punto de Vista** de se aproximar de uma tradição de pensadores e de obras que incluía matrizes diversas, inclusive os liberais, se converteu gradativamente – demonstrando as imbricações entre cultura e política –, em virtude das reconfigurações intelectuais da revista e da criação do Club de Cultura Socialista, em uma postura intelectual pluralista e, outrossim, em uma disposição para o diálogo e para a colaboração com a UCR e Alfonsín. A amplitude das referências e dos grupos aceitos pelo Conselho para o diálogo político se tornou insustentável para Piglia – que criticou em outras

– Não. Claro que havia muito intercâmbio de pessoas e de ideias. Mas no Club, desde o princípio, desde a própria chegada dos mexicanos, percebeu-se algumas ideias de corte nacionalista e populista que a mim nunca interessaram para pensar a política desde a esquerda.” (GRAMUGLIO, 2014, p. 275, tradução nossa)

oportunidades as aproximações do Conselho com a Frepaso e a Alianza, nos anos 1990 –, ainda que Sarlo, na entrevista de 2012 a Mercader e a García, tenha procurado minimizar os vínculos da revista com o alfonsinismo ao tratar da revisão teórica da esquerda que a publicação havia se proposto a realizar nos anos 1980 e que ela e Altamirano vinham desenvolvendo, inclusive em termos de militância, desde os anos 1970:

Como se entrelaçou esta revisão com o período que se abriu a partir da presidência de Alfonsín?

Ainda que todos fôssemos votantes de Alfonsín nem todos éramos alfonsinistas. Por exemplo, Portantiero estava no Grupo Esmeralda¹⁸, de

¹⁸ Vale esclarecer, mesmo sendo preciso recorrer a uma longa transcrição de um estudo a respeito, uma das ocorrências mais emblemáticas das relações entre intelectuais e política na redemocratização argentina, o Grupo Esmeralda. Conforme asseverou a historiadora e cientista social argentina Josefina Elizalde:

“Os desafios crescentes enfrentados pelo presidente [Raúl Alfonsín] levaram à maior aproximação entre o campo cultural e o campo político no período da transição democrática e que se manifestou na vinculação de um núcleo de intelectuais, agrupados sob o nome de ‘Grupo Esmeralda’, e Alfonsín. A formação do grupo se inscrevia na vontade deste último de se relacionar com intelectuais sem importar a ele sua relação com o partido radical e na renovação de elencos governamentais produzida desde fins de 1984. O surgimento do grupo como tal se deveu às ações de Meyer Goodbar, sociólogo da Universidad de Buenos Aires e assessor de empresários, que havia se aproximado de Alfonsín durante a campanha eleitoral graças a [Jorge] Roulet. Assim que o candidato radical lhe solicitou que constituísse um grupo que o ‘ajudasse a pensar’, Goodbar viajou a Paris e contactou pessoas que haviam realizado a campanha presidencial de Mitterrand. Goodbar, depois interventor de ATC e assessor de Alfonsín, tinha inicialmente a ideia de formar uma equipe que oferecesse suporte à unidade presidencial. Companheiro de lutas estudantis de Emilio de Ipola e Eliseo Verón, pretendia dar a Alfonsín assessores de luxo e, para isso, convocou um grupo de pessoas que começariam a se reunir em fins de 1984 e durante 1985 em um escritório alugado na rua Esmeralda.

Para isso contactou, junto com o psicanalista Eduardo Issaharoff, uma pequena equipe de análise de discurso coordenada por Margarita Graziano, vinda do exílio venezuelano onde havia realizado um mestrado em Semiótica, e à qual se incorporou Daniel Lutsky, um sociólogo que Goodbar havia conhecido em Paris. Gabriel Kessler e Claudia Hilb, ambos sociólogos, incorporaram-se-iam em 1985. O objetivo era realizar um acompanhamento da imagem e do discurso presidencial e dos discursos que circulavam no país, tendo em conta que não existia no âmbito estatal nada parecido a esta organização. Para isso realizavam pesquisas de tipo qualitativo [...] cujos informes eram enviados à presidência. Por outro lado, elaboravam trabalhos escritos com os resultados de suas análises, nos quais também incluíam pesquisas feitas por organismos públicos ou pedidas pelo Executivo a organismos privados, que apresentavam a Alfonsín em Olivos. O trabalho de meios e opinião pública intentava oferecer ao presidente um olhar crítico e independente sobre sua gestão.

Goodbar e Issaharoff formaram outro grupo com o objetivo de elaborar ideias para o discurso presidencial, com a intenção de ‘aggiornar’ a velha tradição radical e dar a Alfonsín bases um pouco mais sólidas para as tarefas que deveria empreender. O modelo que os inspirava era o dos ‘speechwriters’ americanos de Roosevelt ou os grupos de discurso franceses que colaboraram com o presidente Mitterrand. Para este segundo grupo Issaharoff contactou Fabián Bosoer, um estudante de Ciências Políticas na Universidad del Salvador, Pablo Giussani, jornalista exilado na Itália durante o Processo, que havia conhecido Alfonsín em Roma e que retornou em 1984, e Pedro Pasturensi, editor de *Clarín* que vinha também do exílio na Itália. Em 1986, Pasturensi contactou Sergio Bufano, também jornalista retornado do exílio mexicano e vinculado ao grupo de *Controversia*. Ao largo de 1984 e 1985 se incorporaram também Hugo Rapoport, historiador, Marcelo Cosin, publicitário, Damián Tabarovsky, que estudava Letras, e as filhas de Goodbar, Eva e Laura, estudantes de Ciências da Educação e Sociologia. Mais tarde se incorporou ao grupo Carlos Soukiasian, estudante de Ciências Políticas.

O grupo era, em suas origens, semi-secreto e dependia diretamente da ‘unidade presidencial’ e o dinheiro para sua manutenção provinha de fundos reservados. O conhecimento público de sua existência se deveu a notícias que apareceram em meios da época [...]. Ali começaram a se perguntar acerca de quem eram os que estavam por trás dos discursos de Alfonsín e de suas ideias novas. Isso criou um mito em torno do grupo que se manteve ao longo do governo do presidente e que seus organizadores não preocuparam em esclarecer. Parte do mito em torno do grupo está vinculado aos que eram os intelectuais que colaboravam com o projeto alfonsinista, dos quais os que mais se destacaram foram Juan Carlos Portantiero e Emilio de Ipola. [...].

assessores de Alfonsín, e eu, por outro lado, nem sequer me sentia alfonsinista, mesmo que todo mundo ainda diga que eu fui alfonsinista. Eu nem sequer quis conhecer Alfonsín, porque a um político importante não se deve conhecer a não ser que queira trabalhar com ele.

Por quê?

Eu creio que a relação de um intelectual com um político exitoso é muito perigosa, porque [o intelectual] pode terminar seduzido pelo seu carisma, sem estar de todo convencido intelectualmente. O carisma de Alfonsín era tal nesse momento, que se você o conhecia, caía. Por isso não quis conhecê-lo enquanto foi presidente da República.

E por que você não era alfonsinista e o resto sim?

Em primeiro lugar, porque não éramos radicais. Em segundo lugar, nós acreditávamos que era possível, nesse momento em que tudo parecia possível na Argentina, que através de uma refundação dos socialismos se constituísse uma esquerda de corte social-democrata. E nesse sentido o radicalismo competia, porque Alfonsín também tinha essa fantasia, durante os primeiros três anos de governo. Ademais, nós não acreditávamos que Alfonsín pudesse fazer algo assim.

Na realidade, estava equivocada. Alfonsín era uma pessoa que havia sido capaz, como disse Sarmiento, de desatar o nó que não se havia podido cortar com a espada. Havia sido capaz de ganhar uma eleição do peronismo que havia aceito a auto-anistia dos militares, ou seja, um peronismo de ultradireita. Havia sido capaz de mover o melhor da sociedade argentina. Esse foi, creio, o melhor momento da sociedade argentina. As pessoas votaram para que houvesse democracia, para que houvesse juízos. E Alfonsín cumpriu estritamente com sua promessa. Isso é, Alfonsín não prometeu juízo e castigo a todos os culpados, Alfonsín prometeu julgar as três juntas militares e isso ele cumpriu. Era tão duvidoso que ele cumprisse que eu votei cortando a cédula. Equivoquei-me, Alfonsín chegou para cumprir isso, essa era a sua missão histórica e ele sabia que essa era a sua missão histórica. (SARLO, 2012, tradução nossa)

Uma vez mais, por meio do diálogo com as declarações de cunho memorialístico, a complexidade da conjuntura política e das sociabilidades intelectuais resulta evidente. A posição individual de Piglia, mais próxima daquela expressa desde 1983 pela esquerda marxista não disposta a se aproximar da social-democracia, não era majoritária no Conselho

[...] As reuniões do Grupo Esmeralda se organizavam em torno de agendas elaboradas pelo próprio Alfonsín em colaboração com Goodbar e Issaharoff e a importância do grupo residiu no fato de que foi ele que esteve por trás da elaboração do novo uso do conceito de democracia e da renovação da cultura política da sociedade surgida da ditadura militar, principais temas tratados nas conversas. [...].

[...] o Grupo Esmeralda ocupou um lugar especial em relação a outros grupos que vincularam à política e seus aportes tem a ver com a construção da democracia política desde o discursivo. Mas esses intelectuais e jornalistas, que viram no presidente Alfonsín a pessoa indicada através da qual seria possível alcançar mudanças na Argentina, desenvolveram um vínculo ambivalente com o presidente, que permite, sem cair em um olhar normativo sobre a função do intelectual, realizar uma reflexão acerca de se o compromisso com o projeto alfonsinista não lhes fez perder um olhar crítico que permitisse mostrar ao mandatário as consequências de suas ações. Nesse sentido também podem ser compreendidos os debates gerados dentro do campo intelectual pelo apoio dos intelectuais ao presidente a propósito [da Lei] de Punto Final e [da Lei de] Obediencia Debida, e como a distância preserva o ponto de vista do grupo crítico.” (ELIZALDE, 2009, p. 65-68; 87, tradução nossa)

A leitura dos trabalhos de Elizalde é fundamental para a compreensão mais detalhada do que foi o Grupo Esmeralda e para entender como ele atuou, sem exageros, na delimitação de pautas para o governo Alfonsín.

de **Punto de Vista** nem no Club de Cultura Socialista, do qual ele, aliás, nem chegou a participar. Por outro lado, apesar de confessar a intenção de criar uma esquerda de cunho social-democrata e de ao mesmo tempo oscilar entre se definir ou não como tal, Sarlo mais de uma vez atribui implicitamente aos demais intelectuais com os quais convivia em **Punto de Vista** e no Club a qualificação de social-democratas, o que, provavelmente, vários não aceitariam tão facilmente. Era uma circunstância de construção de novas perspectivas políticas e culturais, as quais, para os sujeitos que as viviam, não estavam certamente tão bem resolvidas quanto sugerem os depoimentos *a posteriori*.

O Club de Cultura Socialista colaborou em sua fundação e durante os anos da presidência de Alfonsín exatamente pelo seu caráter de formação ampla entre as tendências da esquerda. Permitiu a configuração, conforme destaca Ponza (2013), de “uma nova cultura política pluralista, tolerante e democrática no interior da esquerda, caracterizada pelo abandono de métodos e de concepções radicais para a consecução de objetivos políticos.” (tradução nossa) Nesse processo, começaram a ser ressignificadas as tradições da esquerda – tanto daqueles grupos que concordavam com o Club quanto dos outros, seus críticos –, foram revistas as concepções sobre democracia (que tendiam a separar a democracia “formal” da “real”) e se ensaiou a conciliação – considerada para muitos impossível nos anos 1960 e 1970 – das lógicas do campo intelectual com as do campo político, atribuindo novos sentidos para a função do intelectual na sociedade. (PONZA, 2013) **Punto de Vista**, por seu turno, ocupou-se da reflexão a respeito dessas transformações concernentes aos intelectuais, à política e à cultura na Argentina de maneira autônoma em relação ao Club e à revista que mais diretamente o representava, **La Ciudad Futura**.

É possível, neste momento, retornar da digressão proposta com a compreensão de que a conjuntura na qual ocorreram a criação do Club de Cultura Socialista e o ingresso de alguns intelectuais no Conselho de Direção de **Punto de Vista** foi para a publicação um momento de renovação e ao mesmo tempo de instabilidade. As pressões externas existiam e eram diversas, como no estabelecimento de um novo governo democrático (e na relação da revista com ele) e no encaminhamento de alguns dos intelectuais para as universidades. Entretanto, como ocorre às vezes, essas transformações externas ao periódico se imbricaram às demandas propriamente internas à publicação, motivando alterações temáticas e das sociabilidades fundantes do coletivo. O Club de Cultura Socialista, que existiria ainda por muitos anos, também se tornou um espaço de produção e de reverberação de polêmicas e de divergências, as quais, desde a segunda metade dos anos 1980 até o início dos anos 1990, resultaram na saída do grupo de **Punto de Vista** da revista **La Ciudad Futura** e no posterior afastamento

de diversos membros do Conselho da revista dirigida por Sarlo do Club, motivando outros conflitos.

Era uma época que praticamente impunha à revista a premência de pensar sobre os intelectuais e o cenário que começava se configurar na época da fundação do Club de Cultura Socialista indicava a hegemonização da necessidade de se problematizar a atuação intelectual na Argentina (e mesmo na América Latina, afinal) em virtude da “questão democrática”. Portanto, aqui há uma indicação evidente de ruptura com as reflexões acerca dos intelectuais realizadas anteriormente, nos anos 1970, em **Los Libros** (e mais amplamente na nova esquerda argentina), ainda vinculadas à questão da revolução e alheias aos debates relativos à democracia. Os anos 1980 trouxeram pautas e demandas sociais, culturais e políticas que implicaram na mudança de perfil da atuação dos intelectuais. **Punto de Vista** estava atenta a essas alterações, como se pode perceber pela publicação, logo no primeiro texto do número 25 (de dezembro de 1985), do artigo “Intelectuales: ¿Escisión o mimesis?”, de Beatriz Sarlo, certamente o mais importante estudo atinente aos intelectuais até aquele momento no periódico. Vale reproduzir a capa deste número para perceber o destaque conferido à temática:

Figura 7: capa e expediente, **Punto de Vista**, ano VII, número 25, dezembro de 1985.

Sarlo declarou, na entrevista a Trímboli e a Hora, que os anos 1980 estabeleceram “a necessidade de reconstituir uma certa figura intelectual não sartreana. [...] reconstruindo as relações típicas que fazem a construção da figura do intelectual: as relações entre o político e o público, entre a esfera estética e a das ideias, entre as práticas e as instituições.” (SARLO, 1994, p. 188, tradução nossa) No seu longo artigo de dezembro de 1985 (no número 25)

enfrentou essa tarefa, começando a se destacar não apenas como intérprete de temas e de objetos diversos, mas também como crítica e historiadora dos intelectuais, algo que viria a se repetir em maior escala, anos depois, com Altamirano.

A diretora de **Punto de Vista** iniciou o seu artigo inserindo-o em um conjunto maior de observações concernentes aos intelectuais, “um momento a mais de uma reflexão aberta sobre as transformações ideológico-políticas da esquerda na Argentina.” (tradução nossa) E recuperou, na afirmação seguinte, um elemento fundamental da revista durante a ditadura, a polêmica. É importante conhecer o início do texto, em que a autora discorre acerca de seus propósitos:

Estas notas querem ser somente um momento a mais de uma reflexão aberta sobre as transformações ideológico-políticas da esquerda na Argentina. Têm um caráter polêmico no que diz respeito a dois discursos fortemente articuladores do sentido comum de frações intelectuais. Por um lado, a ideia, enunciada em nome da Revolução, de que é inútil, quando não uma traição encoberta, alterar posições políticas sustentadas nas duas últimas décadas: a imobilidade ideológica e teórica reivindicada como mérito. Por outro, a assimilação de democracia e moderantismo, da qual intento me distanciar.

As notas são, também, uma forma da biografia intelectual que, sem dúvida, tem muito de autobiografia coletiva. São ao mesmo tempo um exercício da memória e uma construção hipotética de alguns sentidos para nosso passado mais recente. De nenhum modo aspiro a unificar experiências e discursos, mas sim a assinalar a coexistência de aspectos contraditórios cujo reconhecimento impede uma liquidação rápida das questões abertas. Por isso, tudo o que se afirma aqui está atravessado por fissuras e o efeito é, provavelmente, o de um conjunto de proposições que se criticam entre si no interior de um mesmo texto.

Queria esclarecer que, por outro lado, este escrito tem o seguinte pressuposto: o peso decisivo que a fração de esquerda e peronista revolucionária teve no meio argentino a partir do ciclo de transformações ideológicas, políticas e culturais aberto em 1956. E é a essa fração a que me referirei fundamentalmente. [...]. (Beatriz Sarlo, “Intelectuales: ¿Escisión o mimesis?”, **Punto de Vista**, n. 25, dez. 1985, p. 1, tradução nossa)

No começo do texto não se menciona nenhum intelectual ou grupo específico, mas os destinatários estão bem delimitados desde o início: são aqueles que defendem a “imobilidade ideológica e teórica” em prol da não alteração de posições políticas sustentadas nos anos 1960 e 1970. A referência à noção de “frações” (tomada obviamente de Raymond Williams) serve para anunciar que não se tratará de todos os intelectuais, mas de uma porção deles, de um grupo. Tal grupo é anunciado a seguir, “a fração de esquerda e peronista revolucionária [...] a partir do ciclo de transformações ideológicas, políticas e culturais aberto em 1956.” A despeito da imprecisão e da ambiguidade da construção textual – “a fração de esquerda e peronista revolucionária” –, fica evidente que o artigo pretende tratar daqueles que haviam

pertencido ao que se costumou nomear (a partir dos anos 1990 e dos estudos de Terán e de Sigal, entre outros) de nova esquerda, composta, como se disse antes, tanto pelos grupos de esquerda marxista quanto pelo peronismo revolucionário.

Em uma leitura de cunho histórico/historiográfico, Sarlo evidenciou como uma “fração” que se constituiu nos anos 1950, com um propósito crítico importante, foi relevante até os anos 1960 e início dos anos 1970. Esteve envolvida nas discussões e no estabelecimento de posicionamentos a respeito do lugar do intelectual, da interlocução dos intelectuais com o povo, das (im)possibilidades da ação política dos intelectuais e da submissão da atividade intelectual à política. Entretanto, para a autora, nos anos 1980 haviam se “deteriorado as certezas” a respeito de um sentido para a história e isso demandaria não uma postura cética dos intelectuais em substituição à perspectiva revolucionária. O caminho também não deveria conduzir a uma contemplação do passado, tanto em forma de aceitação da imagem de movimento revolucionário derrotado quanto na convicção de que nada mais seria possível. Essas posturas, que haviam estado em **Controversia** em fins dos setenta e início dos oitenta, por exemplo, converteriam os intelectuais, conforme Sarlo, “em sujeitos inexplicáveis”, além de impedirem a possível reconstrução dos indivíduos como intelectuais públicos.

No artigo, Sarlo assumiu posição que procurou se distanciar dos pós-modernistas, à época em ascensão, e dos marxistas que, para ela, não estariam dispostos a submeter as suas ideias à crítica, assumindo o desafio de refletir sobre o que os intelectuais deveriam realizar diante de uma cenário de perda de referentes estáveis, teóricos e políticos. Ambas as posições conduziram, para a autora, ao distanciamento dos intelectuais dos debates em relação à democracia em prol da suposta prioridade de questões como as da desigualdade e da opressão, convertendo em conformismo o que deveria ser, novamente, uma prioridade de posicionamento público, em uma perspectiva confessadamente instável, mas necessária.

Evidencia-se, nessa síntese dos argumentos expostos no artigo, que a diretora de **Punto de Vista** reivindica a participação do intelectual cidadão, aquele mencionado no editorial do número 17, e não do profeta. A democracia deveria ser a prioridade e isso implicava reconhecer que o fundamento das ações dos intelectuais não deveria ser estabelecido em virtude de um “outro”, real ou imaginário, como o “povo” nos sessenta/setenta. Não caberia mais continuar a se perguntar do mesmo modo de antes “para quem escrevemos” e sim partir da constatação das restrições do alcance dos discursos intelectuais para avaliar a sua efetividade e a melhor maneira de enunciá-los.

O artigo é, enfim, fundamental porque apresenta sínteses dos debates então em curso e porque oferece uma definição do que a revista considerava, naquela ocasião, ser necessário para um intelectual. Sarlo, a esse respeito, sintetizou: “Na minha opinião, seria conveniente repensar as relações entre cultura, ideologia e política, como relações governadas por uma tensão inextinguível que é a chave da dinâmica cultural, na medida em que cultura e política são instâncias dissimétricas e [...] não homológicas.” (Beatriz Sarlo, “Intelectuales: ¿Escisión o mimesis?”, **Punto de Vista**, n. 25, dez. 1985, p. 6, tradução nossa) O intelectual, conclui-se, seria o sujeito atravessado por essa tensão e não aquele subordinado a uma ou outra (cultura ou política). Sarlo afirmou: “Não há pacto de mimesis entre cultura, ideologia e política. Seria melhor dizer que há diferentes jogos de relações entre elementos sempre heterogêneos.” (tradução nossa) Mais uma vez se expunham os argumentos fundamentais da crítica política da cultura em curso na revista desde 1978, mas, dessa vez, situando a atividade intelectual como parte deles. Por fim, o texto se encerra com uma constatação que se mescla a proposições:

Aprendemos dolorosamente que pedir o impossível não implicava conseguir o possível mas, no geral, exatamente o contrário. Também estamos aprendendo que desejar somente o possível não assegura consegui-lo. Talvez uma tarefa do intelectual (penso no intelectual de esquerda com toda a carga de ambiguidade e indeterminação do adjetivo) seja precisamente a de trabalhar nos e sobre os limites, com a ideia (vinculada à transformação) de que os limites podem ser destruídos mas também com o reconhecimento de sua existência e do peso de sua inércia. E, quando digo limites, refiro-me não apenas às condições da transformação de uma sociedade em um sentido menos desigual e injusto, mas também aos limites de nossas práticas e nossos saberes a respeito das práticas e saberes de outros setores. Trabalhar sobre os limites seria, então, trabalhar também sobre nossa reclusão corporativa, no reconhecimento de que também o lugar dos intelectuais e sua função podem ser transformados.

Trata-se, uma vez mais, de pensar se nosso discurso é necessário. O título dessas notas estabelecia uma disjunção, excisão ou mimesis? Obviamente, ‘mimesis’ joga com a ideia de realismo. Mas o que quer dizer, de verdade, excisão? Um vago sentimento de insatisfação não pode aspirar a se converter em princípio de excisão. Tampouco uma negação rotineira do presente que somente proponha a previsível afirmação de mudanças revolucionárias cujos conteúdos normativos sejam remetidos a um futuro tão nebuloso como inverto. Talvez o espírito de excisão do qual falou Gramsci possa hoje se originar na relação instável entre percepção do real e de linhas de transformação. Necessitamos de uma nova tópica que articule o desejo de mudança, dotando-o da força que impulsionava a tópica revolucionária das décadas passadas. Mas seria necessário também que encontrássemos a fonte desse desejo. (Beatriz Sarlo, “Intelectuales: ¿Escisión o mimesis?”, **Punto de Vista**, n. 25, dez. 1985, p. 6, tradução nossa)

Como se nota, para Sarlo estava claro que certas causas e certos problemas dos anos 1960/70 deveriam permanecer no horizonte dos intelectuais, mas não deveriam ser enfrentados da mesma maneira. A “questão democrática” permitiria, conforme a leitura expressa, a articulação sob novas bases das questões e das demandas e a atuação dos intelectuais em prol da democracia precisava ser fundada na autocrítica, na disposição para a renovação das matrizes do pensamento contra a imobilidade e as ortodoxias e na leitura não condescendente das trajetórias individuais e/ou coletivas. Isso conduziria à transformação indispensável do lugar e da função dos intelectuais na sociedade argentina.

Após esse texto tão significativo, que posicionou a revista no que concerne aos debates então em curso nos círculos intelectuais e políticos argentinos (inclusive no Club) e latino-americanos, os textos publicados dialogaram com esse esforço de renovação do lugar e da função dos intelectuais. Ademais, foram tão contundentes como o de Sarlo, ocupando parte muito significativa do número 28 (de novembro de 1986), do qual também vale exibir algumas páginas, não apenas porque **Punto de Vista** abandonava naquele momento mais e mais o seu caráter monocromático, mas porque a relevância do debate sobre os intelectuais foi indiscutivelmente estabelecida não somente nos textos mas outrossim em termos visuais:

Figura 8: capa e manifesto publicado em seguida, no início do número, **Punto de Vista**, ano IX, número 28, novembro de 1986.

Figura 9 (à esquerda): página inicial de artigo de Carlos Altamirano (p. 1), **Punto de Vista**, ano IX, número 28, novembro de 1986.

Figura 10 (à direita): página inicial de artigo de Hilda Sabato (p. 27), **Punto de Vista**, ano IX, número 28, novembro de 1986.

A seleção, que poderia incluir exemplos de outros textos (alguns já comentados) publicados no mesmo número – a separata “Modernismo e ideologías”, de Carlos Real de Azúa, “Nacional por substracción”, de Roberto Schwarz, “‘Sur’ en la década del 30: una revista política”, de Gramuglio, “La (re)generación del 37”, de Blas Matamoro, “Argentina: tocar lo intocable”, de Terán, e a resenha de Altamirano para um livro de Terán –, é suficiente para destacar a relevância conferida aos intelectuais e à sua história nesse número de **Punto de Vista**. Como é impossível tratar aqui de todos esses artigos, inclusive porque alguns foram analisados anteriormente, destacar-se-á “El intelectual en la represión y en la democracia”, de Altamirano, e “La historia intelectual y sus limites”, de Hilda Sabato, além do manifesto “Intelectuales y artistas argentinos por la democracia en Chile y Paraguay”, que abre o volume.

No que diz respeito ao manifesto, indica a capacidade de aproximação de **Punto de Vista** com outras publicações com as quais não necessariamente dialogava (**Crisis**, **El periodista**, **El porteño**, **Humor**, **Mascaró**) em prol da defesa daquela que era sua causa principal, a democracia. Ademais, tratava-se de intelectuais e de artistas conclamando o povo argentino para que apoiasse a luta visando acabar com as ditaduras chilena e paraguaia, em um momento de forte apelo social na Argentina do combate ao autoritarismo vinculado aos juízos das juntas militares em 1985. Esse apelo se prolongava, perspicazmente, no artigo inaugural do número, de Carlos Altamirano, primeira ocorrência na revista daquela que foi e

continua a ser uma das linhas mestras do trabalho do fundador de **Punto de Vista**, a História Intelectual.

“El intelectual en la represión y en la democracia”, como o próprio autor esclarece, foi elaborado e lido como comunicação em um encontro de mesmo nome realizado em Buenos Aires, em agosto de 1986, sob a coordenação de Saúl Sosnowski e patrocinado pela University of Maryland. No texto, que obviamente recupera questionamentos e problemas enfrentados por Sarlo em seu artigo do número 25, o autor se propôs a enfrentar o debate sobre a participação do intelectual na vida pública; e o fez com ênfase no período compreendido entre 1976 e 1986, destacando as experiências de resistência intelectual à ditadura desenvolvidas na Argentina por aqueles “que ficaram”, o que confere à intervenção forçosamente um tom memorialístico.

Diferente do texto de Sarlo, o de Altamirano (mais breve) retoma rapidamente as questões relativas à nova esquerda nos sessenta e na transição para os setenta e se detém a seguir nos grupos que produziram revistas culturais e literárias de oposição ao *Proceso*. Tratava-se de recuperar e expor, a uma plateia que certamente (naquela ocasião) não conhecia todos os processos e as dinâmicas dos coletivos intelectuais mencionados, quais as características das atividades dos intelectuais argentinos durante o período da repressão e dos primeiros anos de abertura e de redemocratização. Nesse sentido, o texto, apresentado em um congresso, possui um tom historiográfico e marcadamente acadêmico (e chega mesmo a destacar e a criticar a relevância crescente dos intelectuais acadêmicos nos debates de então), mas sem abandonar as impressões e os posicionamentos de alguém que pretendia se posicionar como intelectual em um cenário de transformações, de crescimento da importância das universidades e dos meios de comunicação como espaços de produção e de difusão de ideias e de representações. Nesses termos, algumas constatações e provocações de Altamirano parecem afastar um pouco os seus argumentos dos de Sarlo no artigo anteriormente comentado, sobretudo porque, em defesa da inquietude, da impertinência e da pluralidade, o autor não assume uma posição apartada concomitantemente da esquerda de postura ortodoxa e do peronismo.

Afinal, como assinalou Patiño (1998a), desde o fim de 1985, **Punto de Vista** havia estabelecido, por exemplo, diálogos com o grupo da revista **Unidos**, fundada em 1983 e voltada à renovação do peronismo a partir da esquerda.¹⁹ Os debates entre os dois grupos, publicados em diferentes ocasiões e suportes, revelaram o compartilhamento da convicção de

¹⁹ Em relação a esses e a outros diálogos, ver também Reano (2010). De **Unidos** participaram intelectuais do peronismo de esquerda que haviam colaborado decisivamente em **Controversia**.

que, em um período de rápidas e profundas transformações culturais, políticas e ideológicas, “a reconstrução de uma política é principalmente uma operação cultural.” (PATIÑO, 1998a, tradução nossa)²⁰ Assim, lidos em sequência e atentamente, os artigos de Sarlo e de Altamirano assinalaram uma série de concordâncias no que diz respeito à necessidade do estabelecimento de um novo lugar e de uma nova função para os intelectuais na Argentina em processo de redemocratização, sem esconder, todavia, pequenas fissuras nas avaliações atinentes à história e às memórias então recentes, aos possíveis diálogos, às críticas a serem feitas aos grupos e às tendências políticas das quais **Punto de Vista**, enquanto coletivo em diálogo com o Club de Cultura Socialista, pretendia se manter afastada.

Os artigos de Sarlo e de Altamirano demonstram ademais, mesmo não deliberadamente, as dificuldades e ao mesmo tempo a necessidade de se escrever a história dos intelectuais na Argentina. No entanto, essa história, para que não fosse somente o resultado das autorreflexões de intelectuais partícipes dos processos históricos no período

²⁰ Tais diálogos com o grupo de **Unidos** e com os peronistas de esquerda, destacou Patiño (1998a), resultaram anos depois no apoio de Sarlo e de outros à Frepaso (Frente País Solidario), apoio que não se deu de forma homogênea nem livre de críticas. A Frepaso foi fundada em 1994 e a integraram alguns partidos e agrupamentos políticos como a Frente Grande (partido de oposição a Menem criado em 1993), o PAIS (Política Abierta para la Integridad Social), a Unidad Socialista (constituída pelo Partido Socialista Popular e pelo Partido Socialista Democrático) e o Partido Demócrata Cristão. Em 1997, a Frepaso se aproximou da União Cívica Radical (UCR), partido histórico fundado no século XIX que havia elegido Alfonsín, para criar a chamada Alianza (Alianza por el Trabajo la Justicia y la Educación). Liderada por Fernando de la Rúa, a Alianza conseguiu vencer as eleições presidenciais de 1999 e governou o país entre 1999 e 2001, quando, no cenário de crise extrema, o presidente renunciou. Frente à renúncia e à crise, a Alianza encerrou as suas atividades em 2001.

A respeito das suas relações com a Frepaso, disse Sarlo na entrevista a Mercader e a García, de 2012: “Eu militei na Frepaso e o resto da revista não, mas não parecia ruim para ninguém que eu militasse na Frepaso. De fato, Carlos Altamirano havia estado na Frepaso, mas saiu antes porque foi mais rápido do que eu para ver onde terminariam as coisas. Mas a minha militância não parecia ruim para ninguém.” (SARLO, 2012, tradução nossa) E na entrevista que concedeu a Trímboli, publicada em 1998 (durante a ascensão da Frepaso e da Alianza), Sarlo também argumentou em declaração importante para demonstrar certa concepção a respeito da intervenção pública e política dos intelectuais e para revelar certas esperanças no que tange à Alianza que, como se sabe, não se concretizariam e se desfariam na crise de 2001:

“[...] durante quatro ou cinco anos fiz campanha eleitoral na Frepaso. Por que fiz campanha eleitoral? A campanha é muito interessante, é como uma crise; mesmo quando se sabe que a fórmula que alguém defende ganhará, inclusive essa campanha é a gestão de uma crise. Fiz política eleitoral porque essa situação de crise me parecia particularmente interessante, além do desejo de que a Frepaso e depois a Alianza ganhassem as eleições. Ainda que não me veja incorporada à primeira linha do cenário político, acredito que é preciso promover a intervenção política no espaço público como intelectuais, o que quer dizer como interlocutores e como críticos dos políticos; com o perfil de cidadão que se encarrega daquilo que não está diretamente ligado aos seus interesses sociais, econômicos ou culturais. Porque o intelectual é aquele que pode se ocupar de um tema ou de um problema que não apenas não está ligado aos seus interesses imediatos, como tampouco está ligado, diretamente, às suas obsessões intelectuais; alguém que pode abandonar suas obsessões para construir outros objetos ou discursos. Nesse sentido, parece-me que a política pode se beneficiar dos intelectuais e que também nós podemos nos beneficiar dessa relação. Nesse ponto, a Alianza e a Frepaso podem ser um lugar aberto, relativamente hospitaleiro à presença de intelectuais. [...] A Alianza, então, pode chegar a ser um lugar em que se arme essa relação, em que se possa incluir pessoas que ponham em diálogo o seu saber com a política e que, ademais, se interessem por objetos que não sejam necessariamente os correspondentes aos seus saberes. A política muitas vezes pede isso e por isso creio que a tensão intelectual se define, justamente, pela capacidade de abandonar não somente os próprios interesses, mas também o campo estrito do próprio saber.” (SARLO, 1998, p. 243-244, tradução nossa)

entre as décadas de 1950 e 1980, precisava estar subsidiada minimamente em termos teóricos e de método. Nesse sentido, o artigo da historiadora Hilda Sabato, “La historia intelectual y sus limites”. Sabato²¹, que havia sido incorporada ao Conselho de Direção de **Punto de Vista** após a Guerra das Malvinas (mais especificamente e oficialmente a partir do número 17, de abril de 1983), publicou naquela ocasião um texto em que expunha o seu domínio de algumas referências da historiografia europeia (e mais especificamente britânica e francesa) que só viriam a se difundir amplamente na América Latina na década seguinte, como os trabalhos de Robert Darnton, Dominick LaCapra, Hayden White, Roger Chartier e Carlo Ginzburg, entre outros. Promoveu, inclusive, um confronto entre perspectivas de abordagem, uma vez que já

²¹ Conforme o perfil delineado na entrevista concedida a Roy Hora e a Javier Trímboli, publicada em 1994, Hilda Sabato, sobrinha-neta do escritor Ernesto Sabato e filha do físico Jorge Alberto Sabato, nasceu em uma família antiperonista resultante da imigração italiana para a Argentina. Frequentou a UBA (Universidad de Buenos Aires) nos anos 1960 como aluna da Faculdade de Ciências Exatas, tendo cursado Matemática e se envolvido com a militância política de esquerda e peronista na segunda metade daquela década. Abandonou o curso e em 1970 iniciou os estudos de História, concluídos em 1974. Aproximou-se, naquele momento, tanto dos historiadores da esquerda marxista britânica renovada (Thompson, Hobsbawm e outros) quanto dos Annales, mas não graças à universidade, enfraquecida e esvaziada de quadros por conta das intervenções desde o golpe de 1966. As leituras principais sobre historiografia, combinadas àquelas realizadas por conta da militância, eram feitas em virtude de contatos externos à UBA. Conviveu em termos geracionais e trabalhou desde a graduação com muitos dos mais importantes historiadores argentinos dos anos 1980 em diante, como Fernando Devoto, Juan Carlos Korol, Enrique Tandeter, Luis Alberto Romero. Em 1976, viajou com seu marido, o geógrafo Carlos Eduardo Reboratti, para a Inglaterra, após ambos conseguirem bolsas de estudos de fundações estrangeiras. Na Inglaterra conviveu com os historiadores da nova esquerda britânica de maneira próxima entre 1976 e 1978, quando retornou à Argentina. Como uma das consequências de sua estada na Europa, obteve seu doutorado pela University of London em 1981.

Foi uma das fundadoras do PEHESA (Programa de Estudios de Historia Económica y Social Americana), criado em 1978 e vinculado até 1992 ao Centro de Investigaciones Sociales sobre el Estado y la Administración (CISEA). Como se explica em mais detalhes na página eletrônica do PEHESA (<http://institutos.filo.uba.ar/ravignani/acerca-del-instituto/programas-de-investigacion/pehesa-programa-de-estudios-de-historia-economica-y-social-americana>), até 1983 os integrantes do PEHESA desenvolveram sob a estrutura do CISEA as suas investigações individuais e coletivas, orientaram pesquisadores e organizaram grupos de trabalho e seminários de investigação. Desde 1984, os membros do PEHESA foram incorporados à UBA e dividiram-se entre as instituições até que, em 1992, foi proposta a vinculação do programa à Universidad de Buenos Aires e se delineou um convênio de colaboração entre as Faculdades de Filosofia e Letras e a de Ciências Sociais da UBA, com o Programa estabelecendo sua sede no Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”, da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA. Entre 1978 e 1983, a equipe era composta, entre outros, por Ricardo González, por Leandro Gutiérrez, por Juan Carlos Korol, por Luis Alberto Romero e por Hilda Sabato. Por meio do PEHESA se deu a aproximação de Sabato com o grupo de **Punto de Vista**, que ocorreu de maneira decisiva na época da publicação de um contundente texto no número 15 (de agosto de 1982), ¿Dónde anida la democracia?, escrito e assinado pelo grupo do Programa. Hilda Sabato veiculou, individualmente ou com o mencionado grupo, 25 textos na revista, incluindo a sua carta de renúncia de 2004.

Como nesta tese não se desenvolverá uma discussão detalhada a respeito dos artigos publicados em **Punto de Vista** dedicados especificamente à Teoria da História, à História da historiografia ou às questões atinentes à escrita da História e à disciplina na Argentina e em outros países, que não foram poucos (cerca de 40 ao longo dos 90 números), haverá no texto da tese pouca ênfase conferida à figura de Hilda Sabato. Não se conseguirá evidenciar devidamente, nesse sentido, a importância dela no Conselho de Direção e na publicação, na qual permaneceu até 2004. Mas isso é o resultado tão somente das opções de abordagem da tese e não corresponde, efetivamente, à relevância de Sabato no conjunto do projeto intelectual de **Punto de Vista**. Sobre a formação intelectual de Sabato, ver a entrevista concedida a Hora e a Trímboli (SABATO, 1994). Sobre o PEHESA e outras informações sobre a historiografia argentina entre as décadas de 1970 e 2000, ver Devoto (2010) e Devoto e Pagano (2009).

havia àquela altura sínteses relevantes, como o livro *Modern European Intellectual History: Reappraisals and New Perspectives*, organizado por LaCapra e Steven Kaplan e publicado em 1982, ou o livro de LaCapra, *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language*, de 1983. Tratava-se, enfim, de um indicativo de um esforço para delimitar uma forma adequada e historiograficamente precisa de abordar a história recente da Argentina e mais propriamente a história dos intelectuais do país.²²

Retornando aos movimentos internos e à dinâmica do grupo que dirigia **Punto de Vista**, é importante recordar, outrossim, que a partir de 1986, com a fundação da revista **La Ciudad Futura**, e sobretudo a partir de 1987, começaram a ocorrer conflitos no interior do Club de Cultura Socialista que resultaram a seguir na saída dos membros de **Punto de Vista** do conselho da revista dirigida por Aricó e por Portantiero e, depois, no afastamento de boa parte do coletivo da revista dirigida por Sarlo do Club. Houve ademais o impacto da crise entre o governo de Alfonsín e os intelectuais do Club, motivada pelos problemas econômicos e pelas tensões advindas dos juízos às juntas militares e principalmente da aprovação de leis de *Punto Final* (em dezembro de 1986) e de *Obediencia Debida* (em junho de 1987).²³ Após a aprovação dessas leis, Altamirano, Sarlo, Vezzetti, Jorge Liernur e José Nun não mais apareceram como membros do Conselho Editorial de **La Ciudad Futura**, o que se nota no número seguinte da revista. A desilusão dos setores médios que haviam apoiado a Alfonsín se espalhou e não houve mais no grupo debates sobre as posturas alfonsinistas. Afinal, muitos membros do Club consideravam que a questão militar era prioritária, mais importante do que a economia, e entendiam que sem a resolução adequada dos juízos e sem o enfrentamento das crescentes pressões dos militares para que fossem ignoradas as violações dos direitos humanos e os demais crimes cometidos durante o *Proceso* não haveria condições de construir efetivamente uma democracia. (PONZA, 2013)

²² Reflexões sobre os problemas teórico-metodológicos da história intelectual e dos intelectuais permearam diversos textos da revista, sobretudo por conta das diversas referências à obra de Pierre Bourdieu e à sua proposta de abordagem da sociologia dos intelectuais, da cultura e da arte. **Punto de Vista** se apropriou decisivamente das propostas de Bourdieu, principalmente de seu conceito de “campo”, o que foi explicitamente afirmado em várias ocasiões na revista, entre elas no artigo publicado por Altamirano no número 72 (de abril de 2002) sobre a morte de Bourdieu e a sua importância para a formação do pensamento do coletivo de intelectuais da revista. A sociologia dos intelectuais e a sua importância para a compreensão da história dos intelectuais voltaram à pauta, outrossim, em artigo de Alejandro Blanco publicado no número 75 (de abril de 2003).

²³ A lei 23.492, conhecida como a lei de *Punto Final*, “extinguiu toda ação penal contra civis e militares não imputados até 23/02/1987.” Na sequência, como resultado dos levantamentos militares conhecidos como “Carapintadas”, agregou-se uma nova lei, a 23.521, lembrada como a lei de *Obediencia Debida*, “cuja finalidade era presumir que os subordinados haviam atuado segundo ordens de seus superiores.” Nesse sentido, destacou Ponza, “a *Obediencia Debida* não apenas liberava de responsabilidades e deixava impunes centenas de repressores, mas expunha a fragilidade do governo ante as pressões das Forças Armadas.” (PONZA, 2013, tradução nossa)

Ou seja, em 1987 se encerrou a primeira etapa dos vínculos do Club – e, por conseguinte, dos coletivos das revistas **Punto de Vista** e **La Ciudad Futura**, articulados não sem discordâncias ou ambivalências no interior da instituição – com o governo de Alfonsín. Essa etapa foi, no Club:

[...] caracterizada pelo apoio, pelas convicções compartilhadas e pela plena identificação com o discurso alfonsinista, em especial a respeito de terminar com um passado autoritário, recuperar a esfera normativa, tanto jurídica quanto institucional, ampliar a pluralidade, a tolerância, a participação cidadã e reformar o Estado. (PONZA, 2013, tradução nossa)

A essa etapa se seguiu aquela iniciada em virtude das tensões de 1986 e de 1987, motivadas pelas discordâncias relativas às leis de *Punto Final* e de *Obediencia Debida* e pela percepção dos efeitos das pressões das Forças Armadas sobre o governo. O Club se afastou do apoio oficial ao governo, porém as desavenças já haviam acontecido entre os seus membros e de 1987 a 1989 se manifestaram mais evidentemente “os paradoxos, as ambiguidades e as contradições provocadas pelo exercício real do poder.” Tornou-se, ademais, impossível “sustentar uma relação em que a democracia – concebida como um valor universal e absoluto – pode assegurar por si mesma a estabilidade de uma ordem política desejada.” (PONZA, 2013, tradução nossa)

No que diz respeito a esse momento de crise nas relações entre o Club e **Punto de Vista** em fins dos anos 1980, que se estendeu para o início da década de 1990, cabe recuperar alguns argumentos de Gramuglio (na entrevista a Podlubne e a Prieto) para mostrar como a ruptura na instituição fraturou irremediavelmente e de forma complexa o Conselho da revista e para evidenciar, além disso, como nem todas as causas da cisão eram políticas e externas àquela sociabilidade:

[...] A partida de Beatriz e de seu grupo (Rafael, Adrián, Hugo Vezzetti) do Club Socialista [...] ressentiu muito a relação com Hilda Sabato, porque essa ruptura do Club, quando Beatriz se retira porque perde uma votação, é produto de uma moção de Hilda, que tinha a ver com algumas reformas na maneira de conduzir o Club, justamente para evitar o “envelhecimento social” como diria Bourdieu. No fim, imaginem, Altamirano permanece no Club, Hilda permanece no Club, eu permaneço no Club. Aí houve uma fratura, e isso permaneceu. E também houve desavenças estéticas de longa data. Recordo-me quando morreu Fellini [em 1993]. [...]. Ah, veja de onde vinham as desinteligências... Bem, eu digo, por que Rafael não elabora uma nota. E Beatriz me responde: “Não é a estética de Filippelli”. Claro, mas eu não pretendo fazer uma revista para que Filippelli escreva apenas sobre os cineastas com os quais tem afinidade estética. Ali havia algo muito firme, para dizer de alguma maneira... (GRAMUGLIO, 2014, p. 280-281, tradução nossa)

Como se pode notar, as fraturas que desembocarão na formação de um novo coletivo intelectual em 2004 estão aqui constituídas e expressas na crise no Club de Cultura Socialista ocorrida após o falecimento de Aricó, em 1991, e na definição de polos – Altamirano, Sabato e Gramuglio de um lado, Sarlo, Gorelik, Vezzetti e Filippelli de outro. Assim, a saída de Sarlo e dos outros do Club, em 1993, explicitava não somente fissuras na sociabilidade da instituição, mas também do Conselho da revista, como se evidencia nas desavenças de ordem estética e pessoal mencionadas por Gramuglio. Portanto, além da instabilidade advinda das causas externas e mais diretamente políticas – entre outras, as medidas de Alfonsín, a renúncia dele a seguir, logo depois a eleição de Carlos Menem –, o Conselho enfrentou instabilidades internas.

Antes de chegar a 1993, todavia, houve na revista momentos específicos de discussão dos intelectuais da Conselho diante das leis estabelecidas entre 1986 e 1987, isto é, durante o desenvolvimento das tensões no Club. Um deles (um dos mais contundentes) veio logo após a institucionalização da lei de *Obediencia Debida*, no número 30 (de julho-outubro de 1987). O longo número – nessa época, como se disse antes, a revista publicava separatas e cada edição chegava a ter no total mais de 60 ou 70 páginas – começou com uma nota intitulada “Por una Argentina con futuro contra una Argentina oscura”, sem autoria declarada e publicado também no **Diário de Poesía**, na **Gaceta Psicológica**, na **Revista Argentina de Psicología**, na revista **Unidos** e na revista **Psyché**, em que se dizia:

O terrorismo de estado, norma de ferro nos anos do Proceso, é reivindicado agora por grupos minoritários mas possuidores de meios para obter seus fins. Para esses setores do autoritarismo civil e militar, a democracia não é um valor.

Aqueles que acreditam, em contrapartida, que a democracia é um bem irrenunciável não desejam que o exército patrulhe outra vez nossa cidade, nem que seus sócios civis controlem a economia esvaziando o país.

Você deseja que lhe digam o que pode e o que não pode ler, que filmes pode ou não assistir? Deseja viver uma vez mais a triste incerteza sobre a sorte dos seus filhos perseguidos ou desterrados, a tragédia humilhante da tortura, os desaparecimentos ou a guerra? Quer voltar a viver em um país sem sindicatos que defendam seus direitos trabalhistas, sem partidos políticos nem juízes que respaldem sua soberania?

Recordemos então que a democracia é um bem comum. Que depende de todos nós e que todos nós devemos defendê-la. (“Por una Argentina con futuro contra una Argentina oscura”, **Punto de Vista**, n. 30, jul.-out. 1987, página junto ao expediente, tradução nossa)

O texto dialogava com as construções memorialísticas em elaboração e em circulação na sociedade argentina naquele momento e conclamava a população a se posicionar diante do recrudescimento das forças militares. Não se tratava apenas de um debate para intelectuais:

era preciso mobilizar setores mais amplos da sociedade dispostos a defender a democracia como um valor inegociável, como um bem comum. Nesse sentido prossegue a argumentação no editorial intitulado “Punto de vista: Décimo año”, mas com um tom dirigido mais especificamente aos intelectuais.

Durante a ditadura militar, zonas da cultura argentina elaboraram trabalhosamente modelos discursivos e práticos diferentes do imposto pelo autoritarismo de estado. **Em especial, as iniciativas impulsionadas por intelectuais de esquerda ou peronistas foram algumas das poucas possibilidades de continuidade não somente do trabalho intelectual na Argentina como também da construção de nexos com os intelectuais que viviam no exílio.**

No marco dessas experiências ocorreram transformações ideológicas importantes, que afetam tanto os clichês do populismo quanto os do marxismo. Por conta delas, ademais, a Argentina não ficou por completo separada dos debates internacionais, das novas ideias e correntes, dos giros e revisões que se davam na Europa e na América. Em circuitos reduzidos e grupos pequenos foram propostas estratégias de continuidade cultural e marcos de comunicação entre aqueles que haviam participado do auge político anterior a 1973 e os jovens que se incorporavam ao campo intelectual depois do golpe de estado.

Punto de vista, cujo primeiro número aparece em março de 1978, pertence a essa trama de resistência cultural. Aqueles que começaram a revista propunham reivindicar basicamente um direito: o de seguir pensando, através do exercício da opinião, do dissenso e da crítica que, nesses anos, haviam praticamente desaparecido do espaço público. Os dez ou doze primeiros números da revista talvez hoje possam ser lidos desde essa perspectiva inicial: *eram mais do que diziam*.

Seus leitores, quase um punhado de leitores-colaboradores naquele início, corroboraram a preeminência que o fato de existir como publicação periódica tinha sobre qualquer outra questão, exceto uma: nesta revista não se publicaria jamais um discurso duvidoso a respeito da ditadura. A linha foi desde o princípio uma divisória muito clara. [...].

Discutir com esse sentido comum, pelo simples fato prático de publicar uma revista, comportava, além disso, atividades organizativas e produção de espaços de debate. Nesses primeiros anos, *Punto de vista* intentou laboriosamente expandir sua circulação restrita, romper a barreira de silêncio que a rodeava desde os meios de comunicação e das instituições do campo intelectual, convencer (e se convencer permanentemente) da necessidade de sua presença pública. Nada era evidente e a empresa nos pareceu muitas vezes destinada ao fracasso de uma repercussão ultraminoritária.

As coisas começaram a mudar por volta de 1981. Amplia-se o conselho de direção, ao qual no fim de 1982 se somaram novos membros, por um lado. Por outro, rompe-se o cerco de silêncio: quase da noite para o dia, a revista começa a existir, suas intervenções a serem reconhecidas, os debates culturais e ideológicos que havia desenvolvido a obter uma escuta. *Punto de vista* de desloca da margem que havia ocupado por vários anos para espaços mais visíveis, exteriores ao gueto que, para muitos de nós, havia-nos permitido sobreviver intelectualmente.

Até esse ponto, em tom retrospectivo e ao mesmo tempo propositivo, o editorial publicado no número 30 indicava não simplesmente as realizações da revista em seus

primeiros anos, especialmente no que se refere à resistência e ao trabalho intelectual, mas também um novo arranjo na genealogia que vinha sendo trabalhada explicitamente por **Punto de Vista** desde o editorial do número de 1981. Após 10 anos de revista, em virtude dos diálogos travados desde 1983 com grupos políticos para além da tradição da esquerda marxista, o Conselho de Direção aceitou os peronistas (sabe-se que não todos) entre aqueles que se opuseram ao *Proceso* e desenvolveram estratégias semelhantes às que a publicação criada em 1978 tinha imaginado e realizado. Além disso, destacava que as suas transformações foram concomitantes às transformações da sociedade argentina e do campo intelectual do país, que, a partir de 1981, mudava e reunia diferentes grupos e gerações. Na avaliação do periódico, a abertura desde 1981-82 teria sido o momento de seu deslocamento das margens para o centro do campo, com maior visibilidade e atenção aos seus projetos. Essa combinação de autoavaliação e de história da oposição intelectual à ditadura havia conduzido, no entanto, a uma reconfiguração e o editorial prosseguia afirmando:

[...] A revista, mais do que um ponto de referência para outros, havia sido o ponto de referência intelectual e de solidariedade que necessitamos para atravessar os piores anos que viveu o país. Mas, depois de Malvinas, os fatos estavam mudando; o retorno do exílio trouxe interlocutores e debates que demonstraram a insuficiência de posições empenhadas em se referir a um ‘dentro’ e a um ‘fora’. Os últimos meses do governo militar nos encontraram comprometidos em repensar não apenas a revista mas futuras e diferentes intervenções em uma esfera pública que começava a se reconstruir.

Chegava o momento de imaginar mudanças, correlatas à mudança de lugar e de função de *Punto de vista*. Havia-nos mantido e unificado, acima das diferenças pontuais, uma repulsa compartilhada à ditadura e a quem com ela colaborou ou contemporizou. [...].

Mas a situação política, que muda em fins de 1983, nos coloca outras exigências a respeito, em primeiro lugar, de nossa identidade como intelectuais. Se a ditadura militar nos lançava à pura oposição, um governo democraticamente eleito e, sobretudo, a reconstrução do sistema institucional e político abrem interrogantes sobre o lugar e o caráter de nossas intervenções, a menos que concluamos que nossa identidade deve ser somente pura oposição e negatividade.

Nesse segundo trecho destacado são identificados alguns dos movimentos internos de transformação da revista, vinculados às demandas externas, principalmente políticas e intelectuais, estabelecidas a partir do fim da Guerra das Malvinas. Evidencia-se como o periódico lia a redemocratização enquanto circunstância que havia possibilitado aos intelectuais da publicação uma alteração e uma ampliação de suas concepções sobre a política e a democracia e também sobre a função dos intelectuais diante do processo histórico. Tratava-se, é evidente, de uma síntese apaziguadora *a posteriori*, pois nenhum desses posicionamentos, nem mesmo a proeminência da “questão democrática”, foi estabelecido na

revista (e na sociedade argentina) sem debates e discordâncias. Entretanto, se em 1987 parecia possível identificar alguns consensos, o editorial termina com a conclamação a um outro movimento que, simultaneamente, deveria garantir e consolidar as conquistas políticas e intelectuais alcançadas desde a resistência à ditadura e oferecer novos posicionamentos públicos e políticos daqueles responsáveis socialmente pela crítica ao *status quo*:

[...] Intelectuais de esquerda, no marco da democracia. Nessa curta frase se resumem várias questões: como relacionar perspectivas específicas originadas nas disciplinas a propostas de caráter e interesse público; como desenhar intervenções que mantenham, sem anular, as tensões entre ideologia, política e disciplinas específicas; como repensar a esquerda e propor transformações que aprofundem e reforcem o sistema democrático; como, enfim, estabelecer as relações entre dois horizontes conceituais, o das liberdades e o da justiça e da igualdade. No plano discursivo, que não é pouco importante para uma revista: de que modo articular intervenções que extrapolem os limites acadêmicos e os universos fechados dos jargões para intentar um movimento expansivo de circulação mais democrática dos saberes.

Nesse marco publicamos o número 30 de *Punto de vista*, em seu décimo ano. **As questões esboçadas nos remetem tanto a um processo de reconstrução da esfera pública como a uma problematização da identidade intelectual e, especificamente, do intelectual de esquerda.** Além disso, o momento é grave: premissas éticas sobre as quais se funda a democracia estão sendo atropeladas pelas exigências daqueles que ganharam de forma suja o que insistem em chamar de uma guerra. Intelectuais, mulheres e homens da cultura e das humanidades, nosso espaço e a continuidade de nossa tarefa estão uma vez mais ameaçados. Por isso, talvez não se trate de intentar respostas às questões abertas acima, mas também de prever e organizar nosso campo frente a forças regressivas que ainda seguem intervindo na cena política nacional. [Conselho de Direção, “Punto de vista: Décimo año” (Editorial), **Punto de Vista**, n. 30, jul.-out. 1987, p. 1-2, tradução e negritos nossos]

O editorial, como é evidente, havia ampliado e reconstituído a genealogia à qual **Punto de Vista** pertencia. Agora, dez anos depois de seu início, o Conselho aceitava ter participado de um movimento do qual fizeram parte peronistas e ao qual se juntaram perspectivas diversas de esquerda a partir do retorno dos exilados. Tal intervenção do Conselho em forma de editorial – certamente uma das mais importantes em termos políticos desde o início da revista e igualmente relevante para a exposição de uma maneira específica de combinar a atividade intelectual à intervenção pública – expunha aos intelectuais (o público leitor prioritário da publicação) a premência de sua organização e de sua intervenção pública na política nacional para evitar a expansão das forças autoritárias que vinham alcançando conquistas, como as leis anteriormente mencionadas.

Portanto, tomado esse editorial do número 30, nota-se um deslocamento de propósito em relação aos textos e editoriais anteriormente publicados em **Punto de Vista** nos quais os intelectuais foram tematizados: se outrora a recomposição e a explicação das trajetórias tinham sido mais importantes, de modo a situar a revista em relação a diversas tradições, agora a organização dos grupos contra o autoritarismo e em prol da democracia havia se convertido no objetivo do editorial. Ou seja, aqui, a intervenção no presente da sociedade argentina, tendo em vista a experiência então recente de ampliação de diálogos de **Punto de Vista** com grupos no Club de Cultura Socialista e mesmo fora dele (inclusive com os peronistas de **Unidos**), tornava-se mais política do que as manifestações anteriores, e isso se confirma na leitura de três textos publicados após o editorial, de Sabato (“No somos los mismos”), de Vezzetti (“La democracia posible”) e de Sarlo (“No retroceder”), reunidos sob o título de “Los militares en la transición a la democracia”. A intervenção política e intelectual proposta no número 30 se encerrou no também impactante artigo de Sarlo, “Los militares y la historia: contra los perros del olvido”, em que se estabelecia uma questão bastante debatida na sociedade argentina e na revista naqueles anos e nos anos seguintes: a obrigação política, intelectual e cidadã de não se esquecer as ações da ditadura. Para isso, impedir retrocessos legais seria fundamental.

Como se sabe, as leis que interromperam os *juicios* dos militares foram mantidas e aprofundadas nos anos seguintes com a presidência de Menem e com os indultos por ele aprovados, os quais, inclusive, revogaram condenações. Na transição dos anos 1980 para os anos 1990, em face de um governo peronista que havia recolocado no poder forças do justicialismo diversas daquelas com as quais a revista havia dialogado na segunda metade dos oitenta, **Punto de Vista** necessariamente teve que reavaliar as suas reflexões sobre o lugar dos intelectuais. Para uma revista dedicada no início a analisar historicamente as tradições de intelectuais e de intérpretes do país e a se filiar seletivamente a autores e a matrizes de pensamento, que depois ampliou os seus diálogos políticos e teóricos para estruturar uma posição a respeito da “questão democrática” e que, em fins dos anos 1980, diante do fracasso da experiência alfonsinista e dos retrocessos vivenciados, enfrentou o recrudescimento do autoritarismo, a política personalista e corrupta de Menem representava um novo desafio.

Não por acaso, a ocorrência seguinte de uma menção explícita aos intelectuais e mais propriamente à relevância das suas tarefas de interpretação e de intervenção pública e política na sociedade argentina se deu no editorial publicado no número 34 (de julho-setembro de 1989), no qual o objetivo fundamental foi comentar os projetos de futuro então esboçados pela administração Menem. Ressaltando que o presidente representava uma força do

peronismo de direita e não de todo o peronismo (o que implicaria inclusive, para **Punto de Vista**, o início de uma necessária mutação no peronismo), a revista avaliava o princípio do governo menemista como o começo de uma época em que o esforço não estaria concentrado na definição de mudanças, mas na consolidação de processos em curso na Argentina, tais como “a polarização crescente da sociedade, a legitimação dos mecanismos mais selvagens de redistribuição das riquezas, o fortalecimento de setores econômicos cada vez mais concentrados.” (Conselho de Direção, “Editorial”, **Punto de Vista**, n. 34, jul.-set. 1989, p. 1, tradução nossa)

Nesse quadro, em que se havia praticamente extinguido os canais governamentais de discussão política e de debate do desenvolvimento econômico do país, os valores da esquerda democrática e a sua defesa da discussão sobre justiça, equidade e direitos humanos básicos se esvaíam. Por isso, a revista argumentava no editorial que daquele momento em diante seriam necessários ao “campo cultural-ideológico” – não somente aos intelectuais, mas também aos artistas, aos comunicadores e aos demais sujeitos participantes dos processos de produção, de difusão e de apropriação cultural – alguns “instrumentos independentes que possam se converter em espaços de discussão de alternativas e que, sobretudo, subsistam fora das duas grandes áreas de influência que configuram o peronismo e o radicalismo.” (tradução nossa) Apesar das advertências de distinção entre o peronismo de esquerda, em busca da renovação, e o peronismo menemista de direita, é evidente que **Punto de Vista** volta a reivindicar uma identidade coesa de esquerda para confrontar o peronismo e a UCR. Nesse sentido, afirma-se que a “questão da cultura não será uma questão menor se se considera que por seus debates e seus temas passaram muitos dos nós ideológicos e históricos significativos da Argentina deste século.” (Conselho de Direção, “Editorial”, **Punto de Vista**, n. 34, jul.-set. 1989, p. 1, tradução nossa)

A cultura, compreende-se, tornava a ser enunciada como um espaço de disputas políticas, em uma circunstância na qual os espaços de representação política pareciam, diferente do que havia se dado nos anos 1980, interditados aos grupos de esquerda. Assim, os intelectuais voltavam a ter a sua função e o seu lugar definidos pela publicação: “[...] aos intelectuais de esquerda cabe a responsabilidade não apenas da defesa de um espaço mas dos princípios e valores que podem fundar uma sociedade democrática e mais justa do que hoje deixam prever os projetos políticos em curso.” (Conselho de Direção, “Editorial”, **Punto de Vista**, n. 34, jul.-set. 1989, p. 1, tradução nossa) Recuperava-se o intelectual reivindicado nos primeiros editoriais, o cidadão defensor da democracia como valor fundante e como projeto de sociedade que permitiria a articulação de todas as demais ideias caras à esquerda.

Nesse cenário, ao se concordar com a proposição geral de Roxana Patiño (2003), segundo a qual, a despeito da identificada (e em certa medida existente) e propalada crise dos intelectuais nos anos 1990 e 2000, a função social, cultural e política dos intelectuais havia se mantido (mesmo tendo passado por transformações), entende-se por que **Punto de Vista** continua a refletir a respeito e procura redefinir a sua visão sobre os intelectuais e suas ações, mantendo alguns princípios elementares e irrevogáveis. Era preciso, para o grupo da revista, manter a atividade crítica, articulando a partir da cultura projetos políticos alternativos.

Aliás, os anos 1990 foram, na Argentina, um momento de transformação definitiva dos intelectuais em objetos do conhecimento. Para tanto, basta se pensar que a década começou com a publicação dos dois livros responsáveis não somente por ajudar a estabelecer parâmetros críticos gerais para a história intelectual no país, mas principalmente por oferecerem leituras hoje clássicas acerca dos grupos que tais obras ajudaram a consagrar como a “nova esquerda intelectual”. São *Nuestros años sesentas. La formación de la nueva izquierda intelectual en la Argentina, 1955-1966*, de Oscar Terán, e *Intelectuales y poder en la década del sesenta*, de Silvia Sigal, intelectuais próximos de **Punto de Vista** desde a década anterior, cujos livros resultaram de investigações desenvolvidas ao longo dos anos 1980 e foram inclusive discutidos, ainda enquanto projetos, com membros do Conselho de Direção da revista – Sarlo chegou a dizer na entrevista a Hora e a Trímboli que seria preciso refletir acerca do “tipo de necessidade da qual surgem esses livros [a respeito dos anos sessenta].” E complementou:

[...] houve um momento dos anos 80 no qual todos tínhamos um livro sobre os anos 60 na escrivaninha. Com inflexões mais literárias, com inflexões mais culturais, com uma perspectiva mais classicamente de campo intelectual como é o caso de Silvia, uma narrativa da história das ideias como é o caso de Oscar, mas todos tínhamos um livro sobre os 60 em preparação. Entretanto, somente o escreveram Oscar e Silvia. Esses projetos nascem do ajuste de contas, muito evidentemente no caso de Oscar, mais mediatizado no caso de Silvia, que começa depois de 1976, tanto no exílio quanto na Argentina. São livros que poderiam ser situados – no caso do de Oscar isso é mais evidente – como um tipo de memorialismo secreto. Creio que o livro de Silvia se beneficia da distância e de se negar a primeira pessoa, mas suspeito que há uma primeira pessoa no impulso por investigar o período. Ela havia participado muito ativamente nessa configuração que são os 60, ainda que tenha saído da Argentina muito cedo, depois do golpe de Onganía ou nessa época, no momento em que para Oscar termina a década. E o distanciamento permite a Silvia estabelecer uma perspectiva comparativa que tende a excluir o tom excepcional que a década assume no livro de Oscar. [...] Não sei se são livros que polemizam entre si, mas digo que são livros cujo lugar de enunciação é diferente e se poderia dizer que pertencem a gêneros diferentes. Um – o de Silvia – é um típico produto perfeito de história feita desde as perspectivas de um cientista social [...]. No

caso de Oscar é outro assunto. No caso de Oscar são perguntas fortemente em primeira pessoa que são respondidas por um intelectual que pode colocar a primeira pessoa em relação a todas as pessoas discursivas. As marcas da primeira pessoa devem ser rastreadas até **Controversia**, as polêmicas do exílio. [...]. (SARLO, 1994, p. 170-171, tradução nossa)

Não casualmente, enfim, no número 37 (de julho de 1990), Terán publicou um artigo em que resumia o seu livro e o debate continuou no número 42 (de abril de 1992), com a veiculação de um diálogo entre Sigal e Terán concentrado nas duas obras. Nesse, intitulado “Los intelectuales frente a la política”, adaptado a partir de um evento realizado no Club de Cultura Socialista em novembro de 1991 para debater os dois livros, obviamente os questionamentos acerca das respectivas publicações foram extrapolados para que se permitisse, não diretamente, a reflexão concernente à situação política da Argentina naquele momento, mas indiretamente, desde as proximidades e das diferenças entre as propostas interpretativas, sintetizadas de maneira precisa por Sarlo na entrevista anteriormente citada e parcialmente transcrita.

O número 42 também foi importante porque marcou a entrada de Adrián Gorelik no Conselho de Direção e instituiu a identidade visual/gráfica que **Punto de Vista** utilizou até o término da publicação²⁴. Assim se tornou a revista, até 2008 sem alterações significativas, mantendo-se as capas mais trabalhadas e com cores e ilustrações diversas e o interior com

²⁴ Os dois eventos parecem estar relacionados. Gramuglio foi questionada, na entrevista a Podlubne e a Prieto, acerca da entrada de Gorelik para o Conselho de **Punto de Vista**. A despeito da imprecisão do questionamento (que desconsidera as relações de Gorelik com o grupo antes de seu ingresso no Conselho e que é corrigido por Gramuglio) e das discordâncias com a periodização proposta pelos entrevistadores para a revista, vale recuperar as respostas:

– “Com o ingresso de Adrián Gorelik começa o que poderíamos chamar de a terceira etapa de *Punto de vista*.

– Sim. Em que ano isso aconteceu?

– Em 92.

– Tão tarde?

– Assim aparece na revista.

– Claro, o que acontece é que Adrián já vinha fazendo coisas conosco desde bastante antes. Recordo-me de uma mostra sobre Le Corbusier organizada pelo grupo de arquitetura de Pancho [Jorge] Liernur, creio que se realizou na Fundação Giesso, e lá estava Adrián. Juan Pablo colaborou com a organização da mostra, o que seria agora uma curadoria, definir o lugar onde vai cada coisa. Ou seja, as relações começam bastante antes. E há, claro, a nota “Zaratustra y su mono”, assinada por Adrián, Anahí Ballent e Graciela Silvestri, publicada em *Punto de vista* creio que em 1988. Então primeiro há uma aproximação de Adrián que se deu gradativamente por diversas vias, nos tornamos amigos, saíamos para comer, eles vinham a nossa casa. E depois a incorporação efetiva de Adrián a *Punto de vista*.

– Com a entrada dele voltam se mover as prateleiras, não?

– Claro, Adrián encarna uma temática nova, que na revista estava muito imprecisa, que é a temática da cidade, do urbanismo, que fica incorporada de modo mais sistemático à revista, e quem a condensa é Adrián. Não porque esses temas estivessem ausentes de nossos pensamentos, ou conhecimentos, ou leituras. Mas porque a partir de Adrián, e de Anahí, e de Graciela, que no início trabalhavam em trio, atribuiu-se ao tema uma enorme visibilidade. E Adrián, ademais, é como uma escavadeira, uma pessoa muito enérgica, muito eficiente. E assumiu muitos dos assuntos materiais da revista, desde a diagramação até a distribuição. E é além disso uma pessoa muito polêmica, o que contribuía para dinamizar os debates.” (GRAMUGLIO, 2014, p. 276-277, tradução e destaques sublinhados nossos, negritos no texto)

anos sessenta. Em alguma medida, visitar “los sesenta” era uma oportunidade para reler as ideias de compromisso dos intelectuais e avaliar como seria possível construir alternativas plausíveis à imobilidade e à diminuição da articulação coletiva e ao enclausuramento dos intelectuais nos anos noventa, advindos, entre outros motivos, do isolamento imposto pelo governo Menem ao interditar espaços de questionamento e de especialização universitária, e da perda de referencialidade e de força na esfera pública dos discursos dos intelectuais na sociedade. (PATIÑO, 2003, p. 5-6)

Entretanto, como destacou Roxana Patiño (2003), tais reconfigurações do lugar ocupado pelos intelectuais argentinos no espaço público nos anos 1990 não foram homogêneas. Formações mais consolidadas e com retrospecto de intervenções, como é o caso de **Punto de Vista**, tenderam a se conservar em cena e a enunciar questionamentos, evidenciando a complexidade das sociabilidades e a dificuldade em sentenciar a “morte” dos intelectuais, como quiseram alguns à época. Mesmo assim, a revista não passou incólume pela perda de articulação, pelo enfraquecimento dos *loci* de discussão e pela culturalização apolítica dos periódicos, fenômenos verificados na Argentina na década de noventa. A busca por renovação no periódico certamente pode ser vinculada aos movimentos mais gerais dos intelectuais argentinos naqueles anos e os seus efeitos no periódico não foram necessariamente dinamizadores do coletivo que o dirigia, tendo repercutido negativamente nos resultados apresentados na revista, como se afirmou no capítulo anterior em relação à suposta “guinada vanguardista”.

De qualquer maneira, a recuperação de debates na década de 1990 em livros e na revista estimulou o interesse pela problematização dos vínculos dos intelectuais com a esquerda. As interpretações em alguma medida memorialísticas, como nos livros de Sigal e de Terán ou no artigo/depoimento de Aricó (publicado *post mortem*²⁵) veiculado no número 43 (de agosto de 1992), ofereceram argumentos para uma releitura da esquerda argentina nos anos 1960 e 1970. Isso também aconteceu no texto “A treinta años de *Argentina en el callejón*”, fruto da conferência de Tulio Halperin Donghi sobre o seu livro, realizada no Club de Cultura Socialista, a essa altura com “José Aricó” integrando o seu nome. Enfim, como se

²⁵ Como se explica na apresentação ao texto, intitulado “La construcción de un intelectual”, “pouco antes de morrer, em agosto de 1991, José Aricó empreendeu, junto a Carlos Altamirano e Rafael Filippelli, um último trabalho. Tratava-se de registrar em vídeo uma série de entrevistas sobre temas que Altamirano propôs e Aricó aceitou. As duas primeiras foram as únicas que se pôde realizar. Com elas como base, Filippelli dirigiu o vídeo apresentado no renomeado “Club de Cultura Socialista José Aricó” em agosto daquele ano. Das entrevistas, concebidas por Carlos Altamirano, extraímos duas seções: sobre sua incorporação ao partido comunista e sobre a fundação da revista **Pasado y presente**.” (Apresentação de José Aricó, “La construcción de un intelectual”, **Punto de Vista**, n. 43, ago. 1992, p. 1, tradução nossa)

disse antes, o cenário era complexo e mesmo os desentendimentos entre os coletivos intelectuais de **Punto de Vista** e de **La Ciudad Futura** em fins da década de 1980, que repercutiram negativamente nas trocas entre os grupos, não impediram a manutenção de intercâmbios e os diálogos que interessavam ao Club também continuaram a ocupar as páginas da revista dirigida por Sarlo, principalmente aqueles a respeito de José Aricó, considerado pela própria Sarlo uma das forças fundamentais de articulação entre os grupos – o nome dele foi mantido *in memoriam* no Conselho até o número 78 (de abril de 2004).²⁶

²⁶ Uma avaliação de Beatriz Sarlo sobre a experiência do Club de Cultura Socialista pode ser encontrada na que ela concedeu a Hora e a Trímboli:

“[...] Creio que o Club foi várias coisas. Foi, em 1984, quando se funda, a cena em que as pessoas que se haviam exilado e as pessoas que haviam passado a ditadura na Argentina podiam se encontrar para fazer um balanço desses anos. Uma cena na qual se evidenciava uma problemática que rondava como um fantasma, a contradição entre quem havia se exilado e quem havia permanecido. Era fundamental que o Club demonstrasse que estava movido por grupos de exilados e de pessoas que haviam permanecido aqui. Nesse sentido proporcionou o cenário para um reencontro intelectual e ideológico e para a prática de uma autocritica. Um grupo relativamente importante por sua produção intelectual encarou a reconstrução em nível simbólico de uma trama que a ditadura havia destruído. Da argamassa com a qual essa trama se reconstruía eram parte o debate sobre os anos sessenta, a violência, o golpe de estado, a Guerra das Malvinas. O Club cumpriu maravilhosamente essa etapa. Depois se articulou a outro debate: o que nós socialistas devíamos fazer com o governo de Alfonsín. Hoje, meu balanço é que em prol da conservação da unidade do Club, sobretudo para fora, não se aprofundaram o suficiente as diferenças. Creio que isso merecia mais polêmicas, mais desvelamento do conflito, porque estávamos discutindo um problema fundamental: a relação entre os intelectuais e o estado, o governo, a esfera pública. Foi muito conflituosa essa discussão sobre a colocação frente ao governo radical, mas creio que deveria ter sido mais profunda, e que devíamos levá-la mais à esfera pública. Nesse aspecto, o Club escolheu se preservar como grupo em lugar de encarar um conflito que seguramente teria sido de maior interesse intelectual e político. O terceiro momento do Club, que não é sucessivo, mas se sobrepõe parcialmente ao anterior, começa quando alguns companheiros decidimos trabalhar para a unificação dos partidos socialistas. Dizíamos unificação do partido, e não do campo socialista, confiando que havia reservas nessas organizações (o PSP e o PSD) para construir um partido socialista moderno. Confiando, ou melhor esperando, ou apostando, ou pedindo a Deus, que houvesse reservas. Então confluem pessoas que tinham estado envolvidas ou que estavam envolvidas na discussão anterior. Confluímos, Pancho Aricó por um lado e eu por outro, para esta ideia de que uma das funções básicas do Club era juntar esses dois partidos e dizer-lhes que era preciso realizar um grande congresso de refundação socialista, incorporando novas pessoas etc. Sabíamos que não tínhamos o Mitterrand para a tarefa. Foi uma etapa na qual aprendemos. Pancho se moveu com essa fé na prática, nos homens e nas mulheres, que o habitava; eu creio que me movi com automatismo e voluntarismo. Creio que aprendemos algo no intento de fazer confluir a esses partidos. Pancho morreu pelo caminho... [...] Essa foi a terceira etapa do Club, que teve de tudo menos sucessos, tanto para o Partido Socialista quanto para o Club, que chiava permanentemente por dois motivos. Porque havia pessoa que pensavam que era necessário privilegiar a relação com o radicalismo, e ser a esquerda radical; e também porque havia pessoas de pouca vocação política. [...] Quero dizer qual é meu balanço final: quero dizer que se alguma coisa pudesse ter sido alcançada na política, a instituição tivesse crescido, teria podido provocar outro tipo de pessoas, menos *middle class*, *middle age*; que o fato de que seus projetos políticos não saíram limitou o Club e acentuou os traços de uma instituição fechada, familiar, onde a vocação política é muito relativa e está encarnada por muito poucos. Destaca-se mais certa vocação de debate ideológico cultural. O Club foi um instrumento indispensável para um grupo de progressistas desde 84 até 90. Essa franja fez experiências de aprendizagem com partidos políticos, e as processou dentro do Club: com o socialismo, com o radicalismo, com Auyero nos últimos tempos. Depois disso, não dava mais. Creio que sua estrutura de sentimento, para dizer williamsianamente, é bastante conservadora, não importa os conteúdos que se veiculem através dela. É uma instituição muito pouco disposta a se arriscar para construir, e em política, como em qualquer outra coisa, o risco e a construção andam juntos.” (SARLO, 1994, p. 191-193, tradução nossa)

Sarlo, aliás, foi a responsável pela publicação do mais denso artigo sobre intelectuais e atuação política desde o editorial do número 30 (de julho-outubro de 1987). Em “¿Arcaicos o marginales? Situación de los intelectuales en el fin de siglo”, veiculado no número 47 (de dezembro de 1993) – portanto, no ano em que o “grupo de Sarlo” deixou o Club de Cultura Socialista e se autonomizou em relação àquela instituição que havia ajudado a criar²⁷ –, a autora, uma vez mais em tom de diagnóstico mesclado às proposições, constatou as transformações, as fragmentações e os deslocamentos ocorridos em tantas dimensões da sociedade, da política, da cultura e da economia naquela década iniciada após o início da crise definitiva dos governos atrelados à utopia socialista, principalmente o da URSS. Após uma série de constatações sobre o fim do século e as relações entre aquele momento de encerramento e o século transcorrido antes dele, afirmou:

[...] Três crises definem esses anos que nos separam do fim do século: a crise das ideias de mudança como processo que modifica a sociedade em todos os seus pontos comprometendo a ação e o destino da maior parte dos seus membros (a crise de uma ideia ‘total’ de mudança); a crise das vanguardas e dos valores estéticos da modernidade e, com ela, a de uma continuidade cultural conflitiva; a crise da figura clássica do intelectual, que segue a reestruturação das relações entre níveis culturais a partir da organização massmediática da dimensão simbólica. Na realidade, dever-se-ia substituir a palavra “crise” por alguma outra mais adequada à fenomenologia da época em que estamos vivendo: dissolução, decadência, deslocamento, obscurecimento. Seja como for, optarei pela palavra “abandono”: ela registra bem o modo no qual se tomou distância em relação a três fortes núcleos ideológicos e míticos do século XX, abandonados não como se refuta ou se transforma uma ideia, mas segundo a forma em que se deixa de ter uma crença. Precisamente, são as crenças que moveram o século XX as que hoje são abandonadas por novas crenças. (Beatriz Sarlo, “¿Arcaicos o marginales? Situación de los intelectuales en el fin de siglo”, **Punto de Vista**, n. 47, dez. 1993, p. 2, tradução nossa)

Sarlo então passa a explicar os movimentos de “abandono” e as novas escolhas que, para ela, ocorriam em fins do século XX:

[...] Dito da maneira mais breve: se debilitou o **princípio de legitimidade e de universalidade do juízo intelectual. O particularismo e o subjetivismo não somente são aceitos como critérios entre outros, mas se postulam como posições emancipadoras que confiam ao consumidor e ao cidadão os juízos que esses, antes, esperavam dos artistas e dos especialistas.** A época é democratista e populista: o interesse e o gosto subjetivo já não são razões que devam se cruzar no espaço de um discurso que se proponha a convertê-los em universais e confrontá-los a outros gostos e interesses.

²⁷ Vale destacar que anúncios sobre a revista **La Ciudad Futura**, subintitulada “Revista de cultura socialista”, continuaram a ser publicados durante o período de desentendimentos internos no Club, a partir de fins dos anos 1980, e se mantiveram em **Punto de Vista** mesmo depois de 1993, afinal, uma parte do Conselho de Direção da revista criada em 1978 permaneceu no Club de Cultura Socialista.

Pelo contrário, muitos celebram o paradoxo de um individualismo extremo apoiado em uma unificação quase planetária da cultura. Quero dizer: em nome dos gostos e interesses vividos como mais intensa e privadamente pessoais, legitima-se a validade da mais previsível das coincidências. No naufrágio da razão moderna se exalta a retórica do particularismo ao mesmo tempo em que se unifica, talvez mais fortemente do que em toda utopia moderna de unificação, um sistema de eleições (estéticas e morais) que definem o tom de uma época mesmo quando a ideia de um tom geral seja estranha ao ruído dos particularismos.

Esse é um dos paradoxos do fim do século: um individualismo produzido no mercado simbólico mais unificado que se conheceu no ocidente. Contudo, esse paradoxo não parece evidente na medida em que esse mercado fragmenta seus produtos para produzir nichos culturais extremamente diferenciados que se mostram como provas da diversidade de necessidades e de respostas. Segundo paradoxo então: uma cultura massmediática unificadora que coaduna precisamente porque está em condições de fragmentar seus públicos segundo linhas que se apresentam como emergentes das eleições menos condicionadas.

A construção do gosto hoje, mais do que nunca, perdeu toda qualidade individual; é cruamente sociológica, instituída pelo marketing cultural que fecha um círculo vicioso em que se constroem públicos que logo são gentilmente interrogados sobre suas preferências. A pesquisa de opinião ocupou a posição de mando. Ao mesmo tempo, exalta-se a liberdade de escolha e a particularidade das subjetividades. Completaram-se assim processos que estavam somente esboçados nas primeiras décadas do século XX. (Beatriz Sarlo, “¿Arcaicos o marginales? Situación de los intelectuales en el fin de siglo”, *Punto de Vista*, n. 47, dez. 1993, p. 2-3, tradução e destaques nossos)

Os dois paradoxos identificados configuraram, segundo Sarlo, um fim de século XX com continuidades e rupturas em relação às décadas anteriores. Entre as várias rupturas, uma de maior impacto para a atividade intelectual foi o enfraquecimento do “princípio de legitimidade e de universalidade do juízo intelectual”, que resultou na substituição da relevância social, política e cultural do intelectual pela avaliação supostamente subjetiva. O efeito desse individualismo seria ainda mais significativo porque não soaria evidente e garantiria a aparência de escolha individual ou de nichos para novas crenças definidas por princípios de mercado e propagadas pelos meios de comunicação de massa.

E os intelectuais, como poderiam enfrentar essa situação? Como as vanguardas artísticas, os intelectuais teriam, para Sarlo, “vocaço generalizante”. Todavia, enquanto as vanguardas, em seu processo de ruptura esttica, se oporiam ao pblico como consequncia, os intelectuais teriam almejado em vrios momentos se aproximar do povo e assumir “aquelas questes que no concerniam pessoalmente ao sujeito que as tomava e, pela estratgia de seu discurso e pelo carter de sua interveno, as colocava na esfera pblica.” Adverte Sarlo que a estratgia oferecida para os intelectuais diante de um *lobby* “que exagera a fratura entre interesses gerais e interesses particulares” residiria na “reconverso tcnica”, ou seja, “aqueles

que foram intelectuais hoje são especialistas: não apenas seu saber se particularizou (e isso é inevitável se se pensa na complexidade exigida por qualquer investigação nas sociedades contemporâneas), mas sua moral também é particularista.” Portanto, perder-se-iam os “laços que uniam o intelectual à sociedade”, partes de “um imaginário em vias de extinção” substituído por um território dominado pelo especialista e por sua *expertise*. (Beatriz Sarlo, “¿Arcaicos o marginales? Situación de los intelectuales en el fin de siglo”, **Punto de Vista**, n. 47, dez. 1993, p. 4-5, tradução nossa)

Enfim, a diretora de **Punto de Vista**, nesse artigo, foi certamente menos esperançosa do que havia sido em fins dos anos 1980 a respeito da relevância dos intelectuais. A constatada vulnerabilidade do intelectual, resultante também (mas não apenas) de sua conversão em especialista, tornou-o um indivíduo voltado prioritariamente para seus pares, preocupado em não ultrapassar os limites e as fronteiras do aceitável e por isso não interessado em ir além das disciplinas e enfrentar problemas ou valores “mais gerais de natureza social e cultural”. “Trata-se de um particularismo de minorias intelectuais e acadêmicas”, afirmou. Em síntese, asseverou Sarlo: “Quando a especificidade é o eixo dominante das intervenções, o que não é específico fica entregue ao domínio do gosto, da opinião e do interesse. Dessas se pensa (erroneamente) que não necessitam de uma fundação discursiva.” (tradução nossa) E concluiu:

[...] Como ninguém quer se reconhecer no lugar do utopista nem do profeta, o discurso dos intelectuais perde seu delineamento crítico e, por esse caminho, sob a aparência de se tornar mais humilde e democrático, chega na verdade a ser mais concessivo com o poder e, ao mesmo tempo, praticar o acompanhamento da opinião pública.

Chegamos assim a uma espécie de *neopopulismo intelectual* que, diferente dos velhos populismos, não reconhece dois velhos conceitos mobilizadores: o povo e a nação. Se a quebra histórica desses conceitos deixou os intelectuais disponíveis para se submeterem à crítica, isso não devia necessariamente significar que as ideias globais, fundadas em valores, deviam ser expulsas para sempre. **Na Argentina, este neopopulismo sem povo e sem nação, ideologia construída sobre o senso comum, o individualismo, o acompanhamento das tendências privatizadoras dos assuntos públicos, a resignação do espírito crítico não mais frente à transcendência das massas ou da pátria mas à dinâmica do mercado de bens simbólicos, produz indiferença ética e estética, oportunismo frente às maiorias de opinião construídas nos meios e respeito ao senso comum como se esse valesse mais do que as ideias que o contradizem.** Uma cultura celebratória emerge como o resultado, quase sempre banal, de uma prática de especialistas que, enquanto assinalam as dificuldades atravessadas pela intelectualidade desse século, seus erros e sua unilateralidade crítica, acompanham sua queda como se fosse uma libertação. (Beatriz Sarlo, “¿Arcaicos o marginales? Situación de los intelectuales en el fin de siglo”, **Punto de Vista**, n. 47, dez. 1993, p. 5, tradução nossa)

O diagnóstico nem um pouco otimista revela como os temas (convertidos em objetos e sumariamente investigados) que ocupavam cada vez mais as páginas da revista desde a segunda metade da década de 1980 – meios de comunicação, indústria cultural, relações entre arte e mercado, submissão da criação artística ao mercado mesmo com suposta problematização política, entre outros – eram parte, para Sarlo, de um quadro mais amplo de esvaziamento da atividade artística e principalmente da atividade intelectual. Tal quadro resultaria, não paradoxalmente, na ampliação do alcance e dos efeitos dos meios de comunicação, da indústria cultural e do mercado como instância definidora da sociedade, da política e da cultura. À defesa da necessidade de reconstrução de um espaço para o intelectual na sociedade argentina nos anos 1980 – objetivo parcialmente alcançado durante a gestão de Alfonsín, com as articulações entre o Club, as revistas e o governo, inclusive – se sucederam, em **Punto de Vista**, a avaliação do gradativo desaparecimento dos últimos vestígios desse espaço nos anos 1990 e a reflexão acerca de alternativas de posicionamento e de intervenção pública dos intelectuais.

Aqui se pode destacar, ademais, uma situação específica representada por **Punto de Vista** e por seu coletivo de intelectuais: surgida em oposição à ditadura e capaz de congregiar indivíduos de formação diversa que adquiriram, nos anos 1980, relevância social, política e cultural, a publicação atuou como instrumento de consagração dos intelectuais de seu Conselho de Direção, principalmente aqueles que, graças à consagração alcançada por meio (não somente) da revista, chegaram aos postos de professores universitários ainda durante o período de redemocratização. Agora, em 1993, encerrando-se o período de maior abertura ao diálogo e de maior atenção à refundação das instituições universitárias na sociedade argentina, com a integração das universidades às tendências acadêmicas internacionais e presas às lógicas de mercado, **Punto de Vista** começava a denunciar a ultra-especialização dos intelectuais em curso prioritariamente nas universidades.

Os intelectuais da revista representavam, portanto, tipos fraturados, divididos entre identidades e lugares contraditórios, reivindicando, na publicação, a recuperação de valores como a preocupação com questões de interesse amplo da sociedade, da cultura e da política. Ocupavam, ao mesmo tempo, postos em instituições universitárias nas quais, necessariamente, participavam do processo de delimitação de *expertises*, de saberes particularizados. Isso, obviamente, era motivo de crítica, de desgaste e de desgosto para esses intelectuais, os quais compreendiam a situação paradoxal experienciada e procuravam administrar os mal-estares dos assuntos e dos projetos inacabados diante das frustrações do governo Alfonsín e da interdição do diálogo com o governo Menem.

O processo de autocritica e de avaliação das condições limitadas de produção de intervenções intelectuais na sociedade argentina dos anos noventa prosseguiu na revista, mais especificamente no número 50 (de novembro de 1994), no qual, não casualmente, **Punto de Vista** reproduziu o editorial do número 12 (de julho de 1981), aquele que mais se aproximou, como se disse antes, de um caráter programático nos primeiros anos da revista.²⁸ Obviamente a revista não intentava indicar que a situação da Argentina era a mesma de 1981 e isso ficou explicitado nos textos subsequentes à reprodução do editorial, “El orden y el movimiento”, de Carlos Altamirano, e “¿La voz universal que toma partido? Crítica y autonomía”, de Beatriz Sarlo. De qualquer forma, alguns elementos foram recuperados e ressignificados.

Em 1993 havia se constituído um novo partido a partir de dissidências do peronismo e de outros setores progressistas, a Frente Grande, que mobilizava os intelectuais para que pensassem novamente em alternativas políticas ao radicalismo e ao peronismo. Refletir a propósito é um dos objetivos de Altamirano em seu artigo no número 50, no qual avalia a ordem menemista, marcada por eventuais êxitos temporários no âmbito das políticas econômicas e por retrocessos em vários outros domínios, e o movimento de realinhamentos políticos e de emergência da Frente Grande ao redor de Carlos “Chacho” Álvarez, com quem **Punto de Vista** havia dialogado por meio da revista **Unidos**, nos anos 1980²⁹. Em um conjunto de interrogações que remete à reflexão dos intelectuais acerca dos anseios críticos da sociedade argentina, à ausência de posicionamentos políticos mais contundentes contra o governo de Menem e aos problemas mais amplos do país, Altamirano se questionou:

Seu crescimento [da Frente Grande] não teve o caráter de um processo de agregação, não apareceu como resultado de um movimento social ou político que, depois de um progresso mais ou menos contínuo, abre uma brecha e se incorpora à cena.

[...] A aparição da Frente Grande proporcionou um canal de expressão a uma opinião prévia e que estava em busca de representação? Ou foi, ao invés disso, a interpelação da Frente que levou a muitos a quebrar a adesão com o senso comum prévio, ou a sair do mal-estar passivo, constituindo politicamente o que até então era apenas virtualidade? Algo das duas coisas, como sempre ocorre, deve ter ocorrido. Poderá a Frente animar a alternativa à ordem menemista, talvez como peça principal de uma coalizão? [...].

²⁸ Também foram reproduzidas, ao longo do número 50, ilustrações publicadas na revista desde o primeiro número até o quinquagésimo, a maior parte delas elaborada por relevantes artistas plásticos de esquerda argentinos.

²⁹ Patiño (1998a), como se asseverou antes, mencionou e explicou em mais detalhes o diálogo de **Punto de Vista** com **Unidos** nos anos 1980, mostrando como se configuraram, entre a revista dirigida por Sarlo e a publicação peronista criada em 1983 (da qual participou Carlos “Chacho” Álvarez), “operações intelectuais que permitiram pensar novas formas da política ao longo do processo que levou intelectuais peronistas e socialistas, vinte anos depois e por fora de suas estruturas partidárias, a pensar uma nova articulação.” (PATIÑO, 1998a, tradução) Os diálogos, enfim, motivaram encontros e debates nos anos oitenta e alianças políticas nos anos noventa.

(Carlos Altamirano, “El orden y el movimiento”, **Punto de Vista**, n. 50, nov. 1994, p. 4, tradução nossa)

Em uma época na qual não havia consensos no que se refere à política argentina – algo perceptível nas dissidências do Club de Cultura Socialista e nas consequentes fissuras no coletivo intelectual de **Punto de Vista**, com Sarlo deixando o Club e Altamirano nele permanecendo –, era indispensável voltar a refletir a respeito da política e dos rumos do país, talvez não mais com o mesmo entusiasmo em relação ao devir que havia se manifestado nos anos 1980. A convicção da necessidade da intervenção pública e do questionamento do presente a partir de olhares históricos está no texto de Altamirano e também no de Sarlo, cujo título é uma síntese poderosa: “¿La voz universal que toma partido? Crítica y autonomía”.

No início do artigo, desde uma referência à Guerra das Malvinas, Sarlo problematizou o fascínio da população com a guerra e os equívocos de compreensão do conflito entre os intelectuais³⁰ gerados por conta da cobertura midiática ampla, denunciando o impacto dos meios de comunicação sobre a autonomia da atividade crítica. A autora indicou, assim, a impotência do discurso crítico frente aos meios de comunicação e a perda gradativa das “condições de audibilidade” dos intelectuais daquele momento em diante na sociedade argentina. Esses argumentos, que se aproximam daqueles utilizados por Sarlo em sua avaliação das condições históricas de atuação dos intelectuais exposta no artigo do número 47, acrescentaram elementos à explicação a respeito das “mudanças de estilos de intervenção” da crítica – vinculadas aos meios de comunicação – e conduziram a conclusões parecidas sobre a perda da universalidade da figura clássica do intelectual e das suas intervenções a partir das décadas de 1980 e 1990.

Um aspecto novo desse processo de “atenuação” da “voz universal que toma partido”, diz Sarlo, residiria na instauração não somente de discursos concorrentes às reflexões dos intelectuais, mas também de outros produtores de discursos como os jornalistas e

³⁰ Sarlo se refere aqui, indiretamente, ao debate que se mencionou antes na tese, travado entre o grupo de **Punto de Vista** e o grupo de **Controversia** sobre a Guerra das Malvinas, originado por posicionamentos dos exilados a favor do conflito (por motivos que ela esclarece no artigo) e continuado por uma carta-resposta por ela elaborada e enviada em nome da revista a José Aricó e aos demais. No artigo do número 50, Sarlo afirmou: “Alguns de nós fomos derrotistas e discutimos desde essa posição com quem, no exílio e na Argentina, acreditaram ter descoberto, nessa exacerbação irracional das querelas territoriais e nesse paradoxal renascer do nacionalismo, uma ocasião para avançar primeiro com os militares contra os ingleses, e, humilhados os ingleses, forjar uma unidade nacional vitoriosa que, por seu turno, derrotaria os militares. Esqueciam, como escreveu Carlos Altamirano nesse momento, que a invasão nas Malvinas ‘não foi posta em marcha para a liquidação do processo militar começado seis anos atrás, mas para tirá-lo do atoleiro e conduzi-lo ao cumprimento de suas metas’. A derrota, continuava Altamirano, ‘apenas precipitou o fissuramento de um regime que viu na recuperação das Malvinas um caminho para resolver seus problemas, incluído o de sua legitimidade’.” (Beatriz Sarlo, “¿La voz universal que toma partido? Crítica y autonomía”, **Punto de Vista**, n. 50, nov. 1994, p. 5, tradução nossa) O artigo por ela mencionado, de Carlos Altamirano, é “Lecciones de una guerra”, publicado no número 15 (de agosto de 1982) de **Punto de Vista**.

comunicadores, cujas posições, afirma a autora, tornavam “sua palavra [...] mais persuasiva, mais próxima e sobretudo mais familiar. Se a autoridade do intelectual se legitimava em uma diferença de saberes, a autoridade dessas vozes novas é produto de um efeito de comunidade ideológica e de representação próxima [...]” (Beatriz Sarlo, “¿La voz universal que toma partido? Crítica y autonomía”, **Punto de Vista**, n. 50, nov. 1994, p. 6-7, tradução nossa) Ou seja, estabelecia-se o problema da perda de autonomia do discurso crítico em relação à sociedade por ele interpretada e/ou à qual esse discurso é dirigido. A crise do intelectual, pois, precisava ser considerada um problema complexo:

A questão tem então vários aspectos. De um lado, **a reconfiguração massmediática da cultura, que é o traço verdadeiramente distintivo das últimas décadas**. Nesse quadro, o ocaso (tantas vezes mencionado e com quanta trivialidade) do intelectual crítico, cujo monopólio da verdade discursiva, se é que alguma vez existiu com a força que se lhe atribui quando se pensa a sua perda, hoje foi fraturado pelo pluralismo que emerge como uma consequência tardia do relativismo valorativo e do nivelamento midiático. O lugar de Sartre, efetivamente, está fechado: mas não apenas a morte de Sartre fechou para sempre essa “classe de um”, como a chamou Pierre Bourdieu. Esse lugar já era impraticável antes de sua morte: as linguagens da crítica haviam começado a se especializar; os saberes técnico-práticos haviam começado a tomar a dianteira dos saberes filosófico-morais; o colapso das utopias políticas reatualizava de maneira contraditória o dilema das “mãos sujas”; o futuro já não garantia todos os atos que no presente foram cometidos invocando seu nome ou o da utopia. [...] (Beatriz Sarlo, “¿La voz universal que toma partido? Crítica y autonomía”, **Punto de Vista**, n. 50, nov. 1994, p. 7, tradução e destaques nossos)

Abandonando, após essa síntese, as reflexões de cunho mais geral concernentes a um dos problemas fundamentais postos no artigo – as relações entre crítica e autonomia nas sociedades daquela época –, Sarlo se voltou para a situação específica da Argentina desde os anos 1970 e recuperou o cenário do país desde os sessenta no qual, como se comentou no primeiro capítulo, o pensamento crítico tendeu gradativamente a se submeter à ação política, de modo a liquidar o conflito entre a crítica e a prática política. Confessando-se, em termos memorialísticos, como uma das participantes desse cenário de imposição de perda da autonomia da atividade intelectual diante da proeminência da atuação política em prol de causas e de alinhamentos ideológicos diversificados, a autora prosseguiu em sua breve história dos intelectuais argentinos desde os sessenta e identificou o impacto que a instauração de uma ditadura em 1976 trouxe para o cenário ao realizar, entre outras ações de terrorismo de Estado, a eliminação quase completa das organizações revolucionárias ou ao torná-las, como avaliou Sarlo, anacrônicas. O *Proceso* havia tornado, na interpretação de Sarlo,

inconcebíveis as relações diretas entre intelectuais e organizações revolucionárias ou de massas, antes utópicas mas almejadas.

Daí em diante (e por vinte anos), segundo Sarlo, manifestou-se prioritariamente, dentro e fora da Argentina, o estado de “estupor” dos intelectuais do país, não hegemônico somente graças à resistência “quase invisível” de alguns grupos à ditadura – dentre eles o de **Punto de Vista** –, postura crítica minoritária mantida durante a redemocratização. O que os intelectuais que elaboravam a revista teriam aprendido de fundamental ao longo desse processo sumariamente recontado e interpretado pela autora no texto, incluindo os anos de redemocratização? Que “o pensamento crítico é, por definição, autônomo. [...] Autonomia e crítica são dois traços que se pressupõem e a exclusão de um inevitavelmente põe em perigo o outro.” (tradução nossa) Aprendeu-se, ademais, a identificar e a compreender a complexidade das relações entre intelectuais e política, entre arte e ideologia, assim como a avaliar as imbricações e os afastamentos das ideias, dos valores e das práticas. Se a política, conforme se havia interpretado de maneira suficientemente convincente àquela altura desde as experiências da história argentina recente, não poderia se constituir como fundamento da atividade intelectual sem resultar em sacrifício da autonomia do pensamento crítico, isso não poderia significar, nos anos 1990 de ascensão menemista, a abdicação da atividade intelectual:

[...] Sublinhar a autonomia do pensamento crítico não tem como consequência necessária o retiro da política e o desdém pelas questões públicas. Pelo contrário, sem uma relação tensa com a política, na qual o pensamento crítico resista à expansão colonizadora dos interesses imediatos mas, ao mesmo tempo, não considere uma virtude fugir dos problemas que esses estabelecem, parece difícil pensar a prática intelectual crítica. A autonomia é condição dessa prática [...].

Então, o pensamento crítico mantém uma relação com a política, sem ditar-lhe suas bases de ação e sem receber dela mais legitimação da que ambos, política e discurso crítico, podem alcançar por seus próprios meios na sociedade. **Essa relação de contato múltiplo e não hierárquico é infinitamente complicada, não tem uma configuração permanente nem um cenário preestabelecido: acontece.**

[...] Finalmente, um novo cenário em que a cultura mais familiar aos intelectuais, a cultura da letra, retrocede frente a uma cultura nova que não se pode alinhar com as antigas dicotomias de cultura popular e cultura “cult”. Nesse cenário, que é midiático, novos intelectuais (que podemos chamar, sem ironia, intelectuais eletrônicos) estabelecem fortes relações de comunidade com novos públicos. Ninguém mais próximo do que eles de um senso comum coletivo que interpretam e ao mesmo tempo constroem, atendem às suas reivindicações e repetem seus desassossegos sem deixar de doutriná-lo. Seguem o senso comum em sua forma: as questões respondem sempre a um regime discursivo no qual a simplicidade é a máxima virtude argumentativa.

Não é estranho que o pensamento crítico atravessasse um desfiladeiro: de um lado, a crise de seus próprios paradigmas; de outro, a crise de seus cenários tradicionais; por todas as partes, a tentação de mudar o seu regime para obter uma escuta. [...].

[...] Nem a política, nem os movimentos sociais, nem os mass-media ocupam por completo o espaço onde ainda hoje é possível sublinhar a resistência da arte frente à abundância obscena do mundo audiovisual. Também a razão política necessita não permanecer encurralada tendo à frente apenas a espontaneidade perfeitamente construída do senso comum. [...]. **Nessas três dimensões da arte, da ação pública e da ética, o pensamento crítico não hegemoniza nada. Contudo, poderia encontrar recursos para resistir ao juízo banal de que entre a hegemonia e a insignificância não existe a virtualidade de um espaço.** (Beatriz Sarlo, “¿La voz universal que toma partido? Crítica y autonomía”, **Punto de Vista**, n. 50, nov. 1994, p. 9, tradução e destaques nossos)

O denso artigo de Sarlo oferece, como se percebe, um diagnóstico, uma avaliação autolegitimadora da trajetória de **Punto de Vista** e ao mesmo tempo uma advertência para os perigos de uma atividade intelectual mais e mais desinteressada da política e dos grandes problemas públicos porque cada vez mais especializada e/ou pessimista no que diz respeito aos possíveis efeitos dessa atividade em uma época de perda de audibilidade e de universalidade das intervenções críticas dos intelectuais. E termina reivindicando os âmbitos da arte, da ação pública e da ética como *loci* nos quais ainda haveria algum espaço de diálogo e de resistência para os intelectuais naqueles anos noventa, principalmente na sociedade argentina. Certamente é possível ler esse término do artigo, simultaneamente, como uma reclamação de legitimidade para a atuação de **Punto de Vista**, voltada cada vez mais às discussões sobre arte e indústria cultural, e para as ações públicas dos intelectuais do Conselho de Direção, que se envolviam (e continuariam a fazê-lo nos anos seguintes), em graus diferentes de vinculação, com o apoio a forças políticas progressistas como as da Frente Grande, da FREPASO e da Alianza. Pode-se afirmar que essas relações diversificadas do coletivo de intelectuais do periódico com os partidos e as frentes colaboraram para que o periódico se questionasse de novo sobre o que significava tomar partido e qual a especificidade desse tipo de posicionamento nos anos 1990.

Essas leituras alusivas à relevância da arte e da ação política e pública dos intelectuais são perceptíveis, ademais, nos artigos que integram o debate sobre experiência e linguagem, publicados no número 51 (de abril de 1995). Nesses, Alan Pauls, Beatriz Sarlo, entre outros, examinaram as relações entre estética e política e discutiram mais especificamente como a arte (com destaque para a literatura) poderia representar experiências como o exílio, a ditadura e as memórias decorrentes desses processos. O objetivo era pensar, outrossim, na importância dessas representações para a consolidação da democracia por meio da

problematização da violência e do autoritarismo na arte. É perceptível como até esse número 51, em meados dos noventa, a posteriormente denominada (por Sarlo) “guinada vanguardista” da revista ainda não fazia com que os textos relativos aos temas “de vanguarda” ocupassem mais espaço na revista do que as produções concernentes à política, aos intelectuais e à democracia. A ação pública dos intelectuais também esteve em pauta no número 52 (de agosto de 1995) com um debate entre Carlos Altamirano e José Nun a respeito do resultado das eleições distritais/legislativas de 1995, publicado em um número dedicado aos dez anos desde o juízo das juntas que trouxe ainda um artigo de Sarlo abordando os limites de uma democracia tão midiática quanto aquela que Menem construía na Argentina.

A primeira metade da década de 1990 representou para **Punto de Vista** não somente um período de início de reorientação temática e de priorização de outros objetos da cultura em relação àqueles interpretados nos anos 1970 e 1980 – como se evidenciou no capítulo anterior –, mas também uma circunstância de estabelecimento de diálogos políticos com grupos como os que fundaram a Frente Grande, de 1993, constituídos por lideranças oriundas do peronismo de esquerda dissidente do governo de Menem. Grupos que, em fins dos anos 1980, dividiram com intelectuais provenientes das esquerdas dos sessenta a experiência da revista **Controversia**, no exílio mexicano. Ou seja, em síntese, o coletivo de intelectuais nucleado na revista dirigida por Sarlo se reaproximava, por meio das ações e das reflexões relativas à Frente Grande – e depois à Alianza –, de outros intelectuais com os quais dialogou, direta ou indiretamente, nos anos 1980, nas revistas **Controversia**, **La Ciudad Futura** e **Unidos** e no Club de Cultura Socialista. A tradição seletiva de **Punto de Vista** nos 1990, ao mesmo tempo próxima e distante dos grupos de esquerda dos quais a revista se originou, incorporava novos elementos e matrizes, combinados de uma forma possível apenas a partir da redemocratização e mesmo após a vitória e ascensão de Menem ao poder. Nesse cenário, a revista se esforçou para compreender, avaliar e oferecer caminhos a respeito da possível atuação dos intelectuais na Argentina em um momento de fragilização da esquerda no país, intelectual e politicamente.

Os debates especificamente associados aos intelectuais praticamente desapareceram de **Punto de Vista** após o número 51, restringindo-se nos anos seguintes às reflexões atinentes à atuação política de alguns indivíduos e principalmente às menções em discussões à política eleitoral e à cultura urbana, temática que cresceu de modo considerável na segunda metade dos anos 1990, cujos textos frequentemente mencionavam – como se evidenciou no capítulo anterior – a necessidade dos intelectuais intervirem nos debates sobre a cidade. Parece cabível afirmar que Sarlo – e com ela outros colaboradores centrais do periódico como Gorelik,

Beceyro, Filippelli, o grupo que a acompanhou na saída do Club anos antes – se voltou a temas como os meios de comunicação, a indústria cultural, o cinema, a cultura urbana, assim como revisitou algumas discussões sobre literatura e crítica (tratando, por exemplo, das obras de Saer e de Chejfec). Eram temáticas e objetos – a literatura, a poesia, o teatro, as artes plásticas, o cinema, a arquitetura, entre outros – que **Punto de Vista** julgava importante discutir, “em uma época em que a questão estética perdeu seu caráter frente ao relativismo valorativo e ao protagonismo midiático”, como se afirmou no anteriormente comentado editorial do número 60 (de abril de 1998). Isso, somado à já mencionada diminuição gradativa da presença de Altamirano na revista³¹, delineou um cenário em que a revista, fiel ao enunciado por Sarlo no artigo do número 50, buscava espaços de enunciação sobre a atividade intelectual basicamente ao tratar da arte e da ação pública e política – como se nota, por exemplo, no debate publicado no número 61 (de agosto de 1998) sobre política e ideias concernentes às eleições de 1997, à Alianza e à FREPASO, do qual participaram vários dos membros dos Conselhos de Direção e Assessor (Altamirano, Dotti, Gorelik, Gramuglio, Sabato, Sarlo, Terán e Vezzetti).

Nos anos 1990, indicaram intérpretes como Patiño (2003), teria havido na Argentina uma tendência à culturalização por vezes apolítica dos periódicos em geral (nos suplementos culturais, por exemplo), além de outros movimentos e transformações anteriormente explicados. **Punto de Vista**, sobretudo na segunda metade da década de noventa, buscou uma renovação temática em sua crítica da cultura e diminuiu, deliberadamente ou não, a quantidade de textos voltados às discussões mais estritamente políticas. Ou seja, o periódico buscou se renovar nos noventa, mas isso o afetou internamente – e eventualmente externamente, em seu impacto, repercussão e circulação –, enfraquecendo os vínculos de alguns dos membros do Conselho com o projeto editorial. Nesse sentido, constatou-se que os intelectuais da revista viveram uma tensão em sua sociabilidade na década de poder menemista, pois buscaram manter os espaços públicos de atuação crítica – inclusive com envolvimento direto na política partidária –, tentaram não se desvencilhar dos grandes temas ou problemas de interesse mais geral na revista, mas também objetivaram renovar os objetos

³¹ Vale destacar que Altamirano ajudou a criar entre 1994 e 1995, na Universidad Nacional de Quilmes, o Programa de Historia Intelectual (PHI), que existe até hoje, e que ele dirigiu entre 2005 e 2009, sucedendo a Oscar Terán, seu fundador, que o dirigiu entre 1994 e 2005. Em 1997, o Programa, com atuação decisiva de Altamirano (inclusive como diretor) passou a publicar a revista **Prismas**. Portanto, certamente essas iniciativas ocupavam significativamente desde meados dos anos noventa as atenções de Altamirano e podem ser consideradas como um dos motivos da diminuição da sua presença em **Punto de Vista**, além das antes mencionadas discordâncias dele com Sarlo no que diz respeito a certos deslocamentos temáticos da revista naquela circunstância. Desde 2011, quando foi criado o Centro de Historia Intelectual (CHI), o Programa passou a se chamar Programa de Historia Intelectual Latinoamericana (PHIL) e a ser dirigido por Adrián Gorelik.

da publicação (com a ênfase na cultura urbana, por exemplo) e, além dos desentendimentos gerados, tornaram **Punto de Vista** certamente mais hermética, mais complexa e menos política para uma parcela de seus leitores menos especializada academicamente.

Os intelectuais e as suas práticas voltaram a ocupar as páginas de **Punto de Vista** enquanto um objeto mais específico somente no número 70 (de agosto de 2001)³², mesmo que brevemente. Antes disso, no número 65 (de dezembro de 1999), houve uma expressão de atuação crítica pública, com a publicação de um diálogo/debate coletivo³³ sobre os resultados das eleições e sobre a transição entre os séculos XX e XXI do qual participaram quase todos os integrantes dos Conselhos de Direção e Assessor. Em 2001, entretanto, a situação era bastante diversa daquela enfrentada em 1999 – quando ainda se avaliava com alguma esperança a vitória da Alianza, mas sem ilusões –, porque a crise havia se instaurado na Argentina e o país estava próximo do colapso, que viria em dezembro daquele ano.

Ademais, no número 70, pela primeira vez, a revista enfrentava o dilema da atuação pública por meio de um meio de comunicação em ascensão, a internet. O editorial publicado naquela edição, “BazarAmericano, el sitio de *Punto de Vista*”, revelava a compreensão do

³² No número 69 (de abril de 2001), foi publicado um artigo em que se percebe uma reflexão a respeito da atuação dos intelectuais. No detalhado “Dos décadas de historiografia argentina”, o historiador Roy Hora analisou principalmente as características da transformação da produção historiográfica no país após a redemocratização. O artigo estimulou a publicação de “La historia en fragmentos: fragmentos para una historia”, de Hilda Sabato, no número 70 (de agosto de 2001), texto no qual a historiadora e membro do Conselho de **Punto de Vista** recuperou, mesclando reflexão historiográfica e memorialística, as características do campo historiográfico argentino desde a década de 1960 e em certo momento ressaltou a importância, para a produção e divulgação do conhecimento histórico/historiográfico em terras argentinas, das publicações não especializadas, como a revista à qual ela se integrou após a Guerra das Malvinas. Houve ainda, na esteira dessas reflexões, outro artigo, “Una deriva necesaria. Notas sobre la historiografía argentina de las últimas décadas”, de Juan Manuel Palacio, divulgado no número 74 (de dezembro de 2002), em que o autor se questionava não apenas sobre as temáticas, os sentidos, as matrizes apropriadas, mas também sobre os silêncios e objetos não enfrentados pelos historiadores nas décadas após a retomada da democracia, bem como sobre os motivos desses “vazios”. Tornou-se evidente que essas discussões acerca da escrita da História eram mais uma ocasião na qual o Conselho do periódico podia se perguntar, nas páginas da revista, sobre como o pensamento se renovava na Argentina (e fora dela), podia analisar que historiografia se queria escrever (e se havia escrito) na democracia e tinha condições de discutir qual o papel do intelectual (no caso o historiador) nesse processo. Hora, Sabato e Palacio haviam levado em conta nas suas considerações o questionamento fundamental sobre a função social do conhecimento histórico na Argentina e ofereceram respostas diferentes e ao mesmo tempo complementares para o problema. Não é um dos objetivos estipulados para esta tese analisar as discussões veiculadas na revista sobre a escrita da História – o que se pretendeu, por exemplo, no trabalho de Rodrigues (2014), ainda que somente para um período da revista –, mas vale reforçar (porque já se disse algo antes a respeito) que esses debates aconteciam desde a década de 1980 graças à atuação de Hilda Sabato e de outros membros do PEHESA na produção de artigos para **Punto de Vista**. A revista, por isso, mesmo não sendo um periódico acadêmico e/ou especializado na área de História, divulgou relevantes reflexões sobre a renovação da historiografia europeia desde os anos 1980, comentando autores franceses, britânicos e até mesmo germânicos, como Reinhart Koselleck, vários deles apenas muitos anos depois comentados no Brasil.

³³ A partir dos anos 1990 a revista continuou a publicar editoriais, mas também publicou cada vez mais debates/diálogos travados entre os membros dos Conselhos de Direção e Assessor. Ou seja, ao que parece, quando não era possível buscar consensos para a exposição de posicionamentos unívocos e mais coesos em editoriais, a publicação passou a delegar aos leitores a responsabilidade pela realização das sínteses a partir da avaliação das intervenções dos membros dos Conselhos, o que ajuda a confirmar a hipótese sobre a perda de organicidade do coletivo intelectual enunciada anteriormente.

Conselho de que era necessário ocupar os espaços de difusão via internet apesar de sua complexidade e inaugurava um canal de discussão com os leitores que a publicação não havia mantido explicitamente até aquela circunstância. A proposta era criar uma página eletrônica para a revista que ao mesmo tempo fosse mais do que isso e oferecesse outros mecanismos de produção, de troca e de difusão de interpretações. O periódico chegou até a esboçar um perfil de seus leitores para justificar as expectativas sobre a página: “Muitos daqueles que leem *Punto de Vista* são também escritores, intelectuais, e eles talvez queiram nos enviar textos que serão expostos no Bazar. Imaginamos um espaço desconexo, cheio de coisas, desordenado e díspar. [...]” Após a costumeira recuperação da trajetória e das realizações da revista desde a ditadura – elemento constante em todos os editoriais desde 1981 –, reforça-se que o *BazarAmericano* participaria da empreitada de interpretação do “campo cultural, ideológico, estético”, desde a “fórmula já clássica: pessimismo da inteligência e otimismo da vontade.” O texto se encerrava com um questionamento e uma resposta que desvelavam a compreensão acerca da necessidade de manutenção da atenção à crítica do pensamento: “Por que justamente agora, quando tudo parece obscurecido? Precisamente por isso.” [Conselho de Direção (*Punto de Vista*), “BazarAmericano, el sitio de *Punto de Vista*”, **Punto de Vista**, n. 70, ago. 2001, p. 1, tradução nossa]

A crise profunda e incontornável na Argentina, de efeitos políticos, econômicos e sociais graves, instaurou-se em definitivo no fim do ano de 2001 e trouxe não apenas um tema/objeto para a reflexão, mas, de alguma maneira, a derrota de um projeto político no qual **Punto de Vista** havia acreditado e investido, mesmo sem nunca deixar de criticá-lo, desde o surgimento da Frente Grande em 1993. Como se afirmou, a renúncia de De la Rúa significou a ruína da Alianza e, portanto, afetou à FREPASO e a uma série de intelectuais e políticos, entre eles Carlos “Chacho” Álvarez, com os quais o coletivo de intelectuais do periódico dialogou de maneira mais próxima ou mais distante desde os tempos da redemocratização. Por isso, houve cuidado, meditada reflexão e até mesmo certa relutância antes de começar a interpretar o processo, de modo que as observações da revista mais específicas sobre a crise apareceram somente no número 72 (de abril de 2002), até mesmo porque o número anterior foi publicado exatamente em dezembro de 2001.³⁴

Hugo Vezzetti, Ricardo Sidicaro e Hilda Sabato publicaram no mesmo número 72 cada um deles um artigo na reunião de textos intitulada “Sociedad, estado, nación,

³⁴ Apenas para assinalar a dimensão da crise na Argentina durante os últimos meses de 2001: os números 71 (de dezembro de 2001) e 72 (de abril de 2002) não trouxeram uma só linha sobre os atentados no *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001.

democracia: la cuestión argentina”, não apenas explicando a crise e a desintegração institucional e social do país, mas também refletindo sobre o que, naquela conjuntura, se avaliava como a possível agonia da democracia argentina. Portanto, recuperava-se o debate sobre a democracia, tão caro à revista nos anos 1980 e início dos 1990, mas não mais para pensar como estruturá-la e sim para avaliar se ela continuaria a existir. Disse Sabato em “Democracia en agonía?”: “O que ocorre é ainda demasiado próximo para pretender realizar balanços. As mudanças na estrutura econômica e social da Argentina são muitas e muito profundas.” E acrescentou: “Mas estamos à deriva e falidos: essas transformações não conduziram a um modelo de crescimento estável e sustentável de crescimento (e muito menos de distribuição).” (Hilda Sabato, “Democracia en agonía?”, **Punto de Vista**, n. 72, abr. 2002, p. 48, tradução nossa)

Oscar Terán esteve atento à crise em “La experiencia de la crisis”, texto publicado no número 73 (de agosto de 2002)³⁵, mas foi o número 74 (de dezembro de 2002) que estampou em sua capa o questionamento a ser respondido pelos intelectuais naquele momento: “Há futuro para a Argentina?” As respostas oferecidas pela revista um ano após o momento mais agudo da crise voltavam a dialogar com a crítica da dimensão estética e restabeleciam algumas das abordagens mais fortes do periódico desde os anos 1990, como na discussão de Gorelik sobre os impactos devastadores da crise na cidade de Buenos Aires, estruturada a partir de um ponto de vista da história da cultura urbana. Ou seja, ao optar por retornar, ainda em 2002, às suas pautas e às suas perspectivas teórico-metodológicas mais comuns desde os anos noventa, torna-se perceptível certa reticência da revista em aprofundar a análise da crise, pelo menos do ponto de vista político e social, o que se esperaria dela e pode ser interpretado como uma vacilação e uma limitação crítica, sobretudo se considerados os contatos da revista com membros da FREPASO e Alianza desde os anos noventa.

Essa impressão é reforçada pelo número 76 (de agosto de 2003), pois, na ocorrência subsequente de um debate mais específico alusivo a intelectuais e intervenção pública, Hugo Vezzetti, em seu artigo “Aniversarios: 1973/1983”, resolveu tratar não mais da crise e sim da abertura de um “novo clima público com expectativas favoráveis na cena política que pareciam impossíveis em meio às condições mais que confusas que caracterizaram o processo eleitoral.” Advertia o autor que:

³⁵ Nota-se, outrossim, que pelo menos nos últimos cinco números anteriores a esse houve pequena presença de textos de Sabato e de Gramuglio e apenas um pouco mais de presença de Altamirano. Esse certamente é um indício do afastamento dos três das decisões do Conselho, o que, como se sabe, resultou na saída deles em 2004.

A primeira exigência analítica (que recebe ademais o peso de uma experiência de muitas frustrações) se orienta a distinguir a realidade dos desejos e a reconhecer os humores cambiantes de uma sociedade que não se privou de celebrar projetos e lideranças francamente incompatíveis. [...]. (Hugo Vezzetti, “Aniversarios: 1973/1983”, **Punto de Vista**, n. 76, ago. 2003, p. 1, tradução nossa)

Como se fosse preciso superar o mais rápido possível a precedente “experiência de muitas frustrações”, Vezzetti se lançou a interpretar a relevância simbólica de algumas das primeiras medidas do governo de Kirchner – no que se referia às polêmicas com os militares, à justiça, à reestruturação do Estado, entre outras – e tentou compreender até que ponto a fragmentação das lideranças do Partido Justicialista que havia permitido a candidatura do presidente não se manifestaria como pressão de forças peronistas pouco reformistas contra o seu governo. De qualquer maneira, mesmo com os obstáculos, ao contrário do pessimismo dos anos anteriores, Vezzetti assinala que era necessário:

[...] destacar a capacidade reveladora da atual conjuntura na restauração de um lugar central e autônomo da *política* como prática eficaz, a transformação de um cenário que parecia imobilizado na crise interminável e a ampliação dos limites do que parecia possível esperar do futuro imediato. Frente ao cenário conhecido de ampla ilegitimidade e fragmentação políticas, a ação do presidente, solitária, se mostrou capaz de recompor um campo política; e abre as vias de coalizões inovadoras capazes de afirmar e ampliar as bases, inclusive parlamentares, do poder hoje afirmado quase exclusivamente em sua autoridade. [...]. (Hugo Vezzetti, “Aniversarios: 1973/1983”, **Punto de Vista**, n. 76, ago. 2003, p. 2, tradução nossa, destaque no original)

Uma das tarefas àquela altura já evidente para os intelectuais era a crítica ao que Vezzetti chamou de *setentismo*, um esforço de Kirchner para se vincular, através da recuperação e do diálogo com memórias sociais, a uma geração e a um conjunto de preocupações dos anos 1970, mais especificamente dos planos e projetos políticos do peronismo anteriores ao golpe de 1976. Contudo, essa recuperação seletiva das memórias obliterava, para o autor, as contradições do peronismo daquela época, a violência, o dogmatismo, a intolerância e até mesmo o messianismo, aspectos que, como destaca Vezzetti em diálogo com um estudo de Claudia Hilb, “não só não são assimiláveis à crença democrática, como contribuíram para criar as condições para a irrupção [nos anos 1970] do terrorismo de Estado.”

A despeito dos riscos e das limitações dessas recuperações dos setenta por Kirchner e em um rumo oposto por seus adversários – principalmente dos setores mais conservadores e dos militares que queriam associá-lo a uma memória da subversão –, Vezzetti conseguiu

identificar mais um aspecto importante das ações até então empreendidas pelo novo presidente: “Entre as iniciativas mais influentes e perduráveis do novo ciclo ficou estabelecida uma associação estreita, inseparável, entre o projeto democrático e a realização da justiça, o resguardo dos direitos civis, a reconstrução da cidadania.” E complementa: “[...] é patente que nas adesões que angaria a nova administração se dá essa associação entre a reabilitação da justiça e a recuperação da política como espaço de participação e ação coletivas.” (Hugo Vezzetti, “Aniversarios: 1973/1983”, **Punto de Vista**, n. 76, ago. 2003, p. 3, tradução nossa)

Nesse aspecto, **Punto de Vista** parecia enxergar nos encaminhamentos do governo Kirchner algo daquilo que se tornou possível nos dias de esperança do governo Alfonsín e que os governos de Menem haviam soterrado. Por isso, retrospectivamente, era preciso estar atento de novo às leituras dos sessenta, dos setenta e dos oitenta, o que motivou certamente a publicação, no mesmo número 76, de uma crítica de Terán ao livro *Entre la pluma y el fusil*, de Claudia Gilman, obra em que se discute “a função da literatura e da experimentação artística, do papel do escritor frente à sociedade e dos critérios normativos da arte, assim como da relação entre os intelectuais e o poder.” O texto de Terán, lido em uma apresentação do livro no Instituto Goethe de Buenos Aires, em junho de 2003, se encerra incorporando uma percepção desenvolvida a partir de questionamentos da plateia: o mais significativo do livro não seria “nem a pena nem o fuzil, mas o ‘entre’.” (Oscar Terán, “Las armas y el intelectual”, **Punto de Vista**, n. 76, ago. 2003, p. 35; 37, tradução nossa) Ou seja, novamente estavam em pauta as relações entre o intelectual e a ação política, e as interpretações sobre os sessenta e os setenta colaboravam para pensar as possibilidades de estabelecer intervenções nos anos 2000.

Ainda abalada por esses movimentos e tensões que caracterizaram a primeira metade da década de 2000, de questionamentos vários acerca das características da sociedade e da política argentina que continuava a se transformar mediante a ascensão de Néstor Kirchner à presidência em maio de 2003, a revista publicou a sua menção mais significativa sobre os intelectuais após o número 76 exatamente no número 79 (de agosto de 2004), no qual foram divulgados o editorial “Un nuevo colectivo intelectual” e as cartas de renúncia ao Conselho de Altamirano, Gramuglio e Sabato. Trata-se de ocasião em que se tornaram completamente evidentes algumas das grandes tensões internas ao Conselho de Direção – como a interpretação proposta nesta tese vem enfatizando –, explicitando que essas tensões existiam há alguns anos. Como o debate é demasiado importante para a história da revista, antes de seguir nos comentários, é preciso destacar o editorial e as cartas de renúncia integralmente:

As revistas culturais independentes, ocupantes desse espaço de limites indefinidos no qual se inscreveu desde o princípio *Punto de Vista*,

necessitam de uma conjunção de qualidade e vínculos que funcionam de modo quase milagroso. Que uma revista se publique durante mais de vinte e cinco anos é difícil e raro porque o choque dos conflitos e dos temperamentos tende à divisão mais do que à persistência de uma unidade tão indispensável como frágil. As revistas que vivem longo tempo pertencem mais às instituições do que aos seus membros. Mas uma revista cultural como *Punto de Vista*, distante das instituições e independente em ideias e em sua manutenção, apenas é possível pela ação dos intelectuais que a consideram necessária.

Revistas como *Punto de Vista* vivem sempre em um equilíbrio difícil. Necessitam da diferenciação interna para não se converterem em emissoras de um pensamento repetido a várias vozes; mas, ao mesmo tempo, devem armar a cena em que as diferenças dialoguem sem se excluir. As diferenças são a vida de uma revista. Durante anos, em *Punto de Vista* o conflito foi moderado pela franqueza intelectual e a mobilidade entre posições distintas. Em uma revista convivem ideias sobre como intervir e sobre o que intervir, sobre quais são os interlocutores e sobre o que é necessário escrever, sobre o modo como se pensa a conjuntura, política ou estética, e sobre o estilo de intervenção nela.

As três renúncias ao Conselho de Direção que publicamos revelam que essas condições às quais uma revista deve se ajustar já não se cumpriam em *Punto de Vista*. Na opinião dos renunciantes, a revista havia deixado de ser o que havia sido em dois sentidos: o de seu projeto e o da discussão coletiva desse projeto.

Mais além de seus motivos, essas renúncias implicam a ruptura do grupo intelectual que produziu a revista até há poucos meses. O Conselho de Direção foi muito mais do que seu nome indicava. Foi, com Carlos Altamirano e María Teresa Gramuglio, o núcleo de amigos que, durante os anos da ditadura, quis reservar, na pior das condições, um espaço para as ideias e estabelecer o direito ao *punto de vista*. E, nos primeiros anos da transição democrática, em cujo início se agregou Hilda Sabato ao Conselho do qual se retirou Ricardo Piglia, a revista encerrou sua primeira etapa e encarou um período em que muitas coisas deviam ser reformuladas.

O Conselho de Direção discutiu muitas vezes tanto sobre ideias quanto sobre estilos de intervenção. De fato, a revista foi se modificando porque ninguém defendia que devia ser igual ao que havia sido nos anos da ditadura. Enfrentavam-se problemas novos, em um país diferente e dentro de um campo intelectual que havia recebido o regresso dos exilados, entre eles José Aricó e Juan Carlos Portantiero que, durante alguns anos, também integraram *Punto de Vista*. **O Conselho de Direção foi mudando e também a revista mudou, não somente porque a elaborara um grupo de intelectuais em que se mesclavam os que vinham desde o princípio aos que chegavam depois de 1982, mas porque a realidade na qual a revista se incluía também mudava.**

O texto prossegue em tom que sugere a sua elaboração basicamente por Beatriz Sarlo (apesar da assinatura coletiva de autoria ao final, há a recuperação de certa história da publicação desde o seu início da qual somente ela havia participado tão intimamente). Nele se procura compartilhar as responsabilidades pelos direcionamentos da revista e por suas realizações – apesar de, a esta altura da tese, restar evidente o peso mais significativo (e confesso, conforme as entrevistas concedidas em geral após o término da publicação) da

diretora do periódico na condução das mudanças realizadas nos anos noventa e na década posterior:

Parte dessas mudanças foi a criação, junto ao Conselho de Direção, de um conselho ampliado, que refletia outros matizes e também fortalecia temas que a revista havia abordado antes. Essa breve história institucional poderia ser acompanhada pela do ingresso de novas temáticas, de novas necessidades de intervenção, ao lado daquelas de costume. Como não poderia ser diferente, *Punto de Vista* toma as preocupações de seus integrantes, aquelas que os movem à participação no debate de ideias. **A revista é o que aqueles que a fazem querem que seja, na medida em que tenham a força de traduzi-lo em propostas e escritos.**

Durante os últimos anos, o núcleo de intelectuais que fazia a revista discutiu muitas vezes sobre a pertinência e a oportunidade dessas transformações; disso dependia o funcionamento de um coletivo intelectual que mantivesse relações vivas tanto entre os seus membros como entre eles e a realidade política, cultural e estética do presente. **Esse coletivo intelectual, sustentado pela franqueza e pelo debate se quebrou. A vida da revista se sustentava em um grupo que já não existe, porque se foram três de seus antigos integrantes.**

Encerrou-se um capítulo e se abre outro que traz o desafio de construir um novo coletivo intelectual. **A revista depende hoje dessa construção e das formas que seus membros encontrem para seguir cotejando suas posições com lealdade mas sem concessões.** As novas condições de diálogo são um motivo de expectativa: uma renovada dinâmica de ideias, sustentada por uma vontade e um trabalho que continuam. [*Punto de Vista* (Conselho de Direção), “Un nuevo colectivo intelectual” (Editorial), *Punto de Vista*, n. 79, ago. 2004, p. 1, tradução e destaques nossos]

Como se percebe, não há no editorial qualquer menção aos conflitos diretos que motivaram as renúncias, assim como não se assume completamente que havia alheamento de alguns dos membros do Conselho das decisões editoriais. Também não são problematizados os distanciamentos dos integrantes do coletivo intelectual que deixavam a revista em 2004 no que diz respeito à diminuição de suas publicações na revista, algo bastante perceptível em uma avaliação (como a proposta nesta tese) da presença de artigos de Altamirano, Sabato e Gramuglio até meados dos anos noventa e depois. Diz-se apenas que mudanças vinham acontecendo na revista e que a publicação era o resultado das vontades do coletivo intelectual, mais especificamente das perspectivas daqueles capazes de converter em propostas e escritos as suas posições e depois suficientemente fortes para construir consensos em torno dessas manifestações. Ou seja, no editorial se procura mais propriamente um diagnóstico parcial que respalde uma refundação do coletivo intelectual. Mas as cartas de renúncia (em relação às quais o editorial foi escrito, afinal), bastante contundentes, agregaram elementos à discussão:

Ao Conselho de Direção de *Punto de vista*

Queridos amigos:

Não faz muito tempo li no *Corriere della Sera* que Asor Rosa, ao anunciar que havia resolvido se aposentar da universidade antes do tempo, recordou uma fábula infantil. Quando era pequeno, disse, estava convencido de que haviam sido os próprios dinossauros, advertidos das mudanças climáticas que haviam se dado, os que decidiram decretar sua extinção. E disseram uns aos outros: “É hora”.

A *storiella* parece mais inventada que recordada, mas, seja como for, Rosa encontrou nela uma ocorrência feliz. Quero aproveitá-la para lhes comunicar minha própria decisão de me retirar de *Punto de Vista*. A verdade é que quando no ano passado Daniel Link nos juntou em uma entrevista³⁶ para falar da revista, senti que era uma espécie de dinossauro do Conselho de Direção – podia falar do passado de *Punto de Vista*, mas não de seu presente. Sobrevivi muito mais do que os dinossauros de Asor Rosa, certamente, porque a mudança climática na revista ocorre há bastante tempo. Não surpreenderei a nenhum de vocês se disser que me encontro fora de ambiente, isto é, fora do círculo de consenso que de uns anos para cá define a linha de *Punto de Vista*. Necessito recordar uma vez mais que de vez em quando desempenho dentro do Conselho o papel sempre áspero do eterno descontente? Sem dúvida, vocês foram muito tolerantes com minhas opiniões e todos colocamos a amizade acima das dissidências, confiando que os laços que ela cria, e que são muito fortes entre nós, mantivessem o que já não mantinham as coincidências intelectuais. **Mas quando o quadro de posições está congelado, como ocorre há anos em *Punto de Vista*, o debate, por mais tolerante que seja, se torna estereotipado: sempre nos encontramos representando a mesma peça.** Parece-me que a amizade já não necessita desse tributo por parte de nenhum de nós.

Cada um terá sua versão a respeito da origem das mudanças climáticas e de suas causas. O tempo seguramente nos oferecerá a ocasião de conversar sobre isso no futuro. Por agora, como os dinossauros de Asor Rosa, eu digo também: “É hora”. *Punto de Vista*, que é uma grande revista, já não é minha empresa (já não o era, na realidade, nos últimos tempos), mas vocês seguirão fazendo-a com o talento de sempre.

Carlos

20 de março de 2004 (Carlos Altamirano, carta de renúncia ao Conselho de Direção, **Punto de Vista**, n. 79, ago. 2004, p. 2, tradução e destaques nossos)

A renúncia de Altamirano, a primeira delas, foi a mais impactante para o coletivo intelectual, na medida em que os vínculos dele com Sarlo, inclusive pessoais, antecederam em vários anos a criação de **Punto de Vista** e a colaboração intelectual entre os dois havia sido muito intensa dos anos 1960 aos anos 1980. Na carta, o fundador da revista assinalou que as mudanças internas na publicação estavam em curso há bastante tempo e que ele se percebia distante e descontente com os encaminhamentos do Conselho. Ademais, indicou a perda de dinâmica interna no Conselho, tornando-o, em sua avaliação, previsível e pouco criativo.

³⁶ Entrevista anteriormente mencionada e utilizada nesta tese.

Concluiu ressaltando que **Punto de Vista**, a despeito de sua relevância, não era mais a sua (a dele, Altamirano) empresa/projeto há vários anos e por isso era hora de abandonar o coletivo. Como se disse, outros projetos ocupavam Altamirano naquele momento e isso certamente se somou aos descontentamentos com as características do Conselho de Direção da revista desde os anos 1990. Aliás, no caso de Carlos Altamirano, não é demais lembrar que se o Conselho ampliado com a entrada de Gorelik o fazia se sentir um animal em extinção, a ampliação do Conselho quando da entrada de Aricó e de Portantiero já o havia desagradado.

O impacto causado pela renúncia de Carlos Altamirano foi grande³⁷ e na tentativa de encontrar encaminhamentos a crise do Conselho se aprofundou, como evidencia a carta de renúncia de Hilda Sabato, datada emblematicamente de 24 de março:

Companheiros do Conselho de Direção de *Punto de Vista*:

Conforme a sugestão da diretora de *Punto de Vista*, decidi renunciar ao seu Conselho de Direção. Lamento profundamente que o forte vínculo intelectual que me uniu aos membros do Conselho e à revista durante vinte anos termine desta forma. É certo que há algum tempo o diálogo e a discussão aberta eram cada vez mais difíceis na revista, mas enquanto a tensão crítica foi possível, valia a pena ser parte desse esforço intelectual coletivo.

Ante a gravíssima crise provocada pelo afastamento de Carlos Altamirano do Conselho de Direção, entendi que era nossa obrigação revisar o funcionamento do grupo e repensar *Punto de Vista*. Não foi possível. A diretora elegeu outro caminho, um que não me inclui e que ela iniciou com uma exposição de sua faceta mais intolerante. E se não há necessidade de insistir em que medida a revista foi obra de Beatriz Sarlo, isso não a autoriza a desqualificar aqueles que têm opiniões diferentes das suas nem a me maltratar como o fez. Não quero seguir integrando uma instituição regida por essas regras e presidida pelo que Beatriz definiu como seu “estilo”.

Hilda Sabato

24 de março de 2004 (Hilda Sabato, carta de renúncia ao Conselho de Direção, **Punto de Vista**, n. 79, ago. 2004, p. 2, tradução nossa)

No caso de Hilda Sabato, como destacou Gramuglio na entrevista a Podlubne e a Prieto (de 2014), já havia ocorrido um desentendimento entre ela e Sarlo no início dos anos 1990, no Club de Cultura Socialista, exatamente por conta de uma proposta encaminhada para discussão da dinâmica do Club após a morte de Aricó. À época, como se comentou outrora na

³⁷ Sarlo disse na entrevista a Mercader e a García sobre o período que antecedeu as renúncias: “[...] o que acabou acontecendo é que Gorelik e eu trabalhávamos todos os dias. Ou seja, havia um duplo comando inevitável, porque compartilhávamos um mundo de fantasias bastante parecido. [...] Eu teria me encantado que Carlos se somasse a um dia a dia político desse tandem; não necessariamente para estar de acordo com ele, mas porque discutir política com Carlos é infernalmente difícil. Mas não aconteceu. **Quando Carlos se foi sentimos um grande vazio desse raciocínio político. Eu pessoalmente senti muito esse vazio. Sinto-o enormemente até hoje.**” (SARLO, 2012, tradução e destaques nossos) A avaliação de Sarlo acrescenta elementos para o desenvolvimento da crítica expressa nesta tese, de certo enfraquecimento político de **Punto de Vista** desde os anos 1990 até os anos 2000.

tese, Sarlo respondeu negativamente à proposta de Sabato e se retirou do coletivo do Club junto a Gorelik, a Vezzetti e a Filippelli, enquanto Sabato permaneceu na instituição com Altamirano, Gramuglio e outros. No desentendimento em 2004, houve uma desvalorização da participação da historiadora em **Punto de Vista**, novamente diante de sua vontade de problematizar a dinâmica interna ao coletivo. E então Sabato decidiu se retirar, explicitando argumentos que reforçam a avaliação da centralidade então totalizante das figuras de Sarlo e de Gorelik. A crise, não reconhecida em momento algum do editorial, se ampliou dias depois, com a renúncia de María Teresa Gramuglio, outra que, como se demonstrou no capítulo anterior, escrevia cada vez mais fora da revista nos anos 1990 e 2000:

Queridos amigos do Conselho de Direção:

Como lhes antecipei na reunião do dia 29 de março, decidi apresentar a minha renúncia a esse Conselho. Agradeço-lhes o generoso empenho de seguir debatendo essa decisão e de me convidar a continuar na revista. Lamento profundamente não poder fazê-lo. Ao refletir sobre o que vinha ocorrendo e sobre o que discutimos nesses dias, percebo que as posições estão definidas e é difícil que as diferenças se modifiquem. Sem pretensões de alcançar a verdade absoluta, tratarei de sintetizar alguns desses aspectos a fim de que os companheiros do Conselho assessor conheçam as razões da minha decisão.

A dinâmica do funcionamento de *Punto de Vista* nos últimos tempos fez com que em várias ocasiões nem todos os membros do Conselho de direção conhecêssemos de antemão a totalidade dos artigos e que não realizássemos a discussão coletiva prévia sobre eles que foi durante anos habitual na revista. Aqui devo introduzir uma autocrítica severa: a indiscutível capacidade intelectual de Beatriz Sarlo e sua dedicação constante ao trabalho da revista, admiravelmente complementadas pelas qualidades de Adrián Gorelik, levaram-me, no meu caso, a uma espécie de delegação de responsabilidades, fundada na confiança desenvolvida ao longo de tantos anos de participação em um projeto compartilhado. O desacordo sobre alguns artigos me parecia secundário frente às coincidências de fundo. O *dossiê Kuitca* pôs fim a essa comodidade equívoca, ao que se agregou meu desconforto diante da publicação do artigo de Jorge Dotti, que li, como o de Quintín sobre o filme de Kuitca, quando as provas de impressão. Pensei que era hora de repensar essa dinâmica e voltar à prática das discussões coletivas sobre o material e a estruturação do número. Com esse propósito fui à primeira reunião do Conselho do ano, em 22 de março.

A renúncia de Carlos Altamirano, de que me informei um dia antes, fez-me pensar, após o primeiro impacto paralisante, que essa discussão era ainda mais necessária. Hilda Sabato chegou à reunião com um propósito parecido. O lamentável episódio que forçou sua renúncia me revelou que as diferenças eram mais agudas do que eu supunha, não apenas pela negativa fechada de Beatriz para escutá-la mas também pela passividade com que Adrián e Hugo a aceitaram. Senti de imediato que para mim se havia ultrapassado um limite que não admitia retorno. As conversas posteriores, com todo o reconhecimento intelectual e afetivo mútuo que mostraram, terminaram de confirmar a impressão inicial. Tanto no que se refere ao modo autoritário de algumas discussões e intervenções culturais de *Punto de Vista* quanto na avaliação da figura intelectual de Hilda e de seu papel na revista, a

unanimidade das opiniões de Beatriz, Adrián e Hugo, distintas das minhas, tornou evidente que se havia rompido o equilíbrio interno do Conselho de Direção.

Cada uma dessas renúncias teve suas motivações e sua tramitação próprias. Juntas, revelam um estado de crise. Vocês três, com o apoio dos companheiros do Conselho assessor, lograrão que da crise essa revista, à qual sigo me sentindo muito próxima, saia renovada e fortalecida. Esse é meu mais sincero desejo.

María Teresa

10 de abril de 2004 (María Teresa Gramuglio, carta de renúncia ao Conselho de Direção, **Punto de Vista**, n. 79, ago. 2004, p. 2, tradução e destaques nossos)

Gramuglio, reconhecida por sua erudição e por sua elegância, como disse Sarlo no livro em sua homenagem (organizado por Podlubne e Prieto em 2014), respondeu ao episódio envolvendo Hilda Sabato com o seu pedido de afastamento. Obviamente, recuperou argumentos desenvolvidos por Altamirano na sua carta a respeito da centralização das decisões no Conselho e da perda de organicidade no coletivo intelectual, resultando em decisões arbitrárias e até mesmo autoritárias. A intérprete de **Sur** reforçou, outrossim, a avaliação da crise na revista, recusada no editorial, bem como expressou a hegemonização da posição de Sarlo, suportada no Conselho de Direção por Gorelik e por Vezzetti e no Conselho Assessor por outros intelectuais. Gramuglio deixa claro que a posterior oferta para que ela se mantivesse na revista, tendo em pauta o que havia se dado com Sabato e ainda mais as críticas de Altamirano, mostraram a ela, como haviam revelado ao então historiador dos intelectuais responsável por **Prismas**, que aquela revista de 2004 não era mais a mesma da qual eles participaram durante anos.

Extrapolando-se a dinâmica interna ao coletivo intelectual da revista, as renúncias dos membros do Conselho de **Punto de Vista** podem ser lidas como um exemplo, também, daquilo que foi assinalado em termos gerais por Patiño (2003) a respeito da gradativa debilidade da articulação coletiva, na Argentina, da produção intelectual nos anos 1990 e 2000, resultante do enfraquecimento, da desarticulação e/ou do desaparecimento dos *loci* de discussão. Ou seja, como a própria publicação havia percebido e se procurou evidenciar nesse item, o intelectual crítico não chegou a desaparecer naqueles anos, mas as suas intervenções públicas se tornaram menos significativas em um cenário midiático diverso e os agrupamentos intelectuais enfrentaram tensões internas advindas de causas múltiplas, às vezes vinculadas às transformações políticas e culturais da sociedade argentina naqueles anos, outras vezes motivadas por crises internas aos coletivos e às sociabilidades.

De qualquer maneira, essa avaliação a respeito da perda de organização dos intelectuais na sociedade argentina se reforça quando se reaproxima o olhar de **Punto de Vista** após os episódios de 2004. Apesar de continuar existindo, o periódico não voltou mais, até a circulação do número 90 (em abril de 2008), a publicar editoriais. Saíram apenas textos coletivos de homenagem a Susan Sontag e a Juan José Saer – autores mais importantes para Sarlo do que para os demais membros do Conselho à época – e se iniciou a publicação, no número 84 (de abril de 2006), da série “El juicio del siglo”, a qual, como se disse antes, nitidamente oferecia uma leitura retrospectiva do projeto realizado por **Punto de Vista** até aquele momento e, portanto, voltava-se mais à autocrítica do passado do que às projeções e experimentações críticas no futuro.

No número 90, inesperadamente para os leitores o último da revista³⁸, o primeiro texto publicado foi “Final”, assinado por Beatriz Sarlo. Mescla de editorial com ensaio autobiográfico e memorial sobre a publicação, é sintoma da trajetória delineada pela revista desde a crise interna de 2004 que o texto de encerramento oficial do projeto seja apenas da diretora da revista e não do coletivo que a levava a termo. O trecho inicial do texto inclusive explicita como, de acordo com a compreensão de Sarlo, o periódico, àquela altura, era provavelmente mais importante para ela do que para os demais: “Durante trinta anos, *Punto de Vista* foi a maior e mais constante influência sobre minha vida. Outros poderão discutir se foi uma revista influente; sobre mim, não tenho dúvidas.” (tradução nossa)

Há semelhanças nos argumentos utilizados em diversos outros editoriais, sobretudo aqueles que se encarregaram de recontar as circunstâncias de surgimento e as características principais do periódico em diferentes épocas. Mas, ao assumir a missão de produzir o editorial derradeiro abertamente em primeira pessoa – há menções ou sugestões, em entrevistas dos vários membros do Conselho, de que a diretora produziu editoriais individualmente, em nome dos outros participantes do coletivo, em várias ocasiões –, Sarlo demarca textualmente a sua trajetória e a destaca como decisiva para a subsistência do projeto. Ao comentar o encontro com Altamirano, Piglia e os membros da Vanguardia Comunista em 1978, por exemplo, afirmou: “[...] intuí que o que começava naquele momento oposto a todo otimismo seria o núcleo do meu trabalho e que eu era responsável pela subsistência da revista contra todas as previsões.” (tradução nossa) Ou seja, o “nosotros”, tantas vezes utilizado nos textos coletivos

³⁸ Sarlo disse na entrevista a Mercader e a García a respeito do fim da publicação:

“E como foi a decisão de terminar com a revista?”

Eu vivi toda a agonia de *Sur*. E não há coisa mais triste que a agonia de uma revista. Mas, por outro lado, não podia tirar da cabeça o impacto de uma capa que dissesse “trinta anos, noventa números”. É graficamente fantástico. Pareceu-me tão dândi isso.” (SARLO, 2012, tradução nossa)

e editoriais, abre espaço para um “yo” convicto de sua importância para aquela sociabilidade duradoura, ao mesmo tempo reorganizador dos processos e dos acontecimentos e desvalorizador das ações dos demais intelectuais que haviam colaborado no Conselho de Direção.

Após relembrar os episódios e as características da produção da revista durante e contra a ditadura, em tempos de censura e de repressão, em condições de marginalidade, de avaliar brevemente a crítica alternativa de resistência ao terrorismo de Estado – feita por uma revista *underground*, como ela categorizou nesse texto –, Sarlo mencionou as transformações da Argentina durante a transição e a redemocratização e reforçou que mesmo estando na universidade somente se sentia em seu “espaço natural” na revista, por conta de seu caráter independente da academia, de subsídios, de editoras, dos meios de comunicação e do senso comum. Nesse momento, asseverou: “Não quero dizer que todos os que passaram por essa revista sentiram essa mesma distância. Somente digo que essa distância tornou forte a revista que me interessou dirigir.” (tradução nossa)

Os trechos seguintes se ocupam de oferecer uma interpretação sintética do posicionamento político da revista que seguramente, por ser individual, é simplista diante dos movimentos de aproximação e de distanciamento de tradições políticas e de agrupamentos intelectuais realizados pelo periódico, alguns deles, inclusive, mencionados e analisados nesta tese. E para referendar seus argumentos, Sarlo, estudiosa e crítica da memória, recorreu (mesmo com uma advertência) perigosamente à autoridade do vivido:

[...] As mudanças de *Punto de Vista* durante as últimas três décadas são parte da história do progressismo argentino (ainda que muitas vezes aqueles que sentiram antipatia ou se diferenciaram da revista questionaram que ela permanecesse como membro pleno dessa franja). **Por sorte, não cabe a mim fazer essa história. Conheço-a com os limites, a abundância de detalhes, a cor, a nitidez e a miopia de quem a viveu.** Sem usurpar uma posição que não me corresponde, posso evocar os estremecimentos e as transformações.

Em fins de 1982, com o começo da transição democrática, tivemos que aprender de novo quase tudo. **Por exemplo, como fazer uma revista que já não fosse somente o meio que um grupo mínimo de intelectuais inventou para atravessar a ditadura; aprender como se faz uma revista cuja definição já não poderia seguir sendo unicamente de oposição.** Também nesse momento, a revista, sem que tivéssemos antecipado, afastou-se daquele primeiro espaço obscuro e marginal. Chegaram os exilados, juntamo-nos a Pancho Aricó e Juan Carlos Portantiero, pessoas que haviam partido da Argentina com um prestígio que consolidaram no México. **O grupo local de *Punto de Vista* teve que aprender uma convivência que se demonstrou tão desejada como difícil e, finalmente, impossível.**

[...] Da margem da margem passávamos ao centro da margem, ainda que nesse trânsito nada seria simples, porque, **ao mesmo tempo em que**

tínhamos que inventar a nova *Punto de Vista* da democracia, era preciso pensar as relações da revista com outro mundo, o dos meios e das instituições, que até esse momento não haviam sido nosso problema porque eram inacessíveis. [...]. (Beatriz Sarlo, “Final”, **Punto de Vista**, n. 90, abr. 2008, p. 1, tradução e destaques nossos)

Para além da reivindicação quase acrítica do conhecimento advindo da condição de partícipe dos processos históricos, a diretora da revista também destacou a transformação do lugar de enunciação intelectual de **Punto de Vista** da ditadura à democracia: “Da margem da margem passávamos ao centro da margem.” Nesse momento, há uma anedota no texto – não transcrita acima, mas muito conhecida entre os intérpretes do periódico – sobre a importância da revista para a divulgação do conceito de “campo intelectual” de Bourdieu na Argentina. Portanto, Sarlo, uma vez mais, reforça o lugar e o papel da revista como renovadora crítica e teórica do pensamento e da intelectualidade argentina, argumento às vezes assumido de forma não crítica, sem fontes ou sem a devida investigação pelos intérpretes do periódico. Mais adiante, Sarlo advogou o caráter proeminente de **Punto de Vista** nos debates acerca da Guerra das Malvinas, da esquerda e dos sessenta/setenta, da memória do passado recente e da literatura argentina da época lida em relação aos vínculos com a história recente. E afirmou: “[...] Tenho a impressão de que [...] [a respeito desses temas/objetos] a revista sintonizou o presente como deve fazê-lo uma publicação que não aspira à atividade conservadora de compilar bons artigos, mas visa torná-los os eixos do debate.” (Beatriz Sarlo, “Final”, **Punto de Vista**, n. 90, abr. 2008, p. 2, tradução nossa)

Evidentemente, a diretora da revista que havia dedicado anos e inúmeros volumes à reflexão acerca do intelectual na Argentina lia retrospectivamente, em 2008, do seu ponto de vista individual, a trajetória do periódico como representativa de uma série de acertos e como portadora de responsabilidades em relação ao que certos debates haviam se tornado no país. Sarlo se posicionou, previsivelmente, como a responsável principal por muitos desse encaminhamentos. Nunca é demais, no que diz respeito a essa prática comum do periódico de advogar para si a preponderância ou o pioneirismo no que concerne a certas ações ou leituras, lembrar que por se tratar de uma revista que se ocupou de saberes de várias áreas do conhecimento, é sempre prudente avaliar esse suposto protagonismo em diálogo com os especialistas de cada campo, o que se procurou/procura realizar nesta tese, sem abandonar, evidentemente, as preocupações específicas deste estudo. Em vários aspectos, **Punto de Vista** efetivamente foi o que disse ter sido, mas em muitos outros não chegou a ser o que a sua diretora afirmou, como no caso da “guinada vanguardista”, por exemplo.

Ademais, é perceptível e ao mesmo tempo interessante que uma revista na qual se assumiu inúmeras vezes a filiação, mesmo crítica, às forças políticas de esquerda, que integrou o Club de Cultura Socialista, que apoiou partidos e alianças predominantemente inspiradas pelo pensamento e pelas práticas da esquerda chegue ao seu último número se confessando apenas “progressista”. Certamente, as filiações seletivas às matrizes e tradições críticas da cultura, que incluíram autores de variado espectro político-ideológico, motivaram o coletivo intelectual da revista a se aproximar, a partir dos anos 1980, do governo de Alfonsín e de agrupamentos políticos social-democratas. Essa posição específica de **Punto de Vista**, ao mesmo tempo próxima e distante das culturas políticas da esquerda socialista, do peronismo crítico ao menemismo e depois ao kirchnerismo, pôde ser sintetizada, em virtude da sua complexidade e multiplicidade constitutiva em variadas temporalidades, como “progressista”.

Sarlo também se preocupou em explicar as mudanças e os deslocamentos do periódico nos anos noventa, tão polêmicos e causadores de tensões, como se explicitou anteriormente, e aproveitou para se referir às mudanças no Conselho de Direção *en passant*, bem como para explicar a sua condução do periódico durante aqueles anos:

[...] Precisamente porque a revista pôde ser contemporânea de seu presente, esteve em condições de mudar: alguns se foram, entraram outros no conselho de direção. E com os novos, como Adrián Gorelik, chegaram temas aos quais *Punto de Vista* imprimiu a sua marca. Falou-se de cidade e de cultura urbana quando essa não era a moda. **Durante os anos noventa, vivi obcecada pela ideia de que uma revista devia se definir pelo que trazia como novidade estética e ideológica. Pensei (e penso até hoje) que é preferível que uma revista se equivoque a que permaneça igual a si mesma quando as coisas mudam ou quando os temas se banalizam.** Uma revista define problemas que lhe são próprios, porque não os escolhe no *carrossel* das novidades periodísticas nacionais ou internacionais³⁹, mas demonstra sua capacidade para fazer as perguntas e abrir os debates que não são escritos em outras partes. Evidentemente, no caso de *Punto de Vista* travamos uma batalha pela modernidade estética depreciada por todas as ondas, inclusive as que hoje se empilham no depósito dos trambolhos obsoletos. A revista não se ateve às tendências, mas soube reconhecer que os tópicos da modernidade deviam ser reformulados criticamente. Nos últimos anos, Federico Monjeau, Rafael Filippelli e Ana Porrúa foram articulações muito diferentes de **um giro estético da revista que, ao mesmo tempo, seguiu crendo que a política e a estética deviam conviver em suas páginas não porque suas relações fossem simples mas precisamente pelo contrário: porque são conflitivas, e *Punto de Vista* sempre viveu do conflito.** [...]. (Beatriz Sarlo, “Final”, **Punto de Vista**, n. 90, abr. 2008, p. 2, tradução e destaques nossos)

³⁹ Sarlo contradisse em parte esse argumento e outro que vem logo a seguir (“A revista não se ateve às tendências”) quando, na entrevista/diálogo com Carol Pires, da revista brasileira **Piauí**, publicada em 2011, vinculou as transformações da revista nos anos 1990 ao surgimento dos suplementos culturais nos grandes jornais.

São dignos de destaque os argumentos lacônicos acerca da saída de outros membros do Conselho, menosprezada em prol da valorização dos ingressos, sobretudo de Gorelik. Além disso, nesse trecho novamente Sarlo insiste no protagonismo da publicação na definição de pautas para os intelectuais argentinos e delimita um pouco mais a sua relevância individual para a definição do perfil da revista nos anos 1990, bem como assume o “giro estético” – a também chamada “guinada vanguardista” – da publicação, mas não considera ter havido afastamento da política, o que, como se demonstrou, é perceptível nos anos 1990 e 2000, sobretudo em comparação com os anos 1980. Certamente a política e a estética se relacionam de maneira complexa e conflitiva e **Punto de Vista** soube mostrar isso desde os anos iniciais. Mas o periódico parece ter priorizado, pode-se afirmar, a crítica da política na estética ou por meio da estética nos seus últimos dez ou quinze anos e isso enfraqueceu a inserção política de sua crítica e a ressonância dos intelectuais que nela publicavam, a não ser entre os especialistas em áreas e/ou debates segmentados. A relevância geral ou mais ampla dos argumentos diminuiu significativamente.

No trecho seguinte (parcialmente transcrito na epígrafe desta tese), composto pelos quatro últimos parágrafos do texto, Sarlo começa a argumentar que a revista precisaria ser imprescindível para todos os que a fazem para que pudesse ser inquietante, irritante, provocativa, para que fosse capaz de ser diferente. Defendendo **Punto de Vista** como a publicação que ofereceu a ela, particularmente, o contato com um grupo de intelectuais que teve força coletiva e que também garantiu o desenvolvimento de “uma maneira de escrever sobre literatura e política” – argumento diversas vezes recuperado pelos intérpretes da revista como uma avaliação crítica sobre o conjunto do projeto do periódico –, ressaltou a revista como o espaço em que teria escrito o melhor de sua produção. E afirmou: “Talvez me equivoque, mas creio que agora sou a única que necessita dessa revista tanto quanto dela necessitei no passado, há trinta anos ou ontem mesmo. Pode-se fazer uma revista com diferentes graus de inclusão, mas o *desejo de revista* é indispensável.” E excluiu apenas Gorelik e Porrúa do que avaliou como “um fundo coletivo que hoje percebo debilitado, distraído”, mostrando como a renovação do coletivo intelectual que se almejava no editorial do número 79 não aconteceu e como se manteve basicamente a concentração referencial nela e em Gorelik.

Enfim, a despeito do texto demarcar os posicionamentos individuais da diretora da publicação e de explicitar as suas leituras específicas da história e do projeto do periódico, ele termina com a constatação de que não era mais possível continuar a fazer a revista por inércia, com condescendência, e sobretudo sem uma sociabilidade que efetivamente considerasse o

projeto de realizar a publicação imprescindível coletiva e individualmente. A perda de organicidade do Conselho, que como se afirmou anteriormente é perceptível na publicação por conta de vários indícios, finalmente resultou no enfraquecimento do dinamismo intelectual e na consequente estagnação crítica. Se Sarlo não reconheceu nesses termos aquela conjuntura, sua decisão de encerrar a revista reforça a pertinência dessa avaliação sobre **Punto de Vista**.

A revista, como se intentou explicitar, realizou em seus trinta anos uma relevante crítica das características da atuação dos intelectuais na Argentina desde o século XIX e mais especificamente no século XX e ofereceu importantes reflexões, principalmente nos seus editoriais, acerca do que os intelectuais haviam ou não realizado e a respeito daquilo que, na compreensão da publicação, eles deveriam realizar, sobretudo a partir da redemocratização. Por isso, o periódico se dedicou à reflexão sobre três objetos considerados incontornáveis para a redefinição do lugar do intelectual argentino e de sua inserção pública desde o fim da ditadura: a autocrítica da esquerda, o debate sobre o peronismo e a problematização da questão democrática. Dois desses três eixos de discussão serão analisados a seguir, a começar pela revisão da esquerda argentina, um *locus* plural e complexo de culturas políticas – como se mostrou no primeiro capítulo – em contato com as quais se formaram os membros do coletivo intelectual da revista nos anos 1960 e 1970.

3.2. A esquerda como objeto

Os intérpretes da história dos intelectuais e da esquerda na Argentina, entre eles José Luis de Diego, Roxana Patiño e María Cristina Tortti, costumam assinalar que nos anos 1980 se iniciou um processo de autocrítica dos grupos de esquerda formados ou em ação nas décadas de 1960 e 1970. E, como se percebeu até aqui, o próprio coletivo de intelectuais de **Punto de Vista** fez questão de destacar a participação da publicação nessa empreitada, em diversos textos publicados no periódico e/ou em entrevistas concedidas principalmente durante e após a década de 1990. Posicionando-se como intelectuais formados nos agrupamentos políticos de esquerda dos sessenta e dos setenta, os membros do Conselho de Direção defenderam, desde o início da publicação e depois retrospectivamente, que o projeto crítico de **Punto de Vista** já representava uma ruptura com as iniciativas de atuação política e de crítica à cultura desenvolvidas pelos coletivos intelectuais de esquerda na Argentina entre os anos 1960 e 1970, porque não aceitava mais a filiação dogmática a teorias ou a submissão da cultura à política. Nesse sentido, aliás, se afastava do que se havia feito em **Los Libros** e

se aproximava de alguns dos debates realizados por **Controversia** no México entre 1979 e 1981.

Cabe assim afirmar que todos os esforços de autocrítica e de interpretação da esquerda argentina dos anos 1960 e 1970, empreendidos a partir da década de 1980, representam inquestionavelmente uma diferença e ao mesmo tempo uma ruptura em relação ao projeto de **Los Libros**. Na revista encerrada em 1976, a esquerda à qual se fazia referência no periódico – e com a qual o periódico cerrava fileiras – ainda não estava disposta a empreender qualquer tipo de análise mais detalhada de suas ações e isso nem deve ser cobrado desses sujeitos históricos. Em vários dos críticos dos anos 1980 em diante e mais especificamente em **Punto de Vista**, ao contrário, as práticas da esquerda dos sessenta e setenta foram gradativamente abandonadas e/ou submetidas ao escrutínio para a compreensão retrospectiva e histórica dos agrupamentos de esquerda na Argentina. Isso é perceptível desde as reflexões sobre os intelectuais desenvolvidas pela revista dirigida por Sarlo a partir dos anos oitenta, nas quais, invariavelmente, a problematização da esquerda também aparece, afinal, mesmo construindo uma nova identidade crítica e política durante e após a ditadura, a publicação manteve como núcleo de sua cultura política a identidade intelectual de esquerda.

Não se pretende, neste item, realizar uma discussão sobre a chamada crise das utopias ou das esquerdas mundiais nos anos 1980 e 1990. O objetivo, bastante mais modesto, é analisar de que maneira **Punto de Vista** se tornou um espaço de reflexão sobre as tradições socialista e comunista na Argentina, sobre as interpretações dos grupos e das ideias nos anos 1960 e 1970 e sobre os desafios das esquerdas frente à redemocratização. Ademais, quer-se entender melhor como os esforços declarados da revista para reorganizar a esquerda na Argentina a partir da redemocratização se converteram em um conjunto de formulações concernentes às esquerdas. Conjunto que construiu um posicionamento específico de esquerda do coletivo de intelectuais da revista, ao mesmo tempo vinculado e afastado das tradições às quais esses intelectuais haviam pertencido nos anos 1960 e 1970 e também indissociável das discussões acerca da atuação dos intelectuais comentadas no item anterior.

Nesse sentido, não serão comentados em detalhes os textos publicados em **Punto de Vista** que oferecem uma crítica das esquerdas em várias partes do mundo. Priorizar-se-á os textos que tratam da Argentina, tentando compreender como as reflexões sobre outras partes do mundo se converteram em elemento importante da crítica à esquerda argentina. Foram crises semelhantes e ao mesmo tempo diferentes, como se disse na introdução ao capítulo. Ademais, procurar-se-á não repetir as considerações já elaboradas sobre os textos nos quais se discutiu os intelectuais e as esquerdas em conjunto, destacando a produção atinente à análise

acerca das ideias e das práticas componentes da cultura política de esquerda na Argentina em várias temporalidades. Pode-se afirmar, afinal, que o interesse da revista basicamente se concentrou em discutir a atuação dos intelectuais de esquerda e em problematizar as continuidades e as rupturas das ideias de esquerda entre os anos 1960/70 e os anos 1980/90. As reflexões sobre os agrupamentos específicos de esquerda (principalmente aqueles da esquerda armada) ou sobre militantes específicos praticamente não apareceram.

Foi preciso começar o processo de transição para a democracia para que **Punto de Vista**, distanciando-se junto da sociedade argentina da ditadura, resolvesse começar a publicar textos sobre a cultura política de esquerda. E isso aconteceu de forma contundente no número 20 (de maio de 1984), cuja capa é indicativa do seu propósito:

Figura 13: capa e expediente, **Punto de Vista**, ano VII, número 20, maio de 1984.

Com ilustrações de Carlos Boccardo, o artista plástico de esquerda responsável em um período pela diagramação e pela concepção visual/gráfica de **Los Libros** que também havia realizado essa tarefa no início de **Punto de Vista**, o número trouxe em sua capa o destaque para uma síntese que se pretendia decompor nas reflexões: a noção de que a esquerda era então uma cultura política em crise. Antes disso, contudo, no editorial do número 19 (de dezembro de 1983), o Conselho de Direção havia celebrado a derrota eleitoral do peronismo e a possibilidade imaginada naquela conjuntura de construção de uma esquerda não dogmática. Ou seja, lidas em conjunto, as proposições encontradas nos dois números sinalizavam para um cenário de crise das tradições políticas históricas e simultaneamente de possibilidades para a esquerda argentina graças à democracia.

Para mostrar a complexidade daquele momento, em pleno processo de retorno dos exilados à Argentina, foram integrados ao Conselho de Direção, no número 20, José Aricó e Juan Carlos Portantiero. Além disso, nessa espécie de dossiê sobre a crise da esquerda, a revista publicou textos de Portantiero, de José Nun, de Oscar Terán e de Pietro Ingrao, importante militante italiano. O número condensa as pautas mais imediatas que se estabeleciam para o grupo de intelectuais nucleado na revista, interessado em repensar a esquerda na Argentina: as relações entre socialismo e democracia, a mobilização dos setores populares, a recuperação de sentidos específicos para a atividade política que extrapolassem os enfrentamentos e os belicismos, a crise do marxismo e, para algo ainda mais específico da Argentina, o posicionamento da esquerda argentina frente ao problema da cultura.

O artigo de Portantiero, “Socialismo y democracia. Una relación difícil”, um dos três que o autor publicou individualmente na revista, concentrou-se na análise, desde um diálogo com o pensamento marxiano, das complexas relações entre democracia e socialismo, problema posto pelo novo momento político da Argentina em que a redemocratização era vista como grande conquista e os grupos advindos das culturas políticas socialista e comunista deveriam aprender a reler as suas interpretações sobre os regimes democráticos elaboradas até a década de 1970. Portantiero, após recuperar todos os principais argumentos do debate desde Marx e Engels, advertiu para os riscos de um suposto período de transição para uma sociedade sem Estado e assinalou a importância de se discutir, naquela conjuntura, a questão do consenso democrático a partir do conceito de hegemonia de Gramsci, de modo a contemplar tanto a dimensão de “como” exercer a soberania quanto a de “quem” exerceria a soberania, articulando os conceitos de “democracia formal” e de “democracia substantiva ou real”. Em síntese, depreende-se da leitura do artigo que o autor estava preocupado em como a tradição socialista argentina deveria se posicionar diante do momento de transição, para que o Estado liberal não impusesse a sua concepção de democracia.

Tanto nesse artigo de Portantiero quanto nos textos de José Nun (“La rebelión del coro”), de Terán (“Una polémica postergada: la crisis del marxismo”) e de Sarlo (“La izquierda ante la cultura: del dogmatismo al populismo”) evidencia-se como para o coletivo intelectual de **Punto de Vista** estava clara a necessidade de revisitar o pensamento marxista e relê-lo de forma crítica, analisando as mediações com as quais se dialogava nos anos 1960 e 1970. Ou seja, para o grupo da revista, o presente demandava novas formas de pensar a ação política e isso implicava em revisar, de uma só vez, o marxismo e as leituras elaboradas a partir dele para superar um estado de crise da esquerda, sobretudo na Argentina, de imobilidade frente às novas situações políticas, culturais e sociais configuradas. Por isso, no

número seguinte, o 21 (de agosto de 1984), havia uma capa praticamente idêntica à do número anterior, mas essa não mencionava a crise e sim as imagens da esquerda: constatada a crise, era necessário agora se voltar à compreensão das imagens que a esquerda havia produzido de si e que outros grupos tinham elaborado sobre ela, para recuperá-las ou substituí-las.

Quem se ocupou mais diretamente dessa reflexão no número 21 foi Carlos Altamirano, com seu artigo “Imágenes de la izquierda”, porque José Aricó optou na mesma edição por um caminho semelhante ao de Portantiero, Nun e Ingrao no número anterior e se voltou a uma abordagem histórica geral em seu artigo “Orígenes del comunismo: para construir una historia no sacra”. Altamirano, por seu turno, trouxe a discussão para a Argentina e enfrentou as “imagens” por meio de uma discussão centrada na interpretação das especificidades dos agrupamentos e dos partidos de esquerda argentinos depois da ditadura iniciada em 1976 e encerrada em 1983.

Perseguida, demonizada, reprimida como nunca depois do golpe de 1976, a esquerda, ou melhor, os partidos da esquerda argentina reapareceram de maneira pública e aberta no último período do regime militar. Primeiro, durante a guerra das Malvinas, em cujo apoio foram mais distantes do que ninguém; depois, diante do colapso da ditadura provocado pelo revés militar, durante a rápida transição que desembocou nas eleições de 30 de outubro do ano passado. A maioria das organizações que se dispuseram a intervir nos comícios, desde o Partido Comunista ao Partido Obrero, conseguiu superar as restrições impostas pela última administração do *Proceso* à participação eleitoral, e o número de filiados que recrutaram para obter identidade, ainda que distante dos “grandes”, o peronismo e o radicalismo, não deixava a esquerda em má posição em relação às formações menores do centro e da direita.

Mas na hora dos votos os partidos da esquerda se reduziram até o limite da inexistência, como para demonstrar que aquela seguia sendo mais uma área de um espaço ideológico da Argentina do que uma alternativa política. Em que pesem as grandes novidades que o desenlace eleitoral estabeleceu no quadro político nacional, em relação ao ciclo aberto em meados da década de 40, a esquerda voltava a se encontrar no lugar marginal em que a havia deixado a emergência do peronismo. Os deslocamentos nas expectativas, que foram notáveis ainda que sejam desconsiderados os votos circunstanciais que o alfonsinismo obteve em 30 de outubro, não trabalharam nem mesmo parcialmente em favor dos partidos que se identificam com o socialismo (com o socialismo simples, com o socialismo “nacional” ou com a “libertação” como momento preliminar do socialismo). Inclusive onde se alterou a lealdade operária para os candidatos peronistas, esses votos foram conquistados pelo radicalismo.

Comparado com outros processos de redemocratização empreendidos após o esgotamento ou a crise de regimes autoritários – Grécia, Portugal, Espanha, Bolívia, Peru –, em que surgiram esquerdas consistentes, capazes de reunir um consenso popular mais ou menos amplo, a experiência argentina, para além de sua celeridade, mostrou-se também original nesse ponto.

É verdade, como foi dito repetidamente, que o confronto eleitoral voltou a adotar o caráter de uma disjunção polarizada entre duas opções políticas e que isso “simplificou” a maior complexidade e diversidade presente no terreno das ideologias políticas. Tanto a esquerda como a direita apareceram sub-representadas, por assim dizer, nos resultados eleitorais e é provável que seus partidos recuperem franjas perdidas [...]. De qualquer modo, parece difícil que a esquerda tal como emergiu depois da clausura imposta pelo regime militar, logre sair da posição subalterna em que se encontra confinada há quarenta anos: exposta à vontade e à iniciativa de outros, quando busca aliados; isolada no “classismo” e no maximalismo verbal quando busca um perfil próprio. (Deixamos aqui de lado o período que vai de 1969 a 1973 porque merece uma consideração à parte e específica.) (Carlos Altamirano, “Imágenes de la izquierda”, **Punto de Vista**, n. 21, ago. 1984, p. 5, tradução nossa)

Em tom preciso e ao mesmo tempo pessimista, Altamirano identificava no cenário imediatamente após a eleição de 1983 um lugar incômodo para a esquerda argentina, porque, para ele, ainda se tratava de uma cultura política ancorada em valores, em ideias e em práticas ortodoxos e pouco representativos do ponto de vista eleitoral, mesmo com certo alcance em termos ideológicos. Refém da polarização “peronismo X radicalismo”, a esquerda argentina, entretanto, havia se colocado alguns desafios nas duas décadas anteriores – “A esquerda não permaneceu imóvel”, afirmou Altamirano – e isso seria verificável por meio de publicações lançadas naquele momento. Ou seja, o autor estabelece um diálogo com textos pertencentes a uma bibliografia crítica sobre a esquerda, a qual começava a ser veiculada naqueles anos e que se intensificaria nos anos seguintes. Após comentar dois livros e se esforçar, tal qual Sarlo no artigo do número anterior, para diferenciar a cultura política de esquerda de uma “esquerda nacional” muitas vezes próxima de tradições como o peronismo, o autor encerrou o texto da seguinte maneira:

Para além do conglomerado que se orienta no sentido da “esquerda nacional” [...] e do PC [Partido Comunista], a esquerda não oferece hoje outra opção além de um maximalismo confinado em algumas frações do movimento estudantil e em reduzidos círculos de ativistas na classe operária. Depois do terrível ciclo dos partidos armados, do terrorismo estatal, do belicismo aventureiro e do barbarismo geral da vida pública, **as organizações desse setor do mundo político argentino que conseguiram sobreviver propõem as mesmas alternativas que uma década atrás. Tudo isso não torna necessária para a esquerda uma reforma intelectual e política que a arranque de sua posição subalterna, uma reforma que a libere do doutrinismo na formulação dos problemas e das alternativas e que, por sua vez, subtraia a cultura e a investigação crítica de sua politização (sua “facciosidade”) imediata?** Ou não chegou ainda a hora de uma esquerda capaz de agregar vontades na arena da luta política porque encontrou novos caminhos e iniciativas para as aspirações a uma sociedade sem miséria e sem medo? (Carlos Altamirano, “Imágenes de la izquierda”, **Punto de Vista**, n. 21, ago. 1984, p. 8, tradução e destaques nossos)

Às vésperas da fundação oficial do Club de Cultura Socialista – que ocorreria em dezembro daquele ano –, Altamirano endereçou aos agrupamentos de esquerda argentinos questionamentos que **Punto de Vista** se colocava internamente e que procurava responder desde 1978 tanto por meio de sua delimitação de uma crítica política da cultura diferente daquela realizada pela nova esquerda argentina (inclusive por **Los Libros**) até os anos 1970 – na qual a cultura estava submetida à política – quanto na definição inicial de uma postura política não dogmática no que dizia respeito à ação partidária e às intervenções políticas públicas dos intelectuais. Reivindicava “uma reforma intelectual e política que arranque de sua posição subalterna” e essa posição da publicação de avaliação da cultura política de esquerda obviamente não agradava a todos os grupos de intelectuais, como se disse anteriormente. De qualquer maneira, o posicionamento político do coletivo intelectual de **Punto de Vista** acerca da cultura política de esquerda estava oficialmente assumido em seus argumentos gerais por meio desse artigo, assim como se havia feito em termos de crítica cultural com o editorial do número 12, de 1981.

No terceiro número em sequência com uma capa parecida, o 22 (de dezembro de 1984), foram divulgados dois textos importantes para o debate sobre a esquerda na revista: a antes comentada Declaração do Club de Cultura Socialista; e o artigo “Democracia y socialismo: ¿etapas o niveles?”, de José Nun. Recuperando o objeto debatido por Portantiero no número 20, Nun se dispôs praticamente a oferecer uma alternativa para pensar a articulação entre o socialismo e a democracia, diante de posturas que os consideravam tradições irreconciliáveis e/ou ao menos impraticáveis simultaneamente e que, portanto, se conformavam com o imobilismo sustentado por uma leitura etapista da história política. De novo voltando ao debate explícito a partir de Marx, algo que obviamente não seria possível em tempos autoritários, o autor recuperou os argumentos de crítica ao leninismo e ao estalinismo e advogou a importância de se pensar a democracia “como uma forma de vida, como um modo cotidiano de relação entre homens e mulheres que orienta e que regula o conjunto das atividades de uma comunidade.” Concluiu de maneira mais otimista do que os textos anteriores:

É justamente porque creio que entre o governo representativo e o socialismo não há incompatibilidade nem prática nem de princípio que me parece urgente batalhar contra isso que denomino o etapismo negro.

a) Não há incompatibilidade prática porque implicam níveis de ação diferentes quanto às formas de participação [...]. Níveis e não etapas: a luta pelo estabelecimento do governo representativo no plano da política nacional de nenhuma maneira exclui a luta simultânea pela democratização dos sistemas de autoridade na família, no lugar de trabalho, no bairro ou no

sindicato. [...] não falo de um simples reconhecimento tático dos níveis, como outros tantos espaços onde difundir verdades recebidas e onde buscar votos. [...] Falo de um esforço sustentado para desenvolver formas de participação autônomas em cada nível, promovidas por vanguardas conscientes de que seu maior êxito deve consistir em deixar de sê-lo. [...].

b) Tampouco há incompatibilidade de princípio porque, como disse, nada indica que desaparecerá alguma vez a diferença entre as várias esferas da prática social. Por isso, um socialismo que se queira pluralista não é hoje dissociável da existência, em determinados níveis, de grandes organizações centralizadas e burocratizadas que se articulem às instituições descentralizadas e não burocráticas próprias de outras áreas. [...] É óbvio, então, que haverá conflitos; mas que os resultados favoreçam ou não a lógica do projeto socialista dependerá, precisamente, da firmeza das posições que ganhe com a plena consciência de sua especificidade. [...].

[...] Na atual conjuntura de nossos países é possível eludir essa discussão [sobre táticas e estratégias e sobre o lugar delas] tanto ao se outorgar uma importância exclusiva para o restabelecimento do governo representativo quanto ao não se lhe conceder nenhuma importância. Em um caso, o risco é que o etapismo se converta em transformismo; no outro, que se siga confundindo militância e aventura. (José Nun, “Democracia y socialismo: ¿etapas o niveles?”, **Punto de Vista**, n. 22, dez. 1984, p. 25-26, tradução nossa)

A reincidente preocupação da revista em debater as possibilidades e as dificuldades teóricas e práticas das relações entre democracia e socialismo parece revelar uma opção anteriormente identificada nas manifestações dos intelectuais do Conselho em suas entrevistas: o socialismo seguia sendo um horizonte político almejado, mas o caminho durante a transição agora seria delimitado pela social-democracia. Isso implicaria oferecer aos leitores da revista uma crítica da esquerda nos anos 1960 e 1970 que mostrasse seus projetos, seus equívocos e seus acertos sem afastar ou negar a relevância do socialismo e/ou do comunismo, mas aceitando que não poderia mais agir ou pensar exatamente da mesma maneira como se havia feito naquelas décadas. Esse esforço crítico passou, por exemplo, pela publicação de artigos como o de José Aricó no número 29 (de abril-julho de 1987), em que o autor recontou parte da história e das memórias dos chamados “gramscianos argentinos”, ou seja, do grupo do qual ele havia feito parte nos anos 1960, responsável pela aclimação do pensamento de Antonio Gramsci na Argentina⁴⁰. E se evidenciou, outrossim, no artigo de José Sazbon no mesmo número, “Dos caras del marxismo inglés: el intercambio Thompson-Anderson”, no qual o autor problematizou dois dos intérpretes fundamentais do marxismo na Inglaterra daquele momento como instrumento de discussão a respeito do marxismo na América Latina.

⁴⁰ A respeito dos “gramscianos argentinos”, ver Burgos (2004).

Enquanto isso, a revista não abriu mão de seguir avaliando posicionamentos diversos sobre o problema das relações entre socialismo e democracia, principalmente em face dos desgastes do governo de Alfonsín em fins da década de 1980. No número 36 (de dezembro de 1989), exatamente na transição de poder para o menemismo e em uma edição marcada pelas políticas de esquecimento do novo presidente peronista, o cientista político e historiador Vicente Palermo, advindo de setores do peronismo críticos a Menem, publicou o artigo “Sobre democracia y socialismo democrático”. Nesse texto, diferente dos outros textos (anteriormente comentados) em que foram pensadas as possíveis aproximações e os eventuais afastamentos entre as duas culturas políticas desde um ponto de vista socialista, Palermo se acerca do problema com a intenção de avaliar certas interpretações de Portantiero e De Ipola nas quais, segundo ele, haveria leituras simplificadoras dos socialismos e dos populismos possíveis, bem como se justificaria de forma insuficiente os afastamentos entre democracia e populismo.

Os textos com os quais Palermo polemiza, como ele mesmo esclarece, foram escritos por Portantiero e De Ipola coletivamente na primeira metade dos anos 1980 (um deles inclusive produzido ainda no exílio mexicano, em 1981) e publicados posteriormente em livros individuais. De qualquer maneira, a intenção era, em 1989, criticar as simplificações em relação aos “socialismos reais”, aos “socialismos discursivos” e aos “populismos”. Nesse sentido, os parâmetros a partir dos quais a crítica é elaborada revelam um deslocamento de referências e de matrizes, pois Palermo, diferente de Portantiero, de Nun e de Altamirano, não recorre à tradição marxiana e marxista para avaliar as relações entre democracia e socialismo. São incorporados ao debate referências como Norberto Bobbio e os chamados “pós-marxistas” e o autor conclui que não haveria razão para crer que o socialismo democrático pudesse fazer com que a democracia cumprisse suas promessas, sobremaneira aquelas de socialização do poder em uma sociedade irreconciliável.

Além disso, parece possível afirmar que o texto é indicativo de como **Punto de Vista** estava disposta, em fins dos anos oitenta, a considerar inclusive críticas ao socialismo advindas do peronismo de esquerda, afinal, vinha dialogando com o grupo de **Unidos** desde meados da década. Cabe ressaltar também que apesar de publicado na condição de inaugurador de um debate, não houve respostas aos questionamentos de Palermo por parte dos interpelados, ao menos não em **Punto de Vista**, o que revela, uma vez mais, a posição que a revista e o Club de Cultura (Portantiero e De Ipola, como se disse, eram membros do Club) já ocupavam naquela circunstância, definindo quando, com quem e sobre quais temas valia a pena debater. Por fim, lembre-se que em fins dos anos 1980 as relações no Club de Cultura

Socialista não eram mais tão harmônicas por conta das medidas tomadas por Alfonsín antes do fim de seu mandato e a publicação do artigo de Palermo poderia ser lida como resposta a polêmicas externas à revista, o que seria possível afirmar apenas cotejando o texto com fontes relativas ao Club e/ou eventualmente à revista **La Ciudad Futura**.

O impacto dessas críticas ao socialismo de cunho democrático talvez fosse menor se não tivessem sido veiculadas logo após a queda do Muro de Berlim (ocorrida no início de novembro de 1989) e o consequente início simbólico e material da derrocada das forças socialistas na Europa. A relevância da conjuntura se tornou mais evidente no número 37 (de julho de 1990)⁴¹, cuja capa tinha as seguintes chamadas temáticas: “La crisis en Europa del Este”, “El revolucionario filósofo”, “Simulacros políticos” e “Intelectuales de los sesenta”. O volume, de forma coerente, inicia-se com um artigo do filósofo Cornelius Castoriadis sintomaticamente intitulado “El desmoronamiento del marxismo-leninismo”, cujo primeiro subitem é “Fracaso de una ortodoxia”.

Logo no início do artigo, Castoriadis alude à queda do Império Romano e à suposta duração de três séculos do processo de diminuição do poder imperial dos romanos na Antiguidade. Enquanto isso, afirma, teriam bastado apenas dois anos para desbaratar “a rede mundial de poder dirigida desde Moscou, suas aspirações à hegemonia mundial, e as relações econômicas, políticas, sociais que a mantinham unida.” Diante das seguidas denúncias sobre os governos soviéticos a partir da década de 1950, e da “conversão em fumaça” do marxismo-leninismo, o autor se questionava sobre o processo que teria conduzido ao “desmoronamento” de uma ideologia de amplo alcance como a marxista-leninista, cuja queda parecia àquela altura, *a posteriori*, previsível. Para tanto, recontou brevemente a história das ideias que desde Marx deram origem a uma cultura política plural, múltipla e ao mesmo tempo específica, a qual, no século XX, não apenas fundamentou regimes como o da URSS como foi apropriada em várias partes do mundo, inclusive no que se costumava chamar de Terceiro Mundo.

Para Castoriadis, o marxismo-leninismo tinha a sua história e o projeto de construção do socialismo havia apresentado diversas lideranças importantes no mundo. Uma delas foi decisiva, para bem e mal: “É sabido que esse projeto alcançou sua forma extrema e demencial sob Stalin. E, depois de sua morte, o fracasso começará a ser exposto.” (tradução nossa) Contudo, o fracasso da faceta totalitária do projeto, disse ele, não poderia conduzir à indiferenciação entre socialismo e totalitarismo, até porque nenhum dos dois foi uma “essência imutável”. Para evitar essa compreensão rasa diante de um quadro de crise

⁴¹ Provavelmente essa foi a edição com os desenhos de Le Corbusier mencionada por Gramuglio em sua entrevista a Podlubne e a Prieto, de 2014.

ideológica que deveria conduzir à (auto)crítica fundamentada e não às simplificações, afirmou:

[...] Como o nazismo, o marxismo-leninismo permite medir a loucura e a monstruosidade de que nós humanos somos capazes, e a fascinação pela força bruta. Mais do que o nazismo, a capacidade de nos enganarmos, de converter as ideias mais libertadoras em seu oposto, tornando-as instrumento de uma mistificação ilimitada.

Ao desmoronar, o marxismo-leninismo parece sepultar sob suas ruínas tanto o projeto de autonomia como a própria política. O ódio ativo daqueles que sofreram, no Leste, os conduz a rechaçar todo projeto que não seja a adoção rápida do modelo capitalista liberal. No Ocidente, reforça-se a convicção das populações de que vivem sob o regime menos mal possível, e se aprofunda seu engarrafamento na irresponsabilidade, na distração e no retiro na esfera “privada” (com todas as luzes, cada vez menos “privada”).

[...] A história monstruosa do marxismo-leninismo assinala o que um movimento de emancipação não pode nem deve fazer. Ela não permite concluir que o capitalismo e a oligarquia liberal sob os quais vivemos encarnam o segredo finalmente revelado da história humana. O projeto de um domínio total (que o marxismo-leninismo tomou do capitalismo e, nos dois casos, se converteu em seu oposto) é um delírio. Disso não resulta que devamos suportar a história como uma fatalidade. A ideia de fazer tábula rasa com tudo o que existe é uma loucura que conduz ao crime. Disso não se infere que devamos renunciar ao que define nossa história desde a Grécia e que adquiriu na Europa dimensões novas: fazemos nossas leis e nossas instituições, queremos autonomia individual e coletiva e somente nós podemos e devemos limitá-la. A palavra igualdade serviu para proteger um regime em que as desigualdades reais eram, de fato, piores do que as do capitalismo.

Entretanto, não podemos nos esquecer que não há liberdade política sem igualdade política e que esta é impossível quando desigualdades gigantescas de poder econômico, traduzido diretamente em poder político, existem e se acentuam. [...].

Essas são algumas das conclusões às quais conduz a experiência combinada da pulverização do marxismo-leninismo e da evolução do capitalismo contemporâneo. Talvez não sejam as que a opinião pública adote de imediato. Mas quando se dissipar a poeira, a humanidade voltará a elas, a menos que deseje continuar sua trajetória para um horizonte mais e mais ilusório que, cedo ou tarde, se encontrará com os limites naturais do planeta se esse não desmoronar também, sob o peso de sua ausência de sentido. (Cornelius Castoriadis, “El desmoronamiento del marxismo-leninismo”, **Punto de Vista**, n. 37, jul. 1990, p. 6, tradução nossa)

Até esse momento de crise ampla configurado internacionalmente pelo menos desde 1989, a revisão da cultura política de esquerda argentina em **Punto de Vista** havia se concentrado em discutir basicamente as características do socialismo e do comunismo argentino frente à democracia e em recontar a história dos grupos e dos intelectuais de esquerda na Argentina e na América Latina ao longo do século XX. A partir da *débâcle* soviética, entretanto, a crise mundial resultou incontornável para se pensar o presente e o futuro de qualquer cultura política de esquerda. A necessidade de acelerar o processo de

autocrítica das experiências desenvolvidas sob a inspiração do marxismo-leninismo já estava entre os projetos da publicação e o artigo de Castoriadis demonstra que ela estava disposta a oferecer com celeridade as suas contribuições, antes mesmo da poeira se dissipar. Afinal, em linhas gerais, inseria-se nesse projeto o artigo (publicado no mesmo número 37) do filósofo argentino Osvaldo Guariglia, “La obsolescencia de una figura del espíritu: el revolucionario filósofo y el partido de vanguardia”, com uma crítica da noção de engajamento desenvolvida pelos intelectuais e dos partidos de vanguarda revolucionária dos anos 1960. A esse esforço crítico se vinculava, outrossim, o artigo de Oscar Terán, “Intelectuales y política en la Argentina 1956-1966”, com o resumo do seu livro que seria lançado no ano seguinte.

Punto de Vista, ao participar precocemente dessa autocrítica da esquerda nos anos 1980 e 1990, parece tentar sugerir uma nova proposta de esquerda e também se desvincular de modelos considerados naquela conjuntura ortodoxos, obsoletos e eventualmente totalitários. Nesse processo, necessariamente a revista efetuava uma crítica ao modo de fazer e de pensar a política a partir do qual os intelectuais que fundaram a revista haviam se formado e por isso a opção foi tratar do problema no âmbito da cultura intelectual e não realizar uma crítica a indivíduos, a grupos ou a publicações específicas, a não ser em casos particulares de homenagens a intelectuais mais próximos do coletivo do periódico, veiculadas por conta de falecimentos⁴². A autocrítica impactava, ademais, as escolhas do presente, como a opção pelo caminho da social-democracia. Nesse âmbito, o longo e fundamentado artigo do filósofo Jürgen Habermas publicado no número 41 (de dezembro de 1991), intitulado “¿Qué significa el socialismo hoy? La revolución restauradora y la necesidad de una revisión desde la izquierda”⁴³, pode ser considerado emblemático.

O título do texto explicita o incômodo de Habermas em relação às revisões críticas sobre o socialismo realizadas à época pelos liberais e outros grupos não socialistas. As primeiras linhas desvelam, ademais, a crítica do filósofo às tendências simplificadoras e fatalistas de avaliação do socialismo e exprimem questões com as quais ele se debatia à época e que considerava indispensáveis para uma reflexão concernente ao socialismo naquela conjuntura:

⁴² São exemplos desses textos de homenagem entremeada de crítica dirigidos aos intelectuais mais importantes para **Punto de Vista**: “En memoria de José Aricó”, texto de Beatriz Sarlo publicado no número 41 (de dezembro de 1991), e “Portantiero: memoria afectiva y biografía intelectual”, texto de Pablo Gerchunoff publicado no número 88 (de agosto de 2007).

⁴³ Uma nota no texto informa da sua procedência e da sua repercussão naquele momento: o artigo havia sido traduzido a partir do inglês, da revista **New Left Review** n. 183 (1990) e cotejado por Hilda Sabato com a tradução para o português realizada pela revista **Novos Estudos CEBRAP**, em número de 1991. Sobre os diálogos e intercâmbios entre **Punto de Vista** e **Novos Estudos CEBRAP** durante os anos de redemocratização, ver a tese de Ana Cecilia Arias Olmos (2000).

Em diários e artigos recentes se fala do desencantamento do socialismo, do fracasso de uma ideia e mesmo da demorada superação do passado por parte dos intelectuais da Alemanha e da Europa Ocidental. Às questões retóricas sucede sempre o estribilho: as utopias e filosofias da história terminam necessariamente em opressão. A crítica da filosofia da história já é, porém, coisa do passado. [...]. Quais são os termos do debate hoje? Como avaliar o significado histórico das mudanças revolucionárias na Europa Central e do Leste? Quais são as consequências da bancarrota do socialismo de estado para as ideias e os movimentos políticos que têm suas raízes no século XIX? Quais [são as consequências] para as tradições teóricas da esquerda ocidental? (Jürgen Habermas, “¿Qué significa el socialismo hoy? La revolución restauradora y la necesidad de una revisión desde la izquierda”, **Punto de Vista**, n. 41, dez. 1991, p. 3, tradução nossa)

Depois de tratar, a seguir, do que ele chamou de “interpretações corretivas” e de “interpretações críticas”, ou seja, de uma série de leituras sobre o socialismo e especificamente sobre o socialismo de estado realizadas a partir de perspectivas de crítica da razão, de proposições anticomunistas ou de leituras liberais, Habermas evidencia como a autocritica do marxismo ocidental existia desde pelo menos a década de 1920. Em seguida problematiza “o preço da social-democracia”, mostrando como os liberais procuravam convencer as pessoas e os intelectuais de que os social-democratas haviam posto em prática tudo o que havia de bom no socialismo, descartando seus aspectos supostamente negativos. Desde os exemplos europeus, é evidente, formula posteriormente uma síntese que afeta inevitavelmente a **Punto de Vista**, bem como ao Club de Cultura Socialista na sua aceitação e defesa da social-democracia como alternativa para a esquerda argentina e como caminho para a construção de uma sociedade efetivamente democrática:

A social-democracia paga assim um duplo preço por seus êxitos. Renuncia à democracia radical e aprende a viver com as consequências normativas indesejáveis do crescimento econômico capitalista e também com os riscos do mercado de trabalho, que podem ser enfraquecidos com políticas sociais mas nunca eliminados completamente. Foi esse preço que manteve viva uma *esquerda não comunista* na Europa Ocidental, a esquerda da social-democracia. Essa esquerda tem muitas variantes e mantém viva a ideia de que o socialismo alguma vez significou algo mais do que políticas sociais estatais. Contudo, o fato de que o socialismo de autonomia administrativa subsista em seu programa demonstra que para essa esquerda é difícil se distanciar da concepção holística da sociedade e renunciar à ideia de uma mudança que leve do controle do processo de produção por parte do mercado a seu controle democrático. Nesse sentido, o vínculo clássico entre teoria e prática permaneceu intacto; mas também a teoria se tornou ortodoxa e a prática, sectária. (Jürgen Habermas, “¿Qué significa el socialismo hoy? La revolución restauradora y la necesidad de una revisión desde la izquierda”, **Punto de Vista**, n. 41, dez. 1991, p. 3, tradução nossa, destaques no original)

Os riscos de uma opção da esquerda pela social-democracia são arrolados pelo filósofo alemão a partir dos exemplos europeus e não é possível desconsiderar que a publicação do artigo indica que o coletivo intelectual de **Punto de Vista** estava ao menos atento a isso. Afinal, encerrara-se em termos oficiais o período da transição para a democracia na Argentina e a ascensão de Menem e de seu projeto neoliberal reforçava a pertinência de se pensar em modelos alternativos de Estado, de sociedade, de economia e de política, além, é claro, de possibilidades para a cultura. Ao mesmo tempo, como se mostrou no item anterior desse capítulo, os intelectuais do Conselho de Direção começavam a se preocupar com o que seria a Argentina no novo século e no novo milênio, questionamento que se reforçou em meados dos anos 1990. Por isso, as conclusões de Habermas revelaram uma vez mais a não casualidade da publicação do texto naquela circunstância e ofereceram, certamente, alguns caminhos para o grupo de **Punto de Vista** naquela década, caminhos que foram percorridos pelos intelectuais do periódico:

Os desafios do século XXI serão de uma ordem de magnitude tal que **exigirão por parte das sociedades ocidentais respostas que não podem ser alcançadas ou postas em prática sem um processo radical-democrático de universalização de interesses através de instituições para a formação da opinião pública e a vontade pública. A esquerda socialista ainda tem um lugar que ocupar e um papel a representar nesse processo. Pode gerar o fermento para produzir o processo contínuo de comunicação política e impedir que o marco institucional da democracia constitucional se divida. A esquerda não comunista não tem motivo algum para se deprimir. É possível que alguns intelectuais da Alemanha Oriental tenham que se adaptar a uma situação que a esquerda da Europa Ocidental conheceu por décadas: ter que transformar as ideias socialistas em uma autocrítica radicalmente reformista da sociedade capitalista que, sob a forma de uma democracia constitucional com sufrágio universal e um estado de bem-estar, desenvolveu suas forças em vez de suas fraquezas.** Depois da bancarrota do socialismo de estado, esse é o olho da águia por onde tudo deve passar. *Esse* socialismo apenas desaparecerá quando se tornar o objeto de sua crítica: talvez no dia em que a sociedade em questão tenha mudado tanto sua identidade que permita perceber e levar a sério tudo aquilo que não se pode expressar em termos de preço. A esperança de que a humanidade possa se emancipar de uma tutela auto-imposta e de condições de vida degradantes não perdeu sua força, mas foi depurada pela consciência da falibilidade e pela lição de que já se haveria alcançado muito se se pudesse manter um equilíbrio tolerável em relação aos poucos privilegiados e, sobretudo, se se pudesse estabelecer esse equilíbrio nos continentes devastados. (Jürgen Habermas, “¿Qué significa el socialismo hoy? La revolución restauradora y la necesidad de una revisión desde la izquierda”, **Punto de Vista**, n. 41, dez. 1991, p. 14, tradução e negritos nossos, itálicos no original)

No início da década de 1990, o grupo de **Punto de Vista** tentava assumir tanto o que Habermas considerava ser de responsabilidade da esquerda socialista, a produção contínua da

comunicação política e a defesa do marco institucional da democracia constitucional, quanto o que era apresentado pelo filósofo como tarefa da esquerda não comunista, a transformação das “ideias socialistas em uma autocrítica radicalmente reformista da sociedade capitalista que, sob a forma de uma democracia constitucional com sufrágio universal e um estado de bem-estar”, pudesse fomentar as forças da democracia ao invés de suas fraquezas. Esse duplo movimento se tornou perceptível na revista nos anos seguintes, mas foi garantido institucionalmente sobretudo pelos espaços ocupados pelos intelectuais no Club de Cultura Socialista, nas universidades, entre outros, e pelas tentativas de instituir debates que interessavam a poucos frente à expansão neoliberal, como a questão das alternativas de esquerda para as políticas públicas de urbanização, discutidas de maneira aprofundada em relação a Buenos Aires nas páginas do periódico naquela década de noventa.

Considerada especificamente a revista durante os anos 1990, vale observar como diminuíram os textos específicos de crítica e/ou de revisão da cultura política de esquerda, dedicados basicamente aos debates motivados pela política eleitoral, a não ser quando se intentava tratar de temáticas como as políticas urbanas, como no número 48 (de abril de 1994, com artigos de Gorelik e de Aricó), ou analisar a história e a historiografia, como nos textos de Hilda Sabato sobre a historiografia marxista britânica em renovação e em incorporação na Argentina naquela época divulgados nos números 46 (de agosto de 1993) e 51 (de abril de 1995). Ou seja, uma vez configurada, por meio dos estudos publicados, a tradição política à qual **Punto de Vista** pretendia se filiar – uma cultura política de esquerda em diálogo crítico com a social-democracia, resultante de um processo de autocrítica e de avaliação das ideias e das práticas da esquerda argentina nos anos 1960 e 1970 – e tendo ela se materializado aos poucos nos anos 1990 com a Frente Grande, a FREPASO e a Alianza, a revista praticamente deixou de discutir a esquerda nos termos até então propostos e se voltou mais, no que concerne à crítica da cultura política, ao peronismo. A década de noventa, afinal, foi a década menemista e por isso houve espaço para reflexão a respeito na revista (basicamente por meio da produção de Carlos Altamirano).

Pode-se avaliar, outrossim, que o coletivo intelectual do periódico resolveu, como se mostrou anteriormente, discutir a esquerda prioritariamente a partir do seu “giro estético”, isto é, como parte da interpretação de objetos complexos da cultura tais como a cultura urbana, os meios de comunicação e as artes. Isso, em contrapartida, enfraqueceu a revista em termos políticos mais evidentes, mais diretos, mais vinculados à intervenção política cotidiana visando o oferecimento de alternativas de esquerda ao peronismo menemista. Esse quadro geral só se alterou parcialmente em fins da década de 1990, quando, com a ascensão política

da Alianza, a revista voltou a pensar no futuro da esquerda de um ponto de vista estruturado desde a política eleitoral. A discussão sobre a cultura política da esquerda em termos semelhantes ainda se intensificou nos números que discutiram a crise de 2001 e os seus desdobramentos, novamente pensando no futuro da esquerda frente à crise.

No número 57 (de abril de 1997), exatamente no ano de formação da Alianza, foi publicado um debate sugestivamente intitulado “¿Tiene futuro la izquierda?” Dele participaram Carlos Altamirano, o cientista político argentino Isidoro Cheresky e o sociólogo e historiador argentino Julio Godio⁴⁴. O título identifica o deslocamento efetuado: ao invés da preocupação com o passado da esquerda dos anos 1960 e 1970 ou com o presente diante da redemocratização, tratava-se de conjecturar um eventual futuro. No texto que apresentação do debate, Altamirano, após recuperar em traços amplos o que havia se dado com a esquerda ao longo do século XX, resultando na crise e no declínio de uma cultura política importante desde o século XIX, questionou-se: “Mas o que seria hoje uma esquerda que queira ser política e não somente crítica cultural?” (tradução nossa) Para ele, não bastava a esquerda se apropriar da defesa da democracia para que pudesse definir a sua identidade e a sua posição. Em um país como a Argentina, no qual o esquema esquerda/direita não era muito apropriado para explicar os fundamentos dos conflitos políticos, Altamirano introduziu um debate suscitado pela tradução argentina do livro *Izquierda, punto cero*, obra que agrupava textos de diversos intelectuais europeus acerca dos possíveis futuros para a esquerda, de modo a considerar qual seria o futuro da esquerda argentina. As pautas e as interpretações europeias sobre a esquerda e a democracia foram apropriadas, enfim, para ajudar a pensar a situação na Argentina.

Cheresky e Godio, por seu turno, apresentaram a seguir as suas contribuições para o debate, reivindicando a necessidade de abandonar as tendências à unificação dos movimentos e da ideologia de esquerda. Entretanto, para que o socialismo fosse capaz de se reconstruir e renovar as suas forças, afirmou Godio, deveria:

⁴⁴ Cheresky e Godio eram membros bastante ativos do Club de Cultura Socialista, no qual, lembre-se, Altamirano e outros permaneceram após a crise de 1993. A listagem das conferências proferidas no Club, disponível no fundo documental referente à instituição abrigado pelo CeDInCI (Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en la Argentina), revela, ademais, que Altamirano, Sabato, Gramuglio, Nun, Torre e outros diretores e/ou colaboradores frequentes de **Punto de Vista** expuseram algumas de suas ideias (depois transformadas em artigos) ou debateram os seus artigos em conferências no Club. Altamirano foi um dos mais regulares conferencistas do Club durante os anos noventa e na década seguinte. Ou seja, mesmo após o “cisma”, continuaram ocorrendo intercâmbios entre a publicação e o Club e em vários momentos é possível afirmar, como no caso das eleições de 1997, que a visão de política discutida no Club predominou nas páginas de **Punto de Vista** em detrimento das leituras que o Conselho poderia ter realizado. Esse é um dos elementos da polêmica que motivou o debate publicado no número 61.

[...] a) [promover] a crítica radical de seus primeiros intentos históricos, a qual inclui recuperar os sucessos parciais; b) [almejar] a integração do marxismo em um cenário pluricultural de progresso social da humanidade; e c) considerar como forças motrizes da história as classes e grupos sociais que demandam uma economia mundial participativa, ecologicamente sustentável e capaz de gerar empregos para todos e uma cidadania social universal. Nesse apertado resumo de “contra-tendências” ao capital se encontram os principais núcleos teóricos para restabelecer o imaginário de progresso socialista. Dever-se-ia agregar, como tema central, a questão do feminismo e da libertação da mulher. (Julio Godio, intervenção no debate “¿Tiene futuro la izquierda?”, **Punto de Vista**, n. 57, abr. 1997, p. 34, tradução nossa)

Aceitando as coordenadas propostas por Godio como relevantes – e considerando que a publicação as desenvolvia desde alguns anos –, **Punto de Vista** publicou no número seguinte, o 58 (de agosto de 1997), mais um artigo de Oscar Terán sobre o passado da esquerda nos sessenta, dessa vez dedicado ao período imediatamente posterior ao investigado em seu livro *Nuestros años sesentas*, aquele iniciado em fins da década de 1960 e encerrado pelo golpe de 1976. Todavia, isso não era suficiente e as demandas locais impunham à discussão sobre o futuro da esquerda uma reflexão particularizada sobre a situação eleitoral e a vitória da Alianza nas eleições legislativas em 1997. A publicação organizou, naquela ocasião (mais especificamente no dia 27 de outubro, algumas horas após as eleições), um debate com a participação de Tulio Halperin Donghi, José Nun e Juan Carlos Torre. Os três concordavam em termos gerais que o sucesso da Alianza representava uma forte tendência a votar contra Menem, mas pensavam que o triunfo não se devia apenas a isso. Buscaram nesse “algo mais” elementos para considerar as possibilidades de reavivamento da esquerda na Argentina, apesar de discordarem no que concernia às estratégias utilizadas pela Alianza para se eleger. Afinal, consagrava-se, mais do que a esquerda, uma frente de oposição oferecendo um programa declaradamente moderado, sem promessas de transformações estruturais profundas. Isso teria sido decisivo para a sua vitória, segundo Torre, ao não afugentar eleitores mais arredios em relação a grandes transformações.

Em um debate político raro naquela circunstância na revista, os três continuaram a discutir política partidária, promessas de campanha e possibilidades de mudança com a ascensão da Alianza. E chegaram a conclusões variadas, especialmente no que cabia ao peronismo e aos seus futuros desafios. De qualquer forma, não se tratava de um posicionamento oficial da revista, afinal, não obstante a importância dos três autores como intelectuais na Argentina, nenhum deles pertencia ao Conselho da publicação. Aliás, desse momento em diante, no que diz respeito à política, **Punto de Vista** se esquivou a oferecer posicionamentos oficiais do periódico em editoriais, optando, prioritariamente, pela

publicação de debates coletivos. Isso indica uma estratégia de abordagem dos temas políticos mas não oblitera o possível cenário de discordâncias entre os membros do Conselho que provavelmente começava a inviabilizar a construção de consensos capazes de representar o coletivo intelectual da revista em manifestações coletivas do tipo dos editoriais. E reforça outrossim a avaliação outrora exposta, de que a revista se enfraqueceu politicamente nos anos 1990.

Para reforçar essas considerações atinentes às transformações do coletivo de intelectuais nos anos noventa, basta recuperar o debate publicado no número 61 (de agosto de 1998), intitulado “Debate sobre política e ideas”. Com a participação de Carlos Altamirano, Jorge Dotti, Adrián Gorelik, María Teresa Gramuglio, Hilda Sabato, Beatriz Sarlo, Oscar Terán e Hugo Vezzetti – ou seja, dos Conselhos de Direção e Assessor existentes à época apenas Monjeau, Filippelli e Beceyro não participaram –, a versão em texto do diálogo começava com um texto de explicação sobre as suas motivações que parece ainda mais relevante para compreender os posicionamentos da revista a respeito da política e da esquerda do que as próprias intervenções individuais, algo repetitivas em termos dos argumentos utilizados. Nesse texto se lê:

Em uma reunião do Conselho de Direção e do Conselho Assessor de *Punto de Vista* decidimos encarar uma conversa sobre atualidade política. Analisando, segundo nosso costume, o último número da revista (nesse caso o número 60, sobre arte e estética), **algum de nós observou que, aparentemente, podíamos organizar um número sobre o eixo da arte contemporânea, mas que seguramente resultaria complicado fazê-lo sobre o eixo da política. Foi dito que *Punto de Vista* havia tratado de opinar sempre, de maneira simultânea e igualmente intensa, sobre questões culturais e políticas. Porém, a situação atual nos impulsionava para que o político entrasse somente sob a forma de um debate mais ou menos histórico, mas não de uma discussão de atualidade: ou que, quando encarávamos a atualidade, nos últimos tempos não tínhamos sido nós quem assinou os artigos publicados pela revista e nenhum dos diretores havia participado no painel organizado sobre as eleições de 1997. Talvez essa descrição não fosse de todo exata, mas refletia bem um sentimento de grupo.** O desafio estava posto à mesa. Poucos dias depois, no início de junho de 1998, reunimo-nos de novo na redação de *Punto de Vista*. Desde o princípio ficou claro que aqueles que participavam da conversa se remetiam de maneira mais próxima ou distante ao espaço político que a FREPASO abriu há poucos anos. **O desacordo atual com a FREPASO é o de um grupo que teve talvez mais esperanças que as razoáveis.** Mas se tratava, em todo caso, de uma discussão que fazíamos a partir do cenário político que haviam montado os dirigentes que hoje julgávamos de maneira bastante crítica. Não discutimos mais temas que os aqui estabelecidos. Tampouco nos referimos aos evidentes limites políticos do radicalismo, já que nossa preocupação girava ao redor de uma estratégia que fosse verdadeiramente reformista, ou seja, que se mostrasse capaz de pensar a mudança, e as condições ideológicas de possibilidade ou impossibilidade da

FREPASO dentro da Alianza. A conversa durou várias horas e o que se transcreve é, claro, uma síntese. Combinamos acompanhar essa síntese de quatro comentários, realizados tomando-a como ponto de partida ou como pretexto de outras ideias que não estiveram presentes na discussão. Tal é o caso do artigo de Adrián Gorelik, que procura mostrar os limites de ideias e de ação política no governo da cidade de Buenos Aires. Os comentários e apontamentos críticos foram escritos por Alejandro Blanco, Isidoro Cheresky e Jorge Myers. (Apresentação a “Debate sobre política e ideas”, **Punto de Vista**, n. 61, ago. 1998, p. 18, tradução e destaques nossos)

A percepção alcançada nesta tese por meio da análise das edições de **Punto de Vista** publicadas nos anos 1990, como se evidencia, foi motivo de interrogação entre alguns dos intelectuais do Conselho de Direção em fins daquela década, destacadamente Carlos Altamirano – Gorelik menciona que a discussão foi suscitada por uma observação de Altamirano “sobre a miséria das ideias políticas na Argentina”. Apesar dos argumentos de que a revista se ocupava com intensidade equivalente da cultura e da política, a avaliação coletiva sinalizou que as atualidades ou haviam estado ausentes ou tinham sido objeto de artigos produzidos por autores externos ao Conselho, o que parecia não importar a certos membros do coletivo enquanto incomodava a outros. No debate transparecem, ademais, as divergências dos membros do Conselho em relação ao apoio anteriormente conferido à FREPASO, o que contradiz parcialmente as afirmações de Sarlo em entrevistas de que a sua militância mais efetiva junto à Frente não teria incomodado aos demais. Por seu turno, em 1998, o coletivo já havia se afastado da FREPASO e lia com lentes críticas a Alianza, mas o diálogo ofereceu a oportunidade de publicizar as avaliações críticas de **Punto de Vista** em relação ao seu passado recente de apoios político-partidários visando a constituição de novas culturas políticas de esquerda na Argentina.

Diversos argumentos do debate anterior de Altamirano, de Cheresky e de Godio foram retomados, assim como algumas das avaliações de Halperin Donghi, de Nun e de Torre foram direta ou indiretamente escrutinadas. Denunciava-se, nessas páginas do número 61, a pobreza de propostas da Alianza para além do objetivo de derrotar Menem, o esvaziamento da FREPASO ao se unir à UCR em uma frente mais ampla em 1997, o aprisionamento dos discursos dos intelectuais de esquerda por conta dos meios de comunicação de massa, as dificuldades de relacionamento entre os intelectuais e a política/o político, as possibilidades/impossibilidades de construir uma nova política em torno da disputa que viria contra Menem (antes da impugnação de sua possibilidade de concorrer à reeleição) nas eleições presidenciais. Uma síntese oferecida ao longo do debate (mais perto de seu término) por Adrián Gorelik explicita de maneira razoável certas convicções gerais do coletivo

intelectual, não apenas por conta das ideias expostas, mas também pela posição que o arquiteto ocupava à época naquela sociabilidade:

Adrián Gorelik: A fórmula “miséria de ideias” descreve o drama do reformismo, já que os movimentos radicalizados creem que estão cheios de ideias mas simplesmente porque se propõem fórmulas impossíveis, inadequadas ou absurdas. **Nas tentativas de construção, nos últimos anos, de uma alternativa reformista desde a esquerda, vivemos esse drama em vários níveis. Por um lado, o da relação entre intelectuais e política.** A experiência desses últimos tempos mostrou duas alternativas possíveis: **ou se acompanha a política aceitando completamente sua sabedoria e sua lógica, e portanto a tarefa intelectual se reduz à justificativa a posteriori, ou, frente à impossibilidade de subscrevê-las em conjunto, apenas resta a retração.** Por outro lado, o nível da prática reformista concreta. É curioso notar que as dúvidas provocadas possivelmente pela Alianza nas questões gerais se agigantam ao direcionar o foco sobre temas específicos, por exemplo, políticas de saúde, políticas urbanas em Buenos Aires etc. E isso é o contrário do reformismo. Em uma política reformista poderíamos ver ações muito fortes em temas específicos e, contudo, detectar a ausência de ideias gerais; porém, aqui é o contrário. [...] Finalmente, o terceiro nível que quero assinalar é o da produção de uma chefia política. [...] a FREPASO não tem uma segunda linha forte de dirigentes e isso se admite como uma importante carência, mas quando algum dos que poderiam ser da segunda linha expõe uma ideia é censurado fortemente pela primeira, o que não contribui muito para formar essa segunda linha indispensável. Bem, creio que nesses três níveis se manifesta claramente a relação atual entre insuficiência das propostas e drama do reformismo. **Mas estou convencido de que essa situação de estagnação não é apenas mais um episódio na construção de uma alternativa política reformista [...], mas mostra os limites do reformismo como ponto de chegada de um ciclo histórico. A FREPASO é o melhor que podemos conseguir: reuniu o melhor que havia em política, teve o apoio de setores sociais, navegou uma onda democrática. Alguns de nós fomos entusiastas dessa onda, e então me pergunto como contribuimos para esse desenlace, se não haverá pesado nessa crise o forte moderantismo ao qual nós mesmos nos submetemos, quase como uma espécie de castigo de convertidos: depois de ter pedido a revolução, apenas havia que se pedir um país normal, onde, simplesmente, se evitem as rupturas. [...].** Creio que o desafio ao qual nós intelectuais reformistas não soubemos responder foi o de detectar e produzir ideias menos coladas à política estritamente possível, que pudessem ser tomadas pelos políticos reformistas para gerar as novas imagens do país que deviam ser propostas – e o fato de que isso pareça quase um anacronismo mostra com clareza os limites da situação. (Adrián Gorelik em “Debate sobre política e ideias”, *Punto de Vista*, n. 61, ago. 1998, p. 27, tradução e destaques nossos)

A intervenção de Gorelik transcrita revela quais as principais questões postas para o coletivo de intelectuais de **Punto de Vista** em fins dos anos 1990: como ser reformista e defender ideias de esquerda ao mesmo tempo, sem se render ao moderantismo e visando a defesa de transformações sociais mais significativas. Esses problemas incomodavam aos intelectuais do Conselho desde o início da década e a publicação de uma série de artigos antes

comentados nos quais se problematizava as relações entre socialismo e democracia e se discutia como ser socialista diante da crise ampla das utopias – a exemplo do muito relevante texto de Habermas – indica isso com precisão. Nesses termos, as glosas de Blanco, de Cheresky, de Myers e do próprio Gorelik ao debate do número 61, publicadas subsequentemente no mesmo volume, pouco ou nada acrescentaram de importante, bem como o artigo publicado do filósofo italiano Paolo Flores d’Arcais no número 62 (de dezembro de 1998) somente reforçava a demanda pela mais adequada compreensão acerca do lugar do indivíduo libertário em face da ampla crise mundial da esquerda.

Pode-se considerar que a reflexão inaugurada no número 61 interrompeu em **Punto de Vista**, portanto, um período de menor incidência de publicações acerca da política cotidiana, da política partidária, o que forçava a revista a refletir sobre o que considerava importante àquela altura em uma cultura política de esquerda para o país. Essa reflexão se completou, de alguma maneira, no número 65 (de dezembro de 1999), em que se veiculou um novo debate coletivo entre os membros dos Conselhos de Direção e Assessor. Em “Debate sobre la transición”, do qual participaram Carlos Altamirano, Jorge Dotti, Adrián Gorelik, María Teresa Gramuglio, Federico Monjeau, Hilda Sabato, Beatriz Sarlo, Oscar Terán e Hugo Vezzetti, nota-se, inicialmente, como o coletivo intelectual não repetiu o comportamento de 1997 e decidiu se reunir imediatamente após as eleições nacionais para discutir a conjuntura, concentrando-se na “paisagem política e social da transição.” (tradução nossa) Altamirano se perguntava, ademais, logo no início do texto: “Qual é a paisagem da Argentina em fim de século?” Era uma paisagem de futuro político incerto diante da eleição de Fernando de la Rúa, na qual temas como os direitos humanos se tornavam cada vez mais fortes – boa parte da discussão publicada é sobre direitos humanos – e nesse quadro de recente derrota do peronismo mas de impactos tão duradouros da chamada década menemista, o coletivo de intelectuais da revista se posicionava, no texto, como oposição ao governo recém-eleito, buscando refletir a respeito de algo sintetizado por Gorelik:

[...] Como evitar ser [...] simplesmente um fragmento de esquerda cultural frente a uma sociedade que vota como vota e que toma as decisões que toma também quando vota contra Menem, porque evidentemente é uma sociedade que não quer conflitos. E pior, que quando há conflito elege do modo oposto ao que queríamos [...]. Poder-se-ia pensar que isso foi sempre assim. Porém, houve um momento em que a Frepaso pareceu ser a articulação entre uma série de reivindicações e a possibilidade de traduzi-las politicamente a fim de que extrapolassem os limites tradicionais da esquerda. Isso é o que se quebrou. **E isso nos obriga a pensar, como em outros tempos, o que significa construir um discurso intelectual de esquerda que, na paisagem atual, tem poucas probabilidades de tradução política.** (Adrián Gorelik

em “Debate sobre la transición”, **Punto de Vista**, n. 65, dez. 1999, p. 10, tradução e destaques nossos)

O trecho final do fragmento transcrito mostra como o otimismo e a esperança da revista sobre a articulação dos discursos intelectuais na sociedade, expressos principalmente nos textos de Sarlo publicados nos anos 1980, havia se transformado em uma avaliação bem menos alvissareira cerca de vinte anos depois. A simples administração do Estado democrático, sem grandes transformações estruturais, não tinha garantido, na avaliação de **Punto de Vista**, as mudanças políticas necessárias entre a população para que os processos decisórios fossem mais do que “radicais X peronistas”. Nesse sentido, Isidoro Cheresky, em seu texto/comentário ao debate publicado no mesmo número, intitulado “El mensaje de las urnas”, asseverou: “O fim do ciclo político menemista se vincula ao fim de século e nos arranca um suspiro de alívio ao que sucede um estado de perplexidade.” E continuou: “As recentes eleições gerais emitiram uma mensagem clara a respeito do passado menemista mas incerto e perturbador em relação ao futuro.” (Isidoro Cheresky, “El mensaje de las urnas”, **Punto de Vista**, n. 65, dez. 1999, p. 12, tradução nossa) Não havia como imaginar quão incerto e quão perturbador seria o futuro do governo capitaneado pela Alianza.

O debate publicado no número 65 é significativo, também, porque a próxima reflexão mais contundente a respeito da cultura política de esquerda na Argentina apareceu somente no número 74 (de dezembro de 2002), exatamente quando a conjuntura era de consternação sobre a crise desenrolada durante o governo da Alianza que culminou em uma série de rupturas político-institucionais desde dezembro de 2001. Na edição de 2002, por seu turno, veiculou-se um pequeno dossiê intitulado “¿Hay futuro para la Argentina?” Se cinco anos antes, Altamirano, Cheresky e Godio se questionavam, no número 57 (de abril de 1997), se haveria futuro para a esquerda, a interrogação havia se ampliado para uma dimensão que, sem excluir a problematização do futuro da esquerda argentina, incorporava a possibilidade de ruptura política do Estado em uma amplitude muito mais significativa. Os artigos de Sarlo, “El dilema”, e de Gorelik, “El paisaje de la devastación”, beneficiavam-se de análises publicadas pela revista desde fins de 2001 para oferecer um posicionamento acerca dos dilemas da centro-esquerda argentina, inclusive quando comparada à vitória de Lula nas eleições presidenciais no Brasil.

Em “El dilema”, a diretora de **Punto de Vista** se lançou à tarefa de se questionar a respeito do que o progressismo havia realizado ou deixado de realizar quando se comparava a crise enfrentada pelo país à então recente vitória eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva e do

PT no Brasil⁴⁵. Em tom que pode ser considerado até mesmo excessivamente otimista em relação ao que a vitória de um operário representava e ao que o governo petista poderia realizar, Sarlo aproveitou a ocasião para assinalar como a política argentina estava estruturalmente velha e não podia, não queria e nem mesmo imaginava a tarefa de se reformar. Enquanto isso, haveria restos de uma centro-esquerda fracassada junto ao colapso do governo da Alianza, aos quais se somavam os dissidentes dos grandes partidos, entre eles Néstor Kirchner, naquele fim de 2002 em pleno processo de preparação para a disputa das prévias eleitorais do Partido Justicialista. Sarlo faz questão de identificar os vários elementos que compunham o dilema argentino naquela conjuntura (pobreza, insegurança, crise econômica, crise institucional), mas também estava em pauta a antipolítica, motivada pela descrença de que alguma força poderia representar uma mudança significativa. Paradoxalmente os gritos para “¡Que se vayan todos!” expunham exatamente o contrário, a inexorabilidade da política na sociedade argentina.

Gorelik, por sua vez, constatou como a cidade era “uma das formas mais concretas do colapso do ciclo democrático.” Em “El paisaje de la devastación”, escrito a partir de uma abordagem centrada na história da cultura urbana, o arquiteto comparou o colapso político ao colapso urbano a ele intrinsecamente vinculado:

Desde dezembro sabemos que um ciclo completo da vida política argentina colapsou e, mesmo que seja impossível ser otimista, não é simples ainda predizer que formas concretas assumirá a nova paisagem que saia de suas ruínas. Mas com a cidade é diferente: a cidade é a paisagem. A cidade é hoje uma das formas mais concretas do colapso do ciclo democrático, sua marca material: não é habitual a sincronia entre os tempos da política e os tempos da cidade, mas dessa vez a derrocada não oferece a trégua de antigos remédios, representa-se ante nossos olhos minuto a minuto, com cenas há pouco impensáveis de miséria e degradação, dando-nos a certeza física de sua radicalidade. Paradoxalmente, porém, essa mesma radicalidade e a rapidez das mudanças que indiquei tem um efeito paralisante, tendem ao puro presente: uma sensação de *impasse* desde a qual se concebe a cidade como um cenário inerte, “invadido” pela crise e no qual somente resta esperar que em algum momento “passe” e “retorne-se à normalidade”. Também nisso, como se vê, a cidade dá uma boa medida da atitude mais generalizada ante a ruína da política e das instituições. (Adrián Gorelik, “El

⁴⁵ Sarlo comentou, na entrevista/diálogo com Carol Pires publicada na revista brasileira **Piauí**, em 2011, a sua percepção sobre Lula: “Quando o nome de Lula surge, ela [Sarlo] se acende. ‘Ele representa o triunfo de um projeto de longo prazo, a construção de um partido’, explicou-me. ‘Representa também a realização de um grande ideal dos anos 60 e 70: é um grande dirigente trabalhador que se converte em artífice do espaço político. É um homem que soube esperar, soube assimilar a derrota.’ Ela já esteve uma vez com o ex-presidente brasileiro, quando recebeu a medalha de Ordem do Mérito Cultural. Quebrou o protocolo, que a mandava receber a medalha e voltar a sentar. Pois ela atravessou o palco para abraçar Lula. ‘No ano que vem, quando o senhor ficar desempregado, vá para a Argentina que daremos um jeito de elegê-lo”, disse. Lula respondeu-lhe com um abraço. ‘Naquele momento, senti o poder físico do carisma’, lembrou.” (SARLO, 2011)

paisaje de la devastación”, **Punto de Vista**, n. 74, dez. 2002, p. 5, tradução nossa)

A cidade se convertia em um microcosmo no qual a crise se revelava de maneira direta e brutal, porque às cidades – principalmente a Buenos Aires, mas também a outras cidades argentinas mais populosas – convergiam pessoas em busca de alternativas para superar o colapso. Ou seja, a crise havia deixado marcas profundas e incontornáveis, visíveis até mesmo na materialidade das cidades. Era preciso imaginar projetos de sociedade de médio e de longo prazo, como, na visão da revista, o PT havia feito e fazia no Brasil. Mantinha-se, pois, a defesa de uma cultura política de esquerda pluralista e baseada em uma coalizão (como a que o PT teve que construir para alcançar a vitória) e nesse sentido o entusiasmo com o PT e com Lula parece ter sido usado pelo periódico para demonstrar como era possível alcançar uma cultura política antipopulista. Essa discussão específica apareceu em um artigo do crítico literário brasileiro radicado nos EUA, Idelber Avelar, publicado no número 77 (de dezembro de 2003), intitulado “La experiencia del PT y la superación del populismo en Brasil”.

No artigo, após narrar de forma sintética a história de formação do PT e recuperar alguns momentos da presença de Lula no processo, o autor explicita as ações utilizadas para promover o crescimento da representatividade do partido desde fins dos anos 1980, com destaque para a ampliação das lideranças legislativa e, evidentemente, para a vitória nas eleições presidenciais em 2002, após uma trajetória de reveses e de estudo de estratégias para revertê-los. Mas nem só de avaliações positivas se constrói o artigo: frente as necessárias alianças com as forças políticas de centro visando a vitória, Avelar identifica algumas das consequências negativas de um período de concessões:

É certo que houve, além das concessões graduais no terreno da política econômica, erros ou escolhas preocupantes, como a liberação (por 12 meses) dos grãos transgênicos, a omissão diplomática durante a negociação de Kirchner com o FMI, a truculência da Casa Civil da Presidência ao lidar com a resistência de esquerda do partido à política econômica, a imperdoável anteposição de recurso à decisão judicial de que as Forças Armadas deveriam divulgar o necessário para o enterro dos 60 cadáveres clandestinos da guerrilha do Araguaia (1972-73). Mas também é certo que em quase todas as outras áreas (a relação com o parlamento, com a justiça, a política externa, a cultura) o salto qualitativo em relação à social-democracia neoliberal de Cardoso é visível. Na política externa, em que – apostamos muitos – se joga grande parte da possibilidade de êxito, as prioridades inequívocas são o Mercosul (ancorado na relação prioritária com a Argentina) e a constituição de um grande bloco comercial e político entre nações como Brasil, África do Sul, Índia, Rússia e China, capaz de alterar a correlação de forças e as regras do comércio, da política e da diplomacia no mundo. Grande parte da nova política interna, e toda a política externa (cujo emblema foi a liderança compartilhada com a Índia na luta dentro da

Organização Mundial de Comércio, reunida em Cancun), permitem vislumbrar o que ansiávamos ao eleger Lula: a transformação do Brasil em um país menos desigual, mais justo e mais democrático, tarefa inseparável do estabelecimento de uma ordem internacional alternativa tanto ao império quanto ao seu inimigo fundamentalista. (Idelber Avelar, “La experiencia del PT y la superación del populismo en Brasil”, **Punto de Vista**, n. 77, dez. 2003, p. 5, tradução nossa)

O artigo de Avelar estimulava uma comparação entre as esquerdas na América Latina, extrapolando outrossim as fronteiras nacionais dentro das quais **Punto de Vista** havia se mantido estritamente, na reflexão sobre a esquerda, desde meados dos anos 1990. A euforia com o governo Lula frente ao governo Kirchner na Argentina associada às desconfianças em relação ao peronismo se conservou na revista até o número 83 (de dezembro de 2005), quando foi veiculado o texto do antropólogo uruguaio radicado no Brasil, Enrique Rodríguez Larreta, sobre a crise motivada pelas denúncias de corrupção no governo brasileiro, momento lido ademais como de crise de identidade do PT e da esquerda brasileira.

A crise da esquerda passava a ser latino-americana ou pelo menos sul-americana e nesse âmbito o outro – no caso, o Brasil – já não serviria mais necessariamente como parâmetro para a crítica de Kirchner. Contudo, para o autor, a situação da “crise brasileira afeta[va] profundamente a interpretação da mudança social e a perspectiva das forças progressistas da América Latina e de outras partes do mundo, e preocupa[va] a muitos intelectuais comprometidos.” (Enrique Rodríguez Larreta, “La doble crisis brasileña. Notas para una epistemología”, **Punto de Vista**, n. 83, dez. 2005, p. 45, tradução nossa) Tratava-se, para o autor, da coincidência de uma crise de poder com uma crise de identidade do PT, de consequências então imprevisíveis. A essa altura, no entanto, as dúvidas a respeito da identidade dos agrupamentos de esquerda não era exclusiva do partido brasileiro: a própria esquerda nucleada em **Punto de Vista** já não era mais a mesma, como se mostrou, por conta da desmontagem do coletivo intelectual em 2004, no número 79. Não por acaso, antes do encerramento da revista em 2008, a série “El juicio del siglo” não trouxe um texto de síntese sobre a cultura política de esquerda na Argentina ao longo do século XX, mas preferiu tratar do peronismo como objeto. Essa é uma escolha relativamente impactante para uma publicação que manteve, desde os anos 1970, relações de estímulo, de aceitação e de recusa dos projetos da esquerda, mas que havia reivindicado constantemente a sua identidade como um coletivo de intelectuais de esquerda.

De alguma maneira, a fragilização gradativa da problematização da cultura política de esquerda na Argentina por **Punto de Vista** pode ser lida como um exemplo de certas debilidades das tradições de esquerda no país diante de um peronismo preponderante, como

indicaram Sarlo e Altamirano nas entrevistas que concederam a Javier Trímboli, publicadas no livro *La Izquierda en la Argentina*, de 1998. O esforço do coletivo intelectual do periódico para estruturar (por meio das suas análises sobre os intelectuais e sobre a esquerda) um lugar social, político e cultural específico na Argentina, ao mesmo tempo próximo e distante das tradições e dos grupos da esquerda a partir dos quais o periódico se originou, parece ter perdido pujança exatamente depois de sua constituição mais evidente. No início dos anos 1990, as sucessivas decepções com as alternativas político-partidárias em pauta na Frente Grande, na FREPASO e na Alianza se converteram, na dinâmica interna à sociabilidade e no projeto editorial expresso por meio das publicações veiculadas, em evidências de uma crise não contornada até o término da revista em 2008.

Nesse sentido, a despeito da defesa duradoura de uma cultura política de esquerda renovada e não dogmática frente às constantes forças políticas do radicalismo e do peronismo – defesa expressa na relevante produção comentada nesse item –, **Punto de Vista** parece ter sentido, durante a década de 2000, os efeitos de um processo interno indicado por alguns de seus diretores na década anterior e não completamente solucionado, qual seja, o afastamento do periódico das reflexões mais diretamente voltadas à política imediata, às questões partidárias e à constituição de uma plataforma de ideias que se pudesse oferecer como alternativa às forças políticas tradicionais. Para uma parte do Conselho de Direção da revista, como se mostrou, esse processo de diminuição da reflexão sobre política não teria sido tão significativo, afinal, a discussão acerca da esquerda na revista e mais especificamente o processo de conversão da esquerda em um objeto da cultura intelectual extrapolaram, ao longo de trinta anos, a análise relativa à cultura política. Deram-se, outrossim, nos debates sobre crítica cultural e literária, nas análises sobre Psicologia, Psicanálise e Arquitetura, nas críticas dos outros objetos da cultura, nas avaliações acerca dos intelectuais e até nas reflexões sobre o peronismo, como se mostrará a seguir.

3.3. Uma leitura do peronismo

Até este ponto da tese foi possível mostrar como **Punto de Vista** se posicionou indiretamente em relação ao peronismo no que diz respeito a certa tradição de crítica da cultura a ele filiada – questão abordada no segundo capítulo – e explicitar como em termos políticos a revista dialogou com intelectuais, grupos e revistas peronistas alinhados à esquerda desde os anos 1980 (as relações do peronismo com a esquerda inclusive se tornaram um dos objetos de Carlos Altamirano). Contudo, se o peronismo é, como se disse, uma cultura

política plural e, nesse sentido, um objeto complexo, a abordagem a respeito do tratamento conferido pelo periódico ao tema também precisa necessariamente abarcar essa complexidade.

Pretende-se, pois, discutir a leitura que a revista elaborou sobre o peronismo de um ponto de vista mais especificamente político, procurando demonstrar como é possível notar nessa leitura a prioridade atribuída a dois eixos de articulação: o primeiro deles é composto pelos debates acerca do peronismo e pelas questões eleitorais e o segundo é estruturado pela problematização das relações entre o peronismo e a esquerda. Compreende-se que não houve na revista um projeto de releitura crítica profunda do peronismo como se fez na historiografia nos anos 1980 e 1990, conforme mostrou Marisa Montrucchio (2001). **Punto de Vista** reconheceu, entretanto, a complexidade da cultura política peronista, pois a publicação dialogou com grupos peronistas nas décadas de oitenta e de noventa, de maneira mais próxima ou mais distante. Parece cabível afirmar que, como se disse no início desse capítulo, a revista se posicionou a partir de uma “situação revisionista”, para usar a expressão de Altamirano.

Com exceção das referências diretas e/ou indiretas à tradição crítica da cultura associada ao peronismo, a primeira discussão específica de **Punto de Vista** acerca da cultura política peronista apareceu no editorial do número 19 (de dezembro de 1983), exatamente no editorial em que o peronismo surgiu como a força política derrotada diante de Alfonsín. Trata-se de editorial muito relevante, pelo conteúdo e pelo contexto de enunciação, no fim da ditadura:

Depois das eleições de 30 de outubro, a Argentina se dispõe a iniciar uma nova etapa sob o signo da democracia. Todas as esperanças se condensaram nessas duas palavras, sobre as quais parece necessário se interrogar. **Pela primeira vez em sua história, o peronismo perdeu uma eleição realizada sem proscricções** e, o que é sem dúvida mais significativo, pela primeira vez nos últimos trinta anos outro grande partido construiu uma maioria eleitoral que inclui não apenas as camadas médias mas também importantes porções operárias e populares. **Produziu-se também uma dupla renovação ideológica e política: se, por um lado, o radicalismo aparece como um partido que conseguiu superar a média estável mas pouco atrativa que constituía a herança do antiperonismo**, primeiro, e do entendimento Perón-Balbín mais tarde; por outro lado, o discurso de Alfonsín descobriu e articulou com êxito uma temática antiautoritária e democrática, lemas de uma sociedade menos desigual que atendesse às urgências da miséria, do desemprego e da devastação econômica.

Diferente de 1973, nessa eleição se dirimiram questões mais complexas do que o repúdio nas urnas a uma ditadura militar e a alternativa oferecida pelo radicalismo é, fundamentalmente, responsável por isso. Os argentinos não se viram forçados à ilusão unificadora de que a saída para a crise podia provir somente de um projeto (naqueles anos, o do peronismo ou, melhor, dos

diversos e contraditórios projetos que se albergavam sob essa denominação política). **Em 1983, não se votou simplesmente contra um governo militar, mas o voto incluía uma opção clara por um ou outro modelo de funcionamento político que, de vários modos, podia ser detectado não apenas nas propostas explícitas de um ou outro partido mas nas modalidades diferentes com que ambos haviam encarado as tarefas de sua reorganização interna e do tipo de relação que estabeleciam entre seus filiados e suas direções.** Assim como na década anterior o funcionamento do peronismo em relação à sua direção pessoal parecia proporcionar a ilusão de que, trasladado à sociedade, essa resolveria por vias análogas seus conflitos, hoje os temas democráticos do discurso alfonsinista se viam reforçados, na prática pré-eleitoral, pelo funcionamento institucional de um partido que precisou, em pouco mais de um ano, resolver contradições ideológicas e de poder cuja profundidade talvez se mostre nos anos que virão. Para milhares de argentinos, o período pré-eleitoral se converteu em um laboratório político: desde as filiações massivas para as eleições internas, pôs-se à prova (ainda que essa prova não se possa reclamar hoje como definitiva) o discurso e a prática partidária.

Se a riqueza desses meses prévios a outubro poderá se consolidar em novas formas políticas, somente se resolverá de agora em diante. O que se pode hoje afirmar são algumas das razões de um resultado eleitoral que há não mais de um ano teria sido imprevisível. O alfonsinismo sintonizou não apenas necessidades reais da sociedade argentina, mas também sua expressão mais difusa: estados de ânimo, marcas deixadas pelas experiências da década (e não somente pela ditadura militar), tensões renovadoras que provinham do novo eleitorado juvenil marcado talvez profundamente por uma subcultura com traços antiautoritários. Seu discurso, que não esteve prioritariamente caracterizado pela promessa de mudanças espetaculares, enfatizava algumas certezas nas quais uma parte da sociedade identificou uma renovação menos exagerada do que profunda do funcionamento institucional desejável para que o país encare as tarefas de reconstrução sem que elas signifiquem sacrificar a reparação moral e material do sucedido nesses anos. O novo que esse discurso transmitia pode ser resumido em alguns temas: democracia política, democracia sindical como requisito para melhores condições de negociação para os setores operários e populares, controle governamental das corporações que, como a militar, haviam substituído a legalidade institucional por uma regulação que pressupunha a violência. Em suma: contra a prepotência dos fortes, dos grupos de poder, das panelinhas, era a mensagem que, atrelada ao preâmbulo da Constituição, foi vivida como algo a uma só vez novo e possível.

Após uma recuperação das características principais do processo que precedeu as eleições, o Conselho de Direção da revista indicava alguns possíveis desdobramentos para o futuro:

Talvez convenha agora refletir sobre o alcançado em 30 de outubro. Depois de quase uma década em que a própria existência das formas institucionais democráticas foi reprimida, a Argentina se colocou na linha de partida: abriu-se somente a possibilidade de construir um país no qual a política não seja patrimônio de minorias assistidas pela força ou forma que uma ilusão participativa que, nos fatos, apenas referende ou rechace a resolução das grandes questões que, daqui em diante, deverão ocupar o espaço do debate público, do qual não deveriam ser extirpadas nem por razões técnicas (que encobrem uma modalidade contemporânea do elitismo ilustrado), nem pelas

enormes dificuldades materiais e concretas, urgentes como nunca, a enfrentar. A Argentina pode se propor, também, justiça no terreno dos direitos humanos e uma ação pública e inclusiva que ponha as bases de uma restauração ética da sociedade.

Abriu-se também a possibilidade de reexaminar criticamente nosso passado mais recente, condição indispensável para a produção de uma esquerda que não sucumba à dupla e deformante tensão para o populismo ou o dogmatismo. Nessa conjuntura, a franja das esquerdas partidárias (um dos grandes derrotados eleitorais) foi teimosamente cega aos conteúdos e formas que estavam em debate, repetindo (com uma forte dose de arcaísmo) oposições que não descreviam a situação real da sociedade argentina.

Trata-se então de encarar o desafio estabelecido pela complexidade de questões que hoje colocou sobre a mesa o resultado eleitoral, expressando uma reivindicação profunda e válida de reformulação político-institucional.

Abriu-se, também, uma etapa de fluidez nas identidades políticas e, conseqüentemente, existem condições para repensar a definição e o lugar, tanto no estado como na sociedade civil, de novos atores vinculados, ao mesmo tempo, a novas problemáticas. Nessa tarefa de imaginação política, que é de reforma institucional, de construção de novos sujeitos e de resolução das tensões (que percorreram os últimos quarenta anos de nossa história) **entre justiça social e participação democrática**, poderão ser empregadas as energias populares que a mobilização pré-eleitoral lançou às ruas e que hoje deve pesar nos espaços políticos e sociais os quais, mais do que reconstruir, é preciso redefinir globalmente. (Conselho de Direção, “Editorial”, **Punto de Vista**, n. 19, dez. 1983, p. 2-3, tradução e destaques nossos)

O peronismo foi caracterizado, no editorial, como uma cultura política que não havia conseguido se renovar ou, ao menos, parecer renovada para o eleitorado argentino em 1983, como o lograra o radicalismo. A esquerda e o peronismo, aliás, foram lidos como culturas políticas que precisavam se submeter à autocrítica, ainda que isso seja dito de forma explícita apenas em relação às esquerdas partidárias. Àquela altura, o peronismo ainda estava demasiado vinculado ao seu passado anterior à ditadura e **Punto de Vista** não enxergava outro caminho a não ser se distanciar da tradição peronista para reformar institucionalmente a sociedade, construir novos sujeitos e resolver as tensões entre justiça social e participação democrática sem dogmatismos, populismos ou controle dos setores populares.⁴⁶

⁴⁶ Nesse sentido, **Punto de Vista** parecia, até 1983, estar ainda marcada pela crítica que se havia feito ao peronismo em **Los Libros**. Na revista encerrada em 1976 houve reflexões acerca da cultura política peronista: no número 04 (de novembro de 1969), com um texto de Juan Carlos Portantiero a respeito de livros sobre o tema publicados naqueles anos – parte do que Montrucchio (2001) chamou de um conjunto de textos que começaram a digerir o tema e a colocá-lo em debate; no número 12 (de outubro de 1970), com artigos sobre Eva Perón e mais interpretações de livros a respeito; e no número 14 (de dezembro de 1970), no qual Juan Carlos Torre analisou as problemáticas relações entre peronismo e sindicatos. A partir de 1972 e 1973, a revista, como se explicou anteriormente, politizou-se gradativamente, mas a ascensão de Perón e de sua esposa ao poder e o crescimento do autoritarismo parecem ter levado a revista a preferir não tratar diretamente do tema e se concentrar na conclamação à revolução por meio dos comentários feitos sobre os movimentos políticos do mundo e os grandes exemplos advindos da China e da URSS. Ademais, vinculados naqueles anos ao PCR (Partido Comunista Revolucionario), Sarlo e Altamirano seguiram as diretrizes do partido e apoiaram – inclusive em um editorial publicado em **Los Libros** – o governo de Isabel Perón em 1975 contra a possibilidade de golpe,

A derrota peronista nas urnas, aliás, provocou em **Punto de Vista** nos anos subsequentes um movimento de diminuição da atenção às transformações em curso no interior da cultura política peronista e do Partido Justicialista. Pouco se mencionou o peronismo diretamente nas páginas da revista a partir de 1984, apesar de, como se disse, o grupo da revista dirigida por Sarlo ter dialogado com setores críticos do peronismo nucleados na revista **Unidos**. Setores com os quais os intelectuais que compunham o coletivo intelectual de **Punto de Vista** haviam debatido menos explicitamente quando alguns peronistas faziam parte do grupo exilado responsável pela revista **Controversia**, no México. Por conta disso, a despeito de menções terem sido feitas no número 29 (de abril de 1987), quando Altamirano resenhou o importante livro *Perón o muerte. Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*, de Silvia Sigal e de Eliseo Verón, e Luis Alberto Quevedo resenhou *El posperonismo*, livro de Alvaro Abós, manteve-se a abordagem restritamente política do peronismo nos momentos eleitorais, o que voltou a ocorrer somente no número 34 (de julho-setembro de 1989).

Nesse número de 1989, o objetivo de **Punto de Vista** foi discutir, em um editorial, a eleição de Carlos Menem. Pode-se dizer que foi o primeiro momento no qual a revista decidiu problematizar efetivamente, em termos políticos, o peronismo e, nesse caso, tratava-se de avaliar um peronismo “em processo”, em formação, ou seja, uma expectativa de governo apenas delineada em suas medidas iniciais (Menem tomou posse antecipadamente em julho de 1989, após a renúncia de Alfonsín). No editorial, antes comentado parcialmente em virtude de suas afirmações a respeito dos intelectuais e da cultura, a revista expressou seu receio com a eleição de um representante do peronismo distante daqueles setores com quais debateu nos anos anteriores e também, como era costumeiro nos editoriais até aquele momento, apresentou considerações breves sobre aquela circunstância de crise causada pelo fim do governo de Alfonsín:

Difícilmente uma publicação como *Punto de Vista* possa apresentar a seus leitores este número 34, correspondente ao mês de julho de 1989, sem lhes comunicar também preocupações suscitadas no Conselho de Direção pelas mudanças que se estão produzindo na Argentina.

Não pretendemos abrir hoje um balanço detalhado do desastroso desenlace da gestão radical nem, muito menos, definir o que começou a ser o governo do novo presidente e o perfil do conglomerado menemista: as transmutações, deslizamentos, mascaramentos, inclusões e exclusões foram tantos e tão vertiginosos que uma análise escrita agora corre o risco da obsolescência. O novo presidente surpreendeu o país, começando por deixar atônitos setores

comportamento que provocou a saída de Ricardo Piglia do periódico. Sua carta de renúncia à direção e a resposta a ela de Altamirano e de Sarlo foram publicadas no número 40 (de março-abril de 1975).

importantes de seu próprio partido, do que tradicionalmente se denomina sua “coluna vertebral”, e a todos aqueles que prognosticam uma reedição mais ou menos atualizada do peronismo na conhecida versão histórica. A audácia (o aventureirismo?) do doutor Menem para compor seu gabinete e recompor seu discurso anuncia tempos novos e difíceis. Ele mesmo declarou: os sacrifícios não de ser duríssimos.

O que quer dizer isso, sobretudo se não se esclarece ao mesmo tempo quem padecerá majoritariamente essa dureza? De novo, o país está à margem de mudanças que se anunciam fundamentais; a convocatória, livre de todo tom épico, é para reduzir o estado, reestruturar a economia e enfrentar as causas que conduziram à atual situação. Para encarar essas tarefas o doutor Menem chamou figuras que, de acordo com as divisões clássicas, poderiam facilmente ser posicionadas na direita. A “revolução produtiva” proposta pelo candidato se permutou em uma afirmação silenciosa de algo que evoca “a via chilena ao capitalismo”. Mas, se sabe [...], a via chilena incluiu não apenas sacrifícios muito grandes dos setores assalariados mas também repressão. É provável que o doutor Menem confie em um milagre argentino, que evite a repressão incluída no modelo implantado por Pinochet, mas restará ver se isso é possível. Enquanto os economistas debatem sobre os aspectos técnicos de planos que (usando o jargão atual) arrocham ou não arrocham, isto é, enquanto o debate se circunscreve à dimensão técnica presente em uma gestão econômica qualquer, a cidadania (estupefata pela hiperinflação que devora a própria política) pode descobrir que o conteúdo de sua opção eleitoral, que os desejos e as esperanças presentes no voto que consagrou a Menem não serão correspondidos por sua ação de governo.

A essa altura das definições parece clara a direção que se imprimirá a essa ação. Mais do que de transformações e mudanças se trata de consolidar processos que vêm se desenvolvendo há vários anos na Argentina: a polarização crescente da sociedade, a legitimação dos mecanismos mais selvagens de redistribuição das riquezas, o fortalecimento de setores econômicos cada vez mais concentrados. Ao convocar precisamente os que se destacaram nesse processo, os que lograram de uma ou outra maneira acumular poder nesses anos de misérias coletivas, Menem não faz senão eleger *um caminho*, que é o do aprofundamento do que nossa sociedade vem sofrendo desde há mais de uma década.

E, entretanto, algo que parece uma obviedade não entra (às vezes por obstáculos técnicos mas basicamente por razões políticas) no debate público: *há vários caminhos e não apenas um de reestruturação da economia*. Como demonstram outras experiências, a modernização, que sempre tem custos, não necessariamente em todos os países tem que ter custos idênticos, nem necessariamente esses dever recair sobre os mesmos setores: a política é precisamente um espaço de discussão, acordo e conflito em que são dirimidas estratégias e táticas, incluídas as da economia que não deve ser considerada uma dimensão transpolítica por mais complexa que seja, em seu âmbito, a tomada de decisões. Pelo menos em uma perspectiva de esquerda democrática, não haveria esfera em que seja impossível uma discussão de valores e, precisamente, ademais, daqueles valores de justiça e equidade, de defesa de direitos humanos básicos que constituem o suporte ideal de transformações profundas.

Concentrado até esse momento nos encaminhamentos econômicos do novo governo, o texto do editorial se volta para outra polêmica relevante da ascensão de Menem, a questão dos direitos humanos e dos juízos aos militares, um dos motivos da crise do governo de Alfonsín

e que representava as memórias em disputa na sociedade argentina da época e os esforços de alguns grupos para silenciar o “passado que não passa”, como indicaram Lvovich e Bisquert (2008). Como se sugere no texto, aliás, os acordos econômicos e os assuntos de memória não estavam assim tão apartados.

E nesse ponto, outro questionamento. Se o doutor Menem deu a entender claramente durante sua campanha que acreditava ter chegado o momento de algo chamado por ele “pacificação nacional”, que concernia aos juízos de militares que violaram os direitos humanos dirigindo a empresa de morte e tortura iniciada em 1975, a nomeação de seu ministro de defesa é um sinal bem eloquente dos termos nos quais se traduzirá essa “pacificação”. Não é necessário conjecturar muito do jurista que, em 1983, considerou que a lei de anistia, emitida por Bignone no ocaso da ditadura militar, tinha efeitos irreversíveis. O atual entendimento de Menem com os dirigentes máximos da direita ucedeísta [de UCD, Unión del Centro Democrático, partido argentino], que parece ter como base acordos sobre estratégia econômica, com toda probabilidade inclui ideias sobre o futuro dos militares que violaram direitos humanos.

Por fim, no último trecho do editorial, os argumentos são orientados mais efetivamente para a discussão de como o governo de Menem e o próprio presidente evidenciariam mudanças na cultura política peronista.

Abre-se, também, um período de mutações nos dois grandes partidos. Menem talvez possa ser considerado como iniciador de uma proposta original de direita populista: isso é, lugar de síntese dos temas ideológicos da direita com as formas de interpelação política que o fizeram o escolhido dos pobres nas últimas eleições. Até onde essa síntese será possível ainda hoje figura no elenco dos questionamentos, assim como o que concerne ao destino do que se chamou renovação peronista. Desde a oposição, o radicalismo também projeta luta ideológica para os próximos meses, luta cujos temas se encarnam no ex-presidente e no ex-candidato à presidência. As mudanças em ambos os partidos os enfrentam com conflitos de sentido e de interesses em relação às suas clientelas tradicionais, cuja resolução parece difícil de prever.

Se assim for, o campo cultural-ideológico necessitará de instrumentos independentes que possam se converter em espaços de discussão de alternativas e que, sobretudo, subsistam fora das duas grandes áreas de influência que configuram o peronismo e o radicalismo. [...]. (Conselho de Direção, “Editorial”, **Punto de Vista**, n. 34, jul.-set. 1989, p. 1, tradução e negritos nossos, itálicos no original)

É perceptível como o Conselho de Direção resolveu publicar o editorial “no calor da hora” para demarcar a sua posição diante de um governo cujas medidas iniciais sinalizavam para caminhos muito distantes daqueles considerados adequados pelos membros da revista. Para um coletivo intelectual que naqueles anos discutia modos de conciliar socialismo e democracia, um novo governo disposto a adotar tantas e tão rápidas medidas que causariam retrocessos sociais, políticos, econômicos e culturais precisava ser enfrentado por intelectuais

que dispusessem de “instrumentos independentes”, tais como, evidentemente, a própria revista se considerava. O radicalismo não mais oferecia esses espaços e a esquerda, nesse sentido, precisa se reorganizar e buscar ser a alternativa política e cultural ao menemismo, lido, cabe destacar, como “iniciador de uma proposta original de direita populista”, “lugar de síntese dos temas ideológicos da direita com as formas de interpelação política que o fizeram o escolhido dos pobres nas últimas eleições.” O movimento da renovação peronista, do qual participou o grupo de **Unidos** e que teve seu auge em meados da década anterior (ALTAMIRANO, 2004), perdia espaço no interior do Partido Justicialista, definitivamente, para uma tendência à direita que havia chegado ao poder.

Enquanto no editorial do número 34 se procurou emitir considerações a respeito de medidas então muito recentes, em um artigo publicado no número 39 (de dezembro de 1990), simplesmente intitulado “Menem”, Beatriz Sarlo avaliou retrospectivamente as consequências daquelas ações e ofereceu uma interpretação acerca do projeto político do então presidente argentino e de seu perfil particular no interior da cultura política peronista. O texto de Sarlo se preocupa, pois, em definir as particularidades e, ao mesmo tempo, em assinalar as semelhanças do projeto de Menem em relação às tradições peronistas históricas. Menem capitaneava um projeto que pretendia criar, naqueles anos, uma Nova Argentina, e desenvolvia um peronismo tão particularizado que às vezes parecia ter dissolvido a cultura política histórica em seu interior.

Quase um ano e meio passou desde que Menem assumiu a presidência e a Argentina assiste ao vertiginoso fechamento do ciclo inaugurado em 17 de outubro de 1945. **Somente um peronista poderia conseguir isso, alguém que conserva, do velho movimento, o estilo personalista, o gosto pela concentração de poder, o desprezo pelas modalidades formais da democracia e um fraseado autoritário no discurso. Da outra cara do peronismo, a da justiça social e do distribucionismo, nada resta no governo nacional; somente persiste encurralada, na defensiva, retrocedendo, em algumas situações provinciais ou em fragmentos do partido justicialista.** Menem é o enterrador do peronismo que o tornou possível primeiro como candidato e depois como presidente, ao fechar de maneira original o movimento que, quase desde o dia seguinte ao 16 de setembro de 1955, não entregava o enigma de sua resistência à dissolução. **O que resta depois do primeiro ano e meio de Menem é, precisamente, uma Nova Argentina mas não somente no sentido de uma estagnação econômica que está para completar uma década, nem um estado débil para os fortes e inacessível aos débeis, nem uma deterioração inédita nas condições de vida dos assalariados, mas também no de um questionamento sobre como será fazer política, de agora em diante, no país onde vivemos. Acostumados neste século a ciclos de incorporação aos direitos sociais e políticos de massas cada vez mais amplos, também esse ciclo terminou e o recorte de direitos e serviços não deixará intacta a trama sociocultural da nação.**

Para alguns setores do peronismo, a tarefa é relativamente simples: recolher as bandeiras abandonadas pelo menemismo que, resgatadas do pó no qual estão esquecidas, poderiam proporcionar uma vez mais a matéria ideológica e o programa de uma política popular. Se essa solução mágica muito simples não pode reunir demasiado crédito, isso se deve não apenas à sua perspectiva cega frente ao novo, mas também a esse *novo* que se produziu nos últimos anos. **Interpretar em que país se faz política hoje talvez seja a condição prévia para fazer política daqui em diante.** [...]. (Beatriz Sarlo, “Menem”, *Punto de Vista*, n. 39, dez. 1990, p. 1, tradução e destaques nossos)

Evidentemente, como parte de um grupo de intelectuais que havia dialogado com o movimento de renovação peronista derrotado por Menem dentro do Partido Justicialista nos anos 1980 e que priorizava a interpretação histórica dos objetos da política, Sarlo – ela mesma uma militante peronista na juventude, como explicou em entrevistas – não poderia considerar que Menem representava todo o peronismo (daí, inclusive, a referência nominal no título do artigo). Ele representava o *novo*, mesmo sem definir com clareza o que isso significava, a não ser enquanto um movimento de alteração da identidade política do peronismo, a ponto de se preferir tratar a plataforma do presidente por um conceito associado ao seu nome. Por conta disso, o artigo prossegue com o arrolamento de uma série de especificidades do pensamento e das ações menemistas, tais como o indulto aos militares e a recusa em discuti-lo, a recorrente estratégia de apresentar as decisões como inevitáveis, a desvalorização dos poderes Legislativo e Judiciário, a interdição dos debates mais amplos com a sociedade, entre outros. Como afirma Sarlo, a autoridade de Menem se resumia a dois enunciados: “estou decidido a fazê-lo” e “a lei me autoriza.” Ou seja, nota-se o profundo desprezo pelos fundamentos da democracia e uma noção instrumental da política. Tratava-se de um presidente que, como se lê no fragmento antes citado, quase nada conservava do peronismo histórico e que acrescentava à cultura política traços autoritários específicos.

Havia, outrossim, consequências culturais para as medidas tomadas por Menem. O presidente tinha vencido “uma batalha de ideias e de políticas” utilizando uma “máscara neutra das decisões”, de modo a provocar a aceitação da inevitabilidade das decisões. Conseguia esvaziar ideologicamente e em termos valorativos as suas ações, diminuindo ou evitando totalmente protestos contra o desprezo da administração pelas necessárias formas deliberativas da democracia, ainda mais em uma sociedade recém-saída de uma ditadura. Liquidava-se, por exemplo, muitas das conquistas da justiça social – e com ela parte da história do próprio peronismo – sob a argumentação da adoção de uma política racional e voltada à otimização do Estado. Sarlo conclui que, em termos de estilo, “as práticas e os discursos menemistas se inscrevem em uma estética do excesso e da acumulação, em que a

hipérbole (que não foi alheia ao discurso político argentino) é um procedimento retórico central.” Afinal, “o discurso de Menem se torna independente da construção referencial: diz qualquer coisa que possa servir às necessidades pontuais de uma intervenção, sem preocupações evidentes com a concatenação e contradição das diferentes intervenções em um discurso global.” O perigo? O esvaziamento simbólico: “desconstruídos [...] a narrativa e os mitos do peronismo histórico, esses não foram substituídos a não ser pelo romance burguês da racionalização mercadocrática, matéria bem pobre para substituir a identidade política que o menemismo se propõe a dissolver.” (Beatriz Sarlo, “Menem”, **Punto de Vista**, n. 39, dez. 1990, p. 3-4, tradução nossa)

Nesse processo para delimitação da leitura do peronismo realizada pela revista, cabe destacar como a produção sobre o peronismo em **Punto de Vista** evidencia a presença expressiva de Carlos Altamirano na revista até meados da década de 1990. Os textos do fundador do periódico a respeito começaram a se concentrar, diferentemente do que acontecia com os editoriais e o artigo de Sarlo, na discussão de alguns dos fundamentos da cultura política peronista e na problematização das relações anteriores e das vinculações futuras possíveis entre o peronismo e a esquerda. Apesar das diferenças nas abordagens, certamente, a causa era a mesma: o menemismo forçava os intérpretes minimamente interessados em ressaltar a complexidade identitária, cultural e política do peronismo a explicitar as características do conjunto de referências que compunham, historicamente, tal cultura política.

Um desses artigos foi publicado no número 43 (de agosto de 1992) e tinha um título sugestivo: “El peronismo verdadero”. Sem a pretensão de que o título se convertesse em um conceito com conteúdo fixo e preciso, o autor se apropriou da noção à época corrente exatamente com o intuito de discutir as possíveis alternativas, no interior do peronismo, ao menemismo. Havia grupos que reivindicavam o “peronismo verdadeiro” ou um “peronismo dissidente” e Altamirano se esforça para desvincular parcialmente os usos desses termos nos anos 1980 e 1990 dos usos entre os anos 1950 e 1970, quando o “peronismo verdadeiro” era aquele proscrito e representado pela figura de Perón. Contudo, mesmo que os “renovadores” ou “dissidentes” dos oitenta e dos noventa defendessem outros projetos, não deixavam de se filiar a essa tradição histórica que, como se disse no comentário ao artigo de Sarlo, havia sido no mínimo obliterada pela ascensão de Menem.

O “peronismo verdadeiro” combinaria, enfim, a intenção do retorno e do resgate, seria uma expectativa por algo que resultaria inatural e que não teria como se consumir naquele presente em que o peronismo empírico menemista se hegemonizava. E então Altamirano

argumentou que para defender o “peronismo verdadeiro” naquele presente talvez fosse necessário não pertencer às estruturas políticas formais do peronismo; talvez fosse preciso abandoná-las, como haviam feito alguns indivíduos em meados dos anos 1980. A perspectiva de construção de uma cultura política de esquerda plural, aberta ao diálogo com tradições diversas, comparece no texto não somente para reforçar a postura não dogmática do grupo de **Punto de Vista**, mas para explicitar a disposição do coletivo intelectual do periódico para o diálogo com os grupos dedicados a renovar o peronismo, o que havia acontecido nos oitenta e voltaria a acontecer nos anos seguintes, com a Frente Grande, a FREPASO e a Alianza. Nessas alianças o “peronismo verdadeiro” compareceu exatamente realizando o que Altamirano identificava ser necessário, ou seja, dispôs-se a ir além das fronteiras dentro das quais havia trabalhado historicamente.

Para melhor explicitar a sua compreensão a respeito do tema do “peronismo verdadeiro”, Altamirano realizou, em 20 de novembro de 1992, uma conferência no Club de Cultura Socialista intitulada “Peronismo y verdad”, cuja versão corrigida foi publicada no número 45 (de abril de 1993) da revista. Logo no início de sua exposição o autor esclareceu como o seu artigo do número 43 havia sido uma exploração informal da questão a partir dos usos correntes entre os peronistas da expressão “peronismo verdadeiro”. Destacou que seu propósito não tinha sido definir como ou o que seria “de *verdade* o peronismo”, mas somente divagar a respeito de “um modo de estar no peronismo e de ser peronista, modo que todos conhecemos e que, talvez, alguns de nós inclusive até praticou.” E complementou: “[...] Esse modo se caracteriza porque distingue no peronismo dois peronismos: um verdadeiro, autêntico, adequado à sua essência, e outro, de nome variável segundo as circunstâncias, que representa o desvio ou diretamente a traição dessa essência.” (tradução nossa)

O que estava em pauta para Altamirano era, como se pode notar, a necessária compreensão da historicidade da cultura política peronista, a qual, naquele momento, havia incorporado outros elementos além daqueles que a haviam tornado bastante diversa e até mesmo internamente paradoxal até os anos 1970. Além disso, evitando definir o peronismo, o autor intentava explorar, na conferência, a relação entre peronismo e verdade. Assim:

[...] gostaria de explorar, através de uns poucos textos, a ideia, que durante muito tempo definiu uma forma de relação simbólica com o peronismo, e de acordo com a qual esse era o introdutor e/ou o realizador de uma verdade, verdade até então desconhecida ou rechaçada e que devia ser compreendida se se quisesse tirar a Argentina do beco. Associada a essa imagem da verdade do peronismo se desenvolveria uma hermenêutica específica, a hermenêutica do peronismo consagrada a compreender sua verdade. (Carlos

Altamirano, “Peronismo y verdad”, **Punto de Vista**, n. 45, abr. 1993, p. 43, tradução nossa)

O artigo apresentou, portanto, mais argumentos para se refletir acerca da tradição peronista sem reduzi-la ao menemismo, como a crítica de esquerda à época, descontente com o governo, eventualmente o fazia. Afinal, o princípio de verdade ao qual se refere Altamirano traria, conforme uma compreensão desenvolvida durante décadas (e que ele investiga no artigo), o entendimento das diferenças entre o “peronismo verdadeiro” e as outras concepções sobre o peronismo. A partir de 1955, teria se configurado um conjunto de leituras nas quais esses problemas se inscreviam direta ou indiretamente, como em textos de Borges, de Martínez Estrada e de Ernesto Sabato ou no número de **Contorno** dedicado ao peronismo – o qual Altamirano define como parte da interpretação patética sobre o problema. O peronismo teria demandado a formulação de uma hermenêutica própria para a sua compreensão, por conta de sua verdade supostamente cifrada e de seus enigmas, e as interpretações comentadas pelo autor em detalhes não teriam oferecido uma avaliação adequada desse dilema acerca da “qualidade” da verdade sobre algo em princípio profundo da sociedade argentina que o peronismo alcançaria. Para Altamirano, evidentemente nos anos noventa quase ninguém pensava que o peronismo seria capaz de evidenciar ou teria revelado a verdade da sociedade argentina, “seja de sua história, seja a de seu futuro.” E por isso era indispensável compreender que a história do peronismo era também a história das representações produzidas sobre ele. (Carlos Altamirano, “Peronismo y verdad”, **Punto de Vista**, n. 45, abr. 1993, p. 48, tradução nossa)

Enquanto um motivador tão poderoso para que a revista refletisse sobre o presente e o passado da cultura política peronista, Menem foi acompanhado atentamente por **Punto de Vista** até a sua saída da presidência, analisada no número 65 (de dezembro de 1999). Em “El mensaje de las urnas”, texto/comentário (antes mencionado) a “Debate sobre la transición”, sobre as eleições daquele ano, o cientista político Isidoro Cheresky asseverou:

O fim do ciclo político menemista se vincula ao fim de século e nos arranca um suspiro de alívio ao que sucede um estado de perplexidade. As recentes eleições gerais emitiram uma mensagem clara a respeito do passado menemista mas incerto e perturbador em relação ao futuro.

As razões de satisfação são modestas mas consistentes. Está se produzindo uma nova alternância no poder sem a dramaticidade catastrófica do passado que se distancia. Porém, trata-se de uma transição que dista de ser a sucessão de uma administração por outra; enfrentamos, mais propriamente, a prova de solidez democrática mais temida: o peronismo deixa a presidência em mãos de um adversário político. **Ao fato de que a transição seja pacífica se soma uma fluidez nas identidades cidadãos que parece fechar a época em que o**

peronismo aparecia como a encarnação “natural” do povo. São tempos então de competitividade política aceita por todos.

[...] A legitimidade do presidente eleito é sólida. Funda-se na recusa ao estilo menemista de governo coberto de suspeitas sobre negociações, tingido pela ostentação de um modo de vida que se identifica com o privilégio, e marcado pela onipotência de um Estado pouco permeável à vigilância de uma justiça independente e de outras instâncias de controle constitucional. Sob este ponto de maior convergência, o eleitorado majoritário esconde uma gama de descontentamentos e potenciais reivindicações provavelmente contraditórios.

[...] A Alianza encarnou uma esperança de renovação política mas não empreendeu uma atividade orientada a desenvolver um programa de reformas; a plataforma mínima da campanha eleitoral está em continuidade com programas precedentes caracterizados pelo diagnóstico econômico e a expectativa de crescimento, sem uma definição de reformas sociais que fosse mais além de enunciados genéricos. Essas mudanças apenas esboçadas foram retomadas pelo candidato presidencial mas não constituíram a base de uma ativação social. Pelo contrário, a vagueza dos enunciados permitiu que interpretações das reformas esperadas coexistam na diferença ou, inclusive, na contradição. Em outras palavras, o sustento cidadão de uma política de reformas tem, no melhor dos casos, uma forma embrionária. [...]. (Isidoro Cheresky, “El mensaje de las urnas”, **Punto de Vista**, n. 65, dez. 1999, p. 12-13; 16, tradução e destaques nossos)

Como se indicou anteriormente, os temores mencionados por Cheresky a respeito do governo eleito em 1999 se converteram, nos anos seguintes, em uma crise de dimensões inimagináveis. Isso, de qualquer maneira, não apagou o forte antimenemismo presente nas eleições de 1999 nem fez com que o peronismo fosse visto novamente como a salvação do país diante do agravamento da crise em 2001. Entretanto, após um período de fragilização intensa das instituições democráticas no ano de 2002 em que houve, também e de forma surpreendente, uma gestão inesperadamente exitosa (sobretudo em termos de recuperação econômica) de Eduardo Duhalde, alguns setores do Partido Justicialista, conforme explicou Marcos Novaro, conseguiram se rearticular e oferecer a candidatura de Néstor Kirchner como possibilidade em 2003, em um cenário no qual o partido não reconheceu oficialmente nenhuma das três candidaturas lançadas em suas disputas internas (a de Menem, a de Kirchner – apoiada por Duhalde – e a de Rodríguez Saá) e transferiu a disputa para as eleições gerais, logrando paradoxalmente ampliar a sua representatividade eleitoral e decompor um sistema de partidos então muito frágil. (NOVARO, 2011, p. 288-291)

Ou seja, quando o peronismo parecia novamente esquecido em **Punto de Vista**, que havia se voltado desde 2001, como se mostrou, à problematização da crise por vias diversas, ele forçosamente reapareceu na revista graças às discussões eleitorais, mais especificamente com as polêmicas político-partidárias de 2002 e a vitória de Néstor Kirchner em 2003. Tratava-se novamente de problematizar o que permitiu uma nova vitória do peronismo

mesmo tão enfraquecido após a Nova Argentina menemista. Isso demandava, uma vez mais, que a revista se esforçasse para avaliar quais as continuidades e as rupturas entre as propostas defendidas por Kirchner e os fundamentos históricos da cultura política peronista.

O influxo inicial de interpretação a respeito está no artigo “Doble óptica. Un intento (más) de observar el peronismo”, publicado por Beatriz Sarlo no número 80 (de dezembro de 2004). Sem poder contar com a presença de Carlos Altamirano na revista desde o número anterior, a diretora da publicação reocupou a sua posição como intérprete da temática no periódico e isso resultou em um processo no qual ela viria a se tornar uma das mais contumazes críticas daquilo que se tornou o kirchnerismo nos anos seguintes, como mostraram o seu livro *La audacia y el cálculo*, publicado em 2011, e a sua atuação como colunista de periódicos diversos e como comentarista política na Argentina.

Sarlo, no mencionado artigo de 2004, relembrou como desde a eleição de Alfonsín, em 1983, muitos acreditavam que o peronismo, enquanto “algo que havia dado forma à política argentina”, teria começado a se dissolver. Alfonsín e inúmeras outras forças políticas aliadas, para a autora, enfrentaram dificuldades durante o seu governo – a despeito da redescoberta da democracia pela população, das discussões sobre memória e direitos humanos e de tantas outras conquistas – exatamente porque imaginaram que a vitória eleitoral sobre o peronismo tinha começado a conferir novos fundamentos para a política argentina. Apesar dos sucessos do projeto de refundação da Argentina, sintonizado, como indica Sarlo, tanto às especificidades de uma transição da ditadura à democracia quanto “aos sentimentos que acompanharam a saída dos militares”, e em que pese a acachapante popularidade de Alfonsín durante os momentos finais de sua campanha e por ocasião de sua vitória nas urnas, ignorava-se:

[...] a profundidade das transformações que a Argentina devia encarar e se desconhecia quase por completo que a saída da ditadura caminhava em paralelo à entrada, não solicitada, no mundo globalizado; desconhecia-se o estado e seus recursos; não se previa, enfim, o que se precipitaria gradativamente até meados de 1989. O que se sabia era tudo o que se podia saber: a Argentina devia aproveitar uma oportunidade política sem igual, e o destino não iria ser tão cruel como para acompanhar essa oportunidade com uma crise econômica. (Beatriz Sarlo, “Doble óptica. Un intento (más) de observar el peronismo”, **Punto de Vista**, n. 80, dez. 2004, p. 2, tradução nossa)

Aquele momento, demonstrou Sarlo, foi de virada não somente para o radicalismo, mas também para as fileiras peronistas, mesmo que essas tenham demorado a assimilar a derrota. Do insucesso eleitoral vieram as articulações para a renovação peronista da década de

1980 e, ao contrário da avaliação de muitos (inclusive dos vitoriosos no pleito), os anos subsequentes explicitaram, como afirma a autora, “que a centralidade do partido justicialista era um dado na política local; e deslocá-lo desse centro ou confirmá-lo ali, a mãe de todas as vitórias.” (tradução nossa) E a diretora de **Punto de Vista** oferece uma síntese a respeito do ocorrido com a cultura política peronista a partir de 1983:

Nos vinte anos que correm entre 1983 e 2003, o peronismo se reorganizou, regressou ao poder com Menem, provocou modificações inauditas assim como profundas e duradouras, tanto no econômico quanto na forma que foram aceitas através de uma transformação ideológica que durante a presidência de Alfonsín pareceu impossível, mudou a estrutura social argentina em um sentido catastrófico, e perdeu, pela segunda vez, eleições nacionais nas quais se impôs a Alianza com sua fórmula De la Rúa-Alvarez, esse oximoro de estilos, culturas, ideologias, que se revelaria indócil e, por último, fatal. Em dezembro de 2001, caiu o governo de Fernando de la Rúa. O peronismo voltava à cena, mas diferente de 1989 não como resultado da alternância democrática e sim como o único partido capaz de atravessar a crise política, governando-a.

Dizer que o peronismo era o único partido que podia fazê-lo começou a ser um lugar comum visitado tanto por peronistas quanto por não peronistas. Uma verdade de fato, algo inscrito na ordem das coisas: o reconhecimento de uma falha na democracia argentina, causada pela imolação inevitável e banal do radicalismo; a dissolução da centro-esquerda que havia acompanhado De la Rúa; e, certamente, a habilidade do peronismo, que alguns julgam diabólica, para impedir que outros governem. Como seja, o peronismo governou com Duhalde e esse pôde ser sucedido com uma normalidade surpreendente se se recordam as condições nas quais aceitou a presidência e depois anunciou seu retiro sem ter sucessão estabelecida. Muitos pensamos, por isso, que o presidente surgido das eleições de abril de 2003 seria um governante débil. Não tivemos em conta vários fatores e um par de qualidades. (Beatriz Sarlo, “Doble óptica. Un intento (más) de observar el peronismo”, **Punto de Vista**, n. 80, dez. 2004, p. 2-3, tradução nossa)

Nota-se, na avaliação de Sarlo, uma espécie de confissão/autocrítica de uma série de leituras limitadas e/ou equivocadas sobre o peronismo produzidas principalmente pela esquerda argentina desde 1983 até 2003, em cuja formulação o grupo de **Punto de Vista** certamente colaborou. Tal apreciação culminou na identificação, pela autora, de dois elementos indispensáveis para a retomada do poder pelo peronismo em 2003: uma complexa configuração simbólica do peronismo durante o governo de Duhalde, que demandaria a observação em duas óticas, uma das contradições cotidianas e outra das resoluções mais amplas. Isso permitiu que emergissem, de um governo peronista debilitado, forças peronistas significativas, simbolicamente construídas por meio de encontros encenados de paixões políticas controladas; e a manutenção dos poderes peronistas regionalizados e vinculados a tradições políticas duradouras em diversas regiões do país, os quais conseguiram diminuir a

importância dos meios de comunicação para a definição de preferências políticas e/ou utilizar os meios de maneira articulada a esses poderes.

Atribuindo ao peronismo uma dramaturgia barroca, Sarlo concluiu que esse não seria “inteiramente republicano nem por tradição política, nem por ideologia, nem por concepção do poder [...]”. O efeito anamórfico do peronismo requer uma correção de foco permanente.” E em mais uma síntese que parecia ecoar uma autocrítica individual e coletiva, afirmou: “Ao longo de cinquenta anos, os intelectuais sofreram, desconhecaram ou celebraram a duplicidade da cena peronista em que a variação de foco não seria simplesmente um exercício intelectual, mas uma condição da percepção.” (Beatriz Sarlo, “Doble óptica. Un intento (más) de observar el peronismo”, **Punto de Vista**, n. 80, dez. 2004, p. 5, tradução nossa) Diante disso, para a autora, a concentração aprofundada como estratégia de crítica ao peronismo provocaria, como na observação do barroco, a sensação de que o olhar detido ao mesmo tempo impediria a percepção mais adequada.

A solução não era simples e a constatação da complexidade da cultura política peronista por Sarlo em 2004 levou a revista a se acerrar novamente do tema no número 82 (de agosto de 2005), em um texto coletivo assinado por **Punto de Vista** – pelos Conselhos, pois – intitulado “El péndulo populista”. Pela primeira vez de forma mais evidente foram indicadas particularidades no projeto de Néstor Kirchner quando comparado à tradição da qual advinha, em uma demonstração de que até aquele momento já era possível, para o coletivo intelectual do periódico, perceber – como se havia feito com Menem anteriormente – que estava em delimitação um kirchnerismo, próximo e afastado das matrizes do peronismo histórico. Diante de medidas questionáveis na educação e em outras áreas estruturais assumidas ou em curso no país, afirmava-se no importante texto (quase um editorial):

A Argentina é um país perigoso porque tem pouco estado e demasiada política, entendida não no sentido clássico de uma atenção dirigida à sociedade, mas como prática destinada à manutenção e à expansão do poder de um indivíduo, um grupo ou uma corporação. A debilidade do estado está fortemente ligada à debilidade de uma elite estatal, isto é, um grupo com relativa autonomia e legitimidade, que possua destrezas administrativas e, ao mesmo tempo, responda a uma ética estatal não tecnocrática. Por isso, são adotados planos de alta visibilidade e de às vezes imaginária realização imediata, nas desesperadoras áreas da política social, em lugar de intervenções eficazes sobre a conjuntura, dirigidas por políticas estratégicas. [...] **Kirchner representa uma variante do populismo em seus desenvolvimentos contemporâneos, que se alimenta da desconfiança frente às instituições, na certeza de que a política tem um só centro ocupado por um Chefe vinculado radicalmente a cada uma das esferas de governo, e que a deliberação não deve passar por instâncias formais**

mas por espaços informais, caracterizados, como qualidade *sine qua non*, pela lealdade ao dirigente.

Como chefe justicialista Kirchner realiza dois movimentos de posicionamento simbólico: remete-se não a uma longa marcha iniciada em 1945 mas ao peronismo dos setenta (em uma versão de catequese que salta por cima de todos os problemas); e se coloca em relação aos pobres e aos despossuídos, fala a eles com um discurso específico, às vezes abandonando a posição de homem de estado e se posicionando, com um movimento de falsas equivalências, no lugar de cidadão raso. [...].

[...] Poder-se-á dizer que o exercício de um governo com equilíbrios e controles é mais próprio de nações medianamente prósperas que não se localizam, geralmente, nesse hemisfério. [...].

Também se poderá dizer que as formas de governo são, na Argentina, sempre parciais e defeituosas, incompletas, contaminadas, mistas. A acentuação desses traços não as melhora. Sua aceitação, como destino de uma nação periférica e pouco importante, somente pode ser feita sobre a base de um realismo político conservador que, em nome de um princípio de realidade, consolida os limites. E, sobretudo, para tornar ao princípio, volta muito íngreme o caminho para a implantação de políticas progressistas em campos estratégicos que exigem sair da repentinidade para pensar em médio prazo. Apenas uma forte vontade política poderá propor uma nova chave institucional para o sistema de alianças federais. Kirchner tem essa vontade, mas resolveu consolidar-se aceitando esses poderes locais [...]. Nesse ponto, como em outros: educação, regime impositivo, saúde, segurança social, se não há compromisso de mudança política, será difícil que haja reformas profundas, investimentos públicos cujos fundos cheguem ao destino e iniciativas que permaneçam separadas de um chefe e suas necessidades. (Punto de Vista, “El péndulo populista”, **Punto de Vista**, n. 82, ago. 2005, p. 2-5, tradução e destaques nossos)

Sem dúvida alguma, o aspecto mais interessante desse texto é a identificação de coordenadas específicas no peronismo de Néstor Kirchner, que demonstram como o presidente interpretava, em suas práticas e em seus projetos e alianças, o legado peronista de maneira singular, desvinculando-se, por exemplo, do peronismo anterior à década de 1970, ou seja, distanciando-se do próprio Perón e assumindo uma postura ambígua junto aos setores populares mais pobres. Com o intuito de melhor especificar essas estratégias de Kirchner, o texto seguinte dedicado à temática, publicado por Beatriz Sarlo, ofereceu formulações importantes a respeito. Em “¿El último avatar?”, veiculado no número 87 (de abril de 2007), a diretora de **Punto de Vista** destacou como era preciso libertar os intelectuais argentinos de um “lugar comum”, aquele que afirmava a suposta incapacidade dos intelectuais do país não somente para entender o peronismo, mas também para suportá-lo.

Isso deveria ser feito, para Sarlo, exatamente porque o kirchnerismo – a expressão é utilizada nesse artigo explicitamente, diferente dos anteriores – e mais especificamente o seu líder não pretenderiam, conforme a autora, passar à história apenas como peronistas. Vale recorrer à sua síntese:

[...] Kirchner não pretende passar à história simplesmente como peronista. Pertence a uma geração de militantes que, convencidos de que modificariam o Movimento em um sentido revolucionário, fracassaram na década de setenta e foram reprimidos, assassinados, exilados. Quando tudo parecia destiná-los a transmutar-se nos avatares noventistas de Menem, governando alguma província, votando o pacto de Olivos, praticando a Realpolitik ou armando novos instrumentos políticos como a Frente Grande, a crise de 2001 e a impensada audácia de um deles, acompanhada pela necessária fortuna, lhes abriu uma nova oportunidade de grandes expectativas.

Kirchner percebe a si mesmo como refundador. Sente-se representante de uma linha do peronismo que não parte, como a que foi durante décadas a linha canônica, do 17 de outubro de 1945 e dos Feitos do General, mas dos Feitos dos Apóstatas, os jovens peronistas radicalizados. Por isso, quando nada o anunciava em seu passado como governador de Santa Cruz, chegado ao governo, Kirchner fez de sua reivindicação dos setenta uma das peças da construção de um perfil ideológico, fundamentalmente através do discurso sobre direitos humanos, justiça e terrorismo de estado. Na década de noventa, essas ideias haviam perdido grande parte de sua capacidade para seguir produzindo feitos no presente; Kirchner abre de novo um capítulo fechado exceto para os mais fieis a essa tradição dos setenta que, por isso mesmo, eram também bastante marginais ao partido justicialistas ou diretamente estavam fora de suas estruturas.

Desse modo, Kirchner é um inovador que chegou ao governo como candidato apoiado por Duhalde, um dos peronistas mais emblemáticos, convertido em seu inimigo na luta eleitoral de 2005 na qual joga e ganha o lugar indivisível de chefe. Seus discursos [...] recorrem a temas que não foram centrais do peronismo renovador nos oitenta e que Menem, por sua vez, quis deixar para trás para sempre.

[...] Com isso, desde o poder, Kirchner está oferecendo um suporte à luta de interpretações que está longe de se encerrar. Kirchner não é um intelectual mas intervém com uma versão da história em um debate que deverá seguir transcorrendo e que, salvo alguma mudança radical nas formas de debater o passado, seria bom que transcorresse em uma esfera pública na qual possam ser escutados os discursos intelectuais. (Beatriz Sarlo, “¿El último avatar?”, **Punto de Vista**, n. 87, abr. 2007, p. 2, tradução nossa)

Naquele momento, o artigo de Sarlo evidenciava o processo de transformação do kirchnerismo em uma força política específica e potencialmente duradoura na Argentina. Tratava-se de um peronismo filiado de maneira ambígua aos anos setenta e que, por isso, ressoava mesmo entre setores da esquerda não representados em outros arranjos políticos a não ser na Frente para la Victoria (FPV), criada em 2003. As apropriações complexas das memórias dos setenta e o reavivamento dos debates e das ações governamentais referentes aos juízos dos militares e às questões do terrorismo de Estado durante o *Proceso* permitiam a Kirchner ampliar a sua aceitação também entre setores que haviam recusado o apoio a Menem e que tinham se decepcionado com as ações derradeiras de Alfonsín. Enfim, em um projeto claramente refundador, Kirchner conseguiu, até aquele momento – anterior à sua sucessão por sua esposa Cristina –, produzir mais uma variação da cultura política peronista que se somava

às tantas outras desenvolvidas ao longo do século XX, inclusive a menemista, à qual o kirchnerismo se opunha em inúmeros aspectos. Apenas uma cultura política complexa teria conseguido eleger dois presidentes em um intervalo de vinte anos em conjunturas tão diversas e com projetos políticos tão diferenciados, mas, ao mesmo tempo, mantendo-os filiados de alguma maneira às matrizes históricas do peronismo.

Diante desse itinerário de leituras sobre o peronismo que abarcaram as discussões relativas às especificidades do menemismo e do kirchnerismo e que problematizaram as continuidades e as rupturas no interior da cultura política peronista nos anos 1980, 1990 e 2000, articuladas aos momentos de ascensão e de declínio eleitoral e político-partidário das forças peronistas, **Punto de Vista** se aproximava do final da primeira década do século XXI tendo oferecido uma interpretação atenta às particularidades históricas da tradição política fundada por Perón e refundada seguidas vezes nas décadas posteriores. A revista precisaria, ainda, oferecer uma avaliação retrospectiva sobre o peronismo como componente fundamental da história argentina do século XX? O coletivo intelectual compreendeu que sim e dedicou um dos artigos da série “El juicio del siglo” ao tema.

Assinado pelo historiador e cientista político Vicente Palermo, “El siglo peronista” foi publicado no número 89 (de dezembro de 2007) – o penúltimo da revista – e foi, de todos os textos dedicados ao tema veiculados no periódico, o mais propriamente historiográfico. Foi, outrossim, o que mais se concentrou em oferecer uma interpretação do “peronismo de Perón”, reservando apenas a última página para tratar, em termos muito genéricos, do período pós-1955. Não há como deixar de avaliar esse artigo, escrito de um ponto de vista diferente de todos os anteriores sobre o tema, quase como um desvio de rota vinculado estritamente ao momento de encerramento do periódico. O coletivo intelectual da revista parece ter aberto mão de tratar do tema por meio de um de seus membros – Sarlo seria a escolha mais óbvia – na série “El juicio del siglo”, talvez porque pensasse ter dito o suficiente até aquele momento, ou porque, sem Altamirano no Conselho, os diretores considerassem impossível recuperar adequadamente o projeto de interpretação da cultura política peronista que a revista havia desenvolvido. De qualquer maneira, o artigo de Palermo encerra as leituras a respeito e oferece uma reafirmação de que o peronismo era uma identidade política capaz de se modificar, transformar, atualizar e ressignificar, indicando que não havia porque acreditar em sua extinção futura, ao menos em curto prazo.

* * *

Punto de Vista, como se procurou mostrar ao longo deste capítulo, se posicionou em relação a uma série de questões, de temas, de problemas, de polêmicas e de interpretações atinentes à política. Analisou os intelectuais, a esquerda, o peronismo, tendo sido capaz de produzir leituras relevantes a respeito de todos esses objetos. Construiu para si um lugar específico entre os grupos de esquerda – e mais amplamente, entre os grupos considerados progressistas – na Argentina a partir dos anos 1980. Mas o seu lugar e os seus posicionamentos, se alcançaram êxito e atraíram diversas simpatias, também motivaram críticas, como evidenciaram os estudos de Roxana Patiño (1998a; 2003). Afinal, o discurso de **Punto de Vista** a respeito dos intelectuais e/ou das culturas políticas na Argentina não foi hegemônico entre os agrupamentos, os coletivos, as revistas e os demais *loci* de produção de interpretações sobre o país. Foi apenas mais um, em uma disputa complexa e de atores cujos posicionamentos se vinculavam a grupos e a tradições mais ou menos duradouras, algumas delas com atuação político-partidária e institucional relevante.

A revista, como se intentou explicitar, realizou em seus trinta anos uma relevante crítica das características da atuação dos intelectuais na Argentina desde o século XIX e mais especificamente no século XX e ofereceu importantes reflexões, principalmente nos seus editoriais, acerca do que os intelectuais haviam ou não realizado e a respeito daquilo que, na compreensão da publicação, eles deveriam realizar, principalmente a partir da redemocratização. Por isso, o periódico se dedicou à problematização de objetos considerados incontornáveis para a redefinição do lugar do intelectual argentino e de sua inserção pública desde o fim da ditadura: a autocrítica da esquerda, o debate sobre o peronismo e a questão democrática.

Ou seja, como se demonstrou, o pluralismo teórico-crítico do periódico teve, também, a sua dimensão mais estritamente política, sobretudo a partir de 1983-1984, quando a revista ampliou o seu Conselho de Direção e recebeu intelectuais que retornavam do exílio com ideias e projetos políticos variados. O coletivo de intelectuais, na revista e no Club de Cultura Socialista, desenvolveu, conforme se explicitou, uma releitura e uma autocrítica da atuação dos intelectuais desde a década de 1970 e interpretou a história da esquerda argentina e do peronismo enquanto culturas políticas complexas, resultando em uma postura política que se entendia como alternativa tanto em relação à esquerda ortodoxa quanto ao peronismo não afeito à renovação. Politicamente, o projeto crítico de **Punto de Vista** aproximou o coletivo de intelectuais e as suas manifestações públicas acerca da política de uma leitura crítica tanto

das esquerdas marxistas dos anos 1960 e 1970 e de seus prolongamentos nos anos 1980 e 1990 quanto de um peronismo dogmático de direita e/ou de esquerda. Os apoios do Conselho e/ou de alguns de seus membros a projetos político-partidários específicos nos anos 1980 e 1990, contudo, expuseram contradições dessa leitura crítica e evidenciaram as tensões entre atividade intelectual crítica e posicionamento político público.

Nesse sentido, a despeito da defesa duradoura de uma cultura política de esquerda renovada e não dogmática frente às constantes forças políticas do radicalismo e do peronismo – defesa expressa na relevante produção comentada nesse item –, **Punto de Vista** chegou a se comprometer com algumas forças desses matizes políticos nos anos oitenta e noventa e parece ter sentido, durante a década de 2000, os efeitos de um processo interno indicado por alguns de seus diretores na década anterior e não completamente solucionado, qual seja, o afastamento do periódico das reflexões mais diretamente voltadas à política imediata, às questões partidárias e à constituição de uma plataforma de ideias que se pudesse oferecer como alternativa às forças políticas tradicionais.

Entende-se, enfim, que **Punto de Vista**, por meio de sua discussão a respeito dos intelectuais e das culturas políticas, conseguiu estruturar um lugar social, político e cultural específico na Argentina, ao mesmo tempo próximo e distante das tradições e dos grupos da esquerda a partir dos quais o periódico se originou. Esse lugar se converteu em uma cultura política plural e anti-dogmática, releu criticamente o passado da esquerda, refletiu sobre as relações possíveis entre socialismo e democracia e contemplou inclusive uma aproximação com o peronismo disposto a se renovar a partir da década de 1980. Foi um lugar, entretanto, em que o periódico expôs algumas de suas fragilidades e contradições coletivas e individuais e que perdeu força e relevância social a partir dos anos 1990.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Punto de Vista foi uma revista, como se mostrou ao longo desta tese, que circulou durante trinta anos, de 1978 a 2008, da ditadura à democracia. Começou a ser publicada ainda sob a sombra do *Proceso*, manteve-se dinâmica e escapou à censura e à repressão mais diretas durante o período do terrorismo de Estado, conseguiu se destacar explicitamente a partir de 1981 ao participar de discussões sobre a crise da ditadura – problematizou, quase isoladamente, a Guerra das Malvinas – e desde a redemocratização se converteu em uma das referências intelectuais na Argentina e na América Latina. Se o periódico não chegou a reconstituir o campo intelectual argentino – missão que os intelectuais da revista se auto-impuseram e que tanto eles quanto os intérpretes da publicação frequentemente consideraram alcançada – mas somente uma parcela, uma “franja” desse campo, conforme asseveraram diversos intérpretes e se intentou evidenciar nessa tese, isso não diminui, certamente, a importância da publicação.

Tendo em vista a pluralidade do projeto crítico do periódico, procurou-se demonstrar, por meio da análise de algumas das linhas de força da revista (identificadas a partir de critérios temático-quantitativos), quais foram as características das políticas da cultura e dos debates a respeito dos intelectuais e das culturas políticas desenvolvidos no periódico. No que diz respeito às políticas da cultura, pôde-se demonstrar de que maneira **Punto de Vista** se apropriou criticamente de uma tradição múltipla e diversa de referências, composta por romancistas, poetas, dramaturgos, críticos, antropólogos, sociólogos, psicólogos, psicanalistas, arquitetos, urbanistas, filósofos, historiadores, entre outros, bem como por suas produções em revistas, livros e em suportes variados. Conforme se especificou, a revista, combinando matrizes teórico-críticas e políticas pouco conhecidas nos círculos intelectuais argentinos e até mesmo algumas tidas como irreconciliáveis ou antagônicas, prosseguiu no esforço de modernização cultural que se havia experimentado na revista **Los Libros**, fechada em 1976, na qual alguns dos fundadores e condutores de **Punto de Vista** foram figuras fundamentais.

As políticas da cultura de **Punto de Vista** delimitaram-se não programaticamente, mas por meio dos objetos da cultura escolhidos para a interpretação e o estabelecimento de políticas da cultura, que obviamente excluiu uma série de outros possíveis interesses no âmbito da cultura, garantiu que as recusas implícitas ou explícitas, assim como as referências mais ou menos evidentes, ajudassem a delimitar quais dimensões ou elaborações da cultura a revista julgava mais relevantes. Nesse sentido, **Punto de Vista** construiu um projeto capaz de reler a tradição crítica e literária argentina, inclusive a de **Los Libros**, desenvolvendo um

ponto de vista assentado sobre a valorização da interpretação sócio-histórica e estética das obras. A crítica da cultura, a crítica literária e a história literária foram parte significativa do empreendimento de modernização cultural da revista, por meio do qual se vinculou a iniciativas anteriores. Esses esforços de filiação foram ampliados e pormenorizados com as leituras elaboradas acerca de certas revistas culturais argentinas e de alguns ensaístas, nos quais se valorizou qualidades e se criticou limitações e pretensões totalizantes e teleológicas, garantindo uma apropriação daquilo que nelas permitia explicar tanto a história da cultura no país quanto os aspectos da formação da sociedade e das instituições que importavam para tentar reconhecer as causas da ascensão e da manutenção de mais uma ditadura e a perenidade das tradições autoritárias na Argentina, entre outros elementos.

Houve outrossim em **Punto de Vista** significativa intervenção acerca de outros objetos da cultura como as artes plásticas, o cinema, a fotografia, a música, os meios de comunicação (sobretudo a televisão) e a indústria cultural, assim como pelo menos duas áreas do conhecimento foram privilegiadas no que se refere ao espaço conferido pela revista às reflexões: a Psicologia (incluindo-se as discussões sobre Psicanálise) e a Arquitetura (considerando-se, também, os debates a respeito da urbanização, das cidades e do patrimônio). Nesses âmbitos, o periódico, acompanhando a dinâmica de uma sociedade que se reconstruía, conseguiu aprofundar a sua leitura da cultura argentina nos séculos XIX e XX e ao mesmo tempo desenvolveu certas políticas da cultura expressas em temas e/ou objetos analisados psicanaliticamente por Vezzetti e outros autores (moral, sexualidade, loucura, família, por exemplo). A revista foi capaz, ademais, de ler criticamente a indústria cultural e certa arte regulada pelo mercado, enquanto se ocupava, a partir dos anos 1990, do âmbito da cultura urbana, revelando uma Argentina e especialmente uma cidade de Buenos Aires que fracassaram, no período após a retomada da democracia, no estabelecimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos mais democráticos, menos controlados pelo mercado e mais voltados às camadas mais pobres da população.

Enfim, ao operar essa seleção de objetos a serem estudados, a revista delimitou gradativamente as suas políticas da cultura, ou seja, explicitou – a partir de critérios e de referências teóricas que também fez questão de publicar e de comentar – quais elaborações culturais deveriam ou não ser valorizadas em uma sociedade que havia deixado para trás uma série de regimes autoritários e que se recuperava, exatamente por isso, de limitações culturais significativas advindas da repressão. Ao mesmo tempo, mostrou como a Argentina era capaz de oferecer criações nem sempre valorizadas diante de um cenário de crescente

hegemonização da indústria cultural e que o país não deveria ser desvalorizado desde um olhar nostálgico, como se tivesse passado, ao longo do século XX, por um processo de decadência.

Outro dos resultados de sua crítica política da cultura em **Punto de Vista** foi a configuração uma postura de esquerda específica, em um diálogo com tradições políticas em princípio distantes dos grupos da nova esquerda nos 1960 e 1970, grupos dos quais, afinal, vieram os principais intelectuais da revista. A releitura das tradições culturais e políticas levou à construção de um posicionamento de esquerda particularizado, concernente às questões da redemocratização e da política dos anos 1980 e 1990. Esse posicionamento não foi o mesmo durante toda a história da revista, tendo oscilado de uma posição mais próxima das tradições dos sessenta e dos setenta, ainda durante a ditadura, para outra na qual houve disposição para o diálogo com certas tendências do radicalismo e do peronismo. Tal posicionamento, ademais, expôs algumas das fragilidades e das contradições coletivas e individuais do periódico e perdeu força e relevância social a partir dos anos 1990.

Nesse sentido, a outra dimensão do projeto crítico de **Punto de Vista** enfatizada nesta tese, aquela mais voltada aos debates dos intelectuais e da política na Argentina e na América Latina, revelou de que maneira o periódico se posicionou em relação a uma série de questões, de temas, de problemas, de polêmicas e de interpretações atinentes à política. Analisou os intelectuais, a esquerda, o peronismo, tendo sido capaz de produzir leituras relevantes a respeito de todos esses objetos. Construiu para si um lugar específico entre os grupos de esquerda – e mais amplamente, entre os grupos considerados progressistas – na Argentina a partir dos anos 1980. Mas o seu lugar e os seus posicionamentos, se alcançaram êxito também atraíram diversas antipatias, afinal, o discurso de **Punto de Vista** a respeito dos intelectuais e/ou das culturas políticas na Argentina não foi hegemônico entre os agrupamentos, entre os coletivos, entre as revistas e entre os demais *loci* de produção de interpretações sobre o país.

A revista, como se intentou explicitar, realizou em seus trinta anos uma relevante crítica das características da atuação dos intelectuais na Argentina desde o século XIX e mais especificamente no século XX e ofereceu reflexões, principalmente nos seus editoriais, acerca do que os intelectuais haviam ou não realizado e a respeito daquilo que, na compreensão da publicação, eles deveriam realizar, principalmente a partir da redemocratização. Por isso, o periódico se dedicou à problematização de três objetos considerados incontornáveis para a redefinição do lugar do intelectual argentino e de sua inserção pública desde o fim da ditadura: a autocrítica da esquerda, o debate sobre o peronismo e a questão democrática.

Foi possível perceber, portanto, de que maneira **Punto de Vista**, herdeira intelectual em diversos âmbitos do projeto de **Los Libros**, desenvolveu, com continuidades e rupturas, os esforços iniciados em 1969 de modernização cultural e teórica, não mais para encontrar um caminho teórico estável e sim para constituir uma perspectiva não dogmática de apropriação de matrizes teóricas, de interpretação da cultura e da política e de definição de um lugar social, político e cultural específico na Argentina, ao mesmo tempo próximo e distante das tradições e dos grupos da esquerda a partir dos quais o periódico se originou. Essa perspectiva, conforme se evidenciou desde o primeiro capítulo da tese, formou-se em um processo iniciado pelos intelectuais na revista na segunda metade dos anos 1970, de autocrítica aos vários dogmatismos teóricos e políticos que eles próprios e outros haviam desenvolvido nos anos 1960 e 1970 e resultou em um tipo de crítica política da cultura diversa daquela que haviam feito em **Los Libros**: se na revista encerrada em 1976 tratava-se de encontrar, de valorizar e de interpretar as obras que ofereciam problematizações políticas das sociedades, em **Punto de Vista** o objetivo foi desenvolver uma crítica na qual a cultura não deveria estar a serviço da política, mas uma crítica que desvelasse as imbricações entre cultura e política em todas os objetos de cultura.

Esse projeto crítico implicou na defesa de uma postura pluralista no que tange aos objetos escolhidos e no que se refere às matrizes teórico-críticas com as quais se deveria dialogar, o que está expresso tanto na apropriação de autores latino-americanos junto aos europeus quanto no diálogo com uma tradição diversificada de autores na Argentina que incorporava, inclusive, os liberais, **Sur** e **Contorno**, combinados conforme a fórmula expressa no editorial publicado em **Punto de Vista** em 1981. A filiação entre **Punto de Vista** e **Los Libros**, obviamente, foi de caráter diferente em relação às associações da revista encerrada em 2008 a **Sur**, a **Contorno** ou a outras publicações. Com **Los Libros**, o vínculo representou a continuidade (com rupturas, como se mostrou) de um projeto de intervenção pública nos debates através de uma revista, realizado por alguns intelectuais na revista criada em 1969 e encerrada em 1976 e continuado em **Punto de Vista** oficialmente a partir de 1978. Enquanto isso, **Punto de Vista** se aproximou de outras revistas ou de certas tradições críticas argentinas de forma não dogmática, em busca de uma identidade cultural e crítica. De qualquer maneira, o projeto crítico de **Punto de Vista**, sem se esgotar nessas filiações, extrapolou as matrizes a partir das quais se construiu, guardando com elas algumas semelhanças, como o esforço de renovação dos autores (em **Punto de Vista**, europeus e

também latino-americanos, levando a um cruzamento das reflexões da América com as de outras regiões na definição de uma perspectiva).

Culturalmente, pois, **Punto de Vista** ofereceu uma crítica da cultura não dogmática, aberta ao diálogo com diferentes tradições da Argentina e de outros países. Afastados das matrizes com as quais dialogaram na primeira fase de **Los Libros** (principalmente o estruturalismo) e ainda próximos, na escolha das matrizes teóricas para essa crítica, das referências políticas com as quais dialogaram nos anos 1960 e 1970 (sobretudo do marxismo em uma perspectiva renovada), os intelectuais de **Punto de Vista** ofereceram uma crítica política não militante da cultura, mais próxima da cultura intelectual do que das perspectivas de intervenção mais direta no social propostas por outras publicações nos anos 1980; uma crítica ao mesmo tempo distante daquelas leituras voltadas ao mercado, propostas pelos suplementos culturais a partir dos anos 1990.

O pluralismo teórico-crítico teve, também, a sua dimensão mais estritamente política, sobretudo a partir de 1983-1984, quando o periódico ampliou o seu Conselho de Direção e recebeu intelectuais que retornavam do exílio com ideias e projetos políticos variados. O coletivo de intelectuais do periódico, na revista e no Club de Cultura Socialista, desenvolveu, conforme se explicitou, uma releitura e uma autocrítica da atuação dos intelectuais desde a década de 1970 e problematizou a história da esquerda argentina e do peronismo enquanto culturas políticas complexas, resultando em uma postura política que se entendia como alternativa tanto em relação à esquerda ortodoxa quanto ao peronismo não afeito à renovação. Politicamente, o projeto crítico de **Punto de Vista** aproximou o coletivo de intelectuais e as suas manifestações públicas acerca da política de uma leitura crítica tanto das esquerdas marxistas dos anos 1960 e 1970 e de seus prolongamentos nos anos 1980 e 1990 quanto de um peronismo dogmático de direita e/ou de esquerda. Os apoios do Conselho e/ou de alguns de seus membros a projetos político-partidários específicos nos anos 1980 e 1990, contudo, expuseram contradições dessa leitura crítica e evidenciaram as tensões entre atividade intelectual crítica e posicionamento político público.

Essas ações nos âmbitos da cultura e da política converteram a revista e alguns dos intelectuais do Conselho em paradigmas no campo intelectual argentino, com relevância social, cultural e política desde a segunda metade da década de 1980. A partir do início dos anos 1990, todavia, diante da ascensão política do peronismo, da desagregação do projeto do Club de Cultura Socialista e do enfraquecimento público dos intelectuais e da esquerda argentina, o projeto da revista, que procurava se manter atualizado em relação aos debates

internacionais, perdeu gradativamente o seu impacto e o seu dinamismo interno, algo que se tornou perceptível em uma publicação cada vez mais estável (e menos plural e diversificada) em termos materiais e intelectuais, aproximando-se das grandes matrizes e pautas dos Estudos culturais nos anos noventa, e que ao mesmo tempo se afastava dos debates diretamente políticos e exercia sobre os próprios intelectuais do seu conselho um efeito de alheamento, levando-os a buscar projetos alternativos e a criar outros espaços ou até periódicos para discutir o que não interessava mais a **Punto de Vista**. A adequação dos temas e das perspectivas nos anos 1990 e a boa recepção internacional de uma publicação que parecia aos olhos estrangeiros se preocupar com questões semelhantes àquelas consideradas importantes em centros de produção do conhecimento trouxe tanto autores até então desconhecidos para a revista quanto levou os membros do Conselho a se tornarem mais e mais conhecidos na Europa e nos Estados Unidos.

Os anos 1990, aliás, configuraram o início de um segundo período na história da publicação e foram aqueles nos quais a revista supostamente desenvolveu o seu “giro estético”, a sua “guinada vanguardista”, para usar as expressões de Beatriz Sarlo. Parece cabível afirmar, como se detalhou ao longo da tese, que esse deslocamento temático-crítico dos anos 1990 aproximou o periódico expressivamente de certos objetos da cultura e o afastou de alguns dos debates mais propriamente políticos exatamente na época do governo de Menem até a crise de 2001. Isso incomodou a alguns intelectuais do Conselho, pois a opção por certos objetos e a falta de debates propriamente políticos (os quais, como se evidenciou, muitas vezes só aconteceram na época de eleições) enfraqueceram os vínculos internos da revista, ainda que externamente ela mantivesse e ampliasse seu reconhecimento entre os leitores especializados, por conta da publicação de textos cada vez mais densos e herméticos, mais acadêmicos e com temáticas e objetos mais próximos das tendências em destaque à época.

Vale a pena questionar, então, a suposta postura vanguardista da revista nos anos 1990, não somente pelos efeitos negativos que teve para a dinâmica interna do periódico – explicitando como era um projeto de alguns e não de todos – mas também porque não houve, necessariamente, inovação e/ou ruptura na publicação, na medida em que muitos dos objetos incorporados com mais ênfase – cultura urbana e meios de comunicação, por exemplo – já contavam com tradições interpretativas relevantes naquele momento. Talvez o que Sarlo tenha tentado destacar quando fez uso do conceito de vanguarda é que ela pretendia oferecer à sociedade, por meio da revista, aquilo que (conforme o seu julgamento) a própria sociedade

não sabia que precisava, como mencionou na entrevista a Trímboli (1998). A revista, diante do crescimento à época dos suplementos culturais, parece ter se voltado a temas também discutidos em veículos de mais ampla circulação (cinema, televisão, música), mas o fez priorizando os objetos da “alta cultura” e com uma interpretação mais próxima do discurso especializado e acadêmico. Parece cabível afirmar, portanto, que a defesa da publicação como uma vanguarda naquela década se deve mais à leitura retrospectiva de sua diretora do que às realizações na revista.

Punto de Vista ingressou nos anos 2000 estável, mas pouco pujante, e isso resultou finalmente na desmontagem em 2004 do coletivo intelectual que a havia fundado e dirigido desde 1978 e que os membros remanescentes não foram capazes de reorganizar. Não se posicionou com a contundência que havia tido nos anos 1980 diante da crise argentina de 2001-2002 e aos poucos, correta, bem organizada intelectual, material e graficamente, mas sem grandes forças, foi perdendo seu poder de impacto no presente e se aproximando de uma revista de caráter especializado e acadêmico, até terminar em 2008.

Portanto, os movimentos de renovação teórico-crítica e política desenvolvidos por **Punto de Vista** principalmente nos anos 1970 e 1980, levaram a revista a participar ativamente de um outro momento da modernização cultural argentina, com elementos comuns e ao mesmo tempo com diferenças em relação àquele do qual participou **Los Libros** nos anos 1960 e 1970. **Punto de Vista** construiu uma perspectiva teórico-crítica precisa e atualizada nacional e internacionalmente, distante das leituras da cultura nas quais se pretendia reduzir a cultura à política. Essa postura pluralista e não dogmática foi incorporada pela revista na elaboração de um posicionamento político que se pretendia ao mesmo tempo filiado e crítico em relação à esquerda, querendo-se equidistante da esquerda ortodoxa e do peronismo e pretendendo oferecer uma cultura política específica. Nesse âmbito também **Punto de Vista** foi exitosa, ainda que, nos anos 1980 e 1990, isso tenha, conforme a compreensão que se desenvolveu ao longo da tese, angariado adversários e críticos e provocado para o grupo do periódico desgastes internos e certo isolamento político frente aos grupos dos quais tinha se distanciado, quais sejam, a esquerda ortodoxa e o peronismo, agora de volta ao poder. A consequência principal, conforme se procurou evidenciar, é que a partir dos anos 1990 até os anos 2000 a revista continuou culturalmente avançada, mas se tornou cada vez menos impactante intelectual e politicamente no presente da sociedade em que se desenvolvia, nos debates políticos em curso, refugiando-se cada vez mais no âmbito da crítica à cultura intelectual.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Entrevistas e diálogos

ALTAMIRANO, Carlos. Conversación con Javier Trímboli. In: TRÍMBOLI, Javier (org.). *La Izquierda en la Argentina*. Conversaciones Carlos Altamirano, Martín Caparrós, Horacio González, Eduardo Grüner, Emilio De Ipola, León Rozitchner, Beatriz Sarlo, Horacio Tarcus. Entrevistas de Javier Trímboli. Buenos Aires: Manantial, 1998. p. 13-41.

_____. Entrevista concedida a Raphael Nunes Nicoletti Sebrian (áudio, sem autorização para transcrição e/ou publicação integral). Gravação realizada em Buenos Aires, em 08 de julho de 2009. 27min e 13seg.

_____. Re: Entrevista – Pesquisa. [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a Raphael Nunes Nicoletti Sebrian (sem autorização para transcrição e/ou publicação integral). Mensagem recebida por <rsebrian@yahoo.com.br>. 05 nov. 2008.

_____. La memoria de los intelectuales – Conversación con Carlos Altamirano, por Orlando Mejía-Rivera. *Revista Aleph*, Medellín, Colombia, set. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaaleph.com.co/component/k2/item/619-la-memoria-de-los-intelectuales-conversación-con-carlos-altamirano.html>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

GORELİK, Adrián. Cultura urbana sob novas perspectivas. Entrevista com Adrián Gorelik, por Ana Castro e Joana Mello. *Novos Estudos CEBRAP*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 235-249, jul. 2009.

GRAMUGLIO, María Teresa. Un autorretrato indirecto. Entrevista de Judith Podlubne e Martín Prieto. In: PRIETO, Martín; PODLUBNE, Judith (comps.). *María Teresa Gramuglio: la exigencia crítica. Quince ensayos y una entrevista*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora; Universidad Nacional de Rosario, 2014. p. 233-285.

LINK, Daniel. Campo intelectual [diálogo/entrevista com Carlos Altamirano, Beatriz Sarlo, Hugo Vezzetti, Hilda Sabato e Adrián Gorelik]. *RadarLibros / Página12*, Buenos Aires, 21 dez. 2003. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/suplementos/libros/10-858-2003-12-21.html>>. Acesso em: 22 jan. 2009.

PIGLIA, Ricardo. Conversaciones 1. Ricardo Piglia. *El río sin orillas*. Revista de filosofía, cultura y política, Buenos Aires, p. 92-114. 2010. Disponível em: <http://elriosinorillas.com.ar/pdf/revista4/conversaciones1_piglia.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2014.

_____. Entrevista a Jorge Wolff, Buenos Aires, 29 de outubro de 1998. In: WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos*. A teoria crítica francesa no *entrelugar* dos trópicos. Tese (Doutorado em Literatura) – UFSC, Florianópolis, 2001. p. 20-29. (Anexo 1 da tese, Entrevistas)

_____. Entrevista concedida a Raphael Nunes Nicoletti Sebrian (áudio, sem autorização para transcrição e/ou publicação integral). Gravação realizada em São Paulo, em 26 de setembro de 2011. 31min e 31seg.

SABATO, Hilda. “Una revolución historiográfica que todavía está en marcha”. Entrevista concedida a Ana Virginia Persello e Luciano de Privitellio. *Boletín Bibliográfico Electrónico del Programa Buenos Aires de Historia Política*, Mar del Plata, año 1, n. 1, 2008.

_____. Siento incomodidad frente a la posibilidad de que la vida académica se convierta en un chaleco de fuerza para el desarrollo de un pensamiento crítico. (Conversación con Roy Hora y Javier Trímboli). In: HORA, Roy; TRÍMBOLI, Javier (orgs.). *Pensar la Argentina*. Los historiadores hablan de historia y política. Buenos Aires: El Cielo por Asalto / Imago Mundi, 1994. p. 80-106.

SARLO, Beatriz. Comigo não. Beatriz Sarlo, a voz do contra na Argentina. (entrevista/artigo, por Carol Pires). *Revista Piauí*, São Paulo, n. 63, dez. 2011. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-63/questoes-politico-literarias-circunvizinhas/comigo-nao>>. Acesso em: 01 mar. 2012.

_____. Condenas, ficciones y rescates de la memoria: entrevista con Beatriz Sarlo, por Roberto García Bonilla. *Iberoamericana. América Latina, España, Portugal*. Ensayos sobre letras, historia y sociedad. Notas. Reseñas iberoamericanas, Berlim, ano VI, n. 24, p. 178-189, 2006. Disponível em: <http://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Iberoamericana/2006/Nr_24/24_Garcia_Bonilla.pdf>. Acesso em: 17 set. 2010.

_____. Conversación con Javier Trímboli. In: TRÍMBOLI, Javier (org.). *La Izquierda en la Argentina*. Conversaciones Carlos Altamirano, Martín Caparrós, Horacio González, Eduardo Grüner, Emilio De Ipola, León Rozitchner, Beatriz Sarlo, Horacio Tarcus. Entrevistas de Javier Trímboli. Buenos Aires: Manantial, 1998. p. 221-249.

_____. Entrevista a Beatriz Sarlo, por Adriana Bocchino y Mónica Bueno. *CELEHIS : Revista del Centro de Letras Hispanoamericanas*, Mar del Plata, n. 9, p. 163-189, 1997. Disponível em: <<http://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/celehis/article/viewFile/536/541>>. Acesso em: 01 mar. 2012.

_____. Entrevista a Beatriz Sarlo. “Tozuda modernidad”, por Sofia Mercader e Diego García. *Artepolítica.com*, Buenos Aires, jul. 2012. Disponível em: <<http://artepolitica.com/articulos/entrevista-a-beatriz-sarlo/>>. Acesso em: 01 out. 2014.

_____. Entrevista a Jorge Wolff, Buenos Aires, 15 de junho de 1999. In: WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos*. A teoria crítica francesa no *entrelugar* dos trópicos. Tese (Doutorado em Literatura) – UFSC, Florianópolis, 2001. p. 30-51. (Anexo 1 da tese, Entrevistas)

_____. Entrevista com Beatriz Sarlo, por Alejandro Blanco e Luiz Carlos Jackson. *Tempo Social*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 133-150, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702009000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 set. 2010.

_____. Entrevista concedida a Raphael Nunes Nicoletti Sebian (áudio, sem autorização para transcrição e/ou publicação integral). Gravação realizada em Buenos Aires, em 06 de julho de 2009. 62min e 51seg.

_____. “La hacíamos por nosotros más que por los lectores”. 30 de março de 2004. *Página 12*, Buenos Aires. Entrevista concedida a Silvina Frieri. *Página/12*. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/cultura/7-33440-2004-3-30.html>>. Acesso em 22 mar. 2008.

_____. Literatura y politica. (entrevista). *Criterio*, n. 2327, jun. 2007.

_____. Mientras la figura del intelectual tiende a hacerse borrosa, y la reemplaza la del técnico, trato de rescatar el momento globalizador del discurso intelectual. (Conversación con

Roy Hora y Javier Trímboli). In: HORA, Roy; TRÍMBOLI, Javier (orgs.). *Pensar la Argentina*. Los historiadores hablan de historia y política. Buenos Aires: El Cielo por Asalto / Imago Mundi, 1994. p. 162-196.

_____. Tenemos que pensar que otra alternativa es posible. (Conversación con Cristina Mucci). In: MUCCI, Cristina (org.). *Pensar la Argentina*. Buenos Aires: Norma, 2006. p. 81-103.

SCHMUCLER, Héctor; ROSA, Nicolás. Entrevista a Jorge Wolff, Florianópolis, 20 de agosto de 1998. In: WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos*. A teoria crítica francesa no *entrelugar* dos trópicos. Tese (Doutorado em Literatura) – UFSC, Florianópolis, 2001. p. 1-19. (Anexo 1 da tese, Entrevistas)

SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Los protagonistas: conversación retrospectiva. [com Susana Zanetti, Nora Dottori, Miguel Palermo, Jorge Lafforgue, Carlos Altamirano, Graciela Cabal, Beatriz Sarlo, Pablo Barragán, Silvia González, Jorge Warley e Graciela Montes]. In: BUENO, Mónica; TARONCHER, Miguel Angel (coord.). *Centro Editor de América Latina*. Capítulos para una historia. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 2006. p. 279-323.

SOMOZA, Patricia; VINELLI, Elena. Para una historia de *Los Libros*. [diálogo com Ricardo Piglia, Carlos Altamirano, Germán García, Guillermo Schavelzon, Héctor Schmucler] In: SCHMUCLER, Héctor et al. *Los Libros*: edición facsimilar. Volume 1. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011. p. 9-19.

TERÁN, Oscar. La historiografía es la encargada de articular un sentido para las experiencias colectivas. Sin él, una sociedad contiene zonas de anemia y desmemoria. (Conversación con Roy Hora y Javier Trímboli). In: HORA, Roy; TRÍMBOLI, Javier (orgs.). *Pensar la Argentina*. Los historiadores hablan de historia y política. Buenos Aires: El Cielo por Asalto / Imago Mundi, 1994. p. 55-79.

VEZZETTI, Hugo. Trayectoria universitaria: Hugo Vezzetti, una mirada histórica sobre la Psicología en la Argentina. Entrevista concedida a Luciano Alonso e Marisa Germain em 10 de março de 2009. *Psyberia*. Revista digital, Rosario, año 2, n. 3, p. 42-58, jun. 2010. Disponível em: <http://www.fpsico.unr.edu.br/revista/revista_psyberia03.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2012.

Revistas

LOS LIBROS. Edición facsimilar. Prólogo de Patricia Somoza y Elena Elvira Vinelli. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011. 4v.

PUNTO DE VISTA. REVISTA DE CULTURA. Colección completa (Números 1 a 90, 1978-2008). CD-Rom. Buenos Aires, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de História intelectual. *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 9-17, jun. 2007.

_____. *Intelectuales*: notas de investigación. Bogotá: Editorial Norma, 2006. [reeditado, em 2013, em versão atualizada e ampliada, pela Siglo XXI Argentina, com o título *Intelectuales*: notas de investigación sobre una tribu inquieta]

_____. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz Editores, 2008. p. 9-27.

_____. Introducción al volumen II. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 9-28.

_____. “La lucha por la idea”: el proyecto de la renovación peronista. In: NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente (comps.). *La historia reciente*: Argentina en democracia. Buenos Aires: Edhasa, 2004. p. 59-74.

_____. *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

_____. *Peronismo y cultura de izquierda*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

APREA, Gustavo. *Cine y políticas en Argentina*: continuidades y discontinuidades en 25 años de democracia. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento; Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008.

BEIRED, José Luis Bendicho. Vertentes da História Intelectual. In: BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio; GARCIA, Tânia da Costa (orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa “Cultura e Políticas nas Américas”*. Volume I. Assis: FCL-Assis-Unesp Publicações, 2009. p. 86-98.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 349-363.

_____. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecilia; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 29-46.

BLACKBURN, Robin (org.). *Depois da queda – O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

BLANCO, Cecilia; TORTTI, María Cristina. La izquierda tradicional y su crisis. In: CAMOU, Antonio. TORTTI, María Cristina; VIGUERA, Aníbal (coord.). *La Argentina democrática*: los años y los libros. Buenos Aires: Prometeo Libros; La Plata: Univ. Nacional de La Plata, 2007. p. 127-131.

BRENNAN, James P. *El Cordobazo*. Las guerras obreras en Córdoba, 1955-1976. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Sudamericana, 1996.

BOHOSLAVSKY, Ernesto; FRANCO, Marina; IGLESIAS, Mariana; LVOVICH, Daniel. Promesas y problemas de la historia reciente del Cono Sur (a modo de introducción). In: BOHOSLAVSKY, Ernesto; FRANCO, Marina; IGLESIAS, Mariana; LVOVICH, Daniel (comps.). *Problemas de historia reciente del Cono Sur*. Volumen 1. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010. p. 11-19.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 183-191.

BURGOS, Raúl. *Los gramscianos argentinos: cultura y política en la experiencia de Pasado y Presente*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 2004.

CAMOU, Antonio. TORTTI, María Cristina; VIGUERA, Aníbal (coord.). *La Argentina democrática: los años y los libros*. Buenos Aires: Prometeo Libros; La Plata: Univ. Nacional de La Plata, 2007.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Cuadernos Hispanoamericanos – Idéias políticas numa revista de cultura. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-370, 2005.

CASCO, José. Política y cultura en la transición democrática. Un análisis del mundo cultural argentino a través de la revista *Controversia*. Disponível em: <http://webiigg sociales.uba.ar/iigg/jovenes_investigadores/3JornadasJovenes/Templates/Tiempo-espacio-cuerpo-situaci%F3n/casco-tiempo.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2013.

_____. El exilio intelectual en México. Notas sobre la experiencia argentina 1974-1983. *Apuntes de Investigación del CECYP*, Buenos Aires, n. 13, p. 148-164, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.apuntescecyp.com.ar/index.php/apuntes/article/view/273>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

CELENTANO, Adrián. Insurrección obrera y compromiso intelectual. Los intelectuales de *Los Libros* y de *Cristianismo y Revolución* frente al Cordobazo y el Viborazo. *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, Buenos Aires, n. 4, 2014a. [utilizou-se versão cedida pelo autor, com o conteúdo completo, cuja paginação e diagramação não correspondem à versão editada]

_____. La formación de Vanguardia Comunista, de la crisis del socialismo a la adopción del maoísmo y el problema de la construcción del partido revolucionario entre 1965 y 1969. *VII Jornadas de Historia Política*, Tandil, 2012a. Disponível em: <http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/viiij_celentano.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2013.

_____. Las ediciones del maoísmo argentino. *Actas del Primer Congreso Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición*. Buenos Aires, 2012b. Disponível em: <<http://coloquiolibroyedicion.fahce.unlp.edu.ar/actas/Celentano.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

_____. Maoísmo y nueva izquierda. La formación de Vanguardia Comunista y el problema de la construcción del partido revolucionario entre 1965 y 1969. In: TORTTI, María Cristina; CHAMA, Mauricio; CELENTANO, Adrián (dir.). *La nueva izquierda argentina (1955-1976): socialismo, peronismo y revolución*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2014b. p. 83-109.

CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades. In: _____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 23-60.

CRESPO, Horacio. José María Aricó [Verbetes]. In: TARCUS, Horacio (dir.). *Diccionario biográfico de la izquierda argentina*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007. p. 22-25.

CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH-USP / Humanitas, 2011. p. 98-116.

_____. (coord.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México: Unam-Cialc, Ediciones Eón, 2010.

DALMARONI, Miguel. Dictaduras, memoria y modos de narrar: Confines, Punto de Vista, Revista de Crítica Cultural, H.I.J.O.S. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. 1, n. 208-209, p. 957-982, jul./dez. 2004a. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/5519/5670>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

_____. *La palabra justa: literatura, crítica y memoria en la Argentina (1960-2002)*. Mar del Plata: Melusina; Santiago de Chile: RIL, 2004b. Disponível em: <<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.1/pm.1.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

DE DIEGO, José Luis. *Campo intelectual y campo literario en la Argentina (1970-1986)*. Tese (Doutorado em Letras) – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2000.

_____. Intelectuales y política en los ochenta. *Hispamérica: Revista de Literatura*, Maryland, año 35, n. 103, p. 101-108, abr. 2006.

_____. La transición democrática: intelectuales y escritores. In: CAMOU, Antonio. TORTTI, María Cristina; VIGUERA, Aníbal (coord.). *La Argentina democrática: los años y los libros*. Buenos Aires: Prometeo Libros; La Plata: Univ. Nacional de La Plata, 2007. p. 49-82.

_____. Los intelectuales y la izquierda en la Argentina (1955-1975). In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 395-416.

_____. “¿Quién de nosotros escribirá el Facundo?” Intelectuales y escritores en Argentina (1970-1986). La Plata: Al Margen, 2001.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

_____. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

DEVOTO, Fernando J. (dir.). *Historiadores, ensayistas y gran público: la historiografía argentina, 1990-2010*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2010.

DEVOTO, Fernando; PAGANO, Nora. *Historia de la historiografía argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DOSSE, François. Da história das idéias à história intelectual. In: _____. *História e ciências sociais*. Tradução de Fernanda Abreu. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 283-311.

_____. *La marcha de las ideas*. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Traducción de Rafael F. Tomáz. València: Publicacions de la Universitat de València, 2006.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco; revisão técnica de Cezar Mortari. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

ELIZALDE, Josefina. *Intelectuales y política en la transición democrática*. El Grupo Esmeralda. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – FLACSO, Buenos Aires, 2009.

_____. La participación política de los intelectuales durante la transición democrática: el Grupo Esmeralda y el presidente Alfonsín. *Temas de historia argentina y americana*, n. 15, p. 53-87, jul.-dez. 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/participacion-politica-intelectuales-durante-transicion.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

FERNÁNDEZ WAGNER, Raúl. *Democracia y ciudad: procesos y políticas urbanas en las ciudades argentinas: 1983-2008*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento; Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008.

GAGO, Verónica. *Controversia, una lengua del exilio*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2012.

GARATEGARAY, Martina. Democracia, intelectuales y política. «Punto de Vista, Unidos y La Ciudad Futura» en la transición política e ideológica de la década del '80. *Estudios*. Revista del Centro de Estudios Avanzados. Córdoba, n. 29, p. 53-72, jan.-jun. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unc.edu.ar/index.php/restudios/article/view/5339/5501>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

GERBAUDO, Analía Isabel. Intervenciones olvidadas: Beatriz Sarlo en la universidad argentina de la posdictadura (1984-1986). *Perífrasis*. Revista de Literatura, Teoría y Crítica, Bogotá, v. 1, n. 1, p. 49-64, jan.-jun. 2010. Disponível em: <<http://revistaperifrasis.uniandes.edu.co/images/intervenciones%20olvidadas%20beatriz%20sarlo%20en%20la%20universidad%20argentina%20de%20la%20posdictadura%201984-1986.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 2003.

GOCIOI, Judith et al. *Más libros para más: colecciones del Centro Editor de América Latina*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2007a.

GOCIOI, Judith; INVERNIZZI, Hernán. *Un golpe a los libros*. Represión a la cultura durante la última dictadura militar. 2. ed. Buenos Aires: Eudeba, 2007b.

GORELIK, Adrián. La década del treinta de María Teresa Gramuglio. In: PRIETO, Martín; PODLUBNE, Judith (comps.). *María Teresa Gramuglio: la exigencia crítica*. Quince ensayos y una entrevista. Rosario: Beatriz Viterbo Editora; Universidad Nacional de Rosario, 2014. p. 27-42.

LEITE, Isabel Cristina. Intelectuais e o debate sobre violência revolucionária nos anos 1980: o caso das revistas *Punto de Vista* e *La Ciudad Futura*. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 47-57, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rsulacp/article/viewFile/4712/4055>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

LEYMARIE, Michel; SIRINELLI, Jean-François (dirs.). *L'histoire des intellectuels aujourd'hui*. Paris: PUF, 2003

LVOVICH, Daniel; BISQUERT, Jaquelina. *La cambiante memoria de la dictadura: discursos públicos, movimientos sociales y legitimidad democrática*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento; Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008.

MASIELLO, Francine. La Argentina durante el Proceso: las múltiples resistencias de la cultura. In: BALDERSTON, Daniel; FOSTER, David William; DONGHI, Tulio Halperin; MASIELLO, Francine; MORELLO-FROSCH, Marta; SARLO, Beatriz. *Ficción y política*. La narrativa argentina durante el proceso militar. Buenos Aires/Minneapolis: Alianza Editorial/Institute for the Study of Ideologies & Literature, University of Minnesota, 1987. p. 11-30.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 34, p. 09-23, 1992.

MISKULIN, Silvia Cezar. *Cultura ilhada: imprensa e revolução cubana, 1959-1961*. São Paulo: Xamã, 2003.

_____. Diálogos e circuitos entre os intelectuais latino-americanos: olhares sobre Cuba nas revistas *Plural* e *Vuelta*. In: BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.). *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis : FCL-Assis-UNESP Publicações; São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas – FFLCH-USP, 2010. p. 245-270.

_____. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

MONTRUCCHIO, Marisa. Peronismo: caminhos construídos pela historiografia. *História* (São Paulo), São Paulo, v. 20, p. 199-226, 2001.

NOVARO, Marcos. *Argentina en el fin de siglo: democracia, mercado y nación (1983-2001)*. Buenos Aires: Paidós, 2009.

_____. *Historia de la Argentina: 1955-2010*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração democrática*. Tradução de Alexandra de Mello e Silva. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. (comps.). *La historia reciente: Argentina en democracia*. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

OLMOS, Ana Cecilia Arias. Apropiações críticas: Williams y Hoggart en Punto de Vista. *Anais eletrônicos do Congresso Brasileiro de Hispanistas*, São Paulo, v. 2, 2002. Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000000120020003000005&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 30 jun. 2006.

_____. Práctica intelectual y discurso crítico en la transición. Punto de Vista y Novos Estudos de Cebrap. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. 1, n. 208-209, p. 939-955, jul./dez. 2004.

_____. Revistas culturais dos 80: práticas críticas como estratégias de intervenção. *Estudios. Revista del Centro de Estudios Avanzados*, Córdoba, v. 1, n. 14, p. 59-67, 2003.

_____. *Revistas culturales de la transición: prácticas políticas y estrategias de intervención cultural – una lectura comparada de “Punto de vista” y “Novos Estudos Cebrap”*. 2000. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – FFLCH-USP, São Paulo, 2000.

OUBIÑA, David. Una lectura sobre Punto de Vista. *BazarAmericano.com*, Buenos Aires, 2004. Disponível em: <<http://www.bazaramericano.com/revista/oubina.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2007.

PATÍÑO, Roxana. América Latina. Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 457-470.

_____. Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la Argentina de los ochenta. *Revista Interamericana de Bibliografía*, v. XLVIII, 1998a. Disponível em: <http://www.educoas.org/portal/bdigoal/contenido/rib/rib_1998-2/articulo12/index.aspx?culture=pt>. Acesso em: 17 set. 2013.

_____. Democratizar/Modernizar. Los suplementos culturales en la transición argentina. *Hispanérica*, ano 26, n. 78, p. 3-16, dez. 1997a. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20540019>>. Acesso em: 17 set. 2013.

_____. Intelectuales en transición. Las revistas culturales argentinas (1981-1987). *Cuadernos de Recienvenido*, São Paulo, n. 4, 1997b.

_____. Narrativas políticas e identidades intelectuales en Argentina (1990-2000). *Latin American Studies Center (Working Paper)*, Maryland, 2003. Disponível em: <<http://www.lasc.umd.edu/Publications/WorkingPapers/NewLASCSeries/LASC10.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

_____. Punto de Vista, la persistente mirada intelectual. *Revista Interamericana de Bibliografía*, n. 1, 1998b. Disponível em: <http://www.educoas.com/portal/bdigoal/contenido/rib/rib_1998-1/articulo2/index.aspx?culture=pt&navid=230&Highlight=true&Search=aW50ZXJhbWVyaWNhbmE=>. Acesso em: 17 set. 2013.

_____. Revistas literarias y culturales argentinas de los 80: usinas para pensar una época. *Ínsula*, Madrid, n. 715-716, julio/agosto 2006. Disponível em: <<http://www.insula.es/Articulos/INSULA%20715-716.htm>>. Acesso em: 17 set. 2013.

PLOTKIN, Mariano; GONZÁLEZ LEANDRI, Ricardo. El regreso a la democracia y la consolidación de nuevas élites intelectuales. El caso de “Punto de Vista: Revista de Cultura”. Buenos Aires (1978-1985). In: _____ (editores). *Localismo y Globalización*. Aportes para una historia de los intelectuales en Iberoamérica. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Instituto de Historia, 2000, p. 217-240.

PODLUBNE, Judith. El archivo *Sur*. Algo más sobre la “operación Williams” en *Punto de Vista*. In: PRIETO, Martín; PODLUBNE, Judith (comps.). *María Teresa Gramuglio: la exigencia crítica*. Quince ensayos y una entrevista. Rosario: Beatriz Viterbo Editora; Universidad Nacional de Rosario, 2014. p. 43-65.

PONZA, Pablo. El *Club de Cultura Socialista* y la gestión Alfonsín: transición a una nueva cultura política plural y democrática. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Questions du temps présent, fev. 2013. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/65035>>. Acesso em: 18 abr. 2015

PUCCIARELLI, Alfredo R. (coord.). *Los años de Alfonsín*. ¿El poder de la democracia o la democracia del poder? Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006.

_____. *Los años de Menem: la construcción del orden neoliberal*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. L'histoire des intellectuels en Argentine? Les difficultés d'une société périphérique. In: LEYMARIE, Michel; SIRINELLI, Jean-François (dirs.). *L'histoire des intellectuels aujourd'hui*. Paris: PUF, 2003. p. 91-106.

REANO, Ariana. Controversia y La Ciudad Futura: democracia y socialismo en debate. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 74, n. 3, p. 487-511, julio-septiembre, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/rms/article/view/32223>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

_____. Los lenguajes políticos de la democracia. Alfonsín, *Controversia, Unidos y La Ciudad Futura*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidad Nacional de General Sarmiento / Instituto de Desarrollo Económico y Social, 2010.

REIS, Mateus Fávaro. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla* (Uruguai e Chile, 1932-1974). Tese (Doutorado em História) – FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2012.

RODRIGUES, Andresa Martins. A revista cultural 'Punto de Vista' na transição democrática argentina (1983-1986). In: CANCINO, Hugo; DE LA MORA V., Rogelio; MENEZES, Lenã Medeiros de; MOYA, Silvano G. A. Benito (eds.). *Miradas desde la historia social y la historia intelectual*. América Latina en sus culturas: de los procesos independistas a la globalización. Córdoba: Centro de Estudios Históricos Prof. Carlos S.A. Segreti; Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Católica de Córdoba; Universidad Veracruzana, México. Instituto de Investigaciones Histórico-Sociales, 2012. p. 705-721.

_____. *Escrita de um passado argentino: a revista cultural Punto de Vista* (1982-1989). Dissertação (Mestrado em História) – IFCH/UNICAMP, Campinas, 2014.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América. Cahiers du CRICCAL*. Les discours culturels dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970, Paris, n. 9-10, 1992.

_____. *La batalla de las ideas (1943-1973)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007a.

_____. La erudición y la elegancia. In: PRIETO, Martín; PODLUBNE, Judith (comps.). *María Teresa Gramuglio: la exigencia crítica. Quince ensayos y una entrevista*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora; Universidad Nacional de Rosario, 2014. p. 17-23.

_____. Política, ideología y figuración literaria. In: BALDERSTON, Daniel; FOSTER, David William; DONGHI, Tulio Halperin; MASIELLO, Francine; MORELLO-FROSCHE, Marta; SARLO, Beatriz. *Ficción y política*. La narrativa argentina durante el proceso militar. Buenos Aires/Minneapolis: Alianza Editorial/Institute for the Study of Ideologies & Literature, University of Minnesota, 1987. p. 30-59.

_____. Punto de Vista: una revista en dictadura y en democracia. In: SOSNOWSKI, Saúl (org.). *La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas*. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999, p. 525-536.

_____. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007b.

_____. Una revista en presente. *BazarAmericano.com*, Buenos Aires, 2004. Disponível em: <<http://www.bazaramericano.com/revista/sarlo.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2007.

SCHWARTZ, Jorge; PATIÑO, Roxana. Introducción. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. 1, n. 208-209, p. 647-650, jul./dez. 2004.

SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. Intelectuais, cultura, política e história em *Punto de Vista* (1978-1987). In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti; FERREIRA, Ricardo Alexandre; ANHEZINI, Karina; PIRES, Ariel José (orgs.). *Leituras do passado*. Campinas, SP.: Pontes Editores, 2009a. p. 201-221.

_____. Intelectuais, cultura, política e história na Argentina: do “signo das massas” a um “punto de vista” acerca da ditadura (1943-1983). In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti; SALES, Jean Rodrigues; PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; NETTO, Fernando Franco (orgs.). *Do político e suas interpretações*. Campinas, SP.: Pontes Editores, 2009b. p. 119-136.

_____. Intercâmbios, circulações, apropriações e mediações políticas e culturais em *Punto de Vista* e *Controversia* (1978-1981). In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti; STANCZYK FILHO, Milton; SALIS, Carmem Lúcia Gomes De; COSTA, Maria Paula; PONTAROLO, Fabio; PIRES, Ariel José. (orgs.). *Perspectivas historiográficas*. Campinas, SP.: Pontes Editores, 2010a. p. 195-215.

_____. *Punto de Vista*: cultura, política, história (1978-1983). In: SALES, Jean Rodrigues; FREITAG, Liliane; STANCZYK FILHO, Milton (orgs.). *Região: espaço, linguagem e poder*. São Paulo: Alameda, 2010b. p. 173-190.

_____. Um projeto de cultura e a construção de uma elite intelectual: a revista argentina *Punto de Vista* (1978-2008). *Cultura histórica & Patrimônio*, v. 1, p. 153-167, 2012.

SIGAL, Silvia. *Intelectuales y poder en la década del sesenta*. Buenos Aires: Puntosur, 1991.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A História Intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

_____. *Fragmentos da história intelectual*: entre questionamentos e perspectivas. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre (dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-279.

_____. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SOLER, Lorena. Cuando parten las ideas. Exilio y transformaciones del campo intelectual. *Apuntes de Investigación del CECYP*, Buenos Aires, n. 13, p. 165-167, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.apuntescecyp.com.ar/index.php/apuntes/article/view/274>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

TARCUS, Horacio (dir.). *Diccionario biográfico de la izquierda argentina*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007a.

_____. Introducción. Las revistas culturales argentinas. In: _____ (ed.). *Catálogo de Revistas Culturales Argentinas* (1890-2006). Buenos Aires: CEDINCI, 2007b.

_____. Juan Carlos Portantiero [Verbete]. In: TARCUS, Horacio (dir.). *Diccionario biográfico de la izquierda argentina*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007c. p. 520-523

TERÁN, Oscar. Ideas e intelectuales en la Argentina, 1880-1980. In: _____ (coord.). *Ideas en el siglo*. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008. p. 13-95.

_____. *Nuestros años sesentas*. La formación de la nueva izquierda intelectual en la Argentina, 1955-1966. Buenos Aires: Puntosur, 1991.

TORTTI, María Cristina. Debates y rupturas en los partidos Comunista y Socialista durante el frondizismo. *Prismas*. Revista de Historia Intelectual, Buenos Aires, n. 6, p. 265-274, 2002.

_____. *El “viejo” Partido Socialista y los orígenes de la “nueva izquierda”*. Tese (Doutorado em História) – Universidad Nacional de La Plata (UNLP), La Plata, 2007.

_____. *La nueva izquierda argentina*. La cuestión del peronismo y el tema de la revolución. In: TORTTI, María Cristina; CHAMA, Mauricio; CELENTANO, Adrián (dir.). *La nueva izquierda argentina (1955-1976): socialismo, peronismo y revolución*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2014. p. 15-33.

VEZZETTI, Hugo. Los sesenta y los setenta: la historia, la conciencia histórica y lo impensable. *Prismas*, Bernal, v. 15, n. 1, p. 53-62, jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-04992011000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2013.

_____. *Pasado y presente*. Guerra, dictadura y sociedad en la Argentina. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 2009a. [primeira edição, 2002]

_____. *Sobre la violencia revolucionaria: memorias y olvidos*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 2009b.

WINN, Peter. Hacia un balance: ¿es la historia reciente un campo de estudio establecido? In: BOHOSLAVSKY, Ernesto; FRANCO, Marina; IGLESIAS, Mariana; LVOVICH, Daniel (comps.). *Problemas de historia reciente del Cono Sur*. Volumen 2. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010. p. 323-335.

WOLFF, Jorge Hoffmann. *Telquelismos latino-americanos*. A teoria crítica francesa no *entrelugar* dos trópicos. Tese (Doutorado em Literatura) – UFSC, Florianópolis, 2001.

_____. *Telquelismos latinoamericanos*. La teoría crítica francesa en el *entre-lugar* de los trópicos. Buenos Aires: Grumo, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A

CONFORMAÇÕES DO CONSELHO DE DIREÇÃO

NÚMEROS 1 A 5

Diretor: **Jorge Sevilla**

NÚMEROS 6 A 11

Diretor: **Jorge Sevilla**

Secretária de redação: **Beatriz Sarlo**

NÚMEROS 12 A 15

Diretora: **Beatriz Sarlo**

Conselho de Direção: **Carlos Altamirano**
María Teresa Gramuglio
Ricardo Piglia
Beatriz Sarlo
Hugo Vezzetti

NÚMERO 16

Diretora: **Beatriz Sarlo**

Conselho de Direção: **Carlos Altamirano**
María Teresa Gramuglio
Beatriz Sarlo
Hugo Vezzetti

NÚMEROS 17 A 19

Diretora: **Beatriz Sarlo**

Conselho de Direção: **Carlos Altamirano**
María Teresa Gramuglio
Hilda Sabato
Beatriz Sarlo
Hugo Vezzetti

NÚMEROS 20 A 40

Diretora: **Beatriz Sarlo**

Conselho de Direção: **Carlos Altamirano**
José Aricó
María Teresa Gramuglio
Juan Carlos Portantiero
Hilda Sabato
Beatriz Sarlo
Hugo Vezzetti

NÚMERO 41Diretora: **Beatriz Sarlo**

Conselho de Direção: **Carlos Altamirano**
José Aricó (1931-1991)
María Teresa Gramuglio
Juan Carlos Portantiero
Hilda Sabato
Beatriz Sarlo
Hugo Vezzetti

NÚMEROS 42 A 52Diretora: **Beatriz Sarlo**

Conselho de Direção: **Carlos Altamirano**
José Aricó (1931-1991)
Adrián Gorelik
María Teresa Gramuglio
Juan Carlos Portantiero
Hilda Sabato
Beatriz Sarlo
Hugo Vezzetti

NÚMEROS 53 A 76Diretora: **Beatriz Sarlo**

Conselho de Direção: **Carlos Altamirano**
José Aricó (1931-1991)
Adrián Gorelik
María Teresa Gramuglio
Hilda Sabato
Beatriz Sarlo
Hugo Vezzetti

Conselho Assessor: **Raúl Beceyro**
Jorge Dotti
Rafael Filippelli
Federico Monjeau
Oscar Terán

NÚMEROS 77 A 78Diretora: **Beatriz Sarlo**

Conselho de Direção: **Carlos Altamirano**
José Aricó (1931-1991)
Adrián Gorelik
María Teresa Gramuglio
Hilda Sabato
Beatriz Sarlo
Hugo Vezzetti

Conselho Assessor: **Raúl Beceyro**
Jorge Dotti
Rafael Filippelli
Federico Monjeau
Oscar Terán

NÚMEROS 79 A 90

Diretora: **Beatriz Sarlo**

Subdiretor: **Adrián Gorelik**

Conselho Editor: **Raúl Beceyro**
Jorge Dotti
Rafael Filippelli
Federico Monjeau
Ana Porrúa
Oscar Terán
Hugo Vezzetti

APÊNDICE B

INFORMAÇÕES SOBRE CADA EDIÇÃO DE *PUNTO DE VISTA* SEGUIDAS PELA QUANTIFICAÇÃO DOS RESULTADOS

(1) INFORMAÇÕES SOBRE CADA EDIÇÃO DE *PUNTO DE VISTA*

NÚMERO 1

Total de textos assinados por **Punto de Vista**¹: 7

Total de artigos publicados: 2

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 1

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 5

Total de outros textos (anúncios): 1

Total de textos: 16

Total de páginas do número: 32

NÚMERO 2

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 5

Total de artigos publicados: 4

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 5

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 4

Total de outros textos (anúncios): 2

Total de textos: 20

Total de páginas do número: 32

NÚMERO 3

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 3

Total de artigos publicados: 3

Total de entrevistas publicadas: 3

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 5

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 5

Total de outros textos (anúncios): 7

Total de textos: 26

Total de páginas do número: 36

¹ Neste item estão incluídos os textos assinados/atribuídos ao Conselho de Direção e ao Conselho Assessor e/ou à denominação genérica **Punto de Vista** (que também representa o Conselho de Direção). Alguns textos, apesar de não assinados, também são de autoria do Conselho.

NÚMERO 4

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 2
 Total de artigos publicados: 3
 Total de entrevistas publicadas: 2
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 4
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 4
 Total de outros textos (anúncios): 6
Total de textos: 21
Total de páginas do número: 32

NÚMERO 5

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 2
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 4
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 7
 Total de outros textos (anúncios): 5
Total de textos: 18
Total de páginas do número: 36

NÚMERO 6

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 4
 Total de entrevistas publicadas: 3
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários: 6
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 2
 Total de outros textos (anúncios): 5
Total de textos: 20
Total de páginas do número: 40

NÚMERO 7

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 6
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 3
 Total de outros textos (anúncios): 4
Total de textos: 14
Total de páginas do número: 36

NÚMERO 8

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 3
 Total de entrevistas publicadas: 2
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 4
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 2
 Total de outros textos (anúncios): 5
Total de textos: 16
Total de páginas do número: 40

NÚMERO 9

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 6
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 3
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 1
 Total de outros textos (anúncios): 5
Total de textos: 15
Total de páginas do número: 44

NÚMERO 10

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 5
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 2
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 5
 Total de outros textos (anúncios): 4
Total de textos: 16
Total de páginas do número: 44

NÚMERO 11

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 3
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 5
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 5
 Total de outros textos (anúncios): 4
Total de textos: 17
Total de páginas do número: 44

NÚMERO 12

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 2
 Total de artigos publicados: 3
 Total de entrevistas publicadas: 1
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 6
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 3
 Total de outros textos (anúncios): 5
Total de textos: 20
Total de páginas do número: 40

NÚMERO 13

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
 Total de artigos publicados: 3
 Total de entrevistas publicadas: 1
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 4
 Total de outros textos (anúncios): 5
Total de textos: 15
Total de páginas do número: 32

NÚMERO 14

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 3
 Total de artigos publicados: 3
 Total de entrevistas publicadas: 2
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 12
 Total de outros textos (anúncios): 6
Total de textos: 27
Total de páginas do número: 40

NÚMERO 15

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
 Total de artigos publicados: 4
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 8
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 6
 Total de textos “Correo de lectores”: 1
 Total de outros textos (anúncios): 7
Total de textos: 27
Total de páginas do número: 32

NÚMERO 16

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 2

Total de artigos publicados: 4

Total de entrevistas publicadas: 2

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 1

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 6

Total de outros textos (anúncios): 8

Total de textos: 23

Total de páginas do número: 40

NÚMERO 17

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 2

Total de artigos publicados: 7

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 2

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 10

Total de outros textos (anúncios): 8

Total de textos: 29

Total de páginas do número: 56

NÚMERO 18

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 2

Total de artigos publicados: 8

Total de entrevistas publicadas: 1

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 4

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 6

Total de textos “Derecho de réplica”: 1

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 34

Total de páginas do número: 60

NÚMERO 19

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 2
 Total de artigos publicados: 5
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 6
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 7
 Total de textos “Correo de lectores”: 1
 Total de textos “Derecho de réplica”: 1
 Total de outros textos (anúncios): 10

Total de textos: 32

Total de páginas do número: 56

NÚMERO 20

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 6
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 13
 Total de textos “Derecho de replica” e resposta: 2
 Total de outros textos (anúncios): 8

Total de textos: 30

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 21

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 7
 Total de entrevistas publicadas: 1
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 7
 Total de textos “Cartas de exilados”: 6
 “Índice Geral (números 1 a 20)”: 1
 Total de outros textos (anúncios): 13

Total de textos: 35

Total de páginas do número: 50

Total de páginas do número mais uma separata (Índice Geral, números 1 a 20): 58

NÚMERO 22

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 9

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 8

“Declaração de Princípios do Club de Cultura Socialista”: 1

Total de outros textos (anúncios): 10

Total de textos: 28

Total de páginas do número: 42

NÚMERO 23

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 6

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 1

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 9

Total de outros textos (anúncios): 4

Total de textos: 20

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 24

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 5

Total de entrevistas publicadas: 2

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 2

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 10

Carta enviada “Reflexiones sobre la universidad argentina”: 1

Total de outros textos (anúncios): 9

Total de textos: 29

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 25

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 5
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 9
 Réplica e Carta “Réplica”: 2
 Total de outros textos (anúncios): 8
Total de textos: 24
Total de páginas do número: 46

NÚMERO 26

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 3
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 4
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 6
 Texto “Derecho de replica”: 2
 Total de outros textos (anúncios): 6
Total de textos: 22
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 27

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 5
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 4
 Texto “Derecho de replica”: 1
 Separata (“Perfil político y filosófico”, Entrevista com J. Habermas): 1
 Total de outros textos (anúncios): 9
Total de textos: 21
Total de páginas do número sem a Separata: 42
Total de páginas do número com a Separata: 74

NÚMERO 28

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 6
 Separata (“Modernismo e ideologías”, de Carlos Real de Azúa): 1
 Manifesto: 1
 Total de outros textos (anúncios): 10

Total de textos: 27
Total de páginas do número sem a Separata: 54
Total de páginas do número com a Separata: 96

NÚMERO 29

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 5
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 6
 Separata (“Guía del postmodernismo”, de Andreas Huyssen): 1
 Total de outros textos (anúncios): 10

Total de textos: 22
Total de páginas do número sem a Separata: 54
Total de páginas do número com a Separata: 96

NÚMERO 30

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
 Total de artigos publicados: 5
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 4
 Manifestos: 5
 Separata (“La idea de ciudad en el pensamiento europeo: de Voltaire a Spengler”, de Carl Schorske): 1
 Total de outros textos (anúncios): 10

Total de textos: 26
Total de páginas do número sem a Separata: 46
Total de páginas do número com a Separata: 64

NÚMERO 31

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 7
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Separata (“Crítica secular”, Edward Said): 1
 Total de outros textos (anúncios): 11

Total de textos: 19
Total de páginas do número sem a Separata: 46
Total de páginas do número com a Separata: 72

NÚMERO 32

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 4
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 5
 Separata (“Transformación social y creación cultural”, de Cornelius Castoriadis): 1
 Total de outros textos (anúncios): 13

Total de textos: 23
Total de páginas do número sem a Separata: 34
Total de páginas do número com a Separata: 50

NÚMERO 33

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 11

Total de textos: 20
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 34

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
 Total de artigos publicados: 10
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 8

Total de textos: 19

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 35

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 8
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Manifesto (“Indulto para nadie”): 1
 Total de outros textos (anúncios): 8

Total de textos: 17

Total de páginas do número: 34

NÚMERO 36

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 10
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Manifesto (“Indulto para nadie”): 1
 Total de outros textos (anúncios): 8

Total de textos: 19

Total de páginas do número: 45

NÚMERO 37

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 7
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 7

Total de textos: 14

Total de páginas do número: 42

NÚMERO 38

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 6
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Cartas: 3
 Total de outros textos (anúncios): 8
Total de textos: 17
Total de páginas do número: 34

NÚMERO 39

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 7
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 8
Total de textos: 16
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 40

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 10
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Manifestos de intelectuais: 2
 Total de outros textos (anúncios): 8
Total de textos: 20
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 41

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 7
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 1
 Total de outros textos (anúncios): 8
Total de textos: 16
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 42

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 9

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 10

Total de textos: 20

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 43

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 9

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 9

Total de textos: 18

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 44

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 5

Total de entrevistas publicadas: 2

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 2

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 10

Total de textos: 19

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 45

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 8

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 1

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 15

Total de textos: 24

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 46

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 8

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 2

Total de textos literários divulgados: 1

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 16

Total de textos: 27

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 47

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 11

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 9

Total de textos: 20

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 48

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 8

Total de entrevistas publicadas: 1

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 16

Total de textos: 25

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 49

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 10

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 1

Total de outros textos (anúncios): 17

Total de textos: 28

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 50

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 1
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 14

Total de textos: 25

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 51

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 8
 Total de entrevistas publicadas: 1
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 1
 Total de outros textos (anúncios): 11

Total de textos: 22

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 52

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 8
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 13

Total de textos: 22

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 53

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 6
 Total de entrevistas publicadas: 1
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 2
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 3

Total de textos: 12

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 54

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 3
Total de textos: 12
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 55

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 6
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 3
Total de textos: 10
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 56

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 1
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 13
Total de textos: 23
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 57

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 6
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1
 Total de textos literários divulgados: 5
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 7
Total de textos: 19
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 58

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 4
Total de textos: 13
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 59

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 8
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 6
Total de textos: 15
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 60

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
 Total de artigos publicados: 14
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 3
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 12
Total de textos: 30
Total de páginas do número: 63

NÚMERO 61

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 6
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 13
Total de textos: 20
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 62

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 8

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 20

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 63

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 9

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 21

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 64

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 10

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 10

Total de textos: 20

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 65

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 7

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 4

Total de textos: 12

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 66

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 5

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 2

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 19

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 67

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1

Total de artigos publicados: 6

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 13

Total de textos: 21

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 68

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 9

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 4

Total de textos: 14

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 69

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 11

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 23

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 70

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
 Total de artigos publicados: 7
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 4

Total de textos: 12

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 71

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 2
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 11

Total de textos: 22

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 72

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 1

Total de textos: 11

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 73

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 10
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 11

Total de textos: 21

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 74

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 8

Total de entrevistas publicadas: 1

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 2

Total de textos: 11

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 75

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 8

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 20

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 76

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 9

Total de entrevistas publicadas: 1

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 22

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 77

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 9

Total de entrevistas publicadas: 1

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 1

Total de textos: 11

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 78

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 8
Total de textos: 18
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 79

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
 Total de artigos publicados: 10
 Total de entrevistas publicadas: 0
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Cartas: 3
 Manifesto “Cuba y los derechos humanos”: 1
 Total de outros textos (anúncios): 1
Total de textos: 16
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 80

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
 Total de artigos publicados: 9
 Total de entrevistas publicadas: 1
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
 Total de textos literários divulgados: 1
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 11
Total de textos: 22
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 81

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
 Total de artigos publicados: 5
 Total de entrevistas publicadas: 1
 Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1
 Total de textos literários divulgados: 0
 Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
 Total de outros textos (anúncios): 4
Total de textos: 12
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 82

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
Total de artigos publicados: 6
Total de entrevistas publicadas: 1
Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1
Total de textos literários divulgados: 0
Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 1
Total de outros textos (anúncios): 8
Total de textos: 18
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 83

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
Total de artigos publicados: 8
Total de entrevistas publicadas: 1
Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
Total de textos literários divulgados: 0
Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
Total de outros textos (anúncios): 8
Total de textos: 17
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 84

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1
Total de artigos publicados: 9
Total de entrevistas publicadas: 0
Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1
Total de textos literários divulgados: 0
Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
Total de outros textos (anúncios): 9
Total de textos: 20
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 85

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0
Total de artigos publicados: 9
Total de entrevistas publicadas: 1
Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0
Total de textos literários divulgados: 0
Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0
Total de outros textos (anúncios): 10
Total de textos: 20
Total de páginas do número: 50

NÚMERO 86

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 7

Total de entrevistas publicadas: 1

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 20

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 87

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 7

Total de entrevistas publicadas: 1

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias, diário etc.) divulgados: 1

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 21

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 88

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 13

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 10

Total de textos: 23

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 89

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 0

Total de artigos publicados: 8

Total de entrevistas publicadas: 1

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 0

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 12

Total de textos: 21

Total de páginas do número: 50

NÚMERO 90

Total de textos assinados por **Punto de Vista**: 1

Total de artigos publicados: 6

Total de entrevistas publicadas: 0

Total de diálogos/debates coletivos publicados: 1

Total de textos literários divulgados: 0

Total de outros textos (resenhas, notas, notícias etc.) divulgados: 0

Total de outros textos (anúncios): 4

Total de textos: 12

Total de páginas do número: 50

(2) QUANTIFICAÇÃO DOS RESULTADOS

TEXTOS ASSINADOS POR <i>PUNTO DE VISTA</i>	
<i>Números</i>	<i>Total</i>
1-10	17
11-20	15
21-30	1
31-40	1
41-50	1
51-60	1
61-70	2
71-80	1
81-90	4
TOTAL GERAL	43

ARTIGOS	
<i>Números</i>	<i>Total</i>
1-10	38
11-20	46
21-30	59
31-40	78
41-50	84
51-60	83
61-70	78
71-80	90
81-90	78
TOTAL GERAL	634

ENTREVISTAS	
<i>Números</i>	<i>Total</i>
1-10	10
11-20	7
21-30	3
31-40	0
41-50	4
51-60	3
61-70	0
71-80	6
81-90	7
TOTAL GERAL	40

DIÁLOGOS/DEBATES COLETIVOS	
<i>Números</i>	<i>Total</i>
1-10	0
11-20	0
21-30	4
31-40	0
41-50	5
51-60	10
61-70	6
71-80	0
81-90	4
TOTAL GERAL	29

TEXTOS LITERÁRIOS DIVULGADOS	
<i>Números</i>	<i>Total</i>
1-10	35
11-20	35
21-30	5
31-40	1
41-50	2
51-60	5
61-70	0
71-80	3
81-90	0
TOTAL GERAL	86

RESENHAS, NOTAS ETC.	
<i>Números</i>	<i>Total</i>
1-10	38
11-20	72
21-30	69
31-40	5
41-50	2
51-60	1
61-70	0
71-80	0
81-90	2
TOTAL GERAL	189

DEMAIS TEXTOS		
	<i>Número(s)</i>	<i>Total</i>
“Cartas”	21, 24, 38, 79	13
“Correo de lectores”	15, 19	2
“Declaração de Princípios do Club de Cultura Socialista”	22	1
“Derecho de réplica”	18, 19, 20, 25, 26, 27	9
“Índice Geral (números 1 a 20)”	21	1
“Manifestos”	28, 30, 35, 36, 40, 79	11
“Separatas”	27, 28, 29, 30, 31, 32	6
TOTAL GERAL		43

ANÚNCIOS	
<i>Números</i>	<i>Total</i>
1-10	44
11-20	73
21-30	89
31-40	90
41-50	124
51-60	75
61-70	96
71-80	70
81-90	89
TOTAL GERAL	750

QUANTIDADE DE TEXTOS PUBLICADOS	
<i>Números</i>	<i>Total</i>
1-10	182
11-20	254
21-30	254
31-40	184
41-50	222
51-60	178
61-70	182
71-80	174
81-90	184
TOTAL GERAL	1814

QUANTIDADE DE PÁGINAS PUBLICADAS	
<i>Números</i>	<i>Total</i>
1-10	372
11-20	450
21-30	626
31-40	477
41-50	500
51-60	513
61-70	500
71-80	500
81-90	500
TOTAL GERAL	4438

APÊNDICE C

RESULTADOS QUANTITATIVOS DA PESQUISA POR TEMAS¹

(1) Resultados a cada 10 números

NÚMEROS 1 A 10

Textos por tema:

Artes plásticas: **8**

Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: —

Cinema: **2**

Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): **16**

Cultura material: —

Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): **2**

Educação: —

Fotografia: —

História da Argentina (eventos e processos específicos): **2**

História e historiografia (teoria e metodologia): **1**

Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: **14**

Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: —

Literatura (análise de obras/autores): **6**

Memória (debates e análises): —

Música: —

Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.): **29**

Psicologia, Psicanálise: **3**

Religião: —

Teatro: —

Televisão: —

NÚMEROS 11 A 20

Textos por tema:

Artes plásticas: —

Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: **1**

Cinema: —

Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): **17**

Cultura material: —

Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): **19**

Educação: **1**

Fotografia: —

História da Argentina (eventos e processos específicos): **6**

História e historiografia (teoria e metodologia): **6**

¹ Foram identificados e utilizados 20 temas como descritores principais para a quantificação do material (observação: um mesmo texto pode envolver mais de um tema/descritor). O recorte da quantificação envolveu os editoriais, os manifestos, os artigos, as entrevistas, os debates e a seção “Derecho de réplica”.

Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: **32**
 Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: **10**
 Literatura (análise de obras/autores): **4**
 Memória (debates e análises): —
 Música: —
 Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.):
39
 Psicologia, Psicanálise: **3**
 Religião: —
 Teatro: —
 Televisão: —

NÚMEROS 21 A 30

Textos por tema:

Artes plásticas: **1**
 Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: **2**
 Cinema: **2**
 Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): **12**
 Cultura material: **2**
 Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): **39**
 Educação: **2**
 Fotografia: **2**
 História da Argentina (eventos e processos específicos): **19**
 História e historiografia (teoria e metodologia): **9**
 Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: **26**
 Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: **14**
 Literatura (análise de obras/autores): **4**
 Memória (debates e análises): **15**
 Música: **2**
 Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.):
35
 Psicologia, Psicanálise: **5**
 Religião: **1**
 Teatro: —
 Televisão: **1**

NÚMEROS 31 A 40

Textos por tema:

Artes plásticas: **1**
 Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: **7**
 Cinema: **6**
 Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): **17**
 Cultura material: —
 Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): **41**

Educação: **1**
 Fotografia: **1**
 História da Argentina (eventos e processos específicos): **13**
 História e historiografia (teoria e metodologia): **5**
 Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: **42**
 Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: **7**
 Literatura (análise de obras/autores): **1**
 Memória (debates e análises): **9**
 Música: **1**
 Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.):
41
 Psicologia, Psicanálise: **4**
 Religião: —
 Teatro: —
 Televisão: **1**

NÚMEROS 41 A 50

Textos por tema:

Artes plásticas: **3**
 Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: **17**
 Cinema: **13**
 Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): **5**
 Cultura material: —
 Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): **17**
 Educação: —
 Fotografia: **1**
 História da Argentina (eventos e processos específicos): **16**
 História e historiografia (teoria e metodologia): **7**
 Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: **26**
 Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: **12**
 Literatura (análise de obras/autores): **7**
 Memória (debates e análises): **7**
 Música: **1**
 Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.):
37
 Psicologia, Psicanálise: **6**
 Religião: **1**
 Teatro: —
 Televisão: **2**

NÚMEROS 51 A 60

Textos por tema:

Artes plásticas: **2**
 Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: **13**

Cinema: **11**
 Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): **20**
 Cultura material: **2**
 Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): **22**
 Educação: **2**
 Fotografia: **1**
 História da Argentina (eventos e processos específicos): **26**
 História e historiografia (teoria e metodologia): **5**
 Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: **54**
 Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: **11**
 Literatura (análise de obras/autores): **19**
 Memória (debates e análises): **9**
 Música: **6**
 Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.):
45
 Psicologia, Psicanálise: **6**
 Religião: —
 Teatro: **2**
 Televisão: —

NÚMEROS 61 A 70

Textos por tema:

Artes plásticas: —
 Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: **4**
 Cinema: **9**
 Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): **13**
 Cultura material: —
 Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): **26**
 Educação: **5**
 Fotografia: **1**
 História da Argentina (eventos e processos específicos): **32**
 História e historiografia (teoria e metodologia): **3**
 Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: **54**
 Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: **11**
 Literatura (análise de obras/autores): **12**
 Memória (debates e análises): **16**
 Música: **5**
 Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.):
17
 Psicologia, Psicanálise: **1**
 Religião: **2**
 Teatro: —
 Televisão: **2**

NÚMEROS 71 A 80

Textos por tema:

Artes plásticas: **9**
 Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: **11**
 Cinema: **20**
 Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): **16**
 Cultura material: —
 Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): **17**
 Educação: **1**
 Fotografia: **2**
 História da Argentina (eventos e processos específicos): **14**
 História e historiografia (teoria e metodologia): **5**
 Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: **33**
 Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: **9**
 Literatura (análise de obras/autores): **16**
 Memória (debates e análises): **3**
 Música: **1**
 Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.): **44**
 Psicologia, Psicanálise: —
 Religião: —
 Teatro: **2**
 Televisão: **2**

NÚMEROS 81 A 90

Textos por tema:

Artes plásticas: **6**
 Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: **19**
 Cinema: **20**
 Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): **18**
 Cultura material: —
 Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): **18**
 Educação: **1**
 Fotografia: **4**
 História da Argentina (eventos e processos específicos): **14**
 História e historiografia (teoria e metodologia): —
 Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: **32**
 Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: **7**
 Literatura (análise de obras/autores): **19**
 Memória (debates e análises): **6**
 Música: **2**
 Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.): **48**
 Psicologia, Psicanálise: **1**
 Religião: —

Teatro: —
Televisão: 1

(2) Totais parciais

NÚMEROS 1 A 50

Textos por tema:

Artes plásticas: 13
Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: 27
Cinema: 23
Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): 67
Cultura material: 2
Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): 118
Educação: 4
Fotografia: 4
História da Argentina (eventos e processos específicos): 56
História e historiografia (teoria e metodologia): 28
Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: 140
Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: 43
Literatura (análise de obras/autores): 22
Memória (debates e análises): 31
Música: 4
Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.): 181
Psicologia, Psicanálise: 21
Religião: 2
Teatro: 0
Televisão: 4

NÚMEROS 51 A 90

Textos por tema:

Artes plásticas: 17
Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: 47
Cinema: 60
Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): 67
Cultura material: 2
Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): 83
Educação: 9
Fotografia: 8
História da Argentina (eventos e processos específicos): 86
História e historiografia (teoria e metodologia): 13
Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: 173
Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: 38
Literatura (análise de obras/autores): 66
Memória (debates e análises): 34

Música: 14

Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.):
154

Psicologia, Psicanálise: 8

Religião: 2

Teatro: 4

Televisão: 5

(3) Total geral

NÚMEROS 1 A 90

Textos por tema:

Artes plásticas: 30

Cidade, urbanização, arquitetura e patrimônio: 74

Cinema: 83

Crítica e teoria literária (análise da crítica, da história e da teoria): 134

Cultura material: 4

Cultura política (socialismo, peronismo, comunismo, democracia): 201

Educação: 13

Fotografia: 12

História da Argentina (eventos e processos específicos): 142

História e historiografia (teoria e metodologia): 41

Ideias, autores, obras, pensamento sobre Argentina e Am. Latina, identidades: 313

Intelectuais, Hist. dos Intelectuais (Arg. e Am. Latina), Revistas: 81

Literatura (análise de obras/autores): 88

Memória (debates e análises): 65

Música: 18

Novos autores, renovação dos debates e das referências (literatura, história, sociologia etc.):
335

Psicologia, Psicanálise: 29

Religião: 4

Teatro: 4

Televisão: 9

APÊNDICE D

QUANTIDADE DE TEXTOS PUBLICADOS POR AUTOR/AUTORA¹

NÚMEROS 1 A 44

Autor/Autora	Total
A. Finkelkraut	1
A. Laabi	1
A. M. P. (<i>Pseudônimo de Alberto Perrone</i>)	1
A. Z. (<i>Pseudônimo de José Aricó</i>)	1
Adam Przeworski	1
Adolfo Pérez Esquivel	1
Adolfo Prieto	2
Adrián Gorelik	7
Adriana Puiggrós	2
Alain Touraine	2
Albert Hirschman	1
Alberto Giordano	2
Albino Zeni (<i>Pseudônimo de José Aricó</i>)	1
Alejandra González	1
Alfredo Rubione	2
Alicia Azubel	1
Américo Castillo	1
Anahi Ballent	3
Analía Roffo	2
Andreas Huyssen	1
Anders Stephanson	1
Andrés Thompson	1
Angel Flisfisch	1
Angel Rama	4
Aníbal Jarkowski	1
Antonio Candido	1
Antonio Cornejo Polar	1
Antonio Marimón	5
B. S. (<i>Pseudônimo de Beatriz Sarlo</i>)	7
Beatriz Arzeno	1
Beatriz Gereman	1
Beatriz Sarlo	41
Blas Matamoro	1
C. A. (<i>Pseudônimo de Carlos Altamirano</i>)	3
Carl E. Schorske	1
Carlos Altamirano	22
Carlos Dámaso Martínez	10

¹ Nesta quantificação, os textos literários não foram contados, salvo em casos raríssimos nos quais o autor publicou literatura e outros tipos de texto (artigos, resenhas, entrevistas, entre outros) a exemplo de Sergio Chejfec. Foram contados, além disso, todos os textos escritos individualmente ou em colaboração.

Carlos Fuentes	1
Carlos Mangone	1
Carlos Molinari (<i>Pseudónimo de Carlos Altamirano</i>)	3
Carlos Pedro Krotsch	1
Carlos Real de Azúa	2
Carlos Vogt	1
Celeste Olalquiaga	1
Club de Cultura Socialista	1
Colectivo de discusión sobre Universidad	1
Cornelius Castoriadis	2
Cristina Lisi	1
Cristina Mayer	1
D. S. (<i>Pseudónimo de Daniel Samoilovich</i>)	1
D. Sallenave	1
Daniel García Helder	3
Daniel R. García Delgado	1
Daniel Samoilovich	7
David Lehmann	1
David Viñas	1
Delfina Muschietti	1
Diana Chorne	1
Diana Helena Maffía	1
E. Ballidar	1
E. Terray	1
Eduardo Grüner	1
Eduardo Romano	3
Edward Said	3
Elida Ruiz	2
Elisabeth Roudinesco	2
Eliseo Verón	1
Elizabeth Jelin	1
Emilio de Ipola	5
Emilio Renzi (<i>Pseudónimo de Ricardo Piglia</i>)	1
Enrique D. Zattara	1
Enrique Lihn	1
Enrique Tandeter	1
F. de Fontenay	1
Federico Monjeau	1
Fernando Henrique Cardoso	1
Fernando Mateo	4
Fulvio Carpano (<i>Pseudónimo de Jorge Dotti</i>)	1
Gabriel Contes Reyes (<i>Pseudónimo de David Viñas</i>)	1
Gary Reynolds	1
Georges Duby	1
Georges Raillard	1
Gerardo Mario Goloboff	1
Gloria Pampillo	1
Graciela Montaldo	5

Graciela Silvestri	5
Graciela Speranza	1
Guillermo Salinas (<i>Pseudónimo de Amílcar G. Romero</i>)	1
Gustavo Ferraris (<i>Pseudónimo de Nicolás Rosa</i>)	1
H. S. (<i>Pseudónimo de Hilda Sabato</i>)	1
H. V. (<i>Pseudónimo de Hugo Vezzetti</i>)	4
Hans Robert Jauss	1
Hebe Carducci	1
Héctor Schmucler	3
Heriberto Muraro	1
Hilda Sabato	13
Hilda Torres-Varela	1
Horacio Crespo	1
Hugo Vezzetti	21
Ignacio Llovet	2
Isidoro Cheresky	2
J. F. Lyotard	1
J. J. Reyes	1
J. Rogozinski	1
Jacques Léonard	1
Jaime Rest	3
Jean Franco	2
Joan Miró	1
John Torpey	1
Jorge A. Warley	2
Jorge B. Rivera	2
Jorge Balán	1
Jorge Belinsky	1
Jorge E. Dotti	7
Jorge Francisco (Pancho) Liernur	1
Jorge Giandana (<i>Pseudónimo de Jorge Cabrera</i>)	1
Jorge Sánchez	1
Jorge Sarquis	1
José Aricó	4
José Carlos Chiaramonte	1
José G. Vazeilles	1
José Ignacio Andrade	1
José Joaquín Brunner	1
José María Gómez	1
José Nun	4
José Sazbón	4
Josefina Delgado	1
Juan Carlos Korol	6
Juan Carlos Portantiero	3
Juan Carlos Tedesco	2
Juan Gustavo Cobo Borda	1
Juan José Saer	5
Juan Pablo Renzi	1

Juan Rulfo	1
Jürgen Habermas	3
K. Ryjk	1
K. Titous	1
L. F. (<i>Pseudônimo de Beatriz Sarlo</i>)	1
Laura Klein	1
Leandro Gutiérrez	4
Leonor Arfuch	1
Lucas Rubinich	2
Lucrecia Escudero Castagnino	1
Ludolfo Paramio	1
Luis Alberto Quevedo	6
Luis F. Benedit	1
Luisa Franco L. (<i>Pseudônimo de Sergio Chejfec</i>)	1
Luiz Alberto Romero	5
Luiz Priamo	3
M. Harbi	1
M. M. (<i>Pseudônimo de Marcos Mayer</i>)	1
M. T. G. (<i>Pseudônimo de María Teresa Gramuglio</i>)	10
M. T. R. ² (<i>Pseudônimo de María Teresa Gramuglio</i>)	3
Maite Alvarado	1
Marc-Olivier Padis	1
Marcelo Gizzarelli	1
Marcelo Sztrum	2
María Matilde Ollier	1
María Strático	1
María Teresa Gramuglio	22
Marta C. Mollinari (<i>Pseudônimo de Ismael Vinãs</i>)	1
Marta Margulies	1
Martín Prieto	2
Maurizio Gnerre	1
Michael Wallerstein	1
Michel Foucault	1
Michel Walzer	1
Miguel Angel Palermo	2
Miguel Sinecura (<i>Pseudônimo de Beatriz Sarlo</i>)	1
N. D. (<i>Pseudônimo de Nora Dottori</i>)	1
Nelly Richard	1
Néstor García Canclini	3
Nicolás Rosa	4
Noemí Ulla	2
Nora Catelli	7

² O texto “Exposición de Diego Rivera, México, 1978”, publicado no número 2 de **Punto de Vista**, não está listado no Banco de Dados elaborado pela revista para o CD-Rom como texto de M.T.R., apesar de aparecer na edição. No Banco de Dados, o texto aparece listado na denominação Punto de Vista. Por isso, preferiu-se contar o texto como de autoria de M.T.R. Nesse mesmo número, outro texto “Arte latinoamericano en Nueva York” também é listado no Banco de Dados como de autoria de Punto de Vista, mas no número da revista a assinatura é de P.A., nesse caso, preferiu-se atribuir a denominação Punto de Vista porque não há nenhuma alusão no Banco de Dados a P.A. Isso aconteceu em outras ocasiões.

Nora Mazziotti	1
Norbert Lechner	1
Olivier Mongin	1
Oscar Oszlak	1
Oscar Terán	10
Osvaldo Guariglia	4
Oswald Ducrot	1
P. A. Taguieff	1
Pablo Vila	3
Paul Thibaud	1
PEHESA	2
Peter Fry	1
Pierre Bourdieu	3
Pierre Encrevé	1
Pietro Ingrao	1
Punto de Vista ³	34
R. P. (<i>Pseudônimo de Ricardo Piglia</i>)	1
Rafael Filippelli	4
Raphael Samuel	1
Raúl Beceyro	12
Raymond Williams	1
Renata Rocco-Cuzzi	2
Ricardo Figueira	1
Ricardo Forster	3
Ricardo González	2
Ricardo Piglia	3
Richard Hoggart	1
Rita Eder	1
Roberto Schwarz	1
Roger Chartier	1
Rossana Rossanda	1
S. Breton	1
Samuel Samoilovich	7
Saúl Sosnowski	2
Serge Daney	2
Sergio Chejfec	6
Silvia Amigo	1
Silvia Bonzini	1
Silvia Niccolini (<i>Pseudônimo de Beatriz Sarlo</i>)	3
Silvia Sigal	1
Stanley Hoffmann	1
Susan Sontag	1
Susana Zanetti	6
T. Ben Jelloun	1

³ Neste item estão incluídos os textos assinados/atribuídos ao Conselho de Direção e ao Conselho Assessor e/ou à denominação genérica **Punto de Vista** (que também representa o Conselho de Direção). Alguns textos, apesar de não assinados, também são de autoria do Conselho.

Terry Eagleton	2
Theodor Adorno	1
Tilman Evers	1
Torcuato S. Di Tella	1
Tulio Halperin Donghi	3
Umberto Eco	1
V. Díaz Arciniega	1
V. P. (<i>Pseudónimo de Víctor Pesce</i>)	1
Vicente Palermo	1
Víctor Pesce	1
Waldo Ansaldi	1
Walter Benjamin	3
Washington Victorini (<i>Pseudónimo de Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano</i>)	1

NÚMEROS 45 A 90

Autor/Autora	Total
Adolfo Prieto	2
Adrián Gorelik	28
Alan Pauls	2
Alberto Giordano	2
Alberto Sato	3
Alejandro Blanco	7
Alejo Moguillansky	1
Amparo Rocha Alonso	1
Ana Porrúa	9
Anahi Ballent	5
Andrea Giunta	3
Andreas Huyssen	3
Andrés H. Reggiani	1
Barbara Hahn	1
Beatriz Sarlo	51
Bernardo Secchi	2
Carlos Altamirano	19
Cecilia Macón	1
Chantal Akerman	1
Christine Lelévrier	1
Claude Lefort	1
Claudio Oscar Amor	2
Cornelia Brink	1
Cornelius Castoriadis	1
Cristina Parodi	1
Damián Tabarovsky	1
Daniel Behár	1
Daniel Cohen	1
Daniel García Helder	3
Daniel Link	1

Daniel Samoilovich	3
David Hockney	1
David Lehmann	1
David Oubiña	17
Dora Orlansky	1
E. P. Thompson	1
Eduardo Archetti	1
Eduardo Passalacqua	1
Eduardo Stupía	1
Elías Palti	2
Emilio Bernini	3
Emilio de Ipola	4
Emilio Tenti Fanfani	2
Emmanuel Wallon	1
Enrique Rodríguez Larreta	2
Eric Brian	1
Eric J. Hobsbawm	1
Ernest Nolte	1
Esteban Buch	1
Fabrizio Mejía Madrid	1
Federico Monjeau	14
Fernando Aliata	1
Fernando Gabeira	1
Francisco Javier	1
François Dubet	1
François Furet	1
Gabriel Kessler	1
George Steiner	1
Georges Perec	1
Gerardo Gandini	2
Gonzalo Aguilar	5
Graciela Silvestri	17
Guillermina Tiramonti	1
Guillermo Jaim Etcheverry	1
Haroldo de Campos	1
Héctor Schmucler	1
Héctor Tizón	1
Hernán Hevia	6
Hilda Sabato	10
Horst Hoheisel	1
Hugo Vezzetti	24
Idelber Avelar	1
Inés Dussel	1
Isidoro Cheresky	3
Iumna Maria Simon	1
Iván Almeida	1
Jacques Dozenlot	1
Jacques Le Goff	1

Javier Auyero	1
Javier Trimboli	1
Jean-François Pigoullié	1
Jean-Jacques Nattiez	1
Jean-Paul Sartre	1
Jean-Pierre Dupuy	1
Joël Roman	1
Jordi Borja	1
Jorge Belinsky	3
Jorge Carrión	1
Jorge E. Dotti	7
Jorge Francisco Liernur	3
Jorge Lozano	1
Jorge Myers	7
José Aricó	1
José Luis Coraggio	1
José Nun	3
José Omar Acha	1
Juan Carlos Martini	1
Juan Carlos Portantiero	2
Juan Carlos Tedesco	1
Juan Carlos Torre	2
Juan José Saer	4
Juan Manuel Palacio	1
Judith Butler	1
Julio Godio	1
Khalid Hamdani	1
Laura Golbert	1
Leonor Arfuch	8
Lila Caimari	1
Luciano de Privitellio	1
Luis Alberto Romero	1
Manfredo Tafuri	1
Manuel Ferrari	1
Mar Welch Guerra	1
Marcelo Cohen	1
Marcelo Escolar	1
Marcelo Leiras	1
Márcio Seligmann-Silva	1
Marco Oberti	1
Margarita Merbilhaá	1
María Teresa Gramuglio	13
María Teresa Poyrazian	1
Mariano Narodowski	2
Marie Jaisson	1
Marie-Christine Jaillet	1
Maristella Svampa	1
Martín Kohan	6

Martín Plot	1
Martín Prieto	2
Marylin Contardi	1
Massimo Cacciari	1
Matilde Sánchez	1
Michel Foucault	1
Miguel Dalmaroni	2
Miguel Vitagliano	1
Mirta Varela	1
Nelly Richard	2
Nelson Ascher	1
Noé Jitrik	1
Nora Catelli	4
Odilio Alves Aguiar	1
Oliver Mongin	2
Olivier Roy	1
Omar Corrado	2
Oscar Terán	11
Osvaldo Aguirre	4
Otília Beatriz Fiori Arantes	1
Pablo Alabarces	2
Pablo Francescutti	3
Pablo Gerchunoff	1
Pablo Pérez (<i>Pseudônimo de Pablo Francescutti</i>)	1
Pablo Semán	2
Paolo Fabbri	1
Paolo Flores D'Arcais	2
Patricia Willson	1
Paul Rabinow	1
Paulo Arantes	1
Pedro Pérez	1
Penelope Corfield	1
Peter Bürger	1
Philippe Genestier	1
Philippe Urfalino	1
Pierre Rosanvallon	1
Punto de Vista ⁴	9
Quintín (<i>Pseudônimo de Eduardo Antín</i>)	3
Rafael Filippelli	16
Rafael Rojas	1
Ramin Jahanbegloo	1
Raúl Antelo	2
Raúl Beceyro	19
Renato Ortiz	1
Ricardo Bartis	1

⁴ Neste item estão incluídos os textos assinados/atribuídos ao Conselho de Direção e ao Conselho Assessor e/ou à denominação genérica **Punto de Vista** (que também representa o Conselho de Direção). Alguns textos, apesar de não assinados, também são de autoria do Conselho.

Ricardo Sidicaro	3
Richard Sennett	1
Robert Darnton	1
Roberto Maurer	1
Roberto Raschella	1
Roberto Schwarz	1
Roland Barthes	1
Roy Hora	2
Santiago Palavecino	7
Sergio Cheijfec	6
Sergio Delgado	4
Sergio Pastormerlo	1
Siegfried Kracauer	1
Silvia Schwarzböck	5
Svetlana Boym	1
Sylvia Molloy	1
Sylvia Saítta	1
Teixeira Coelho	2
Tulio Halperin Donghi	3
Vicente Palermo	1
Walter Benjamin	1